COLLECÇÃO
DE
MONUMENTOS INEDITOS

PARA A HISTORIA DAS CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES,
EM AFRICA, ASIA E AMERICA,

PUBLICADA
DE ORDEM DA CLASSE DE SCIENCIAS MORAES, POLITICAS, E BELLAS LETTRAS
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

E SOB A DIRECÇÃO
DE

RODRIGO JOSÉ DE LIMA FELNER,
SOCIO EFFECTIVO DA MESMA ACADEMIA.

OBRA SUBSIDIADA PELO GOVERNO DE PORTUGAL.

TOMO IV.

1.ª Serie.

HISTORIA DA ASIA.

LENDAS DA INDIA

POR

GASPAR CORREA

PUBLICADAS

DE

ORDEM DA CLASSE DE SCIENCIAS MORAES, POLITICAS E BELLAS LETTRAS

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

E SOB A DIRECÇÃO

DE

RODRIGO JOSÉ DE LIMA FELNER,

SOCIO EFFECTIVO DA MESMA ACADEMIA.

OBRA SUBSIDIADA PELO GOVERNO DE PORTUGAL.

LIVRO QUARTO

A QUARTA PARTE DA CRONICA DOS FEYTOS QUE SE PASSARÃO NA INDIA DO ANO DE 1538 ATÉ O ANO DE 1550, EM QUE RESIDIRÃO SEIS GOUERNADORES.
(D. GRACIA DE NORONHA, D. ESTEUÃO DA GAMA, MARTIM AFONSO DE SOUSA, D. JOÃO DE CRASTO, GRACIA DE SÁ, E JORGE CABRAL.)

TOMO IV.

LISBOA

NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1864.

JESUS CHRISTO

Redemptor do mundo, em cujo nome todolas cousas hão começo e fim, em que começo este quarto liuro da Coronica dos feytos da India, começado no anno de 1538 e acabado no anno de 1550; em que se contém os feytos de seis Gouernadores que mandarão á India, segundo a ordem e estylo que tomey, na escritura que tinha feyta, des do começo e descobrimento das primeiras tres naos que vierão descobrir a India, em que veo Vasco da Gama, que polo merecimento de seus bons feytos foy conde, e almirante, e Visorey da India, onde faleceo. E partio do Reyno de Portugal no anno de 1497, e no anno de 1500 veo á India Pedraluares Cabral, com armada de treze naos pera carregar. E no anno seguinte, de 1501, veo João da Noua, alcaide de Lisboa, com quatro náos. E no anno seguinte, de 1502, veo á India outra vez dom Vasco da Gama, com dezanove velas grossas e carauellas latinas. E no anno de 1503 vierão os Alboquerques com seis naos. E no anno de 1504 veo Lopo Soares com quatorze vellas. E no anno de 1505 veo dom Francisco d'Almeida por Visorey e Gouernador, que foy o primeiro, que gouernou a India quatro annos. E no anno de 1509 entrou na gouernança Afonso d'Alboquerque por Gouernador, que andaua conquistando Ormuz, o qual gouernou seis annos e faleceo em Goa. E no anno de 1515 veo por Gouernador Lopo Soares, que gouernou tres annos. Dos quaes cinquo capitães de viagens e tres Gouernadores no dito primeiro liuro es-

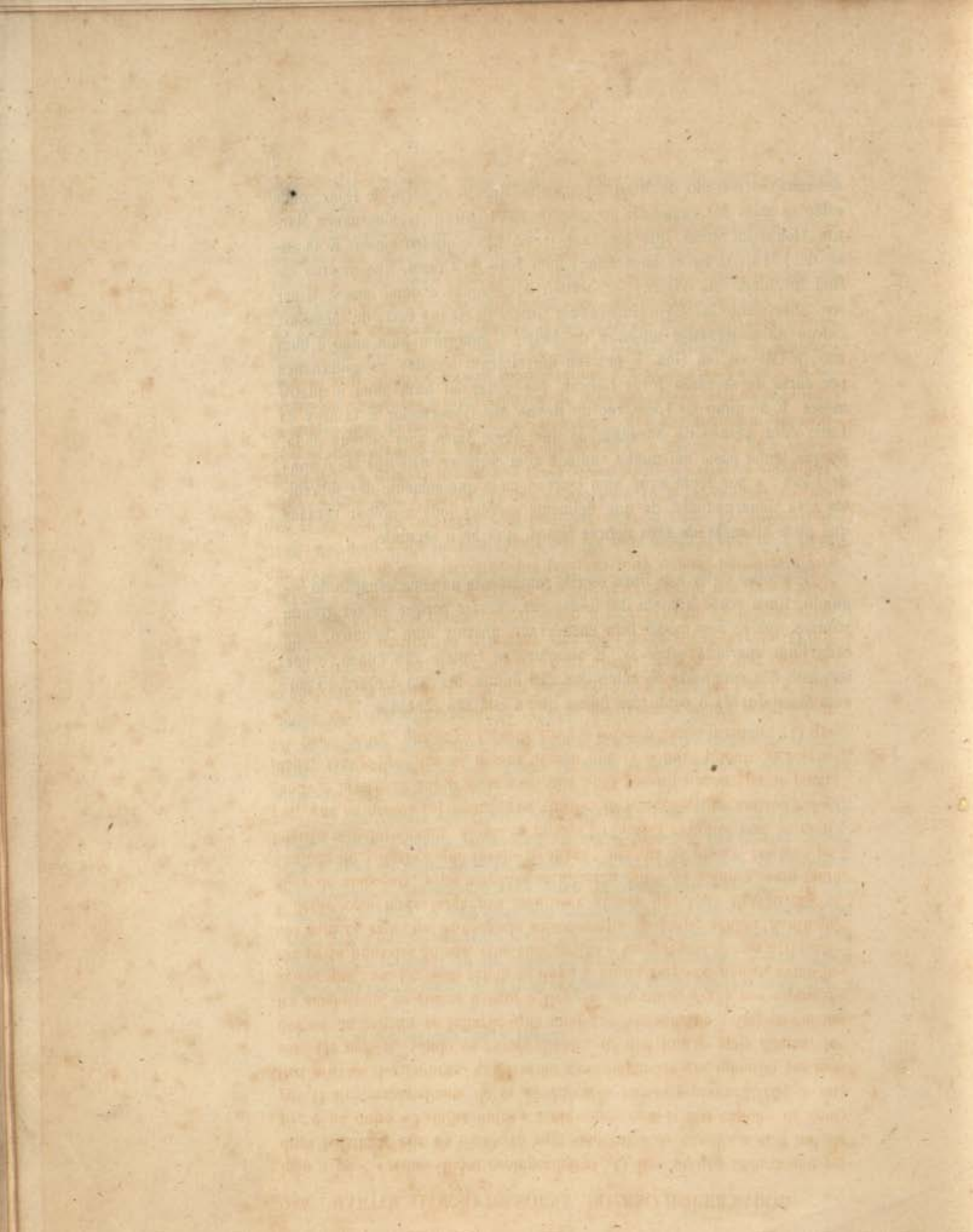
creuy todos seus feytos e aquecimentos, o mais perfeytamente que a mim foy possiuel.

E no segundo liuro escreuy os feytos de seis Gouernadores, que se passarão em vinte e hum annos; a saber: Diogo Lopez de Sequeira, que entrou na gouernança após Lopo Soares, no anno de 1518, e gouernou tres annos. E dom Duarte de Meneses, que entrou na gouernança no anno de 1521, e gouernou tres annos. E no anno de 1524 entrou na gouernança, por Visorey, dom Vasco da Gama, conde almirante, o descobridor da India, que gouernou quatro meses, e faleceo em Cochym. E socedeo na gouernança dom Anrique de Meneses, feyto Gouernador pelas socessões que na India estão, por resguardo do fallecimento do Gouernador que gouerna. Foy feyto no anno de 1525, e gouernou hum anno e hum mês, e falleceo em Cananor, per fallecimento do qual socedeo e foy feyto Gouernador pelas cartas das socessões Pero Mascarenhas, no anno de 1527, estando por capitão em Malaca, polo que em sua ausencia, até elle vir, foy feyto no mesmo anno Lopo Vaz de Sampayo, que estaua por capitão de Cochym, o qual gouernou. E veo Pero Mascarenhas, de Malaca, a seruir sua gouernança, a qual lhe nom quis entregar Lopo Vaz de Sampayo, e gouernou forçosamente até ser julgado por Gouernador: no que ouve grandes deferenças, e Pero Mascarenhas se foy pera o Reyno, e fiqou na gouernança Lopo Vaz de Sampayo, em que gouernou tres annos e oito meses. E no anno de 1529 veo por Gouernador Nuno da Cunha, que do Reyno partio no anno de 1528, e nom passou á India; o qual gouernou noue annos e dez meses. Dos quaes Gouernadores escreuy todos seus feytos, que foy tempo de vinte e hum annos, como [1] * no terceiro liuro * se póde vêr.

E ora começo este quarto liuro, em que, com ajuda da paixão de Nosso Senhor, espero de escreuer os feytos d'outros seis Gouernadores, que acabão no anno de 1550 annos; a saber: dom Gracia de Noronha, que entrou na gouernança após Nuno da Cunha com titulo de Visorey, no anno de 1538; o qual gouernou hum anno e sete meses, e faleceo em Goa. E per seu fallecimento foy feyto Gouernador per as socessões dom Esteuão da Gama, filho do conde almirante dom Vasco, o qual entrou na gouernança o anno de 1539, e gouernou dous annos e hum mês, e

[1] * no dito segundo liuro * Autogr.

descobrio o estreito de Meca até o cabo, que he o porto de Çuez, oñde estão as galés dos rumes. E no anno de 1541 entrou na gouernança Martim Afonso de Sousa, que gouernou tres annos e quatro meses. E no anno de 1545 entrou na gouernança dom João de Crasto, que morreo em Goa entitulado em Visorey: gouernou dous annos e noue meses. E per seu fallecimento foy feyto Gouernador Gracia de Sá per carta de socessão: entrou na gouernança no anno de 1548, e gouernou hum anno e hum mês, e falleceo em Goa. E per seu fallecimento socedeo na gouernança per carta de socèssão Jorge Cabral, que gouernou hum anno e quatro meses. E no anno de 1550 veo do Reyno por Gouernador e Visorey da India dom Afonso de Noronha, de que n'este liuro nom escreuy nada, porque tenho posto em minha vontade nom escreuer mais que até o anno de 1550; e por tanto aquy nom escreuo mais que sómente dos sobreditos seys Gouernadores, de que fielmente escreuy toda a milhor verdade que pude alcançar de seus nobres feytos, que he o seguinte.

E porque tinha este liuro escrito juntamente na encadernação do segundo, tinha posto o conto das folhas per cima; e porque me fez grande volume, que se nom podia bem encadernar, apartey hum do outro, e fis cada hum apartado sobre sy. E no outro se contém 248 folhas, e por isso este fica começado no conto das 249 folhas. Fiz esta decraração por nom fazer duvida o conto das folhas que n'este são contadas.

DÕ · GARCIA · DE · NORONHA

ARMADA

DO

VISOREY DOM GRACIA DE NORONHA.

ANNO DE 538.

CAPITULO I[1].

DA CHEGADA DE DOM GRACIA DE NORONHA A GOA, E RESIDENCIA QUE LHE FEZ NUNO DA CUNHA, [2] * QUE * SE FOY A COCHYM FAZER CARGA, E SE PARTIO PERA O REYNO.

N'ESTE anno presente veo por Gouernador e Visorey da India dom Gracia de Noronha, homem principal no Reyno, de passante de sessenta annos de idade, com muytos seruiços feytos, e muyto pobre, com muytos filhos e filhas: a que ElRey deo a gouernança da India pera se satisfazer de seus seruiços. Trouxe onze naos grossas pera carregar, a saber, elle na nao Santisprito, e dom João d'Eça [3] em sam Bertolameu, pera

[1] No IV vol. das LENDAS não antepoz Gaspar Correa aos capitulos os seus summarios, mas fez d'estes uma *Tauoada*, da qual se trasladaram para onde cumpria. [2] * e * Autographo. [3] Postoque esteja no original *dom João de çaa*, e D. João de Sáa se lêa tambem no *Livro de toda a fazenda etc.* por *Luiz de Figueiredo Falcão*, fez-se a mudança para dom João d'Eça, auctorisada por *Barros*, Dec.

capitão de Goa, em que logo entrou; e Ruy Lourenço de Tauora em santa Crara, pera capitão de Baçaym; e dom Christouão da Gama, filho do conde Almirante dom Vasco da Gama, pera capitão de Malaca, na nao santo Antonio; e Luiz Falcão na nao santa Maria da Graça, pera capitão d'Ormuz; e Francisco Pereira de Berredo no Cyrne; e dom Gracia de Crasto na nao Fyés de Deos; e João de Sepulueda na nao Junqo, pera capitão de Çofala, acabando Aleyxos de Sousa; e dom João de Crasto, que depois foy Gouernador da India, na nao Gryfo; e dom Francisco de Meneses na nao Burgaleza, pera capitão de Baçaym na auagante de Ruy Lourenço de Tauora; e Aleyxos de Sousa na nao Cyça [1], pera capitão de Çofala, onde logo fiqou em Moçambique, e na nao veo pera' India Vicente Pegado, que lá seruia. E vinha mais Bernaldym da Silueyra, * mas * a sua nao fez muyta agoa e arribou ao Reyno, e nom veo este anno. Sómente estas onze naos * vierão *, que as dez chegarão juntas á barra de Goa a onze de setembro; e nom veo João de Sepulueda, que andou mal e chegou tarde a Moçambique, e nom passou á India, e correo pera Ormuz onde enuernou, e veo no outro setembro, como adiante direy.

Veo n'esta armada hum bispo d'anel, homem castelhano, da criação da Raynha, catholiquo religioso, chamado dom João d'Alboquerque, homem pobre de condição, e muy vertuoso, que chegou doente, e por isso lhe nom fizerão seu diuido recebimento; mas sendo são seruio muy bem seu cargo, e com os crelgos brandamente, porque nom dissessem que era aspero por ser castelhano [2].

Chegou est' armada á barra de Goa, em que vinhão dois mil homens d'armas, em que auia passante de oitocentos fidalgos, e cauallei-

IV, Liv. X, Cap. XIX; por *Diogo de Couto*, Dec. V, Liv. III, Cap. VIII; e por *Francisco de Andrada, Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. LVII. Era este D. João d'Eça filho de D. Pedro d'Eça, alcaide mór de Moura.

[1] *Cica* é como lhe chama *Andrada* no capitulo citado. *Falcão* chama-lhe *Sicião*, nome que repete quando faz menção da armada que partiu em 1548, levando a Manuel de Mendoça por capitão mór. Note-se, porém, que Falcão, o qual deveramos suppor mais bem informado, porque consultou os livros antigos da Casa da India, dá quinze naus á armada de D. Garcia de Noronha, e não combina com Gaspar Correa nos nomes d'algumas d'ellas, e dos seus capitães. [2] Todo este paragrapho está escripto no baixo da pagina, sem ter chamada ou indicação do logar em que devia entrar.

ros e homens de criação de casas reaes ; mas toda a outra mais gente era de quinhentos réis de soldo, e muy pobres e esfarrapados, e moços sem barba; gente que pera nada nom prestaua. E aindaque esta tamanha armada assy chegou em tempo de tanta necessidade, que fez grande aluoroço, fiquou na gente da India muy grande desgosto e descontentamento, por em tal tempo, que se esperaua o mór feyto da India, se auerem de mudar, e conhecer nouo senhor, em que perdião os seruiços e merecimentos que já estauão conhecidos do Gouernador de tantos annos; [1] * porque * o Gouernador que entra de nouo sempre trás muytos criados que o tem seruido, e os traz pera lhes pagar o que lhe deue, e outros muytos de seus amigos, aos quaes prouê dos cargos e mercês como lhe apraz, com muy grossas cousas, porque com elles tambem arrecada pera sy, * e * os homens que esperão polo galardão fiqão esquecidos, e nom são ouvidos, * nem tem outro recurso * senão cramando seus [2] * trabalhos apellar * pera Deos, ficando com este tão grande descontentamento. O qual muyto maior tomou o Visorey quando lhe derão a nova que os rumes estauão em Dio, vendo que achaua trabalho, e não o descanso do proueito que vinha buscar. O Gouernador o mandou visitar per Martim Afonso de Sousa, que lá foy com muytos fidalgos, que foy á barra em catures e fustas, e lhe mandou fazer offerecimento que estaua agardando por elle, com casa e cama e comer feyto pera quando sua senhoria saysse, e lhe faria mercê mandarlhe dizer quando seria. Ao que lhe o Visorey mandou muytos agardicimentos, e zombando, que bem via que lhe offerecia a cama, que he a cousa com que mais folgauão os velhos. Ao outro dia o Visorey desembarqou com toda a gente nos batés e fustas, com Martim Afonso, que lá dormio; e forão ao caez da cidade, onde estauão os officiaes da camara; e a forteleza tirou muyta artelharia, de que o Visorey se queixou, dizendo que nom era necessaria aquella despeza sem proueito. Os vereadores o receberão com seu paleo, e arenga acostumada; o que acabado, entrando pola porta da cidade, chegou o Gouernador a cauallo com sua guarda diante, e com muytos de cauallo, que vinhão da Ribeira, o qual se deceo á pressa, e o Visorey foy pera elle, e se receberão com grandes cortezias. Veo o capitão da forteleza, dom Gonçalo Coutinho, com as chaues em hum bacio de prata, as quaes o Gouernador apresentou ao Visorey em

[1] * e * Autogr. [2] * trabalhos e pellar * Id.

sinal de sua residencia por todolas fortelezas da India. O Visorey, com riso e prazer, lhe disse: « Mandasteme convidar com a cama e jantar, e » « d'ante mão me carregaes esta tamanha carga, que de vós tiraes e pon- » « des sobre mim. » E com zombarias fallando forão á igreija, onde lhe sayo o bispo em pontefical com a crelezia, que já era desembarqado, que veo n'esta armada; e na capella mór fizerão oração. E tanto se deteue o Visorey que o Gouernador se aleuantou, e esteue esperando muyto, e vendo que o Visorey fazia muyta detença se assentou na cadeira, agastado, porque sentio bem que a detença do rezar do Visorey era mais desdem que deuação. O que vendo o Visorey se aleuantou, e se forão pera humas casas que o Visorey mandára concertar pera seu aposento, e nom quis pousar nas casas do Sabayo, porque estauão mal concertadas; porque o Gouernador pousaua em outras d'Antonio Correa. E sendo no terreiro o Visorey despedio o Gouernador com suas cortesias, e o Gouernador com muyta gente a pé se foy pera suas pousadas, e o Visorey se recolheo ás suas, onde da porta despedio Martim Afonso de Sousa, que caualgou e se foy passear á Rua direita com outros fidalgos.

Ao outro dia agardou o Gouernador que o Visorey fosse á missa, pera que depois que lá estiuesse elle hir; o Visorey parece que agardou que o Gouernador se fosse pera elle, e ambos hirem á missa. E assy estiuerão agardando hum por outro até que se gastou toda a menhã, e sendo muyto tarde, o Gouernador, acompanhado com muytos fidalgos, se foy á missa, que era já tão tarde que era dita a missa do dia; e acabada a missa, o Gouernador caualgou com muytos fidalgos, que erão mais de cento de cauallo, e se foy a casa do Visorey, o qual então se aleuantaua da cama, que o sayo a receber abaixo á sala com muytas cortesias, com que se recolherão em huma camara, onde assentados, o Gouernador fez grande relatorio ao Visorey, dandolhe muy miuda conta de todolas cousas que compria que logo prouesse; dizendo que pois o Deos trouxera pera seu descanso, e o tirar de tanto trabalho em que estaua, que já todo pendia sobre sua senhoria, lhe faria mercê logo lhe dar auiamento a sua embarcação. Ao que lhe o Visorey respondeo: « Senhor Gouernador, bem vejo que folgaes pera vos hirdes a Portugal » « tomar muytos descansos, que lá acharês, dos muytos trabalhos que de » « qua leuaes. E eu nom sentira tanto esta carga, que me deixaes, se as » « feytorias tiuerão o necessario. » O Gouernador lhe respondeo dizendo:

«O trabalho maior que senty foy gastar o tempo oucioso, sem ter que» «fazer. O que eu sentia por muyto trabalho; que nom era mais que» «ser veador d'obras que mandaua fazer com pedreiros e carpinteiros, e» «ora são vindos os rumes, que sempre desejey, por ter em que enten-» «der. E mais folgaua com estes, que trazem muytos mercadores e tra-» «tantes, e muytas mercadarias; e pelejando elles comigo, se ousarão,» «tiuera com que tirar os lascarys de lazeira em que sempre atégora» «andámos. E despachandome vossa senhoria de meu cargo eu fiquo» «muy prestes pera hir em sua companhia a Dio: do que tenho muyto» «arreceo que sabendo que est'armada he chegada, e lhe dirão que traz» «muyto mór poder e gente, com o que [1] logo hão de fogir, e vossa se-» «nhoria ficará com o trabalho debalde, e a fazenda d'ElRey gastada.» O Visorey era muy entendido, e esteue sempre muy atento ao que o Gouernador fallaua, e lhe respondeo: «Senhor Nuno da Cunha, vosso» «despacho mando eu ao sacretario que vos dê logo. E bem me pêsa» «nom me ficar alguma cousa de que fazer tantas paredes como vós fi-» «zestes; que do proueito que nos agora fica, que aueremos d'estes mer-» «cadores e tratantes que vem com os rumes, bem folgára que vierão» «elles, e nom tiuerão cerquada huma forteleza, a principal da India.» «Lá está Antonio da Silueira que todo o proueito será seu, e por isso» «eu seria o mais ledo da voda que elles se tornassem fogindo; e praza» «a Deos que assy seja. Polo que, senhor, deueis d'auer por escusado o» «conuite de lá quererdes hir com vossa pessoa. Com algum dinheiro» «me póde ajudar, se lhe aprouver; que será boa ajuda pera meu tra-» «balho, que nom ficará qua tanto que mais nom aja mester.» O Gouernador lhe respondeo: «Senhor, todo o d'ElRey qua fiqua, com muyto» «do meu, que mal gastey. Mas, se lhe tanto compre, mande tomar o» «dinheiro que vem pera' carga das naos, que eu as carregarey d'em-» «prestimos que buscarey por meus amigos.» O Visorey lhe disse: «Se-» «nhor, o dinheiro das naos já he tomado; mas muyto mais ey mes-» «ter, porque as naos que este anno hão de hir carregadas são tão pou-» «cas, que o dinheiro d'ellas me ajuda muy pouquo. E mais que me» «dixerão que em Cochym estauão já pagos dez mil quintaes de pimen-» «ta, com que a ElRey boa prol faça. Vossa senhoria he despachado»

[1] Isto é: com esta nova logo etc.

«pera se partir embora quando quizer.» O Gouernador se aleuantou, dizendo que lhe beijaua as mãos; com que se despedio, e foy a jantar com muytos fidalgos, a que sempre deu grande mesa. O Visorey lhe deu huma nao de mercadores em que se fosse, e pera sua companhia o nauio Cyça, em que viera Vicente Pegado; porque assentou de nom mandar mais naos pera o Reyno, porque as naos que trouxera queria leuar aos rumes. Sobre o que o Gouernador com o Visorey tiuerão muytos debates per messages e recados; porque o Visorey queria emprestimo de dinheiro do Gouernador, e elle lho nom quis dar; polo que forão os desgostos [1]. O Gouernador se embarqou em sua nao com seus criados, e se foy caminho de Cochym, e carregou, e se foy pera o Reyno, e no caminho falleceo de sua doença.

CAPITULO II.

COMO O VISOREY MANDOU AO REYNO, EM HUM NAUIO, DIOGO BOTELHO PEREIRA, COM CARTAS, E COM ELLE MANDOU MICE CATANHO, ESPIA DO TURQO, QUE ESTAUA EM GOA.

O Visorey, achando a India em tal ponto, fez logo prestes hum nauio com recado a ElRey, no qual mandou Diogo Botelho Pereira, que da India fôra na fusta a leuar as nouas da forteleza de Dio que era feyta, como já atrás fica contado, o qual por ElRey ter d'elle sospeita que se queria hir pera Castella o tinha preso no castello de Lisboa, na coua; e querendo o Visorey [2] partir pera' India o pedio a ElRey pera o trazer á

[1] Para melhor intelligencia do que passou, a este respeito, entre Nuno da Cunha e D. Garcia de Noronha, consultem-se os pareceres e cartas que *Barros* transcreveu na Dec. IV, Liv. X, Cap. XX e XXI. [2] Refere-se a D. Vasco da Gama. Observaremos que nem o proprio *Francisco de Andrada*, encostando-se aliás quasi sempre á narrativa de Gaspar Correa, faz menção d'este odiosissimo encargo, acceito pelo aventuroso Diogo Botelho, e desempenhado com tamanho desar seu. *Couto*, que na Dec. V, Liv. V, Cap. V nos enternece fazendo-nos assistir aos ultimos momentos de Nuno da Cunha, apenas diz na Dec. V, Liv. III, Cap. IX,

India, o qual lhe deu ElRey, com fiança de vinte mil cruzados, que seus parentes derão, se fogisse. E por ser grande piloto, o Visorey o encarregou n'esta viagem, porque sabia que era imigo do Gouernador, e que auia de dizer a ElRey d'elle grandes males. O qual nauio foy prestesmente auiado, e partio na entrada de outubro. E hindo seu caminho Diogo Botelho, por a má vontade e desejo que tinha contra as cousas do Gouernador Nuno da Cunha, deu cata no nauio, e tomou quantas cartas achou, e as que achou dos amigos de Nuno da Cunha todas deitou ao mar, porque n'ellas escreuião a ElRey, e a seus amigos, o grande contentamento que a gente da India tinha pera com Nuno da Cunha hirem a pelejar com os rumes, e como ficarão descontentes com a vinda de dom Gracia: polo que Diogo Botelho as deitou todas ao mar. E todas as cartas que achou que hião pera Tristão da Cunha, e pera sua molher, e pera Simão Ferreira, em que lhe pareceo que podião hir segredos de Nuno da Cunha, as leuou e deu a ElRey, o qual as vio, e n'ellas achou que Simão Ferreira lhe negára o dinheiro de Nuno da Cunha, e por isso o mandou ElRey prender dentro na coua. E com outros muytos males que Diogo Botelho disse a ElRey de Nuno da Cunha, que nom tinha nenhum aprecebimento, nem armada prestes, porque tudo tinha roubado, e tantas e taes cousas disse, e com o que escreueo [1] * o Visorey, ElRey * logo após as naos que já erão partidas despedio nauios pera' India, como adiante direy.

que D. Garcia de Noronha despedira *Lourenço Botelho* por capitão mór de quatro navios, para da ponta de Dio fazerem voltar as naus de Ormuz para Goa; o que é cousa muito diversa. Occultariam isto de proposito os nossos historiadores, para passarem em claro o escarneo que o espia veneziano fez d'elrei D. João III, segundo se refere adiante? [1] * o Visorey que ElRey * Autogr.

CAPITULO III.

DO QUE ESTE MICE CATANHO FALLOU COM ELREY, E OS ENGANOS QUE ORDENOU, E MERCÊS QUE ELREY LHE FEZ, COM QUE SE FOY AO TURQO, E DEU CONTA DA INDIA.

N'ESTE nauio com Diogo Botelho mandou o Visorey o veneziano mice Catanho, que já atrás contey que viera a Dio, e dera ao Gouernador auiso dos rumes; o qual, como era homem muy auisado, sendo diante d'ElRey lhe pedio mercê polo trabalho que tomára em passar á India dar auiso ao Gouernador da vinda dos rumes, o que lhe affirmara por certo, dandolhe a cabeça em penhor, e que o pusesse em prisão, e lha cortasse, se os rumes nom passassem á India: o que lhe nom quisera crer, por lhe por isso nom fazer a mercê que merecia seu bom seruiço, e por isso estaua assy muy vagaroso e desaprecebido. ElRey fez honra ao veneziano, e o mandou aposentar, e lhe dar pera cada dia seu gasto muy compridamente; e como o veneziano era muy pratico e de sotil entendimento, folgaua ElRey muyto de fallar com elle, porque lhe contaua muytas cousas da [1] * Turquia *, e d'outras partes, com que elle muyto folgaua; em tal maneira que o veneziano se conuidou a ElRey que elle conuocaria ao Grão Turqo como folgasse de com elle assentar pazes por muytos annos ácerqua da India, porque elle contaria ao Turqo que vira na India tantas fortelezas e cidades, e tantas gentes, e tão grandes poderes, que o Turqo folgasse de fazer qualquer concerto de paz, com lhe deixar passar pera Meca algumas poucas drogas. E sobre isto tantas e taes rezões deu o veneziano a ElRey, que lhe fez crer que em sua mão estaua isto logo acabado. Polo que ElRey lhe fez muyta mercê, e lhe pôs tença, que lhe pagassem em Veneza em quanto andasse n'esta negoceação, e pera sempre em sua vida; e lhe deu apontamentos de tudo o que auia d'assentar. O que tudo passou em grande segredo, com que despedio o veneziano, o qual se foy a [2] * Turquia *, e deu muy inteira conta ao Turqo do muyto seruiço que lhe tinha feyto em passar á India, e que por

[1] * Torquya * Autogr. [2] * Torquya * Id.

segurar sua vida, pera que pudesse fazer o que lhe elle mandára, descobrira que elle hia por espia a ver toda a India, mas que por ser direito christão, e temer a Deos, assy o descobria, e que se fizesse o Gouernador prestes, porque os rumes auião de passar á India com grande armada. O que elle disse por taes modos que lho nom crerão, nem o Gouernador da India fez nenhum apercebimento, nem tinha gente; sómente a que lhe chegára então em doze naos, que leuára hum Visorey que na India ficaua apercebendose pera hir pelejar com rumes, que já estauão combatendo a forteleza de Dio. Com o qual Visorey elle algumas vezes fallára, e lhe fizera entender que os rumes hião com regimento pera se meterem em Goa, tanto que o Gouernador saysse fóra com a gente; que portanto n'isto deuia ter o resguardo que comprisse: o que o Visorey assy o crera enteiramente, e com este temor nom ousaua de sayr de Goa, e que detriminaua a mandar seccorro, e elle nom bolir de Goa; o que se assy fosse nom mandaria muyta armada, e a que mandasse seria tão pouca que nom estrouasse ao capado tomar primeiro a forteleza de Dio, a qual sendo tomada tinha rio em que recolher toda su'armada, onde ficaua tão forte que nom auia poder em toda a India pera o guerrear; onde comsigo ajuntaria todolos mouros da India, e com muyta gente que lhe mandarião de [1] * Mysey forneceria 'armada * com que désse batalha ao Gouernador da India e o desbaratasse. No qual tempo que assy chegára o Visorey da India, e achando tudo desaprecebido, logo mandára hum nauio a ElRey de Portugal a pedir secorro, o qual lhe nom mandára por nom auer monção pera nauegar; no qual nauio o Visorey o mandára a Portugal, «pera que ElRey visse como tiuera o Gouernador» «auiso per mim da passagem dos rumes, e que se nom aprecebera.» «Onde em Portugal ElRey deu tanto credito ao que lhe dizia, que o con-» «uoquey que comtigo assentasse pazes, deixando passar algumas dro-» «gas polo Estreito. Pera o que me offerecy que n'isso ajudaria, com muy-» «tos amigos que tinha em tua corte, que tudo acabarião. O que tanto» «creo ElRey de Portugal que por isso me fez muytas mercês, e me» «deu tença em Veneza pera comer em meus dias, de que te mostrarey» «a carta. E porque eu são teu muy fiel seruidor, te affirmo, e digo» «verdade, que o mais breue e dereito caminho que ha pera a India ser»

[1] * Mysey com que forneceria armada * Autogr.

«tua he este: fazendo tu assento de quaesquer pazes com ElRey de Por-»
«tugal, em que elle fique seguro que tua armada nom aja de passar á»
«India. Descansando n'esta paz, auendo que tem a India segura, nom»
«terá apercebimentos nas fortelezas, nem pagará gentes, nem passarão»
«de Portugal pera a India, e as que andão na India, que a mór parte»
«d'ella he [1] *pobre, todos se irão pera* os mouros. Estando a India»
«n'esta desposição, então, com muy pouqo gasto e muy pouqa armada»
«que mandes, a India será tua, sem o grande trabalho que agora será»
«necessario, segundo muyto milhor o dirá o capado que lá foy.» Ouvindo o Turquo todas as cousas que lhe dizia o myce Catanho, com que muytas vezes falou n'essas cousas, assentou que lhe fallaua bem myce Catanho, e ordenou e assentou com elle o que auia de fazer, que era que elle se tornasse a Portugal e com ElRey assentasse os concertos e pazes como dizia, pera que ElRey descuidasse da India, e a pudesse mandar tomar; porque assy lhe parecia muyto direito caminho. O qual mice Catanho com este albitre tornou a Portugal, e tudo muyto bem assentou com ElRey, em tal maneira que de tudo tomou patentes e assinados d'ElRey, que por isso lhe fez muytas mercês, e lhe deixou comprar hum nauio em que se fosse, que pôs em Lisboa, em Belem, onde estando pera se partir se acharão menos na cidade muytos escrauos mouros d'Africa, e se soube d'outros que hião fogidos no nauio. O veneziano estaua em Euora com ElRey, tomando seus despachos. Da cidade escreuerão isto a ElRey em segredo. Mandou ElRey que dessem cata ao nauio, e nom dissessem que elle o mandaua; o que assy se fez, e acharão no nauio muytos escrauos fogidos, e roubos que elles fizerão, e moços engalhados metidos em hum falso forro, e caixões cheos de arnezes brancos, e ferros de fayns, e [2] *asteas* de lanças, e cousas d'armas. Polo que logo o fizerão saber a ElRey, que mandou prender o veneziano, e lhe acharão em huma bueta hum liuro em que tinha escrito muytas cousas da India, e de todo Portugal, da gente que auia, e prouimentos d'almazens e armadas, e de todolos portos do mar. ElRey o mandou prender com muyto recado, que nom pudesse mandar nenhum recado fóra; e mandou logo recado polas postas a Fernão Coutinho, que andaua em Constantinopla, que se viesse a Portugal, que o nom matassem sabendo da prisão do vene-

[1] *pobre que todos se vão pera* Autogr. [2] *astees* Id.

zeano. Todas estas nouas vierão á India o anno de 48. Escreuy isto aquy nom por verdade, sómente porque faz a esta lenda da India. Lá em Portugal será mais sabida d'isto a verdade, e a quem lhe pertencer lá o vá saber. O que deixo, e torno ao feyto do apercebimento do Visorey pera os rumes.

CAPITULO IV.

DA ARMADA QUE O VISOREY AJUNTOU NA BARRA DE GOA, PERA O SECORRO DE DIO, QUE ESTAUA CERQUADO DOS RUMES; E OS CATURES QUE ENTRARÃO PER ANTRE AS GALÉS, DURANDO O CERQUO.

O Visorey com muyta pressa entendeo em prouer o que compria pera sua armada, e mórmente nos catures que estauão ordenados pera leuarem poluora pera Dio; e mandou meter em cada hum dũas pipas de vinho, mas nom achaua homens que n'elles quigessem hir. Do que o Visorey em pubriqo de muytos fidalgos se queixou, dizendo que se espantaua nom auer quem quigesse seruir em cousa de tanta honra, como era esta dos rumes que tinhão diante dos olhos; que certamente nom lhe achaua d'isto causa, sómente culpa dos capitães e fidalgos que andauão na India, que já nom erão como soyão, que todos guardauão e empapelauão, e nom gastauão com os lascarys como soyão; e que por isso nom querião seruir, e nom achaua quem fosse nos catures senão homens que então com elle vierão, de que elle nom confiaua, porque n'isso nom sabião tanto como os homens da India. Martim Afonso de Sousa, que estaua presente, lhe disse: «Senhor, os homens da India são já enfada-» «dos de sempre seruir com muytos trabalhos, e grande pobreza, de» «que vem a morrer no esprital, os que nom morrem no mar ou na guer-» «ra. E quando esperão mercê de satisfação, então se vay o Gouerna-» «dor com que seruirão, e tornão a começar a seruir de nouo com o Go-» «uernador que vem; e assy são velhos no seruiço e nouos no merecer.» «Polo que, senhor, nom se espante vossa senhoria achar os homens» «enfadados, e a culpa nom a deite aos capitães e fidalgos; por «que» «esta he a verdade.» O Visorey lhe pareceo bem a razão de Martim Afonso, e mandou logo fazer hum aluará, que assinou, em que pagaua

aos capitães dos catures a cincoenta pardaos de soldo, e aos lascarys, que com elles fossem, a cada hum vinte pardaos de soldo; e que os hauia por moços da camara, sendo caualleiros oủ filhos de caualleiros, e se fossem piães lhes daua liberdade de caualleiros: polo que então ouve homens que forão n'elles. E em quanto ouve esta detença, o Visorey mandou hum catur, em que foy o Pereirinha a Dio, que lá chegou a vinte e seis de [1] * setembro *, e entrou sem contraste, porque as galés e o capado estauão em Madrefabá, como já disse, e deu a noua da vinda d'armada, e a carta do Visorey 'Antonio da Silueira, certificandolhe na carta que muy cedo seria com elle grande armada, com que lhe nom escaparião os rumes no cabo do mundo; e com outros grandes esforços e a todos prometendo muytas mercês. E logo n'este dia o capitão despachou o catur com reposta ao Visorey. E o feytor Antonio da Veiga se embarcaua no catur, por mandado do capitão, pera hir a Goa. Contra o que se aleuantou a gente, e o nom consentirão, dizendo que lhe deuia quatro meses de mantimento. E n'isso ouve tanta ouniāo que comprio ao capitão nom o mandar; e cortou a sua prata em pedacinhos de dous pardaos de peso, com que pagou toda a gente, e a outros em dinheiro. E Fernão de Moraes se foy no catur pera Goa, dizendo que se auia de hir pera o Reyno. E com a noua da chegada d'armada e tanta gente, e com o pagamento que lhe fizerão, fiqou a gente contente, aindaque nom muyto, polo grande trabalho que esperauão, de que tinhão as vidas tão duuidosas.

CAPITULO V.

COMO O VISOREY MANDOU DOM PEDRO DE CASTELLO BRANCO A COCHYM, TRAZER TODA A GENTE E NAUIOS QUE ACHASSE; E REPARTIÇÃO QUE FEZ DAS CAPITANIAS.

Como o Visorey despedio este catur pera Dio, em quanto se os outros concertauão mandou dom Pedro de Castello Branco, com grandes poderes, pera Cochym, trazer toda a gente e todolos nauios que achasse; no

[1] * sembro * Autogr.

que désse grande pressa. Dom Pedro se escusaua, dizendo que podia sobreuir tal noua com que se fosse a Dio a pelejar com os rumes, e elle ficaria com esta grande perda em sua honra; mas o Visorey, como outra cousa já tinha em vontade, lhe deu sua fé da barra de Goa nom partir sem elle, e dom Pedro foy, e tornou, como adiante direy.

Vinha dom Aluaro, filho do Visorey, pera capitão mór do mar, que seruia Martim Afonso de Sousa, do que logo Martim Afonso degestio do cargo; mas o Visorey com elle teue muytos comprimentos, e aprefiou que seruisse. Mas Martim Afonso nom quis, com grandes agardecimentos, dizendo que nom largaua o cargo por deixar de seruir, sómente ficaria mais despejado pera hir com elle aos rumes, pera o que lhe faria mercê que na galé bastarda lhe désse a dianteira, porque elle tinha já certo sinal qual era a galé do capado, que desejaua muyto abalroalo primeiro que ninguem, pera o tomar viuo e o leuar a ElRey. Do que muyto contente ficou o Visorey, porque Martim Afonso era muyto homem pera tal feyto; dizendo a Martim Afonso que tudo fosse como elle quigesse, que em tudo lhe fazia muyta honra. Polo que então Martim Afonso se fez prestes na galé bastarda, onde com elle se meterão passante de quatrocentos homens, a frol dos homens da India, todos homens da guerra, esperimentados caualleiros, que lhe dizia o Visorey, dandolhe muyta honra: « Que feyto podeis vós, senhor, fazer com tal companhia, que » « vos julguem por grande, pois tantos tendes, e tão escolhidos, que to- » « dos vos desejão acompanhar? » Então o Visorey repartio os nauios, e fez capitães, pera recolher cada hum sua gente. No que os capitães se tanto acuparão e [1] * trabalharão que auião * grandes compitencias, mórmente por auer os homens da India, porque sabião da guerra e erão armados e bem concertados do que compria, o que nom tinhão os que vinhão este anno, que erão mancebos desbarbados, e sem armas, nem huma espada. E para assy auerem os homens da India os capitães punhão escritos nas portas da cidade, prometendo aos homens da India grandes larguezas e pagamentos porque fossem com elles. Do que ouverão grande despeito alguns homens d'armada d'este anno, e puserão escritos de desafios, e de más palauras, de que lhe fazião zombaria. Mas comtudo

[1] * trabalharam em que auião * Autogr.

os capitães da India ajuntarão pera sy a milhor gente; no que de dia e de noyte auia grande trafego e reuolta.

CAPITULO VI.

DAS MESSAGENS QUE O CAPITÃO DOS RUMES MANDOU AO IDALCÃO, E REYS DA COSTA DA INDIA, QUE FOSSEM EM AJUDA SUA CONTRA OS NOSSOS, E AS REPOSTAS QUE LHE DERÃO.

N'ESTE tempo que assy em Goa auia esta grande reuolta d'aprecebimentos, chegou ao Idalcão a messagem do capado, que lhe mandou de Madrefabá, como já disse. Ao qual respondeo que sua chegada fosse com saude, e lhe muyto agardecia seu recado e auiso; que nom era mais mester, que elle teria muyto bom cuidado *e* como visse bom tempo elle veria o que fazia; mas que, como amigo, tambem lhe mandaua auiso que olhasse bem o que lhe compria, porque auia de ter muyto poder pera fazer o que dizia, e que depois que os portugueses fizerão fortelezas na India nunqua ninguem lhas tomára; e que lhe fazia saber que em Goa estauão dez mil homens, e o rio da cidade até barra cheo d'armada, onde estaua o Gouernador da India, e o capitão mór do mar, e hum Visorey que agora chegara do Reyno com doze naos tamanhas como fortelezas, com muyta gente, e que todos se fazião prestes com muyta pressa; que cada hum d'estes abastaua pera o hir buscar e darlhe batalha, mórmente hindo todos tres; que tudo lhe noteficaua pera que estiuesse aprecebido do que lhe compria.

O Rey de Calecut respondeo ao capado que auia muyto prazer com sua vinda; que elle tinha prestes muyta armada, e que o anno passado lha desbaratarão os portugueses além do cabo de Comorym, onde o capitão mór do mar a fora buscar e tomou toda; e que agora alguma tinha, e a nom mandaua porque em Goa estaua muyta armada, e por toda a costa auia muitos nauios, que como fosse vista no mar nom escaparia; mas que elle auia de cometer pazes com o Visorey que agora viera do Reyno, e que se lhas désse então poderia milhor fazer o que lhe compria; que elle muyto folgára que com toda su'armada se fora meter no

seu Reyno, no rio de Panane, onde estiuera muy seguro, e d'ahy sayra muy possante, com que fizera no mar quanto quisera.

A Cananor nem a Cochym nom mandou o capado messagem, porque bem lhe pareceo que nom arrecadaria nada. As quaes repostas tornarão ao capado estando já sobre Dio, tornado de Madrefabá; com as quaes repostas nom fiqou nada contente pera o que elle cuidaua, mas fiqou em muyto mór cuidado, e com muyto temor, sabendo a muyta gente e armada que em Goa se aprecebia pera o hir buscar; pera o que lhe compria ter muyta vigia, e saber quando de Goa partissem, pera elle se afastar da terra, e estar prestes no mar, e pelejar ou se partir pera Meca, e fazer o que milhor fosse. E auendo seu conselho, assentou de dar apreto á forteleza, e a tomar; onde ficaria tão forte que lhe nom pudesse empencer quanta armada lá fosse. O que assy fez, como adiante direy.

CAPITULO VII.

DE COMO ENTRARÃO EM DIO CATURES, PER ANTRE AS GALÉS, QUE LEUARÃO GENTE E MONIÇÕES; E A VIGIA QUE OS NOSSOS TINHÃO NO MAR Á VISTA DA FORTELEZA.

Sendo partido de Dio o catur do Pereirinha, logo d'ahy a dois dias chegarão os oito catures que leuauão a poluora, e entrarão logo no rio, e descarregarão tudo com muyta pressa, porque auia noua que as galés estauão já prestes pera vir de Madrefabá, que já todas erão corregidas. E Antonio da Silueira deu pressa que se tornassem os catures antes que as galés viessem, que depois sayrião com perigo, se lhe cercassem a barra. D'estes catures ficarão em Dio corenta homens de bem, que Antonio da Silueira mandára pedir; e nom quis que ficassem mais, porque lhe derão tão certificada a noua da grande armada que logo auia de hir, que cuidarão que nom tardaria vinte dias, e lhe parecia que toda a honra leuarião os que fossem n'armada, e elles ficarião na forteleza sem fazer nada: e d'isto tinhão muyta paixão, cuidando que assy seria; o que lhe sayo muyto ao reués.

Descarregarão os catures, e se recolheo tudo á forteleza per huma

porta pequena que no muro sobre o rio tinha, onde pendurauão huma escada de mão até agoa, per que entrauão e sayão a seu saluo, porque as estancias dos mouros nom podião tirar pera lá, porque lho defendia o baluarte do mar.

Mandou o Visorey que hum d'estes catures ficasse á vista da barra de Dio, quão longe pudesse auer vista do que se fizesse; e sempre fizesse grande vigia de dia, e de noyte com fogo, pera a banda do mar, porque os catures que fossem de Goa com recados fossem primeiro ter com elle, e saber o que auião de fazer. O que assy se fez, que foy muyto bom pera milhor auiso, que sempre de tudo o que se fazia vinha recado ao Visorey, o qual em Goa daua muy grande pressa a fazer sayr os nauios do rio pera' barra, por ver quanta armada tinha. No que fez muyta detença, porque auia muy pouqo prouimento nos almazens, pera o muyto que compria pera tanta armada e gente como se aprecebia, sendo a cousa tão supita como era; polo que auia grande mingoa de mantimentos, poluora, e monições, e mórmente artelharia que compria pera tantos nauios, que em toda 'armada nom auia duzentos tiros grossos, sómente auia boa soma d'espingardaria.

CAPITULO VIII.

DO EMPRESTIMO QUE O VISOREY PEDIO AOS MORADORES DE GOA; E DO PRESENTE DE MANTIMENTOS, E MESSAGEM QUE LHE MANDOU O ACEDECÃO DO BALAGATE.

E porque o Visorey assy achou tanta falta em todolas cousas, e muyto mais de dinheiro, que nom tinha o muyto que auia mester, fez pedido d'emprestimo á cidade com o dinheiro que cada hum pudesse, de que fizessem ytem e cofre, pera * que * assy todo em soma lho tornasse a pagar; e que olhassem a grande necessidade pera que lho pedia, pois era pera o bem de todos, e de suas casas, e molheres e filhos. E que assy tambem lh'emprestassem escrauos de vinte annos pera cima pera remeiros, de que auia a mór falta pera as galés, em que nom querião remar os remeiros da terra, e por isso todos fogião; os quaes escrauos, que assy emprestassem, depois os tornaria a seus donos, ou lhos pagarião

polo preço que lhe custassem, do que a cada hum passarião certidão pera depois auerem pagamentos. Com o que ouve muyto dinheiro e escrauos, porque este mesmo petitorio mandou fazer a Cochym, e ás fortelezas onde auia nauios pera esquipar e necessidade de dinheiro. Do qual emprestimo de dinheiro e escrauos depois ouverão muy máos pagamentos, indaque 'armada se tornou a desfazer. E póde ser que inda agora, que he o anno de 1550 que isto escreuo, inda ha muytas d'estas diuidas: de que a gente fiqou muyto escandalizada pera nunqua fazerem outro tal.

N'este tempo que assy auia esta reuolta em Goa, o Acedecão, senhor das terras comarcãs a Goa, como sabedor e muyto prudente que era, querendo sempre ter amizade firme com os Gouernadores, polo que lhe compria pera segurar sua pessoa, como já largamente atrás he contado, auendo elle muyto pesar da vinda dos rumes e a messagem do capado que mandára ao Idalcão, e a reposta que lhe tornára; e sabendo que com o capado vinha o Meale, que era o direito Rey do Balagate, sobre que elle tiuera as contendas passadas, que já contey; e sabendo a pressa em que o Visorey estaua em Goa; pera lhe ganhar a vontade e boa amizade, e o ter por amigó quando lhe comprisse, lhe escreueo cartas de grandes amizades e muytos offerecimentos, e lhe mãndou de presente mil vaqas, e mil carneiros e cabras, e quinhentas mãos de manteiga, que erão seis mil canadas, e quatrocentos candis de trigo, que passão de cem moyos, e seiscentos candis d'arroz: o que lhe mandou dar em alguns lugares perto de Goa. E lhe fez saber da messagem que ó capado mandára ao Idalcão, e a reposta que lhe déra; mas que elle tinha sabido que em secreto o capado * lhe dissera * per sua carta que elle trazia comsigo o Meale seu irmão, que estaua em Meca, o qual lh'entregaria nas mãos, com tanto que elle fizesse a guerra a Goa, agora, em quanto elle combatia a forteleza de Dio, pera que com a guerra que fizesse o Gouernador nom pudesse secorrer a Dio; e que n'isto erão concertados: do que elle sendo sabedor d'este trato que se passaua em secreto, por atalhar a tanto mal, elle fizera huma carta, como que lha mandára o Meale, em que lhe dizia que elle se fizera vassallo do Turquo porque o restaurasse em seu Reyno, polo que vinha com Soleymão Baxá per mandado do Turquo, perà que tomando a India o [1] * fosse * meter

[1] * hir * Autogr.

de posse do Balagate; mas que n'isto nom tinha nenhuma confiança que assy seria, porque os rumes estauão com muyto medo d'armada do Gouernador; o que todo lhe fazia a saber, como a bom pay que era seu. A qual carta assy contrafeyta, elle, por se mostrar ao Idalcão muyto fiel vassallo, lha mandára mostrar, que lhe o Idalcão muyto agardecera, e • lhe • dera muyto credito, auendo que a messagem que lhe mandára o capado era falsa e de trayção, como fizera ao Rey d'Adem: com que ficára muy endinado contra o capado, e muy fóra de fazer guerra nem aleuantamento contra Goa. O que tudo lhe fazia a saber pera mais descansadamente fazer suas cousas, e hir secorrer Dio, onde desbaratando os rumes, o Meale se viria deitar a seus pés; e que lhe aprouvesse de o ajudar contra o Idalcão que tiranamente lhe tinha tirado seu Reyno, pera ajuda do qual elle daria hum conto de pardaos d'ouro. O Visorey ouve muy grande prazer com esta carta e presente do Acedecão, que por ser em tal tempo valia muyto, pola muyta necessidade que de tudo auia, ficando muy descansado da guerra de Goa, que arreceaua. Do que escreueo cartas ao Acedecão de grandes agardecimentos e promessas, empenhandolhe as barbas que com o Meale faria quanto elle quigesse. E lhe mandou de presente dous cauallos agezados, os milhores que se acharão em Goa, que custarão mil cruzados, e huma espada riqa, e huma cadeira d'espaldas gornecida, e peças de grã e de sedas de cores, que valião outros mil cruzados: de que o Acedecão ficou muy contente. O que certamente foy grande ajuda de Nosso Senhor em tal tempo assy affirmar este mouro em tão boa amizade, porque sendo d'outra maneira, com sómente aleuantar seus portos de mantimentos, isto abastaua pera nos tomar ás mãos; que Goa não tem mais vida, nem sostancia, nem forças pera nada, como lhe faltar as cousas do Balagate, que sómente abastaria tolher a leynha pera os fornos, com que Goa de todo se perderia, porque dentro na ilha nom ha nenhuma leynha que possa a isto abastar.

O Visorey fez hum seguro geral, em que seguraua todolos omiziados de todolos casos crimes e ciuez, que com elle fossem aos rumes, que em quanto com elle andassem até tornar a Goa andassem seguros, sem ninguem os poder demandar nem acusar per nenhum caso; e que sendo assy tornado a Goa, que então se acabaua o seguro, lhe daua oito dias pera que se puessem em saluo, em suas liberdades como primeiro estiuessem; e que os que assy fossem seruir contra os rumes, de que ti-

rarião certidões, quando quer que se liurassem de seus delitos lhe perdoaua toda a pena que tiuessem da parte da justiça. O qual seguro foy apregoado com trombetas, e o mandou per todolas fortelezas que assy fosse pubricado e apregoado, e que cada omeziado, que se viesse polo dito seguro, tomasse certidão da justiça com o trelado do seguro.

CAPITULO IX.

COMO O VISOREY MANDOU CHAMAR A GENTE DA COSTA DE CHOROMANDEL, E PEDIR EMPRESTIMO A ELREY DE CEYLÃO, QUE LHE EMPRESTOU TRINTA MIL CRUZADOS EM PORTUGUESES.

E mandou o Visorey hum catur com cartas de chamamentos a todolos homens per todolas fortelezas, e a Choromandel, noteficando a todos como estaua prestes, e a grande armada que tinha: o qual catur fez esta correição per todolas fortelezas, e a Choromandel, onde no caminho achou toda a gente que já vinha ao chamado de Nuno da Cunha, mas ouvindo da vinda de dom Gracia todos ficarão muy frios do feruor que trazião pera serem no feyto com Nuno da Cunha; com que logo muytos homens se espalharão, e forão per outras partes.

O catur passou áuante, e foy a Ceylão com cartas do Visorey pera o Rey da Cota, fazendolhe a saber da sua vinda, e os rumes que estauão em Dio, e a muyta necessidade em que estaua de dinheiro, que como irmão, e bom amigo que era d'ElRey de Portugal, o secorresse com algum emprestimo de dinheiro. Ao que lhe o Rey de Ceylão respondeo com auondanças, e lhe mandou emprestados tres mil portugueses d'ouro, que foy assaz bom espirimento d'amigo; os quaes estes trinta mil cruzados, com os vinte mil que emprestou quando lá foy Martim Afonso, atégora lhe são inda diuidos; e com assaz d'outros maos galardões, e apressões, e auexamentos, e roubos que lhe fazem os feytores d'ElRey que hy estão, e os capitães da carga que lá vão pola canella, com que he muy perseguido, tanto, e em tanta maneira, que já deixára o Reyno se tiuera pera onde se hir, como n'esta lenda em outras partes o digo mais largamente.

CAPITULO X.

DE COMO O REY DE CALECUT MANDOU MESSAGEM AO VISOREY A LHE PEDIR ASSENTO DE PASES, E DA REPOSTA QUE LHE MANDOU E ASSENTO QUE SE FEZ.

Dom Pedro partio pera Cochym em setembro, e hindo per diante de Calecut lhe veo em huma fusta fallar ao mar hum regedor, que o Çamorym mandaua a pedir seguro pera mandar a Goa recado ao Visorey, e que em tanto tudo estiuesse de paz. Dom Pedro lhe deu seguro pera' fusta em que mandasse o recado, mas que em tanto que tornasse reposta nom nauegasse nada, porque logo seria tomado. Do que forão contentes, e tomarão o seguro, porque o Çamorym, sabendo da vinda do Visorey, quis com elle assentar noua paz, pera em quanto se 'armada fazia prestes se apreceber de mantimentos, de que auia grande falta em todo o Reyno de Calecut, e como o Visorey partisse pera os rumes, com que auia de hyr toda a gente, e com esta noua paz ficaria toda a costa [1] * despejada, então elle * mandaria huma carregação de pimenta a Cambaya, em fustas armadas, que depois de descarregadas se fossem pera os rumes, se tiuessem tomado Dio, e n'ellas mandaria seu recado ao capado, e se nom fosse tomado Dio se tornassem de mar em fóra. E com esta tenção e pensamento fez messegeiro ao Gouernador, que mandou a Goa ao Visorey com suas cartas, dizendo que seria muyto contente que com elle quigesse assentar pazes, tão firmes e seguras como elle quigesse. Sobre o que o Visorey ouve conselho, e assentou de nom lhas dar, por mostrar que o nom auia mester, nem temia, em tempo de tantos contrairos e com rumes na costa. E tambem nom lhas deu porque sabia que estas pazes lhe nom pedião senão pera auerem arroz, de que tinhão grande falta, e que em quanto fosse a Dio, que a costa ficasse sem armada, elles a seu saluo andarião roubando polo mar quanto achassem; porque sendo assy as pazes feytas com Calecut nauegarião os zambuqos e barquinhos sem temor, os quaes os mouros de Calecut matarião e roubarião

[1] * despejada com que elle * Autogr.

a seu saluo. No que tomado detriminação, o Visorey despachou o messigeiro, e lhe deu em reposta que elle estaua muy acupado, fazendose prestes pera hir a Dio buscar os rumes; polo que ao presente nom podia entender nas pazes que lhe pedia, porque era necessario elle em pessoa as hir assentar com elle, e com seu principe e regedores, e per tal maneira, e com taes seguridades feytas e assentadas, que se lhas quebrasse, como sempre fizera em muytas vezes que as fizera, elle tiuesse bom penhor pera n'elle se vingar; e porque d'esta maneira as auia de fazer com [1] * elle, pola * accupação que tinha agora ao presente n'isso nom podia entender, mas que tornando de Dio então lhe mandasse seu recado, e então faria com elle toda boa paz e amizade que fosse rezão. Com que despedio os messigeiros, e ElRey se ouve por satisfeyto, assentando de nom fazer nada, nem consentir aos seus fazer nenhum mal até nom ver o que se passaua em Dio; com tenção que se os rumes vencessem diria ao capado que pedia as pazes ao Visorey por dessimular, e poder [2] * trazer * os seus barqos polo mar, e que se nós vencessemos, já tinha pedido primeiro as pazes, como bom amigo que era.

CAPITULO XI.

COMO O CAPADO, CAPITÃO DAS GALÉS DOS RUMES, CONCERTOU SUA ARMADA NO RIO DE MADREFABÁ, E TORNOU SOBRE A FORTELEZA DE DIO, E MANDOU COMBATER O BALUARTE DE FRANCISCO PACHECO, QUE SE [3] * RENDEO * E ENTREGOU; E O ENGANO QUE LHE O CAPADO FEZ.

N'ESTAS cousas se passou todo o mês de setembro, e sendo tres dias d'outubro veo a Goa hum catur de Dio, que deu noua que as galés erão tornadas do rio de Madrefabá; o que assy [4] * passou. Dando * o capado muyta pressa no corregimento de su'armada, onde trazia grande auondança de carpinteiros e calafates seus, com que humas varando e outros com pendores no mar, toda' armada concertou muy bem no mês de se-

[1] * elle e polla * Autogr. [2] * fazer * Id. [3] * rendyo * Id. [4] * passou que dando * Id.

tembro, e aos vinte e oito d'elle se tornou a Dio, que foy huma segunda feyra, que os mouros das estancias derão muy grande bataria no baluarte de Francisco Pacheco com seis peças grossas; e logo apparecerão as galés muy per ordem, todas em fio, e a dianteira era huma galeota da vella quarteada de branco e vermelho, em que andaua o capitão mór d'armada; e veo até chegar perto da lagea que está na barra, e desparou toda' artelharia, e passou; o que assy fizerão todolas outras galés. Da qual salua meterão dentro na forteleza trinta pilouros de ferro coado, de tres palmos de roda, com que matarão hum só homem. Do baluarte de Francisco de Gouvea lhe tirarão dous basaliscos, e do baluarte São Tomé lhe tirou outro basalisco, e duas peças grossas, do qual era capitão Gonçalo Falcão; os quaes tiros hum acertou na popa de huma galé bastarda, que logo se foy ao fundo; de que os nossos derão grande grita. Na qual galé do tiro, e no mar, morrerão duzentos homens, e * se afundou * muyto dinheiro do capado. E outras duas galés acertarão os tiros da forteleza, que forão arrombadas; e forão logo varar na terra. N'esta pressa de tirar ás galés nom tiuerão bom tento, e sobrecarregarão os basaliscos, com que arrebentarão, e os pedaços matarão o condestabre e tres bombardeiros, e ferirão oito homens.

Da bataria d'este dia os mouros derribarão a casa que estaua pegada no baluarte de Francisco Pacheco, e as traues da casa ficarão acostadas á parede do baluarte em ribanceira com a pedra. Ao que logo remeterão os rumes pelejando fortemente, e sobirão em cima, e aleuantarão tres guiões; mas * acudindo * os nossos com panellas de poluora e ás lançadas, em que a prefia durou duas horas, os rumes se tornarão 'afastar muy de pressa, ficando muytos mortos, e feridos, e queimados. Nos quaes tambem fez muyto dano 'artelharia da forteleza, que lhe tiraua, e os tomaua em descuberto; mas os do baluarte ficarão tão atromentados que n'esta noyte mandou Francisco Pacheco hum Antonio Faleiro á forteleza, com recado ao capitão, o qual lhe disse que ante todos lho dissesse; o qual disse que Francisco Pacheco lhe mandaua dizer que elles ficarão taes do combate que pera outro dia, se os cometessem, se nom poderião defender, e que n'isto nom auia que duvidar; e que Coje Çafar lhe fallára que se dessem, e que com sómente os vestidos os deixaria hir pera a forteleza; e que d'isto lhe daria seguro seu e do capado. O que ouvido por o capitão, praticando com todos o que n'isso faria, respondeo que

o que lhes mandára sendo seus propios filhos, e o que lhes mandaua, como seu capitão, que era que elles morressem todos como caualleiros de Jesu Christo, com que ganhauão o parayso pera o outro mundo, e n'este tanta honra, que deixauão a suas gerações. Que isto era o que lhe respondia e mandaua, e que se elles outra cousa fizessem, o que lhe nom aconselhaua, qualquer cousa que fosse com chapa do capado e de Coje Çafar, e que primeiro lha mandassem á forteleza. Com a qual reposta se tornou Antonio Faleiro ao baluarte, e todos se puserão em querer antes morrer que fazerem nenhum partido.

Quando este recado mandou Francisco Pacheco foy com seguro que lhe pera isso deu Coje Çafar; mas achando que nom querião concerto lhe tornarão a dar muyto mór bataria, e lhe tirarão aos altos, com que o forão arrasando, que as pedras que cayão dentro ferião muytos homens, e de todo ficarão desemparados de nenhum remedio, nem a forteleza lhe nom podia valer; onde os rumes o tornarão 'abalroar outra vez, onde com cinquo guiões sobirão sobre o baluarte. Mas os nossos, parecendolhe que já era o derradeiro dia de suas vidas, o fizerão de tal sorte que os tornarão a deitar fóra, matando e ferindo muytos dos rumes, em que morrerão tres portugueses e * ficarão * muytos feridos. O que sabido polo capado, mandou que mais nom pelejassem com elles, sómente que com artelharia arrazassem o cubello até o chão. O qual recado sendo dado a Coje Çafar, mandou seu recado aos do baluarte que nom quigessem morrer como cafres, pois vião como estauão, e como lhe hiria se lhe dessem mais bataria; que fizessem algum concerto, e que elle o acabaria com o capado. Francisco Pacheco, com conselho de todos, lhe respondeo, que elle nom lhe podia mandar certa reposta, sem primeiro auer conselho do capitão da forteleza * sobre * o que n'isso faria; que por tanto lhe mandasse dizer o concerto que faria, * e * que lhe désse seguro pera com isso mandar hum homem á forteleza. O que Coje Çafar foy fallar com o capado, e no que ambos concertarão. Tornou Coje Çafar, e mandou dizer aos do baluarte que o concerto que com elles faria * era * que largassem o baluarte com quanto n'elle estaua, e suas pessoas, sem armas nenhumas, se fossem á forteleza, pera * o * que seguramente lhe darião passagem; e nom [1] * leuarião * escrauos senão os que com elles se quigessem

[1] * leuarão * Autogr.

hir; e que pera o conselho que querião auer do capitão lhe daua seguro que mandasse hum homem, e que n'isto nom ouvesse detença. Então, per conselho de todos, foy Antonio Faleiro outra vez, e sendo na forteleza disse ao capitão que os do cubello todos lhe mandauão dizer que elles estauão sem nenhum remedio, e que Coje Çafar os cometia com o partido que acima já disse; e que elle ouvera de Coje Çafar seguro pera auer seu conselho; que lho mandasse, que elles outra cousa nom farião senão o que lhes elle mandasse. Antonio da Silueira, presente todos, lhe disse: «Dizey a todos esses senhores que nom tenho que lhe mais di-» «zer, nem aconselhar, que o que já disse e lhe direy agora, que he» «estar com muyto pezar de os ver como estão, sem lhe poder valer.» «Que saibão por muy certo que se fôra possiuel que com meu sangue» «os pudera remediar, que já fôra feyto. Polo que lhe nom digo mais,» «sómente que se lembrem da morte e paixão de Nosso Senhor, que por» «nós padeceo na cruz, sob a qual lembrança eu espero n'elle que mi-» «nha pessoa, com estes senhores caualleiros que comigo estão, nom [1]» «*sayremos nem largaremos* a forteleza com as almas nos corpos. E» «isto he verdadeira verdade; indaque agora tiueramos huma ponte d'ou-» «ro per que nos foramos meter em nossas propias casas em que nacemos.» «E porque assy isto está assentado em meu coração, e nom lhes poden-» «do dar o remedio que hão mister, menos lhe posso dar bom conselho,» «nem mandar nada, sómente *digo* que fação o que lhe Deos mos-» «trar; que eu n'estes imigos nom tenho nenhuma confiança de elles» «guardarem verdade, senão toda trayção e falsidades. Que por tanto» «vejão como fazem suas cousas.» Com a qual reposta se tornou o Faleiro. O que ouvido polos do baluarte se puserão em fazer concerto, e ouverão que era bom o que lhe fazia Coje Çafar, e o mandarão chamar, e assentarão com elle o concerto, e que lhe trouxesse a chapa do capado, [2] *a* qual lhe logo trouxerão: no que anoiteceo.

Ao outro dia pola manhã virão da forteleza que o baluarte tirou as nossas bandeiras, e pôs huma bandeira branca, e outra no caez que do baluarte vinha até o mar; e virão a gente junta ao baluarte sem pelejar. O capitão, por saber o que era, mandou lá Antonio de Sousa Coutinho, capitão do baluarte do mar, que foy em huma almadia com ban-

[1] *sayrmos nem largarmos* Autogr. [2] *o* Id.

deirinha branqa, ao qual vierão fallar os rumes á borda d'agoa, e dizendo elle que queria fallar com o capitão do baluarte, elles o nom consentirão, dizendo que nom era costume leuarem recados estando em concerto: e com isto se tornou ao capitão. E quando foy meo dia no baluarte puserão bandeiras dos rumes. Os nossos, parecendolhe que era feito o concerto, agardarão por elles todo o dia; mas sendo o concerto assy feyto, os do baluarte sayrão sem nenhumas armas, e os embarcarão em almadias, e querendo hir polo rio abaixo pera' forteleza os nom consentirão, e os leuarão á cidade, dizendo que primeiro auião de hir fazer çalema ao capado; sobre o que refertarão, e todauia os fizerão lá hir. Cinqo homens do baluarte, que inda estauão dentro, vendo que os rumes nom consentião que as almadias fossem á forteleza, e que os leuauão pera' cidade, nom quiserão decer abaixo, e se armarão, e disserão aos rumes que ally querião antes morrer que serem catiuos de gente que nom tinha verdade, pois os nom deixauão hir pera' forteleza, como concertarão. Os quaes logo cometerão os rumes, e pelejarão tanto até que de cansados, e muyto feridos, forão todos mortos; aos quaes os rumes cortarão as cabeças, e os corpos deitarão no rio, que com a vazante da maré forão ter á vista da forteleza, donde os tomarão e enterrarão. Hum d'estes mortos era filho de huma molher que estaua na forteleza, per nome Barbora Fernandes, e já no dia que passarão as galés lhe matarão outro filho, ambos valentes mancebos; mas ella, mostrando varonil coração, os choraua assy como qualquer das outras, sem deixar o trabalho em que todas andauão, e recolhida a sua casa, de noyte os choraua como era rezão. Algumas pessoas affirmarão que n'esta noyte, que estes martires morrerão, virão sobre o baluarte huma grande claridade, com cinqo estrellas como fogo, sinal milagroso que Nosso Senhor quis mostrar pera que os outros vissem o certo paraiso que daua aos seus martires.

CAPITULO XII.

DO QUE FEZ O CAPADO AOS PORTUGUESES QUE TOMOU DO BALUARTE; E HUMA CARTA QUE O CAPADO ESCREUEO A ANTONIO DA SILUEIRA, CAPITÃO DA FORTELEZA, E A REPOSTA QUE LHE MANDOU.

Os portugueses do baluarte forão leuados á galé do capado, onde todos lhe fizerão a çalema, sessenta e quatro portuguezes com muytos escrauos, aos quaes mandou o capado meter a banqo, do que se elles queixando porque lhe assy quebraua seu seguro, o capado lhe respondeo que tanto montaua serem agora presos, como depois quando tomasse a forteleza; e que n'isso lhe fazia bem, porque pelejando na forteleza os podião matar. E os leuarão, sem os deixar mais fallar. Com que o capado fiquou contente da boa preza que fizera, e por ver o que achaua no capitão da forteleza lhe mandou huma carta, em que lhe mandaua dizer, que elle, como valente caualleiro e homem tão sesudo como era, olhasse bem o poder que sobre sy tinha, e o mal que lhe podia vir se a guerra tiuesse, a qual elle detriminaua a lhe fazer até gastar toda sua gente e armada; e que, por elle ser tão bom capitão como era, folgaria que com siso se regesse, segundo o que via que lhe compria. Polo que lhe rogaua que lh'entregasse a forteleza, com as armas e artelharia, e monições, e que pera todo o mais lhe daria liure embarcação pera' India. E que n'isto tomasse seu conselho, porque n'aquella armada tinha muyta gente da que tomara Rodes, e Ungrya, e a cidade de Belgrado, e que pois elles tiuerão forças pera tão fortes cousas, que erão as móres que auia no mundo, como se poderia elle defender em hum curral em que estaua com tão pouqo gado, onde nom podião escapar, senão todos serem mortos á espada? O que lhe assy noteficaua, porque depois nom auia de perdoar a ninguem. E mandou o capado escreuer huma carta a Francisco Pacheco, e que a mandasse ao capitão, a qual dizia assy: «Senhor, nós nos entregá-» «mos ao grão Soleymão Baxá com seu seguro chapado d'ouro, que nos» «deixarião hir liures pera' forteleza; e como saymos nos dixerão que» «primeiro lhe auiamos de hir fazer a çalema, e nos leuarão á cidade,»

«onde Coje Çafar nos guardou todos em sua casa, e a mim, e a João»
«d'Almeida, e Antonio Faleiro, nos leuarão á sua galé, e lhe fizemos»
«a çalema, e lhe pedy que nos guardasse seu seguro. Disse que era»
«contente como tomasse a forteleza que logo nos daria embarcação pe-»
«ra' India, e que se a nom tomasse que então nos deixaria hir pera»
«ella, como dizia em seu seguro. Elle diz que lh' entregueys a forte-»
«leza, com a poluora, e artelharia, e suas monições, e as armas, e que»
«largará a todos, que com suas fazendas se vão liuremente pera' India;»
«e que se isto nom [1] * quiserdes * fazer, por mar e por terra vos comba-»
«terá, e tomará, e viuos esfolará; e que isto poderá muy bem fazer,»
«porque tem pera isso bella gente, e artelharia, e oje se tirou fóra hum»
«basalisco, e tirará quantos quiser. Aja n'isto bom conselho, porque»
«tudo o que quiser fará [2].»

Aos tres dias de setembro veo ao pé do baluarte de Gaspar de Sousa o Antonio Faleiro, já vestido como rume, com cabaya de brocadilho, e sua touquinha, e rapado, e calções e jaqueta de grã, e chamou dizendo que trazia cartas ao capitão, e nom foy conhecido que era o Faleiro, por assy vir em trajos de rume. Do cubello deitarão hum fio, em que atou as cartas, e se arredou logo pera fóra com huns rumes que vinhão em sua guarda. O capitão, em pubrico de todos, abrio as cartas, e leo primeiro a de Francisco Pacheco, e então disse: «Bem parece isto carta» «de catiuo. Vejamos agora o que diz o perro do capado.» E leo a carta, assy em pubrico de todos, e acabada de ler as mandou guardar, e mandou vir papel e tinta, e presente todos lhe mandou esta reposta: «Muy-»
«to honrado capitão bayxá. Bem vy as palauras de tua carta, e do ca-»
«pitão do baluarte, que tens catiuo per trayção e mentira de tua pa-»
«laura, affirmada com tua chapa; o que fizeste porque nom hes ho-»
«mem, pois nom tens c......, que hes como molher mentirosa, e de»
«pouco saber. Como me cometes que faça comtigo concerto, pois diante»
«meus olhos fizeste trayção e falsidade? Polo que te nom tenho em ne-»
«nhuma conta, porque de judeu he seres trédor. Eu quando vy tu'ar-»
«mada, e atégora, timy que me podias fazer algum dano; mas agora»
«já estou seguro, porque de homem judeu he fazeres trayção, e assy»

[1] * quiser * Autogr. [2] Esta carta, e a resposta d'Antonio da Silveira são differentes, como a noite do dia, das que traz *Couto* na Dec. V, Liv. IV, Cap. IV.

« o fizerão os que tomarão Rodes, e Belgrado, porque per batalha ouverão »
« medo; e se em Rodes estiuerão os caualleiros que estão aquy n'este cur- »
« ral, * desenganate * que elle nom fora tomado. E sabe por certo, que »
« aquy estão portugueses acostumados a matar muytos mouros, e que »
« tem por capitão Antonio da Silueira, que tem hum par de c...... mais »
« fortes que os pilouros dos seus basaliscos, que nom ha medo nenhum »
« a quem nom tem c...... nem verdade, e de judeu faz trayção. O »
« curral diante de ty está, com tal gado que já lhe tens medo e come- »
« tes concerto pera fazer trayção; o qual concerto, indaque o eu qui- »
« gesse fazer, aquy estão taes caualleiros que me deitarião no mar, e el- »
« les lho defenderião. » Que por tanto estiuesse, e nom fogisse, que nom fossem dizer a seu senhor que nom pudera tomar hum curral; e que mais lhe nom mandasse nenhum recado sobre nada, senão que 'o messigeiro lhe mandaria tirar ás espingardadas, saluo se lhe primeiro mandasse os portugueses que tinha tomados com trayção.

Da qual reposta o capado fiqou muy espantado, e disse a Coje Çafar, que hy estaua: « Nom são estes os homens que me tu dizias. Muy- »
« tos annos ha que eu tenho ouvido que cousa são portugueses. » Coje Çafar nom lhe respondeo. O capado mandou logo matar alguns portugueses que estauão feridos, e os outros mandou repartir polas outras galés; sómente o Pacheco, e João d'Almeida, que ficarão na sua galé presos em ferros, e o Faleiro que se tornou mouro, que foy o que descobrio a muyta falta em que estauão os do baluarte.

Então mandou o capado dobrar as estancias sobre a forteleza, com que lhe começarão a dar grande trabalho; polo que o capitão, logo de noyte, mandou hum catur ao Visorey com cartas do que era passado do baluarte, e o muyto apreto da bataria que dobrarão sobre a forteleza. [1] * No * qual catur foy Francisco de Sequeira, que auia dous dias que fôra de Goa com cartas do Visorey, e com elle fôra tambem, em outro catur, dom Duarte de Lima, filho do Monteiro mór, que de Baçaim se foy estar n'este cerquo de Dio. Quando estes dous catures entrarão foy de dia, que os virão as galés. Então mandou o capado as galés que tomarão a barra, pera que nom sayssem; mas todauia o Sequeyra sayo per antre ellas sem ser sentido.

[1] * o * Autogr.

CAPITULO XIII.

DE COMO O CAPITÃO DA FORTELEZA PROUEO A FORTELEZA DA BANDA DO COMBATE, E PROUEO O BALUARTE DO MAR; E DOS COMBATES QUE SE DERÃO Á FORTELEZA.

Já atrás fiqua escrito que como os mouros entrarão na cidade Antonio da Silueira tapou a porta com pedra e cal, polo auiso que lhe derão os portugueses que andauão com os mouros; e depois quando chegarão os rumes tapou o postigo, e mandou vinte homens pera o baluarte do mar, e com vinte e cinco que tinha Antonio de Sousa Coutinho, que era capitão d'elle, e por resguardo que se o matassem nom ficasse o baluarte sem capitão, mandou pera estar em sua companhia Luis Rodrigues, hum bom caualleiro, que leuou comsigo dez homens dos que tinha no passo, como já disse. Tirauão contra a forteleza nas estancias vinte e duas peças grossas, que metião muytos pilouros dentro na forteleza, com que matarão e ferirão alguns homens; e porque os mais d'estes pilouros entrauão polas bombardeiras, com que matarão alguns bombardeiros, e a Gaspar de Sousa, que ajudaua a çalhar huma peça, e outro pilouro aleijou de huma perna a Lopo Dias, [1] • bom caualleiro •, acodio o capitão com remedio, e mandou fazer sobre os tiros mantas de grossas vigas, com que muyto remediou, que nom perigauão tanto os tiros dos rumes. E tambem d'outra estancia tirauão ao baluarte do mar tres basaliscos, e dous espalhafatos, com que lhe derrubarão huma parte da torre da menagem, e da parede da porta. Em tanta maneira baterão o cubello de Gaspar de Sousa, que em cinquo dias derribarão d'elle tanto que poderão os rumes subir acima; o qual logo abalroarão e sobirão com dous guiões, onde os nossos ás lançadas e panellas de poluora os fizerão decer muy depressa, fazendo n'elles máo lauor com as espingardas. Então os rumes começarão a picar o muro, pera fazer mina com que o derribassem com poluora. Mandou o capitão quatro homens pela caua, que fossem vêr o

[1] • caualleiro ao que acodio • Autogr.

que os mouros fazião, e acharão seis rumes que estauão picando o muro, e ás lançadas matarão dous, e os outros fogirão, e os nossos se tornarão a recolher, e d'ahy em diante, como sentião que os mouros estauão picando, saya á caua hum capitão com homens bem armados, e dauão nos mouros, em os quaes sempre fazião muyto dano: e o primeiro que foy a dar n'elles foy Lopo de Sousa. Outra vez foy Manuel de Vascogoncellos, e matou e ferio n'elles, que os fez fogir; onde, por se desmandar, matarão Christouão de Sousa, e ferirão tres homens, e ao outro dia estando pera sayr Manuel de Vascogoncellos o ferirão com huma frecha polos narizes, e tambem ferirão Lopo de Sousa de huma bombarda per huma espadoa, de que fiqou aleijado. E por falta d'estes homens, assy feridos e aleijados, nom forão mais á caua, com que os mouros muyto picarão o muro, porque por cada pedra que tirauão lhe dauão huma tanga, e comtudo os nossos dos traueses matauão muytos d'elles com as espingardas, com que nom ousauão a vir, mas os rumes os fazião vir ás pancadas, e como fizerão lapa se meterão n'ella e picauão sem os nossos lhe poderem empencer, com que os nossos ouverão temor da mina de poluora que lhe podião meter. Então mandou lá o capitão dous homens, que foy Cide de Sousa e Rodrigo de Proença, e forão sem armas mais que espadas e adagas, virão a mina que estaua feyta, e então com muyta pressa o capitão fez huma parede de oito palmos, com que atalhou de longo do cubello, que inda que caysse fiquasse a forteleza emparada da parede; e sendo assy a parede feyta, os rumes sobião, e por cima da parede, que era d'altura de hum homem polos peitos, jogauão os nossos as lançadas e espingardadas com elles, em que auia mortos e feridos. O capitão, querendo poupar a gente, mandou cortar muyta madeira em achas, e fez grande fogo e brazido, que mandou deitar no cubello per cima da parede, onde com muyta leynha que lhe deitauão de longo da parede se fez grande fogo, que os rumes o nom puderão matar, nem chegar a elle. No que os nossos fazião grande vigia de noyte e de dia, sempre ceuando o fogo com leynha, em que os nossos tiuerão muyto trabalho, que a calma era grande e a quentura do fogo, que os homens andauão assados dentro nas armas. Fizerão os rumes huns ganchos de ferro postos em compridos páos, com que vinhão tirar os páos do fogo, ao que os nossos fizerão outros taes, com que lhe trauauão d'elles; então, á força de braços, tirauão huns por outros, e os

nossos fincauão os pés na parede e por força trazião os rumes sobre o fogo: polo que lhe compria largar os ganchos, que os nossos recolhião, e lhe dauão apupadas. Então os rumes tirauão ao fogo, em que ás vezes dauão e esborralhauão o fogo, que os nossos logo tornauão a fazer.

E porque quando os rumes entrauão a picar ficauão descubertos, e lhe tiraua a nossa espingardaria da estancia do feytor, e de Lopo de Sousa, e das casas do capitão, com que lhe fazião muyto dano, trouxerão os rumes ballas d'algodão forradas de coiros crús, e as trouxerão de noyte até a borda da caua, com que fizerão emparos d'ambas as bandas, e junto das ballas fizerão paredes de pedra ensossa que as sostinhão, e per antre ellas fizerão cauas porque entrauão e sayão, sem os nossos os poderem vêr da forteleza, nem de nenhuma parte lhe podião fazer nojo; e tantos d'estes emparos fizerão que andauão por todas as partes que querião. E fizerão huns cauallos de madeira, postos sobre rodas, da feyção de caualletes de sellas, e forrados de coyro per cima, e nas bandas seteiras, com os quaes andauão per onde querião, sem os nossos lhe poderem empencer; de que fizerão muytos, com que chegarão ao pé do baluarte São Tomé, e de noyte com muyta pressa o começarão a picar. Ao que os nossos acodirão com leynha, e ola aceza com manteiga, e panellas de poluora, com que todauia arderão muytos d'elles, a que os nossos [1] » derão » apupadas, e gritas, e trombetas, e » elles » se recolherão ás tranqueiras das ballas, onde estauão muytos. Então o capitão mandou Gaspar de Sousa, com oitenta homens bem armados, meter na caua, e que em amanhecendo dessem nas ballas e as queimassem, pera o que leuauão materiaes, e manchys pera abrirem as ballas e as desfazerem; e com elles mandou o mestre dos pedreiros, pera que em quanto os nossos pelejassem fosse vêr a mina que se fazia. Então a gente se fez prestes com a espingardaria pola forteleza, pera defenderem os rumes que nom entrassem na caua após os nossos; o que lhe bem podião defender. Os nossos com bom tento derão nas estancias, de tal sorte que em pouco espaço matarão mais de cincoenta mouros, e muytos feridos; ao que acodirão muytos rumes sobre os nossos, que se recolherão pera a caua, deixando fogo posto nas ballas. E Gaspar de Sousa, engodado no seu bom pelejar, nom se querendo recolher foy morto, elle e outro homem;

[1] » darão » Autogr.

e no muro matarão quatro homens com as espingardas os rumes de fóra, bradandolhe o capitão que nom parecessem. E o mestre dos pedreiros disse que os rumes dentro no cubello fazião caminho pera sobirem acima.

Tanta obra fazião os tiros dos rumes que já o baluarte São Tomé estaua raso sem nenhuma amea, e todo o muro d'antre os cubellos, onde se quebrarão muytos falcões e berços que n'elle estauão, e no cubello quebrarão hum tiro de ferro, o milhor que auia na forteleza, e hum camello, e hum lião; e per outras partes quebrarão outros muytos tiros, que já nom auia com que tirar. O que assy Nosso Senhor ordenou por milhor, pera que se nom gastasse a poluora, e faltasse em tempos de mór necessidade, em que depois mais aproueitou. Hum pilouro de pedra, tamanho como uma bolla, deu em hum camello, e o leuou com o repairo compridão de hum jogo de bolla, oude o pilouro ally fiqou com elle, sem quebrar. Hum homem vigiaua no cubello São Tomé detrás de huns saquos de terra, e vigiaua e bradaua que se guardassem, quando as estancias dos rumes aleuantauão as mantas pera tirar; e pera vêr tirou huma gualteira que tinha na cabeça, e a pôs sobre os saqos, onde de fóra lha leuarão com hum pilouro.

Como os mouros tiuerão cega toda' artelharia do baluarte São Tomé, e do muro, se mudarão á coiraça da banda do mar, onde estaua Fernão Velho, filho de Payo Rodrigues alcaide mór, que d'ally lhe tiraua com hum camello, o qual lhe logo os rumes quebrarão, e arrasarão toda a coiraça até o mar, e então baterão a estancia do feytor, e de Lopo de Sousa; o qual logo derribarão, e de dentro pareceo o outro muro nouo, que se fizera com o entulho, onde os pilouros que n'elle dauão ficauão n'elle metidos. A terra e pedra d'este muro quebrado fiqou em ribanceira per que os rumes podião sobir. Então o capitão, de noyte, com cestos e enxadas a mandou toda tirar, sem os mouros o sentirem. E cayndo tambem o muro de Lopo de Sousa, fiqou de dentro a tranqueira de madeira, muy forte, como já disse. E baterão todo o muro das casas do capitão, que estauão feytas sobre piçarra; a que o capitão mandou apontoar as traues, porque, se cayssem, com a madeira e pedra ficarião igual com o muro. Logo se fez per dentro hum contra muro de oito palmos de parede, e de vão antre elle e o muro doze palmos, que cheo de terra, amassada com agoa do mar, fiqou muy forte. Este

trabalho era dos escrauos, e molheres, que passauão de mil [1] * os * que andauão ao trabalho, que em dia e meo fizerão e entulharão mais de vinte passos d'este muro e entulho. O Coje Çafar fazia aquy apontar os tiros, porque sabia as larguras d'estes muros e paredes, que os vira fazer. Tambem se fez outro baluarte detrás do baluarte de Gaspar de Sousa, de oito palmos de parede, e dentro entulhado até acima, e d'altura do outro; o que se fez em quatro dias, com o que fiqou o muro forte, que estaua já todo desfeito, e o baluarte solhado em cima de madeira, o qual fiqou tão largo que podião n'elle pelejar setenta homens. O que foy muy grande boa obra; e em a qual cousa de trabalho que começauão nom auia cansar de dia nem de noyte. Outras molheres curauão os feridos; as amassadeiras leuauão o pão e rosquilhas ao capitão, e elle corria as estancias, e per sua mão o repartia, e assy outro pão que se fazia pera os escrauos, e ás vezes arroz com manteiga, e com jagra. Elle tudo repartia e daua com sua mão como despenseiro, mostrando a todos muyto amor.

Cada dia os rumes tirauão muytos tiros á Igreja, que estaua em hum alto, e toda a derribarão; e de huma estancia da borda do mar muyto tirauão ao baluarte do mar, a hum cotouello d'abobeda em que a gente se recolhia. O capitão com os seus repairarão a parede da porta, que lhe derribarão, com tanques de madeira que dentro auia, que encherão de pedra e terra; em que tiuerão muyto trabalho. O que todos estes trabalhos se passarão até vinte e quatro dias de outubro, e sendo noyte entrarão tres catures de Goa, em que forão trinta e seis homens, caualleiros e gente limpa, e com boas armas, de que erão capitães Martim Vaz Pacheco, Antonio Mendes de Vascogoncellos, e Gonçalo Vaz Coutinho, que foy no catur do Pereirinha, que ouve medo de hir n'elle e nom quis mandar remar, e então Gonçalo Vaz Coutinho e Francisco Gonçalues se passarão ao outro catur, e o Pereirinha fiqou de fóra com os outros tres, com doze espingardeiros, que o quiserão matar porque nom entraua, e tornando a Baçaim por isso o aleijarão de huma perna. E dos outros catures entrarão ante menhã Francisco de Sequeira, e outro Jorge d'Aguiar, que era védor do capitão, e outro catur que trazia mantimento pera o capitão. Com que na forteleza ouve muyto prazer, e esforço com

[1] * o * Autogr.

cartas do Visorey, em que lhe certificaua ser com elles antes do mês acabado, e assy o certificauão quantos hião nos catures, segundo vião já estar toda' armada com a gente recolhida; e ainda que estes catures leuarão oito pipas de poluora, polo muyto que se gastaua e esperauão que se gastaria, o capitão ordenou hum homem que com certos escrauos a fizesse em huma casa apartada, porque tinha salitre, e a pisauão em pilões, e cada dia fazião hum quintal d'ella, e refinauão outra d'espingarda, e Manoel de [1] * Vascogoncellos era quem n'isto * prouia, com que deu grande remedio. Foy grande secorro, porque vierão homens fidalgos e caualleiros pera capitães das estancias, de que auia muyta necessidade, porque casy todolos outros erão já mortos, e aleijados de feridas. E logo n'este dia, de noyte, o capitão despedio o Sequeira com cartas pera o Visorey, com o qual mandou seu criado Antonio Mendes de Crasto, porque estaua doente; e assy escreueo ao capitão de Baçaim, e de Chaul, que tinha muyta falta de poluora, e murrões d'espingarda, e panellas pera poluora, pedindolhe que com isto lhe acodissem logo. E o catur sayo per antre as galés, tirandolhe muyta espingardaria, com que lhe nom fizerão nenhum mal.

CAPITULO XIV.

COMO OS RUMES COMBATERÃO O BALUARTE DO RIO COM ALBETOÇAS, Á ESCALA VISTA; E A RESISTENCIA QUE LHE FIZERÃO OS NOSSOS, E MILAGRE QUE SE VIO.

E porque disserão ao capado que a forteleza era já toda derribada, e muy fraqua pola parte do rio, mas que nom lhe podião empencer por ally, porque o baluarte do rio a defendia, mandou o capado que logo lhe fossem tomar o baluarte do mar. Pera o que os rumes se ordenarão, e a huma terça feira em amanhecendo, vinte e sete d'outubro, vierão de dentro do rio da cidade vinte e seis barquinhas, e fustas rasas, cheas de gente armada, com bandeiras e guiões, e tangeres e gritas,

[1] * Vascogoncellos que nisto * Autogr.

e forão abalroar o baluarte; aos quaes da forteleza lhe tirarão com peças grossas antes de chegar, mas depois de abalroados no baluarte lhe nom tirauão senão com falcões e berços, e espingardaria, porque as peças grossas fazião dano no baluarte, porque os rumes abalroarão da banda da forteleza, que da outra banda era muyto sequo e nom podião chegar as barquinhas. E os rumes forão abalroar em hum tauoleiro que se fazia ante a porta do baluarte, os quaes os do baluarte receberão com muytas espingardadas e panelas de poluora, e muyta pedrada, e ás lançadas per antre o tanque que tinhão por emparo, que já tinhão a parede derribada da bataria que atrás contei; e tal recebimento os nossos lhe fizerão que os rumes se tornarão a embarqar muyto depressa, com muytos mortos, e feridos, e afogados no rio, porque os tiros da forteleza lhe quebrarão tres barquinhas e huma fusta, e o fogo das panellas de cima [1] * do baluarte enxorou * duas barquinhas, que todos fez deitar ao mar. Assy que, achando máo recebimento, se tornarão. Da forteleza decerão alguns homens abaixo á borda do rio, e tomarão dous mouros dos que andauão a nado no rio, e os leuarão á forteleza, ao que as molheres deixauão as gamellas, e os carpião [2] * nos * rostros com as unhas, e lhe arrancauão as barbas, e os querião comer aos dentes; e depois de o capitão fallar com elles os mandou matar, que os escrauos os matarão ás pedradas. O que sendo dito ao capitão dos rumes, capado, e como passara o feyto do baluarte, ouve muyta paixão, dizendo enjurias aos que lá forão, e que em su'armada nom trazia homens, senão molheres. Então hum seu capitão lhe pedio licença pera elle hir combater o baluarte. O capado lhe disse que fosse logo, e que leuasse quanto quigesse, e que tudo se perdesse e tomasse o baluarte; porque sendo tomado a forteleza era logo tomada. O qual capitão se fez prestes, e n'este dia, a horas de bespora, com a maré, com muytos bateys e barqas com muyta gente, e bandeiras e guiões e penachos, e o capitão armado em cossolete branco, e com muyto esforço tomarão o tauoleiro, e puserão escadas pera sobir per cima, como de feyto puserão dous guiões. Os do baluarte, indaque estauão trabalhados do outro combate, com esforço que lhe Nosso Senhor deu, fizerão feytos muy assinados; e porque os rumes muyto se queixarão do mal que a forteleza * lhes fazia * em ajuda do baluarte,

[1] * baluarte que enxorou * Autogr. [2] * os * Id.

trouxerão doze galés, seis que batião o baluarte, e seis que tirauão á forteleza pola banda do rio, por tolher que nom ajudassem ao baluarte. E porque os do baluarte virão que os mouros os nom podião entrar senão polo tauoleiro que primeiro entrarão, n'elle fizerão minas de poluora cubertas com terra por nom dar força ao baluarte, e chegando os rumes os deixarão entrar, que se encheo o tauoleiro d'elles, que fortemente pelejauão com os nossos que lhe defendião a entrada; mas com o muyto fogo das panellas que lhe deitauão, as minas tomarão fogo, que os refinou pera o ar mais de cento d'elles, e outros muytos escaldados, ardendo nas roupas, com que se deitarão ao mar. Ao que os nossos sayrão ao tauoleiro com elles ás lançadas, com que lhe fizerão muy máo lauor, com muyta ajuda que fazião os tiros da forteleza e espingardaria: com que os rumes forão muyto mais desbaratados que de primeiro. Do que o capado foy muy airado, e mandou a Coje Çafar que de dia e de noyte tirassem as estancias, até que a forteleza fosse rasa, e pudesse entrar toda a gente e a tomar logo.

Em quanto assy durou o combate do baluarte, que seria duas horas, virão da forteleza estar sobre as ameas do baluarte hum homem armado de todas armas brancas, muy luzentes; e nunqua se bolio d'onde estaua em quanto durou a peleja, e acabado desapareceo: do que o capitão, e todos, tinhão muyta paixão, vendo que nom pelejaua, e estaua sobre a porta olhando como os outros pelejauão. E sendo os rumes hidos, Antonio da Silueira mandou lá huma almadia saber como ficarão do combate, em que ouve dous mortos e oito feridos; e lhe mandou dizer que hum homem fremoso d'armas brancas, que olhaua sobre a porta e nom pelejaua, que lhe mandasse dizer quem era. Antonio de Sousa lhe mandou dizer que na sua companhia nom auia homem armado de todas armas brancas; o que assy era verdade. Polo que então crerão, com louvores, que era o apostolo Santiago que com sua vista os visitaua. Depois, d'ahy a tres noytes, os do baluarte virão, estando de noyte vigiando, que andaua na caua da forteleza hum fogo como huma tocha, e o virão muytas vezes; e hindo 'almadia ao baluarte perguntou Antonio de Sousa aos d'almadia que era o que fazião todolas noytes com fogo na caua. Disserão os homens da forteleza que tal nom auia, que nunqua elles o fizerão, nem nunqua tal virão de nenhuma vigia. Com o que todos derão louvores a Nosso Senhor, que os visitaua com milagres do seu

grande poder; do que todos tomarão muyto esforço. E porque hum nayque dos canarys, homem gentio, [1] * estaua * de noyte vigiando meo dormindo, vio huma molher portuguesa muyto fremosa com hum menino no collo, que lhe fallou, e lhe disse: « Vigia bem, e dize aos portugue- » « zes que nom ajão medo, que este meu filho os ajudará. » Do que o nayque, muy espantado, acordando bradou logo dizendo o que vira, e o andou dizendo a todos, e se foy á igreija e se fez christão.

E pera Nosso Senhor muyto mais mostrar suas marauilhas, os escrauos que estauão fazendo a poluora, e trabalhauão com a pedra e madeira, hum d'elles agastado do trabalho, disse: « Dou 'o démo estes » « rumes, que nom acabão já de tomar esta forteleza, e acabaremos com » « tanto trabalho de dia e de noyte. » O que ouvido polos outros todos arremeterão a elle, e o atarão de pés e mãos, e arrastando o leuarão ante o capitão, com grande accusação das palauras do que dissera. Do que o capitão deu muytas graças a Nosso Senhor, e disse que fizessem d'elle o que quigessem, e que assy o fizessem de qualquer que outra alguma cousa assy dissesse; e elles ás pancadas o matarão, e * o * forão deitar polas ameas fóra ao mar. O que he cousa assaz pera notar.

Aos vinte e noue d'outubro, no quarto d'alua, sentirão os da vigia bulir com madeira ao pé do baluarte do capitão. Então deitarão huma panella de poluora, [2] * pera com * a claridade verem o que era, e virão gente com escadas; o que disserão ao capitão, e crerão que ordenarião combate pera outro dia. Pera o que logo se apercebeo a gente nas estancias com panellas e roquas de fogo, e no baluarte muyta agoa pelo chão, que indaque caysse n'elle poluora se nom acendesse, e na sala das casas do capitão se puserão bons espingardeiros com Francisco de Vascogoncellos, que erão mais de trinta; e proueo todolas estancias da banda do mar, que tudo estaua muy derribado, do que os nossos se muyto temião; e pôs vigia pera o mar, a ver se as galés se mouião a entrar; e proueo tudo o milhor que ser pôde; e mandou a Cide de Sousa que com os homens casados, que serião cinqoenta, fosse guardar a barroqua da banda do mar. E toda a noyte se gastou n'estes apercebimentos, e o capitão, com corenta homens, se pôs no terreiro ao pé do baluarte, pera acodir onde comprisse, onde [3] * tinha * muytas panellas e rocas de fogo; e

[1] * estando * Autogr. [2] * pera que com * Id. [3] * ti * Id.

mandou fazer grande fogo no baluarte e em todas as estancias, pera acenderem os murrões; e tudo foy posto a bom concerto, e o capitão sempre com muyto contentamento e prazer, fallando e zombando com todos, como cousa de festa.

CAPITULO XV.

DO PRIMEIRO COMBATE QUE OS RUMES DERÃO AOS DA FORTELEZA, ENTRANDO EM CIMA DO BALUARTE CAYDO, ONDE A PELEJA FOY DE LANÇADAS E COTILADAS.

Ao outro dia, que rompia 'alua do dia, sayrão polo rio abaixo muytas barquinhas e fustas com grandes gritas, o que sendo dito ao capitão, elle mandou que todos estiuessem álerta, porque as barquinhas no rio era manha, porque o combate nom auia de ser senão da terra. E assy foy, que acrarando o dia veo hum capitão com mil rumes, que logo sobirão no baluarte, porque já tinhão feyto caminho, e forão pera o cotouello, onde os nossos tinhão feyto o baluarte nouo que já disse. Os quaes rumes sobirão com tres guiões de seda de cores, e huma bandeira grande do sancarrão, com grandes cabelleiras. Estauão no baluarte nouo Antonio Mendes de Vascogoncellos, e Manuel de Vascogoncellos, e Martim Vaz Pacheco, e Gonçalo Vaz Coutinho, e com elles até oitenta homens caualleiros e bem armados, e outros desarmados, e todos muy contentes nos corações com a fé de Christo, e huns fallando aos outros palauras de muyto esforço, e como deuotos religiosos, com grandes corações, derão Santiago nos mouros, em tal maneira que logo forão desbaratados, e muytos mortos, e feridos ás lançadas, e mórmente da espingardaria e fogo das panellas, e o mór feyto foy da espingardaria, porque os rumes ficauão descubertos ás estancias da banda do rio, e tirauão de traués aos que sobião pera o baluarte, e como vinhão pera acostar escadas erão logo todos mortos á espingarda, em maneira que lhas fazião largar no chão. E desbaratados assy este primeiro esquadrão logo acodio outro de dous mil rumes, homens brancos, louçãos de vestidos de grãs e sedas, que chegarão com muyta valentia, *e* poendo seus guiões cometerão muy fortemente os nossos, porque vião que já alguns estauão feridos e cansados;

ao que acodio o capitão com os seus corenta homens que tinha de sobresalente, o qual sendo visto dos capitães que estauão no baluarte o nom consentirão, e o fizerão tornar a decer do baluarte, dizendo que elles nom consentirião que elle pelejasse, porque em quanto elle fosse viuo elles nunqua serião vencidos. O qual se tornou pera baixo, d'onde daua auiamento a tudo, e lhe dauão a elle recado, de tudo o que se passaua polas outras estancias, moços que pera isso andauão correndo por todas as partes: e em tudo tinha cuidado e vigia pera acodir.

Mas toda a pressa era no baluarte. As molheres trazião as panellas e callões que tinhão, e as enchião de poluora, e as dauão aos do baluarte e das estancias, fallandolhe palauras prazenteiras com o esforço que tem as molheres nas apressões, trazendolhe pucuros d'agoa, bolos, filhós. Os rumes cometerão entrar por cima da parede do baluarte, o que, se sobirão, fôra muyto mal; mas, cometendo elles a parede, os nossos lhe fizerão o recebimento de fayns de tal sorte, que os fizerão tornar a saltar pera trás sobre os outros, onde se tanto emburilharão huns com outros, sobre os quaes os nossos acodirão com callões de poluora, com que lhe fizerão tanto mal com que todos forão em desbarato. No qual feyto sobre a parede fiqou morto Gonçalo Vaz Pacheco, e seu sobrinho Antonio Mendes de Vascogoncellos e Rodrigo de Proença, e outros, que todos forão onze, e muytos feridos. E recolhidos estes, sobreueo outro terceiro esquadrão d'outros dous mil homens, onde já quando estes chegarão já o capitão tinha remudada a gente do baluarte, e posta outra de refresco, que tomára das estancias; e os cansados mandou pera lá, e todauia ficarão muytos que nom quiserão deixar o cubello. Este terceiro combate foy muy apretado; mas os nossos, polo perigo em que vião suas vidas, lhe fizerão tão triste recebimento que acharão n'elles as forças dobradas do que cuidarão, em tal maneira que foy desbaratado este terceiro esquadrão em menos tempo que os primeiros, e muyto pior tratados que os outros; porque o mór feyto d'estes foy fogo das panellas, com que se os rumes nom sabião dar acordo. Durarão estes combates em rompendo o dia até as onze horas, em que no baluarte ficarão muytos rumes mortos, e aleijados do fogo, e em baixo, ao pé do cotouello, muytos d'elles; onde jazia hum rume capitão, que elles muyto trabalharão polo leuar, que inda bolia, mas os nossos com as espingardas lhe fizerão tal vigia que ally derribarão oito sobre elle. N'este dia morrerão dos rumes, gente limpa,

setecentos homens, e feridos mais de mil. N'estes combates ajudou muyto o baluarte do mar, que com hum tiro de hum camello matou mais de vinte quando cometeo o primeiro esquadrão, e com medo d'este tiro nom ousauão os rumes a cometer tanto. E porque os nossos tiuessem mais que entender, tambem vierão a combater polo mar quatorze galés, e se puserão junto da barra, donde tirauão com basaliscos tiros mortos per onde podião acertar. Quis Nosso Senhor que nenhum mal fizerão; mas do baluarte de Francisco de Gouvea tirauão ás galés com duas peças grossas, que acertarão em duas d'ellas e as arrombarão, e afastandose fazião tanta bomba que se ouverão de hir ao fundo. N'este dia forão mortos dos nossos vinte e tres, e feridos mais de cento e cinqoenta.

Auia em Dio, na forteleza, hum pobre homem com que todos zombauão, e lhe chamauão o Villão, e Antonio da Silueira com elle muyto zombaua, e o dia que chegarão os rumes disse Antonio da Silueira, fallando com elle: «E que fará agora o Villão, que aquy são os rumes» «comnosco?» Elle respondeolhe polos consoantes, dizendo: «Ora aquy» «são agora os rumes. Vejamos que fará agora o Silueira com estes seus» «escudeiros; que, á bofé, o villão nom se nom ha d'esconder, que dian-» «te ha de andar.» Este homem em todolos feytos que se achaua fez * taes * feytos que de todos era muy honrado, * e * em muyta estima, porque onde elle pelejaua cortaua com a espada, e feria com a lança de tal sorte, que fazia espanto; com que de todos era muy estimado, e todos lhe fazião muyta honra. O qual aquy n'este dia, em que fez móres façanhas, foy morto de huma espingardada que lhe derão pola cabeça; do que todos ouverão muyto pesar, e muyto mais que todos o capitão, dizendo: «Grande perda perdemos em hum tão valente praceiro, que se elle vi-» «uêra eu o fizera que elle valêra muyto.»

CAPITULO XVI.

DA FALLA QUE ANTONIO DA SILUEIRA FEZ Á GENTE, VENDO QUE ESTAUÃO TEMEROSOS DO COMBATE PASSADO.

PASSADO assy este primeiro combate, ficarão os nossos tão cansados, e desmaiados, vendo taes homens mortos e tantos feridos, que nom poderião pelejar se outro combate lhe tornassem a dar, que ficarão todos com muyto medo que o nom poderião registir, e que perderião a forteleza; e mórmente que sentião já que faltaua a poluora, e panellas pera ella, que era a mór defensão que tinhão; porque n'este dia do combate se gastarão quatrocentas que auia: o que o capitão sómente sabia, e o tinha em muyto segredo, por nom desacoroçoar a gente; porque em tudo o capitão tinha muyto auiso no que lhe compria. E já nom auia na gente mais esforço que sómente cuidarem que se os rumes ouvessem d'aguardar pera pelejar com o Visorey, já nom quererião mais pelejar com a forteleza, por se nom desbaratarem da gente mais do que estauão, que tinhão já muyta gente menos, mortos e feridos, e que se outro combate dessem, e nom tomassem a forteleza, de todo ficarião perdidos; polo que, se determinassem tomar a forteleza, e déssem outro [1] * combate, pera isso * virião quantos rumes ouvesse n'armada; o que se assy fosse se dauão por perdidos, pois já nom tinhão com que se defender. E isto era antre todos praticado por muy certo.

N'este dia do combate, á tarde, todolas galés a remo se forão além do baluarte, e puserão as proas na terra, onde elles sempre fazião agoada. O que vendo os nossos, de todo cuidarão que vinhão ally pera toda a gente sayr em terra, e virem dar o combate: com que todos forão em muyta trouação. O capitão sentio bem a trouação e desmayo da gente, vendolhe os rostros muy tristes. Junto do baluarte, onde estauão muytos homens praticando na cousa, o capitão lhes fallou a todos, com o rostro muy alegre, dizendo: «Senhores, estou espantado veruos tristes, e»

[1] * combate que pera isso * Autogr.

«nom muyto ledos, pois tendes visto quanto nos Deos estima, n'este tão»
«honroso feyto que pera nós gardou, pera ganharmos a todos quantos»
«n'estas partes são feytos polos portugueses; mostrando por nós sinaes»
«milagrosos de suas grandezas, sendo nós aquy tão pouqos, em huma»
«casa tão rota como temos esta forteleza. E folgo de assy estar pera»
«que nossos imigos nos cometessem como fizerão, do que em suas»
«carnes leuarão sentimentos e sinaes de nossas lanças e espadas, (que»
«nunqua atégora tinhão provado das mãos dos portuguezes) que sem-»
«pre terão que contar per onde forem, e nossas honras pera sempre»
«serão enxalçadas, pois assy temos tantas portas abertas, e as defende-»
«mos a tanta moltidão d'imigos como ante nós temos; sendo nós tão»
«pouqos. Polo que a Nosso Senhor deuemos tantos louvores os que es-»
«tamos aquy; e [1] *aos* que lh'aprouver leuar pera sy n'esta tão santa»
«obra, [2] *morrendo* martyres por sua santa fé, nos está muy certa»
«sua santa gloria, porque com este trabalho purgamos as culpas de nos-»
«sas almas, [3] *e os que ficarmos viuos*, com a frol e bandeira de to-»
«dolas honras da India, de que a fama durará em memoria dos [4] *ho-»
«mens, a ganharemos pelejando* por nossa ley e nosso Rey. Nom sey»
«porque nom sentis o muyto poder que nos Deos dá, que nos combates»
«em que de cadauês elles vierão com dobradas forças, de cada vez vos»
«detiuestes menos em os desbaratar, hindo tão lastimados de vossas»
«mãos! Com que bem vereis quão poucas forças e corações agora terão»
«pera nos tornar a cometer. Portanto, estêmos todos muy prestes e esfor-»
«çados pera o remate de nossas honras, como o Senhor Deos cada vez»
«nos mais acrecentará, porque esta obra he sua, e nós seus filhos, com-»
«prados por seu sangue. E pois isto he verdade, rogouos muyto que»
«ninguem mostre tristeza, antes que todos folguemos, gritando e apu-»
«pando, e cantando e foliando, que cuidem nossos imigos que sabemos»
«nós o mal que lhe fizemos.» O que a todos assy pareceo muyto bem, e com animos nouos se tornarão muy esforçados, e todos com lagrimas d'alegria se abraçauão huns com outros, com palauras de muyto amor; porque n'este tempo todos huns a outros nom se fallauão senão como homens religiosos, e dizendo: «Deos vos salue, Deos vos guarde, Nosso

[1] *os* Autogr. [2] *morrer* Id. [3] *e aos que ficamos viuos* Id. [4] *homens ganhamos pelejando* Id.

Senhor estê comuosco», sempre com as contas ao pescoço, e o liuro e orações no seio, e com muyta castidade; e assy as molheres rezando corrião as estancias, fallando com os homens graças e palauras d'esforço. Cada hum s'encomendaua a Deos de todo o coração e vontade, e se confessauão e comungauão, e em todo muy esquecidos das cousas d'este mundo, como se forão de santa religião. E como que era já o derradeiro estado de suas vidas, se vestirão todos do milhor que tinhão. O capitão mandou poer muytas bandeiras, e tanger as trombetas, e pifaros, e atambores nas estancias.

CAPITULO XVII.

DE COMO EM DIO, PER ANTRE AS GALÉS, ENTRARÃO QUATRO CATURES COM POLUORA E MONIÇÕES.

Estando n'estas cousas, n'esta noyte entrarão dous catures que de Baçaim mandou Gracia de Sá: em hum Antonio de Sá, o Rume d'alcunha; e no outro Antonio de Sá, ambos sobrinhos de Gracia de Sá. Nos quaes forão vinte e cinco homens espingardeiros, e bem armados, com quatro pipas de poluora, e muytas panellas cheas, e murrões, assy como Antonio da Silueira lhe mandara pedir: com o que todos ouverão muyto prazer, e a festa se fez mais de vontade; de que os mouros estauão espantados *do* que podia ser. E n'esta mesma noyte, em rompendo 'alua, entrarão per antre as galés outros dous catures, tirando muytas espingardas, e das galés a elles, os quaes mandaua Simão Guedes, capitão de Chaul. Em hum *vinha* Jorge de Mello Punho, e no outro hum seu irmão, ambos filhos de Ruy de Mello, o Punho; os quaes armou Martim Afonso de Mello, que estaua auiando os nauios de Chaul. Os quaes catures leuarão trinta homens, e outras quatro pipas de poluora, porque em cada catur nom cabião mais que duas; e leuarão muytas panellas, e bombas, e lanças de fogo: com que se o prazer muyto mais aluoroçou. O que todo foy dito ao capado, dos catures que erão entrados, e dos prazeres que os nossos fazião, e as bandeiras que tinhão postas, que nom podia ser senão que tinhão certa noua de secorro que lhe já vinha. O

capado, como era perro velho, respondeo: «Nos catures nom veo tanto» «secorro que com rezão nos portuguezes aja tanto prazer; sómente fa-» «zem elles isso de já estarem mortaes, de muyto medo do combate que» «lhe agora mandarey dar, pera o qual nom fique homem em toda es-» «t'armada que lá nom vá.» E logo mandou a Coje Çafar que fizesse prestes toda sua gente, e lh'entregou huma bandeira grande de seda, de seu Mafamede, e mandou ao seu capitão mór do mar que fosse com Coje Çafar, com tres mil homens, os milhores d'armada, que fossem os dianteiros, e Coje Çafar lhe fosse nas costas com quatro mil dos seus; e que ao outro dia pola menhã lhe tomassem a forteleza ou morressem todos. Do que Coje Çafar ouve muyto prazer, esperando que a forteleza em todo o caso seria tomada, o que nom seria tão leuemente que dos rumes nom ficassem mortos e feridos a mór parte d'elles, sobre os quaes elle daria com os seus, que pera isso nom acuparia muyto no combate, e mataria todolos rumes, e ficaria em posse da forteleza, e vendo o capado tal desbarato, temendo a vinda do Visorey logo se faria á vella e tornaria pera Meca; e então elle com ElRey de Cambaya faria seus partidos como ficasse senhor de Dio. Este mesmo coração tinha o Lurcão, que estaua no campo com sua gente muy prestes, pera que vendo a forteleza tomada acodir com sua gente apellidando o nome do Rey de Cambaya, e matar quantos achasse dentro, e se apossar da forteleza; polo que sabia certo que ElRey lhe faria quanta mercê lhe pedisse. E n'estes pensamentos, que nos corações erão conformes, assy o mesmo tinha o capado, maginando que sendo a forteleza tomada elle se apossaria d'ella, em que se faria muy forte, e recolheria no rio su'armada, em que lhe nom empenceria o Visorey, se viesse; e d'ahy se faria tão forte que tomaria Cambaya, e toda a India, com muyta gente que lhe mandaria o Turquo.

CAPITULO XVIII.

DE COMO VEO CATUR DE DIO AO VISOREY, QUE CONTOU O GRANDE APERTO EM QUE ESTAUA A FORTELEZA, QUE NA GENTE D'ARMADA FEZ GRANDE ALUOROÇO E OUNIÃO, PORQUE O VISOREY NOM ACODIA. E OUTRO GRANDE COMBATE QUE SE DEU Á FORTELEZA POLO MAR E POLA TERRA.

O Coje Çafar e o capitão do mar se ordenarão pera o combate, com muytas escadas, pera entrarem por todolas partes per onde pudessem; e se desembarqou muyta gente. O que vendo Antonio da Silueira bem conheceo que se ordenaua outro combate, e logo despedio hum catur ao Visorey, em que lhe mandou dizer, per sua carta, que os homens do catur lhe dirião quejandos ficarão do outro combate; mas que agora se ordenauão os rumes pera lhe darem outro, no que seria o que Nosso Senhor quigesse. Pera o que auia por escusado mais chamamentos, porque abastaua mandarlhe dizer o ponto em que estaua; e o secorresse, se o tinha na vontade, e nom ouvesse desculpa dizer que nom sabia que estaua em tanto aperto, como estaua. O qual catur sendo chegado á barra de Goa, onde o Visorey estaua embarcado com toda a gente auia vinte dias, sabidas as nouas dõ catur em toda' armada, ouve grande ounião e aluoroço, porque o Visorey nom queria partir, com achaque que aguardaua por dom Pedro, que vinha de Cochym com vinte e duas vellas, e tinha recado que era já passado de Cananor; e por isso todos bradauão que emtanto o Visorey partisse pera Dio, o que logo auião de saber os rumes, e se recolherião pera o mar, com que desapressarião a forteleza. Mas isto ninguem o fallaua ao Visorey, que o temião por maniacolo e muyto agastado, e se alguem isto lhe tocaua em pratica por semelhas, elle os atalhaua com taes respostas que mais lhe nom ousauão a fallar.

Como o capitão despedio o catur fez prestes as estancias de todo o que podia, e mórmente o baluarte do cotouello, onde auia a mór entrada, e aquy auia de ser a mór pressa, onde pôs oitenta homens, os de mór confiança que tinha e milhor armados, e ordenou corenta que tambem aquy acodissem, se os rumes nom cometessem por outra parte; e de

noyte mandou huma almadia a saber o que fazião as galés; e tornarão dizendo que deitauão a gente fóra, com que os nossos se certificarão que auia de ser combate: com que cada hum s'encomendou a Deos. Ao outro dia, amanhecendo, desparարão todolas estancias quanta artelharia tinhão, o que acabado, com grandes gritas e grão numero d'espingardaria cometerão a entrada do baluarte, onde sobirão com doze guiões de muytas cores, e a bandeira do Mafamede, com oitocentos rumes, que mais nom cabião no baluarte e podião entrar sem escadas. Afóra estes, outros rumes cometerão a sobir per outras partes com escadas; mas todos tornarão muy mal escaramentados. Os nossos, enuocando o nome de Santiago, remeterão a receber os rumes com tanto coração que logo todos forão enxorados, em tombos huns per cima dos outros, com grão numero de panellas e bombas de fogo com que os queimarão, de que muytos cayrão em baixo na caua aleijados do fogo; o que indaque isto virão os outros nom deixarão de se dobrar e tornar a cometer tão prestesmente, que, não tendo os nossos panellas, os receberão nos fays: em que a cousa foy muy trauada de cotiladas e lançadas; onde a contenda assy durando, chegarão doze galés a dar bataria ao baluarte do mar, polo estrouar que nom tirasse aos rumes que sobião ao baluarte, que os tomaua em descuberto e lhe daua muy máo trato. Mas do baluarte responderão ás galés per tal maneira, que muy escandalisadas as fizerão arredar. Os nossos assy pelejando acodirão com as panellas de poluora, o que como elles as virão logo recuarão muy depressa, com que os nossos os deitarão outra vez fóra do muro; mas vendo os rumes que os nossos erão tão pouqos, se tornarão a refazer com muyta mais gente, e se ordenarão deuagar, em quantó vierão tres albetoças e muytos batés pera cometer o baluarte do mar, e as doze galés com muytos tiros contra a forteleza, por assombrarem a gente. E os mouros se ajuntarão todo o restante do arrayal, o que seria já ás dez horas do dia; o que os nossos vendo, forão em muyto temor, porque auia ja muytos feridos e estauão muy cansados. N'este pouqo espaço em quanto se os rumes assy concertauão, o capitão andaua antre todos com muyto prazer, e as molheres com o que tinhão que comer; e mandou o capitão deitar mea pipa de poluora assemeada no baluarte onde os rumes sobião, os quaes sendo prestes tornarão a cometer a sobida, com muyto mór furia e valentia que nunqua; mas á primeira salua que lhe os nossos derão, que foy de

panellas, acendeose o fogo na poluora debaixo dos pés d'elles, com que cayrão do muro abaixo mais de cento, mas, comtudo, os outros arremeterão com os nossos tão fortemente que algum tanto os nossos tornarão atrás, e muytos rumes subirão no muro, bradando aos de fóra: « Vitoria! vitoria! que tomada he a forteleza. » O que tambem ouvirão os que estauão dentro na forteleza; ao que se aleuantou muy grande grita em todolas molheres e mininos, com que todos acodirão ally, onde o capitão acodio, e muytos escrauos que muy fortemente ajudauão, e vierão os corenta homens das outras estancias, que estauão ordenados, e chegando folgados cometerão os mouros com [1] * terriuel * furia, e cobrando os nossos nouo esforço foy a batalha mais foriosa do que nunqua foy; porque os mouros bem vião que se d'ally tornauão auia de ser com muyto mal seu. N'este ensejo veose meter antre a gente huma molher portuguesa, per nome Anna Fernandes, casada com hum bacharel de medicina, a * qual * trouxe nas mãos hum retauolo da imagem de Nossa Senhora, bradando: « Ah! senhores, olhay que Nossa Senhora vos vem aquy se- » « correr, e ajudar com seu bento filho, per quem vós pelejaes. Esfor- » « çay, filhos de Jesu Christo, que elle he comuosco! » E posto que estas palauras nom erão muyto ouvidas, mas vendo a imagem de Nossa Senhora, cobrarão tanto coração que arremeterão com os rumes tão fortemente que os fizerão tornar atrás; mas a espingardaria d'ambas as partes era tanta que nenhum tinha sentido no que fazia, sómente o entendimento em Deos, esperando cada momento que lhe daria a morte, de que muytos estauão caydos antre seus pés. Mas a Nosso Senhor aprouve dar forças aos nossos, com que os mouros forão todos mortos e feridos em cima no baluarte, que nom tiuerão lugar pera entrar outros; com que logo afroxarão, e se afastarão por se guardarem dos tiros do baluarte do mar, que muyto bem despedio as albetoças, que os batés nom chegarão.

Huma molher casada com hum Rafael Lourenço, que primeiro fôra turqua, se vestio nos vestidos de seu marido, e pôs huma espada na cinta e hum capacete na cabeça, e com huma lança nas mãos se foy ao muro onde estaua seu marido, dizendo: « Senhores, agora vereis pera quão » « pouco são estes perros; que eu sey quem elles são, que nacy antre » « elles, e aquy me verês pelejar com elles. » Outra molher portuguesa,

[1] * tanta * Autogr.

chamada Catharina Moreira, em trajos d'homem, com huma chuça nas mãos se foy onde os nossos * estauão * pelejando, dizendo: « A elles! » « a elles, senhores, que são infiés á fé de Christo, e cães, e vós sois por- » « tugueses tão nomeados; que nunqua os bons forão vencidos, e assy » « agora sereis vencedores. » E n'isto lhe derão huma espingardada polas costas, que a derribarão. Ella se tornou logo a leuantar, dizendo: « Nom » « he nada. » E se foy curar. Certamente que as molheres da terra, e portuguesas que estauão na forteleza, todas são dinas de onorosa fama, porque sem duvida sua ajuda foy grande no trabalho corporal, no acarreto da pedra, e barro, e terra, e agoa que tirauão do mar, com que se amassauão os entulhos dos contramuros; e então moer e amassar, e fazer todolos comeres que podião, que leuauão ao muro aos que pelejauão e vigiauão. E acodião ao muro quando os nossos pelejauão, e aos feridos tomauão nos braços e os leuauão a suas pousadas, e concertauão as camas, e o mestre os curaua, e ellas tinhão cuidado de os visitar de todo o que lhes compria, assy de dia como de noyte, com tanto amor e boa vontade como se forão propios filhos; e tudo com tanta vertude e bondade como santas religiosas. E algum tempo, se tinhão espaço, humas com outras se ajuntauão, e em joelhos, com sua familia e filhos em procissão se hião á egreija, * e * com piadosas lagrimas a Deos pedião misericordia. Assy que, com muyta verdade, se póde estimar 'ajuda que ellas fizerão que he de tanto louvor casy como dos bons caualleiros, que com seu sangue, e trabalhos, fizerão tanto seruiço como foy este n'esta forteleza.

CAPITULO XIX.

DE COMO OS NOSSOS CONTRAMINARÃO HUMA MINA QUE OS RUMES TINHÃO FEYTA, E 'ATOPIRÃO.

N'ESTE combate forão mortos trinta e oito portuguezes, afóra alguns escrauos e canarys, e feridos mais de duzentos, alguns d'elles que depois morrerão; e se gastarão todolas panellas, de que ficarão muy pouqas, e se gastarão as pipas de poluora, de que fiqou muy pouqa, de que ninguem tinha o agastamento senão o capitão, que elle só o sabia, que ti-

nha as chaues, e quando hião tirar poluora elle só entraua na casa e a tiraua fóra, por ninguem saber quanta tinha dentro. Mas esta paixão que elle tinha ninguem lho entendeo; e busqou achaque com que mandou tirar a poluora de hum espalhafato, e d'outros tiros, de que mandou encher panellas. N'este dia do combate, á tarde, se leuarão todolas galés e a remo se forão pôr com as proas em terra além do baluarte do mar, onde ellas sempre fazião agoada. O que vendo os nossos, crerão que se vinhão ally pera de noyte deitarem toda a gente fóra, e lhe darem o derradeiro combate. Do que os nossos estiuerão em grande vigia toda a noite, e amanheceo, e nom veo ninguem combater; mas sayo muyta gente da cidade, que se foy pera as galés. As escadas jazião pola praya, que erão mais de vinte, largas e fortes, que podião por ellas sobir quatro homens juntos; com roldanas nos cabos. E todo o dia assy estiuerão em callada até noyte, que por dessimularem sua partida tornarão a picar o muro, com muyta gente e muyta espingardaria. E pera saber o capitão o que fazião mandou lá Antonio da Veiga, feytor, com cincoenta homens, os milhor armados, e lhe disse, que auendo lugar, désse nas estancias, e em tanto algum homem fosse ver o que picauão no muro: ao que se offereceo pera hir ver hum alfayate, per nome Manuel Aluares. Deu o feytor nas estancias, e pôs fogo nas ballas dos algodões, onde nom achou defensão; e o alfayate foy vêr, e achou a mina feyta, com que os rumes já erão no meo do entulho, e acodindo alguns rumes os nossos derão n'elles e matarão alguns, e os outros fogirão, e os nossos se tornarão a recolher sem nenhum perigo. E sabendo o capitão que auia mina mandou contráminar com os pedreiros, que «ao» meo dia forão dar com a mina, a qual logo foy entulhada de barro e pedra, que quando amanheceo a obra era acabada.

CAPITULO XX.

DE COMO A DIO CHEGOU CATUR COM CARTA DO VISOREY QUE LOGO PARTIA PERA O SECORRER; E COMO MANDOU ANTONIO DA SILUA DE MENESES COM 'ARMADA DE FUSTAS [1] * PERA O * RIO DE MADREFABÁ, E O QUE FEZ.

Em domingo, tres de nouembro, entrarão em Dio dous catures; em hum Aluaro de Sequeira, e no outro Antonio Fernandes, ambos malauares, os quaes disserão que erão da companhia d'Antonio da Silua, que vinha atrás, que se hia ao rio de Madrefabá; * e * que era o que mandaua que fizesse: do que Antonio da Silua mandou huma carta ao capitão, e elle mandou dizer que lhe mandasse cem homens e quanta poluora e panellas trazia. E partido o catur com este recado, ventou tanto vento que o catur descarregou, e em tres dias nom chegou onde estaua Antonio da Silua, o qual o Visorey mandára, porque quando Nuno da Cunha fazia prestes os catures pera mandar a Dio com a poluora, tinha ordenado, pera que milhor pudessem entrar no rio, que fossem com elles vinte fustas, as milhores de vella e remo, as quaes déssem vista ás galés dos rumes, com o que se elles aluoroçarião, crendo que hia 'armada, na qual enuolta entrarião os catures mais a seu saluo; o que o Visorey nom quis fazer quando mandou os catures, e quando agora lhe foy o catur, que lhe deu a noua do primeiro combate e o apreto em que estaua, então ordenou mandar as fustas, que forão vinte, e com ellas quatro catures de vigia que sempre fossem diante, e por capitão d'ellas Antonio da Silua de Meneses, a que mandou que se no caminho achasse noua certa que os rumes erão aleuantados de Dio logo se tornasse pera Goa. Porque o Visorey, sabendo que dizião mal d'elle porque nom hia buscar os rumes, em pratica dizia: « Se os rumes fossem tão auisados » « que partindo eu pera Dio elles se aleuantassem, e em huma noyte e » « hum dia se viessem meter n'este rio de Goa, que fariamos? E quem » « d'este desastre daria boa escusa? » E por isto assy em pubrico disse

[1] * que ao * Autogr.

'Antonio da Silua que achando alguma noua logo se tornasse, e mandou que hum catur se fosse além de Dio, e lá no mar estiuesse, pera dar auiso aos nauios que viessem d'Ormuz pera que nom fossem a Dio, como de feyto aproueitou a tres nauios de portugueses que pera lá hião; e outro catur mandou que fosse diante a saber nouas, e que as tornasse a dar a Antonio da Silua; e polos catures que forão a Dio mandou o Visorey huma carta que logo partia após Antonio da Silua, porque dom Pedro, por que esperaua, vinha já em Baticalá. Antonio da Silua foy caminho de Dio e mandou os catures, que entrarão na forteleza, como já disse. Das entradas dos nossos tinha o capado muyta paixão, porque lha nom podia defender, e bem lhe parecia que pois os catures nom temião a entrar no rio per antre as suas galés, que muyto menos nossa armada arrecearia de o hir buscar e lhe dar a batalha: do que elle estaua muy temorizado, e tinha grande vigia no mar de noyte e de dia. E nom ha que duvidar senão que esta tão honrada preza se perdeo por mingoa de os nom hirem buscar.

CAPITULO XXI.

DE QUANTA ARMADA E GENTE SE AJUNTOU NA BARRA DE GOA, COM A QUE DOM PEDRO DE CASTELLO BRANCO TROUXE DE COCHYM, E OS CRAMORES DA GENTE PORQUE O VISOREY NÃO SECORRIA A FORTELEZA.

Porque sendo partido Antonio da Silua d'ahy a seis dias chegou dom Pedro, auendo vinte dias que o Visorey dizia que aparecendo dom Pedro elle se faria logo [1] • á vella, com a • chegada de dom Pedro se acabou d'ajuntar quanta armada 'via, que toda estaua na barra de Goa, que foy esta, a saber: oito naos grossas do Reyno, e a Taforea, que era da sua grandeza; e treze nauetas pequenas, as mais d'ellas d'homens riquos tratantes; e quatorze galeões, antre grandes e pequenos; e cinco carauellas latinas, e oito redondas; e quinze galés, e galeotas, em que entrauão algumas cambaiezas, que se tomarão em Dio ao Badur; e treze ga-

[1] • á vella onde com a • Autogr.

lés reaes; e a galé bastarda, e onze bargantis de postiça como galeotas, latinos; e duas albetoças; e dezoito fustas grandes; e quarenta e quatro catures e fustinhas: que todas fazem soma cento e cincoenta e duas vellas, afóra as vinte e quatro peças que leuara Antonio da Silua, e huma galé que estaua em Baçaim, em que estaua Martim Afonso de Mello, e huma sua fusta, [1] * que * d'ahy a pouqos dias tambem veo a Goa, e outros nauios que auia em Baçaim e Chaul, que lá estauão aguardando polo Visorey. N'esta armada auia, por rol do apontador dos mantimentos, cinco mil homens d'armas, afóra a gente do mar, que sempre passarião de mil e quinhentos; na qual gente bem aueria tres mil homens da India, e gente limpa e pera grande feyto, que bem abastauão pera a batalha dos rumes. [2] * O Visorey pôs em conselho * o modo que teria na batalha, e assentou que seu filho [3] * dom Aluaro * fosse no galeão São Mateus com sua bandeira, e Martim Afonso de Sousa diante de toda 'armada na galé bastarda, e após elle todolas galés, e atrás ellas as galeotas; e que abalroando huma galé que huma galeota lhe fizesse ajuda; e após as galeotas * fossem * os bargantis e fustas grandes. E as naos do Reyno fossem afastadas nas bandas, e a Taforea, e albetoças, e nauios, e carauellas redondas, tantas a huma parte como a outra, pera abalroarem polas bandas. E que as carauellas latinas, que se remauão, e os catures, ficassem de fóra; as carauellas pera acodir onde comprisse, e os catures, sendo á vista d'armada, se desemmasteassem, e metessem os mastos amarrados na enxarcea dos nauios grandes; [4] * os * quaes catures hirião muito esquipados de bons remeiros, e em cada hum seis portugueses espingardeiros, e com muytas panellas de poluora e artificios de fogo. E que como os rumes fossem perto pera abalroar, e os catures os cometessem por popa com as espingardas aos que [5] * gouernassem, para lhe deitar fogo, os * bargantys, que erão sotis e perigosos, tomando as vellas andassem a remo, e acodissem 'ajudar onde vissem necessidade; e o Visorey auia de andar só em hum catur de bandeiras todas brancas, por ser conhecido, e andaria provendo no que comprisse. O que se a Nosso Senhor aprou-

[1] * e * Autogr. [2] * O Viso Rey se pôs em conselho * Id. [3] No original está *D. Bernaldo*. Parece ser lapso de penna; posto que D. Garcia de Noronha tivesse outro filho chamado D. Bernardo. [4] * nos * Autogr. [5] * gouernassem e lhe deitar fogo e os * Id.

vera que n'isto nos viramos, nom ha duvida senão que o dia ouvera de ser assaz triste, mas fôra muy alegre a quem viuo e são ficára; muy triste ao cometer, e de tanta alegria ao acabar, porque Nosso Senhor, por sua muyta piadade, ajudára aos seus, mas ahy ouvera assaz de sangue, e almas passadas. E os calures ouverão de fazer grande obra, porque agoniando as galés dos rumes por popa, com que lhe tolherião o bom gouernar, logo ouverão d'entrar em desbarato. Nosso Senhor sabe o porque lhe aprouve que esta cousa nom viesse em effeyto. Auia n'esta armada auondança de poluora e monições de fogo, artelharia pouqa, que em toda 'armada nom auia quatrocentas peças grossas, que com as miudas de falcões e berços nom auia mil tiros de fogo em toda 'armada, * mas * os que auia erão assaz, porque a estoria das bombardadas nom ouvera de ser muy longa, por * que * a mór saluação ouvera de ser o abalroar, e toda a festa ouvera de ser de lanças, e espadas, e fogo. O que todo assy assentado, era o prazer muy grande em toda 'armada, cuidando que logo partisse; mas elle se deixou estar como estaua, aguardando a gente cada hora que se fizesse á vella, o qué o Visorey tinha muy pouqo em vontade.

CAPITULO XXII.

COMO OS RUMES LARGARÃO OS COMBATES DA FORTELEZA, E SE RECOLHERÃO ÁS GALÉS, E SE TORNARÃO PERA O ESTREITO DE MECA, E COMO ANTONIO DA SILUA, QUE ESTAUA EM MADREFABÁ, FOY A DIO, E D'AHY SE TORNOU AO VISOREY.

As galés dos rumes estiuerão no lugar que já disse, onde a gente estaua toda em terra, e * auia * grande trafego antre todos, e as bárquinhas [1] * hião * de humas a outras, e mudarão algumas estancias, e mantas, que desfizerão. Os nossos estauão com muyto temor, nom sabendo o que querião os rumes fazer, nem se ordenauão algum nouo combate; no que passarão todo o dia até noyte, que foy a reuolta mayor, e rogir carretas, e çalhar, e çallamear, e muyto rumor, e assouiar de 'pitos, como

[1] * hir * Autogr.

que as galés todas querião entrar o rio: 'o que os nossos assentarão que 'armada toda entraua no rio, e o capado com toda a gente vinha pola terra a dar combate; o qual tanto temor pôs aos nossos, que abastara ao outro dia sómente auer hum cometimento, pera de todo se darem por perdidos. E alguns dizião: «Amanhecerá pera nós hum muy triste dia,» «que será o fim de nossos dias; mas nós vendamoslhe esta derradeira» «fazenda a mais cara que pudermos.» Disse hum escrauo, que ahy estaua com seu senhor: «Eu espero em Nossa Senhora que assy será á» «menhã como foy estes dias passados; porque estes rumes de cada vez» «tem leuado o pior, e eu prometo, se á menhã pelejarmos, eu por mi-» «nha mão matar dez, ou morrer logo. E pois eu, que são hum [1] * ne-» «gro, isto * farey ante meu senhor, que aquy está, que fareys vós ou-» «tros, senhores, que tendes a India ganhada com tantos mouros mor-» «tos?»

O trabalho que os rumes esta noyte trabalharão foy em recolher sua artelharia, e a gente, e agoa, e se tornarão a poer onde primeiro estauão, e lá amanhecerão: com que os nossos ficarão muy descansados. Então mandou o capitão Cide de Sousa com gente á caua, onde hum lascarym foy ao longo do muro, e vendo huma estancia sem gente foy a ella, e tomou tres guiões que n'ella estauão, [2] * e veo * dizer a Cide de Sousa que na estancia nom estaua ninguem, e que estaua ahy hum camello de metal. O que Cide de Sousa mandou dizer ao capitão; ao que o feytor se offereceo a hir por elle, e 'o capitão lhe aprouve, e mandou com elle homens com espeques, pera çalharem o tiro e o deitarem em baixo na caua, e lhe defendeo que acima nom fossem mais homens que os dos espeques, que auião de trabalhar com o tiro. E forão lá, e acharão o tiro arrebentado, e todauia o deitarão abaixo. O feytor, esquecido do que lhe defendera o capitão, sobio acima com sua gente. Elle hia desarmado, sómente * com * huma coyra, e gorra e penacho. Nom parecendo ninguem polo campo, veo hum pilouro d'espingarda perdido e lhe deu ao feytor na cabeça, que logo cayo morto: com o qual se recolherão, e o asoterrarão.

Quarta feira, seis de nouembro, pola menhã, as galés se fizerão á vela pera o mar, e sendo huma legoa sorgirão, e esteuerão surtas todo

[1] * negro e isto * Autogr. [2] * e o veo * Id.

o dia, tendo bom vento; e ao sol posto despararão toda 'artelharia pera o mar, e os galeões e naos. Então disse o capitão: « Os rumes descar- » « regão 'artelharia pera a meterem debaixo, e se hirem. » N'esta noyte, no quarto da prima, entrarão no rio dous catures que vinhão de Chaul a socorro; em hum vinha Pero Vaz Guedes, sobrinho de Simão Guedes capitão de Chaul, e no outro Martim Carualho, sobrinho de Antonio Correa feitor de Chaul; nos quaes forão corenta homens espingardeiros, e pipas de poluora, e panellas, e murrões. E sendo o quarto da modorra, os rumes se fizerão á vella, e se forão, que na forteleza o nom sentio ninguem; e amanhecendo, que os nossos nom virão as galés, porque lhe ventou muyto vento da terra, leuante, ouve em todos muyto prazer, e o capitão dando muytas graças a Deos, [1] * disse *: « Trinta annos ha » « que nom vierão rumes á India senão estes, que vierão tão possantes; » « e aprouve a Nosso Senhor fazernos tanta mercê, que não tão sómente » « nos defendemos d'elles antre estas paredes rotas, mas lhe fizemos tanto » « mal, que desbaratados se tornão fogindo. » Então logo mandou Jorge de Mello Punho, no seu catur, que fosse ao longo da costa até Mangalor, a ver se os via; e mandou Jorge de Mello Soares, em outro catur, com hum piloto português, que fosse caminho do Estreito até trinta ou corenta legoas, a vêr se os via, e senão que se tornasse. E mandou Pero Vaz Guedes que fosse dar a noua ao Visorey, e mandou outro catur dizer a Antonio da Silua que viesse, que já os rumes erão hidos; o qual, em lhe dando a noua, mandou catur ao Visorey, a pedir d'aluiçaras nauio pera 'o Reyno leuar a noua a ElRey, porque tanto que os rumes ouverão sentido suas fustas, cuidando que era a sua armada, fogirão; e Antonio da Silua se foy a Dio, e * se * meteo no rio com todas suas fustas, n'este mesmo dia, e Antonio da Silua foy á forteleza a ver o capitão. Onde então da cidade veo hum guzarate, que era corretor d'alfandega, e disse ao capitão que a cidade se despejaua quanto podia, e que no caez estauão huns tiros, que bem os podião hir tomar; porque os rumes queimarão quantos nauios e naos auia na cidade. E o capitão mandou Antonio da Silua que fosse com suas fustas recolher estes tiros, e que se ouvesse quem lhos defendesse que elle hiria logo com a gente da forteleza, porque já mandára fazer a ponte, e se abria o postigo da for-

[1] * dizendo * Autogr.

teleza; ao que logo foy Antonio da Silua. Do que se todos queixarão ao capitão, e lhe disserão que nom era bem hir Antonio da Silua a roubar a cidade, pois que a sua gente, que o ajudarão na [1] * pelleja *, primeiro perderão quanto tinhão, mórmente os casados. O capitão respondeo que Antonio da Silua nom auia de sayr em terra, sómente do mar guardar 'artelharia, que a nom leuassem os mouros; porque como o postigo fosse aberto, e a ponte que se fazia acabada, que elle, com toda a gente, auia de hir á cidade, a ver se poderia tornar 'assentar a paz, de que tinha muyta necessidade. Ao que logo mandou os mercadores que tinha em poder, que metera na forteleza quando os rumes vierão, como já atrás fica.

Antonio da Silua foy, e mandou recado ao capitão que no caes estaua hum camello de ferro, e outros tiros arrebentados, e que a cidade estaua despejada, e que sua gente se desmandára em hir á cidade. O capitão deu pressa em acabar a ponte, e ao meo dia, com toda a gente, sayo fóra, que serião quatrocentos homens, afóra os doentes que ficauão na forteleza; os quaes sendo fóra, que virão quejanda estaua a forteleza, e que podião entrar os meninos e molheres em chapins, dauão todos muytos louvores a Nosso Senhor. E entrando na cidade nom acharão senão velhos e velhas, que os moços todos matauão, que o capitão lho nom podia defender; e chegando ao caes virão que estauão as fustas de Antonio da Silua carregadas de fato que roubarão na cidade, e o capitão lhe disse: «Ah! senhor Antonio da Silua, nós fizemos máo pesar nos» «mouros, e vós viestes fazello no seu fato.» E passou áuante. No baluarte do Pacheco acharão 'artelharia toda arrebentada; o que o capitão encarregou a Gonçalo Vaz Coutinho, o qual a trouxe toda á forteleza.

Tornarão os catures do mar sem auerem vista das galés. Então Antonio da Silua pedio licença ao capitão pera se hir ao Visorey. O capitão lhe disse: «Pera que, senhor, me pedis tal licença? Que indaque» «vos eu mandasse que vos fosses, nom vos deuiês de querer hir, pois» «vedes esta forteleza com os muros todos no chão, e da banda d'além» «está o Lurcão, e Coje Çafar, com doze mil homens nossos imigos, com» «arrayal assentado.» Mas Antonio da Silua, nom dando por nada, se quis hir. Então o capitão lhe fez requerimento por escripto que se nom

[1] * pella * Autogr.

fosse, a elle e aos capitães das fustas, os quaes responderão que o Visorey os mandára sob o mando e bandeira d'Antonio da Silua, que elles farião o que elle mandasse; e o Antonio da Silua respondeo que se queria tornar pera o Visorey, pois os rumes erão hidos, e se nom [1] * sabia * pera onde hirião, e podião hir tomar outro porto na costa da India; que por tanto se auia de tornar ao Visorey, por quanto já na forteleza estaua gente que abastaua. E isto na presença do capitão; e querendo isto escreuer no requerimento, o capitão lho nom consentio, e o rompeo, dizendo que se fosse logo com quantos com elle vinhão, que os nom auia mester; que sómente abastaua o que todos vião como elle estaua, com os caminhos abertos porque os mouros poderião entrar quando viessem, dos quaes elle se defenderia sem ter nenhuma necessidade d'elle, * e * indaque estiuesse no rio o nom mandaria chamar. Com que se o capitão foy muyto agastado, e os capitães das fustas ficarão em contenda com o Antonio da Silua, que fazia erro em deixarem aquella [2] * forteleza * da maneira em que estaua posta por terra, e os mouros em arrayal assentado á sua vista; mas comtudo Antonio da Silua disse que elles fizessem o que quigessem, que elle se auia de hir. Então todos ficarão, e Antonio da Silua se foy com sós tres fustas, e ficarão Pero Barriga, dom Martinho de Noronha, dom Luis d'Atayde, dom Duarte de Lima, e outros capitães, que todos erão fidalgos e homens honrados, e com boa gente; com que o capitão logo se meteo em trabalho em desfazer as tranqueiras e estancias, e alimpar a terra do pé do baluarte, perque podião sobir. No baluarte se fez huma parede alta, em que pôs dous falcões: e nom quis fazer mais nada até que fosse o Visorey e vissem como a forteleza estaua.

Em todo o tempo que assy a forteleza esteue cerquada teue auondança d'agoa, arroz, pão, manteiga, porqos de casados, que se vendia a dous vintens o arratel, de oito em oito dias. Hum ouo * custaua * huma tanga, huma galinha dous pardaos, hum boy d'atafona vinte pardaos; mas o capitão casy daua todolos mantimentos á sua custa. Em quanto assy os nossos estiuerão n'este cerqo sempre lhe Nosso Senhor mostrou bons sinaes, porque ás vezes os moços escrauos, huns com outros folgando, se fazião em bandos; huns se fazião rumes e outros portugueses,

[1] * sabião * Autogr. [2] * fortella * Id.

e pelejauão, e vinhão a tanto que huns a outros se escalaurauão com páos e pedras, com que sempre os rumes erão desbaratados, e fogião: o que os portugueses vendo, folgauão com a esperança em Deos que era a verdade. Hum nayque dos canarys fez suas idolatrias, e acendeo duas candeas iguaes, huma polos rumes, outra polos portuguezes, e primeiro se gastou a candea dos rumes; com que o nayque, com grande prazer, o disse a todos, e em todolos combates pelejaua com muyto esforço, com que fez honrados feytos. Outro dia andauão os escrauos trabalhando, e dous d'elles pelejarão, e o que fiqou pior da briga ameaçou o outro, dizendo: « Eu te prometo que mo has de pagar como os rumes tomarem » « esta forteleza. » O que ouvido polos outros, o tomarão, e atado o leuarão ao capitão, e todos fizerão forte accusação do que dissera. O capitão, polos contentar, disse que o leuassem ao meyrinho, que o enforcassem: o que elles assy fizerão; mas antes de chegar ao meirinho o matarão ás pancadas, e o forão deitar no rio. Que com todos estes sinaes Nosso Senhor queria mostrar * seu emparo * e esforçar quem n'elle tinha esperança: em que bem mostrou sua santa diuindade.

O capado, como chegou a Dio, com ordem que a isso daua Coje Çafar cada dia tinha auiso do que se passaua em Goa, e estaua com grande vigia d'armada do Visorey, e tinha [1] * assentado, se * o Visorey o tomasse de subito, que o tomasse assy junto da terra, de encadear todas as galés, com os galeões e naos no meo, e as popas em terra, e 'artelharia toda prestes, e assy estar; [2] * e se * a nossa armada em chegando os fosse abalroar, desparar toda 'artelharia, e pelejar até mais nom poder, e então se saluarem na terra os que podessem; e o capado se auia de meter em bargantym, que elle tinha grande, de remo e vella, e n'elle estar no mar, pera que como visse os seus desbaratados se acolher no bargantim pera o Estreito; e que se os nossos o nom fossem abalroar n'armada, e a gente saysse em terra pera na terra pelejarem, elle auia de deitar muyta gente em terra pera isso, e á noyte tornala a recolher, e com o vento da terra, que era muy forçoso se aleuantar, com toda su' [3] * armada varar * per antre a nossa, pelejando com 'artelharia, e as * embarcações * que se saluassem com ellas hir caminho de Meca. O que tudo isto se soube per hum grego que se veo pera' forteleza; e que na

[1] * assentado que se * Autogr. [2] * e que se * Id. [3] * armada e varar * Id.

quintã de Meliquiaz estauão mais de quinhentos rumes, aleijados do fogo e feridos.

CAPITULO XXIII.

COMO A GOA CHEGOU CATUR COM NOUAS DOS RUMES QUE ERÃO HIDOS; E A OUNIÃO QUE OUVE NA GENTE, E O QUE FEZ O VISOREY.

Aos onze de nouembro chegou a Goa o catur de Jeronimo Boutaca, que Antonio da Silua mandára, que deu noua ao Visorey como os rumes erão fogidos; com ás quaes nouas fez tantos prazeres como se em batalha os vencera, e mandou embandeirar o galeão, e tirar toda 'artelharia, e assy mandou que o fizesse tod'armada. O que huns fizerão, e outros não, porque toda a gente teue mortal paixão de tamanha perda; mas o Visorey fez este grande prazer gloriandose muyto, mostrando a carta que lhe mandára Antonio da Silua, porque n'ella dizia que como os rumes ouverão vista das suas fustas logo fogirão, e se forão, cuidando que era a sua armada. Do que tomaua muyta honra, dizendo que sempre lhe parecera que os rumes auião de fogir como soubessem que elle hia com 'armada, e que por isso nom se bolira d'onde estaua, por lhe nom ficar o trabalho em vão: e fez mercê ao que lhe trouxe a noua. Mas o pesar e paixão era tamanha na gente que o nom podião sofrir, dizendo muy fortes brasfemias contra o Visorey. Os homens do catur, porque tambem vinhão magoados porque Antonio da Silua nom quisera chegar á vista dos rumes, logo pobricarão que era mentira, que Antonio da Silua nom ousara de hir a Dio, nem á vista das galés, nem as galés souberão de nada, sómente se forão porque toda a mais da gente lhe matarão nos combates. O que se logo pobricou per toda 'armada, e folgauão de com isto danar o prazer que o Visorey d'isso tomaua. O que alguns amigos d'Antonio da Silueira lho escreuerão, do que Antonio da Silua escreuera ao Visorey, e os prazeres e honras que o Visorey d'isso tomaua, e que o Visorey tinha dado nauio a Antonio da Silua pera leuar a noua ao Reyno, que lho mandára pedir. Quando estas cartas derão em Dio a Antonio da Silueira já hy nom estaua Antonio da Silua; do que Antonio da Silueira ouve muyta paixão, e em pubrico de muyta gen-

te disse: «Nom me espanto de Antonio da Silua querer tomar esta» «honra, que elle nom ousou de ganhar, assy como ganhou muyto di-» «nheiro a chatinar, e quis com elle ajuntar esta honra falsa pera leuar» «ao Reyno; o que lhe eu nom consentirey, porque eu tenho bem sa-» «bido quão requerido elle foy d'estes senhores, que com elle vinhão,» «pera que chegassem á vista das galés, como lho mandaua o Visorey,» «e elle, por nom ousar, o nom fez. O que elle pudera muy bem fazer,» «sem nenhum perigo de sua pessoa, porque bem pudera chegar até on-» «de estaua o catur da vigia em se o sol pondo, e como anoitecera se» «fizera em outra volta pera onde elle quisera; o que se elle assy o fi-» «zera, os rumes, crendo que era 'armada do Visorey, nom ouverão de» «hir após elle, e sómente se recolherão ao mar, e a mim afroxarão dos» «combates. Mas nom foy Antonio da Silua para saber ganhar tanta hon-» «ra; e esta verdade ha ElRey de milhor saber do que valerá sua men-» «tira, porque d'isso ha tão honradas testimunhas como ally estauão da» «sua companhia.» O que todos assy o disserão que era verdade; que tambem estauão magoados de Antonio da Silua nom querer ganhar esta honra. Então disse Antonio da Silueira: «Nosso Senhor, por sua muyta» «bondade e misericordia, quis ouvir as lagrimas de muytos innocentes» «que estauão dentro n'esta forteleza, e a mim, com estes senhores, nos» «deu poder com que aos rumes fizemos tanto mal que, de muyto des-» «baratados da gente que lhe matámos, se forão; e não fogirão de medo» «que tiuessem d'armada, porque bem deuagar estiuerão tanto tempo» «combatendo esta forteleza, sem lhe lembrar que na India ouvesse quem» «os viesse anojar. E quem per modos cuidar de me arredar hum pon-» «tinho de minha honra, eu lhe tirarey sete vidas, se tantas tiuer. E ago-» «ra sinto que a pressa que teue Antonio da Silua de se hir foy por isto que» «assy tinha escrito, e arreceou que estando aquy me viesse este recado.» Do que então escreueo huma carta ao Visorey, em que lhe recontaua toda esta cousa, dizendo que se outrem dissesse o contrairo que ante ElRey o faria ficar por mentiroso; porque com mentiras ninguem lhe auia de tomar o que tanto custara, e aos caualleiros e fidalgos que o ajudarão, que com elle estauão, e ficarão aleijados das feridas que lhe derão os rumes. E sobre isto se passarão outras muytas estorias que nom fazem á estoria.

CAPITULO XXIV.

DO QUE MARTIM AFONSO DE SOUSA PEDIO AO VISOREY PERA HIR APÓS OS RUMES, DO QUE O VISOREY SE ESCUSOU, E MARTIM AFONSO SE DESPEDIO, E FOY A COCHYM, E SE FOY PERA O REYNO.

Tanto que assy chegou ao Visorey a noua dos rumes hidos, Martim Afonso de Sousa se foy ao Visorey logo, dizendo que o deixasse hir caminho do Estreito com algumas vinte ou trinta vellas, e que trabalharia por topar com os rumes, e lhe fazer algum mal; porque Martim Afonso era o que mais perseguio o Visorey que fosse a Dio, e auia muyta paixão de assy se hirem os rumes. O Visorey lhe disse: «Nom he bom» «conselho de mim apartar nada, até saber o que he feyto d'estes ru-» «mes.» Disse Martim Afonso: «Senhor, os rumes se tornão pera onde» «estêm seguros e descansados do mal que leuão, e nom são tão paruos» «que tornem a fazer outro pouzo na India, em que se acabem de perder,» «hindo tão desbaratados de gente.» O Visorey disse: «Isso, senhor,» «sabeis vós muy mal. Agardemos assy alguns dias; então faremos o» «que comprir.» Então, vendo Martim Afonso a pouqa vontade que o Visorey tinha, lhe pedio licença pera se hir pera o Reyno; o que o Visorey logo lha deu, e huma nao muy boa, e deu licença a Vicente Pegado em outra nao, e a muytos homens fidalgos do tempo de Nuno da Cunha, que se forão. Então se passou á galé bastarda dom Aluaro, filho do Visorey, porque n'ella estaua muyta gente; mas a mais d'ella se desembarcou, e forão pera outros nauios; e d'armada se desembarcarão a mais da gente da India, com o descontentamento que tinhão. Martim Afonso se recolheo á sua nao; despedido do Visorey se fez á vella, e com elle se fizerão á vella galés e fustas d'homens seus amigos, que o açompanharão em quanto durou o terrenho, e com a viração se tornarão ao porto.

Chegou a noua a Cochym de os rumes serem hidos, de que Nuno da Cunha deu quinhentos pardaos d'aluissaras, com muyto prazer de o

Visorey nom ser o que [1] * lhe leuaua * a honra; e inda mandou hum catur a Dio com suas cartas a Antonio da Silueira, e que mandasse cartas pera ElRey, em que lhe largamente recontaua todo o feyto dos rumes, e escreueo ao Visorey que folgaua por os rumes o tirarem do trabalho em que estaua, que sempre se affirmára que os rumes se auião de hir como vissem a primeira cousa que lhe parecesse d'armada, e que se tomára seu conselho, em cometer a hida pera Dio, que já ficára esta honra na India, de fogirem os rumes á nossa armada. Então mandou o Visorey Martim Afonso de Mello em huma galé pera Dio, e que se viesse Antonio da Silua, per o mandar pera o Reyno no nauio; mas hindo Martim Afonso de Mello no caminho achou Antonio da Silua que já vinha.

CAPITULO XXV.

DE COMO O VISOREY PARTIO DE GOA PERA DIO, E O QUE PASSOU NO CAMINHO COM GRANDE TROMENTA, E O QUE FEZ EM DIO.

O Visorey se deixou estar na barra de Goa muy deuagar, e desarmou os nauios de partes, e a vinte dias de nouembro partio pera Dio com nouenta vellas. E postoque o tempo era bom pera andar, sorgia com sol e toda a noyte dormia, e se aleuantaua ao outro dia com duas horas de sol. No que fez tanta delença que aos trinta do mez chegou a Dabul, onde chegou hum catur de Dio, que deu noua que o Lurcão e Coje Çafar com suas gentes entrauão na ilha a guerrear a cidade, e a roubauão e queimauão. Ao que então o Visorey mandou recado a Martim Afonso de Mello, que elle na galé, com as fustas d'Antonio da Silua que em Dio estauão, defendesse a entrada dos mouros: ao que os mouros assentarão alguns tiros com que lhe fazião mal, porque de dia os apontauão onde a galé e fustas se pousauão, e de noyte lhe tirauão tantas bombardadas com que matarão homens, e ferirão * outros *; com que conueo aos nauios estarem em baixo antre os baluartes. Antonio da Silueira tinha a porta da forteleza aberta; mas nom consentia que os seus

[1] * lhe nom leuaua * Autogr.

fossem pelejar, dizendo que agardassem polo Visorey que hiria dar no campo.

O Visorey foy com seu vagar, com que chegou a Chaul, onde na barra esteue alguns dias, e meteo por capitão Jorge de Lima, que a trazia por ElRey; que então acabára Simão Guedes, que seruia, o qual logo s'embarqou com o Visorey em huma galeota em que hia o mesmo Jorge de Lima. E d'ahy se fez 'armada á vella, e se foy a Baçaim, onde tambem o Visorey, sem desembarquar, esteue alguns dias. E as detenças que assy fazia nom erão * senão * sómente ter que entender com todos os moradores e estrangeiros, e tomaua a huns e daua a outros; o que tudo fazia como lhe dauão alguma peita, que todo seu feyto era apanhar dinheiro. Aquy em Baçaim proueo da capitania a Ruy Lourenço de Tauora, que tambem a trazia por ElRey, e sayo Gracia de Sá, que seruia, o qual s'embarcou em hum fremoso galeão seu, que tinha feyto e prestes pera n'elle se embarcar com muyta gente, quando o Visorey passasse, se fôra pera pelejar com os [1] * rumes, deixando a * forteleza ao alcayde mór. E se partio o Visorey de Baçaim ao primeiro de janeiro do anno de 539, onde começou 'atrauessar pera Dio; onde o tempo entrou com a lũa noua tão forte noroeste e norte, que nom podião os nauios andar de dia nem de noyte, e toda 'armada estaua surta no golfam de Dio, em que o tempo tanto creceo, e se aleuantou tanto o mar, que as naos nom puderão aguardar, e se colherão pera a terra as fustas e nauios pequenos, e no mar aguardarão as galés e galeões. Mas o tempo e mar foy em tanto crecimento que as galés se perdião, e a galé bastarda abrio toda com os balanços do masto grande, com que lhe fizerão a toda a galé arrataduras, e nom podendo vencer 'agoa arribou, e com ella duas carauellas, e outras galés, que ao tempo de virar pera arribar de todo forão perdidas. E como assy dom Aluaro arribou, tirando muytos tiros que se hia ao fundo, o Visorey após o filho arribou tambem, e toda a armada, cada hum buscando porto a que se acolhesse. O Visorey se colheo ao rio de Danda com alguns nauios que o seguirão, e dom Aluaro na bastarda correo de longo com traquete e mezena, que nom podia dar a vella grande, e querendo entrar em Dabul entrando a barra se perdeo, de que a gente se saluou na terra, que deu * a galé * com o costado nos penedos

[1] * Rumes e deixar * Autogr.

da entrada da barra e se foy ao fundo, d'onde depois se tirarão algumas peças d'artelharia; e todos ficarão em camisa. [1] • João de Sousa Rates hia em huma galé que abrio • de todo, que era velha, e pera sua saluação e se poderem soster lhe pregarão as escotinhas [2], com que se sostiuerão sobre 'agoa. Sendo a noyte escura hião bradando por misericordia; a que lhe Deos acodio, que per acerto veo ter per junto d'ella dom Christouão da Gama, nobre filho de dom Vasco da Gama descobridor da India, o qual hia em huma nao do Reyno, em que viera com o Visorey, e ouvindo a grita da gente da galé se fez prestes, e pôs muyta gente por fóra pela enxarcea, e muytos cabos e aldropes, e gente nos bateis que leuaua por popa, e tornou sobre a galé, e perlongou de longo d'ella sem vélla. Mas o tempo era tão forte que fazia muyto correr a nao, com que nom puderão amarrar a galé; mas tomou muyta da gente que fiqou apegada nos cabos e aldropes, que recolherão á nao: onde a pressa foy tanta que alguns se afogarão. E passando de longo, tornou a nao outra vez sobre a galé, com que acabou de tomar toda a gente, e trabalhou por amarrar a galé, pera lhe tirar a artelharia; mas o mar, que era muy grande, espedaçou a galé na nao, e se foy ao fundo, em que morrerão os escrauos que andauão presos a banco. Assy [3] • que a perda • d'esta, e da bastarda, valeo mais de trinta mil cruzados, dos nauios, artelharia, escrauos, e d'outros nauios que alijarão muyta artelharia. E nom foy muyto acontecer tanto mal n'esta armada ao Visorey, porque hia a gente tão desesperada com seus vagares, e o bom tempo que perdião nom querendo andar, que lhe dizião tantas pragas e males, e tanta má ora, e com todolos diabos, que lhe todos dizião já quando o vião dar a vella, que foy marauilha nom lhe acontecer outros móres males.

Passando oito dias, que a tromenta cessou, alguns nauios se tornarão 'ajuntar com o Visorey, que serião cincoenta vellas, com muy pouca gente, porque onde quer que chegauão se desembarcauão. E chegando o Visorey a Dio, Antonio da Silueira em hum catur o veo ver ao mar, o qual o Visorey foy receber no bordo do galeão, a que fez muytas honras, dizendo que com ramos verdes o recebera, se estiuera em lugar pera isso. Disse Antonio da Silueira: «Senhor, essa honra vossa senhoria»

[1] • João de Sousa Rates que hia em huma galé abrio • Autogr. [2] escotilhas? [3] • que na perda • Autogr.

«ma dá, que eu nom a mereço, que nunqua pude de mim afastar os» «rumes, se Antonio da Silua os nom fizera fogir.» O Visorey disse: «Senhor, tanta honra tendes que com todos podeys partir.» E se assentarão na tolda, e estiuerão hum pouquo falando, e Antonio da Silueira se tornou á forteleza. Ao outro dia o Visorey foy a terra, e todos virão os muros, que inda estauão assy derrubados como os deixarão os rumes, em que bem se parecia o trabalho que os nossos passarão; o que certamente era cousa piadosa de ver, que por todalas partes dos muros quebrados podião entrar como per huma rua. E o Visorey andou vendo tudo, e ordenou de logo pôr mão na obra, e se fez cal, e meteo ao trabalho todolos fidalgos, com a gente e homens do mar, e remeiros, e fez capitão da forteleza Diogo Lopes de Sousa, que viera prouido por ElRey. E como o Visorey nom tinha o pensamento senão em fazer seu proueito, logo trabalhou assentar a paz, e mandou seu recado a Coje Çafar á quintã de Meliquiaz, onde estaua com o Lurcão e sua gente; o qual Coje Çafar já tinha recado d'ElRey pera fazer concertos de paz, se lha cometessem; o qual, vendo recado do Visorey, se veo logo á villa dos Rumes, e mandou dizer ao Visorey que polo seruir elle mandaria logo recado a ElRey, e que n'isso faria o que ElRey mandasse; que em tanto que hia o recado a ElRey que em tanto podia estar em tregoa e ordenar os concertos da paz, que folgaria que fossem taes com que nom ouvesse muyto trabalho; e que olhasse bem, e o soubesse em certo, que a guerra que se fizera que a mór parte da culpa era por caso dos males que os portugueses fazião aos naturaes e estrangeiros, e os capitães, e officiaes, e homens a que ElRey de Portugal podia castigar, se lhe falassem a verdade. Respondeo *o* Visorey que no passado nom queria entender nada, sómente fazer e assentar a paz como que nunqua ouvera guerra. Então disse Coje Çafar que tiuessem tregoa de boa paz até vir recado d'ElRey, a que deuia de mandar seu embaixador. O que assy pareceo bem ao Visorey, pelo desejo que tinha, e mandou por embaixador Francisco de Vascogoncellos com apontamento do que auia d'assentar. Do que aprouve muyto a ElRey, pela grande perda que recebia em seus portos do mar; pera o que era muy requerido dos seus pera que assentasse a paz, que se o Visorey a nom cometera, ElRey a ouvera de cometer. E auido ElRey seu conselho, deu a hum seu regedor a chapa, e lhe deu apontamento do que auia d'assentar, e o mandou com o nosso embaixador,

que se tornassem ao Lurcão e Coje Çafar, e que com elles todos se fizesse o concerto, que [1] * do * que elles assentassem elle era contente. E sendo chegados a Dio logo tratarão sobre os concertos, o que tudo lhe o Visorey concedeo quanto elles quiserão, em que lhe largou 'alfandega da villa dos Rumes, e ametade d'alfandega de Dio, e que de longo das casas da cidade pudessem fazer huma parede, de largura de hum couodo e meo e d'altura de dous homens, e n'ella ficassem tres ruas abertas, sem portaes nem portas; que sobre todolas cousas n'esta parede muyto repetirão, porque a querião fazer hum muro muyto largo, mas contentarãose de a tomar assy paredinha, com tenção que quando a fizessem a farião como elles quigessem, ou sobre isso, se comprisse, tornarião á guerra. E com outras muytas larguezas, que lhe fez o Visorey quanto elles quiserão, as pazes forão assentadas e apregoadas d'ambas as partes, com os apontamentos assinados por todos [2]. E comtudo a cidade estaua toda despouoada, e nenhum mercador se queria tornar pera ella, e dizião que estarião na cidade se Antonio da Silueira se nom fosse, porque em suas obras era como pay de todos em suas grandezas e larguezas, gastando e dando o seu como hum Alexandre. Polo que ganhou fama de tanto louvor e merecimento, quanto outro nenhum ganhou n'estas partes até seu tempo d'este famoso cerquo, que susteue com tantas perfeições de valeroso caualleiro e nobre fidalgo.

CAPITULO XXVI.

COMO O VISOREY MANDOU SEU FILHO DOM ALUARO COM ARMADA Á COSTA DO MALAUAR, E SECORRO QUE MANDOU A BAÇAIM, QUE ESTAUA DE GUERRA [3].

D'AQUY de Dio despachou o Visorey seu filho dom Aluaro pera a costa do Malauar, com seis galés e galeotas, e doze fustas e catures, nos

[1] * o * Autogr. [2] Das condições d'estas pazes vem o resumo na V. Dec. de *Couto*, Liv. V, Cap. VII. [3] No original começa este capitulo mais adiante; mas é aqui que devia principiar.

quaes nom auia homem que se quigesse embarqar, e leuou muy pouqa gente, que forão alguns homens que quiserão fogir do trabalho do fazer dos muros da forteleza, em que se tornarão a fazer mais largos em dobro do que erão assy os baluartes, que tudo o que estaua atroado dos tiros se derrubaua e tornaua a fazer muyto mais forte e * de * mór largura. Dom Aluaro mandou o Visorey que fosse andar na costa em guarda, e que se o Rey de Calecut lhe mandasse messagem que queria pazes, que se fosse ao porto de Calecut, e que nom saysse em terra, e que os regedores viessem dentro á galé assentar o que pedissem; pera o que lhe deu apontamento do que auia d'assentar com elles. Dom Aluaro foy com sua armada até Cananor, e esteue alguns dias de vagar, e então fez caminho pera Cochym, e passou per diante de Calecut até vista de Cranganor, e se tornou até Baticalá, e tornou outra vez pera [1] * Cananor *, e nunqa lhe veo nenhum recado de Calecut. E assy andou gastando o tempo até a fim d'abril, que se tornou pera Goa a enuernar, que assy o leuou em regimento do Visorey, e em quanto assy andou na costa nunqua tomou * nenhuma presa *, nem pelejou, nem fez cousa nenhuma [2].

E estando assy o Visorey em Dio lhe foy noua que em Baçaim auia guerra com gente d'ElRey de Cambaya, que viera sobre elle; com que se aleuantarão os da terra, e todos erão contra os nossos. Aos quaes sayo Ruy Lourenço de Tauora com cem espingardeiros e trinta de cauallo, e com elles ouve escaramuças em que sempre fez mal aos guzarates; mas elles crecerão tantos que ençarrarão os nossos na pouoação, onde se fizerão fortes com tranqueiras onde os guzarates nom chegauão, mas estauão senhores de toda a terra, e a comião. Ao que o Visorey mandou lá Tristão d'Atayde, que então viera de Maluco, que seruira de capitão, e ficaua lá Antonio Galuão que fora prouido por ElRey; e * a * Tristão d'Atayde mandou de Malaca dom Esteuão que viesse ao soccorro dos rumes, o qual veo em hum galeão com duzentos homens á sua custa, o qual partio de Dio no mesmo galeão e tres fustas, e muytos homens, e com sua chegada a Baçaim ordenou logo o capitão a hir dar nos mouros, e sayrão ambos, elle e Tristão d'Atayde, cada hum per sua parte com duzentos homens cada hum, e o fizerão por maneira que mata-

[1] * Canor * Autogr. [2] A este paragrapho segue-se no autographo, indevidamente, o Cap. XXVI, que antepuzemos, por assim o pedir a narrativa.

rão, e ferirão, e catiuarão muytos guzarates, e os fizerão acolher em huma ilha ahy perto, onde os nossos os cerquarão, e entrarão com elles, e de todo os desbaratarão com muyto dano e perda; com que a guerra cessou por huns dias, e mais sabendo das pazes de Dio com que de todo a terra fiqou assentada e a gente da terra segura.

CAPITULO XXVII[1].

COMO O VISOREY MANDOU MARTIM AFONSO DE MELLO PERA CAPITÃO D'ORMUZ, POR SER FALLECIDO DOM FERNANDO DE LIMA, QUE ESTAUA POR CAPITÃO.

E tambem assy estando o Visorey em Dio, lhe chegou noua d'Ormuz que dom Fernando de Lima, que estaua lá por capitão, era falecido de sua doença. Polo que o Visorey mandou pera lá Martim Afonso de Mello, que estaua prouido por ElRey na capitania na auagante de dom Pedro de Castello Branco, que inda nom era acabado de liurar das culpas que d'Ormuz trouxera; e que acabando dom Pedro de auer liuramento se hiria pera sua capitania acabar seu tempo, e que o que seruisse Martim Afonso se lhe nom descontaria dos seus tres annos, por quanto o mandauão por oulheiro; e sendo caso que dom Pedro nom ouvesse liuramento, e que Martim Afonso seruisse todos os tres annos, lhe fossem contados polo tempo de sua capitania. O que todo assy foy assentado por auto, e tomando Martim Afonso seus despachos se foy a Goa, e partio pera Ormuz.

[1] Não tinha logar marcado no original.

CAPITULO XXVIII.

COMO O VISOREY PROUEO AS COUSAS DE DIO, E FEZ CAPITÃO DA FORTELEZA DIOGO LOPES DE SOUSA, E SE FOY VISITAR BAÇAIM; E O QUE COM ELLE PASSOU RUY LOURENÇO DE TAUORA, PORQUE NOM DAUA DINHEIRO PERA A GENTE; E DE GOA MANDOU SECORRO AO REY DE CEYLÃO, QUE LHO MANDOU PEDIR.

O Visorey esteue em Dio no trabalho do fazimento da obra da forteleza até de todo ser acabada, muros e cubellos, em todo o que lhe compria, com dobradas forças, e assy o baluarte do mar; e ordenou á forteleza oitocentos homens lascaris, afóra os casados; e proueo os almazens de monições, e muyta poluora e pilouros; e deixou dinheiro pera se fazerem dous pagamentos á gente: e esto com grandes requerimentos do capitão Diogo Lopes de Sousa, que dizia que nom teria a capitania da forteleza se lhe nom désse dinheiro pera pagar á gente; sobre o que tiuerão muytos debates, porque o Visorey era muy cobiçoso, e recolhia á mão do feytor d'armada • o dinheiro •, d'onde o tomaua e metia em seus cofres. E deixando tudo auiado se foy a Baçaim, onde tambem teue contendas com Ruy Lourenço de Tauora sobre dinheiro que lhe nom daua pera pagamento da gente; e porque nom deu quanto dinheiro compria, dizendo que de Goa o mandaria, que lhe auia de vir d'Ormuz, Ruy Lourenço lhe disse, presente muytos fidalgos, que se nom mandasse dinheiro pera pagar á gente, e ella se quigesse hir, que elle a nom auia de ter por força, indaque ficasse na forteleza com só seus moços; e que d'isso tomaua todos por testimunhas. Sobre que o Visorey com elle teue paixões, mas Ruy Lourenço era homem isento, e lhe disse: «Eu hey de» «seruir ElRey com minha pessoa tão bem como o milhor de quan-» «tos ha na India; mas com os filhos alhéos nom hey d'encarregar a» «conciencia, se lhe nom fizer pagamento pera se manterem em quanto» «trabalharem, nom digo eu na guerra, mas sómente a vigiar os nom» «obrigarey.» E se partio o Visorey pera Goa, e despachou pera Malaca Pero de Faria por capitão, que lhe viera a prouisão d'ElRey nas naos, e elle nom quis hir por hir ao secorro de Dio; o qual foy, e se veo dom

Esteuão da Gama, que lá estaua por capitão, que tinha acabado seu tempo. E tambem mandou pera Ceylão * a * Miguel Ferreira, com nauios e gente, em secorro do Rey, que lhe mandára pedir secorro contra hum seu irmão, que lhe fazia a guerra com muytos mouros que pera isso recolhia, e com elle estauão muytos mouros de Calecut, e Patemarcar, que pera elle se fora por muyto dinheiro que lhe dera. Pera o qual secorro o Rey mandou muyto dinheiro pera pagamento das gentes, e monições, e mantimentos. Este secorro tinha já o Rey de Ceylão pedido ao Gouernador Nuno da Cunha, o qual mandou a Miguel Ferreira, que estaua em Paleacate, que tomasse toda a gente que lá tiuesse, e fosse secorrer ao Rey de Ceylão. O que Miguel Ferreira assy o fez, que ajuntou tresentos homens, e com elles queria passar pera Ceylão, quando lhe derão as nouas dos rumes; com que deixou de hir, e se foy pera' India pera hir ao secorro de Dio, e vindo no caminho achou o outro catur do Visorey que hia a chamar assy toda a gente; o qual catur, depois de hir a Paleacate, atrauessou a Ceylão com recado do Visorey, que leuaua pera o Rey, o qual era pedirlhe dinheiro. Porque o Visorey, sabendo da nobreza e largueza que ElRey de Ceylão fizera no emprestimo que dera a Martim Afonso, lhe escreueo huma carta de grandes amores, pedindolhe perdões porque lhe assy estrouaua o socorro que lhe hia; o que elle fazia pola muyta necessidade que tinha da gente pera hir pelejar com os rumes, que tinhão cerquada a forteleza de Dio, mas que, acabando isto, logo lhe mandaria quanta gente e armada quigesse; e porque elle assy era chegado do Reyno, com muyta gente e grande armada que auia de leuar, pera o que tinha necessidade d'ajuda dos irmãos e bons amigos d'ElRey de Portugal, como elle [1] * era, lhe * muyto pedia por mercê que o ajudasse com algum dinheiro pera esta guerra dos rumes, porque o que lhe emprestasse, com o que já tinha emprestado, tudo lhe mandaria pagar como isto dos rumes se acabasse. O que vendo o Rey de Ceylão a carta, logo lhe mandou hum messigeiro, com que tambem mandou Manuel de Queirós, que lá seruia de feytor, e por elle lhe mandou tres mil portugueses d'ouro; pedindo ao Visorey muytos perdões por lhe mandar tão pouqo, e que acabado o feyto dos rumes se lembrasse de o secorrer no trabalho em que estaua, da guerra que lhe fazia seu irmão. Com o

[1] * era polo que lhe * Autogr.

qual emprestimo d'ElRey de Ceylão o Visorey muyto folgou, e teue a muyto grande fineza de bondade e verdadeiro amigo em tal tempo fazer tão bom emprestimo; e por isso como chegou a Goa mandou Miguel Ferreira com o secorro, como dito he.

CAPITULO XXIX.

DO QUE FEZ MIGUEL FERREIRA, CAPITÃO DO SECORRO QUE FOY A CEYLÃO, ONDE FOY MORTO PATEMARCAR, E CUNHALEMARQAR SEU SOBRINHO, E SU'ARMADA TOMADA.

O qual Miguel Ferreira fez toda a despeza á custa do Rey de Ceylão, e passou lá com onze fustas e catures, e quatrocentos homens d'armas e espingardeiros, e as fustas armadas com artelharia e monições d'ella dos almazens, que o Visorey lhe mandou dar. Com a qual armada foy Miguel Ferreira a Ceylão, e hindo de caminho chegou ao lugar de [1] * Brinjam *, além de Coulão pera Comorym, onde querendo tomar agoada lhe defenderão os mouros o porto, per conselho e ajuda dos rumes que hy estauão, que tinhão hy varada a fusta que lá fôra ter da companhia do capado, como já atrás fica contado. Pelo que Miguel Ferreira deu na terra, e queimou o lugar, porque os mouros logo fogirão, e foy polo mato dentro e queimou a fusta dos rumes, que a tinhão varada e escondida dentro no mato, e estaua arrombada, pera que nom pudesse nauegar. O que assy acabado, Miguel Ferreira fez seu caminho, e chegando á vista de Ceylão lhe veo noua da terra como o Patemarquar estaua em hum rio com quatorze fustas, o qual fôra a chamado do Madunepandar, pera o ajudar contra o Rey de Ceylão seu irmão, pera o que lhe mandou seu dinheiro a Calecut, onde o Patemarcar estaua, muy desbaratado do feyto [2] * de Beadalá *. Onde então com este dinheiro armou estas quatorze fustas, e tresentos homens d'armas, com que se foy a Ceylão em ajuda do Madunepandar contra o Rey de Ceylão; o qual Madune deu a [3] * Patemarcar * o rio em que estaua, e lhe deu as rendas da terra

[1] * Biryngam * Autogr. V.ᵉ a nota de pag. 878, da III Part. das *Lendas da India*. [2] * dabeadalla * Autogr. [3] * Payque marcar * Id.

pera elle e sua gente. E tanto mal tinhão já feyto ao Rey de Ceylão que lhe tinhão tomado toda a terra, e cerquado no logar da Cota, d'onde ninguem saya fóra, e estaua lá com elle recolhido Pero Vaz Trauassos, feytor, que lá estaua com corenta portugueses, que o Rey nom consentia que sayssem fóra a pelejar, porque se temia dos seus propios que o trayssem, e mais porque esperaua polo secorro; [1] * o * qual, quando lhe derão a noua do secorro que lhe hia, choraua de prazer, andando por todas as casas dos portugueses.

O Miguel Ferreira, sabendo que no rio estaua o Patemarcar, logo de caminho foy sorgir na barra do rio, d'onde já saya hum catur esquipado em que hia fogindo o Patemarcar. Ao que acodirão dous catures d'armada, com que o fizerão tornar pera dentro, onde os mouros se fizerão fortes quanto puderão. Ao outro dia Miguel Ferreira entrou no rio, onde ouve muytas [2] * bombardadas *, mas os nossos todauia abalroarão, e os mouros fogirão pola terra pera onde estaua o Madunepandar, e Miguel Ferreira tomou os paraos todos, e mandou chamar hum regedor d'ElRey e lh'entregou o rio, e fez que toda a gente lhe vierão obedecer, que os mouros os tinhão roubados e deitados fóra da terra. O que assy acabado, que foy no rio de Negumbo, Miguel Ferreira com su' armada e com os paraos se foy ao porto de Columbo, onde logo o veo visitar o principe com outro seu irmão, com os quaes se foy Miguel Ferreira a Cota, onde ElRey estaua, que o recebeo com grandes festas; onde em presença de todolos capitães lhe fez grandes queixumes, per capitulos que deu per escrito, do feytor que lá estaua, de grandes deshonras e males que lhe tinha feytos; dizendo que logo lho tirasse da terra, e o mandasse ao Visorey pera d'elle lhe fazer justiça. Miguel Ferreira lhe respondeo que elle nom auia nada d'entender nos queixumes que lhe fazia, porque nom hia lá senão pera pelejar contra seus imigos, que pera isso o mandára o Visorey, e não pera entender nas cousas que lhe tinha feyto o feytor; que d'isso se queixasse ao Visorey, e que elle lhe faria d'elle justiça. Mas o Rey apretou tanto no caso que disse que antes queria perder seu reyno que ter o feytor na terra, e tanto n'isto insistio que Miguel Ferreira se tornaua a despedir d'ElRey pera se tornar pera a India com 'armada e gente, e ElRey assy o consentia, dizendo que antes queria perder seu

[1] * ao * Autogr. [2] * bombardas * Id.

Reyno e que todauia lhe nom ficasse o feytor na terra. Então, auendo n'isso conselho, todauia o Miguel Ferreira n'isso nom quis entender, e * disse * que ElRey fizesse o que lhe bem viesse com o feytor, porque elle se tornaria pera' India, se ElRey nom se ordenasse a querer pelejar, pera o que elle vinha pera o ajudar: com o que se despedio d'ElRey, e se tornou ao porto. Então ElRey mandou fazer pagamento a toda a gente, de cinqo cruzados a cada homem, pera se concertarem. Com que todos se fizerão prestes, e Miguel Ferreira com a gente se forão a hum lugar onde ElRey com sua gente se foy ajuntar com elle, e começarão a caminhar ao longo de hum grande rio. Os mouros do Patemarcar, com a gente do Madune, que era muyta, hião pola outra banda do rio, onde em alguns lugares que o rio era estreito de ambas as partes auia muyta espingardada. Então Miguel Ferreira mandou passar gente da outra banda, que derão nos mouros, e os fizerão fogir pera onde estaua o Madunepandar. Então Miguel Ferreira foy áuante, sempre de longo do rio, onde auia muytos lugares, em que nom auia detença, porque os mouros logo fogião; no que fez detença de quatorze dias. Então ordenou sua gente, e foy cometer hum campo onde o Madune tinha assentado grande arrayal, em que estauão passante de seis mil mouros, e estauão os mouros de Patemarcar, fazendose muyto valentes, esperando no campo; mas vendo assomar os nossos, que sayão d'antre o mato per tres caminhos, e tangendo as trombetas, e desparando muyta espingardaria, logo nos mouros entrou grande medo, e se começarão a recolher pera hum mato que estaua no cabo do campo, passando hum rio per huma ponte de páos muy fraca. Ao que os nossos apertarão com elles de maneira que alguns passarão a nado, deixando o arrayal, onde os nossos se aposentarão, nom achando n'elle que roubar, nem que comer; mas nom falecia, porque ElRey leuaua muyto auondo, e mais que auia muytas e gordas vaqas, que matauão, e com arroz e pão, que sempre trazião [1] * da Cota *, toda a gente hia auondada do comer. D'aquy d'este campo ao lugar onde estaua o Madunepandar erão cinqo legoas; e vendo * este * que os mouros e tanta gente sua fogirão, e nom ousarão a pelejar com os nossos, se queixou muyto com os mouros e com o Patemarcar, e [2] * Cunhalemarcar * seu sobrinho, e seus capitães. E nom con-

[1] * d acota * Autogr. [2] * Cunhalee marquar * Id.

fiando já em nada, mandou huma molher com sua messagem a ElRey, dizendo que elle queria ser seu amigo pera sempre; que n'isso tomasse bom conselho; que elle faria quanto elle quigesse, e que o nom quigesse vêr morrer ás mãos dos portugueses, pois que era seu irmão, e posto que elle lhe tinha dado trabalho, e feyta muyta guerra, que elle se metia em suas mãos, que d'elle fizesse toda sua vontade. Esta molher era ama do Madune, que o criára de leite. E tem por costume as mulheres andarem antre elles nos concertos de quaesquer amizades que fazem sobre deferenças de guerras. Ouvindo ElRey esta messagem, disse que no caso nom podia fazer nada senão o que quigesse Miguel Ferreira, o qual mandou chamar, e lhe contou a messagem que lhe seu irmão mandaua, *pera* que elle lhe désse a reposta. Então Miguel Ferreira fez muyta honra á messigeira, e lhe disse que se tornasse ao Madune, e lhe dissesse que com elle nom auia de fazer nenhum concerto; porque dentro em suas casas auia de hir, e as mandar queimar, com suas mulheres e filhos, se logo lhe nom mandasse atados de pés e mãos, ou suas cabeças, do Patemarcar e seu irmão Cunhalemarcar [1], e seus capitães, e todolos mouros que com elles vierão. E que se isto nom fizesse lhe nom mandasse mais nenhum recado. Com que se a messigeira partio.

E d'ahy a dous dias tornou a vir, dizendo o Madunepandar que o que lhe pedia o nom faria; que antes queria morrer que tal cousa fazer, porque por isso perderia toda sua honra em auer d'entregar aos seus amigos que o vierão ajudar em seus trabalhos; que se lhe aprouesse que elle era contente de logo os deitar fóra da sua companhia, e então faria tudo quanto elle quigesse; e d'isso daria hum filho em penhor. Miguel Ferreira lhe respondeo que nada auia mester d'elle, porque os filhos e molher elle lhos hiria tomar dentro a sua casa; que dos mouros lhe nom fallasse mais nada, senão que fizesse o que lhe mandára dizer, porque se o nom fazia que soubesse que logo os hia buscar, e tudo acender em fogo; e que em fazer aos mouros o que lhe dizia nom perdia nada de sua honra, porque fôra bem o que elle dizia se o Patemarcar o fôra ajudar por ser seu amigo, o que elle nom fez senão por dinheiro que lhe por

[1] Cunhalemarcar parece ser com effeito irmão de Patemarcar, e não sobrinho, como G. Correa disse pouco antes. V.ª *Couto*, Dec. V, Liv. V, Cap. VIII, o qual chama Pachi Marcá ao primeiro d'estes mouros, e Cunhalé Marcá ao segundo.

isso dera; e que pois nom erão seus parentes, nem amigos, senão mouros ladrões que andauão a roubar polo mar os mesquinhos, que n'isso nom falasse mais nada, senão que logo os entregasse, viuos ou mortos; e que se isto fizesse elle assentaria todas as suas cousas com ElRey seu irmão como elle ouvesse muyto prazer. O qual recado ouvido polo Madune, auendo conselho com os seus, determinou de fazer dos mouros o que lhe Miguel Ferreira pedia; vendo que nom tinha outra saluação pera suas cousas. Então mandou logo hum filho seu, de quatro annos, seu herdeiro, no collo de sua ama, acompanhado com seis homens e oito molheres, e mandou huma manilha d'ouro com quatro rubis, que foy estimada em oitenta mil cruzados, e mandou dizer que elle buscaria modo com que fizesse o que dizia Miguel Ferreira dos mouros, o mais secretamente que pudesse, por sua honra; e que por certeza e seguridade lhe [1] * mandaua * aquella manilha, e que se nom fosse contente lhe mandaua mais seu filho; que tudo fosse feyto como elle quigesse. Miguel Ferreira fez honra e recebimento ao menino, porque era sobrinho d'ElRey, e lho entregou, o qual ElRey tomou nos braços com muyto amor, e o beijou com lagrimas de piadade; e assy lh'entregou a manilha, e mandou dizer que elle nom tomaua nada, nem lhe asseguraua nada até elle vêr o que fazia com os mouros, pera o que lhe daua espaço de dez dias, nos quaes lhe daua tregoas que em nada se boleria contra elle, nem contra os seus.

O Madunepandar, pola agonia em que se via, e vendo o muyto dinheiro que dera ao Patemarcar e aos mouros, e os males e roubos que fazião na terra, e o pouco pera que prestauão, pois sempre fogirão e nunqua forão pera pelejar, ao que os seus todos isto lhe muyto cramauão, mandou ao Patemarcar, e aos seus capitães e parentes, os principaes, que se fossem pousar fóra do lugar, em humas casinhas de palha á borda de hum mato; dizendo que elle estaua em hum concerto com seu irmão, onde com elle auião de hir fallar alguns portugueses, que por se nom toparem polas ruas com elle, e auer causa d'algum mal, se fossem ally pousar fóra do lugar. O que elles assy fizerão; onde huma noyte, de huma frechada matarão ao Cunhalemarcar, e ao Patemarcar derão com outra, que nom acabou logo de morrer. Ao que ouve aluoroço, e acodirão lá muytos mouros, sobre os quaes acodio muyta gente do Madu-

[1] * manda * Autogr.

ne, que pera isso já estaua prestes e escondidos, e com elles Manuel de Queirós, feytor, com vinte homens, que pera isso leuou escondidamente e bem armados, e derão nos tristes mouros, de que ficarão no campo mortos mais de corenta, e os outros fogirão polos matos, onde os homens da terra os correrão e acossarão, até que todos matarão por lhe roubarem seus pannos e armas. O que assy acabado, ao outro dia mandou o Madune noue cabeças dos mouros em pontas de lanças, que erão a de Patemarcar, e de seu irmão Cunhalemarcar, e hum seu sobrinho, e dous tios, e outros capitães; e as mandou apresentar a Miguel Ferreira, e que soubesse que todolos mouros erão fogidos polos matos, mas que nenhum nom escaparia. Com que Miguel Ferreira, e todos ouverão muyto prazer, vendo acabados e mortos taes imigos, que tanto mal tinhão feyto pola India, de mortes e roubos das vidas e fazendas dos portugueses. O que assy sendo acabado, Miguel Ferreira entendeo nos concertos d'antre ElRey com seu irmão, e os concordou, que o Madune entregou a ElRey todas suas terras, e lhe pagou sessenta mil pardaos polas despezas da guerra que lhe fez; e com seus juramentos, segundo seus costumes, que nunqua mais se aleuantaria contra elle; e deu todolas fazendas, que tinha tomadas; e em todo ficarão concordes e pacifiqos. E o Rey [1] * contente se tornou * pera sua forteleza, e fez mercê a Miguel Ferreira, e aos capitães, com que a todos despedio contentes; e deu muyta canella, que repartio com muytos lascarys; e tomou o feytor Pero Vaz Travassos, e o prendeo em ferros, e o mandou á India com seus queixumes ao Visorey, o qual no caminho foy morto per huns ladrões, pelo roubarem.

CAPITULO XXX.

DO QUE PASSARÃO OS RUMES HINDO DE DIO PERA O ESTREITO.

E sendo assy o Visorey tornado a Goa, que foy em fim de março, veo huma nao d'Ormuz, que deu noua, que se soubera per mercadores que vierão a [2] * Ormuz * de Meca, que hindo os rumes pera o Estreito, atrauessando o golfam lhe deu aquelle temporal que deu ao Visorey no ca-

[1] * contente e se tornou * Autogr. [2] * Urmuz * Id.

minho de Dio, o qual temporal espalhou os rumes muy desaparelhados e meos perdidos, * que * forão ter no porto de Xaer, com tres galés perdidas no mar, de que se não saluou a gente; e estiuerão ahy hum dia tomando agoa, e se partirão, e forão ter em Adem, onde os da terra lhe fazião quanto mal podião, e os matauão como hião pola terra dentro; onde aquy em Adem o capado deixou tresentos rumes e seis galés, e os dous bargantys, pera se corregerem e andarem polo mar d'armada; e o capado com a mais armada se foy pelo Estreito dentro á ilha de Camarão, onde soube que alguns dos seus capitães erão concertados com alguns dos portugueses catiuos, que leuauão, pera lhe fogirem com os nauios, e se hirem pera a India pera o Gouernador; polo que o capado mandou matar muytos d'elles, e os portugueses todos, sem ficar mais que os que hião na sua galé, que era o Pacheco e oito homens os mais honrados, que elle quis que fossem em sua galé, os quaes leuou ao grande Turqo. E de Camarão se foy ao logar do Toro, e a Suez, onde pôs 'armada que deixou que logo toda fosse varada; e elle se foy ao Rey de Misey seu senhor, a que deu conta de todo seu feyto. O qual, por mostrar que fizera grande feyto, contou muy estremas façanhas das forças e grandes cauallarias dos portugueses que achára em Dio e tão pouquos como erão, e como lhe derrubára a forteleza por terra, e os combatera tantas vezes com tanta gente, e a grande registencia que lhe fizerão, e o grande animo que achou nos portugueses, que sem duvida assy como pelejauão armados, e carregados de ferro, assy tinhão os corações de ferro. O que tudo muy miudamente contou, e pôs tudo em tantas grandezas de nossas forças, que todos se espantauão do grande feyto que o capado fizera em pelejar tantos combates com tão forte gente, e sobre tudo julgarão a grande feyto, sobre tudo, saberse tornar com sua armada sem ser visto d'armada do Gouernador da India; porque o capado disse que nós tinhamos prestes tres armadas pera hir pelejar com elle, com vinte mil homens, e tão valentes no mar que em barquinhos tamanhos como almadias, sem nenhum medo, vinhão com recados e secorros á forteleza, e entrauão per antre suas galés, sem lho poderem defender; e que nom erão contentes entrar escondidos, senão gritando e tirando espingardas ás galés. E que fôra certificado per cartas dos Reis e senhores da India, e polos capitães d'ElRey de Cambaya, que sem duvida que indaque os portugueses nom tiuessem mais que sós dez velas que com ellas o hi-

rião buscar, e lhe dar a [1] * batalha no mar, onde muyto * podião, que tudo vencião, mórmente tendo tanta armada com tanta gente. Sobre o que auendo seu acordo deixára a empreza da forteleza, tendo já tanta gente morta, e se tornaua porque mais nom pudera, porque tinha muy certo ser desbaratado, se lhe derão a batalha no mar. E que se o Turqo quigesse tornar a mandar armada á India, elle lhe diria de que maneira, e quanta auia de ser. E per tal modo o capado fallou dos feytos dos portugueses, que soubera na India, e os que elle passára, que o Turquo, e todos, ouverão que o capado fizera grão feyto no que fez; e lhe fez muytas honras. E tanto esta fama correo por toda a Turquia, e por muytas partes, que foy contado 'na Hespanha ao Emperador, de que houve muyto prazer, e o escreueo a ElRey esta grande fama que corria dos feytos dos portugueses na forteleza de Dio, e mórmente do capitão Antonio da Silueira, e que merecia serlhe feyta honra que assy soasse como sua boa fama, pois que seu feyto antre os turcos estaua tão nomeado, que já onde quer que turcos achassem portugueses os auião muyto de temer. Do que ElRey ouve muyto prazer, e mandou fazer procissão solene, determinado fazer muytas mercês 'Antonio da Silueira, como merecia.

O Rey de Misey mandou vir ante sy ao Pacheco, e lhe disse: «Como» «tiueste tão máo recado em teu castello, que com tanta gente te nom» «defendeste?» Elle respondeo: «Senhor, eu tinha ouvido a muytos» «mercadores em Dio que tu eras tão alto principe, e tão cheo de ver-» «dade e justiça, que por huma só mentira que te fallauão cortauas» «vinte cabeças. Soube que Soleymão Baxá era teu criado, pareceome» «que guardaria tua verdade, confieyme na sua chapa, entregueyme» «com minha gente, pera me passar á forteleza, como foy o concerto;» «o que me elle nom guardou, e fez sua vontade, e me trouxe aquy on-» «de estou. Que se este engano me nom fizera, sem duvida que aquy» «nom estiuera, senão se fôra minha cabeça.» O Rey de Misey disse: «Na guerra ha cousas que os sesudos nom hão de confiar; e tu nom» «tiueste bom acordo. Folgára poderte liberdar. Nom posso, porque has» «de hir ao grão Turqo.» E os mandou a todos com elle ao Turqo, onde em Constantinopla depois teve maneira com outros christãos catiuos que tudo isto escreueo a ElRey pola via de Veneza.

[1] * batalha onde no mar muyto * Autogr.

CAPITULO XXXI.

DE COMO O VISOREY ENUERNOU EM GOA, ONDE SE RECOLHEO DOM ALUARO, SEU FILHO, COM SUA ARMADA DA COSTA.

Recolhido o Visorey a Goa, como já disse, tambem se recolheo dom Aluaro seu filho, com su'armada que trazia na costa do Malauar, que foy em mayo, já na entrada do inuerno; onde em Goa se ajuntou muyta gente com muyta pobreza e estrelidade de fome, porque o Visorey nom pagaua a ninguem; com que os homens, desesperados, andauão a roubar o que podião: o que nom ousauão de dizer ao Visorey, por ser homem muy maniacolo, e supito em paixões, e muy sem temor de Deos quando tinha sua farnesya. No qual inuerno a gente passou muyto trabalho de fome e grande pobreza, fazendo grandes cramores que lhe nom valião; de que nom daua nada ao Visorey. Sendo o inuerno çarrado, o Visorey mandou apregoar, com trombetas e atabales, com a bandeira real tendida, apregoando na lingoa da terra e portuguez, dizendo que elle dom Gracia de Loronha, Visorey da India, daua paz, e boa amizade, e seguridade, ao Reyno de Cambaya, e a todos seus portos, e moradores, e mercadores, e estrangeiros tratantes no dito Reyno e seus portos; e assy a mesma paz e seguridade fazia ao Idalcão, Rey no Balagate, e a todos seus vassalos e soditos; e assy fazia a mesma paz ao Yzam Maluco, senhor das terras de Chaul. Aos quaes daua a dita paz por lha elles mandarem pedir, e rogar muyto que lha désse; a qual lhe outorgaua em nome d'ElRey nosso senhor, d'hoje pera sempre, e * prometia * lha ter e manter, nom sendo por elles quebrantada. O que assy fazia por bem e conseruação das terras e senhorios d'ElRey nosso senhor; e mandaua que enteiramente a dita paz fosse guardada, sob pena do caso mayor, até ouvirem outro pregão em contrairo.

E como o intento do Visorey era aquirir e auer dinheiro, pera isso, buscando caminho pera o auer, mandou a todolos julgadores, e officiaes de justiça, que todolas penas pecuniarias que pusessem ás partes as aprifacassem pera refazimento das casas do Sabayo, que de nouo mandaua fa-

zer pera aposento dos Gouernadores. Com que se ajuntou muyto dinheiro, pera que fez hum recebedor, e mandou correr os liuros das fianças de todolos auditores, e que se fizesse arrecadação de todolos dinheiros que estiuessem encorridos nas ditas fianças; com que tambem se tirou muyto dinheiro. E mandou deuassar sobre os barregueyros casados, com que muytos forão presos, e muytas molheres, que todos sayão condenados em degredos, e penas de dinheiro, que pagauão pera as casas do [1] * Sabayo *, e os degredos comprauão, e todos perdoaua por dinheiro tambem pera' obra. Com que por estes modos ajuntou muyto dinheiro, porque tambem omiziados e graues crimes perdoaua por dinheiro, e officios e cargos tudo daua e fazia por dinheiro; que se ajuntou huma grande soma, que toda recolheo á sua mão, e mandou fazer as casas d'empreitada, que as fez hum Antonio Correa por tres mil e quinhentos pardaos d'ouro, mas o dinheiro que se ajuntou pera ellas, como acima digo, valeo mais de vinte mil pardaos, de que elle se aproueitou.

CAPITULO XXXII.

COMO O BISPO FEZ SÉ CATEDRAL EM GOA A IGREIJA SANTA CATERINA, POR ASSY VIR ORDENADO.

Veo do Reyno n'armada do Visorey o bispo dom João Afonso d'Alboquerque, com titulo de bispo da India, perpetu de toda a India, do cabo da Boa Esperança pera dentro, com prouisão d'ElRei que a igreija de Santa Caterina de Goa fosse feita sé catredal; e porque quando assy chegou a Goa auia a grande pressa do apercebimento pera os rumes, nom quis o bispo então fallar no caso, e sendo ora assy o Visorey tornado a Goa, em dia de Nossa Senhora de março d'este presente anno de 539, o bispo prégou, e disse missa em pontifical, a qual acabada, o bispo com grandes cerimonias apresentou ao Visorey huma patente d'ElRey nosso senhor, em que lhe daua o bispado de Goa, com todolos poderes do cabo da Boa Esperança pera dentro, em todolas cidades, villas, for-

[1] Sabio * Autogr.

telezas, e terras de seu mando e senhorios, que ao presente tem, e ao diante tiuer, em todo o estado ecclesiastico; e em cabeça de seu bispado a cidade de Goa, onde mandaua que a sé Santa Caterina fosse collocada, e feyta sé catredal, officiada e ordenada de todo o que comprisse, como lhe era necessario, com os cesardotes ordenados e eleytos polo dito bispo. Polo que logo ally o Visorey, polo secretario, fez confirmação na dita patente, a qual confirmação feyta, o bispo apresentou per seu assinado rol dos conegos, e capellães, e chantre, e arcediago, e mestre escóla, e todolos outros mesteres da sé; o que todo foy confirmado polo dito Visorey. Onde o bispo se tornou logo ao altar mór, onde disse algumas orações e benções, e com agua benta, e encençando com procissão solene, andou por dentro da igreija; com que se tornou ao altar, ficando a dita casa feyta Sé Apostolica catredal, de que então os dizimos rendião cad'anno quinhentos cruzados, polo que no caybo d'ElRey, per patente que pera isso trouxe o bispo, lhe dauão cad'anno mil cruzados d'ordenado, e aos conegos a cada hum trinta mil réis d'ordenado, e aos outros officiaes cada hum segundo sua ordem; mas, Deos seja louvado, que tudo veo em muyto crecimento como ora está.

CAPITULO XXXIII.

DE ALGUMAS COUSAS QUE SE PASSARÃO EM DIO DURANDO O INUERNO.

N'ESTE inuerno sempre em Dio ouve ouniões e aluoroços, porque na cidade andauão muytos rumes que fazião aos mouros soberbos, que onde topauão com algum portuguĕs, que hia negociar á cidade, os mouros e os rumes os encontrauão, e aleuantauão com elles brigas, de que ás vezes de ambas partes auia mortos e feridos; com que sempre auia aluoroços. E aqueceo que huns quatro portugueses, com suas espingardas, forão á caça a hum mato que estaua hy junto da quintã de Meliquiaz, que n'elle auia porcos; hindo com licença do capitão da forteleza, leuando em sua companhia alguns mouros da cidade, seus amigos e familiares, leuando muyto comer e beber pera lá folgarem. Os quaes, depois de andarem em trabalho da caça, se forão a repousar a hum aruoredo

onde tinhão o fato, onde se puserão a comer e beber, e folgar; onde assy estando, vierão por acerto ter com elles doze ou quinze rumes com suas armas, que sempre trazem traçados, cofos, zagunchos, machadinhas, e seus arqos e frechas; e chegando onde estauão os portugueses e mouros assy folgando e comendo, os rumes, sem ninguem os conuidar, começarão a lançar mão e comer do que lhe bem parecia; e não tão sómente isto, mas fallauão contra os portugueses ruydades e velhacarias, antremetendo algumas fallas portuguesas que sabião, de cornudos e judeus. Com a qual velhacaria forão tanto áuante, por auer rezão de aleuantarem brigas e matarem os portugueses, que começarão a quebrar alguns bacios, e entornar o vinho, e dar com elle nos focinhos aos portugueses, e esto em modo de zombaria. Os mouros lhe dizião pola sua falla que tal nom fizessem, mas elles tambem assy tratauão aos mouros como aos portugueses: o que elles vendo, fallarão huns com outros. Era aquy com elles Antonio d'Azeuedo, que era capitão do baluarte do mar, e ordenára esta caçada, e disse: « Riamos, e zombemos com estes rumes, e dessi- » « mulemos, indaque nos dêm bofetadas; porque nos matarão a todos se » « com elles ouvermos brigas. » O que elles fizerão assy, e com isto assy zombando com elles, e com os mouros, os rumes lhe fizerão muytas enjurias; mas elles tudo * forão * dessimulando per zombaria, e mandarão recolher o fato, e aos moços que se fossem com hum porquo que tinhão morto. E os portugueses com os mouros caminharão pera' cidade, e os rumes forão per outro caminho; com os quaes Antonio d'Azeuedo mandou huma espia a vêr que caminho leuauão. Os quaes se forão pera' villa dos Rumes, onde contauão a outros que topauão as burlas que fizerão aos portugueses; e se forão pousar com outros em humas casas grandes, que era sua pousada: o que todo vendo a espia tornou com recado.

Antonio d'Azeuedo com seus companheiros se forão pera o baluarte, e logo elle com os companheiros, e outros, que erão oito por todos, se armarão secretos de sayas de malhas, e bem concertados, determinando hir dar na casa onde os rumes estauão; mas pareceo bem a todos que aguardassem a vêr se os rumes viessem pera' cidade, que então déssem n'elles. O que assy concertarão, e tendo n'isso boa vigia, o mesmo dia á tarde vierão os rumes com outros, folgando e cantando, assy com suas armas, pera passarem á cidade; o que vendo Antonio d'Azeuedo, mandou a quatro dos companheiros que s'embarcassem no barqo em que

se metessem os rumes, e que atrauessando o rio fizessem hir o barqo ao cubello, e que os fizessem hir por força, porque elle acoderia sobre elles. O que assy foy feyto, que seys dos rumes e com elles hum que era o principal, que fôra ao mato, s'embarqarão com outros mouros que tambem passauão pera' cidade; onde tambem se meterão com elles os quatro portugueses, como que tambem querião passar, como sempre fazião. E mais acima, em outro barqo, s'embarqou Antonio d'Azeuedo com os outros praceiros, que os rumes nom atentarão n'isso, que se o virão por ventura se tornarão a desembarquar. E hindo assy no meo do rio, disserão os portugueses aos remeiros que os leuassem ao baluarte do mar, que nom querião hir á cidade; o que os remeiros assy fizerão. O que vendo os rumes lhes mandarão que fossem á cidade e nom ao baluarte; os remeiros lhe disserão pola lingua que os portugueses os mandauão hir ao baluarte, e lhe farião mal se lá nom fossem. Os rumes se aleuantarão bradando com os remeiros, e lhe mandarão que nom fossem ao baluarte, senão pera' cidade; arregaçando os braços, e trocendo os bigodes, dando pancadas nos remeiros, que remassem pera a cidade. Ao que os nossos arrancarão, e se [1] * meterão * ás cotiladas com os rumes; os mouros saltarão ao mar, ao que acodio Antonio d'Azeuedo no outro barco, dizendo aos mouros e guzarates que nom ouvessem medo, porque nom auia de fazer mal senão aos rumes, e chegando os barqos ambos, os rumes forão mortos, e o mayoral d'elles viuo decepado, e outro dos que forão ao mato, que Antonio d'Azeuedo nom quis matar. Com que se foy ao baluarte, e meteo o rume e todos dentro, onde, presente os rumes, contou aos mouros e guzarates tudo o que os rumes lhe fizerão no mato, e o perguntou ao rume se era assy; ao que o rume respondeo com muyta soberba que sy, que lá no mato se elle fallára lho pagára. Disse Antonio d'Azeuedo: «Nós» «eramos quatro portugueses, e vós outros erês quinze velhacos. Por» «isso o pagarês agora.» E lhe mandou dar com * hum * machado na cabeça, e per negros os mandou fazer em postas, e os salgar em huma pipa velha, e as tripas deitar no rio, e lhe tirou a fressura, e mandou espetar os figados em hum espeto, * e * mandou que lhos assassem, por * que * os auia de comer. Os mouros e guzarates se quiserão hir, mas Antonio d'Azeuedo lho nom consentio, até que vissem o que elle fazia.

[1] * metem * Autogr.

Os negros leuarão a espetada dos figados do rume á cozinha, e os deitarão fóra, e espetarão os figados do porquo que trouxerão, e os assarão, e os trouxerão á mesa, onde Antonio d'Azeuedo com os outros se puserão a almoçar, e beber, e a zombar dos rumes. O que acabado, soltou o outro, que o nom quis matar porque fosse contar o que vira. E se forão os mouros e guzarates pera' cidade, muy espantados, e crentes que os portugueses comerão os figados do rume assados: o que [1] * fóra * assy o dizião a quantos achauão; com que huns dias tiuerão que fallar, e os rumes e mouros cessarão das soberbas que fazião. Alguns rumes se forão aqueixar ao capitão da cidade, mas elle, que já sabia a verdade, lhe respondia que mais merecião, pois que fizerão taes males a quem lhe daua de boa vontade o comer e o beber; que os mouros que estauão com os portuguezes no mato lhe contauão tudo como passára.

CAPITULO XXXIV.

DO QUE EM BAÇAIM SE PASSOU ESTE INUERNO, EM QUE SEMPRE OUVE GUERRA.

Como o inuerno assy entrou n'este tempo tambem em Baçaim ouve aleuantamentos, porque os guzarates em cabildas vinhão roubar os moradores das terras de Baçaim, que as mais d'ellas estauão arrendadas aos portugueses, que da sua mão n'ellas tinhão os moradores da terra. Ao que os portugueses acodião, e os corrião * e * deitauão fóra da terra; ao que se os guzarates refizerão com gente grossa, de pé e de cauallo, com muytos rumes dos que ficarão feridos na quintã de Meliquiaz, que mandou ElRey que andassem n'esta guerra, e lhe daua soldo. Com que em todo o inuerno os nossos tiuerão muyto trabalho, e tantó apreto derão aos nossos, e por ser grande corpo de gente, que os fizerão recolher, que nom sayão ao campo; e fizerão tranqueiras nas bocas das ruas, e vallados per outras partes, em que assentarão algumas peças, falcões e berços, com que fazião afastar os mouros; e ás vezes sayão com elles a pelejar no campo, com que algumas vezes os mouros fazião recolher os

[1] * foram * Autogr.

nossos até as tranqueiras, onde com elles jogauão as lançadas, aprefiando os mouros a entrar. Então o capitão Ruy Lourenço de Tauora, muy mananimo capitão, valente caualleiro, determinado no que auia de fazer, nom consentio que a gente mais saysse fóra das tranqueiras, e teue a gente folgada vinte dias, e então ordenou muy bem toda a gente, em que ouve cincoenta de cauallo, (que os moradores casados, e os officiaes, os mais d'elles tinhão cauallos) e tresentos homens espingardeiros e lanceiros; e huma antemenhã, sem os mouros auerem sentimento dos nossos, derão n'elles, em que matarão e ferirão muytos, e * fizerão * muytos catiuos: com que sem nenhum perigo os nossos se tornarão a recolher. Do que os mouros se ouverão por muy enjuriados; o que sendo contado a Coje Çafar, que estaua ahy perto de Baçaim, fez logo ajuntamento de muyta gente, e mandou correr e muyto guerrear as tranqueiras, cometendo fortemente a entrar. Ao que acodia o capitão da forteleza, onde a peleja foy tal que muytos portugueses forão mortos e feridos. Os mouros se afastauão e repousauão, e os nossos lhe tornauão a sayr; onde cada vez lhe fazião muyto mal, mórmente os de cauallo, que de todo os desbaratauão, por muytos que fossem. O que vendo os mouros o mal que lhe os cauallos fazião, como andauão na peleja se acupauão em decepar os cauallos, com que de todo casy todos deceparão, e seus donos mortos, que com elles cayão; e tanto os nossos forão apertados que recolherão as fazendas e familia pera junto da forteleza, onde fizerão outras tranqueiras, e ficarão os mouros senhores do arraualde, destroindo todolas ortas e casas, o que os nossos primeiro fizerão, porque os mouros lhe nom pusessem fogo. E todauia os nossos forão tão apertados que lhe conueo a pedir secorro a Jorge de Lima, capitão de Chaul, o qual logo lhe mandou cem homens por terra, e polo rio em almadias, porque o rio de Baçaim chega huma legoa de Chaul, todos homens armados e espingardeiros, os quaes chegados a Baçaim, os nossos, tomando muyto esforço, logo fizerão saydas fóra, com que fizerão muyto mal nos mouros, e os correrão muy longe pola terra dentro, que nom ousarão mais a tornar: com que se tornou a refazer todo o arraualde das casas e ortas, e muyto melhor, e os mouros deixarão a guerra, porque já era perto do verão e durou todo o inuerno, em que os portugueses leuarão muyto trabalho da guerra e pobreza, que lhe nom pagauão, nem o capitão tinha de que; com que os homens lhe fazião grandes cramores, com que o capitão se vio

tão agoniado, e afrontado, que jurou em pubrico de todos que mais nom estaria por capitão da forteleza, se o Visorey lhe nom désse dinheiro com que a todos pagasse quanto lhe era diuido. O que assy comprio, como adiante direy.

Em quanto estas cousas assy passarão no inuerno, sempre das fortelezas o escreuião ao Visorey; polo que elle nom daua nada, e dizia que os capitães, por ter que allegar a ElRey, armauão guerrejões, pera que lhe dessem dinheiro pera pagamentos das gentes, e outras despesas, em que se muyto aproueitauão á sombra da requesta da guerra. E com isto nom curaua senão de apanhar e guardar, dizendo que ElRey lhe dera a India pera se pagar de cinqoenta annos de muytos e honrados seruiços que tinha feytos, e que por tanto quem se quigesse aproueitar que o aproueitasse a elle. Polo que nom auia cargo, nem officio, nem viagem, nem perdões de crimes, que tudo perdoaua por dinheiro. O gozilado d'Ormuz deu por sete mil xarafis; depois veo outro mouro que deu mais, e lho deu; o mouro que tinha dado os sete mil xarafis, que os tornou a pedir, nunqua lhos mais derão. Mandou em Baçaim soltar, por peita, huns rendeiros que deuião muyto dinheiro de rendas 'Antonio Pessoa, que era feytor, e tinha o dinheiro carregado sobre sy. Pedio que lhe désse mandado de como os mandaua soltar, pera' sua conta. Disse que o nom auia de fazer, pois lhe nom daua nada; que demandasse ao ouvidor que os soltára. E outras cousas * respondia * que parecião zombaria, que depois de sua morte forão demandadas. Passou todo o inuerno sayndo fóra muy pouqas vezes, [1] * sem * se acupar em nada mais que seus proueitos, sem auer piadade da grande proueza, e cramores que lhe a gente fazia, e bradauão e pedião justiça [2] * ao pé * das genellas das casas. O que assy se passou até que vierão as naos do Reyno, que forão estas.

[1] * nem * Autogr. [2] * a pé * Id.

ARMADA

DO

ANNO DE 539.

CAPITULO XXXV.

DA ARMADA DO REYNO QUE CHEGOU A GOA NA SAYNTE DO INUERNO, DE QUE ERA CAPITÃO MÓR [1] * PERO * LOPES DE SOUSA, IRMÃO DE MARTIM AFONSO DE SOUSA.

Na fim de setembro chegarão as naos do Reyno, que forão quatro pera carregar, e por capitão mór d'ellas Pero Lopes de Sousa [2], irmão de Martim Afonso de Sousa, na nao Gallega; e Simão Sodré na nao Raynha; e dom Roque Tello na nao São Pedro, e Aluaro Barradas na nao Espera, de mercàdores [3]. Simão Sodré nom veo a Goa, que veo mais tarde e foy tomar junto de Cananor e se foy a Cochym; e as outras tres naos vierão á barra de Goa, onde estiuerão pouqos dias, que o Visorey as fez logo partir pera Cochym a carregar, e n'ellas o veador da fazenda pera dar auiamento á carga. Sendo estas naos partidas do Reyno auia hum [4] * mês, chegou *

[1] * Rodrigo * Autogr. [2] *Couto* chama-lhe Diogo Lopes de Sousa, na Dec. V, Liv. VI, Cap. VI. [3] *Falcão*, no *Livro de toda a fazenda etc.*, diz que a armada de Pero Lopes de Sousa, sahida de Lisboa a 24 de março de 1539, se compunha de mais duas naus: a nau Salvador, capitão Anrique de Sousa; e a nau S. Paulo, capitão Thomé de Sousa. [4] * mes quando chegou * Autogr.

a Portugal Diogo Botelho com a noua dos rumés, que o Visorey mandára, que estauão combatendo a forteleza de Dio, que partio da barra de Goa, como já atrás fica, a qual noua deu a ElRey muy grande dor e trouação, que então estaua ençarrado por morte da Emperatriz sua irmã, e por a morte do principe seu filho, que então fallecera em Euora, e pola morte da mãe do Emperador, que todas estas nouas lhe erão chegadas em dez dias; mas o mór sentimento foy d'esta noua, que foy muy espantauel de ouvir, porque derão a India por perdida, e cada hum choraua polos seus. Ao que logo acodirão á corte todolos senhores do Reyno, cada hum offerecendose com sua pessoa e fazenda [1] *a* passarem á India. E o que n'este caso mais apretou pera vir com o secorro foy o duque de Bragança, e o primeiro que se offereceo foy o marquez de Villa Real, e cada fidalgo como se atreuia a passar ou mandar gente á sua custa, porque ElRey ordenaua grande secorro, pera o que auia mester muyto dinheiro. Em que auia grande réuolta, e se pôs muyta diligencia pera logo partirem corenta carauellas latinas, e logo ElRey despedio pera' India, em hum nauio muy velleiro, Anrique de Sousa Chichorro, e lhe deu regimento que sendo no mar da India fosse demandar o cabo de Comorym, e achando no mar alguma vella trabalhasse pola tomar e saber nouas; e achando que a India era tomada, e que nom podia hir onde estiuessem alguns portugueses, que se fosse á ilha de Ceylão, onde soubesse tudo o que era feyto, e d'ahy se tornasse pera o Reyno com as nouas que achasse. E pera isto poder fazer o nauio nom trazia mais que su'artelharia necessaria, e carregado de mantimentos pera a gente do mar, que nom trazia mais, pera poder vir e tornar a Portugal. Ao que se deu tal auiamento que em dez dias foy prestes e partio pola barra fóra; o qual chegou á India, como adiante direy, e partio em junho.

Diogo Botelho deu a ElRey muytas cartas, que tomou no nauio, que erão de Nuno da Cunha, que mandaua pera sua molher, e pera seu pay, e pera Simão Ferreira; porque deu cata ao nauio e as tomou todas, como já atrás disse. E muytas cartas que abrio, de amigos de Nuno da Cunha, que hião pera ElRey, as deitou ao mar; porque n'ellas dizião a ElRey o muyto descontentamento da gente da India pola vinda do Visorey, e a pouqua estima em que tinhão os rumes, com o grande desejo que

[1] *e* Autogr.

toda a gente tinha * de * com Nuno da Cunha hirem pelejar com elles; metendo a ElRey grande esforço que os rumes erão pouqa cousa pera o muyto grande poder que contra elles já o Gouernador tinha junto, e que já os forão buscar, se nom acertára de vir o Visorey, que se apercebia muy deuagar, com o qual as gentes hirião mais com vergonha e obrigações de suas pessoas, que com vontades; e que comtudo os rumes serião desbaratados. Todas estas cartas, que arrezoauão bem de Nuno da Cunha, e desfazião nos rumes, Diogo Botelho deitou ao mar, porque o Visorey tudo isto escreuia muy ao contrairo, dizendo que Nuno da Cunha nom tinha armada nenhuma, nem aprecebimento, nem gente junta, e a que tinha era muy descontente, por lhe nom fazer nenhum pagamento; e que os rumes vinhão muyto possantes, com tantas galés e galeões, e tantos mil homens; e outras sustancias que fazião a sua honra. Nas cartas de Nuno da Cunha achou ElRey muyta cousa de seus segredos de suas fazendas que tinha mandadas encubertamente ao Reyno. Polo que logo mandou meter prestes na coua Simão Ferreira, sacretario de Nuno da Cunha, que fòra com a noua da forteleza de Dio; porque, quando de qua foy, ElRey lhe perguntou da fazenda de Nuno da Cunha, e elle lhe negou tudo, e polas cartas achou o contrairo; polo que ElRey assy o mandou meter em prisão, onde esteue muyto tempo, e mandou ElRey dar grande busca em muytas pessoas, e na casa da molher de Nuno da Cunha, e em outras casas * em * que auia sospeita que estaua dinheiro de Nuno da Cunha, em que achou muyto dinheiro. E n'isto se nom fez tanto como fizera se ElRey nom tiuera 'acupação que tinha no apercebimento do secorro; pera o que logo mandou o mesmo Diogo Botelho ao Algarue a tomar quantas carauellas achasse pera mandar á India, e ordenou ElRey mandar logo outro nauio a Moçambique, com dinheiro pera ahy fazer aprecebimento pera 'armada que auia de vir: a saber, cordoaria pera ter [1] * feytas * muytas amarras, e enxarceas, muyto breu de Melinde, e mantimentos que se podião auer pola costa.

[1] * feyto * Autogr.

CAPITULO XXXVI.

DO APRECEBIMENTO QUE ELREY FEZ NO REYNO PERA * HIR * CONTRA OS RUMES, AO QUE MANDOU ANRIQUE DE SOUSA EM HUM NAUIO COM CARTAS AO VISOREY.

Sendo na entrada de dezembro, Anrique * de * Sousa chegou á costa da India, que partindo do Reyno achou bons tempos, e nauegando pera o cabo de Comorym, como trazia por regimento, foy ter antre as ilhas de Maldiua, onde por acerto achou hum barco da gente da terra, que fôra da costa da India, que lhe mostrou hum cartaz de seguro de Jorge de Freitas, feytor de Baticalá, que auia tres mezes que era feyto; e perguntando por nouas dos rumes os negros lhas derão tão mal ordenadas que os fizerão ficar muyto mais duvidosos; e comtudo assentou de hir auer vista do porto de Baticalá, e o tomar, pois que ahy estaua feytor. E nauegando pera lá ouve vista da costa da India defronte de Panane, e nom conhecendo a terra, nem ousando a se chegar a ella pera' conhecer, correo ao longo da costa pera Comorym, chegandose pera a terra; e sendo á tarde ouve conhecimento de Cranganor, e d'aruore de Vaipim, e das naos que estauão carregando no porto de Cochym; e chegando perto da terra ouverão falla de humas almadias de pescar, que lhe disserão que o Visorey estaua em Goa, e que em Cochym estaua o védor da fazenda. Com que ouverão muyto prazer, e forão ao porto tirando muyta artelharia, e em Cochym deu cartas d'ElRey ao veador da fazenda, em que lhe ElRey muyto encomendaua as cousas do aprecebimento dos almazens. E estando em Cochym pouqos dias, se partio pera Goa, onde achou o Visorey muy descansado do cuidado que o nauio trazia, onde Anrique de Sousa lhe deu cartas d'ElRey, em que lhe dizia do grande socorro e armada que logo após o nauio mandaua, muyto lh'encomendando e encarregando, que postoque os rumes fossem desbaratados ou fogidos, como elle confiaua na paixão de Nosso Senhor, que comtudo lhe mandaua que elle nom estiuesse a tão máo recado, e tão desprouido, como lhe dizia que achára as cousas de Nuno da Cunha. E fóra ElRey isto

muyto encarregar ao Visorey per suas cartas, mandou a Anrique de Sousa que presente o sacretario lho dissesse de palaura; pera o que lhe deu huma carta de crença, em que dizia ao Visorey: «todo o que Anrique» «de Sousa vos disser da minha parte, eu lho mando que volo diga.» E deu ElRey auiso 'Anrique de Sousa que se visse que o Visorey nom punha muyta diligencia em prouer grande armada, como lhe mandaua, que então elle lho tornasse a dizer da sua parte, presente o védor da fazenda, e alguns fidalgos, de que tomasse assinados; e *trazia* prouisão d'ElRey, em que mandaua aos fidalgos que chamasse Anrique de Sousa, que fossem presentes quando quigesse fallar ao Visorey alguma cousa das que lhe elle mandaua. O que todo Anrique de Sousa fez muy compridamente, e pedio ao Visorey que o despachasse, pera tornar com recado a ElRey. O Visorey era homem muy entendido em tudo, e disse a Anrique de Sousa: «Vós trazeis no vosso regimento que vos torneys logo?» Elle disse que não, mas que lho pedia porque folgaria ElRey com sua reposta. Disse o Visorey: «D'oje áuante nom me falleis em cousa al-» «guma, senão o que trazeis em vosso regimento. Serão as naos [1] *car-» «regadas* e partidas, e se ficar alguma messagem pera vós leuardes» «então vos mandarey.» O Visorey escreueo suas cartas a ElRey, em que lhe deu miuda conta das cousas da India.

CAPITULO XXXVII.

DOS MALES QUE FEZ EM COCHYM PERO LOPES DE SOUSA, CAPITÃO MÓR DAS NAOS DA CARGA, E PALAURAS QUE COM ELLE PASSOU ANTONIO DA SILUEIRA; O QUAL PERO LOPES NO CAMINHO DO REYNO SE FUNDIO NO MAR.

Deu o Visorey 'Antonio da Silueira huma nao pera o Reyno, em que se fosse, das que ficarão do anno passado, onde com elle s'embarcarão muytos homens que com elle seruirão no trabalho dos rumes; porque ElRey lhe mandou por Anrique de Sousa cartas de grandes fauores, e que se fosse ao Reyno a repousar de seus trabalhos; e lhe mandou hu-

[1] *carregas* Autogr.

ma patente em que geralmente confirmou todolos caualleiros que tiuesse feytos per seus aluaraes.

Pero Lopes de Sousa, capitão mór das naos, era homem muy forte de condição, e fogião os homens da sua nao; os outros capitães que são barqueiros de passagem, resgatauão e despeitauão tanto os homens que com elles se querião embarqar, e lhe pedião tanto dinheiro polos gasalhados, que todos se vinhão pera Antonio da Silueira. Elle, como era de boa condição, folgaua d'agasalhar a todos, e mandou encher hum paiol d'arquas d'homens de sua obrigação, e secretamente o tinha cheo; o que foy dito ao védor da fazenda, o qual o disse a Pero Lopes de Sousa. E logo ambos se forão á nao d'Antonio da Silueira, e deitarão as arqas fóra, e meterão pimenta no paiol. O que sendo dito 'Antonio da Silueira ouve muyta paixão, e disse em pubrico de muyta gente: «O védor da» «fazenda, nem Pero Lopes de Sousa, nom farão por isso ElRey mais» «riquo: o que fizerão he como bons seruidores. Folgo porque no paiol» «nom acharão fazendas defesas, senão as arcas de muyta pobreza que os» «homens leuauão, que ganharão a forteleza de Dio ás lançadas, a que eu» «quero bem como propios irmãos meus, polo que lhe vy fazer pelejan-» «do com os rumes; e se Pero Lopes o vira elle os estimára como eu.» «Mas já esta maldição ha de morrer com a India: que o pouo e pobres» «homens trabalhão, e os grandes leuão o proueito, e o seu suor; de» «que Deos ouvirá seus gemidos.» E fallando com alguns que hy estauão lhe disse: «Senhores, já vedes quão pouqo posso, porque nom são» «capitão mór d'estas naos. Prouvera a Deos que tiuera eu fazenda pera» «comprar este paiol e vos leuar a todos; mas, assy me Deos leue a» «saluamento, que o nom tenho.» E sempre depois Antonio da Silueira teue pontos com Pero Lopes por isto, e hum dia que ambos se toparão á porta da feitoria, lhe disse Pero Lopes: «Senhor, ouvestes paixão» «porque desembarquey as caixas do paiol em que mety a pimenta d'El-» «Rey. Eu fiz o que he de minha obrigação, que por isso me encarre-» «gou ElRey estas naos. Do meu vos farey o seruiço que puder, que o» «d'ElRey nom hey de fazer senão polo caminho direito.» Respondeolhe Antonio da Silueira: «Se isso assy nom fôra, certo he que me nom» «entráreis na minha nao a me despejardes os praceiros que me ajuda-» «rão em tantos seruiços d'ElRey, de que elle he tão mal lembrado que» «pera suas embarcações lhe nom faz nenhum resguardo; mas per cima»

«de tudo bem podem os officiaes fazer mil cousas, como elles fazem» «quando lh'apraz.» Pero Lopes, como era zeloso de mal *fazer*, indaque tinha a sua nao carregada nom se quis partir, e fez partir as outras primeiro, e querendo a nao fazer vella elle hia a ella e a fazia dar a vella, e então daua varejo nas caixas e escrauos, e os mandaua pera terra; o que fazia per tal modo que os homens se tornauão a desembarquar com suas caixas, e alguns nom consentia que se desembarcassem: polo que nom auia senão pedir a Deos justiça. Em que fez o mór mal que se nunqua fez depois que naos partirão da India. E pera se confirmar na maldade de Nero, fazendose elle a vella, que foy derradeiro de todos, leuou á nao huma barca grande das que carregauão a pimenta, e n'ella deitou corenta caixas de roupa, que erão dos officiaes da nao, com as quaes todos se querião desembarqar, o que lhe elle nom consentio, nem quis tornar a recolher as caixas, nem ouvir muy piadosos cramores e brados que os homens gritauão; e despedio a barca de bordo com huma carta que mandou ao viador da fazenda, que recolhesse aquellas caixas, que achára na sua nao sem sua licença. E porque o vento era fraqo, *e* a nao andou assy diante da barra, *e elle* ouve vista de hum negro que estaua escondido, mandou dar cata na nao, e achou alguns negros embarcados sem sua licença, e mandou deitar doze ou quinze d'elles ao mar. E eu vy dous d'elles, que trouxerão a casa do ouvidor huns pescadores, que dixerão que os acharão a nado polo mar. De que o ouvidor mandou fazer auto, e perguntou aos negros quantos deitarão no mar. Elles disserão que primeiro que elles o capitão mandára deitar seis, que estauão em huma camara escondidos; como de feyto que depois se acharão outros, e alguns mortos, que sayrão á praia. E o védor da fazenda mandou entregar as caixas á justiça, d'onde algumas depois se arrecadarão per cartas de seus donos, que mandarão na mesma barqua. E porque este era hum tão enorme feyto, a que ElRey nom ouvera de dar o castigo que merecia, quis Deos darlho, que o somio no mar, que nunqua mais pareceo, nem nouas d'elle. E postoque com este tirano muytos padecerão morte, quis Nosso Senhor mostrar sua diuina justiça, como o fará á outros grandes males que ha na India, que nom podem auer castigo senão da sua mão, porque he juiz que nom toma peytas senão de corações direitos.

CAPITULO XXXVIII.

DO ASSENTO DAS PAZES QUE O VISOREY FEZ COM O REY DE CALECUT, E COMPRIMENTO QUE SOBRE ISSO TEUE COM ELREY DE COCHYM, PORQUE FEZ A PAZ SEM SEU APRAZIMENTO.

O Rey de Calecut, sabendo da morte de Patemarcar, que matarão em Ceylão com seus principaes armadores, e que já se nom podia aproueitar do mar com armadas, e principalmente polo muyto danificamento que tinha em seu Reyno, o que lhe muyto seu pouo [1] * cramaua, tornou * a mandar seus embaixadores ao Visorey a Goa, pedindolhe o assento das pazes que lhe prometera da tornada de Dio. E porque este assento e paz se nunqua auia de quebrar, e pera sempre ser firme e durauel, lhe muyto pedia que se fizessem com vista d'ambos, onde fosse bem pera ambos, e como compria; que lho muyto pedia da parte d'ElRey de Portugal. O Visorey lhe respondeo com muyto boas palauras, e carta de muytas cortezias, pedindolhe muytos perdões por nom hir a seu chamado, o que elle muyto folgára de fazer, mas que sua má desposição lho tolhia a nom poder hir, e mórmente que no mar se achaua muyto mal; mas que elle mandaria lá seu filho dom Aluaro, com seus poderes, que com elle faria tudo como fosse bem e rezão, e o que com elle assentasse tudo affirmaria e assinaria presente seus messigeiros: o que os messigeiros aceitarão, porque virão que o Visorey estaua mal desposto, e nom saya fóra de casa. Então o Visorey mandou dom Aluaro que fosse a Calecut, a que deu apontamento do que auia d'assentar nas pazes, em modo que em todo o caso ficassem assentadas. E foy em hum galeão, e quatro galés, e dez fustas, com honrada gente; e lhe mandou que se fosse a Chalé, onde fallasse com Manuel de Brito, capitão; e que mandasse a Cochym a chamar o veador da fazenda; e a todos o Visorey mandou que por cousa nenhuma deixassem d'assentar as pazes. Partio dom Aluaro, e se foy a Chalé, leuando comsigo os embaixadores, e chegando lá, os

[1] * cramaua polo que tornou * Autogr.

embaixadores forão a ElRey com o recado que leuauão; com que ElRey folgou, e por fazer em seu estado se foy a Panane, e mandou dizer a dom Aluaro que ahy agardaua por elle com seus regedores. Então mandou dom Aluaro a Cochym recado a chamar o veador da fazenda, o qual veo em fustas, e com elle dom Fernando d'Eça, capitão de Cochym, e veo Pero Lopes de Sousa, capitão da carga, e dom Aluaro se foy a Panane, onde se ajuntarão todos; e tambem foy com dom Aluaro o sacretario João da Costa, e dom João de Crasto, que depois foy Gouernador da India; e com o capitão de Chalé todos juntos, entenderão no caso, que assy o mandou o Visorey. E ElRey de Calecut se foy a Panane, e leuou comsigo ElRey de Chalé, e ElRey de Tanor, que he seu capitão do campo, e seus regedores e caimaes, e o principe, e outros grandes senhores, que com elle se ajuntarão, onde se assentarão as pazes per esta maneira, a saber:

Que em todo o Reyno de Calecut nom aueria barquo de remo mais que cinqo por banda, e que nenhum teria esporão, e que sendo achado fosse queimado e tomado, com quanto dentro n'elle se achasse, indaque fosse nos portos de Calecut, sem quebramento das pazes; o que assy farião a todolas naos e zambuqos que fossem achados que quebrauão alguma parte do que n'estas pazes fosse assentado; os quaes todos, de nehuma sorte que fossem, nauegarião sem cartaz do capitão de Chalé. E que nenhuma nao passaria a Meca, nem trataria em pimenta nem drogas pera nenhuma parte, sem especial prouisão do Visorey ou Gouernador que fosse. E que entregaria toda 'artelharia d'ElRey de Portugal que ouvesse em seu Reyno. E que daria todolos escrauos e escrauas que lá estiuessem, catiuos ou fogidos; e que seguramente seus donos os pudessem hir buscar per todo o Reyno, os quaes lh'entregarião sem embargo se fossem tornados mouros nem gentios [1]: e esto querendo os ditos escrauos tornar pera seus donos por suas vontades. E que as perdas que erão feytas ficassem com as partes, sem auer satisfação nem restituição. E que daria toda quanta pimenta ouvesse em sua terra polo preço de Cochym, a qual se daria na ilha de Camarão que está dentro no rio de Chalé [2]. E assy daria todo o

[1] Isto é: *não obstante* terem-se feito mouros ou gentios. [2] Com muyta rasão accrescenta Gaspar Correa que está dentro no rio de Chalé, para a distinguir d'outra ilha do mesmo nome, situada no Mar Rôxo, e mais vezes nomeada, de que tracta *Barros*, Dec. II, Liv. VIII, Cap. II. V.ª *Rennell*, Déscription de l'Indostan.

gengiure que ouvesse em toda a terra a preço de nouenta e dous fanões, que doze valem hum pardao de tresentos reis o bár de tres quintaes e meo. E que de cada cem báres que désse mandasse nas mesmas naos hum bár seu, digo dous báres e meo, dos quaes aueria pagamento d'El-Rey de Portugal a corenta pardaos o quintal, pagos em cobre, azougue, vermelhão, e coral, tudo polos preços do Reyno, e tudo a risco d'ElRey de Portugal até lhe ser entregue; o qual pagamento lhe faria á tornauiagem das naos na carregação, indaque as naos nom passassem; e mais em cada carregação poderia elle Rey de Calecut, se quigesse, carregar nas naos cem quintaes de pimenta cad'anno, a seu risco e por seu frete, como fosse a d'ElRey nas naos dos mercadores; pera o que poderia mandar hum seu feytor, se quigesse, e * que * lhe trouxessem o retorno em quaesquer mercadarias que elle [1] * quigesse *. E a pimenta no Reyno a tomaria ElRey e lha pagaria polo preço que vendesse a sua; e o retorno nom traria nas mercadarias que ElRey trataua, que era coral, cobre, vermelhão, azougue. E que o Çamorym fosse amigo de nossos amigos, e que quando algum nosso amigo com elle tiuesse contenda que o Visorey n'isso meteria a mão, e os concordaria com sua honra; e que nom querendo o Çamorym n'isso concordir, então ajudariamos o nosso amigo contra elle, sem quebramento da paz; e que nom querendo o nosso amigo consentir no que o Visorey concordasse, que então o Çamorym fizesse sua guerra, se lhe comprisse. E que o Çamorym daria ao Visorey ajuda de gente quando lhe comprisse, e que assy lha daria o Visorey quando o Çamorym lha pedisse. O qual assento e capitolação foy escrito polo sacretario, em que assinou dom Aluaro, e védor da fazenda, e dom João de Crasto, e capitão de Cochym, e * o de * Chalé, e com o sello das armas reaes. E o leuou o sacretario a ElRey, e ElRey deu outro tal ao sacretario, feyto em suas olas, assinado per elle, e polo principe, e os Reys de Chalé e Tanor, e os quatro regedores do Reyno [2]. Tudo assy acabado e affirmado pera sempre, sómente nos cem quintaes de pimenta fiqou resguardado até auer reposta d'ElRey de Portugal se o auia por bem; por quanto em cousa de pimenta nenhum poder tinha o Visorey, nem nenhum Gouernador, porque ElRey sómente o podia fazer. E * concedeo

[1] * quige * Autogr. [2] Vejam-se os capitulos d'estas mesmas pazes, que traz *Couto*, na Dec. V, Liv. VI, Cap. VI.

o Visorey * que os cem quintaes d'este anno os mandasse, e fossem carregados como estaua assentado, que estes lhe affirmaua que ElRey compriria em todo, ainda que nom consentisse nos outros annos. E n'este anno se nom tomou pimenta em Calecut, porque em Cochym auia auondança pera as naos d'este anno. O que todo assy o Çamorym mandou apregoar as pazes, e com dom Aluaro mandou hum homem a Goa pera tudo trazer assinado polo Visorey, como foy, porque o Çamorym despedio dom Aluaro, e lhe mandou riqas peças pera o Visorey, porque sabia que era cobiçoso. Com que o Visorey muyto folgou, e mandou apregoar as pazes com suas solemnidades, segundo as de Cambaya, e assinou tudo, com que despedio o messigeiro com peças de sedas, de velludo, e citim, que mandou ao Çamorym. Com que toda a costa fiqou assentada em boa paz.

O Visorey, sabendo que o Rey de Cochym auia d'auer pesar d'estas pazes, por nom serem com elle primeiro comonicadas quando mandou dom Aluaro, logo mandou carta ao capitão de Cochym, que elle e o védor da fazenda fossem fallar com ElRey, e da sua parte lhe pedissem licença pera com o Çamorym assentar pazes, que lhas pedia com rogos, as quaes elle faria com taes condições de que elle fosse contente, e muyto de seu seruiço, porque elle as nom fazia * por vontade *, sómente por escusar tanto gasto, como cad'anno se fazia a ElRey nas armadas que trazia em guarda da costa; e o assento que fizesse tudo lhe mandaria mostrar. E postoque o Rey de Cochym d'isso ouve pesar, mostrou contentamento polo comprimento que com elle tinha o Visorey. E tornando a Cochym o védor da fazenda lhe foy dar conta de como as pazes erão assentadas; de que ElRey de Cochym mostrou prazer. O que todo assy foy acabado em janeiro de 540; mas depois isto nom ouve effeyto no concerto da pimenta e gengiure, porque ElRey o nom quis, e o escreueo ao védor da fazenda, nom que quebrassem a paz que era feyta, sómente que tiuessem modo como per terceiras pessoas ouvessem o gengiure de Calecut, e que a pimenta que a comprassem sempre em Cochym, no inuerno, pera que ouvesse abastança d'ella pera' carga das naos, pera que nom ouvesse necessidade de tomar a de Calecut, e se escusassem de a tomar, por nom comprir com a obrigação dos cem quintaes. O que assy fizerão, que nunqua depois se mais fez nada d'isto, e as pazes ficarão firmes sem algum quebramento.

CAPITULO XXXIX.

COMO RUY LOURENÇO DE TAUORA, CAPITÃO DE BAÇAIM, ESCREUEO AO VISOREY, PEDINDOLHE DINHEIRO PERA PAGAMENTO DA GENTE QUE ESTAUA EM GUERRA, E REPOSTA QUE LHE MANDOU; E COMO LÁ FOY TER JOÃO DE SEPULUEDA, QUE VINHA D'ORMUZ, QUE LÁ FÔRA ENUERNAR VINDO DO REYNO.

Sendo dom Aluaro no Malauar, chegou ao Visorey recado do capitão de Baçaim, em que lhe daua conta do muyto trabalho que passára com a guerra todo o inuerno, e o muyto seruiço dos homens, e que ainda os mouros estauão á vista de Baçaim com arraiaes assentados, e agardarião algum recado d'ElRey, ou gente, pera tornarem á guerra; e que com este arreceo, agora que auia nauegação que a gente toda lhe fogia, porque lhe nom pagaua; que por tanto lhe muyto pedia por mercê que olhasse o que compria ao seruiço d'ElRey, e lhe désse dinheiro com que pagar a gente do que tinhão ganhado no trabalho da guerra, de que, afóra os mortos, ficarão muytos aleijados que nom tinhão que comer. E postoque elle os tiuesse por força, que bem sabia que se nom podia fazer boa obra com a gente sem vontade; o que assy sendo, elle sem gente nom podia soster a forteleza. Mas o Visorey por todas estas palauras nom deu nada, e lhe respondeo que se a gente o deixasse que elle tinha outra muyta que lhe mandaria; e que se elle deixasse a forteleza, por ser guerreira e nom de proueito, que tambem tinha outro capitão que pera ella mandaria, que nom bradaria tanto por dinheiro como elle. Ao que lhe Ruy Lourenço de Tauora respondeo com huma carta de muy sostanciaes palauras, dizendo que lhe pedia por mercê que assy o fizesse, e lhe mandasse da sua gente; que elle bem sabia que os homens que trazia que nom comião, porque lho elle nom daua; mas que nom sabia se quererião pelejar, porque tambem os trazia muy afastados da guerra, e por ventura quando se n'ella vissem se espantarião. E que quanto a mandar outro capitão pera' forteleza, que nom bradasse tanto por fome como elle, que lhe pedia que lhe nom estranhasse isso tanto; porque em Portugal elle vira honrados fidalgos pedir a ElRey

o gouerno da India bradando com fome, e que á India vinhão a matar a fome, e se achauão guerra lhe pesaua muyto, porque com ella se nom aproueitauão como trazião o desejo; e que elle fazia como seus visinhos; e que prouverá a Deos que os rumes que forão a Dio forão naos de mercadaria, e nom galés de guerra, porque elle fôra o primeiro que lá acodira. E que pois lhe confessaua toda a verdade assy podia crer d'elle que nom auia d'estar por capitão de gente de per força, e agrauada com muyta rezão. Da qual reposta o Visorey se muyto escandalizou e nom o quis prouer com nada.

E ordenou mandar dom Pedro de Castello Branco com armada a Cambaya, como mandou com quatorze vellas. João de Sepulueda, que ficára em Moçambique d'armada do Visorey, se foy caminho d'Ormuz, onde passou o inuerno, e em agosto veo a Dio com muyta gente que trazia, e sabendo que Baçaim estaua de guerra, se foy lá, e sayo em terra com dous batés carregados de boa gente, e armados; onde Ruy Lourenço de Tauora, com a gente que tinha já prestes, forão dar em humas aldêas de mouros, onde fizerão muyto mal. Com que os mouros se mais afastarão de Baçaim, onde esteue João de Sepulueda até que chegou dom Pedro com 'armada, que achando Baçaim d'assessego passou áuante correndo a costa, e foy a Dio, onde esteue alguns dias, e se tornou deuagar pera Goa, que foy já na entrada d'abril d'este anno de 540.

CAPITULO XL.

COMO EM COCHYM FALECEO O EMBAIXADOR DO PRESTE, QUE FÔRA AO REYNO, E O PADRE FRANCISCO ALUARES, QUE DO PRESTE FÔRA AO PAPA COM SEU RECADO, FEYTO PATRIARCHA DAS TERRAS DO PRESTE PEDIO AO VISOREY EMBARCAÇÃO PERA HIR AO PRESTE.

Já atrás disse como a nao Raynha, em que veo Simão Sodré, nom veo a Goa, e se foy a Cochym. Na qual nao veo o embaixador do Preste, que fôra com dom Rodrigo de Lima, em tempo de Lopo Vaz de Sampayo; e com o embaixador veo o crelgo Francisc' Aluares, que fôra ao Preste, ao qual o Preste muyto rogára que de Portugal fosse a Roma

com seu embaixador, por [1] * quem * mandaua huma cruz d'ouro: o que o Preste por suas cartas assy o escreueo a ElRey. O qual padre foy ao Papa, e lhe leuou a cruz e cartas do Preste, e nom foy o embaixador por estar doente; ao qual padre o Papa respondeo e deu carta pera o Preste; e ao padre fez muytas mercês, e o fez patriarca das terras do Preste, e lhe deu outras muytas cousas pera o Preste. E ElRey fez muytas mercês ao embaixador do Preste, como lhas pedio, e * lhe deu * cartas, e todolas prouisões pera o Visorey, e embarcação n'estas naos. E chegando a Cochym o embaixador vinha muyto doente. D'ahy a pouqos dias falleceo, e foy enterrado honradamente no mosteiro de Santo Antonio. Ao qual embaixador acharão muytas cousas, armaria, e espingardas, e armas de muytas feyções, e muytos castiçaes grandes, e bacias, e cousas de latão pera seruiço de igreija, e muytas feguras e imagens de santos, e liuros de igreija e de santos, e outras cousas da mercadaria. O que tudo se pôs a bom recado, entregue ao padre e aos criados do embaixador, que todos se forão a Goa, onde mostrarão fortes provisões que trazião d'ElRey, em que lhe mandaua espressamente que os mandasse leuar ao Estreito ás terras do Preste. Mas o Visorey lhe disse que nom auia de fazer o gasto de huma armada pera os mandar leuar, mas que elle auia de mandar catures a saber nouas dos rumes, e que se os nom ouvesse então os mandaria leuar em hum galeão; e que deuião escreuer suas cartas pera o Preste, do despacho que trazião e como estauão agardando por passagem, e que elle tambem escreueria ao Preste; e que mandassem hum homem com estas cartas, que hiria nos catures, e que se pudessem passar a Maçuhá o poerião em terra, e hiria ao Preste darlhe recado com que muyto folgaria. O que assy pareceo bem ao padre, e assi o fizerão, que mandarão hum criado do embaixador com suas cartas e do Visorey, como adiante direy [2].

[1] * que * Autogr. [2] Tudo é confusão n'este capitulo. Os factos e a chronologia atropellam-se e brigam; convertem-se tres distinctos embaixadores do Preste n'uma só pessoa, e dá-se, por mercê de Gaspar Correa, ao padre Alvares o patriarchado da Ethiopia, da qual o Bermudes, actual embaixador, *se fizera primeiro patriarcha*.

CAPITULO XLI.

DAS ARMADAS QUE O VISOREY MANDOU AO ESTREITO DE MECA, EM QUE FOY FERNÃO FARTO DIANTE, E ANTONIO CARUALHO APÓS ELLE, E VASCO DA CUNHA EM OUTRO * CATUR *; E O QUE LÁ FIZERÃO.

Então logo o Visorey mandou hum catur, o milhor que auia, e n'elle Fernão Farto, homem que muyto sabia do Estreito, e lhe mandou que trabalhasse muyto como chegasse a Maçuhá, porto do Preste, e pusesse lá o abexim que leuaua as cartas pera o Preste. E mandou tambem com elle hum rume que em Dio se deitara com os nossos, dizendo que o capado lhe matára hum irmão: o qual deu muyta enformação das cousas do arraial e armada, e sempre esteue na forteleza, e quando lá foy o Visorey se deitou a seus pés, pedindo que o fizesse christão, que o seruiria como seu escrauo. O Visorey o mandou fazer christão com honras, e lhe pôs o seu nome, e deu dinheiro pera seu vestir, e o trazia em sua companhia, e lhe fazia muyto fauor, porque o rume era espia manhosa, e sabia muyto [1] * lisonjear * o Visorey, e lhe contaua muytas mentiras com que o Visorey folgaua; e se offereceo que hiria dentro a Suez, e a Constantinopla, se comprisse, e lhe traria todolas nouas, e que então lhe fizesse a mercê que merecesse; e por isso o Visorey o trazia muy fauorecido dentro em sua casa. Hum mouro que fogira das galés, que era fondidor, que estaua em Goa, disse ao Visorey que este rume o enganaua, e era espião que o capado manhosamente deitára fóra, e que o rume era remolar de concertar os remos das galés, e que era grande piloto; que portanto olhasse nom lhe fizesse algum engano. Mas o Visorey nem por isso quis entender nada contra o rume, e o deixou hir com dom Aluaro ao Malauar ao fazer das pazes. O qual * rume * onde chegaua tomaua as sondas das barras, e tudo escreuia: o que tambem foy dito ao Visorey, e dessimulou com tudo, e o mandou n'este catur de Fernão Farto, e lhe disse que o pusesse em terra em qualquer lugar que elle qui-

[1] * legumjar * Autogr.

gesse, e em secreto lhe mandou que no caminho lhe désse fundo, como deu, que elle nom tornou mais.

E o Visorey escreueo ao Preste dandolhe conta do que ElRey lhe encarregaua e mandaua que fizesse, o que nom pudera fazer por achar os rumes na India; e que ora mandaua saber d'elles o que fazião, e que se estiuessem repousados que então mandaria 'armada a Maçuhá, com todolas cousas que ElRey mandaua. Com o que se partio Fernão Farto em feuereiro de 540. E tambem após Fernão Farto mandou o Visorey Antonio Carualho, escriuão da fazenda, em tres catures, que tambem entrasse o Estreito, e trouxesse nouas dos rumes; porque hum só catur podia auer algum perigo. O qual Antonio Carualho partio na fim de feuereiro d'este presente anno.

O qual sendo partido, o Visorey mandou fazer prestes doze fustas bem armadas, e boa gente, e mandou por capitão d'ellas Vasco da Cunha, que tambem fosse ao Estreito a saber dos rumes, e fazer guerra no que achasse. O veador da fazenda foy muyto contra o Visorey que nom mandasse estas fustas, que era despeza d'ElRey sem proueito; que nom era necessario, pois já erão hidos quatro catures, os quaes pertencião e erão pera espiar, mas que as fustas que mandaua nom aproueitauão pera nada. Mas o Visorey disse ao veador da fazenda que como elle mandasse a cousa que elle mais nom boquejasse nem fallasse; senão que faria outro veador da fazenda, de cortiça. E sendo as fustas prestes partio Vasco da Cunha em treze de março após os catures, e foy andar ás prezas, de que tomou pouquas, que as nom achou, e se tornou em vinte de mayo. Da companhia d'este Vasco da Cunha fogio hum Lançarote Guerreiro, que hia por capitão de huma boa fusta e bem armada, com que foy andar ao salto per muytas partes, em que tomou muytas prezas e roubos em seys annos, e depois foy perdoado por Gracia de Sá sendo Gouernador, que era da sua terra, e depois o Gouernador Jorge Cabral lhe fez mercê e deu officios honrados em Maluco.

Tornou Vasco da Cunha do Estreito na entrada de maio sem trazer nenhumas nouas do Estreito, como depois trouxe Antonio Carualho. E porque de Angediua pera Baticalá andauão humas fustas de ladrões ao salto, logo o Visorey lá mandou Vasco da Cunha com oito fustas e catures, o qual foy ter com os ladrões defronte do rio d'Onor, e correo após elles, e se lhe colherão ao rio de Bandor alguns d'elles, e outros

se colherão ao rio d'Onor, onde Vasco da Cunha entrou e lhe queimou os barqos, e toda a terra destroio: com que se tornou a Goa.

Em doze de maio veo do Estreito Antonio Carualho, que no Estreito deixou hum catur de Saluador da Costa, que mandou que se fosse em busca de Fernão Farto, e que ambos juntos se viessem; o que elles nom puderão fazer, e ficarão lá todo o inuerno, e tornarão a Goa no tempo que chegarão as naos de Portugal, como adiante direy. Antonio Carualho nom leuou licença pera entrar o Estreito, e foy ter no porto d'Adem, onde nom achou cousa nenhuma no mar, sómente humas almadias que nom póde tomar. E sayndo do porto d'Adem derão com huma fusta de rumes que vinha da costa de Melinde, que andára a saltear; com a qual pelejou fortemente, e a tomou, matando e ferindo os mouros até que se deitarão ao mar; e sendo assy rendida se veo a nado ao catur d'Antonio Carualho hum homem bradando que era christão, o qual recolherão, e a fusta dos rumes queimarão, e tomarão catiuos alguns bem despostos, e todolos outros matarão. Disse este homem, que se chamaua Antonio Bocarro, que era dos que ficarão em Adem no bargantym que lá deixára Heytor da Silueira, e que a poder de tromentos que lhe derão os mouros, e com temor da morte que vira dar aos outros, dissera que era mouro, e d'isso fizera as cerimonias; mas que na su'alma era verdadeiro christão. O qual deu nouas que as galés que leuára o capado quando fôra da India deixára muytas polo caminho, que hião abertas, e que as outras estauão varadas em Suez, e no Toro, e as concertauão, e fazião outras de nouo, e que se affirmaua que se auia de fazer grande armada, e passar á India Barba Roxa ou o Grão Judeu; e que os rumes que ficarão em Adem os da cidade pelejauão com elles; e que a mór parte d'elles erão mortos, porque na cidade auia tão grande fome que valia hum fardo d'arroz corenta xarafins, e que á fome ouverão de ser mortos, se lhe nom acodirão naos de Cambaya, que lá forão ter com mantimentos, que duas fustas dos rumes no mar tomauão, e as fazião hir ao porto; as quaes naos leuauão cartazes dos capitães de Dio e de Baçaim. Os quaes capitães vendem estes cartazes aos mouros por muyto dinheiro, ou tambem porque em suas naos carregão drogas e pimenta, em que todos tratão. Que certamente os capitães das fortelezas são os propios rumes em tiranias, e roubos, e malles que fazem em suas capitanias muy foutamente, porque nom temem ElRey que por isso lhes cortará as ca-

beças; sómente lhe toma alguma parte dos roubos que leuão. Do que El-Rey está muyto obrigado ante o Senhor Deos, que n'isto dará o remedio quando lh'aprouver.

CAPITULO XLII.

DE COMO O VISOREY MANDOU MANUEL DA GAMA POR CAPITÃO DA COSTA DE CHOROMANDEL, E O QUE LÁ FEZ, E DO QUE SE PASSOU ÇARRADO O INUERNO, EM QUE O VISOREY ADOECEO DE CAMARAS.

Mandou o Visorey * a * Manuel da Gama pera capitão da costa de Choromandel, com poderes pera fazer d'ella vir pera' India toda a gente, e desfazer a pouoação da costa, e casa do santo Apostolo. E n'este tempo chegou a Goa dom Esteuão da Gama, que vinha de ser capitão de Malaca, e veo com elle seu irmão dom Christouão da Gama, que o lá fôra buscar na companhia de Pero de Faria, que fôra por capitão de Malaca, a quē o Visorey fez muyta honra. Onde em Goa se recolheo muyta gente a enuernar, e o veador da fazenda. O Visorey, que jazia doente de corrença, foy sempre impiorando; com que nom podia entender nas muytas cousas que auia pera prouer, e mórmente pera apercebimento d'armada, pola certeza que auia de nouas de rumes. Sobre o que o viador da fazenda praticou com o Visorey, e assentarão que se fizesse hum Gouernador que prouesse as cousas que comprião até o Visorey auer saude: o que assy pareceo bem a todos. Pera o que se ajuntarão muytos e honrados fidalgos na salla do Visorey, quantos auia em Goa, onde todos juntos praticarão e apontarão cousas que muyto compria serem prouidas, com que o viador da fazenda foy acima á camara onde jazia o Visorey, e lhe perguntou a quem daua a voz pera ser enleito Gouernador em sua ausencia, porque a sua auia de ser a primeira, e a derradeira confirmar com as mais vozes. Ao qual o Visorey disse: « Seja Gouernador dom » « Aluaro meu filho, e nom seja outrem ninguem. » Disse o védor da fazenda: « Assy seja, e será, se a todos aprouver e a todos bem parecer. » Disse o Visorey: « Mando que se nom faça mais nada que o que digo. » Com que o védor da fazenda se tornou abaixo, e disse aos fidalgos: « Se- » « nhores, o Visorey nom quer que façamos o que he bem que se faça, »

« senão o que he sua vontade, que he muy fóra de rezão. » Com o que todos se forão e nom fiqou nada feyto. Então, n'este dia á tarde, Anrique de Sousa Chichorro per concerto dos outros fidalgos foy ao Visorey, leuando comsigo alguns d'elles que ouvissem o que elle fallasse, e entrando ao Visorey, depois de praticas de visitações Anrique de Sousa lhe disse: « Senhor, ouvime hum recado d'ElRey, que me mandou que »
« vos dissesse. » O Visorey disse que o dissesse. Então lhe disse: « Se- »
« nhor, he verdade que quando aquy cheguey do Reyno dey a vossa »
« senhoria huma carta de crença, em que diz ElRey nosso senhor que »
« me ouçaes tudo o que vos disser de sua parte, a qual carta vossa se- »
« nhoria tem em seu poder? » O Visorey disse que sy, que elle a tinha; e então lhe disse elle: « Pois senhor, sua alteza me mandou que da sua »
« parte vos dissesse, e sempre fizesse lembrança, que com muyto cui- »
« dado e diligencia aprecebesses a mór armada que pudesse ser, e a ti- »
« uesses sempre prestes pera toda' hora que comprisse pera o feyto dos »
« rumes; pera o que sempre os almazens estiuessem muy aprecebidos, »
« porque elle tinha por muy certa a passagem dos rumes este anno; ao »
« que elle acoderia com grande armada que mandaria, e diante d'ella »
« mandaria huma armada de carauellas. He verdade, senhor, que tudo »
« isto vos disse da sua parte, em segredo, que sua alteza assy mo man- »
« dou, e assy o fiz? E mais me mandou que se eu visse que vossa se- »
« nhoria n'isto nom punha muyta diligencia, que eu volo dissesse em »
« pubrico, presente fidalgos, como o ora faço, em que cumpro com o »
« que me su'alteza mandou, porque vejo que estamos no mês de mar- »
« ço e toda' armada está perdida na ribeira, sem nenhuma lembrança »
« de varação, e os almazens sem nada do muyto que hão mester. » O Visorey lhe perguntou: « Vós, Anrique de Sousa, tendes mais que dizer »
« alguma cousa que vos ElRey mandasse? » Elle disse que não. Perguntoulhe se auia mester d'elle algum assinado do que tinha dito. Disse que nom; que ElRey lhe creria o que lhe dissesse sem seu assinado. Disse o Visorey: « Pois me já tendes dito quanto vos mandarão, e já nom ten- »
« des que me dizer, agora vos mando eu que nom venhaes mais diante »
« de mim, senão quando vos eu mandar chamar. E a isto me nom res- »
« pondaes nada, e logo vos hyde per hy fóra, sem nunqua me mais ver- »
« des; porque vós fallastes o que vos ElRey nom mandou, e se me Deos »
« der saude nós estaremos á conta. E as testimunhas que trouxestes tam- »

«bem as leuay comvosco, e hyde fazer quantos capitulos quiserdes.» E viroulhe as costas, e elles todos se sayrão, todos brasfemando do Visorey. Em que no pouo todo auia grande cramor e escandolo, vendo tanto desemparo nas cousas, e o Visorey tão isento, e esquecido de tudo, e seu mór cuidado, assy na cama em que jazia, era apanhar dinheiro, vendendo perdões de todolos delitos, e degredos, e officios, e licenças, que nenhuma cousa lhe pedião que nom désse por dinheiro.

N'este tempo estaua dom Pedro de Castello Branco liure, e de todo despachado pera Ormuz, pera tornar a seruir sua capitania, e auia muytos dias que a nao agardaua por elle; o qual se nom embarcaua, porque tinha em sua fantesia que estaua nomeado na primeira socessão do Visorey, e porque os mestres dizião que o Visorey empioraua, e nom escaparia, elle estaua aguardando a vêr se morria o Visorey, crendo que podia ficar por Gouernador; e tanto n'isto andaua confiado que casy o daua a entender, e mostraua modos de Gouernador, esperando de dia em dia, e nom se queria embarcar. Sabendo isto o Visorey polo mestre e piloto da nao, que se queixauão ao Visorey que dom Pedro se nom queria partir, e que perdião a monção e lhe faltaria o tempo, o Visorey, que bem sentia a causa da tardança de dom Pedro, lhe mandou dizer que partisse, e fosse seruir sua capitania; que lhe pesaria de perder o passaro que tinha na mão polo que cobiçaua tomar; que nom aguardasse sua mortalha, porque poderia ser que seus sonhos lhe sayrião em vão, porque em Portugal nom se rezaua d'elle tanto que o metessem no calandrairo das socessões; que por tanto como d'amigo tomasse seu conselho, e se fosse muyto embora a sua capitania. Dom Pedro lhe mandou dizer que Deos lhe désse tanta vida como desejaua, e que elle nom esperaua o que sua senhoria dizia; mas que vindo os rumes se queria achar em sua companhia, onde faria a ElRey mais seruiço que estar folgando em sua forteleza. O Visorey lhe mandou dizer que elle entendia bem o falar francês que lhe mandaua; que logo se partisse, senão que mandaria descarregar a nao. E comtudo se deteue alguns dias, porque auia alguns seus amigos que lhe aconselhauão que se nom fosse; com que muyto mais s'enfunaua de Gouernador. E o pouo assy o affirmaua «que o seria» e muyto o cria, por elle ser parente do veador da fazenda, e ambos, de dia e de noyte, grandes almas que nunqua se apartauão; e cuidauão que o vedor da fazenda lhe teria dito o segredo das socessões.

CAPITULO XLIII.

DE COMO SE ORDENOU QUE PER VOZES SE ENLEGESSE QUEM GOUERNASSE, PORQUE O VISOREY FOY EMPYORANDO, E OS MESTRES CERTIFICARÃO SUA MORTE; E O QUE N'ISSO SE PASSOU.

Com estas detenças estaua assy tudo em mortorio, e tudo de cada vez se mais perdia; polo que, auendo ajuntamentos e praticas dos fidalgos antre sy, ordenarão que em todo o caso se enlegesse per vozes hum Gouernador, pera remedio de tantas cousas como se perdião: o que todo o pouo, com os officiaes da camara, muyto recramauão. E sendo pera isso juntos, dom João d'Eça, capitão da cidade, disse que tal se nom faria, nem elle o consenteria com todo seu poder, e sobre isso morreria; porque se tal se fizesse estaua muy certo grandes malquerenças, sobre que se aleuantarião grandes ouniões sobre o dar das vozes. Sobre o que fez protestos, e pedio estormentos que se elle tal nom podesse defender que protestaua nom obedecer a tal Gouernador assy enlegido por vozes; mas que, pera nom auer estas divisões de males e odios que se d'ahy podião soceder, que se abrisse a primeira socessão, onde estaua per ElRey escolhido a pessoa de que elle fôra contente que fosse Gouernador; e que este, quem quer que fosse, seria Gouernador sem debates nem contendas como forão as de Pero Mascarenhas. Ao que lhe muytos contradisserão, dizendo que elle queria aquillo porque elle teria sabido que vinha na primeira socessão, e buscaua modo pera elle ser Gouernador. Ao que elle respondeo, pedindo estormento do que dizia, que elle tal nom sabia, e assy o juraua nos santos auangelhos; e que se elles tal entendião, requeria que se abrisse a segunda socessão, ou a terceira, e qualquer que elles quigessem, porque elle o nom fazia senão polo seruiço d'ElRey, por se escusarem os males que podião sobreuir, de que ElRey nosso senhor receberia tanto desseruiço. E que de tudo lhe déssem estormento, por quanto elle, em quanto tiuesse vida, assy auia de o cumprir enteiramente como o tinha dito. Com a qual contenda cessou o ajuntamento, e se forão. O que o Visorey todo sabia o que se passaua n'estes debates, e lhe

mandou dizer que se mais se ajuntassem, ou bollissem em nada, que por seus propios nomes os mandaria apregoar, com trombetas, por trédores á coroa de Portugal. Com o que cessarão os debates huns dias.

CAPITULO XLIV.

COMO O VISOREY, JAZENDO DOENTE, DE PODER OSSOLUTO MANDOU ENFORCAR HUM HOMEM, E N'ESSE DIA FALLECEO, E DO ENTERRAMENTO QUE SE LHE FEZ.

Aqueceo n'este tempo que huns homens ouverão brigas ás cotilladas, de noyte. Hum d'elles fogio, e correndo se meteo em casa do Visorey e na entrada da porta cayo. Outro, que vinha após elle com o golpe feyto, lhe deu duas feridas, que morreo. Acodirão os criados da casa do Visorey, e tomarão outro da briga que acharão á porta, e nom o que fez o ferimento, que logo se acolheo. Tomando estoutro, que era da companhia, o leuarão preso. Com o que o Visorey foy tão endinado, por lhe assy ferirem o homem em casa que logo morreo, que mandou logo enforcar o preso. A que lhe nom valleo [1] *ordens*, e o proprio ouvidor geral, que disse ao Visorey que tal nom auia de fazer, sem primeiro tirar deuassa e o condenar per autos. Com que o Visorey muyto mais se acendeo, dizendo que com pregão de trédor merecia esquartejado, por assy fazer o crime em sua casa. Disse o ouvidor que o matador que estaua na terra firme, e que o preso nom ferira o morto. Disse o Visorey: «A vós mando que obedeçaes meu mandado, como Visorey que são;» «que o matador nom matára se este o nom ajudára.» E mandou a hum escriuão fazer hum mandado em que mandaua ao ouvidor geral, que sem embargo de nenhum embargo, nem ley, nem ordem de juizo, logo fosse enforcar Francisco da Veiga, preso por ser em ajuda de matar hum homem dentro nas suas portas; no que offendêra o estado d'ElRey nosso

[1] *ordees* Autogr. A nimia concisão de Gaspar Correa não deixa saber se não valeram ao preso ordens sacras, ou a intercessão de communidades religiosas.

senhor, por assy violar a pessoa de seu Visorey. E querendo assinar nom podia, e mandou a hum seu criado que lhe andasse com a mão, e o assinou. O ouvidor, por ser tanto contra justiça, andou em detenças, que o forão pedir ao Visorey. O preso era christão nouo; os mercadores da Rua direita dauão por elle peso de prata. Nada quis ouvir o Visorey; mas daua muy más repostas a quantos lhe fallauão. O bispo, por rogo de muytos, foy fallar ao Visorey, e nom quis fallar no preso, mas sobre palauras de visitação lhe cometeo que se confessasse, e comungasse, e concertasse su'alma, porque sua saude era duvidosa. O Visorey lhe disse: «Eu bem sei porque me conuidaes com a confissão. Eu o farey» «quando me comprir.» Sobre o que o bispo teue com elle grande prefia, e se despedio d'elle jurando, polas ordens que recebera, que se morria sem confissão, e communhão, de o nom consentir enterrar em sagrado. E se sayo da camara, e assy o disse e muyto mais o retificou aos filhos, e que olhassem que honra sua lhe ficaria da morte de seu pay mandalo enterrar no monturo. Com o que os filhos, e todos os seus, tanto lhe cramarão, que per força o fizerão confessar e comungar; o que tudo fez com hum seu capellão. Então o bispo lhe foy fallar no preso, cuidando que estaria então de milhor consciencia; mas nada aproueitou, senão quanto foy muyto pior, dizendo ao bispo que já lhe parecia que era enforcado. E logo mandou chamar o ouvidor geral, e lhe mandou que logo fosse ao tronquo, e perante elle mandasse enforcar o preso; porque elle nom se auia de tirar da genella até que o nom visse leuar. Ao que o ouvidor, com elle aprefiando lhe entregou a vara, dizendo que elle tal nom auia de fazer com vara na mão. Mandou o ouvidor que sem vara o fosse logo fazer, sô pena de por isso o mandar enforcar a elle. Com que o ouvidor se sayo, e foy á porta do tronquo, e mandou fazer hum auto de todo o caso que era passado, e n'elle o mandado do Visorey, do que de todo tirou estormento, e deu o mandado ao juiz, que o comprisse. Com que o preso foy leuado a enforcar per diante as casas do Visorey, o qual, sentindo que trazião o preso, mandou fechar a genella, onde lhe muytas vezes bradarão Senhor Deos misericordia; mas nada prestou, que o forão enforcar. O que foy a hum sabado pola menhã, e no mesmo dia á noyte falleceo o Visorey, que [1] «amanhecendo» domingo de Pascoella,

[1] «amanheceo» Autogr.

pola menhã foy sabido, que forão quatro dias d'abril d'este presente anno de 540. Morreo ás onze horas da noyte; os filhos e criados estiuerão callados até que amanheceo, e entanto guardarão e esconderão o que auia na casa, e sendo menhã então fizerão seu pranto. Ao que logo acodio muyta gente; mas sómente nos seus auia o pesar, que em todo o pouo auia muyto prazer, e folgarão com sua morte [1], sómente porque com a detença de sua doença a India de todo estaua perdida. Forão juntos todolos fidalgos, e com muyta honra o leuarão a enterrar na sé, e o deitarão no meo da capella mór, e sendo enterrado, logo no meo da egreija puserão banqos em que se assentarão todolos fidalgos, e fiqou em pé no meo, antre todos, Fernão Rodrigues de Castello Branco, veador da fazenda, e João da Costa sacretario. E o veador da fazenda abrio hum cofrinho, e tirou d'elle hum saquinho coseyto e atado com hum fio, e sobre o fio o sello das armas reaes, e sobrescrito que dizia, *Socessões da India por ElRey nosso senhor*; e o deu na mão do sacretario, e lhe disse que o mostrasse a todolos senhores que estauão presentes, que o vissem bem, e olhassem se estaua bollido per algum cabo, que fizesse duvida ser aberto, e d'isso fizesse auto. Com o qual saco o sacretario correo todolos fidalgos, que o virão, e disserão que nom era bollido; e d'isso se fez assento, em que assinou o capitão da cidade e doze fidalgos, os prin-

[1] A's accusações de repugnantissima avareza, crueldade, e impenitencia, dirigidas contra este velho por Gaspar Correa, juntaremos o que diz *Faria e Sousa*, na *Asia Portug.*, T. II, Part. I, Cap. II, referindo-se a D. Estevão da Gama, successor de D. Garcia de Noronha: «Alegró los animos la elecion, assi como no los auia entristicido mucho la falta de su antecessor; si bien le sepultaron con honrosos respetos, ò por los devidos a su gran calidad, y venerables años, ò porque ay muchos que al superior que muere le ofrecen puentes de plata como al enemigo que huye.» Mas aos testimunhos d'estes escriptores não podemos deixar de contrapor os elogios, sinceros ou ironicos, que lhe faz *Couto*, na Dec. V, Liv. VI, Cap. VIII, asseverando que quando propuzera a D. Alvaro para governador no seu impedimento, os fidalgos lhe responderam «que Deos lhe daria ainda vida e saude pera os governar a todos, que em quanto o tinham vivo, estavam todos contentes, e satisfeitos.» Ao que accrescenta, que a sua morte, pelas qualidades de sua pessoa, foi de todos muito sentida, que todos lhe tinham muito respeito; e que permittiria o Senhor, que tão bem se houvera d'elle por servido, ter-lhe dado sua gloria, e que n'ella sua alma descançasse perpetuamente.

cipaes. Então o sacretario, em meo e presença de todos, cortou o fio, e descozeo o saquo, e tirou as socessões, que erão tres cartas, todas de huma grandura, e chancelladas nos quatro cantos com o sello das armas, e em cima sobrescrito que dizia, *A primeira socessão do gouernador que será da India, que se nom abrirá senão sendo primeiro fallecido dom Gracia de Noronha Vyso Rey*, e n'este sobrescrito ElRey assinado. O que foy amostrado a todos se o reconhecião ser aquelle sinal d'ElRey; o que per todos foy aprouado e reconhecido. Então, assy em presença de todos, o sacretario cortou as chancellas, e as outras duas cartas ficarão achancelladas, e as tornarão ao saquo, que foy atado, e na linha posto sello da camara da cidade, e o veador da fazenda as fechou no cofre. Então o sacretario tomou a carta na mão, alta que todos a vião, e em alta voz fez pergunta se auia ally alguma pessoa que tiuesse duvida, ou embargos alguns, a se abrir aquella socessão. Todos disserão que não. Então o sacretario abrio a carta, e a leo, que todos ouvirão, que dizia assy: « Dom João por graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarues, senhor de Guiné, e da conquista, nauegação, comercio, d'Etiopia, Arabia, Persia, e da India, et cætera, faço saber a todolos capitães das minhas fortelezas da India, e armadas e naos da carga, e a todolas cidades, e caualleiros, e fidalgos, e gente d'armas meus vassallos e naturaes, officiaes de justiça e fazenda, que nas partes da India me andaes seruindo, que a mim apraz e hey por meu seruiço, e vos mando, que sendo fallecido d'esta vida presente dom Gracia de Noronha Visorey, vós obedeçaes em todo e per todo muy lealmente, como a minha real pessoa, a Martim Afonso de Sousa, que me lá anda seruindo, que eu per esta carta sómente faço gouernador da India, porque eu n'elle confio que me nello seruirá bem e fielmente, como compre a meu seruiço. Ao que nom será posto duvida nem embargo algum, per nenhuma via que seja, porque assy o hey por meu seruiço. E sendo caso que ao abrir e pobricação d'esta minha prouisão o dito Martim Afonso nom estê presente, logo será chamado, que venha seruir o dito gouerno, e em quanto o assy forem chamar até vir seruirá na dita gouernança e será em todo perfeito gouernador Fernão Rodrigues de Castello Branco, veador da minha fazenda nas ditas partes, e seruirá até chegar onde o Martim Afonso estiuer. O que todo mando que se cumpra enteiramente sem contradição nem entendimento algum, sómente tudo ser comprido ao pé da letra assy como

n'esta prouisão se contém. Escrita em Lisboa per dom Miguel, escriuão da puridade, a dez de março de 538. »

E sendo assy pobricada a dita socessão alguns estiuerão duvidosos, crendo que o veador da fazenda lançaria mão do gouerno até Martim Afonso vir do Reyno. E sem duvida que depois elle se rependeo bem nom o fazer, porque tinha muytos por sua parte que o ajudarão, porque o veador da fazenda he a segunda pessoa da India; mas porque logo todos disserão que se abrisse a segunda socessão, pois Martim Afonso era no Reyno e nom podia ser chamado, no que nom ouve [1] * contradição, logo * com a mesma solenidade foy aberta, na qual se achou nomeado por gouernador dom Esteuão da Gama, em que ElRey tambem resguardaua, que nom sendo presente, o veador da fazenda gouernasse até ser chamado. O que sendo assy nomeado, correrão muytos homens a lhe pedir aluisaras, porque estaua mal desposto * e * nom viera ao enterramento; o qual pousaua fóra da cidade. O veador da fazenda * disse * em presença de todos, que todos ouvirão: « Dou muytos louvores a Nosso » « Senhor por tanta mercê como hoje n'este dia me fez, porque em duas » « socessões que se abrirão se nom achou nomeado dom Pedro de Cas- » « tello Branco; porque se n'ellas se achára nomeado então ficára por ver- » « dadeira a mentira que aléquy dizião, que tinha descuberto o segredo » « das socessões, que nenhuma pessoa o nom sabe na India, nem em » « Portugal, senão ElRey nosso senhor, e o escriuão de sua puridade, » « que se o descobrisse cayria em pena de trédor. Mas afóra a muyta » « mercê que me Nosso Senhor fez em me liurar da falsidade que me » « punhão, me faz outra muyto mayor mercê em ElRey nosso senhor » « confiar de mim o gouerno da India em ausencia do Gouernador; o » « que até'gora nunqua fez a outra nenhum védor da fazenda. »

Toda a gente sayo da cidade a buscar o Gouernador nouo, ao qual sendolhe dada a noua * se * tornou muy triste, dizendo ao que lhe deu a noua: « Vosso trabalho será pago; mas a noua que me daes he pera » « mim de muyta canseira, e muytos cuidados, e grandes trabalhos a » « quem ha de contentar tanto pouo. Praza a Nosso Senhor que me dê » « * entendimento * do seu bem, pera fazer seu santo seruiço. » Chegarão logo muytos fidalgos a lhe dar o prol faça, que a todos recebeo com

[1] * contradição mas logo * Autogr.

suas cortesias. E caualgou muy acompanhado de muytos fidalgos, e todo o pouo da cidade, que sayo ao receber com folias; e a forteleza tirou muyta artelharia. E se foy á sé, onde o bispo e cleresia o recebeo com agoa benta, e se forão á capella mór, onde o bispo lhe fez a solenidade das benções, onde lhe foy dado o juramento polo bispo com o védor da fazenda, e o sacretario com outro feyto, em que assinou e deu menagem, jurando que bem e fielmente, com sã conciencia, seruiria a dita gouernança, guardando o seruiço de Deos e d'ElRey, e o direito das partes com dereita justiça, assy ao grande como ao pequeno, e a todo o pouo, mouros, e gentios, e estrangeiros; e em todo faria dereito e verdade, o melhor que entendesse pera conseruação do estado d'ElRey nosso senhor e bem da India; e em todo e per todo muy enteiramente guardar os regimentos e prouisões d'ElRey nosso senhor. O que sendo acabado, tocarão trombetas, e atabales, e charamellas, e com muytas festas, acompanhado de todo o pouo, se tornou a sua pousada.

LENDA

DE

DOM ESTEUÃO DA GAMA,

ONZENO GOUERNADOR.

CAPITULO I.

COMO PER FALLECIMENTO DE DOM GRACIA DE NORONHA, VISOREY DA INDIA, FOY FEYTO GOUERNADOR DA INDIA, PER SOCESSÃO, DOM ESTEUÃO DA GAMA, E HUMA FALLA QUE FEZ AOS FIDALGOS, E COUSAS QUE LOGO ORDENOU.

Dom Esteuão seria de trinta e cinco até trinta e sete annos, de meão corpo, gentil homem, prudente, auisado, muy largo de condição, muy amigo de justiça e do seruiço d'ElRey, grande despachador, e muy entendido nas cousas da India, e ouvia muyto as partes. Estaua riquo, que trouxera muyto dinheiro de Malaca, que foy o mór bem que podia vir á India, segundo estaua necessitada e todolas cousas perdidas. O que todo bem sabia o nouo Gouernador; polo que determinou a gastar o que tinha ganhado, e mandou ao veador da fazenda vinte mil pardaos pera prouimento dos almazens e das cousas do corregimento da Ribeira, e lhe mandou que com muyta pressa se varasse toda a armada que jazia á costa pola Ribeira. No que o Gouernador nouo tomou seu mór cuidado, com muyto trabalho de sua pessoa, que sempre o mais do tempo estaua na Ribeira; em modo que em breue tempo varou toda 'armada, e lhe

D̃O ESTEVÃ DA GAMA

deu grande pressa ao corregimento e prouimento de todolas cousas que comprião, prouendose pera os rumes, que esperauão que virião em setembro, dizendo logo que se os rumes nom viessem que elle os auia de hir buscar ao Estreito, até chegar ao Toro e a [1] * Suez *; como foy e adiante he contado. O Gouernador, como em tudo era muy sabido, prouia todolas cousas muy miudamente, e tudo via e olhaua per seu olho.

Tanto que dom Esteuão foy feyto Gouernador, logo despachou catures pera todolas fortelezas, a noteficar, com grandes penas, que nenhum nauio nauegasse pera nenhuma parte, senão pera Goa onde elle estaua; ao que deixarião fiança d'onde partissem: e esto pola necessidade que tinha da gente que todos fossem a Goa onde estaua. Mandou huma fusta a [2] * Ormuz * com prouisões de cousas que comprião, e mandou n'ella hum judeu que d'ella fosse por terra a Portugal com cartas pera ElRey; como foy, e ao diante direy. Fez conselho com todolos fidalgos sobre o prouimento das fortelezas de Baçaim e de Chaul, como estarião mais prestes e prouidas pera se milhor [3] * defenderem, se * os rumes n'ellas entrassem [4]; porque auia noticia que os rumes, se viessem em maio, tomarião porto pera enuernarem em qualquer d'estas fortelezas, que estauão muy fraquas pera se defenderem. No qual conselho ouve muytos acordos de cousas que comprião, antre as quaes lhe aconselhauão que mandasse desfazer os arrabaldes de Baçaim e Chaul, e derrador das fortelezas fazer tudo campo despejado, com que muyto milhor e mais defensaues ficarião; o que assy pareceo bem a muytos, mas [5] * o * Gouernador, nom sendo n'esse parecer, lhe disse: « Senhores, ElRey nosso senhor ha por »
« bem que seus Gouernadores das cousas que determinarem ajão con- »
« selho, e as fação com parecer e conselho dos nobres fidalgos que sem- »
« pre andão na India; e agora, mais do que [6] * nunqua, assim ouve »
« por bem. O que * entendo que sua alteza faz mais * que tudo * pera »
« comprimento de seus contentamentos, pois * como * nos trabalhos e »
« seruiços d'estas partes são [7] * militantes, he rezão * que as cousas e »
« feitos bem acabados com o trabalho das armas, assy tambem o sejão »
« ordenados com seus bons conselhos, porque de todas as cousas seja o »

[1] * Çuez * Autogr. [2] * Urmuz * Id. [3] * defenderem pera que * Id. [4] Isto é: nas terras em que estavam essas fortalezas. [5] * ao * Autogr. [6] * nunqua ouve o que * Id. [7] * militantes que he rezão * Id.

«louvor e contentamento de todos. O que assy me parece que he, mais»
«que por outra alguma rezão; porque quando alguma cousa aquecesse»
«mal feyta, postoque fosse per conselho de todolos fidalgos da India,»
«sempre su' alteza terá que reprochar ao seu Gouernador quando sayr»
«a cousa errada, dizendo que como tomaua o máo conselho que lhe»
«derão, pois que, per cima de todo conselho, podia fazer o que enten-»
«dia que era seu seruiço? Como eu sey que sua alteza já isto respon-»
«deo, e recusou, em cousas que alguns Gouernadores passados fizerão, e»
«errarão per conselho e acordo dos fidalgos, que verdadeiramente acon-»
«selharão o que entenderão, como vossas mercês ora fazem, e me acon-»
«selhão que desfaça os arraualdes de Baçaim e Chaul, o que a mim pa-»
«rece muy em contrairo; tanto que o nom farey por cousa d'este mun-»
«do; que nunqua Deos quererá que em meu tempo se desfaça o que se»
«fez em tempo dos Gouernadores passados. Espantome parecẽruos isso»
«bem, de que socederia grande descredito nosso, vendo que desfazia-»
«mos nossas casas de tantos tempos feytas; o que era manifesta fraque-»
«za. Mais quisera eu que os arraualdes forão duas vezes maiores, pera»
«que 'os mouros parecessem grandes cidades, em que estauão muytas»
«gentes; e nom que vejão nossas fortelezas roqueiras, pera que tenhão»
«mór atreuimento pera as cometer. E mais que se as fortelezas nom ti-»
«uessem arraualdes, e pouoação, que gente estaria n'ellas pera quando»
«lhe comprisse? Assy, senhores, que este he meu parecer. E sobre es-»
«tas rezões, desfazendo agora tantas casas, e bemfeytorias, em que os»
«homens tem tanto gastado, os cramores que por isso farião serião bas-»
«tantes pera ocasiarem hum grande mal. E mais que os rumes que»
«venhão, quantos elles forem: será o que Nosso Senhor quiser de nós»
«e d'elles. Assy que me parece que era erro tão manifesto que todos»
«me deuêres hir a mão, e mo desfazer, se eu tal quisera entender. E»
«vossas mercês todos são n'esse parecer; eu nom são mais que hum»
«só homem, e de meu nom tenho mais que hum só conselho e enten-»
«dimento, e peço a Nosso Senhor, por sua piadade, que me mostre o»
«bem de seu seruiço e saluação de minha alma; e que se o contrairo»
«d'isto eu ouver de obrar, e fazer minhas cousas, antes eu seja morto»
«que eu errar contra seu santo seruiço. Polo que a todos vos requeiro»
«da parte de Deos, e peço por grande mercê, que primeiro de me acon-»
«selhardes ás cousas as consirês, e bem engemineis em vossas almas,»

«e que nem por amor, nem odios, me aconselhês senão o que seja»
«muyto pera fazer; pois que, se errasse por vossos conselhos, eu só»
«fico o condenado n'este mundo na fama, e no outro ante Deos *per-»
«co* minha alma, que na tenção de meu obrar teria esperança de sal-»
«uação. Eu bem vejo que nom posso fazer nada sem vosso conselho,»
«e as cousas pera que volo peço he principalmente pera o seruiço de»
«Deos e d'ElRey nosso senhor, a que somos todos tão obrigados como»
«sabeis e tereis em vossa lembrança. E por tanto me parece que abastará»
«isto que ora aquy praticamos, do que me fareys mercê serdes sempre»
«lembrados.» O que ouvido polos fidalgos ficarão espantados, vendo seu muyto siso e bom entendimento, sendo homem de tão pouqua idade posto em tão alto grao, encarregado de tantos cuidados e trabalhos.

CAPITULO II.

COMO O GOUERNADOR ORDENOU FAZER HUM BALUARTE AO PÉ DE NOSSA SENHORA DO CABO, QUE GUARDASSE 'AGOADA E A BARRA DE GOA A VELHA, *O* QUE PÔS EM CONSELHO E LHO CONTRARIARÃO.

E logo no mesmo conselho o Gouernador moueo pratica, dizendo que lhe parecia milhor, e cousa muyto necessaria, que o castello de Pangim se desfizesse, e que se fizesse hum grande baluarte, fundado n'agoa no meo do banco da barra, tão forte que d'elle tirassem basaliscos que varejassem 'agoada até os ilheos de fóra, ou que se fizesse na ponta de Nossa Senhora do Cabo, em baixo ao prez d'agoa [1], d'onde defenderia tambem a barra de Goa a velha, com o que ficaria o campo franqo, pera que se os rumes com armada quisessem tomar a barra de Goa por a defensão d'este baluarte o nom farião, como agora o podião bem fazer, que podião entrar por Goa a velha, e por o rio de Pangim, sem o castello lho poder defender; e que indaque nom entrassem, abastaria com su'armada tomar ambos os rios de fóra nas barras, com que ficaria tudo çarrado, sem poder sayr nada do que estiuesse dentro, senão com muy

[1] Isto é: juncto d'agua, ou á beira mar.

grande dano que lhe 'armada faria; onde acertando de tomar o Gouernador dentro em Goa, com todo seu poder, ficauão senhores do mar, pois de Cochym, nem das outras fortelezas, nom viria possança de armada nossa que desbaratasse a dos rumes, e assy estando na barra de Goa, sem auer quem os desbaratasse, com elles se ajuntarião todolos mouros da India, e armadas do Malauar e de Cambaya; ao que nom faltára no Balagate aluoroços no Idalcão a querer logo mandar guerrear Goa, e assy o [1] * farião * os Reys senhores das terras de Baçaim, Chaul, Dio, com que a India toda seria em muyta apressão. «O que Deos defenda por sua mi-» «sericordia. E porque estes inconuinientes estão tão manifestos, e * pera * » «tudo ser bem atalhado, me parece que será boa obra fazerse este ba-» «luarte n'esta barra de Goa, onde vos milhor parecer.» O que huns affirmarão e outros contrariarão; sobre o que ouve opiniões e alterações, e dizendo que era escusado fazerse uma tamanha despeza, pois estaua craro os rumes nom serem nunqua ousados a vir á barra de Goa, sabendo que hi estaua o Gouernador com toda a força da India; e que quando tal fosse, que na barra estiuessem, que chegando as naos do Reyno, que dessem sobre as galés, as metessem todas no fundo. Respondeo o Gouernador: «Essa he a primeira presa que os rumes farião. E as-» «sentay em verdade que se os rumes são homens da guerra que nom» «[2] * hão * de vir senão ao viuo; porque elles já virão a India, e se forão» «com grande opinião de entrarem na India, e estarem dous meses muy» «deuagar adubando su' armada, e combatendo a principal forteleza da» «India, sem auer nauio que os fosse vêr, senão barquinhos como formi-» «gas, * fiados * no atreuimento do bom fogir; sabendo elles que em Goa» «estaua hum Gouernador, e hum Visorey, e o capitão mór do mar com» «cento e cincoenta vellas, e todo o poder da India tantos dias na barra» «de Goa, que vão dizendo que com muyto medo que d'elles ouverão» «os portugueses nom ousarão sayr da barra de Goa. Polo que, senho-» «res, vos muyto affirmo, e assy me Deos ajude, que com tudo quanto» «me dizeis ácerqua de fazer este baluarte me nom falta nada da vonta-» «de pera o fazer, sómente o tempo; porque, tomando vossos parece-» «res, indaque forão contrairo do meu, eu o fizera com meu dinheiro,» «como agora faço outras obras, e se ElRey o nom ouvera por bem,»

[1] * farão * Autogr. [2] * ha * Id.

« ficára com o trabalho e gasto meu. Praza a Deos que nunqua aja »
« tempo em que digão: Bom fòra agora ally na barra o baluarte que »
« dom Esteuão queria fazer. »

CAPITULO III.

COMO O GOUERNADOR MANDOU ENUERNAR EM COCHYM DOM CHRISTOUÃO SEU IRMÃO, PERA CORREGIMENTO D'ARMADA, E FAZER OUTRA DE NOUO, E COMPRAR PIMENTA, E ENCELEIRAR TODO O INUERNO.

E sendo já em maio, e entrado o inuerno, mandou o Gouernador seu irmão dom Christouão da Gama, a que deu seus poderes, que fosse enuernar em Cochym e désse auiamento ao corregimento de muyta armada que lá estaua; e lhe mandou fazer alguns nauios de nouo, e lhe deu dinheiro pera tudo, e mais pera fazer pimenta, e encelleirar pera as naos que auião de vir do Reyno. Dom Christouão era mais moço que o Gouernador, homem de muy boa condição, e amigauel com os homens, e chão na amizade, e conuersauel e de liberal condição; homem muy fragueiro, e bem entendido, e com o ponto muyto em fazer o que deuia. Com o qual se foy muyta gente pera Cochym, onde deu corregimento em tudo o que compria, e deu grande mesa a toda a gente; o que sempre estes dous irmãos fizerão, assy em Malaca como na India, que sempre derão grandes mesas, e gastarão largo com os homens pobres, a que dauão o necessario em suas casas. Onde em Cochym dom Christouão fez outras cousas este inuerno, como adiante direy.

CAPITULO IV.

COMO O GOUERNADOR AMOESTOU OS FIDALGOS QUE NOM COLHESSEM EM SUAS CASAS OS MALFEITORES, NEM DÉSSEM FAUOR CONTRA A JUSTIÇA; E COM ELLES ASSENTOU DE HIR AO ESTREITO DE MECA; E DA GRÃ FOME QUE OUVE EM CHOROMANDEL.

Como as cousas todas estauão perdidas e desordenadas polo pouco prouimento do Visorey, e por sua doença, como já disse, assy tambem os homens * andauão * muy dessolutos em mal fazer, * e * roubar per toda a ilha de Goa os gentios moradores, e sobre isso os matauão; e na cidade, sem temor nenhum, se matauão e enjuriauão muytos homens, e * se fazião * outros graues males, e os delinquentes se acolhião a casas de fidalgos, que os agasalhauão e defendião ás justiças. O Gouernador, que estas cousas todas muyto bem sabia, e cada vez mais hia sabendo e entendendo as cousas, como muyto prudente que era, e com o muyto que desejaua a emendar estes males, e meter as cousas em direito caminho com o menos escandolo e rigor da justiça que pudesse, sabendo que a mór causa dos males que se fazião erão as auallias dos fidalgos, polo acolhimento que fazião aos malfeitores, quis o Gouernador com seu bom siso e muyta prudencia atalhar estes males com mansidão, antes que com os males e justiças que era necessario fazer, polos grandes males que erão feytos na cidade e por toda a ilha; e tambem pola necessidade que tinha de conseruar os homens, que os auia mester, por certa noua, que lhe mandarão de Dio, que os rumes se aprecebião com muyto poder pera tornarem á India. E andando assy o Gouernador com muytos cuidados d'estas cousas, fez conselho com todolos fidalgos, que pera isso fez ajuntar em sua camara, onde o Gouernador, antre todos assentados, lhe fez huma muy honrada falla, dizendo d'esta maneira:

«Senhores, eu vos mandey pedir por mercê que aquy nos ajun-»
«tassemos, pera vos dizer o que me ouvireys, e muyto peço por mercê»
«que me ouçaes. E do que fallar, se bom fôr, sejaes muyto lembrados»
«se minhas obras o merecerem. Já, senhores, bem sabeis, pola noua que»

«veo, que os rumes se fazem prestes com grande armada contra nós,»
«polo atreuimento que tomarão de entrarem na India, e em nossa face»
«combaterem dous meses a forteleza de Dio, e se tornarão sem nin-»
«guem os fazer hir, sómente se tornarão por serem faltos do gâsto da»
«gente e monições, que gastarão no cerquo da forteleza. Do que lhe fi-»
«qou animo pera agora quererem tornar e pelejar comnosco, com muy-»
«ta esperança de nos vencer e tomarem a India. E vem com atreui-»
«mento que as terras e gentes, que nós temos tomadas e apretadas, pe-»
«lejando elles comnosco serão em sua ajuda, aleuantandose contra nós;»
«o que, se Nosso Senhor por nossos peccados assy o permittisse, seria»
«o mór mal dos males que podesse vir ao Reyno de Portugal, e infa-»
«mia mortal ao nome de portugueses, que lhe duraria até o fim do mun-»
«do, em desfazimento da gloriosa fama que por todolas partes do mun-»
«do agora tem, polos honrados feytos que n'estas partes são acabados,»
«pola misericordia de Nosso Senhor. E aprazerá a sua santa diuindade»
«que se nom esquecerá de tantos innocentes, e d'esta noua christinda-»
«de, e de nós, indaque somos pecadores, e n'elle, verdadeiro Deos,»
«auemos de ter enteira fé e esperança, porém com [1] *obras com que»
«mereçamos* o que d'elle esperamos. Polo que, senhores, vos requei-»
«ro da parte de Deos e d'ElRey nosso senhor, e da minha peço em»
«grande mercê, que pois a obrigação d'este pezo da India a todos to-»
«qua e carrega como a mim, que são como cada hum de vós, sómen-»
«te escolherme sua alteza [2] pera m'encarregar este tão trabalhoso car-»
«go a quem o ouver de seruir como deue a Deos, (e m'encarregou»
«n'isto na confiança que sua alteza tem em tantos nobres fidalgos co-»
«mo aquy estaes, e tem por esta India, que nunqua tantos e taes ouve»
«n'estas partes como agora sois, sobre que sua alteza está descansado)»
«que me ajudareis com verdadeiros conselhos, e todo fauor de vossas»
«pessoas, e despesa de vossas fazendas quando comprir; porque sem»
«isto assy ser, eu, nem nenhum homem que siso tiuesse, por nenhu-»
«ma cousa do mundo tal carga sobre sy tomaria, nem poderia [3] *com-»
«portar sem o maior atreuimento, sabendo que* cada hum de vossas»
«mercês he abastante pera em sy tomar todo este pezo e trabalho, polo»

[1] *obras que a mereçamos* Autogr. [2] Isto é: salvo escolher-me etc. [3] *comportar sómente no atreuimento de saber que* Autogr.

«saber, e poder, e esforço de vossas valerosas pessoas. A qual bonda-»
«de, e tanto valor, nom póde ter outro mór primor [1] * que o de sus-»
«tentar direita a vara da justiça *; a qual eu protesto assy manter, e»
«fauorecer, e tão direitamente guardar que em meu propio irmão a [2]»
«* comprira e executára * sem nenhuma falta; e tanto a fortificar que»
«per boa justiça este pouo seja guardado, mais que esta çidade com»
«fortes muros. E prometo isto tanto manter como per obra o mostra-»
«rey, sem guardar mais casas santas que a sé e São Francisco, donde»
«tirarey os malfeitores, porque se não vão aos mouros em perdição de»
«suas almas, e na prisão metidos serão liures de suas culpas pelo di-»
«reito da igreija a que se acoutarem; e nenhuma outra igreija lhe va-»
«lerá. O que vos assy, senhores, muyto peço por mercê que vos pa-»
«reça bem, e queiraes que assy seja, porque sem duvida crede que ne-»
«nhuma pessoa ha de ser valedor a nenhum malfeitor de preposito, por»
«grande nem valeroso que seja; porque assy o hey de comprir, até o»
«defender com a lança na mão, se for necessario. E deueis, senhores,»
«com isto muyto folgar, pola honra e muyto primor de vossas pes-»
«soas, a que sois tão obrigados pola nobreza de vossas gerações. E is-»
«to nom he offendimento a ninguem, e será * só * áquelles que sem ver-»
«tude quiserem mal viuer, fauorecendo os malfeitores, sabendo que a»
«conseruação dos bons he a punição dos máos. E pera que nom aja»
«os roubos e males que atéquy são feytos n'esta cidade e pola ilha, te-»
«nho ordenado hum alcayde que com muytos homens corra toda a»
«ilha buscando os malfeitores, pera d'elles se fazer justiça polo que»
«fizerem d'agora em diante; porque do que he feyto até o presente tu-»
«do perdoo quanto á pena de justiça, e nom tirando ás partes seu di-»
«reito. E porque alguns d'estes malfeitores nom se acolhão e abriguem»
«em algumas casas de pessoas que tenhão rezão de os acolher e ser va-»
«ledores, vos faço esta noteficação, pera que elles saibão que assy volo»
«defendo, e que em vós nom hão de achar abrigo nem acolhimento.»
«O que vos muyto peço por mercê a todos que assy o queiraes e fa-»
«çaes em ajuda e fauor da justiça, e nom consintaes que se fação ma-»
«les com o fauor que de vós esperão; porque sabendo elles que vós»
«assy o aueys de fazer nom vos apressarão que os recolhaes, nem vos»

[1] * que direita vara de justiça * Autogr. [2] * comprir e executar * Id.

«darão os trabalhos em que vos vereis se nom folgardes de fazer isto»
«que vos tanto peço, sendo a isso tão obrigados per todolas boas ver-»
«tudes, a que sempre me aueis d'aconselhar com verdadeiros conse-»
«lhos, pera nos bem regermos, e me ajudardes com todas vossas for-»
«ças nas cousas d'este aprecebimento, e feyto que esperamos ter com»
«estes imigos que nos vem buscar; no qual, com a mercê da miseri-»
«cordia de Deos, que ouvirá quem lhe por nós roga, lhe faremos tal»
«seruiço, que n'isso fenecendo as vidas receba nossas almas na sua glo-»
«ria, com honrosa fama que viua na memoria das gentes, e os que fi-»
«carmos viuos ajão de su'alteza as tantas mercês que a todos fará, pois»
«nos tanto estima que, sabendo a noua d'este aprecebimento dos ru-»
«mes, pôs o Reyno em tanto aballo por mandar tanta armada e ajuda,»
«com que com o poder que temos, se elles nom vierem, os hiremos»
«buscar dentro ao Estreito, e em seus portos, se nos ouzarem aguar-»
«dar, faremos n'elles tal destroição, que por muytos tempos nom ou-»
«zem cometer outro tal caminho como fizerão a Dio. Bem vêdes, se-»
«nhores, que entrey n'este cargo com tanta falta de tantas cousas tão»
«necessarias que tão desapercebidas estão, e quanto dinheiro hey mes-»
«ter pera tudo prouer; o que, senhores, tudo ponho em vossas mãos,»
«que o façaes como virdes que milhor se possa fazer, por seruiço de»
«Deos e de ElRey nosso senhor, e acrecentamento de vossos mereci-»
«mentos; crendo que em nada estimarey a vida, pera tudo muyto en-»
«teiramente comprir como dito tenho.» Todolos fidalgos outorgarão, e muyto approuarão ao Gouernador seu bom dizer, satisfazendo todos com largo comprimento de repostas, cada hum como milhor entendeo; porque ás palauras do Gouernador nom ouve que reprender nem contradizer, por todas serem muy chegadas a boas vertudes. Com que todos os fidalgos o muyto acompanhauão na ribeira, e almazens, onde era a mór sua acupação no corregimento d'armada, em que se passou todo o inuerno dando grande mesa, e alguns fidalgos, a que o Gouernador pera isso ajudaua com mercê de dinheiro d'ElRey.

N'este anno ouve tanta fome em Choromandel que casy ficou toda a terra despouoada com mortindade da gente, e se comião huns aos outros. O que nunqua tal ouve n'aquella terra, antes per toda a costa tanta auondança d'arroz que no porto de Negapatão eu vy muytas vezes carregar d'arroz pera a India passante de setecentas vellas, que carregauão

passante de vinte mil moios d'arroz, e tantas galinhas que todolas naos carregauão quantas querião, que comprauão oito, sete, e seis, por hum fanão, que val menos de trinta réis. N'este anno d'esta fome os portugueses que estauão na pouoação de São Thomé fizerão muyto bem ao pouo, que acodirão com muyto arroz, e milho, e cocos, e jagra, que trazião de fóra d'outras partes em seus nauios, e o vendião na terra miudamente ao pouo, por muyto menos preço do que o puderão vender se quiserão; e alguns homens riqos em sua casas mandauão cozer muyto arroz, que desfeyto com agoa o dauão a beber á gente por amor de Deos. No que fizerão muy grande remedio na gente da terra, onde a isto acodia tanta que se nom podia tanto supprir, e cada dia amanhecião mortos polas ruas quinze, e vinte, que os portugueses mandauão enterrar por seus escrauos que pera isso ordenarão, e os metião todos juntos em huma coua, e indaque os nom enterrassem nom apodrecião nem fedião, porque já quando morrião nom tinhão carne, sómente os ossos. A qual fome durou hum anno, e a ouve per outras partes, mas nom tanto como em Choromandel. Foy sabedor ElRey de Bisnegá, que he senhor d'esta terra, [1] *da* humanidade e esmolas que os portugueses fizerão com as gentes da terra; com que muyto folgou, e mandou sua ola de agardecimentos aos moradores de São Thomé. N'este mesmo anno ouve tanta falta de mantimentos nos portos do Estreito, que em Adem valeo hum fardo d'arroz corenta xarafys, que tem valia de cruzado; com que os da cidade muyto apertarão e guerrearão os rumes que estauão na forteleza, e de todo os tomarão á fome se lhe não acodirão mantimento em naos de Cambaya, que elles tomarão no mar com fustas que pera isso trazião.

[1] *a* Autogr.

CAPITULO V.

COMO ENUERNANDO DOM CHRISTOUÃO EM COCHYM, OUVE GUERRA COM O REY DE PORCÁ, E LHE FOY DESTROIR A TERRA.

Dom Christouão da Gama, que enuernou em Cochym, se meteo a concertar 'armada, dando n'isso muyto auiamento e pressa, como lhe o Gouernador seu irmão o encomendou. E sendo já fim do inuerno, veo das ilhas de Maldiua Bastião de Sousa, em huma carauella que fôra buscar cairo, que trazia carregado em gundras em suas companhia, as quaes vierão ter na terra primeiro que a carauella, que ficaua atrás; e vindo as gundras ao longo da terra pera Cochym, lhe sayrão da terra de Porquá huns barcos e tones de ladrões da mesma terra, e roubarão as gundras de quanto trazião. O que sabido por dom Christouão, mandou recado ao Rey de Porquá que logo lhe mandasse entregar o cairo, e todo o que roubarão das gundras; ao que lhe o Rey respondeo que nom erão seus os que fizerão o mal, que erão homens de hum caimal em que elle nom tinha poder. Dom Christouão, auendo enformação da verdade, que o caimal e o Rey de Porquá erão ambos no roubo, lhe tornou a mandar seu recado, dizendo que elle bem sabia que nom fizera o roubo, mas que o caimal e os ladrões [1] * andauão * em sua terra, que diante elle desembarcarão o roubo; que por tanto, pois era amigo d'ElRey de Portugal, cujo o cairo era, que auia mester pera 'armada, que logo lho mandasse, porque se lho nom mandasse que elle em pessoa o auia de hir buscar, e queimar a terra onde o achasse. O Rey de Porqá lhe mandou muytas desculpas, e que por amor d'elle trabalharia com o caimal que tudo tornasse. No que forão e vierão recados sem nunqua concordir em dar nada; mas antes se puserão em modos d'aleuantados, e andauão polos rios ao salto ao que podião tomar, e mórmente em alguns tones que vinhão de Coulão pera Cochym, que vem per dentro polos rios, onde fazião saltos, e roubauão o que achauão. E acertou de vir de Coulão Diogo da

[1] * andão * Autogr.

Silua, que era capitão, e vinha com dous tones a Cochym, pera leuar os auiamentos de cordoaria pera lá fazer enxarcea a hum galeão que fazia; e vindo assy polo rio, saltarão com elle os ladrões e o caimal pera o roubar, e pelejarão com elle, e lhe matarão hum homem, e ferirão tres, e a elle com huma frechada, e os negros remeiros, que todos lhe ferirão; com que veo a Cochym. O que visto por dom Christouão, fez a gente prestes em catures e tones polo rio, e fóra polo mar, em que leuou seiscentos homens bem concertados e muytos espingardeiros, com tenção de dar nas terras do caimal, que erão antre Porquá e Cochym, pera o que leuou muyta gente da terra com machados. O que sabido do caimal o aguardou com muyta gente prestes, com que ouve grande peleja, porque o caimal era valente homem; em que os nossos com espingardaria lhe matarão e ferirão muyta gente, e fogio o caimal, e dom Christouão lhe mandou queimar e cortar toda a terra, em que lhe fez grande destroição, em que lhe cortou passante de dez mil palmeiras. Ao que acodio o Rey de Porquá em pessoa, e veo onde estaua dom Christouão, fazendolhe grandes rogos que lhe nom fizesse mais mal, que o caimal se lhe fòra deitar aos pés. Polo que dom Christouão mandou á gente que nom fizessem mais nada, porque o Rey de Porquá estaua aly perto e lhe queria vir fallar; polo que todos estiuerão quêdos, e repousando do trabalho á sombra das aruores. O caimal, como asy vio a gente de repouso; querendo vingar seu mal, ajuntando alguns nayres seus, disse a ElRey que queria hir trazer hum seu filho, que hy estaua perto escondido, que hauia medo de lho tomarem antes que elle se visse com dom Christouão. O que assy crendo ElRey, lhe disse que fosse embora, e tornasse logo, pera hyrem assentar a paz com dom Christouão. O caimal foy com alguns dos seus, e deu salto onde estauão huns portugueses, e começou a matar e ferir n'elles; ao que ouve aluoroço, *e* acodirão muytos portugueses, em modo que o caimal fiqou morto, e alguns dos seus. O que sabido por ElRey, crendo que o caimal nom cometera, como lho dizião os seus, mandou seu recado a dom Christouão, aqueixandose do mal que era feyto, estando já pera concerto de paz. Dom Christouão lhe mandou dizer que, por vida do Gouernador seu irmão, o caimal fòra o que cometera a peleja, e que o matarão nom sabendo que era elle; que por tanto folgaria que ambos se vissem, pois estauão tão perto, pera ambos assentarem boa paz. Sobre o que forão muytos recados,

e o Rey com dom Christouão se virão com segura paz, e ambos se receberão com grandes cortesias, e se assentarão a fallar nos concertos. E estando assy vierão huns naires parentes do caimal morto, rapadas as cabeças, determinados a matar dom Christouão e ally morrer. E estauão dessimulando e fallando huns com outros, pera de supito ferir em dom Christouão, e nos outros que com elle estauão, até ally morrerem todos. E estando assy determinados, quis Deos que hum moço de hum português, que aly estaua com seu senhor, entendeo o que os naires fallauão e querião fazer, e bradou logo : «Senhor, traição, traição!» Ao que ouve aluoroço, e se aleuantando dom Christouão rijamente, e os portugueses que hy[1] * estauão, fortemente * ferirão os naires, que tambem começarão a ferir fortemente os nossos ; em que se aleuantou grande ounião e reuolta. O que vendo ElRey de Porcá quisera fogir com medo, mas Jorge Barroso, que fòra feytor em Cochym, que estaua perto d'ElRey, lançou mão d'elle e o liou a braços, e teue, que se nom foy. Foy a briga muy grande, em que muytos dos naires ficarão mortos, e os nossos feridos, e fogirão todolos malauares, e fiqou o Rey só. E sendo tudo acabado, porque todolos portugueses ally acodirão, e se soube que os naires do caimal erão os que querião fazer a traição, então dom Christouão se tornou pera onde estaua o Rey muy espantado de medo, e dom Christouão o segurou com muytas palauras, e por seguro lhe deu a sua propia espada na mão, por mais fé e verdade, e lhe pôs na cabeça huma sua gorra vermelha com huma fremosa pena, e fallarão, e assentarão em boa paz, concertando que elle com o Rey da Pimenta fossem amigos, que andauão em contendas, e * o * Rey de Cochym fauorecia este Rey de Porquá contra o Rey da Pimenta, porque estaua mal com elle, e rogára muyto a dom Christouão que nom fosse fazer esta guerra ; o que dom Christouão não quis ouvir, e ElRey de Cochym por isso ficára muyto agastado. E isto amansou dom Christouão, * e * fez muytos offerecimentos ao Rey de Porquá pera que fosse amigo com o Rey da Pimenta, e tanto n'isto trabalhou dom Christouão que o concordou na amizade com o Rey da Pimenta ; e pera tudo ficar mais seguro, fez dom Christouão que o Rey de Porquá se veo com elle a Cochym. Mas o Rey de Cochym, por estar muyto anojado contra dom Christouão, nom queria consentir nas

[1] * estauão e fortemente * Autogr.

amizades, e dizia ao Rey de Porquá que se tornasse pera sua terra, e nom fizesse nenhuma amizade com o Rey da Pimenta. Do que dom Christouão ouve muyta paixão, e disse ao Rey de Cochym muy asperas palauras, jurando se nom ficassem amigos que logo auia de tornar a destroir Porquá, porque sempre ally fazião roubos, e matauão os portugueses; e que ao Rey da Pimenta meteria de posse das terras de Porquá. E tanto n'isto trabalhou dom Christouão que acabou as amizades antre todos, que todos ficarão amigos com muyta paz, jurando todos em seus pagodes. O que todo esto se passou n'este inuerno de 540.

CAPITULO VI.

DE COMO EM MAIO CHEGARÃO A GOA OS CATURES QUE FICARÃO NO ESTREITO, E AS NOUAS QUE DERÃO DOS RUMES.

Os catures que ficarão no Estreito, [1] * como * já atrás [2] * disse, hum * era de Fernão Farto o qual leuou o abexym com as cartas, e o foy pôr no porto de Maçuhá, e lhe disse que aguardaria por elle até fim d'abril, que ally o tornaria a buscar; o que Fernão Farto assy leuaua por regimento, e muyto encomendado polo Visorey, e que muyto trabalhasse por lhe trazer certas nouas dos rumes, segundo se obrigaua a trazellas o rume christão que já disse, a que lá derão fundo. E pera Fernão Farto isto fazer o mandou o Visorey diante de todos, e foy com elle hum grande piloto mouro, que muyto sabia do Estreito e fôra lá muytás vezes, e n'elle se muyto confiaua, polo acharem sempre muyto verdadeiro em quanto dizia e fazia, e dizia que nom estimaua achar as galés dos rumes que com os olhos tapados lhe fogiria, como fez quando lá fôra d'outras vezes. E como puserão em terra o abexim, andauão ao salto polo Estreito apanhando o que podião. O Saluador da Costa, que hia no outro catur que lá ficára, porque era grande homem do nauegar, e leuaua muyto bom [3] * piloto, sabendo * que Fernão Farto era dentro no Estreito entrou em busca d'elle, e tanto andou até que se toparão, e andarão

[1] * que * Autogr. [2] * disse que hum * Id. [3] * piloto o qual sabendo * Id.

ambos em conserua até fim d'abril, que se forão a Maçuha onde acharão o abexim, que era tornado do Preste com recado, que tanto que o puserão em terra logo partio, e chegando á terra do barnegaes tomou mullas de grande andar, que em pouqos dias chegou onde estaua o Preste, que estaua em meo caminho; o qual ouve muyto prazer sobejamente, e fez festas, sabendo o bom recado que lhe vinha do Reyno, que era muyto mais do que esperaua, segundo lho escreuia o seu embaixador. Ao que logo muy breuemente o Preste o despachou e tornou a mandar ao porto de Maçuha, sabendo que o catur auia d'agardar por elle, e por isso estaua já ally aguardando. O qual recolherão nos catures, e partirão com bom tempo de viagem, que trazião; e sayndo do Estreito forão ter no porto d'Adem, de noyte escura, e forão calladamente sem serem vistos, e chegarão a remo á borda da praia, e sayrão em terra dous homens que se atreuião em bem correr, leuando panellas de poluora acezas, escondidas que nom luzisse o fogo, e forão pera deitar fogo em humas galés que hy estauão varadas; mas forão sentidos, porque no meo da praya tinhão vigias, [1] * as quaes * sentindo os nossos, postoque nom sabião que erão portugueses, derão brados, e acodirão muytos * mouros *, e os nossos se tornarão a recolher aos catures, e vendo que nom podião fazer obra se partirão, e por o tempo ser de monção em pouqos dias vierão á costa da India, e entrarão em Goa em vinte e dous de maio. Os quaes derão nouas que os rumes que forão da India chegarão ao Estreito muy desbaratados, e estiuerão hum dia em Adem, onde ficarão muytos rumes, e o capado entrou o Estreito e foy a Camarão, onde lhe foy descuberto que algumas galés lhe querião fogir com os portugueses catiuos, e se tornarem á India, que n'isso estauão concertados; polo que o capado matou os portugueses e muytos dos seus, e se foy a Judá, onde deixou algumas galés e galeões, e com a outra armada se fôra a Suez, onde a toda varou antes que d'ally partisse, e deixou n'ellas todolos officiaes, e hum capitão com gente, a que deixou dinheiro, e mandou que com muyta pressa corregesse todas muyto bem, pagando os officiaes; e que se partira o capado, e sendo em Misey, logo em cafilas de camellos e mullas viera muyta madeira com que se armauão galés de nouo; e que n'isto se daua muyta pressa e auiamento, e que se tornaua a fornecer grande

[1] * o que * Autogr.

armada pera tornar outra vez á India, mas que, estando n'esta negoceação, tudo cessára por grande fome que ouve em todolas terras de Turquia, com que morreo infinidade de gente, e por todolos portos do Estreito, que forão em tanta estrelidade que muytos rumes d'Adem se fizerão cossairos, em fustas, e andauão ao salto a tomar mantimentos per todo o Estreito; e que em Adem morrerão muytos á fome, e com fome os muyto guerreauão; e que * por * esta causa era certo os rumes nom se poderem apreceber por este anno pera passarem á India; e que muytos d'elles se puserão a soldo com o Rey de Zeyla, que fazia guerra polas terras do Preste dentro, por tomar mantimentos, com que tinhão feyto muyto mal e tomadas algumas villas e lugares; ao que acodia o Preste com gente, e estaua assy perto do mar. Polo que escreueo ao Visorey cartas de grandes rogos, pedindolhe socorro muy apressado, polo grande mal que lhe o Rey de Zeyla tinha feyto, e * porque * lhe hia [1] * entrando * polas terras, em que lhe tinha muytas tomadas, e per toda a fralda do mar os mouros lhe fazião muyta guerra a suas gentes; pedindolhe isto com grandes rogos e requerimentos, pois ElRey de Portugal lho mandaua; pera o que elle mandaria ter prestes muytos mantimentos junto do mar, pera quanta armada leuasse: com outras muytas sustancias que na carta vinhão. E mandou carta ao seu embaixador, em reposta da que lhe elle mandára, a qual dizia assy:

«Macancio, Rey de Thiopia, que são engendrado d'ElRey meu padre, neto de Bedyniam, bisneto de Naqó, os quaes todos descendemos d'ElRey Dauid, e Salamão, Reys de Jerusalem, o qual saude e paz te enuia, e do coração [2] * encomenda a Jesu Christo * e á Virgem Nossa Senhora seja comtigo. Esta he a minha palaura. A carta que me enuiaste me foy dada, e quem ma deu me deu de ty todolos sinaes, e o achando verdadeiro em tudo fuy ledo [3] * com o * prazer que do ceo me veo. D'esta Tiopia te enuiey com minha embaixada, e polo querer de Deos nunqua descançaste, passando fadigas por amor de mim, e primeiramente por enxalçar a fé de Christo. Todolos meus principaes em ajuda dos mouros se aleuantarão contra mim, e destroirão e tem minhas terras forçadas; com arrecco do qual pedy a ElRey meu irmão gente, e me dizes que te concedeo trezentos homens officiaes. O Reyno de Portugal meu he, por-

[1] * entran * Autogr. [2] * encomendas Jesu Christo * Id. [3] * como * Id.

que o meu Reyno d'ElRey meu irmão he, e todo o que elle quiser. De valladores vos encomendo que tragaes muytos. Descanso, porque sey que nom dormes no meu seruiço, e o tens em cuidado. Todo o que trazes feyto, e fizeres, he bem feyto. As tuas terras estão em paz, que agora te serão dobradas nas milhores de meu Reyno. Tanaqe Micael abexy me trouxe tua carta, com duas d'ElRey meu irmão, com a do Visorey, e tres imagens de Nossa Senhora, è hum liuro de Dauid, e os pannos: que com tudo folguey. Conhecy teu coração que he bom de fazer cousas do seruiço de Deos e meu. Tua vinda satisfez muyto meu desejo [1] * de * verte antes que moura; polo que, muyto de coração, o rogo e peço ao Visorey, porque tudo o que elle quiser eu o outorgo, sendo em meo os santos do ceo, com [2] * o anjo * Grauiel, que trouxe a embaixada á Madre de Deos. Alguns dos que me erão reués, sabendo d'estas cartas e vinda que espero d'armada dos christãos, se tornarão a minha obediencia. Da morte de Gazefo som pezaroso. Deos o tenha em sua companhia. Todos os meus bons amigos rogão a Deos que te traga com vida e saude, e eu mais que todos, com vertude do Padre, Filho, Spiritu santo, tres pessoas hum só Deos, que seja comigo e comtigo, e com todos os que conhecem e crem sua santa fé.»

CAPITULO VII.

COMO O GOUERNADOR NO INUERNO CONCERTOU 'ARMADA, E ENTRANDO O VERÃO MANDOU DUAS ARMADAS ANDAR NA COSTA, HUMA PERA A COSTA DE DIO, E OUTRA PERA O MALAUAR.

Sendo estes catures chegados com estas cartas, que o Gouernador soube todas estas nouas, com grande desejo que tinha de nom passar seu gouerno sem fazer algum seruiço, assentou logo de hir ao Estreito com grande armada, e nauios pequenos, pera correr os portos do Estreito, e queimar as galés que achasse, e fazer secorro ao Preste, de gente assy como o elle pedia, e o mandaua ElRey no regimento do Visorey muy

[1] * e * Autogr. [2] * os anjos * Id.

encarregadamente. E deu muyto auiamento nas cousas d'armada, em que gastou o inuerno; e mandou escreuer e contar toda a gente per ruas e casas, em que achou dentro em Goa mil e oitocentos moradores, e tres mil e seiscentos lascarys, afóra os de Cochym, que estauão com dom Christouão e passauão de quinhentos; afóra os de Cananor, e de Chalé, e Baçaim, Chaul, e Dio, que lascaris escolheitos dos moradores passauão de dous mil per todas estas fortelezas da costa da India. E passando assy o tempo, como entrou agosto deitou fóra de Goa duas armadas, a saber, em huma Manuel de Vascogoncellos com vinte fustas pera a costa do Malauar, e em outra dom Antonio de Castello Branco com trinta fustas e catures pera Cambaya, até Damão e Dio; e lhes mandou que estiuessem na costa espalhados os nauios, a vêr se vinha nao de Mequa que trouxesse outra alguma noua, e que auendo alguma noua logo lha trouxessem a Goa.

ARMADA

DO

ANNO DE 540.

CAPITULO VIII.

DA ARMADA QUE VEO DO REYNO O ANNO DE 1540, EM QUE FOY CAPITÃO MÓR FRANCISCO DE SOUSA TAUARES, COM QUE O GOUERNADOR PROUEO MUYTAS COUSAS QUE ELREY MANDOU.

Na fim d'agosto d'este anno vierão quatro naos, a saber: Francisco de Sousa Tauares por capitão mór d'ellas, e Vicente Gil, e Vicente Lourenço Matabias do Algarue, e Simão da Veiga[1], as quaes derão noua que Nuno da Cunha falleceo d'esquinencia passando o cabo da Boa Esperança. Mandou ElRey n'estas naos socessões nouas, e mandaua que se nom usasse das que estauão na India, e que çarradas lhas leuassem. E porque já erão abertas e dom Esteuão por ellas feyto Gouernador, leuarão a que estaua çarrada, e ficarão as que vierão. N'estas naos vierão os homens d'armas sem soldo, que o nom vencessem senão depois de chegar á India, e outros que o nom auião de vencer senão seruindo primeiro de

[1] Os capitães d'esta armada, segundo o *Livro* de Luiz de Figueiredo Falcão, foram Francisco de Sousa Tavares, Lucas Giraldes, Vicente Gil, e Vicente Lourenço, o Batevias, como lhe chama *Couto* na Dec. V, Liv. VII, Cap. IV, o qual traz Simão da Veiga em logar de Lucas Giraldes.

graça seis meses, e outros hum anno. E veo defesa que se nom trespassassem soldos de huns titulos a outros. E porque ElRey dizia na prouisão que o tolhia per justos respeitos de seu seruiço, segundo era enformado por Miguel Vaz, vigairo geral, foy a gente d'elle muy escandalisada, e pedião d'elle muytas justiças a Deos; porque os homens pobres, a troquo do seu soldo, que mal ou bem baratauão, se remediauão muyta parte de sua pobreza, e sendo defezas as trespassações perecião seus trabalhos com muytas mingoas, e morrendo ficaua o soldo ganhado pera ElRey, porque nom lho pagauão seruindo, e depois de morto a seus herdeiros nunqua jámais; com que ElRey ficaua por herdeiro dos seruiços, e soldos com elles ganhados, com que o cramor do pouo era muy grande, e ante Deos será isto julgado na verdade, milhor do que o nós entendemos. Mas depois este vigairo geral, d'ahy a tempos, foy morto na India, dizem que de peçonha; mas com quer muyto tempo que isto era passado, ouvindo de sua morte nom foy esquecido dizerem justiça foy de Deos sua morte, pois tanto mal causou aos pobres homens, em fazer com ElRey que tolhesse as trespassações dos soldos.

Tambem n'estas naos veo defesa d'ElRey que nenhum feytor pagasse soldos senão per mandado do Gouernador, ou do capitão da forteleza, se estiuesse de guerra, nom estando n'ella o Gouernador ou o veador da fazenda, que estes sómente o podião mandar pagar; e o veador da fazenda os nom pagaria onde estiuesse o Gouernador, nem os pagaria senão na forteleza onde fosse em sua pessoa, e nom passaria o vèdor da fazenda mandados pera pagamentos de soldos pera nenhumas outras fortelezas. E tambem n'estas naos veo certeza de os rumes estarem desaprecebidos de vir á India, por caso da grande fome que lá ouve: o que ElRey tinha por cartas de Veneza. Tambem n'estas naos vinha ao Visorey muy encarregado por ElRey as cousas do Preste, que em todo caso lhe mandasse o embaixador e cousas que lhe mandaua, e lhe deixasse leuar da India quantos homens officiaes quigesse, de todolos officios macanicos, e d'armaria, e artelharia, o que tudo fosse com sua licença e per sua ordem: com que o Gouernador muyto mais assentou na hida que tinha determinada hir ao Estreito. Então, auiando as cousas das naos, lhe deu pressa, que estiuerão pouqos dias em Goa, e as fez partir pera Cochym a tomar sua carga, e mandou n'ellas o veador da fazenda pera lhe dar auiamento, e mandou recado a Manuel de Vascogoncellos, que andaua

na costa do Malauar, que se tornasse a Goa com su' armada. E mandou Tristão d'Atayde com sete vellas armadas a Dio, e mandou recado a ElRey de Cambaya que mandasse aleuantar de sobre Baçaim hum seu capitão que hy estaua com gente, com que lhe fizera guerra todo o inuerno, e que largasse todolas rendas d'alfandega, assy como as elle dera a Nuno da Cunha; por quanto, n'estas naos que este anno vierão, ElRey lhe mandaua dizer que nom auia por bem ametade que lhe largára o Visorey, pois que logo fôra com condição que seria feyto, se ElRey de Portugal o ouvesse por bem; o que nom consentia, nem queria: do que lhe mandaua cartas que tornasse a recolher todas as rendas, e mais que huma forteleza que Coje Çafar tinha feyta em Çurrate, que lhe mandasse que a desfizesse, porque parecia mal fazer ally forteleza sem necessidade nenhuma; porque sendo elle verdadeiro amigo d'ElRey de Portugal nom faria fortelezas na borda do mar, que era nosso, e nunqua pelo mar ninguem lhe auia de fazer guerra senão ElRey de Portugal, quando elle nom guardasse bem as pazes que antre nós erão assentadas. O que tudo isto, com outras mais sostancias, o Gouernador escreueo em carta que mandou a ElRey de Cambaya, que Tristão d'Atayde leuou a Dio, e a deu ao capitão da cidade, que logo a mandou a ElRey, que tambem respondeo por sua carta como adiante direy. E Tristão d'Atayde se tornou a Goa, e com elle 'armada de dom Antonio, que lá andaua.

Despachou o Gouernador dom Pedro de Castello Branco que se fosse pera sua capitania d'Ormuz, de que era despachado, e nom quis hir aguardando a morte do Visorey, parecendolhe que estaua nomeado nas socessões, como já disse; e mandou que Martim Afonso de Mello, que seruia a capitania, se tornasse á India até dom Pedro acabar hum anno que inda tinha por seruir de seu tempo, e acabando, Martim Afonso auia de entrar, e seruir seus tres annos que tinha da capitania por ElRey. E assy despachou o Gouernador a João de Sepulueda pera capitão de Çofala, em que viera prouido; o qual foy em huma carauella e duas fustas suas bem armadas, porque já d'ella era vindo Vicente Pegado, que lá estiuera por capitão e feytor. O qual leuou comsigo boa gente, e sendo na costa de Melinde, que hia pera Moçambique, varou com a carauella em huma restinga, onde se perdeo, e saluou tudo nas fustas, e foy seu caminho, onde ouve noua que na costa andauão quatro fustas de rumes ao salto roubando o que achauão, onde toparão com huma fusta de

portugueses que lá andauão aleuantados, com os quaes pelejarão, e os matarão a todos, em que tomarão muyto dinheiro e cousas, que andauão muyto riquos, que auia dous annos que lá andauão a roubar; de que era capitão hum homem que d'alcunha chamauão o Sapanga. E tomarão os rumes a fusta, que era grande, e muyto bem concertada, e com muyta artelharia, com que erão quatro fustas com que os rumes andauão d'armada ao salto; os quaes ouverão noua da carauella e fustas em que hia João de Sepulueda, e se forão meter em hum rio, dando peita ao Rey da terra, que os deixasse estar na terra até saberem certeza da carauella e fustas. Do que de todo sendo sabedor João de Sepulueda, se foy ao rio, e sorgio sobre a barra, e mandou seu recado ao Rey da terra, dizendo que deitasse os rumes fóra de seu porto, pois tinha paz comnosco, e senão que lhe faria a guerra. O que João de Sepulueda assy fez, e lhe mandou este recado por comprimento sómente, porque os mouros nom cuidassem que passando sem fazer nada, estando ally fustas de rumes, o fazia com medo d'elles. E o Rey, vendo que na barra estauão sós duas fustas, nom temeo seu recado, e lhe respondeo que fosse embora seu caminho pera onde hia, e olhasse nom perdesse suas fustas, pois já perdera a carauella, (porque a noua da carauella já a elles sabião) e que elle, como amigo, nom consentiria que de seu porto ninguem saysse a lhe fazer mal; e que se isto lhe nom contentasse fizesse o que fosse sua vontade. A cidade era grande, e o rio estreito e muy defensauel. Vendo João de Sepulueda que nom lhe podia empencer em nada, mas que se os rumes sayssem lhe farião muyto mal, porque trazia elle as fustas muyto pejadas com o fato da carauella, como foy noyte se fez á vella, e foy seu caminho pera Moçambique, e d'ahy pera sua forteleza de Çofala.

CAPITULO IX.

COMO RUY LOURENÇO DE TAUORA, CAPITÃO DE BAÇAIM, FOY A GOA PEDIR AO GOUERNADOR DINHEIRO PERA PAGAMENTO DA GENTE DA FORTELEZA, E POR QUE LHO NOM DEU SE FOY PERA O REYNO.

Ruy Lourenço de Tauora, capitão de Baçaim, sabendo que dom Esteuão era Gouernador, em todo o inuerno lhe escreueo muytas cartas, dandolhe conta do trabalho que tinha com a gente de Cambaya, que estaua hy perto, que vinhão a correr e saltear as terras de Baçaim, com que tinha muyto trabalho, e sobre todos era a muyta pobreza da gente, que lhe muyto cramaua por paga, e elle nom tinha de que lhe pagar, que na feytoria o nom auia, e elle do seu lho nom daua porque o nom tinha; que por tanto lhe pedia que o secorresse com pagamento pera' gente, porque como entrasse o verão nom ficaria homem com elle, que todos se hirião, e elle nom lhe auia de tolher que se fossem, porque com gente forçada nom queria que lh'acontecesse algum desastre. Ás quaes cartas o Gouernador lhe respondia como era rezão, dizendo que n'isso faria tudo o que pudesse; dandolhe tambem conta da muyta necessidade em que tinha todolas cousas. E vendo Ruy Lourenço que o Gouernador lhe nom acodia e mandaua dinheiro pera' gente per Tristão d'Atayde, que elle esperou que lhe leuasse, entregou a forteleza ao alcaide mór, e se foy a Goa, e se vendo com o Gouernador teue com elle grandes requestas, pera que fizesse pagamento á gente do que em Baçaim tinhão vencido com tanto trabalho da guerra; mas o Gouernador se escusando, e lhe dando miuda conta dos gastos e muyta necessidade que tinha, e lhe mostrando papés de dinheiro que tomára d'orfãos, com ganhos, pera soprir o dinheiro da carga, que as naos nom trouxerão cofres por ElRey nom ter [1] * dinheiro, Ruy Lourenço *, como nobre fidalgo, disse ao Gouernador: « Pois, senhor, * se * ElRey nom tem com que pagar á gente, nom » « tenha fortelezas. Eu sem gente nom posso guardar a sua forteleza de »

[1] * dinheiro, mas Ruy Lourenço * Autogr.

«Baçaim. D'aquy vola entrego, e faço seruiço de dous annos de minha» «capitania, que os nom quero, nem hey mester.» O Gouernador repetio muyto com Ruy Lourenço, queixandose com elle, dizendo que com fortuna e trabalhos se fazia seruiço a ElRey, e nom folgando; que já outras muytas vezes se aquecera na India fidalgos honrados susterem capitanias de fortelezas com grandes agonias, e apressões dos lascarys e do pouo, e trabalho do campo. Ruy Lourenço lhe respondeo: «Á capitania de» «Baçaim eu nom hey de tornar, e se me ElRey d'isso pedir a conta» «eu lha darei tão boa que me ficará deuendo dinheiro.» Disse o Gouernador: «Senhor Ruy Lourenço, vós sabereys n'isso o que vos compre.» «Baçaim aquy tem capitão, e que o nom tiuera, nom faltára hum hon-» «rado fidalgo que fizera capitão. Áindaque assy a engeitaes por traba-» «lhosa e má cousa, eu a prouerey, e farey o que me pede.» Disse Ruy Lourenço que n'isso lhe fazia mercê, e lha faria muyto mór em lhe dar embarcação pera o Reyno: «Que o seruiço bem sey que nom he bom» «senão quando he grande o trabalho. Do que me nom fará auàntagem» «ninguem que estê na India, pera mais sofrir que eu, e folgar com» «todo trabalho; mas isto será de minha pessoa, e fazenda, e criados.» «Mas eu nom hey de seruir com suores alhêos mal pagos, *e* homens» «aleijados de feridas, que ao desemparo vão morrer no esprital, onde mor-» «rem com fome. E tenho bem entendido como isto corre, e vejo bem as» «mercês que se fazem aos que bem seruem, e vejo as honras e proueitos» «que se fazem a chatys riqos, e tudo muyto bem tenho entendido. E» «bem sey que Baçaim tem aquy capitão muy honrado, que tomará o» «trabalho que lhe ElRey encarregou; mas, se o nom ouvera por ElRey,» «nom sinto eu fidalgo de bom siso que o aceitasse, auendo de fazer o que» «deue; porque em tal desposição deixo eu a terra, e a feytoria tão des-» «baratada, com diuida de hum anno á gente de seu mantimento. Doy-» «me n'alma as lastimas e cramores dos homens pobres; folgára de ser» «mais mancebelhão, pera isto nom sentir, nem estimar, como eu atégo-» «ra o senty dentro na alma, e compre que o sinta hum tão bom fidal-» «go como eu. Pera minha embarcação me faça mercê mandarme dar» «meus despachos.» *O* que o Gouernador mandou ao sacretario que logo fizesse: com que o despedio o Gouernador.

CAPITULO X.

DE HUM DESAFIO QUE OUVE ANTRE RUY LOURENÇO DE TAUORA E DOM FRANCISCO DE MENESES, EM QUE AMBOS SAYRÃO FERIDOS E AMIGOS.

Era capitão de Baçaim dom Francisco de Meneses, que estaua na vagante de Ruy Lourenço de Tauora, que estaua aquy em Goa. Nom faltarão mexedores que lhe dessem conta da pratica de Ruy Lourenço com o Gouernador, fazendolhe entender que as palauras que Ruy Lourenço fallára forão em seu desprezo, desfazendo em sua honra; em que meterão palauras que Ruy Lourenço nom fallára. Dom Francisco de Meneses estimou isto muyto, e sem o dar a entender a ninguem, ao outro dia pola sésta mandou hum escrito a Ruy Lourenço, em que lhe pedia por mercê que com sós suas pessoas, e capas e espadas, quigesse que se vissem ambos pera fallarem hum pouquo, que muyto compria a suas honras. Ruy Lourenço tomou o escrito e meteo no [1] *seio*, e lhe mandou outro que dizia: «Senhor, fazendolhe o seruiço que me manda, me» «achará n'esta hora além do outeiro de Santa Maria do Monte, contra» «o Passo Sequo.» O que visto per dom Francisco guardou o escripto, e tomou sua capa e espada, e cada hum d'elles se foy sem ninguem os sentir, e ambos se ajuntarão no lugar que dizia o escrito, onde passando suas praticas, que ninguem nom soube, vierão ás cotilladas, onde dom Francisco ferio a Ruy Lourenço hum pouqo na cabeça, com que o sangue veo á testa; o que sentindo Ruy Lourenço, apretou com dom Francisco e o ferio no cotouello, no braço da espada, com que lhe a mão adormeceo, e caío a espada no chão. O que vendo Ruy Lourenço tambem largou a sua da mão, e leuou dom Francisco nos braços, dizendo: «Senhor, nom quero que seja mais, que são vosso seruidor, e» «sempre o fuy; e perdoe Deos a quem vos fez crer males de mim pera» «virmos a tal desconcerto.» Dom Francisco o abraçou, pedindolhe per-

[1] *seo* Autogr.

dão. Alimparão seu sangue, que as feridas forão pequenas, e tomarão suas espadas e capas, e cada hum se foy por sua parte, e recolherão a suas pousadas, sem d'isto auer nenhum sentimento nem aluoroço; mas sendo curados polos mestres, sabendo que assy ambos estauão feridos, sentirão que ouvera antre elles briga, polas rezões passadas com o Gouernador, e os mexeriqueiros que n'isso andarão.

Forão visitados de todolos fidalgos, a que nenhum d'elles nunqua quis dizer como o feyto passára, e quando o perguntauão a dom Francisco dizia que o perguntassem a Ruy Lourenço, e quando o perguntauão a Ruy Lourenço dizia que o perguntassem a dom Francisco. Assy que nunqua o puderão saber d'elles, sómente foy sabido de como a briga passára per hum moço canarym que os vio, e correndo veo dizer que huns homens pelejauão. Forão lá alguns homens correndo, mas já os nom acharão, nem souberão quem erão, e o canarym contou toda a briga como fôra, que vio tudo, e quando os vio abraçar cuidou que se matauão de todo. Então correo, e o veo dizer.

CAPITULO XI.

COMO O GOUERNADOR FEZ ANTONIO DE LEMOS CAPITÃO DA FORTELEZA DE * BAÇAIM *, PERA SERUIR DOUS ANNOS QUE FICARÃO DE RUY LOURENÇO DE TAUORA, QUE DOM FRANCISCO DE MENESES OS NOM QUIS SERUIR; E N'ESTE TEMPO FOGIO DO TRONQUO GONÇALO VAZ COUTINHO, E LEUOU TODOLOS PRESOS, DE DIA, COM QUE SE EMBARQOU E PASSOU Á TERRA FIRME.

Sabendo o Gouernador d'esta briga, fez partir Ruy Lourenço pera Cochym a se embarqar pera o Reyno, e mandou a dom Francisco que logo se fosse pera Baçaim; mas dom Francisco disse ao Gouernador que lhe faria muyta mercê que nos dous annos que ficauão de Ruy Lourenço acupasse algum fidalgo que seruisse a capitania, porque elle por nenhuma cousa do mundo deixaria de nom hir com elle ao Estreito; e n'isto lhe faria muyta mercê, porque tornando do Estreito faria quanto lhe mandasse. O que muyto lhe agradeceo o Gouernador. Então mandou pera capitão de Baçaim Antonio de Lemos, hum fidalgo honrado, que fiqou na capitania

de Baçaim até que tornarão do Estreito, e dom Francisco se foy pera' sua capitania, como adiante direy.

Aqueceo que n'este tempo estaua preso no tronqo Gonçalo Vaz Coutinho, homem fidalgo, por grandes crimes e males que tinha feytos, e tambem estauão presos outros muytos homens de grandes casos, com os quaes este Gonçalo Vaz fez consulta como todos fogissem; o que ordenou d'esta maneira: que Gonçalo Vaz mandou que lhe leuasse o comer ao tronquo huma escraua fermosa que tinha, a qual lhe trazendo o comer estaua ahy, e fazia o que compria. Tinha o tronqueiro hum escrauo de casta jáo, valente homem, que tinha cargo de aferrolhar os presos e deitar as correntes, e abria e fechaua as portas presente o tronqueiro, que lhe daua as chaues, que era hum Domingos da Fonseca, homem cafre, casado e honrado. Per endustria de Gonçalo Vaz a moça tomou amores secretos com o moço do tronqueiro, no que soube tanto que o moço era doudo pola moça; com que a moça concertou com elle que soltasse seu senhor, e os presos, e que fogirião pera a terra firme, onde ella seria sempre sua. No que o moço duvidou até que o Gonçalo Vaz fez grandes juramentos, com que o moço folgou, porque queria grande bem á moça, com que escondidamente algumas vezes dormia. E poendo em ordem a fogida, com muyto auiso, o moço pouquas e pouqas deu as chaues das portas, que todas forão moldadas e feytas outras por ellas, e as dauão ao moço, que as prouou nas portas, e todas forão bem concertadas; e sendo as chaues prestes, amigos de Gonçalo Vaz, e dos outros presos, de fóra ordenarão e fizerão prestes huma manchúa grande, e a puserão emborcada fóra d'agoa, na ribeira do Mandouim, cuberta de palha, onde assy estaua auia muytos dias por mais dessimular, e os remos tinhão assoterrados debaixo d'ella, cubertos com a terra. Nom bolio o moço com nenhuns ferros dos presos, porque nom fosse sentido nada, porque cada noyte, presente hum filho do tronqueiro, com candêa buscaua os ferros a todolos presos. E sendo de todo ordenado o dia da fogida, que era pola menhã, que o tronqueiro, deixando tudo fechado, e as chaues metidas em huma arqua de que elle leuaua a chaue no braço, se hia a vêr missa, e d'ahi se hia a vêr o leilão, o moço, tendo bom cuidado no que auia de fazer, como o tronqueiro se foy á missa tirou fóra dez ou doze lanças e chuças, que estauão em hum cauide, e as pôs ao sol, e as começou a limpar com outros negros da casa, porque esta-

uão bolorentas; e acupou os outros negros em as alimpar, e elle se foy dentro, e tirou as chaues nouas que tinha, e abrio todolas portas aos presos, que já muytos d'elles estauão soltos, que huns aos outros se soltarão, com aparelhos que já pera isso tinhão dentro, tanto que virão hir o tronqueiro pera fóra. E porque n'este dia auia de ser a fogida, os amigos de fóra andauão muytos pola forteleza, e pola porta da cidade que vay pera' ribeira, onde andauão negros prestes pera' manchua; e sendo assy as portas abertas, os presos mansamente se sayrão todos fóra, e tomarão as lanças e chuças, e disserão aos negros do tronqueiro: « Filhos, » « vamonos pera' terra firme, e nom sereys catiuos. » Com que elles folgarão, e se forão com elles. Gonçalo Vaz fez hir todolos presos diante de sy, e o moço com a moça junto comsigo, e se forão per antre o muro e barbacã sayr na porta da Ribeira. O que sentio hum filho do tronqueiro: bradou, e a mãy, e outras filhas que tinha. Ao que acodirão homens do capitão, já quando os presos acabauão de sair fóra, e com espadas e lanças os quiserão deter; ao que arrancarão os amigos dos presos, que per hy andauão, e se emborilharão, elles ajudando como podião, até que hum criado do capitão deu arrepique no sino; ao que acodio dom João d'Eça, capitão da forteleza, que andaua passeando na rua direita, com huma lança nas mãos, que lhe derão, e chegou á porta do caes já quando os presos acabauão de sayr fóra pera a Ribeira, onde já auia grande briga e reuolta de muytos homens que acodirão com lanças, que em vez de prender ajudauão a fugir. E o tronqueiro bradando a que d'ElRey, arremeteo o capitão á porta, onde se lhe atrauessou a lança, e caío o cauallo com elle. E foy o repique tanto que acodio o Gouernador, da Ribeira das naos onde estaua; mas já quando a gente chegou já os presos hião embarcados na manchua, que muytos homens lhe deitarão ao mar, e porque nom cabião todos na manchua, os que nom leuauão ferros hião a nado pegados n'ella, que remauão rijamente, e passarão polo passo de Daugym primeiro que lá chegasse a justiça, que lá correo por lhe tomar o passo, e todauia se puserão em saluo na terra firme, leuando o moço do tronqueiro e sua amiga.

CAPITULO XII.

COMO GONÇALO VAZ COUTINHO, COM OUTROS OMISIADOS DA TERRA FIRME, OUVERÃO EMBARCAÇÕES, E ANDARÃO ALEUANTADOS PELA COSTA DE [1] * PEGÚ *, E BENGALA, ONDE FIZERÃO GRANDES MALES E ROUBOS.

Sendo assy Gonçalo Vaz em saluo com toda sua companhia, moueo muytos partidos ao Gouernador pera que perdoasse a todos; mas o Gouernador nom quis, dizendo que lhe perdoaua a justiça d'ElRey, e que elles se liurassem das partes per seu direito, e que com este perdão dessem fianças a estar a comprimento de direito. Com o qual Gonçalo Vaz se ajuntarão outros omiziados, que lá andauão, e depois se lá passarão, onde se ajuntarão passante de corenta homens, todos d'espingardas, 'os quaes Gonçalo Vaz capitaniaua e daua de comer, e todos lhe obedecião. E depois sendo o Gouernador prestes pera partir pera o Estreito, Gonçalo Vaz lhe mandou dizer que lhe désse seguro pera hir com elle com todos os homens que tinha, e que lá farião taes seruiços que mererecerião o perdão, e quando não, os tornasse a pôr onde estauão; o que nada o Gouernador quis conceder, sem que segurassem a justiça ás partes; o que elles nom podião fazer, porque tinhão mortes de homens, de que as partes cramauão e pedião justiça. Então Gonçalo Vaz teue maneira com seus amigos como lhe comprarão huma boa fusta grande, e se foy embarquar n'ella em Angediua, no rio de Cintacora, com que se passou a Choromandel, e ouve outras duas fustas e calures, com que fez armada de seis vellas bem concertadas, sómente falta d'artelharia, em que com elle se ajuntarão passante de duzentos homens, e se foy á pescaria do aljofar, onde andaua por capitão João Fernandes Correa em tres calures com trinta homens, e Gonçalo Vaz lhe pedio artelharia, e senão que lha tomaria. João Fernandes, vendo que lhe nom podia registir, lhe disse que 'artelharia era d'ElRey, e que se lha désse a pagaria de sua casa. Gonçalo Vaz disse que lhe daria seguridade como a nom pagasse. Então

[1] * pee * Autogr.

lhe deu hum assinado feyto polo escriuão d'armada, que leuaua feytor e escriuão, em que dizia que se obrigaua a tornar toda 'artelharia, e pagar o que d'ella gastasse per sua fazenda, porque em Goa tinha casas e palmares: o que forçadamente o João Fernandes consentio, porque nom tinha poder contra elle. E assy tomou fateixas, e amarras, e o que auia mester, e de tudo daua conhecimento como * se * na mão tiuesse de que * pagar *; e tambem tomou algum dinheiro, e se foy a Negapatão, e concertou muyto bem seus nauios, e fez alardo de sua gente, em que fez cento e sessenta homens espingardeiros e bem armados, com que se partio, e se foy á costa de Pegú, onde andou ao salto contra os mouros, em que fez muyto dinheiro.

Foylhe descuberto que alguns d'armada lhe querião fogir com os nauios, os quaes matou com cruas justiças; e tendo já muyto dinheiro, e bem repartido com os seus, que todos tinhão dinheiro, então se tornou pera' ilha de Ceylão, e vindo no golfam lhe deu temporal com que perdeo dous nauios, e os outros alijarão ao mar quanto trazião, sem lhe ficar nada, e com os nauios, que se nom podião soster sobre agua, chegou a Ceylão, onde derão com elles á costa, e Gonçalo Vaz pedio seguro 'Antonio Pessoa, que lá estaua por feytor e alcayde mór, o qual lho nom quis dar, dizendo que inda que lho désse nom era valioso, que com elle o hirião lá prender. Então * o * Gonçalo se meteo em poder d'ElRey, com seu seguro, que o tomou a seu cargo pera auer do Gouernador perdão e seguro, e senão que o tornaria á sua liberdade como estaua. Como de feyto, que vindo Antonio Pessoa á India, e messigeiro d'ElRey ao Gouernador sobre Gonçalo Vaz e outras [1] * cousas, o Gouernador * respondeo a ElRey que elle nom podia tirar o seu a seu dono, que lhe perdoaua pagando ás partes o que deuia. Então Gonçalo Vaz concertou duas fustas muyto bem, e se foy ás ilhas de Maldiua com a gente de sua conserua, e nas ilhas tomou hum mouro que auia poucos dias que matára huns portugueses e os roubára, polo que Gonçalo Vaz matou muytos mouros na ilha onde se fez o mal, e tomou muytas fazendas, e o mouro senhor [2] * da * ilha meteo na bomba da sua fusta carregado de ferros, fazendolhe grandes martirios polos portugueses que matára: com que tirou muyto dinheiro do mouro, e d'outros; onde assy andou até que veo do Reyno

[1] * cousas e o Gouernador * Autogr. [2] * a * Id.

por Gouernador Martim Afonso de Sousa, que era seu grande amigo, e se vio com èlle, como adiante direy.

CAPITULO XIII.

DE HUMA CONTENDA QUE OUVE ANTRE FERNÃO DRAGO E CHRISTOUÃO DE LACERDA, AMBOS HOMENS FIDALGOS, EM QUE FOY MORTO FERNÃO DRAGO DENTRO EM CASA DO GOUERNADOR, ONDE SE AGASALHAUA, PELO QUE O CHRISTOUÃO DE LACERDA FOY DEGOLADO AO PÉ DA PICOTA.

N'ESTE inuerno que dom Esteuão assy enuernou em Goa, estando de noyte hum homem fidalgo em casa de huma molher solteira, veo outro á porta pera entrar. Fallou o outro de dentro, e vierão a más palauras, hum de fóra e outro de dentro, em maneira que o de fóra se deu por enjuriado; o qual tinha a valia de parentes e amigos mais que o outro. O que sendo dito ao Gouernador, sabendo que auião de auer brigas, nom pôde amansar o enjuriado, que se chamaua Christouão de Lacerda. Do que o Gouernador auendo paixão, disse ao outro, que se chamaua Fernão Drago, e nom tinha tanta valia como o outro, que se recolhesse e pousasse em sua casa, onde [1] *estaria até que se* amansasse a paixão de seu contrairo. O que o Drago assy fez, e pousaua em humas casas debaixo das casas do Gouernador. Então o Gouernador fallou e muyto apertou com Christouão de Lacerda que fossem amigos; o que elle nom quis. Então o Gouernador lhe disse: «Pois assy hé, vós olhay o que» «fazeis, porque aquelle homem está em minha casa, e o tomo sobre» «mym; e por tanto olhay que nom tomeis máos conselhos.» Do que nada nom curou Christouão de Lacerda, mas apercebeo seus amigos, e hum dia, sendo o Gouernador na Ribeira, saltou na casa do Drago, leuando muytos em sua ajuda, e o matou ás estocadas. Ao que acodio gente da rua, e da casa do Gouernador; onde a briga foy grande. Do que derão rebate ao Gouernador, que vinha a cauallo pera casa, e correo a secorrer. Os do arroido, que tinhão espia com o Gouernador, se puserão em

[1] *estaria a que se* Autogr.

fogida, cada hum por onde milhor podia. Ao que [1] *acodio* a justiça e *ouve* grande reuolta, e o Christouão de Lacerda foy tomado pola justiça; o qual o Gouernador mandou logo degollar ao pé da picota, sem querer ouvir todolos fidalgos que por elle lhe rogauão; ao que tiuerão modos como fizerão entender ao Gouernador que aueria algum aluoroço se o leuassem á picota, que era fóra da cidade, dizendo que por isto atalhar era milhor degollallo dentro na forteleza. O Gouernador entendeo a cousa, que erão somitões [2] porque o nom leuassem á picota. Disse o Gouernador: «O lugar em que ElRey manda fazer justiça dos malfeytores he» «a picota. Ao pé d'ella ha de ser degollado. Bem folgaria que alguem» «o quigesse tomar á justiça, pera que eu podesse fazer mais compri-» «mento de justiça nos que fogirão.» Ao outro dia o mandou leuar á picota, e elle se foy caminho da Ribeira, tendo vigias d'homens de cauallo na picota, e guarda d'homens de cauallo, a que secretamente encomendou o caso. E o degollarão, e trabalhou muyto o Gouernador por auer ás mãos hum Christouão de Mello, e hum Diogo Soares, fidalgo gallego, que forão os principaes ajudadores na briga, os quaes com todolos outros depois se passarão á terra firme; a que o Gouernador nom quis dar perdão, nem seguro. Então Diogo Soares ouve huma boa fusta, e bem armada se foy n'ella com os outros, e se foy á costa de Melinde andar ao salto, onde fez muytos roubos, até que foy Martim Afonso de Sousa por Gouernador pera' India, que lá na costa os perdoou, e com elle se tornarão á India, como adiante direy.

[1] *acodia* Autogr. [2] Submissões, ou palavras mansas e submissas?

CAPITULO XIV.

DE COMO, PASSADO O INUERNO, Ó GOUERNADOR MANDOU VIR DE COCHYM SEU IRMÃO DOM CHRISTOUÃO; E DA NOUA GUERRA QUE SE ALEUANTOU ENTRE O REY DE COCHYM E *O* DE CRANGANOR.

O Gouernador mandou vir de Cochym seu irmão dom Christouão com toda 'armada e gente, o qual veo com vinte e noue vellas, galés, e galeotas, carauellas e fustas, e dous galeos nouos que fizera. E sendo dom Christouão partido pera Goa, acertou de morrer o Çamorym Rey de Calecut, que o anno passado assentára as pazes com dom Aluaro, e foy aleuantado por Rey o principe, que tinha jurado, em seu pagode, que auia de vingar as enjurias que ElRey de Cochym tinha feytas ao Rey morto seu tio, e que, se os portugueses ajudassem ElRey de Cochym, que lhe quebraria a paz, e tambem com elles pelejaria. E pera ter rompimento com ElRey de Cochym fez grandes concertos d'amizades com ElRey de Cranganor, porque sabia que estaua muyto escandalisado d'ElRey de Cochym, por lhe querer estoruar que na sua terra se nom fizesse o castello de São Thomé, que se fez; e sendo assy amigos, com grandes juras que lhe fez o Rey de Calecut que com todo seu poder o ajudaria contra o Rey de Cochym, ambos se concertarão como o Rey de Cranganor matasse dous naires d'ElRey de Cochym, a que elles chamão jangade, que estauão em guarda do pagode de Cranganor, porque n'elle estaua grande tesouro das esmòlas que lhe dão no dia de sua festa; o qual tesouro ninguem póde bulir, nem d'elle tirar nada, sem consentimento de todos, e por tanto tem em guarda d'elle seus jangades, os quaes matou o Rey de Cranganor, e tirou do tysouro grande soma de dinheiro, que partio com o Rey de Calecut. O que sabendo o Rey de Cochym, que [1] *seus* jangades erão mortos por ElRey de Cranganor, se ouve por muy enjuriado, fazendo juramentos de se vingar do Rey de Cranganor. E logo se foy a Cochym, e fallou com o capitão, e com o védor da fazenda, e lhe fez

[1] *suas* Autogr.

grandes escramações da grande deshonra que lhe fizera ElRey de Cranganor, fazendolhe grandes requerimentos que lhe déssem ajuda contra o Rey de Cranganor pera sua vingança; porque sobre vingar tamanha deshonra auia de gastar todo seu Reyno. O capitão e veador da fazenda trabalharão muyto com boas rezões por tirar este sentimento a ElRey; porque nom ouvesse guerra, que seria muy grande desauiamento pera' carga das naos que se estaua fazendo; e por escusar os gastos que de força se farião na guerra, porque de força lhe auia de dar portugueses que o ajudassem. A ElRey de Cochym pareceo que o veador da fazenda o nom queria ajudar, e se foy muy agastado, dizendo que nom daria carga, e que antes queria ser morto e perder seu Reyno, que passar tamanha deshonra como lhe fizera o Rey de Cranganor. Ao que o capitão ao outro dia foy fallar com ElRey, e com elle o veador da fazenda, e polo contentar, e com isto passar o tempo até se acabar a carga, disserão a El-Rey de Cochym que porque o Rey de Cranganor tinha nossa paz, e amisade, que per nosso costume e verdade lha nom podião quebrar, sem primeiro lhe mandar requerer que [1] * emmendasse e satisfizesse * o mal que [2] * fizera *, o que elle nom querendo fazer que então tinhão rezão de lhe quebrar a paz, e lhe farião a guerra, que estaua muy certa, porque o Rey de Cranganor estaua certo nom querer satisfazer nada; e que se fizesse satisfação, que então ficaua sua honra mais alta, pois com medo satisfazia o mal que tinha feyto. Do que ElRey fiqou muy satisfeyto, e n'isto concertados, o veador da fazenda, e capitão, mandarão messagem a ElRey de Cranganor, estranhandolhe muyto matar [3] * os jangades * d'El-Rey de Cochym, sabendo o mal que n'isso fazia, que ElRey de Cochym por isso lhe faria a guerra, em que os portugueses o auião d'ajudar; que por tanto lhe pedião, como amigo, que tiuesse com ElRey de Cochym algum comprimento, como era rezão, pera que nom viessem a rompimento de guerra. Ao qual recado respondeo o Rey de Cranganor que elle nom pudera saber quem matára [4] * os * jangades de ElRey de Cochym, nem tinha que lhe satisfazer; e que isto buscaua contra elle ElRey de Cochym como seu imigo que era, e sempre fôra, como elles bem sabião; que se lhe fizesse guerra se defenderia, se pudesse; e que se portugue-

[1] * emmende e satisfaça * Autogr. [2] * fez * Id. [3] * as jamgedes * Id. [4] * as * Id.

ses fossem contra elle protestaua leixar sua terra, e se hiria pera outra parte; por quanto elle tinha assentado com ElRey de Portugal paz que nunqua por elle seria quebrada, e soffreria todolos malles que lhe os portugueses fizessem; mas que elles fossem lembrados que no assento das pazes lhe prometterão que o ajudarião [1] * contra * seus imigos, e que ElRey de Cochym era seu imigo, e nom queria ajuda dos portuguescs contra elle, sómente nom fossem contra elle, pois nom auia rezão pera isso; e que elle s'entenderia com ElRey de Cochym; que se elle fosse guerrear ElRey de Cochym então o ajudassem, mas pois ElRey de Cochym, sem rezão, o queria guerrear, nom auia rezão pera os portugueses hirem contra elle. As quaes rezões do Rey de Cranganor erão justas, que o capitão nom sabia que fizesse, mas por comprazer a ElRey de Cochym tornou a repricar. Com que ouve muytas messages antre elles, tudo pairando o capitão pera que nom se viesse a romper a guerra; mas nada prestaua, porque ElRey de Cochym muytas vezes vinha' forteleza, e se muyto queixaua, allegando todolos trabalhos e destroições de seu Reyno, que tinha passados por fazer seruiços a ElRey de Portugal. No qual tempo chegou a Cochym Manuel da Gama, com gente que trazia de Choromandel, o qual logo ElRey mandou chamar, e lhe fez grandes queixumes do que se passaua, muyto o rogando, e esconjurando da parte do Gouernador, que elle e o veador da fazenda fossem a Cranganor a fallar com ElRey, o qual se [2] * quigesse * fazer alguma emenda elle a tomaria, e aceitaria por satisfação de sua grande enjuria, e faria tudo o que elles vissem que era bem e rezão, e se ElRey de Cranganor era bom amigo d'ElRey de Portugal, como dizia, o deuia de fazer por lho elles hirem fallar. ElRey de Cochym apretaua com isto, porque sabia que o Rey de Cranganor o nom auia de fazer em nenhuma maneira do mundo. O veador da fazenda, que isto nom entendia, mas cuidando que o poderia acabar, se foy a Cranganor, com o capitão, e com Manuel da Gama, e com alguns fidalgos, e com muyta gente concertada pera alguma cousa, se comprisse; e tambem pera lá foy ElRey de Cochym com muyta gente. Mas o Rey de Cranganor, como soube que hião os portugueses, nom aguardou que chegassem, e se sayo de suas terras, e se foy pera Panane, e mandou seu recado ao vèdor da fazenda, dizendo que elle largaua seu Reyno e terras a ElRey de Portugal,

[1] * com * Autogr. [2] * quige * Id.

seu amigo, que lhas guardasse; e as entregaua a elle e ao capitão de Cochym, que fizessem d'ellas o que lhe bem viesse, porque lhas vinhão tomar e destroir por amor d'ElRey de Cochym, sendo elle mais verdadeiro seruidor d'ElRey de Portugal, e amigo dos portugueses, que todolos Reis da India. ElRey de Cochym mandou passar sua gente, e entrarão nas terras de Cranganor, com que tambem forão alguns portugueses; com que toda a terra foy roubada e destroida, e queimadas as propias casas d'ElRey, que foy a mór deshonra que se lhe podia fazer; o que tudo fizerão sem auer pessoa que lho defendesse. O que o veador da fazenda consentio, cuidando que com este feyto ElRey de Cochym ficaria satisfeyto, e ficaria huma enjuria por outra, o que depois mais leuemente se poderia apacificar antre elles, e os tornar a fazer amigos. Sobre o que depois o veador da fazenda quis meter mão; mas o Rey de Cranganor nunqua mais lhe quis ouvir nenhum recado, mostrandose muy magoado pola grande enjuria que lhe era feyta. Ao qual o Rey de Calecut mandou visitar, e prometendo pôr a vida e seu poder por sua vingança. N'esta cousa se fallou que o veador da fazenda ouvera huma soma de dinheiro, de muyto que ouve ElRey de Cochym, que os seus tomarão no pagode em que entrarão.

De todas estas cousas foy recado ao Gouernador des do começo d'estas desauenças, dandolhe conta d'esta determinação, que era fazer salto em Cranganor, com que ElRey de Cochym ficasse satisfeito, e que então depois os farião amigos, por quitar que esta cousa nom viesse a rompimento de guerra. Ao Gouernador nom lhe pareceo isto bem, e mandou que por nenhuma maneira do mundo fizessem mal na terra de Cranganor, e que se escusassem a ElRey de Cochym com elle, e que lhe respondessem que nas cousas da guerra, e da paz, elles nom podião bolir senão per mandado do Gouernador; e que outra cousa nom fizessem, e que se ElRey de Cochym lhe mandasse recado que elle lhe responderia o que comprisse. Mas já quando este recado do Gouernador chegou já o dano era feyto em Cranganor: do que o Gouernador ouve muyta paixão, e escreueo cartas ao Rey de Cranganor sobre o caso, com que muyto o satisfez, com muyta esperança que o Gouernador lhe faria emmenda de sua deshonra.

CAPITULO XV.

COMO TRISTÃO D'ATAYDE COM ARMADA FOY A DIO, COM MESSAGEM AO REY DE CAMBAYA SOBRE A GUERRA DE BAÇAIM, E O QUE N'ISSO FEZ.

Tristão d'Atayde com su'armada foy á enseada, sem fazer mal algum, e foy a Dio, d'onde mandou recado que leuaua a ElRey de Cambaya, como atrás fiqua. Ao que ElRey respondeo que quanto á guerra que se fazia em Baçaim que elle a nom mandára fazer, nem sabia que se fazia, sómente agora soubera que rendeiros seus querião arrecadar suas rendas ao redor de Baçaim, e que os portugueses lhas defendião, e recolhião os seus que lhe deuião suas rendas; e que os seus lhe vinhão cramar de males e roubos que lhe os portugueses fazião, entrando por suas terras; que n'isto prouesse o Gouernador que se nom fizesse, e que elle assy o faria. E que quanto ás rendas d'alfandega, que lhe agora pedia, que o Visorey com elle assentára, 'o que dizia que ElRey nom era contente do assento feyto, que inda nom era tempo pera ser vindo reposta d'ElRey de Portugal; e que quando lhe ElRey mandasse tal recado elle lhe responderia o que era bem e rezão, como bom amigo que era; e mais indaque lhe a renda era larga nunqua pera elle se arrecadára nada, que tudo era na mão dos portugueses moradores em Baçaim. E quanto á forteleza que Coje Çafar tinha feyta, tinha d'isso falsa enformação, porque nom era forteleza, nem cousa que o parecesse; que sómente era huma casa forte que Coje Çafar fizera por sua licença, pera n'ella estar seguro de imigos que tinha na terra; e que indaque fôra huma grande forteleza nom tinha rezão de tal lhe mandar dizer, porque nom lhe podia tolher que per seu Reyno todo nom fizesse quantas quigesse; e mais que a costa da enseada nom era a costa da India, onde ElRey de Portugal tinha suas fortelezas; e que se isto lhe nom parecesse boa rezão, e lha quigesse tolher ou mandar desfazer, que elle a defenderia, porque assy compria a sua honra. Com a qual reposta se tornou Tristão d'Atayde ao Gouernador; o que por elle visto com os fidalgos, todos disserão que El-

Rey de Cambaya respondia muy chegado á rezão. Todauia o Gouernador, por comprimento de ponto d'honra, escreueo ao capitão de Dio que mandasse dizer a ElRey de Cambaya que lhe nom mandaua reposta porque se partia pera o Estreito, que como tornasse então auerião concrusão em suas cousas, como se acabassem muyto com seu prazer e honra, como lho ElRey encomendaua.

CAPITULO XVI.

COMO A GOA CHEGOU MARTIM AFONSO DE MELLO, QUE VEO D'ORMUZ ONDE SERUIRA DE CAPITÃO, E REQUEREO AO GOUERNADOR QUE MANDASSE TRAZER PRESO O REY D'ORMUZ POR SER DOUDO: O QUE ASSI O REQUERIÃO OS REGEDORES DO REYNO, DO QUE MOSTROU DEUASSA QUE TRAZIA.

Andando o Gouernador fazendose prestes, chegou d'Ormuz Martim Afonso de Mello, que lá estaua por capitão, o qual apresentou ao Gouernador grandes estormentos e deuassas que trazia tirados d'ElRey d'Ormuz, dizendo que era homem doudo e mal assisado, por muytos desmanchos que fazia; em tanta maneira, que estando hum dia fallando com elle em sua casa cousas que muyto comprião, porque lhe nom fallára á sua vontade, ElRey, como homem bebado, ou soberbo, ou determinado em mal fazer, se aleuantou da cadeira onde estaua, e arrancando de huma adaga arremetéra com elle pera o matar, e o matára, se alguns homens, que com elle estauão, o nom tomárão a braços e o prenderão; e tinha feytas outras muytas cousas, com que os regedores e principaes do Reyno lhe sempre muyto requererão que * o * tiuesse preso, porque nom regia siso pera gouernar o Reyno. Sobre que o Gouernador auendo conselho com os fidalgos, foy assentado que o mandassem leuar a Goa, onde o tiuessem com seu estado, como era rezão, e o Reyno entanto fosse regido pelos regedores e gozil, até o fazerem saber a ElRey nosso senhor, que n'isso mandasse o que fosse sua vontade. E que pera mais crareza se tirasse em [1] * Ormuz * deuassa dos principaes do Reyno, e polos portugueses, pera ser enuiado tudo a ElRey. A qual deuassa se tirou, e como os que n'ella testimunhauão esperauão de ficar gouernando o Rey-

[1] * Urmuz * Autogr.

no sendo ElRey fóra d'elle, disserão d'ElRey o que compria pera que fosse tirado do Reyno, como foy, e trazido a Goa, como adiante direy; e tudo com grandes falsidades, que se fazião por grandes peytas, como adiante direy em seu lugar.

CAPITULO XVII.

COMO O GOUERNADOR PARTIO DE GOA AO PRINCIPIO DE JANEIRO DE 1541, COM 'ARMADA PERA O ESTREITO DE MECA; E NAUIOS E GENTE QUE LEUOU, E COUSAS QUE DESPACHOU ANTES DE PARTIR DA COSTA.

O Gouernador daua grande pressa á su'armada pera hir com tempo que pudesse tornar á India, e nom ficasse enuernando no Estreito. E tendo já toda' armada no mar, e prestes a que auia de leuar, mandou apregoar soldo aos que ouvessem de hir n'armada, e que o homem que o recebesse, e nom fosse, por isso perderia pera o esprital todo quanto outro tiuesse ganhado; e o mesmo Gouernador estaua assentado á mesa do pagamento. E porque a gente era muyta, nom quis tomar nenhum casado, e dos lascaris escolhia os que lhe melhor parecião, bem despostos e antigos na India, engeitando mancebos desbarbados, e os velhos fraquos de velhice. E nom quis mais que dois mil homens, antre os quaes forão muytos e muy especiaes fidalgos, que auia muytos na India, que vierão com o Visorey, mais do que nunqua ouve na India. E tendo o Gouernador assy a gente escolhida, e paga a dez pardaos, e a vinte, e a trinta, e cincoenta, e cento, e duzentos, e trezentos, cada hum segundo sua calidade, com que todos muy contentes se fizerão muy [1] * louçãos, então * mandou deitar pregão, com bandeira e trombetas e atabales, em que daua escalla franqa de tudo o que se tomasse, no mar e na terra, que liuremente fosse de quem o tomasse, sem dar nada a ElRey, sómente 'artelharia e cascos dos nauios, a saber, galés, galeões, e naos, e albetoças; e os outros nauios fóra d'este conto fossem de quem os tomasse. Foy 'armada muy prouida de mantimentos, d'artelharia, e monições, em muyta abastança. O Gouernador mandou sayr pera' barra toda' armada

[1] * louçãos e então * Autogr.

grossa, e mandou estar a fustalha no caes pera' embarcação. E sendo hum domingo ordenada a embarcação, o Gouernador, com todolos fidalgos e capitães, se foy á sé ouvir missa com toda a gente, onde o Bispo dom João Afonso d'Alboquerque disse missa em pontifical com muyta solenidade, e lhe fez prégação, em que lhe muyto louvou sua hida, e os muytos trabalhos dos fidalgos e caualleiros, dando a todos muyto louvor polo merecimento de seus bons seruiços, que tão certo era da mão de Nosso Senhor. E acabada a missa, o Bispo, assy reuestido com seu pontifical, e os conegos com capas riquas, com solene procissão sayrão da sé com o Gouernador e toda a gente, muy luzida e louçãos mais do que nunqua se fez até este tempo, e com muytos tangeres e festas forão até o caes, onde estauão as fustas prestes, todas de bandeiras, estendartes, e toldos, com muytas louçaynhas, onde o Gouernador beijou o retauolo de Nossa Senhora, e se foy embarqar, e toda a gente; onde o Bispo lhe deitou benções com deuotas orações. Com que todos se partirão do caez, tirando a forteleza muyta artelharia, e as fustas muyta espingardaria, que nom consentio o Gouernador que tirassem artelharia; e se foy dormir á barra, que foy em dia de Sant'Esteuão. E porque ao outro dia nom sayo toda a fustalha do rio, o Gouernador se meteo em hum catur, e tornou a Goa, e em [1] *presença* de muytos deu juramento a dom João d'Eça, capitão da cidade, sob pena de sua fé e menagem, e o mandou apregoar, que todo nauio d'armada que nom saysse do rio ao outro dia até noyte, que elle [2] *o* nom deixasse sayr, e o mandasse varar, e o capitão lhe tiuesse preso no tronqo até elle tornar; e d'isto passou mandado ao capitão, e tomou d'elle assinado e auto feyto, com que se tornou á barra. Com temor do qual, ao outro dia até jantar nom fiqou nauio no rio, que todos se ajuntarão com o Gouernador na barra, onde assy esteue dous dias correndo tod'armada e prouendo os nauios do que compria, que erão sessenta e sete fustas e catures, e tres galeotas, de que os capitães erão estes, a saber: dom Christouão da Gama, dom Luiz d'Atayde, dom Bernaldo de Noronha, dom João Manuel, dom Manuel de Lima, dom Christouão de Loronha, dom Antonio da Gama, dom Paio de Noronha, dom Diogo d'Almeida, dom Jorge Tello de Meneses, dom Diogo d'Almeida Freire, Pero Froes, Gaspar de Sousa, Francisco [3] *d'Ilher*, dom Christouão de Crasto,

[1] *presen* Autogr. [2] *os* Id. [3] *dilher* Id.

Fernão da Silua, Rafael Lobo, Bernaldim de Sousa, Miguel [1] * d'Anhaya *, Jorge Pimentel, Anrique Mendes de Vascogoncellos, Manuel de Vascogoncellos, Luiz Mendes de Vascogoncellos, João de Magalhães, Fernão de Lima, Luiz de Loronha, Nuno Pereira, Ruy Gonçalues d'Azeuedo, Vasco da Cunha, Mateus de Brito, João Jusarte Tição, Duarte de Mello, Alfonso Anriques, Manuel de Sousa de Sepulueda, seu irmão Simão Botelho, Francisco de Sá, Leonel de Lima, Francisco de Mesquita, Antonio Pereira, Diogo Pires d'Eça, Francisco Pereira, Francisco Freire, Antonio d'Araujo, Miguel Carualho, Antonio de Soutomayor, João Pereira, João de Mendoça Cação, Lopo Vaz de Sequeira, Aluaro de Mendoça, Francisco de Mello, Ruy de Mello seu irmão, que se tornou por o seu catur ser muyto pequeno e nom poder ter com o mar, e mais o Pereirinha: todos estes esquipados, que passauão de dous mil remeiros. Afóra estes nauios de remo erão mais doze vellas grossas, carregadas de mantimentos e forniçāo da fustalha, e artelharia, que nom podião leuar no atrauessar do golfam, e o leuauão nos nauios grandes pera o tomarem no Estreito; as quaes doze vellas grossas erão estas, a saber: o Gouernador em hum galeão São Luiz, nouo, que este anno fizera em Cochym, e leuaua pera sua desembarcação, quando compria sayr em terra, huma galeota de que hia por capitão Diogo de Reynoso, a qual galeota hia esquipada d'escrauos d'ElRey; e Tristão d'Atayde no galeão São Mateus, que pera sua desembarcação leuaua outra galeota, de que hia por capitão Nuno da Costa, seu criado, e mais hum catur em que hia outro seu criado; e dom João de Castro, que depois gouernou a India, foy no galeão nouo, e leuaua pera sua desembarcação huma fusta grande, em que hia por capitão Ruy Mendes de Freitas; e dom Francisco de Meneses no galeão Reys Magos, e pera sua desembarcação huma fusta, em que hia seu sobrinho dom Jorge de Meneses; e dom Francisco de Lima no galeão Bufara, que tambem leuaua pera seu seruiço outra fusta, em que hia Gaspar Rodrigues; e dom Gracia de Crasto no galeão Boauentura, com outra fusta pera seu seruiço, em que hia João Gonçalues, dono da fusta; e Manuel da Gama no galeão Anunciada, que tambem leuaua outra fusta de seu, em que hia Pero Cansado; e Francisco de Moura, feytor d'armada, que tambem leuaua de seu hum catur, em que hia Aluaro Afon-

[1] * danhaia * Autogr.

so; e huma carauella latina, em que hia Gaspar de Pina, capitão da guarda do Gouernador; e Jorge Vieira, chatym, em hum nauio seu carregado de mantimentos, pera do Estreito hir a Ormuz quando o Gouernador saysse do Estreito, como foy; e myce Bernaldo em outro nauio carregado de mantimentos seus, pera no Estreito vender, que era mercador, com que muyto seruiço fez; (este partio de Goa depois do Gouernador treze dias) e outro galeão pequeno de Antonio Correa, casado de Goa, em que foy Afonso Vaz, patrão mór, que hia carregado de pimenta pera despeza d'armada. N'esta armada forão passante de tres mil marinheiros, canaris e arabios, todos a soldo de dez rés por dia e de comer, os canaris, e os arabios a vintem. E porque os mais d'estes nauios de remo erão de partes, o Gouernador os mandou aualiar polos officiaes, e assentar em liuro, pera os pagar a seus donos se perigassem. E sendo assy tudo auiado, o Gouernador se partio da barra de Goa.

Partio o Gouernador com toda est'armada ao primeiro de janeiro de 541 [1], e correo ao longo da costa até os Ilheos Queimados, donde foy atrauessando pera a costa d'além; na qual viagem passou o que adiante direy. E [2] «foy» com elle até os Ilheos em fustas Francisco Correa, que despachou pera capitão de Coulão, e sayo Diogo da Silua, que seruia; e despachou pera capitão de Chalé, Nuno Vaz de Castello Branco, que acabou Manuel de Brito que seruia, e por estar muyto pobre, que em Chalé nom auia proueito, lhe deu huma viagem pera' China, em que fez muyto proueito. O Gouernador deixou em Goa ao veador da fazenda todos seus poderes, que mandasse e gouernasse em sua ausencia até elle tornar, porque ElRey assy o mandaua per nouo regimento, que hindo o Gouernador fóra da India o védor da fazenda ficasse em seu logar até sua tornada.

[1] «Aos xxxj de dezembro de M.D.X.L. saindo o sol, nos fizemos á vella da barra de Goa caminho do Streito.» *D. João de Castro*, Roteiro da viagem do Mar Roxo, pag. 1. *Couto*, Dec. V, Liv. VII, Cap. V, tambem assigna á partida o primeiro de janeiro de 1541. [2] «forão» Autogr.

CAPITULO XVIII.

COMO A GOA VEO FERNÃO DE LIMA, QUE VEO D'ORMUZ COM DOUS HOMENS, HUM DO EMPERADOR, E OUTRO D'ELREY DE FRANÇA, QUE PER ELLES [1] * FORÃO * ENUIADOS A VISITAR O PRESTE E O XEQUESMAEL, QUE GUERREAUA COM O TURQUO.

Sendo o Gouernador partido, veo d'Ormuz Fernão de Lima, que lá fôra carregado de drogas, e veo tomar em Dio, d'onde mandou em huma fusta pera Goa dous homens que em Ormuz lh'entregára dom Pedro de Castello Branco, os quaes era hum do Emperador, outro d'ElRey de França, os quaes mandarão por espias polas terras do Turquo a visitar o Xequesmael, que então trazia guerras com o Turquo, e assy que fossem visitar o Preste João; o que elles tudo correrão, e em companhia das cafilas de mercadores vierão ter em Ormuz, onde como mercadores venderão suas mercadarias, e então se derão a conhecer ao capitão, e lhe mostrarão suas crenças; com que dom Pedro lhe fez muyta honra, e os embarqou com Fernão de Lima, que por mais auiamento os mandou na fusta a Goa, onde o capitão dom João d'Eça os recebeo com honra, e lhe deu breue despacho, e os mandou a Cochym ao viador da fazenda, que tambem lhe fez muyta honra, e lhe deu muyto bons gasalhados nas naos, e em abastança todo o necessario, * e * per elles escreueo a ElRey todo o bom gasalhado que se lhe fizera. Com esta visitação do Emperador, e d'ElRey de França, fiqou o Xequesmael muy contente, sabendo que erão dous tão grandes principes e de tão longes terras, o mandarem visitar, e o tomar por praceiro na conquista do Turquo; e ouve muyto prazer sendo d'estes homens certificado da grande armada que o Turquo mandára á India, é que dous meses combaterão huma nossa forteleza e a nom puderão tomar, e que os nossos quando cometião a pelejar com os turquos nomeauão Santiago; polo que o Xequesmael mandou fazer festas, e defendeo em todas suas terras que nos alcorões nom apre-

[1] * foy * Autogr.

goassem Mafamede, senão a Yçá, que elles tem que he o apostolo Santiago; do que fez notificação per todas suas terras, per suas cartas, a todolos seus amigos, d'esta honrada visitação de tão altos principes da Christindade, e a boa noua dos portugueses, que huma só forteleza desbaratára huma tamanha armada de turqos; com que auia muyto prazer, por ser amigo, e alliado em amizade com ElRey de Portugal.

O Preste João ouve tambem muyto prazer com a visitação, e escreueo a ambos suas cartas, e fallou com os messigeiros, dizendo que por seu peccado estaua d'elles tão apartado, polo que perdia hum tamanho bem como fôra estarem mais perto, que puderão abrir estradas com que se virão e ajuntarão, e aproueitarão seus tempos e tisouros contra o Turqo, e mouros sujos; que lhe noteficaua que isto lhe seria sempre grande nojo, até que Deos os ajuntasse, como n'elle e na sua santa madre esperaua.

CAPITULO XIX.

COMO FERNÃO RODRIGUES DE CASTELLO BRANCO, VÉDOR DA FAZENDA, QUE FIQOU EM GOA COM PODERES DE GOUERNADOR, FEZ CERQUAR DE PEDRA A RIBEIRA, E FEZ O CAEZ DA PORTA DE SANTA CATERINA, E OUTRAS COUSAS.

Como o vêdor da fazenda Fernão Rodrigues de Castello Branco despachou as naos da carga se tornou a Goa, e por fazer seruiços polas mercês que lhe ElRey fazia, e com os poderes de Gouernador que tinha, se pôs em trabalho a cerquar a ribeira de Goa, e fez a cerqa pola banda da cidade, com que tomou muytas casas d'homens pobres, que ficarão dentro da cerqua, as quaes todas mandou derrubar e fazer chão, por fazer a ribeira mais larga; e porque a gente cramaua as mandou aualiar, pera as pagar da fazenda d'ElRey, mas ainda hoje estão por pagar. E cerquada assy a ribeira, a fechou com tres portas, em que pôs porteiros. Ordenou fazer o caes da porta de Santa Caterina, e como pera esta obra nom tinha mestre que o fundasse no mar, com suas arquas como conuinha, o começou fazendo grossas paredes per ambas as partes, e entulhando polo meo; mas a vaza era de tres braças d'alto, e como a parede hia carregando se hia somindo debaixo a parede, que á noyte fiqa-

ua feyta huma braça d'alto, ao outro dia pola menhã nom parecia nada d'ella; polo que então com muytos pedreiros tornaua a erguer a parede, e tantas vezes isto se fez até que a parede foy assentar no firme, quebrando e tapando por outras partes, com que a obra de todo se perdia, que nom prestaua nada, tendo gastado muyto dinheiro. E por remedio, fez per conselho dos officiaes huma grade de madeira, sobre mastros e vergas que tomou da ribeira, que valião mais de dous mil cruzados, que o mestre e patrão lhe muyto cramarão que fazia muyta perda a ElRey em deitar a perder taes páos: mas elle nom deu por nada, e fez a grade, e a meteo na obra, e em cima d'ella se fez parede atrauessada pera acabar o caes, que tambem se foy ao fundo da vaza, e todauia nom fiqou a obra acabada, em que fez despeza a ElRey de mais de dez mil cruzados, e se acabará quando Deos quizer. O que, se fôra acabada, fôra muy boa; porque sendo acabada, como elle ordenaua, todolos nauios podião chegar o bordo, e carregar e descarregar as fazendas e artelharias; [1] * detriminando, sendo * o caes acabado, mudar o almazem ás casas do esprital, e fazer o esprital no almazem, e a cordoaria da banda de fóra ao longo do muro, pera o que auia de fazer hum caes de longo do caes até a porta da ribeira. O que tudo cessou, porque nom pôde acabar o caes; de que foy a causa a muyta agoa do rio, que crecia com as marés tanto que nom deixou fazer a obra, que fôra muy boa se fôra assy acabada.

CAPITULO XX.

DO QUE O GOUERNADOR PASSOU EM SUA VIAGEM PERA O ESTREITO ATÉ CHEGAR Á ILHA DE ÇACOTORÁ, ONDE FEZ AGOADA, E PARTIO, E ENTROU O ESTREITO, E SORGIO NO PORTO DE BANDEL.

O Gouernador partindo dos Ilheos Queimados, como já disse, foy atrauessando, e em treze dias chegou á ilha de Çacotorá, porque achou tanto tempo que nom podia andar a armada com os nauios pequenos, que os comia o mar, e todos se espalhárão * os * nauios d'armada com o muyto

[1] * determinando que sendo * Autogr.

tempo, que depois chegarão a Çacotorá. Estando o Gouernador em Çacotorá fazendo agoada, chegou ahy Anrique Mendes-de Vascogoncellos, que o Gouernador partindo de Goa mandou a Dio buscar pilotos mouros, que soubessem a nauegação do Estreito, e lhe leuou dous. Estando assy na ilha, era o vento tanto que os nauios nom podião chegar a terra a tomar agoa, e se perdêra huma fusta na terra. O Gouernador se fez á vella a dezenoue de janeiro, e fazendose á vella foy ter com elle Fernão de Lima em huma fusta com boa gente, porque vindo pera Goa em Chaul soube que o Gouernador hia caminho do Estreito; comprou huma fusta e se foy lá. Com que o Gouernador muyto folgou, e passando per junto da fusta de Duarte de Mello, que a saluou, Duarte de Mello caío ao mar, que nunqua mais pareceo. E hindo assy com muyto tempo, huma noyte dom Christouão, irmão do Gouernador, se perdeo da armada com oito vellas, o qual o Gouernador achando menos cuidou que ficauão atrás, e foy agardando por elles. Então mandou tres catures, a saber, dom Luiz d'Atayde, Miguel Carualho, Antonio Pereira, que fossem diante ás portas do Estreito, ao porto dos Malemos, e que lhe tomassem algum piloto; onde elles chegarão, e acharão lá dom Christouão com os outros todos que forão em sua companhia, que estauão agardando polo Gouernador, que foy ter no porto d'Adem, e passou sem sorgir, e a vinte e oyto do mês entrou as portas com toda' a armada e foy sorgir onde estaua dom Christouão. Com que todos ouverão muyto prazer, e *fizerão* muyta salua d'artelharia. N'este porto do Bandel tomão pilotos as naos dos mouros quando vão polo Estreito dentro, e quando tornão os deixão aquy, onde como chegou dom Christouão, nom achando nenhum piloto, que erão fogidos como virão nossas fustas, auendo os nossos falla com os da terra alguns vierão pacificamente a vender cousas de comer, que lho pagauão á sua vontade, sem lhe fazerem nenhum escandolo. Aquy ouve o Gouernador nouas, que derão os da terra, que auia vinte dias que entrára huma fusta de Çurrate, em que hia hum sobrinho do capado, que ficára pera morrer em Cambaya, e todauia no golfam morrera; a qual fusta hia dando nouas d'armada que hia com o Gouernador, que erão duzentas vellas, e que a Dio mandára buscar pilotos, que trazia pera correr todo o Estreito. E a fusta com grande pressa hia a dar este auiso; e tambem disserão que os rumes que estauão em Adem erão muy apertados e guerreados do xarife, e da gente da terra, e que erão saydas duas fus-

tas de rumes aleuantados, que hião a roubar a costa de Melinde; o que assy era verdade, que estas erão as que topou João de Sepulueda, como já atrás disse.

CAPITULO XXI.

COMO FERNÃO DE LIMA FOY MORTO, COM DOZE PORTUGUESES, EM HUMA ILHA EM QUE SAYA A TOMAR CABRAS.

Estando aquy toda' armada, que erão oitenta e oito velas, porque huma se perdeo em Çacotorá, como disse, e estando assy n'este porto, tremeo a terra cinqo vezes com grandes aballos. D'aquy despedio o Gouernador dous catures a Beylolo, que he lugar que tem porto de nauegação na costa do abexym, pera que lhe tomassem pilotos; os quaes chegando ao porto o lugar se despejou e fogio toda a gente, e lhe puserão o fogo, que erão casas de palha, e queimarão zambucos e geluas que estauão no porto, e se carregarão de boa manteiga e tamaras, e se tornarão ao Gouernador, o qual logo despedio dom Christouão com toda' armada miuda que se fosse caminho de Maçubá, o qual foy, e o achou despejado pola noua que dera a fusta. O Gouernador logo ao outro dia deu vella após dom Christouão polo canal do abexy, guiado per hum piloto mouro que lhe trouxerão de Dio, e no mesmo dia, em anoytecendo, creceo o tempo tanto á popa, que toda' armada se espalhou, acolhendose cada hum como podia. Algumas fustas que hião com o Gouernador se acolherão pera terra, e ao outro dia, que o tempo foy mais bonança, todos se tornarão 'ajuntar com o Gouernador, e chegarão a huma ilha a trinta legoas de Maçuhá, e n'ella acharão hum camello, que matarão, e lhe puserão nome a ilha do Camello. Auia outras ilhas ahy derrador, que os catures correrão, e tomarão muytas vaqas e cabras; e em huma ilha sayo em terra Fernão Lourenço de Lima com doze homens do seu catur, e se forão pola ilha a buscar cabras, e mandou que o catur o fosse agardar adiante a huma ponta, e elles forão pola terra dentro. Veo gente sobre elles, e ás pedradas os matarão todos: o que virão os do catur, e nom lhe puderão valer.

CAPITULO XXII.

COMO O GOUERNADOR CHEGOU Á ILHA DE MAÇUHÁ, NAS FUSTAS, QUE FOY DIANTE, E DEPOIS CHEGARÃO OS GALEÕES, E O QUE HY FEZ.

Partio o Gouernador d'esta ilha do Camello, e foy no outro dia na ilha de Dalaqa, e os calures rodearão a ilha, e forão ter na cidade, que era grande e de casas de pedra e cal, terradas; a qual acharão despejada, e lhe acharão a trilha de gente e de gado, *e* acharão muytas cisternas de boa agoa. E porque o vento era contrairo, o Gouernador se meteo na fustalha, em que tambem forão os capitães dos galeos, e leuou carpinteiros, e calafates, e ferreiros, e forjas, que tudo leuaua n'armada, e muyto tauoado, e breu, e se foy a Maçuhá, pera em quanto chegassem os galeões se correger a fustalha do que lhe fosse necessario; onde chegou a onze de feuereiro, onde achou seu irmão dom Christouão, que já tinha algumas fustas em terra pera se corregerem. Onde o Gouernador assy chegado soube que o Preste era morto, e era feyto Rey hum seu filho, e que muytos dos seus grandes erão aleuantados contra elle, e lhe tinhão tomado muyta parte do Reyno por defferenças que ouve no reinado; o que sabido polo Rey de Zeylá, que he comarcão com as terras do Preste, ajuntou seu poder, e entrou polas terras, e tomou muytas cidades e villas per guerra, e outras que lhe obedecerão; ao que o Preste nom podia secorrer, porque estaua recolhido, com medo dos seus, a huma serra forte a que sobião por escadas, onde tinha sua mãy e parentes, e os de sua valia. E d'ahy a tres dias chegarão os galeões, que todos se meterão na baya, e a dezoito dias do mês chegou mice Bernaldo, que partira de Goa depois d'armada, como já disse: com que todos ouverão muyto [1] *prazer. Milagrosamente* foy ter a Maçuhá, porque entrando as portas pela menhã o tempo lhe creceo tanto que de noyte era tromenta desfeyta, com çarração, sem saber por onde hião nem onde era Maçuhá, sómente que estaua da mão esquerda; e toda a noyte assy correrão, sem

[1] *praser que milagrosamente* Autogr.

nunqua toparem baixos nem ilhas, auendo tantas no caminho, e ao outro dia á tarde chegou a Maçuhá. A que o Gouernador fez muyta honra, porque hia carregado de muytos vinhos, azeite, e todolos bons mantimentos, que vendeo e fez muyto seu proueito. E tambem chegou a Maçuhá Jeronymo de Figueiredo, e Antonio d'Araujo, que se perderão d'armada dentro no Estreito, que nenhum d'elles trazia piloto, nem sabião por onde hião.

A este tempo que nossa armada chegou a Maçuhá, estaua na' ilha hum mouro com gente, que se chamaua Rey de Maçuhá, o que lhe as gentes do Preste nom tolhião, porque esta fralda do mar he toda despouoada e a senhoreão os mouros; o qual Rey de Maçuhá, sabendo de nossa armada fogio, e estaua ahy perto, ao qual o Gouernador mandou recado per Vasco da Cunha, e lhe dizer que lhe désse pilotos que o leuassem a Çuaquem, e que lhe désse vinte mil xarafins que auia mester pera o gasto d'armada, e que lhe nom destroiria a terra. Ao que o mouro lhe respondeo que em sua mão estaua destroir a terra, porque elle nom tinha poder pera lha defender, nem vinte mil xarafins pera lhe dar, nem tinha pilotos que o leuassem a Suez, sómente lhe daria dous que o leuarião até Çuaquem, que era lá perto de Suez, e que lá tomaria outros pilotos, ou no caminho, que os acharia em geluas que o leuassem a Suez. De que o Gouernador se ouve por contente, que bem sabia que o mouro nom tinha cem pardaos que lhe dar, nem na terra nom auia que lhe destroir.

CAPITULO XXIII.

DE COMO O GOUERNADOR DEIXOU 'ARMADA GROSSA EM MAÇUHÁ, ONDE DEIXOU POR CAPITÃO MÓR DA GENTE, COM PODERES, A MANUEL DA GAMA, E ELLE COM A FUSTALHA FOY POLO ESTREITO DENTRO, E FOY AO LUGAR DE ÇUAQUEM, E O QUE HY FEZ.

O Gouernador muy prestesmente concertou toda a fustalha, determinado 'ally deixar os nauios grandes e nos pequenos hir a Suez: tudo assentado per conselho. E assentou que Manuel da Gama ficasse por capitão mór nos nauios, com todos seus poderes, e ouvidor geral, e meiri-

nho; ao qual deixou grandes apontamentos de tudo o que podia soceder, e mórmente sobre os mantimentos, que tanto compria n'elles bom resguardo, e n'agoa das cisternas. E sendo de todo prestes partio de Maçuhá a vinte de feuereiro com toda a fustalha, em que hião todolos capitães e fidalgos de toda' armada, em que leuaria até mil homens, que nom puderão mais caber nas embarcações. Com a qual armada foy correndo ao longo da costa do abexym; e nom andauão de noyte, porque auia muytos baixos e restingas, que nom arrebentão nenhumas dentro n'este Estreito. E porque assy hião fazendo tanta detença, o Gouernador mandou diante dom Christouão com doze fustas, e que andasse quanto pudesse, e que entrasse em Çuaquem, e cerquasse a cidade pola parte da terra, que se nom saysse a gente, (porque a cidade era cercada d'agoa e ficaua em ilha) e sobre tudo trabalhasse por tomar pilotos pera Suez.

De Maçuhá a Çuaquem era caminho de cem legoas. Dom Christouão deu tal pressa em andar que a vinte e dous de feuereiro [1] chegou a Çuaquem, onde já auia noua da hida d'armada, que fôra de Maçuhá por terra; polo que logo a cidade se despejou, e se passou a gente além do rio na terra firme, mea legoa da cidade, em arrayal com muytas tendas. A cidade era muy nobre, de casas branqas muy lauradas per fóra de grandes lauores; e por os moradores serem riquos de mercadarias se achou ainda muyta fazenda, e tanto marfim que dauão o bár a seis pardaos, muyto cobre, azougue, vermelhão, roçamalha, e outras muytas mercadarias, e muytos mantimentos, e no rio muytos barqos carregados de manteigas, que d'esta cidade carregauão pera outras partes, e * a * mór parte pera a costa d'além, que he do arabio. A cidade tinha grandes ruas, e muytos caes. A cidade he redonda, e * tem * no meo huma grande praça de todolas mercadarias; o rio derrador da cidade de tres e quatro braças na borda do caes, e a cidade muy limpa. Do mar á ci-

[1] Está no original, escripto por extenso, *trinta de Feuereiro*, por inexplicavel falta d'attenção. Substituiu-se-lhe a data de 22 do mesmo mez, por isso que mais adiante diz G. Correa que D. Estevam da Gama chegou a Çuaquem no primeiro de março, o que se ajusta com o *Roteiro* de D. João de Castro; e porque se lê em *Couto*, Dec. V, Liv. VII, Cap. VI, que D. Christovam levára septe dias d'avanço ao governador seu irmão.

dade são duas legoas, e o rio *he* muyto estreito, de hum tiro de falcão de huma parte á outra. Defronte do rio faz a cidade huma grande praça, em que está huma grande misquita de muytos esteos e varandas, em todo muy fremosa, com muy alto alcorão, e á esquerda, sobre o rio, humas casas de necessarias muy lauradas de fóra. Tem a cidade em roda huma legoa, com muytas cisternas d'agoa que trazem da terra firme, e assy d'acarreto lhe trazem todolas cousas, até a pedra e a cal, em que tratão como em outras mercadarias. O Rey da cidade he mouro, *e* tinha comsigo corenta rumes, com seu capitão, pera sua guarda. Este Rey era hum mercador, e por ser muyto riqo deitou o Rey fóra e fezse Rey, e pera isso tinha os rumes por sua guarda, a que pagaua soldo, e pagaua pera o Turquo ametade da renda d'alfandega, que erão trinta mil xarafys cad'anno. Auia na cidade muy grande soma de jarras e arredomas de vidro com pós e cousas cheirosas, e de perfumes, de que muyto se prezão. Então dom Christouão mandou recado ao Rey per Antonio Pereira, a lhe dizer que lhe mandasse alguma pessoa de que confiasse, a que daua seguro pera hir e vir com recados; polo que o Rey lhe mandou hum homem honrado, a que dom Christouão fez honra, e logo se tratou sobre pazes, pedindolhe dom Christouão os rumes, e pilotos pera Suez. E Antonio Pereira foy com o messigeiro com este recado. Os rumes estauão com ElRey, com seu capitão, com suas armas e espingardas; e estando em pratica disse o rume capitão que se espantaua muyto o Gouernador da India se auenturar a vir assy polo Estreito dentro, que se o soubessem os rumes que se nom poderia saluar. Ao que lhe Antonio Pereira respondeo: «O Gouernador nom viera quá se lhe parecêra» «que nom auia d'achar os rumes, que lhe dizião que os acharia no» «mar. Agora que os nom acha vay em busca das galés a Suez, pera» «as queimar.» Disse o rume: «Se vós outros queimardes as galés em» «Suez, grande mal fará o Turquo aos que lhe tiuerem culpa. As galés» «acharês varadas em terra, e nada no mar que vos possa sayr; e se» «as virdes com os olhos, então creo que as queimarês, e será boa vin-» «gança do que o capado fez á vossa forteleza em Dio.»

O Rey mandou reposta a dom Christouão que quanto aos rumes muyto folgaria de lhos entregar, porque lhe fazião muytos males na terra; com tanto que o Gouernador lhe désse gente que o defendesse do mal que lhe elles logo farião, com outros rumes que os virião ajudar;

e porque o Gouernador isto lhe nom auia de fazer era escusado fallar nos rumes, pois que o Gouernador se auia de tornar pera a India, e elle fiqaria na guerra com rumes, e que assy como lhe nom podia entregar os rumes, menos lhe podia dar os pilotos pera Suez, que por isso perderia o Reyno e a cabeça. E com isto se tornou Antonio Pereira, e dom Christouão o tornou a mandar, e dizer a ElRey que lhe désse preço pola cidade, e senão que a queimaria. Ao que o Rey respondeo que era contente, e lhe daria por isso muytõ dinheiro; mas que lhe auião de dar arrefens seguros, que tiuesse em poder, que lhe pagassem algum mal, se lho fizessem na cidade depois de dar o preço. E andando n'estes recados chegou o Gouernador com toda' armada, que foy ao primeiro de março, dia d'entrudo, e logo o Gouernador mandou Vasco da Cunha ao Rey a lhe pedir pilotos. Ao que o mouro andou em delongas, porque em tanto chegassem as nouas ao Turquo, que elle mandára per correos a grã pressa; e mais que em tanto se gastaua o tempo, e [1] * virião * os ponentes, e o Gouernador de força se tornaria. O que tambem o Gouernador assy entendeo, e ouve sobr'isso conselhos, em que assentou dar no arrayal, e trabalhar sobre tudo por auer pilotos. O que muyto contrariou Tristão d'Atayde, dizendo ao Gouernador, que pois hia determinado a hir a Suez, nom se deuia deter em outra cousa, nem auenturarse a algum desastre per que perdesse o caminho que leuaua. E todauia assentou de dar no arrayal.

E sendo oito dias de março com toda a gente prestes passarão o rio ante menhã. O Gouernador leuou hum esquadrão, e outro dom Christouão, e outro dom João de Crasto; mas os mouros ouverão auiso, e fogirão com tanta pressa que deixarão no arrayal muyto fato, e fazendas, em que ouve grossa preza, e se achou muyto dinheiro, sobre que se aleuantou grande briga. Ao que o Gouernador acodio em pessoa, e mandou recolher o dinheiro pera o dar a cujo fosse, porque elle déra escala franca em toda a viagem, no mar e na terra. O Gouernador, sabendo que os mouros erão fogidos, nom foy ao arrayal, e se tornou á cidade, a que mandou pôr o fogo, e foy toda destroida, sómente as cisternas, que o Gouernador mandou muyto guardar pera que ally achasse agoa á tor-

[1] * virão * Autogr.

nada; e o que o fogo nom pegaua era derribado com vaesuens, sem ficar cousa em pé, e queimados quantos barqos e almadias auia no rio.

CAPITULO XXIV.

COMO O GOUERNADOR PARTIO DE ÇUAQUEM, E FOY TÊR EM HUMA GRANDE ENSEADA ONDE APARTOU DEZASEIS CATURES, OS MAIS LIGEIROS, E TODAS AS OUTRAS FUSTAS GRANDES TORNOU A MANDAR PERA MAÇUHÁ, EM QUE MUYTOS SE AGRAUARÃO, E SE PÔS NOME Á ENSEADA DOS AGRAUADOS.

Então o Gouernador se partio de Çuaquem a dez do mês, e d'aquy mandou pera Maçuhá tres fustas, porque se nom remauão bem, e mandou n'ellas alguns doentes. O Gouernador leuaua os ventos contrairos, e a remo e á vella * nauegaua * quanto podia, com muyto trabalho, sempre de longo da costa do abexym, e sendo doze legoas de Çuaquem entrou em huma grande baya, onde na terra achou carneiros e cabras, e achando huma ribeira sequa cauarão, e á face da terra acharão agoa muyto boa, e fizerão muytos poços, e lhe puserão nome Agoada de cem poços, em 19 graos e $\frac{2}{3}$ d'altura. E sendo feyta agoada o Gouernador se partio, e mandou diante Tristão d'Atayde com os milhores catures, que ouve vista de duas vellas que vinhão ao longo da costa, as quaes auendo vista dos nossos se deitarão á terra, e vararão, e a gente fogio; mas os nossos tambem saltarão a terra, e correrão após elles e tomarão sete homens, de que os tres erão rumes, que vinhão d'Alcocer pera Çuaquem carregados de mantimentos. Hum d'estes rumes vinha pera ser feytor em Çuaquem, e arrecadador das rendas do Turquo: e os barqos erão paraos malauares d'esporão, carregados de trigo, arroz, milho. Soube o Gouernador d'estes rumes [1] que lá nom auia noua d'elle, sómente por noua que corria de Judá, que nom auião por certa. Este rume que hia pera feytor fôra a Dio por lascarym com o capado, e era aleijado de hum pé, que lhe aleijarão de huma espingardada, e por isso lhe derão aquella feytoria [2].

[1] Isto é: por estes rumes etc. [2] Seguia-se o Cap. XXV, repetido mais adiante, onde realmente deve principiar.

Foy o Gouernador áuante por seu caminho, leuando hum piloto que tomarão n'estes barqos, com grande força de remo, perdendo ancoras e amarras, porque tudo erão pedras e restingas; e foy tomar em huma muyto boa enseada, onde o Gouernador fez conselho do que faria, por o tempo lhe ser tão contrairo e leuar os nauios e remeiros já muy gastados; e ouve conselho que o Gouernador se tornasse, e d'ally mandasse os milhores caturcs, que fossem ás galés, e as queimassem, se pudessem; e quando as nom pudessem queimar vissem como estauão, e engeminassem bem o caminho, pera quando depois comprisse. E n'isto se affirmarão os mais do conselho; e o Gouernador disse: «Certamente,» «se catures fossem, e queimassem as galés, e eu ahy nom fosse, eu» «queria então ser queimado e morto.» Que por tanto elle auia de ser hum dos catures que lá fossem, porque elle por seus olhos auia de vêr tudo, pois tanto compria ao seruiço d'ElRey nosso senhor; e que por tanto elle auia de ser o primeiro romeiro d'este nouo caminho, e leuar sua parte do trabalho, que nom sentiria, com o grande contentamento que leuaria em vêr, com os olhos, o que até então não tinhão visto nenhuns portugueses em sua liberdade; cousa que todos lhe fazião tão impossiuel de elle hir a Suez, cabo do Estreito.

Então o Gouernador apartou os milhores catures, que forão estes, a saber: Lopo Vaz de Sequeira, em que o Gouernador foy, e Tristão d'Atayde, dom Christouão, dom João de Crasto, dom Fernando de Meneses, dom Manuel de Lima, dom João Manuel, dom Gracia de Crasto, Jorge de Mello Punho, Miguel Carualho, Gaspar de Sousa, Vicente de [1] «Nauaes», que seruia de sacretario, Antonio Pereira, Diogo Pires de Sá, Afonso Anriques, dom Luiz d'Atayde, que forão todos dezaseis, e lhe dobrou as esquipações, que tirou das fustas grandes. Nos quaes catures se querião embarqar quantos fidalgos auia n'armada; sobre o que o Gouernador teue muytas emportunações e desgostos com muytos homens, mostrandose d'elle muyto agrauados os capitães com seus lascarys, que deixauão por leuar os fidalgos seus amigos. Sobre o que ouve grandes contendas, polo que puserão nome a esta baya dos Agrauados. E tanta ounião auia nos homens que ficauão, que o Gouernador em pubrico de todos lhe fallou d'esta maneira, com muy corteses palauras, e pedindo

[1] «Nabaes» Autogr.

com muytos rogos que cessassem de suas opiniões e modos d'agrauos, porque elle nom escolhia a nenhuns pera leuar nem outros pera deixar, sómente os que já vinhão nos mesmos catures; que esses hião, e outros que achauão gasalhados per seus amigos, o que elle nom tolhia; e que sua hida era de força, e que nos catures nom podião hir todos quantos querião hir; que a isto lhe pedia que tiuessem em si mesmos rezão, e nom quigessem o que nom podia ser; que elles, que ficauão, lhe dauão fauor e atreuimento pera elle hir áuante, por lhe ficarem as costas seguras, fazendolhe forteleza onde se tornaria a recolher se lhe comprisse: o que se elles bem olhassem, ganhauão tanta honra, e mais, que os que lá hião, do que seria o que Nosso Senhor quigesse; e que fossem certos que nom ganhauão mais *(sic)* os que ficauão que os que hião, porque a todos igualmente cabia toda' honra que lhes Nosso Senhor désse. « Polo que » « digo aquy presente todos, que eu n'este lugar em que estou, com to- » « dolos poderes d'ElRey nosso senhor que tenho, dou perdão a todalas » « pessoas que estão das portas do Estreito pera dentro, de todolos casos » « que são obrigados a justiça; e aleuanto todolos degredos que tiuerem » « de feytos crimes e ciues, e os que tiuerem partes que os acusem se » « liurem soltos até final sentença; e a toda pessoa que lhe comprir dos » « ditos casos lhe seja passado sua prouisão. » Com o que toda a gente ouve muyto prazer, dandolhe muytos louvores. Com que o Gouernador despedio 'armada das fustas grandes, que se tornarão pera Maçuhá, e mandou por capitão mór d'ella Lionel de Lima, a que tinha dado licença que se fosse pera' India com as nouas, porque já tinha tempo pera hir; a que deu cartas pera o védor da fazenda e todos os d'armada. E o Gouernador se foy seu caminho.

CAPITULO XXV.

* DE COMO * LIONEL DE LIMA TORNOU A MAÇUHÁ COM AS FUSTAS GRANDES, ONDE AS DEIXOU, E ELLE EM HUMA FUSTA TORNOU A GOA COM CARTAS DO GOUERNADOR, E DAR NOUAS DO QUE ERA PASSADO, E O CAMINHO QUE FAZIA PERA SUEZ.

Despediose Leonel de Lima ao derradeiro de março, e com as fustas se tornou a Çuaquem, onde inda acharão com que carregar muyta fazenda, com que tornarão a Maçuhá, e Leonel de Lima se fez prestes, e tomando muytas cartas se partio pera' India, que foy a treze d'abril d'este anno de 541; e trazendo bom tempo chegou a Goa a vinte e seis de mayo, onde dando as nouas se fizerão festas d'artelharia, e touros e canas. Mandou o Gouernador a João de Magalhães que com quatro fustas se fosse andar ás prezas nas portas do Estreito; de que lhe deu prouisão que amostrasse a Manuel da Gama em Maçuhá, e que lhe pedisse as outras fustas, quaes elle quigesse leuar; e lhe deu em segredo huma prouisão que das portas se nom apartasse, e ahy estiuesse com muyta vigia de dia e de noyte, e que hindo ter com elle alguma fusta de portuguezes, que fossem aleuantados, que lhe mandaua, sob pena do caso maior, que todos logo enforcasse e a fusta queimasse com quanto leuasse: o que assy fez.

CAPITULO XXVI.

DO QUE FEZ MANUEL DA GAMA, QUE FICOU EM MAÇUHÁ POR CAPITÃO DA GENTE.

O Gouernador leuou n'armada dom João Bermudes, embaixador do Preste, que viera do Reyno; e deixou recado a Manuel da Gama que em tanto * que * elle hia mandasse recado ao Preste, e lhe dizer como estaua ally seu embaixador; que mandasse por elle alguma pessoa a que o entre-

gasse. O qual embaixador, assy estando em Maçuhá agardando por reposta do Preste, fallaua com os homens, e muyto lhe gabando a terra e cousas do Preste, e as muytas mercês que a todos fazia; mostrandolhe prouisões d'ElRey em que dizia ao Gouernador que deixasse hir pera o Preste quantos homens quigessem hir por sua vontade. Com o que conuocou muitos homens pera se hirem com elle, a que logo daua assinados de grandes tenças e ordenados; polo que muytos homens tomarão em vontade de se hirem pera o Preste, e sem aguardarem pera hirem com o embaixador, nem com licença do Gouernador, fallauão com os homens da terra, e tomauão homens que os encaminhassem, e pouqos e pouqos se hião escondidamente. O que sabido por Manuel da Gama, mandou deitar pregões, com pena de morte, que nenhum homem se fosse senão com o embaixador, e com licença do Gouernador. No que pôs grandes guardas e vigias, com o que tomou cinqo que hião já caminhando pola terra dentro, os quaes mandou logo enforcar. Contra o que se pôs o embaixador muy fortemente, e com rogos, e nada prestou; com que se o embaixador mostrou muy anojado. E comtudo a gente buscaua remedio pera se hir, enganados das cousas que lhe o embaixador metia em cabeça que ganharião com o Preste. E tambem os homens se encrinauão a esta hida porque em Maçuhá passauão algum trabalho do máo comer, e que era pouqo, porque nom ficarão capitães que dêssem mesas, e os homens nom tinhão com que o comprar, nem na terra o nom auia, e por ser estrelly, e de máos ares, entrando o mês d'abril adoeceo muyta gente; ao que Manuel da Gama proueo, e fez hum esprital em terra, onde deu repairo á gente o milhor que póde, e comtudo faleceo muyta gente. E como assy estauão os homens encrinados pera se hir pera o Preste, se ajuntauão e andauão amutinando huns com outros pera se hirem: no que Manuel da Gama trazia muytas espias, mas comtudo se fez hum ajuntamento de passante de cem homens, e antre sy enlegerão hum capitão que se chamaua Antonio de Sousa, que com todos estes homens se ordenou pera partirem em huma certa noyte, e sendo todos prestes, na hora do partir tocarão hum atambor e pifaro, ao que todos se ajuntarão com suas armas e espingardas, cada hum como se atreuia a caminhar. Do que derão rebate a Manuel da Gama, o qual logo foy a terra, porque dormia no mar, e se foy á igreija, e mandou chamar o ouvidor, e acodio muyta gente, e se fez grande aluoroço e ounião, e se ajunta-

rão muytos com o tambor, determinando a matarem o Manuel da Gama, e ao ouvidor, porque, afóra os do atambor, todo outro pouo se aluoroçaua pera dar sobre elles e os matarem, porque toda a gente lhe queria grande mal. E tanto foy o aluoroço que Manuel da Gama se tornou de pressa a embarquar, e mandou ao ouvidor que boamente fallasse com a gente, e visse se podia apaceficar alguma cousa. O que o ouvidor assy o fez, e foy onde estaua a gente junta, que vinhão já em busca do Manuel da Gama; ao que o ouvidor *se oppoz* com boas palauras, e os rogando que olhassem quem erão, e os merecimentos de seus seruiços que os nom quigessem perder, e nom fossem causa d'algum mal em que fizessem desseruiço a Deos e a ElRey, pois erão leaes vassallos e dereitos portugueses. Mas como os homens já vinhão d'aleuanto e encrinados em mal, começarão a deshonrar ao ouvidor, e lhe falar mal e deshonras; com que o ouvidor, dessimulando com boas palauras, se sayo d'antre elles, e se meteo em hum batel, e se foy pera o galeão dizer a Manuel da Gama o que passaua, e que todauia a gente se hia. Ao que Manuel da Gama chamou bateis com gente dos outros galeos, e dous catures que hy tinha, e mandou vigiar o mar, que nom sayssem alguns barqos com a gente; mas nom sayo ninguem, que ouverão medo que os tomassem, e nom sayrão.

CAPITULO XXVII.

DE COMO CEM HOMENS PORTUGUESES SE ALEUANTARÃO PERA SE HIREM POLA TERRA DENTRO EM BUSCA DO PRESTE, OS QUAES FORÃO TODOS MORTOS POLOS MOUROS; O QUE SABIDO EM MAÇUHÁ OUVE GRANDE OUNIÃO NA GENTE. E O QUE FEZ MANUEL DA GAMA.

Mas o outro dia anoytecendo se tangeo o atambor, com que se tornarão 'ajuntar, não todos, por alguns arrecearem o trabalho e que Manuel da Gama os tomaria, porque vião que tinha os bateis prestes, polo que se nom ajuntarão todos os da cabilda; e comtudo ajuntarão passante de cem homens, concertados com seus fardés e espingardas, e caladamente s'embarcarão em huma fusta, e remando se sayrão por antre 'armada.

O que vendo as [1] *vigias bradarão*, e acodio Manuel da Gama, e se meteo em hum catur e bateis, e foy após elles tirandolhe com berços e com espingardas, mas como lhe nom tirauão de vontade todos lhe errauão; mas elles, como homens denodados e já postos em tal proposito, tirauão tambem muytas espingardadas. E se forão seu caminho e desembarcarão em terra, no lugar que lhe disse huma guia que leuauão, homem da terra; onde desembarcados se concertarão pera caminhar com suas armas, e fardés, e atambor, e pifaro, e hum guião, e seguirão seu caminho após o guia, o qual os leuou por muy fragosas serras perque andarão toda a noyte, que hião muy cansados e *queimados* de grande calma que fazia, porque o sol deixaua tanta quentura nas serras que parecia que fazia sol, com que com o cansaço se ajuntou grande sede que todos padecião, e muyto bradauão ao guia que os leuasse onde achassem agoa. Ao que mostrou muyto boa vontade, e caminhou com elles pera huns valles d'antre serras, dizendo que em baixo auia agoa; e sendo no baixo acharão muytos mouros que os estauão agardando, porque o guia os leuaua enganados pera ally os matarem todos; o que os nossos entenderão, e matarão o guia, e começarão de pelejar com os mouros ás espingardadas, e os mouros com frechas e pedras de fundas, com que lhe tirauão tantas pedradas que se nom sabião dar a conselho, mas todauia com as espingardas fazião muyto mal aos mouros, e os muyto afastauão de sy.

Estes mouros erão do Rey de Zeylá, e do Rey de Maçuhá, que era hum mouro riquo que se aleuantára por Rey de Maçuhá, e senhoreaua muytos mouros da fralda do mar, que pagão tributo ao Preste João, que arrecada o barnegaes; mas como todos os do Reyno andauão em aleuantamentos com este Preste nouo, e mórmente os que estauão mais afastados, assy estes mouros d'apar do mar se aleuantarão, e lhe nom pagauão nada, e obedecião a este mouro que se aleuantára por Rey de Maçuhá, o qual, sabendo que hia lá a nossa armada, fogio pola terra dentro com toda sua gente, e andaua á vista do mar polas serras. O qual se amigou com o Rey de Zeylá, que guerreaua com o Preste, e se ordenarão ambos de matarem a gente que fosse pera o Preste, nos caminhos; porque tinhão sabido que n'armada hia o embaixador do Preste, que auia

[1] *vigias e bradarão* Autogr.

de passar pera lá com muytos portugueses, pera secorro da guerra em que andaua. E pera isto fazerem tinhão em Maçuhá espias dessimuladas, pera que enganassem os homens e lhos leuassem, como esta fez, que era sua espia, que os leuou a meter em seu poder, como já disse. Onde os nossos assy pelejando com os mouros, quis seu pecado que acertarão de matar o [1] *capitão Antonio de Sousa, que era valente homem; ao que logo* fizerão outro que nom era tal como o morto, e erão já mortos tres portugueses, e oito feridos d'espingardas, porque com os mouros andauão rumes espingardeiros; mas todo seu mal era a grande sede que padecião. Então os mouros ordenarão trayção, e lhe bradarão que nom pelejassem, porque elles erão vassallos do Preste, e quando os cometerão fòra que cuidarão que erão ladrões que hião a roubar a terra, mas que todos erão christãos. O que os portugueses ouvindo cessarão de pelejar, e fallarão que era bem fazer paz; ao que muytos o contrariauão, mas o capitão, que era de fraco animo, fez com todos que consentissem: de que foy a principal causa a grande agonia que lhe fazia a sede. Com que feyto assento de paz, logo os mouros deixarão as armas, e se forão abraçar com os portugueses como bons amigos, aos quaes logo os nossos pedirão agoa, e os mouros disserão que a nom tinhão, mas que hirião ahy perto onde tinhão muyta; com que logo todos caminharão, e os leuarão onde tinhão seu arrayal e familia, e estaua o propio Rey de Zeylá; onde tornarão a fallar e affirmar a paz. O Rey mouro tirou do pescoço humas contas com huma cruz de páo n'ellas, que assy tinha já prestes pera o engano, e deu as contas ao capitão dos portugueses, dizendo que era christão, e per ellas rezaua. Com o que os nossos se ouverão por seguros, e pedindo agoa logo lhe trouxerão muyta e muyto boa, em odres, ao que os nossos, largando as armas no chão, apegauão nos odres d'agoa, *e* a fartar bebião tanta que ficauão que se nom podião bolir, alargando os vestidos por se mais fartar. Os mouros, vendo tal desmando e que os tinhão á sua vontade, dessimulando com elles tomauão as espingardas, e as lanças, e espadas, gabandolhas, *e* fazião que as estauão olhando, e sendo apoderados da mór parte das armas derão com ellas nos portugueses, matando e ferindo n'elles quanto podião. Ao que o Rey bradou que nom pelejassem, e se entregassem e que os nom matarião; o

[1] *o capitão que era valente homem Antonio de Sousa ao que logo* Autogr.

que elles assy o fizerão forçadamente, porque nom tinhão com que pelejar, e os que pelejauão, que tinhão armas, erão poucos e se entregarão. Mas huns catorze homens, valentes caualleiros, vendo que os outros s'entregauão, bradarão com elles fortemente assy na peleja em que andauão, dizendo: «Ó homens mal auenturados! Porque vos entregaes a trédo-»
«res arrenegados? Morrey como homens, porque depois vos hão de ma-»
«tar com fortes justiças.» Estes catorze homens pelejarão ás lançadas e cotiladas até que todos forão mortos.

Os que se entregarão os mouros os atarão de pés e de mãos, e os despirão nús, e os meterão dentro em hum curral de gado, e repartirão o despojo da armas e fato antre sy. Antre estes mortos d'este dia fiqou hum «português» que cayo como morto de muytas feridas, e reuolueose no sangue, e fezse morto com os focinhos no sangue, e os mouros por morto nom entendião n'elle, que cuidauão que era morto como os outros; e via bem tudo o que os mouros fazião. E estiuerão assy até a tarde, que mandarão abrir o curral, e soltauão hum dos catiuos e o mandauão sayr fóra, onde o Rey com seus capitães estauão em cauallos á porta, e sayndo o triste catiuo, assy nú, o Rey arremetia e com hum zaguncho lhe daua a primeira ferida, e então lhe dauão os outros todos e fazião n'elle gazuha: o que assy fizerão a todos, sem ficar nenhum. E sendo já o sol frio, carregarão os mouros sua fardagem, e se forão pera outro lugar, por caso da gente morta que ally jazia. O que assy jazia fazendose morto, que vio isto tudo, como vio a noyte çarrada se aleuantou o melhor que pôde, que o temor da morte lhe daua forças, e vigiando bem se foy atinando a esmo contra o mar, e andou toda a noyte até amanhecer, que o vio dos picos de huma serra, e deceo abaixo, e de longo da praia se foy até Arquyquo, e se foy a Maçuhá, e se foy onde estaua Manuel da Gama, e lhe disse: «Senhor, ante vós me apresento»
«pera de mim fazerdes quanta justiça quiserdes, porque assaz de gran-»
«des justiças são feytas em todolos portugueses que d'aquy partirão pera»
«o Preste.» Então contou diante da gente todo este feyto que era passado. E n'este dia á noyte veo outro homem, que tambem escapára per manha de se fazer morto, que contou o feyto. Ao que Manuel da Gama fez grandes escramações, dizendo que Deos fazia direita justiça dos que nom obedecião aos mandados de seu Rey e de seus ministros. Mas, comtudo, os homens andauão tão danados que se aleuantarão em grande ou-

nião, dizendo que os homens hião morrer assy, como desesperados, por serem desemparados de Gouernador que os emparasse e agasalhasse, e remediasse da grande pobreza e fome que padecião ; e que por tanto elle se deuia de fazer prestes, pera o que nom ficaria nenhum homem que nom folgasse de tomar o trabalho, e fossem buscar aquelles mouros, e tomassem d'elles vingança por a morte de tantos homens. Manuel da Gama mostrou que nom queria, dizendo que folgaua que ally andassem aquelles mouros, pera que os homens temessem fazer aleuantamentos e desobediencias, o que nunqua se costumára, andando em tantos trabalhos na India, tudo sofrindo como leaes portugueses ; e agora nouamente querião usar dos males e trayções que usauão os soldados d'Italia, que são gentes sem ley nem verdade. Mas ouvido isto polo pouo se aleuantou em muyto mór aluoroço, dizendo que elle era o causador de todos estes males, e que a Deos daria a conta ; e que se elle os nom quigesse capitaniar pera hirem pelejar com aquelles mouros, que elles sem capitão se ajuntarião a vingar as mortes de seus amigos, e irmãos, e parentes, que lhe lá matarão. Sobre o que ouve muytos debates, e tanta ounião que conueo a Manuel da Gama conceder na hida : do que a gente fiqou contente, e amansou de sua ira. Com que ao outro dia se fizerão prestes passante de oitocentos homens, muy concertados pera pelejar, e logo souberão onde os mouros estauão com seu arrayal assentado, em hum lugar que nom podião fogir senão por hum só passo de huma alta serra : do que de tudo ouverão espias. E logo Gaspar de Pina, capitão da guarda do Gouernador, que hy estaua, pedio licença a Manuel da Gama [1] * pera com * cem homens da guarda, que tinha, hir tomar o passo da serra, porque os mouros nom se fossem : o que Manuel da Gama nom quis, senão leuar toda a gente junta e ordenada. Do que os mouros logo ouverão auiso, e aleuantarão o arrayal e se forão muy longe, sem os nossos auerem vista d'elles : o que sabido se tornarão de meo caminho.

N'este tempo chegou a Maçuhá Ayres Dias, que vinha do Preste, que lá fora com as cartas do Gouernador, e trazia a reposta ; o qual disse que todolos portugueses que erão hidos pola terra dentro erão mortos, que os matauão mouros que andauão a saltear os caminhos. Mas a gente estaua com tanto aluoroço pera se hirem, que dizião que tudo era men-

[1] * pera que com * Autògr.

tira; que o dizia porque a gente ouvesse medo e se nom fosse; e comtudo muytos arrecearão, e nom forão, estando já prestes pera se partir. Com este Ayres Dias veo hum messigeiro do Preste pera o Gouernador, que lhe trazia suas cartas, e outras pera o seu embaixador, e nas cartas do Gouernador muytos rogos e grandes requerimentos, pedindolhe remedio de secorro pera o mal que padecia com os seus naturaes, que todos erão aleuantados contra elle, que se lhe nom secorria que de todo seria perdido; do que a Deos daria conta e a ElRey de Portugal seu irmão. E escreuia ao seu embaixador que se o Gouernador d'ally lhe nom mandasse secorro que lhe mandasse as cousas que lhe trazia, e se tornasse a Portugal a queixar a ElRey que o Gouernador lhe nom quisera dar secorro, que lhe pedio pera remedio de nom perder seu Reyno; e do que requeresse ao Gouernador, e repostas que lhe désse, de tudo leuasse estormentos a ElRey seu irmão. As quaes cartas o embaixador mostrou a Manuel da [1] * Gama *, e a muytos homens fidalgos e lascarys. Manuel da Gama nom podia com elle que nom mostrasse as cartas, nem fizesse escramações; que o Gouernador viria e faria o que fosse bem e rezão. Com que Manuel da Gama sempre teue muyto trabalho com a gente até tornar o Gouernador.

CAPITULO XXVIII.

COMO O GOUERNADOR SEGUIO SEU CAMINHO POLO ESTREITO DENTRO, PARTIDO DA ENSEADA DOS AGRAUADOS, E FOY APORTAR NO PORTO DE ALCOCER.

O Gouernador partio da baya dos Agrauados nos catures, como já disse, em que leuaua duzentos e cinqoenta homens fidalgos e caualleiros; e partio a trinta dias de março caminhando pera Alcocer, que estaua áuante cento e vinte legoas, e a sete d'abril chegou a huma ponta que tinha hum ilheo como o de Baticalá, que está em 23 graos e meo, ao qual puserão nome o cabo de Ramos, porque ally chegarão em domingo

[1] * ma * Autogr.

de Ramos. D'este cabo virão a terra d'além da outra banda da Persia, que podia ser vista de oito até dez legoas. E passando este cabo se fizerão á vella, porque o vento lhe seruia, e a treze do mês chegarão a hum ilheo que tinha muyto boa agoa de huma fonte que nacia, ao qual puserão nome Agoada do Desafio, porque aquy se desafiarão dous lascarys. D'aquy d'este ilheo por diante se começa a terra do Egyto. E partindo do ilheo tomarão huma gelua que hia pera Judá, e n'ella tomarão hum piloto, que se obrigou a leuar o Gouernador ao lugar do Toro. E ao outro dia, sesta feira d'endoenças catorze d'abril, chegarão ao lugar d'Alcocer, que * está * detrás de huma ponta que fazia huma grande bahia: ao que a gente toda se armou e fez prestes pera pelejar, se no porto achassem com quem. E descobrindo o porto virão a cidade assentada a longo da praya, sem cerqua, e no mar estaua huma nao grande, feyta á nossa feyção, que seria de tresentos tonés, com cabria armada pera emmastear, que o masto e seus aparelhos estauão em terra. Era esta nao do Turquo, que carregaua aquy mantimentos, e os hia vender polos portos do Estreito, da banda da Persia, que são muy faltos d'elles; em que ganhão muyto dinheiro. Forão a ella; estaua carregada d'entenas, e mastos de pinho muy bons, e muyta enxarcea de linho, e muyto poleame embronçado [1]. Estauão junto da nao zambuqos, e geluas, carregados de trigo, milho, grãos, e manteiga, e muyto bom mel, e sal. O lugar era grande, de casas de palha, e algumas de pedra, terradas, que erão grandes, compridas como celleiros, e nom arruadas nem bem ordenadas; onde o Gouernador sayo com toda a gente, onde nom acharão homem, nem molher. E [2] * estas * casas de pedra estauão cheias de trigo, manteiga, mel, grãos, amendoas, passas, figos passados, muyta farinha, cebolas e alhos em restes como as de Portugal, e muyto biscoyto em rosquilhas muyto bom, azeyte, e azeytonas grandes como as cordouis, conseruadas em azeyte, alcaparras, alboqorques passados, alfarrobas, carneiros, cabras, galinhas, adens, patos, muytas pombas em pombaes; que todo o lugar nom tinha outra fazenda senão mantimentos, que he a mór mercadaria que tratão. Vem estes mantimentos a este Alcocer da cidade

[1] No original está *poleame embroncado*. Pareceu melhor substituir-lhe *poleame embronçado*, isto é, com os rodetes ou gornes de bronze. [2] * n'estas * Autogr.

da Ryfa, que *está* tres jornadas pola terra dentro; a qual Ryfa he huma grande cidade que está á borda de hum grande rio que say do Nilo, que chega a esta cidade, e per este rio em barqas trazem estes mantimentos a esta cidade da Ryfa, e d'ahy em camellos os trazem a este Alcocer, onde ha d'elles grande escala, que [1] *os* vem aquy buscar de todolos portos do Estreito, e lhe leuão outras muytas mercadarias que dão em troquo d'elles. E são tantos estes mantimentos que d'aquy leuão que abastão todolos lugares do Estreito, sem terem necessidade dos mantimentos da India, como nós atéquy cuidauamos que da India se mantinhão. Carregarão os catures o que quiserão; então derão fogo no mar [2] e na terra, que tudo foy feyto cinza, em que arderão mais de cem mil candis de trigo. E por o vento ser roim estiuerão aquy seis dias.

CAPITULO XXIX.

COMO O GOUERNADOR PARTIO DE ALCOCER, E NO CAMINHO TOMOU HUMA GELUA, EM QUE TOMOU HUM PILOTO QUE O LEUOU AO LUGAR DO TORO; E O QUE HY FEZ.

E aos dezoito d'abril partirão, e tomarão huma gelua, onde tomarão hum joge, que lhe disse que já em Suez auia certa noua de sua hida, e corria muyto a noua por toda a terra com muyto aluoroço; e que no lugar do Toro ficauão corenta rumes que com elles vierão de Suez. Vinha com este joge hum abexym da terra do Preste, e hum grego calafate, que viera á India n'armada do capado, e disse que com as galés nom estauão mais que tresentos homens officiaes, carpinteiros e calafates, rumes e arabios, e d'outras nações; e que a noua d'armada nom era estranhada mais que das outras vezes que lá fôra, mas que de o Gouernador lá hir em fustas nom auia d'isso sentimento, sómente que de Judá lhe fôra a noua, por terra, d'armada que era entrada pera dentro das portas, e *por* huma gelua que vira entrar as fustas em Çuaquem. Então

[1] *o* Autogr. [2] Por metonymia. Allude o auctor ás embarcações que n'este porto queimaram.

foy o Gouernador seu caminho, guiado por este piloto, e a vinte e hum d'abril atrauessarão o Estreito pera' outra banda do arabio, que auia de huma terra a outra cinqo legoas ou seis, e começarão 'atrauessar pola menhã e á tarde chegarão a terra, e forão sorgir no porto do Toro, que he hum lugar grande, assentado em a decida de hum outeiro d'aréa, de boas casas de pedra, terreas, e muytas casas de palha; e tem pera a mão direita hum palmar de tamaras, e toda a terra ao derrador de serras muy altas de penedia, e pera a banda da mão esquerda, pera contra Suez, antre humas serras parece outro palmar, e além d'elle parece huma igreija grande, e derrador grande pouoação de christãos. No meo do lugar auia huma misquita grande com hum alto alcorão. E da mão direita do porto tem o palmar que disse, que terá quinze ou vinte palmeiras, e antre ellas hum poço de boa agoa. No porto faz baya com huma restinga.

Os catures fizerão salua com muyta espingardaria, pera as tornarem a carregar de nouo, que as trazião carregadas d'Alcocer. Os rumes, que estauão no lugar com hum capitão, recolherão a gente comsigo e se sayrão a hum outeiro, onde se mostrarão com gritas, e bandeiras de branco e verde, qne são as côres do Turquo. O Gouernador leuaua a gente prestes, e sayo logo em terra; ao que acodirão os rumes, e tomarão proua dos fays e das espingardas, de que logo se enfadarão, e tornarão de pressa, ficando no campo passante de vinte d'elles, e dos nossos feridos tres, de tiros d'espingardas que os rumes tinhão; os quaes feridos forão dom Pedro de Meneses, João de Mendoça, Baltesar Botelho. Forão os nossos áuante, e acharão o lugar despejado do fato, * mas * em algumas casas se achou algum fato. Além da cidade pera o sertão estaua huma igreija de christãos, de santa Catharina de Monte Sinay, e os nossos forão pera lá com o Gouernador, com sua bandeira real de cruz de Christos; o que vendo os frades da igreija sayrão fóra doze d'elles com huma cruz aleuantada, de páo forrada de prata, a qual o Gouernador, e todos adorarão, e os frades disserão que era a propia que santa Catharina trazia na mão quando sayo a receber martirio; na qual os nossos tocarão reliquias e contas, com muyta deuação. E dom Esteuão lhe deu huma bandeira de damasco branco e verde, com huma cruz de Christos vermelha de hum cabo, e do outro as quinas de Portugal, por lembrança, * e * muytos lhe derão outras cousas. A igreija era huma casa terrada por cima, escura pera mais deuota, e n'ella muytas alampadas de

vidro accezas, e retauolos de Nossa Senhora de Populo, e outras images e cruzes polas paredes; em que todos os nossos, com lagrimas de muyta deuação e prazer, derão a Nosso Senhor muyto louvores, e á bemauenturada santa Catharina, por tanta mercê como lhe fizera ally os deixar chegar áquella santa casa, onde nunqua outros christãos de nosso Portugal, em sua liberdade, e com armas de guerra chegarão. Os frades com prazer chorauão, e dizião que erão bemauenturados * em * Deos lhe mostrar tão grande milagre, que em seus dias vissem n'aquella terra os verdadeiros christãos da Christindade guerreando contra os infiés de Christo; o que nunqua des do começo do mundo se cuidou, e nunca fòra; o que o Turquo muyto sentiria por grande enjuria, [1] * que suas terras *, que de seus antecessores tantos tempos estiuerão guardadas e reseruadas da vista dos christãos seus capitaes [2] * imigos, agora * em seu tempo os pés dos christãos portugueses [3] * as trilhassem, e queimassem, e destroissem *, sendo tão pouqos, e em barquinhos, que parecia escarneo: do que auia de tomar muyta paixão, mórmente sabendo que era já aberto, e visto por nossos pilotos, este caminho; polo que, d'aquy em diante, sempre estaria com muyto temor de cada dia lhe parecer que nossas armadas e gentes [4] * hirião * a lhe dar noua apressão. Muytas cousas d'estas fallarão os frades em louvor dos nossos, e do caminho que tinhão feyto. Onde logo dentro na igreija, por ser lugar de tanta honra, muytos fidalgos se fizerão caualleiros; outros, por memoria, nos páos e portas da igreija fazião sinaes, e seus nomes talhados com facas pera memoria, se em algum tempo ally chegassem outros portugueses; auendose por muy honrados fazerlhe Nosso Senhor tanta mercê que ally os deixasse chegar. Estes frades vestião burel pardo, como os bernaldos, e debaixo, junto da carne outro cilicio mais aspero. Erão gregos de nação; fallauão arabio, que he a falla da terra. Todos trazião cruzes nas mãos. Aquy estauão dous frades que auia pouqos dias que vierão do monte Sinay, do propio mosteiro onde jaz sepultado o corpo da bemdita santa Caterina, (que o monte Sinay he hum dia e meo de jornada d'aquy d'este lugar do Toro ao monte) que disserão ao Gouernador que estaua em huma grande campina d'arêa. O monte he alto pera o ceo passante de duas legoas [5],

[1] * que em suas terras * Autogr. [2] * imigos e agora * Id. [3] * a trilharem e queimarem e destroirem * Id. [4] * hirão * Id. [5] O Djebel-Mousa, ou Sinai, tem

o qual he de terra muyto boa, de grandes aruoredos de todolas fruytas do mundo, e heruas cheirosas, todo com largos caminhos bons de andar, em que ha muytas cidades e lugares, e muytos mosteiros. Tem grandes fontes de boas agoas, de que se fazem ribeiras de muytos pescados, e correm as ribeiras por muytas partes do monte, até que vem fenecer em baixo n'arêa do pé do monte, onde fazem grandes alagoas, e se sume toda' * agoa * que nom corre pola arêa. O pé do monte tem em roda doze legoas. No cimo do monte, mais alto que a sepultura da santa, está huma mesa de pedra, onde ninguem póde sobir, a qual he onde Nosso Senhor deu a ley a Mousem. E outras muytas cousas contarão do monte Sinay. Perguntoulhe o Gouernador se a sepultura da santa a vião; disserão que sy, no dia do martirio da santa, e que auia quatro annos que os christãos do Cayro derão ao Turqo huma grande peyta por lhe deixar leuar o corpo da santa á cidade d'Alexandria, o qual fôra leuado com grandes honras e cirimonias de pricissões, e lá o puserão em huma igreija, que pera isso fizerão, de grande riqueza. Mas os frades fizerão tantas perguntas de nossa hida lá, e que era o que o Gouernador hia buscar, o que todo lhe disserão com verdade, com que elles então descobrirão que temendo que o Gouernador fosse ao monte Sinay a tomar as santas reliquias, por isso disserão aquella mentira, mas que o santo corpo estaua onde Nosso Senhor o [1] * mandára * guardar polos seus anjos.

Auia aquy muytas casas de christãos, em que tinhão cruzes, e retauolos de images de Nossa Senhora e de santos. Derão os frades muy-

de altura no seu mais elevado cume 1978 metros, segundo o *Diction. général de Biographie et d'Histoire*, par Dezobry et Bachelet, ficando o mosteiro de Sancta Catharina na de 1800 metros; pelo que parece inexacto o desenho incorporado no *Diction. historique etc. de la Bible*, de D. Agostinho Calmet.

Adriano Guibert dá-lhe d'altura 2480 metros no seu *Diction. géographique et statistique*, a qual não chega a perfazer meia legua portugueza, calculada a legua na razão de cinco kilom. Ora, ainda mesmo concedendo que pelas *duas leguas pera o ceu* se pudesse entender a extensão da subida, ou a distancia da fralda do monte em plano inclinado até o pincaro, seguir-se-hia d'esta forçada intelligencia, a reducção da famosa montanha do Sinai a uma ladeira d'assaz suave declive. Comtudo isso, faz honra a Gaspar Correa ter-se lembrado de consignar nas suas *Lendas* esta particularidade, esquecida ou não averiguada d'outros escriptores mais modernos, mais polidos, e que passam por diligentes indagadores. [1] * mandar * Autogr.

tos ramaes de contas tocados no propio jazigo da santa, e outras reliquias; mas comtudo os nossos nom deixauão de roubar o que podião, postoque o Gouernador o muyto defendia. O Gouernador se despedio dos frades, dizendo que por amor d'elles, e de sua santa hermida, deixaua de queimar o lugar. Do que lhe elles renderão muytas graças; o que assy dirião por toda a terra. Queimarão huma nao que estaua varada na terra.

CAPITULO XXX.

COMO O GOUERNADOR PARTIO DO LUGAR DO TORO PERA SUEZ, ONDE ESTAUÃO AS GALÉS DOS RUMES VARADAS; E O QUE PASSOU.

Ao outro dia, que forão vinte e dous d'abril, se partio o Gouernador caminho de Suez, a remo, por o vento ser contrairo, e aos vinte e quatro dias passarão o mar Roxo, per que passou o pouo de Israel. E lhe disse o piloto que da parte do Egito, d'onde a gente atrauessára, estaua na borda do mar huma baya que tinha agoa quente, como que feruia; com que ninguem podia entrar n'ella. Caminhando assy do Toro pera Suez, he o mar tão estreito que a lugares nom ha duas legoas de huma terra a outra, e esto até chegar á enseada de Suez, que faz muyta largura, como angra onde acaba o mar do Estreito, a qual tem huma legoa de canal. E hindo assy a remo, chegarão a huma ponta que a terra fazia, onde ouvirão o tom de dous tiros grossos muy longe, e ouve espaço de hum a outro. E aos vinte e seis d'abril, dobrando pera dentro da ponta, ouvirão outros dous tiros da mesma sorte. Dentro da ponta se fazia grande enseada, onde o Gouernador sorgio, porque erão tres legoas d'aquy onde estauão as galés, e parecião humas naos que estauão n'agoa, e as galés nom se vião, que erão mais baixas e a terra as encobria.

O Gouernador sorgio, e fez conselho, em que se acordou que de noyte fosse hum catur a ver se podia tomar alguma pessoa na terra, de * que * soubessem noua certa que gente auia nas galés; o que assy concordado, mandou o Gouernador no catur dous homens forçosos e corredores, e que nadassem bem se lhes comprisse, os quaes pera isso forão escolhidos Antonio Mendes de Vascogoncellos, e Antonio Pereira, e João

Jusarte Tição, todos tres homens honrados e fidalgos, muyto homens pera bom feyto e auisados, e com elles Fernão Dias Cesar, homem lascarim, e com elles mais hum mourisco d'Africa, forro, criado de dom Gracia de Crasto; este pera entender alguma cousa que se fallasse na terra. Os quaes se despirão em panetes, e s'encaruoyçarão com pó de caruão e seuo, pera que se os alguem tomasse a braços se despedirem, e sómente leuarão adagas atadas na cinta, e espadas nuas nas mãos. Com os quaes foy Tristão d'Atayde no seu catur, com os quaes se foy a terra, pera os deitar o mais perto das galés que ser pudesse, mansamente, que nom fossem sentidos; e pera os guiar hia no catur dom Gracia, o rume que se fizera christão em Dio, que fogira d'armada do capado, que o Visorey dom Gracia fizera christão, como já atrás fica escrito.

Como foy sol posto partio o catur desemmasteado, a remo, e chegou a terra já noite, e virão as galés que estauão varadas com as popas pera o mar, porque o mar faz um esteiro que entra ao derrador da terra, onde metem as galés, e do esteiro as tirão a monte com as popas pera terra, e sendo varadas fiqão com as popas sobre o mar da banda de fóra, e estão todas juntas, e muyto per ordem, [1] *em* huma ponta que faz esta terra pera a mão direita, em que estão varadas, até hum morro grande que está no cabo do esteiro. E do pé d'este morro corre huma parede forte, com huma porta fechada de seruentia pera dentro, onde estão as galés. D'esta porta pera dentro viuem todolos officiaes que trabalhão nas galés. Na ponta da terra d'este varadoiro das galés está hum baluarte roqueiro, com muytas bombardas grossas; e mais na borda d'agoa está huma tranqueira de madeira grossa, tambem com muytos tiros, que tirão pera todolas partes, mórmente de longo das popas das galés. Toda esta baya de Suez tem de longo da praia, per debaixo d'agoa, huma piçarra de coral branco, antre o qual nacem huns ouriços pretos, de muy agudos espinhos, que muyto trespassão em lhe tocando com o pé.

O catur foy direito ás galés, e se desuiarão do canal e forão dar n'este coral, em que encalhauão, e nom podendo chegar a terra andarão apalpando por muytas partes, sem nunqua poderem chegar a terra, espaço de hum tiro de bésta; andando sempre muyto callados, sem remar, botando o catur com varas, porque da terra nom fossem sentidos; nem

[1] *e* Autogr.

os do catur nunca ouuirão em terra fallar, nem ladrar cão, nem cantar gallos; do que se tomou muyta sospeita que os das galés estauão de sobre auiso e em ciladas. E postoque os nossos assy andauão perto das gallés, nunqua as puderão enxergar com a escuridade da noyte, e *por ser* a terra baixa, que lhas encobria. E n'isto assy nom achando remedio se tornarão ao Gouernador em amanhecendo, e Tristão d'Atayde contou ao Gouernador todo o que se passaua, e a todos o Gouernador perguntou seu parecer, e Tristão d'Atayde lhe disse: « Senhor, quanto ao » « que entendo, no grande assessego e callada que ha na terra, e ally » « nas galés, onde sabemos certo que está gente, he que elles estão d'a- » « uiso, e *tem* ciladas postas sobre nós; porque se assy nom fôra em » « toda esta noyte, que andámos bem perto das galés, ouveramos d'ou- » « vir alguma falla, ou cantar, ou bradar vigia, ou se passára alguma » « cousa de que se pudera tomar sinal. Polo que está muy certo que es- » « tão d'auiso, e muyto a recado, pois assy estão callados como homens » « manhosos na guerra. » Com o Gouernador estauão os mais dos fidalgos, e a todos pareceo dereita razão a que daua Tristão d'Atayde, que assy o dizião todos os do catur; mas como n'estas cousas alguns querem ganhar honras com manha, quiserão dizer que nem por isso deixassem de hir ás galés, e pôrlhe o fogo, e sayssem em qual *quer* terra que pudessem, e que vindo gente que lho defendesse bem se poderião tornar a recolher aos catures. Ao que outros logo ajudarão com outras mais rezões, cada hum como lhe bem parecia que fazia a seu proueito; porque, se nom fizessem o que elles dizião, já lhe ficaua a honra de dizer que fizessem feyto, e ficauão abatidos os que dizião que nom fossem a terra. Nos quaes debates aprofiando, disse hum piloto portugues velho, que andaua no catur, alto que todos o ouvirão: « Senhor Gouernador, hide em terra e » « vamos dar fogo nas galés, porque ninguem vos queime vossa honra; » « que na terra nom ha cão nem gato que volas defenda. » O Gouernador, como muy prudente que era, bem entendeo que Tristão d'Atayde lhe fallaua verdade e dereita rezão, e seu conselho era o bom: e entendeo bem a musica do modo de fallar dos outros, que era com manha de ganhar honra, com fallar o que sabião que se nom auia de fazer. E sem responder nada aos debates, fallando com o piloto, disse: « Tu hes meu » « amigo, e me fallas verdade; e faço teu conselho, porque assy compre » « a minha honra. » E logo pedio suas armas, e se começou de armar; o

que assy fizerão todos. E logo o seu capellão se pôs sobre o toldo da fusta, que todas estauão juntas, e tendo nas mãos hum deuoto crucificio fez a todos a confissão geral, e santas amoestações. D'aquy onde se isto passaua parecião na terra humas moutas verdes, e nom auia outras em toda a terra; e perguntando ao piloto mouro disse que ally corria huma agoa, que vinha de huma fonte que sahia de huma pedra, a qual dizião que fizera hum homem santo, tocando com hum páo, que trazia na mão, n'aquella pedra, quando ally passarão aquellas gentes que passarão o mar, que então secára; e disse que sómente d'agoa d'aquella fonte gastaua a gente que estauão nas galés e por toda aquella terra derrador.

O Gouernador se armou em huma coyra de laminas postas em brocado de peso, e na cinta huma rica espada, e na cabeça huma cellada cuberta de veludo crimisim gornecida d'ouro de hum lauor d'esmalte, e em cima huma rosa com muyta argentaria d'ouro, e na testa huma riqa medalha com hum fremoso ruby e diamães derrador de muyto preço, com huma penna branqa com argentaria: com que em todo fiqou gentil armado. Acabada a confissão comeo huns bocados de conserua, e bebeo agoa, o que assy fizerão outros, e se pôs na proa do seu catur, d'onde mandaua e ordenaua os outros catures como fossem em ordem; onde toda a gente já hia armada, com tanta riqueza e louçainha que era toda a frol da India. E postos em ordem mandou o Gouernador remar áuante, e foy demandar o canal pera entrar por elle, que da entrada d'elle ás galés auia hum tiro de basalisco; e hindo assy remando mandou o Gouernador Tristão d'Atayde, e dom Christouão seu irmão, e dom João de Crasto, que todos tres fossem diante, e chegassem a fazer que deitauão gente em terra, e vissem se acodia alguma gente, porque todos hião bradando: « Chegar, remar, que na terra nom ha ninguem que nos defen- » « da as galés, que hoje serão queimadas. » E n'esta profia remauão a quem primeiro chegaria. Os tres catures forão junto da terra, abaixo das galés, da parte da mão esquerda hum grande pedaço, e fazendo modo de deitar gente na terra, sayo d'antre as galés huma soma de gente correndo pera elles com grande grita, e detrás do morro de junto das galés sayo outro corpo de gente, de quatrocentos ou quinhentos de cauallo, correndo contra os catures a galope, de quatro em quatro e de seis em seis. Além do morro hum espaço parecia huma casa grande terrea, per junto da qual corre a estrada pera o Cayro. Detrás d'esta casa tambem

sayo huma batalha de gente de cauallo, que serião até oitocentos homens, com huma bandeira grande quadrada, de côres, e a gente çarrada em batalha, que se forão chegando pera os tres caturcs, que parece serem com armas, porque de quando em quando reluzião dandolhe o sol. E per detrás de huma terra alta sayo outra batalha de gente de cauallo, que era muyta mais, que vinha de huma pouoação que estaua defronte das galés além do esteiro, segundo o virão negros que hião [1] * vigiando * em cima dos mastos dos catures. A este tempo era já o Gouernador tão perto das galés que as contarão, que erão corenta e seis, e antre ellas parecião as bastardas, mais altas dos tendaes, sobre que todas tinhão guiões de côres; e estauão na boca do esteiro, de longo do mar, noue naos da feição das nossas, desemmasteadas, todas em renque, proa com popa, naos grossas. O Gouernador mandou remar que chegassem a terra. Quando a gente da terra assy sayo contra os catures, tirarão do baluarte quatro tiros como falcões; polo que os catures se afastarão pera fóra, e seguirão após o Gouernador, que hia polo canal, remando quanto podia. O que vendo os capitães e fidalgos sua determinação, lhe bradarão que nom fosse mais áuante, pois tinhão descuberto a cilada, e na terra auia tanto poder de gente; que pois tinhão os olhos abertos seria grande erro cayrem em hum poço. O Gouernador hia agastado; nom deu por nada senão remar áuante, e lhe respondeo: « [2] * Senhores *, olhay o » « que dizeis, nom digão depois que por minha culpa perdestes a honra » « de queimar aquellas galés. » Então disserão que agardasse até que chegassem os tres catures que vinhão da terra, e então faria o que fosse rezão: com que o Gouernador leuou remo e agardou. E chegando os catures, que disserão o poder da gente que virão na terra, logo todos disserão ao Gouernador que nom conuinha hir áuante, e que assaz de milagre fizera Deos em nom dar caminho que os homens de noyte nom forão a terra, pois tão certo estaua que forão tomados, e justiçados; mas que a todos Nosso Senhor fizera muyta mercê leualos ally onde estauão; cousa que nunqua portugueses cuidarão vêr com seus olhos, as galés do Turquo dentro no porto de Suez; cousa tão impossiuel de cuidar; cousa com que tão offendido ficaua o Turquo em lhe assy ficar aberto este caminho, de que sempre estaria receoso que cad'anno lhas fossem quei-

[1] * vigian * Autogr. [2] * Senhor * Id.

mar. E que pois a sayda em terra estaua com tão manifesto perigo, nom consenterião em tal erro; polo que logo se deuião tornar com tanta gloria e honra, como em chegar ally tinhão ganhada, com dezaseis catures, * e em * verem o cabo do estreito do mar Roxo, com que tamanha offensa tinhão feyta ao grão Turqo. Toda esta cousa era fallada polos capitães e fidalgos, estando quêdos sobre o remo, que o vento ventaua da terra, que os tornou pera trás mais de mea legoa. O que ouvido polo Gouernador mandou sorgir, e mandou entrar na sua fusta os principaes fidalgos que leuaua, e per Vicente de Nauaes, que hia por sacretario, lhe mandou * tomar * juramento nos santos auangelhos, e * que * sob cargo de suas fés e menagens, cada hum per seu assinado lhe dissesse o que deuia de fazer: o que todos em pubrico disserão, e o assinarão em auto que de tudo fez o sacretario, que d'ally se tornassem logo, sem mais agardar, nem mais querer experimentar tamanho erro como seria cometer sayr na terra, por auer tanta gente que lha defenderião, como vião com seus olhos, e a desembarcação ser tão duvidosa. O que todos assy assinarão; com que o Gouernador logo mandou dar a vella, que o tempo era á popa. O que vendo os da terra que os nossos se partião, desparârão muytos tiros do baluarte, e da tranqueira, e d'antre as galés, com que alguns pilouros chegarão perto dos catures; e tambem desparârão muyta espingardaria. E o Gouernador foy sorgir na ponta da terra onde a outra noyte estiuerão, e ahy dormio.

CAPITULO XXXI.

COMO O GOUERNADOR SE TORNOU AO TORO, E D'AHY TORNOU 'ATRAUESSAR PERA A COSTA DO ARABIO, E TORNOU AO PORTO D'ALCOCER.

E ao outro dia, que forão vinte e oito d'abril, o Gouernador fez vela pera o Toro, com o vento norte, que lá he muy geral, que com o noroeste o mais do tempo venta, e andou até lhe anoitecer em huma baya tres legoas do Toro, e hy dormio. Ao outro dia fez vela, e chegarão ao Toro, e entrarão no porto, porque o vento era muyto, pera ahy tomar

agoa e como abrandasse o vento se partirem; mas logo da terra se fez mostra de muyta gente de cauallo, que ally chegára depois do Gouernador passar, e começarão a tirar muytas bombardas. Ordenou o Gouernador sair na terra, e nom pôde, porque o vento no porto era traues-são, e fazia grandes mares. E porque o tempo crecia de cada vez mais, e nom tinhão agoa, disselhe o piloto mouro que áuante huma legoa estaua hum poço de muyto boa agoa, que se chamaua Agoa de Soleymão, em que todos se podião encher d'agoa. Polo que logo partirão ao longo da terra: ao que tambem seguio a gente de cauallo pola terra; porque chegando ao Toro fogio hum remeiro arabio, e disse em terra que os nossos nom leuauão agoa e a hião buscar; polo que logo mandarão gente 'atupir o poço, de modo que quando os nossos chegarão acharão o poço atupido de pedra até cima, e o andauão inda atupindo quando os caturres chegarão, que lhe tirarão com os berços, e os fizerão afastar, porque o poço estaua perto do mar. E porque auia muyta falta d'agoa, o Gouernador mandou armar a gente, e com boa ordem sayo em terra com muytas espingardas, que fizerão o campo franquo; e os marinheiros muy prestesmente desatupirão e alimparão o poço, e cauarão outros, com que tomarão quanta agoa quiserão, e se arredarão pera fóra, e dormirão ally aquella noyte.

Ao outro dia em amanhecendo fizerão vella, com muyto vento, atrauessando pera' costa do arabio, onde chegarão a sol posto, e se meterão antre humas ilhas, já com o vento brando, porque a terra lhe faz abrigo. Onde assy estando de noyte, d'aloeste pera leste correo huma cometta muy resplandicente, deitando grandes rayos de fogo muy claro, de que ficou no ceo hum sinal feyto em voltas, que durou até sayr o sol. E porque faltauão fustas aguardou o Gouernador todo o dia, e ao outro fez vella, e foy ao porto d'Alcocer, onde achou Tristão d'Atayde com os nauios que falecião, os quaes já tinhão queimado o lugar, onde já acharão grande soma de mantimentos, que já erão chegados da Ryfa, e estauão seguros cuidando que o Gouernador já era passado. Aquy vierão huns arabios fallar ao Gouernador, sobre seguro, que lhe derão rezão de muytas cousas que lhe perguntarão, e disserão que d'este Alcocer fóra por terra auiso ao Cayro, polo caminho da Ryfa, da armada que hia per as galés; que fôra *o recado* em tres dias, e como polo caminho hião dando a noua logo a gente, sem lho ninguem mandar, partião a secorro

das galés, onde chegára muyta gente em hum dia e meo e huma noyte: ao que ally deitada a conta do tempo que os nossos aquy chegarão, e chegarão a Suez, acharão que auia seis dias que nas galés estaua o secorro quando os nossos lá chegarão. E segundo os arabios contarão hum só dia abastaua pera vir o [1] *socorro* porque os que leuauão a noua hião em cauallos corredores, e passando per onde auia casas, e polos lugares, sem se deter hião bradando: «Acudir ás galés de Suez, porque» «os frangues as vão queimar!» Polo que, assy como isto ouvião, todo homem, sem nenhuma detença, caualgaua a grão pressa, com folle d'agoa e passas em huma ceuadeira, e a tanta pressa corrião que polo caminho ficauão muytos cauallos derreados e agoados. Os que leuauão a noua onde achauão algum bom cauallo folgado o tomauão, e deixauão o que leuauão. E esta liberdade tem os que leuão recado apressado ao Turqo, que tomarão o cauallo a hum grande senhor, se o toparem no caminho, e ninguem lhe isto tolhe; porque quem lho tolher por isso morrerá, e perde a fazenda pera o que leua o recado, e se *este* o não acusar tambem morrerá por isso.

CAPITULO XXXII.

COMO O GOUERNADOR SE PARTIO D'ALCOCER, E TORNOU A ÇUAQUEM, E D'AHY SE TORNOU A MAÇUHÁ, ONDE LOGO ENTENDEO EM MANDAR O EMBAIXADOR DO PRESTE, E COM ELLE DOM CHRISTOUÃO SEU IRMÃO COM GENTE SECORRER AO PRESTE QUE ANDAUA EM GUERRA.

Os catures tomarão muyto mantimento em Alcocer, e logo o Gouernador se partio pera Çuaquem, andando de dia, e sorgindo de noyte; e aos catorze dias de maio chegou á Agoada dos cem poços, que he dez legoas de Çuaquem. D'aquy mandou o Gouernador Antonio Pereira, e Miguel Carualho, que fossem a Çuaquem, e entrassem de noyte, e espiassem a terra como estaua, e de noyte se tornassem a sayr a lhe trazer recado. O que elles assy fizerão, que ao outro dia chegando lá o Gouernador vierão ao mar, e lhe disserão que a terra de todo estaua despejada, e lhe

[1] *sorro* Autogr.

trouxerão hum mercador morador em Dio, que estaua em Çuaquem com huma nao sua, (com cartaz de Diogo Lopes de Sousa, capitão de Dio, em que lhe daua a viagem per ally) e deu noua ao Gouernador que auia quatro dias que a gente da serra derão auiso na cidade que elle vinha, porque das serras o vião vir polo mar. O Gouernador despedio o mercador, e fez vella caminho de Maçuhá, e mandou diante Antonio Pereira que fosse dar a noua; com que em Maçuhá ouve muyto prazer, por auer muyto que nom sabião d'elle nenhuma noua. E ao outro dia chegou o Gouernador, a que a armada fez grande recebimento; onde ao Gouernador contarão os muytos males que erão feytos polo desmando da gente; de que o Gouernador tomou muyta paixão, mas como muyto vertuoso e encrinado a todo bem, por se escusar de dar castigos a tantos que achaua culpados tudo dessimulou e conseruou com muyto auiso, com deitar toda a culpa a Manuel da Gama, e com elle se queixaua em pubriquo, por contentar e assentar os corações dos culpados que merecião o castigo. E logo assentou grande mesa, que daua geral a toda' gente, abastadamente quanto podia, e assy mandou que a désse dom Christouão seu irmão, e outros capitães: com que a gente fiqou contente. E depois de assy o Gouernador repousar alguns dias, dom João Bermudes, embaixador do Preste, que o Papa fizera patriarca das terras do Preste, veo fallar ao Gouernador, e lhe dizer o recado que lhe mandára o Preste, e as cartas que sobre isso lhe mandaua, nas quaes o Preste lhe pedia muy afincadamente, com piadosos rogos, secorro antes que de todo acabasse de perder seu Reyno, porque já estaua catiuo, e cerquado de mouros, sendo elle verdadeiro christão que lhe pedia secorro, que por isso Deos o trouxera ally a tal tempo, com tanto poder com que o podia secorrer. O Gouernador respondeo ao embaixador que faria o que pudesse, com conselho do que lhe ElRey mandaua. E d'ahy a tres dias chegou o barnegaes com o propio recado do Preste, que o Gouernador recebeo com muyta honra, e o mandou estar na galeota de dom Christouão, pera o logo despachar. Sobre que logo teue conselho, em que todos os fidalgos assentarão que em todo caso mandasse secorro ao Preste, pera o que abastarião até tresentos homens, bons lascarys de suas armas e espingardas, com hum bom capitão. O que logo pedirão alguns fidalgos honrados; de que o Gouernador se escusou, dizendo que nom auia de mandar senão dom Christouão, seu irmão, que o queria sacrefi-

car a ElRey n'este seruiço, e nom auenturar nenhum filho alhêo; porque nom sabia como esta cousa socederia, no que estaua muy duvidoso de escapar nenhum á morte, pois que a terra estaua tão danada que os propios naturaes vassallos erão trédores e aleuantados contra o Preste. O que assy foy assentado; o que sabido no arrayal, muyta gente se foy a dom Christouão offerecer pera hir com elle, mas dom Christouão escolhia á sua vontade os que lhe milhor parecião, e fez rol dos tresentos homens que lhe ordenarão, e com rogos e emportunações fez quatrocentos homens, que todos se fornecerão das milhores armas e espingardas do arrayal, e muytas de sobresalente; em que dom Christouão ajuntou mil espingardas, e mil fayns, e muyta poluora, e pilouros, e chumbo, e quatro falcões pedreiros, e doze berços com suas carretas, e dez bombardeiros muy bons, e muyta poluora em caixões, e pilouros e toda a monição necessaria em muyta abastança. Antre esta gente hião passante de setenta homens officiaes de todolos officios macanicos, a saber: bésteiros, ferreiros, carpinteiros, pedreiros, çapateiros, armeiros, e outros officiaes que o Bermudes ajuntou pola India, a que logo daua aluarás de ordenados e comedías que lá na terra do Preste auião d'auer: o que tudo fazia per muy [1] *expressas* prouisões d'ElRey, que trazia pera isso, sem lho poder tolher o Gouernador. E dom Christouão de sua pessoa e casa foy muyto concertado quanto compria, e todos quantos com elle hião.

N'este tempo derão auiso ao Gouernador que os mouros que fogirão de Maçuhá com seu Rey, que hy perto estauão em hum arrayal, querião fogir pera Çuaquem, e se hião embarqar em geluas, que tinhão prestes em huma baya seis legoas de Maçuhá. O que lhe muyto certificou o barnegaes, o qual lhe muyto pedio e requereo que os fossem buscar, que mandasse gente polo mar, e que elle e dom Christouão hirião por terra com sua gente; porque destroindo estes mouros vingaua muyto mal que tinhão feyto ao Preste, que estes lhe causarão todo seu mal. Sobre o que o Gouernador, auido seu conselho, logo se fez prestes, e partio ao primeiro dia de junho, com muyta gente nas fustas, auendo já dous dias que dom Christouão com o barnegaes erão partidos por terra com sua gente, pera tomar o passo de huma serra por onde tinhão que os mouros auião de passar. O Gouernador chegou á enseada, e nom achou

[1] *espesas* Autogr.

nada pera se os mouros embarcarem; e á tarde chegou dom Diogo d'Almeida Freire, que hia na galeota de dom Christouão, o qual se sayo da galeota e se foy a terra pera onde estaua dom Christouão, e nom ficou na galeota mais que o comitre, e condestabre, com os bragas, os quaes, vendo o tempo desposto pera isso, se aleuantarão, e matarão os dous portugueses, e roubarão o milhor que puderão leuar, e todos soltos, e com armas, se meterão na barquinha com agoa e mantimento, e se forão. Outros bragas, que ficarão na galeota, cortarão 'amarra, e derão a vella, e forão varar em terra, onde todos fogirão: o que nada d'isto virão os que estauão na enseada, que era longe. E hindo assim os bragas fogindo pola terra, forão ter com huns portugueses, que andauão a caçar desmandados com espingardas, e os bragas lhe fogirão por pés, que nom puderão tomar mais que hum, que leuarão ao Gouernador, que contou o que era feyto. Ao que o Gouernador mandou os catures, que forão tirar a galeota da terra e a leuarão a Maçuhá, pera onde se foy o Gouernador, onde já estaua dom Christouão com a gente casy morta do trabalho do caminhar, que com grande canseira, e muyta sede, deixarão as armas polo caminho: ao que o barnegaes muyto soprio, com grande trabalho, ajudando com sua gente, que lhe trazião agoa em odres, e trouxerão todolas armas, sem faltar nenhuma.

A cinco dias de junho chegou a Maçuhá João de Magalhães, que o Gouernador mandára estar em guarda das portas, como atrás disse; o qual deu noua que antes que chegasse ás portas, oito dias, segundo lhe dissera a gente da terra, chegarão hy duas fustas de portugueses com duas naos tomadas de preza, e que as vendião, e porque lhe nom derão por ellas o que pedião queimarão as naos, com muytas fazendas. E assy era verdade, que ainda ahy acharão muytas roupas queimadas; e lhe *disserão* que as fustas erão do capitão d'Ormuz, nomeando hum capitão das fustas que se chamaua o Bogalho; e que estando assy nas portas entrára huma nao grande, com muyto tempo; e que as fustas forão após ella, até a ensequar em hum porto de huma grande cidade que se chamaua Moca, que está da banda da Persia, junto de Judá [1], onde a

[1] Segundo a viagem da India a Mekka por A'bd Oûl-Kerym (na versão franceza de Mr. Langlés) Cap. XIII, dista esta cidade duas jornadas do porto de Djiddah, ou Judá, como lhe chamavam os nossos.

nao chegando mostrára hum cartaz; e outras naos que estauão no porto tambem mostrarão cartazes. Está esta cidade vinte legoas das portas.

Sendo prestes dom Christouão de todo o que lhe compria pera seu caminho, o Gouernador, per conselho do barnegaes, mandou logo cinquoenta homens que se fossem diante, de seu vagar, porque nom auia tantas encaualgaduras. O que assy foy feyto, e foy com elles por capitão João da Fonseca; os quaes, bem concertados, partirão a doze do mês, e foy com elles o barnegaes até os passar além de huma serra, e trazer d'ella mais encaualgaduras pera dom Christouão. E aos vinte e oito dias tornarão cartas d'este João da Fonseca, que hia por capitão, em que daua muyta noua da bondade da terra, e que forão aportar a casa de hum senhor que os muyto bem agasalhára, o qual com elles, e com outra gente sua, forão dar em hum arrayal de gente d'outros dous senhores que estauão aleuantados contra o Preste, e matarão muytos d'elles, e lhe tomarão tres mil vacas, porque os do arrayal agardarão a pelejar, nom sabendo dos portugueses, que hião escondidos detrás da gente da terra, mas conhecendo os portugueses logo fogirão, e os da terra forão após elles, e matarão muytos d'elles, que os portugueses nom lhe chegarão; e que as vaqas que tomarão estauão guardadas pera dar a dom Christouão quando fosse. Os quaes dous senhores, vendose assy desbaratados, e sabendo que auia de hir dom Christouão com tanta gente, se renderão ao seruiço do Preste, e estauão agardando por dom Christouão que fosse, pera se hirem com elle, e lhe auerem perdão do Preste. Com a qual noua o Gouernador e todos ouverão muyto prazer.

Ao derradeiro de junho tornou o barnegaes a Maçuhá com muytas encaualgaduras, e com tresentas vaqas pera o Gouernador, as quaes elle nom quis tomar sem lhas pagar; e assy trouxe duzentos camellos, pera a fardagem e os homens hirem n'elles, e muytas mullas. Mas dom Christouão, vendo que nom auia encaualgaduras pera todos, se pôs a hir a pé, o que todos assy fizerão, e se carregou toda' fardagem nos camellos e mullas, e 'artelharia, e monições, e muytos fardos d'arroz, e d'açuquere, que cada camello carregaua dez fardos; com que tudo puderão bem carregar, ficando os homens escoteiros e despejados pera andar o caminho. A dous de julho veo huma treuoada, de que cayo hum rayo no galeão São Mateus, que lhe quebrou o masto da gauea em pedaços, e fez muytos sinaes polo galeão, e ao pé do masto grande matou hum

moço e huma cabra, e sayo per cima de hum falcão que estaua em huma portinhola, no qual fez sinal como pelourada de hum camello. E d'ahy a tres dias deu outra treuoada, com tão forte vento que se ouvera de perder toda' armada, que toda trouxe a terra, e no porto d'Arquyquo se perderão tres fustas que estauão fazendo agoada, a saber: huma de Pero Froez, outra de Gaspar de Sousa, e outra de Christouão de Crasto.

CAPITULO XXXIII.

COMO O GOUERNADOR NO LUGAR D'ARQUIQO SE DESPEDIO DE SEU IRMÃO, QUE ENTREGOU AO BARNEGAES, E DE HUMA FALLA QUE LHE FEZ A TODOS.

Aos seis de julho dom Christouão com sua gente se foy pera Arquyquo, d'onde logo mandou diante a cafila da fardagem, pera que fosse sempre huma jornada adiantada, e andar devagar com moços e gente miuda. Ao outro dia o Gouernador com todolos fidalgos se foy 'Arquyquo pera despedir dom Christouão, onde sendo todos juntos o Gouernador chamou o barnegaes, e perante toda sua gente, e dous capitães que hy vinhão com elle, lhe entregou dom Christouão, e o embaixador Bermudes, e as cartas pera o Preste, e a todolos portugueses que hião, dizendo: « Os grandes e eicylentes Reys nenhuma cousa mais estimão, » « nem milhor lhes parece, que verdadeira verdade. E porque o vosso » « grande Rey Preste João he tamanho que per todo o mundo he nomea- » « do. ElRey nosso senhor, ouvindo suas embaixadas n'elle confiou, e co- » « mo grande principe assentou com elle amizade e muy verdadeira ir- » « mindade, com tanto amor, que pera o seruir no que lhe for necessa- » « rio lhe manda seus vassallos, e nos manda que qua na India lhe fa- » « çamos todolos seruiços que pudermos. E por me ElRey nosso senhor » « isto mandar, com muyta vontade eu fiz esta armada com tamanho gas- » « to, sómente pera lhe trazer aquy este seu embaixador em saluo dos » « rumes, que o nom tomassem n'este caminho, e pera lhe mais segurar » « este seu porto dos males que n'elle fazem os mouros, com fauor dos » « rumes, os quaes fuy buscar em catures dentro ao Toro e a Suez, co- »

« mo sabeis; os quaes nom achey e torney aquy, onde me déstes as »
« cartas e recado do Preste, dos males, e guerras, e aleuantamentos, em »
« que os seus naturaes o trazem. O que eu sey certo que se ElRey nos- »
« so senhor agora o soubesse, e lhe pudesse mandar todo seu [1] * Rey- »
« no, elle * per sua pessoa o viria ajudar. Pola qual rezão, porque sey »
« que n'isto faço muyto seruiço e a vontade d'ElRey nosso senhor, ajun- »
« tey esta gente e secorro que vedes, que vos entrego, com meu irmão, »
« que sem duvida o seruirá muy enteiramente em tudo o que pudér, »
« até morrer por seu seruiço e quantos portugueses com elle vão. » E en-
tão se aleuantou, e se foy abraçar com seu irmão com muytas lagrimas,
e lhe dixe: « Senhor irmão, em tal conta vos tenho eu, e tal sois vós, »
« que erão escusadas estas palauras, mas a obrigação de meu cargo me »
« faz que volas diga asy em pubrico presente estes senhores; polo que »
« vos mando, e muyto rogo como bom irmão, que n'este encargo, que »
« ora sobre vós carrego, todo vosso principal intento e lembrança seja »
« o seruiço de Nosso Senhor, e que com esta vontade his a secorrer hum »
« tão grande Rey, tão nomeado polo mundo, que está em tanta agonia. »
« E assy vos lembre o primor da obrigação em que somos a seruir El- »
« Rey nosso senhor, de que tantas mercês recebemos, [2] * lembrandouos * »
« as muytas que mais vos fará, se lhas merecerdes n'este tamanho ser- »
« uiço, que espero em Nosso Senhor que lhe fareis com vosso bom si- »
« so, e com a valentia e esforço de tão honrados fidalgos e caualleiros, »
« que comvosco leuaes, que he a mór parte do descanso de meu cora- »
« ção; lembrandouos todos da tão honrosa fama, que correrá polo mun- »
« do, de vossos honrosos feytos, que pera serem bons e valerosos, eu, »
« senhor irmão, vos peço em grande mercê que a cousa que menos es- »
« timês seja a vida; porque fazendo vós o que deueis, os vossos caual- »
« leiros, seguindouos como bom capitão, elles farão os feytos e traba- »
« lhos, e vós leuareis os louvores; porque vulgarmente aos capitães se »
« dá a fama ou vitoperio, segundo o merecem seus feytos, e nom se falla »
« nada de sua gente, porque a gente sem bom capitão, por boa que seja »
« sempre desfallece, porque he corpo sem cabeça. Lembreuos o que so- »
« mos, e que podemos ser. » E fallando ao barnegaes lhe dixe: « E vós, »
« senhor barnegaes, como capitão e parente que sois de hum tão gran- »

[1] * Reyno e elle * Autogr. [2] * lembrandos * Id.

« de Rey, vos rogo que leueis meu irmão com estes caualleiros até den- »
« tro das terras do Preste, e lhe deys todo bom auiamento a seu cami- »
« nho. E olhay que volos entrego pera hirem seruir vosso Rey e se- »
« nhor na guerra, onde he mais certa a morte que a vida. E pera o an- »
« no, a Deos prazendo, tornarey a mandar aquy outra armada, d'onde »
« tornarey a mandar mais gente, se lhe comprir, e tambem pera que se »
« for acabada sua guerra, e mandar meu irmão com a gente, a leuar á »
« India, e os mandar a Portugal, pera hir dar conta a ElRey do que »
« lá fizerão. » Ao que o barnegaes respondeo com grandes comprimentos de rezões, dizendo que o tempo fallaria a verdade do prazer que o Preste recebia, e do muyto bem que lhe fazia hum tão honrado secorro còmo lhe fazia : o que elle em seu nome tudo tomaua como da mão de Deos, que por sua misericordia ordenaua tudo, por mostrar seu grande poder.

Então o Gouernador se apartou com seu irmão ao longo de huma praia, passeando hum grande pedaço : abraçandose ambos com muytas lagrimas, e olhos agrauados de chorar, se tornarão pera onde estaua a gente, e presente todos tomou o Gouernador huma bandeira de damasco branco, com a cruz de Christos de sitim crimisim, posta em huma aste de pique, e a entregou a seu irmão, dizendo : « Senhor irmão, aquy vos »
« entrego esta bandeira d'ElRey nosso senhor, com a diuisa de Christo, »
« e vos mando e vola encarrego quanto posso, e volo mando sobre a ben- »
« ção de nosso bom pay, vós a guardeis e enxalceis quanto em vós for, »
« com todas vossas forças, até por isso fenecerdes a vida, primeiramen- »
« te por n'ella estar o sinal da verá cruz, e por ser d'ElRey nosso se- »
« nhor, que outra tal como esta entregou ElRey dom Manuel a nosso »
« pay, que Deos tem, que com a graça e ajuda que lhe Nosso Senhor »
« deu fez tanto seruiço ao Reyno de Portugal, que nos fez merecedores »
« de sermos quem somos. Prazerá á misericordia de Nosso Senhor que »
« vos dará esforço, e saber, com que com esta acrecentareis seu santo »
« louvor com muyto seruiço a ElRey nosso senhor, pera muyta nossa »
« honra. » Com o que se abraçarão ambos com muytas lagrimas ; a que dom Christouão respondeo : « Senhor Gouernador, espero na paixão de »
« Christo, que em quanto viuer, meus feytos sejão taes que ElRey nos- »
« so senhor vos muyto agardeça encarregardesme n'este trabalho ; de »
« que o tempo será testimunha. » Com que se despedirão, e o Gouernador se tornou a embarquar e se tornou a Maçuhá, e dom Christouão no

mesmo dia se partio seu caminho, e foy dormir antre humas serras, onde estaua a [1] * recoua * esperando, que o outro dia d'antes partira. Os quaes Nosso Senhor por sua misericordia encaminhe a seu santo seruiço. Amen.

CAPITULO XXXIV.

COMO O GOUERNADOR SE PARTIO DE MAÇUHÁ PERA' INDIA, E CHEGOU ÁS PORTAS, ONDE ACHOU JOÃO DE MAGALHÃES, QUE HY DEIXÁRA EM GUARDA, E SAYO DO ESTREITO, E COM OS GALEÕES ATRAUESSOU O GOLFAM, E TOMOU EM ANGEDIUA, ONDE SE ACOLHEO, QUE ERA O TEMPO VERDE, E D'ALY EM FUSTAS SE FOY A GOA.

O Gouernador em Maçuhá mandou fazer prestes 'armada pera partir, que foy em julho, que foy a oito do mês, que com toda partio, e aos onze do mês chegou a Dalaqua, e passou de longo, e foy ter em humas ilhas que estão doze legoas das portas, onde lhe anoiteceo, e sorgio, por de noyte nom sayr polas portas. Onde acharão sessenta braças de fundo, e outros nom tomarão fundo, e perderão as amarras, e andarão dando huns per outros, em que se desaparelharão, porque a corrente das agoas era grande per'as portas; e a fustalha correo ao longo da terra do abexym, e forão bem nauegadas. Ao outro dia o Gouernador se fez á vela, e sayo polas portas com tod'armada a dezoito de julho, ficando atrás a carauella de Gaspar de Pina, que perdêra o forol. E como 'armada foy de fóra, o Gouernador sorgio junto da costa, ao lugar que se chama o Castellete, que do mar parece; cousa muy antiga, que hum Rey d'Adem fez, porque os moradores da cidade o deitarão fóra, e d'este castello lhe fazia a guerra: onde 'armada assy estando, de noyte creceo tanto tempo que os fez fazer á vella. E a vinte e cinco do mês passarão á vista d'Adem, muyto longe. O Gouernador mandou as fustas que se fossem ao longo da terra e esperassem em Caxem. Hindo assy polo mar, acharão tantos gafanhotos mortos, que o vento da terra trouxera, que 'agoa do mar nom parecia com elles; e a vinte e noue do mês forão na ponta da pedra fu-

[1] * racoua * Autogr.

rada, onde a nao Santa Crara chegou tanto sobre ella que se ouvera de perder. Então o Gouernador pôs bandeira na quadra, e tomou as vellas, sómente as grandes [1], com que se pôs á corda até que todos chegarão perto d'elle, que lhes disse que nom auia de hir a Caxem, porque o tempo era muyto, e os nauios nom tinhão ancoras nem amarras; que por tanto tiuessem regra n'agoa. Então despedio o feytor d'armada na nao Santa Crara, que fosse a Caxem, e que d'ahy, em agosto, ou quando o piloto dixesse, que se fosse á India com a fustalha, que todas seguirião seu forol; por quanto elle logo d'ally atrauessaua pera' India: o que assy foy assentado per conselho de todos. O Gouernador deu ao feytor seu regimento e poderes pera o que lhe comprisse pera prouimento d'armada e gente. E assy deu o Gouernador licença a Jorge Vieira que com sua nao se fosse pera Ormuz, porque graciosamente fôra seruir n'esta viagem. E per noyte todos se apartarão huns dos outros.

N'esta trauessa pera' India achou o Gouernador tanto tempo que todos se espalharão, e perderão bateis, e alguns catures que os galeões leuauão amarrados por popa, em que morrerão alguns marinheiros. E a oito d'agosto ouverão vista da costa da India, achandose com o Gouernador sómente cinqo galeões, que forão tomar no cabo de Rama, e por o tempo ser forte se forão meter em Angediua, d'onde logo foy recado a Goa; e dom Francisco de Lima, e dom Francisco de Meneses forão tomar na barra de Goa, e se meterão no rio, e com elles a carauella latina. Chegando ą Goa o recado do Gouernador, o vêdor da fazenda se pôs em trabalho de lhe mandar catures com refresco, e amarras que auião mester os galeões, que as mandára pedir; e por o tempo ser muyto nom puderão os catures hir. O Gouernador estaua muy agastado por lhe nom hir recado, porque tinha os doentes muy necessitados do necessario, e nom faltarão a isto cartas que forão de Goa, que reuoluerão mexeriqos do viador da fazenda, recontando ao Gouernador que o veador da fazenda, com os fumos e vaidade que trazia com poderes de Gouernador que lhe elle deixára, se esquecia de lhe acodir com o repairo que compria; o que assy era alguma verdade, porque o veador da fazenda nom foy n'isto tão diligente como deuera; polo que o Gouernador escreueo 'Antonio Correa, hum casado riquo de Goa, que lhe rogaua que lhe acodis-

[1] Isto é, excepto as grandes, etc.

se, e fossé lá pera o trazer, e por seu dinheiro comprasse comer pera a gente e doentes que tinha, que tudo lhe pagaria, pois o védor da fazenda tinha tão pouco cuidado. Com o qual recado Antonio Correa com muyta presteza fez prestes tres fustas suas, com muytas bandeiras, carregadas de muyto comer, e com trombetas e charamellas, que tinha de seu, se foy 'Angediua, onde do Gouernador foy muy bem recebido, e descarregando o comer, o Gouernador s'embarcou nas fustas com os capitães e fidalgos que vinhão nos galeões, e foy estar tres dias na casa de Nossa Senhora d'Agoa de lupe, onde se forão pera elle todolos principaes da cidade, a que o Gouernador fez muyto gasalhado; mas com o veador da fazenda teue muytos achaques, pola má diligencia que pusera em lhe mandar o que lhe compria, mórmente as amarras pera os galeões, que estauão em risco de se perder por mingoa d'ellas. O veador da fazenda era presumtuoso, e nom curou de lhe dar muytas desculpas nem comprimentos, como fòra rezão: do que o Gouernador fiqou mais inchado. Acabados os tres dias da romaria o Gouernador se foy pera' cidade, que lhe fez recebimento de festas, e ruas paramentadas, e touros, e canas, e outros folgares.

CAPITULO XXXV.

COMO O GOUERNADOR CHEGADO A GOA TEUE DEBATES COM O VÉDOR DA FAZENDA SOBRE COUSAS QUE FIZERA, E O QUE ORDENOU QUE SE FIZESSE.

Sendo o Gouernador assy chegado a Goa, que entendeo nas cousas, se queixou muyto com o védor da fazenda, porque tinha muyto dinheiro gastado em hum caes que fizera no mar á porta de Santa Caterina, sem o acabar nem prestar pera nada; e muyto dinheiro que tinha gastado em pagamentos de soldos e ordenados, a seus parentes e amigos, e criados, e outros que o acompanhauão e agardauão como a Gouernador: o que assy era, que o veador da fazenda, com vaidade dos [1] * poderes * de Gouernador, que lhe ficarão, grangeauase muyto como Gouernador, e estimaua pouqo os achaques do Gouernador, nem lhe hia a casa senão se

[1] * podres * Autogr.

o mandaua chamar. Então o Gouernador lhe defendeo que nom fizesse mais pagamento de cousa nenhuma, sómente á gente do mar, e esta inda com sua licença; porque [1] * os * fidalgos e lascaris elle Gouernador os pagaria como cada hum merecesse, pois com elle seruião ElRey nosso senhor. O veador nom quis n'isto conceder, dizendo que ElRey lho daua por seu regimento e em suas patentes; que por tanto elle Gouernador lho nom podia tirar, e se lhe tiraua o que lhe ElRey daua, que lhe largaria o cargo e se hiria pera o Reyno. O Gouernador, como era muyto auisado e entendeo a opinião do veador da fazenda, determinou de lhe dar a queda a seu saluo, e mostrou que temia dizer o veador da fazenda que lhe largaria o cargo, e se hiria da India pera o Reyno. Então, com mansas palauras, lhe disse que nom se agrauasse d'elle por tirarlhe os pagamentos, que lhe tiraua porque assy o auia por seruiço d'ElRey, e que d'isso lho daria per estormentos, se os quigesse, tantas e taes rezões, que * a * elle, como bom seruidor d'ElRey, lhe deuião de parecer muyto bem; e que escusasse de lhe fazer afrontas que se hiria pera o Reyno, porque se elle se quigesse hir elle lho nom podia tolher. O veador da fazenda, parecendolhe que o Gouernador o temia, e per conselhos de seus apaniguados, muyto mais se aleuantou e engramponou, parecendolhe que afrontaua o Gouernador em dizer que se hiria pera o Reyno. Nos quaes debates a cousa foy em tanto crecimento d'antre ambos, que vierão a requerimentos e protestos; mas o Gouernador, como muyto prudente, se deu a tanta brandura que o veo a rogar com muy doces palauras, fazendolhe per escrito requerimentos que digistisse de sua paixão, e seruisse seu cargo; sobre o que lhe apontaua muytas e muy videntes rezões do muyto que desseruia ElRey, e a muyta perda que lhe daua em largar o cargo e se hir pera o Reyno. Com as quaes cousas o veador da fazenda muyto mais ensoberbecia, parecendolhe que o Gouernador lhe tinha medo; e respondialhe muy soberbamente, com desuairos, em que mostraua craro a vaidade que em sy tinha. O Gouernador recolhia os estormentos com suas repostas, e outros assinados do ouvidor geral, e d'outros fidalgos porque lhe mandaua recados, em tanta maneira que em todo e por todo concordio o veador da fazenda nom seruir o cargo, e hirse pera o Reyno, e per estormento fez renunciação do cargo nas mãos

[1] * dos * Autogr.

do Gouernador, pera que fizesse outro veador da fazenda, se quigesse: o que foy em presença do sacretario e de muytos fidalgos. O Gouernador lhe disse: «Vós, veador da fazenda, me renunciaes vosso cargo» «muy sem rezão nem justa causa que pera isso tenhaes; sómente por» «vos tolher que nom paguês soldo á gente d'armas, que comigo trago» «nos trabalhos em que eu ando, e eu, milhor que vós, sey o que cada» «hum merece; e vos mando que paguês á gente do mar, com que ten-» «des a mór negociação de vosso officio, e vós nom quereis senão se-» «guir vosso sestro. Se vos parece que vos agrauo manday vossos estor-» «mentos a ElRey nosso senhor, que elle prouerá n'isso como for seu» «seruiço, e se erro no que faço me castigará, e a vós desagrauará com» «muyta honra que vos por isso fará; e n'isto deueis auer milhor con-» «selho do que até quy tendes, porque eu nom vos tomo vosso cargo,» «nem hey de fazer outro veador da fazenda, e protesto ElRey nosso se-» «nhor auer por vossa fazenda, e lhe pagardes, toda' perda que n'isto» «lhe fazeys.» Ao que todo o védor da fazenda lhe respondeo com trepicas, e rezões com que cada vez mais se hia atolando em seu erro. O que o Gouernador tudo fazia com muyta mansidão, por milhor assentar sua cousa; com que de todo o védor da fazenda se despedio pera se hir a Cochym embarquar, onde o Gouernador mandou huma prouisão aos officiaes que em nada fizessem seu mandado, e mandou logo a Cochym o ouvidor geral pera dar auiamento á carga. E mandou Antonio Mendes de Vascogoncellos com quatro fustas, que andasse na costa do Malauar. E mandou huma nao a Malaca a buscar drogas, porque nom erão vindas nenhumas, a qual, por hir tarde, arribou, e nom foy; e mandou a Ceylão Anrique de Sousa pola canella, em hum nauio e hum galeão São Mateus. Mandou pera Baçaim, seruir sua capitania, dom Francisco de Meneses, e se vir Antonio de Lemos, que lá seruia por elle. E despachou Martim Afonso de Mello pera capitão d'Ormuz, por ter acabado dom Pedro de Castello Branco, o qual dom Pedro, sabendo que Martim Afonso auia de hir, que estaua prouido, entregou a capitania da forteleza a Fernandaluares Çarnache, alcayde mór, e se veo á India em huma nao, em que trouxe preso ElRey d'Ormuz, polas cousas que d'elle dissera Martim Afonso quando lá estiuera, com affirmarem todos ao Gouernador que era homem falto do siso. Chegou dom Pedro a Goa estando Martim Afonso pera partir. O Gouernador recebeo ElRey com muyta honra, e lhe man-

dou dar honradas casas e largo gasto pera sua pessoa e seruidores, dizendolhe que como despachasse as naos da carga que logo o despacharia de suas cousas; mas recrecerão tantas acupações que o Gouernador o nom póde fazer, porque n'este anno de 541 nom passou nenhuma nao ainda do Reyno.

Quando assy chegou o Gouernador do Estreito, Alonso Anriques pedio licença ao Gouernador pera hir a Çofala ver seu irmão João de Sepulueda, que lá estaua por capitão; do que aprouve ao Gouernador, e elle se foy a Chaul, e d'ahy foy em tres fustas, em que leuou muyta roupa, com que fez muyto seu proueito, e vindo de lá tomou huma nao de presa carregada de marfim, em que fez muyto dinheiro em Dio, onde a mandou vender; e veo da costa d'além com as naos do Reyno, como adiante direy. E por nom sayr da ordem do escreuer, indaque as naos nom passassem, farey d'ellas menção, por ficar cada cousa escrita em seu lugar. [1] E forão estas:

Martim Afonso Gouernador, *na nao São Thiago;* dom Aluaro d'Ataide, *filho do Conde Almirante, na nao São Pedro;* Francisco de Sousa, *na nao Santa Cruz;* Aluaro Barradas, e Luis Cayado, *cunhado de Pero Lopes de Sousa, irmão de Martim Affonso, nas naos Sant'sprito e Flor de la mar.*

[1] No original segue-se o titulo *Armada do anno de* 541, e logo: «Martim Afonso etc.»

ARMADA

DO

ANNO DE 541 [1].

CAPITULO XXXVI.

DE COMO PARTIO DO REYNO MARTIM AFONSO DE SOUSA POR GOUERNADOR DA INDIA O ANNO DE 541, E NOM PASSOU Á INDIA NENHUMA NAO DA SUA ARMADA, QUE FORÃO CINQO NAOS; PELO QUE O GOUERNADOR MANDOU DOM FERNANDO DE LIMA AO REYNO EM HUM NAUIO DE [2] * DROGAS *, E ELLE EM PESSOA FOY A COCHYM CARREGAR AS NAOS QUE NA INDIA BUSCOU; E O QUE PASSOU COM O VÉDOR DA FAZENDA.

N'ESTE anno presente partio do Reyno pera Gouernador da India Martim Afonso de Sousa, que n'estas partes fôra capitão mór do mar em tempo de Nuno da Cunha. Estando prestes pera partir com dez naos, ElRey desarmou d'ellas cinqo, que mandou com gente em secorro em Africa;

[1] Depois do titulo *Armada do anno de* 541, poz o auctor os nomes dos cinco capitães, cada um em sua linha, encostados á margem esquerda do manuscripto, deixando em frente d'elles um espaço em branco, para escrever, provavelmente, os nomes das naus. Preencheram-se as lacunas com o que vai em italico, servindo de guias o *Livro de Luiz Falcão*, e o que diz *Couto* na Dec. V, Liv. VIII, Cap. I; mas transferindo-se aquella breve noticia para o logar em que tinha mais cabimento. [2] * cartas * Autogr.

porque chegou certa noua que o castello do cabo de Gué era tomado de mouros, sobre o qual veo o xarife com muyto poderio, com que o cerqou, e lhe fez muyta guerra com serras de terra que sobre a forteleza trouxerão, mas dom Goterre de Monroyo, que estaua por capitão com tresentas lanças, e muytos fidalgos e bons caualleiros, e muytos moradores, se defendião em tal maneira que os mouros os nom podião entrar; polo que ouverão contrato com hum almoxarife da forteleza, com que per traição deu entrada aos mouros per huma estancia de que tinha cargo, e huma antemenhã deu entrada aos mouros, com que a forteleza foy tomada, matando os mouros muytos christãos. Comtudo, vendo que erão entrados por traição, entrou n'elles grande trouação e desacordo, com que se cruzauão, e os mouros os catiuauão, porque assy lho tinha mandado o xarife; em que forão catiuas quatrocentas almas, e molheres, e moças, e meninos, em que entrarão cento e trinta homens, que todos os outros quizerão antes morrer que ser catiuos, entre os quaes se apartarão em hum terreiro diante da igreija huns vinte e tantos fidalgos mancebos, que todos ally morrerão fazendo nobres feytos, fazendolhe os mouros muytos partidos que se déssem e nom pelejassem. O trédor, que deu a entrada aos mouros, por sinal pôs huma alcatifa em huma genella, pera que os mouros lhe nom tocassem em sua casa, que assy o mandára o xarife, que lhe prometera que cousa de sua casa nom tocassem, e liuremente os deixasse hir por onde quigessem.

Foy catiuo o capitão, e huma filha sua, muy fremosa dama, que lá leuára pera lá a casar, a qual o trédor recolheo a sua casa como os mouros entrarão, onde o trédor a entregou logo aos criados do xarife que a vinhão buscar; e forão catiuas moças fremosas, e •se tomou• grande despojo. O mouro foy tão namorado da filha do capitão que a tomou por molher, e a tinha com muyta honra e estado, e fazia tudo quanto lhe ella rogaua; pelo que tinha seu pay muy honradamente com todos seus seruidores, e por rogo d'ella nom consentio que nenhuma molher leuassem os mouros, mas que todas se resgatassem por muyto menos preço, onde perdoaua muyta parte dos resgates assy dos homens como das molheres, e deu seguro a toda' pessoa que lá fossem a resgatar os catiuos; e ao perro trédor, que lhe deu a entrada no castello, o mandou vir ante sy, e lhe mandou que ally lhe trouxesse sua molher e filhos, e toda sua fazenda e familia, que lhe nom faltasse nada: o que assy foy

feyto. Então lhe perguntou se lhe faltaua alguma cousa. O trédor disse que não. Então lhe mandou que tudo fosse embarquar em huma carauella que estaua no porto, que leuaua catiuos que resgatára pera Lisboa; o que elle assy fez, e acabando de tudo embarcar lhe perguntou o xarife se já tinha tudo embarcado. Elle dixe que sy. Então o mandou leuar á praia, e ally o mandou matar e fazer em postas, e mandou dizer aos que estauão embarcados que elle mandára matar aquelle homem porque fôra trédor a seu Rey e senhor; porque aquelle lhe dera entrada no castello que tomára, que o mataua por castigo d'outros, * pera * que tal nom [1] * fizessem * a seu senhor. E depois sendo prenhe a filha do capitão, do mouro, então o mouro lhe queria mór bem, e muytas vezes deixaua o pay hir fallar com ella, e porém com muytas vigias, porque auia arreceo que lhe déssem peçonha com que a matassem. Achandose ella de parto rogou ao mouro que se ella morresse soltasse seu pay: o que 'o mouro assy lhe aprouve, e lho jurou. Pario ella huma filha, e nom quis dar força que lhe sayssem as pareas, e morreo; polo que o mouro foy muy anojado, e muy enteiramente comprio seu prometimento, e logo soltou liuremente a dom [2] * Goterre * e todos seus criados, com todo seu fato, e lhe deu dous cauallos e dous mil cruzados, e o mandou pera Portugal, e outros muytos catiuos soltou liuremente, e fez outros muyto grandes bens, que aquy nom ponho porque nom fazem a nossa estoria. Da qual noua do cerquo ElRey muyto anojado mandou fazer aprecebimento de muyta gente pera passar em Africa, em vingança d'este mal do cabo de Gué; e por isto desarmou estas cinqo naos, das dez que estauão ordenadas pera trazer Martim Afonso de Sousa. E tambem * as * desarmou ElRey porque n'este tempo chegou a Portugal o judeu que dom Esteuão mandára como gouernou, como já atrás fiqua, e per elle escreuera a ElRey que na India tinha armada e gente em abastança, quanta compria. Assy que partio Martim Afonso por Gouernador da India com estas cinqo naos, que foy a somenos armada que nenhum Gouernador trouxe do Reyno, e nauegando achou taes tempos que nom chegou a Moçambique * senão * em outubro [3], com que nom póde passar á India, porque a vinte e dous de nouembro chegou a Goa Nuno Pereira no nauio do trato de Melinde,

[1] * fizem * Autogr. [2] * Gorre * Id. [3] Diz *Couto*, Dec. V, Liv. VIII, Cap. L, «que quando foram todas as náos ferrar Moçambique *foy já em Setembro.*»

e disse que partira de lá na fim de setembro, e que inda em Moçambique nom auia noua das naos do Reyno. Polo que vendo o Gouernador que por ser assy tão tarde já nom podião passar as naos, logo mandou a Baçaim tomar huma nao que fazião huns armadores, que era de tresentos tonés, e a comprou pera ElRey por tres mil e oitocentos pardaos, em que foy aualiada, e a mandou a Cochym, onde se acabou de todo pera hir pera o Reyno. E assy mandou n'ella por capitão Diogo de Mendoça, e tambem mandou fazer e acabar outra nao que estaua em Cochym, praceira da outra que fizera Pero Vaz, veador da fazenda, e deu a capitania d'ella a dom Fernando d'Eça capitão de Cochym, porque acabára seu tempo. E porque Martim Correa, que tinha a capitania de Cochym, a nom quis seruir por ser de pouco proueito, o Gouernador deu a capitania de Cochym a Manuel Sodré. E assy mais em Goa fez prestes hum nauio carregado de drogas, que mandou pera o Reyno, que partio de Goa a vinte e seis de nouembro, de que deu a capitania a dom Francisco de Lima, que era seu muy grande amigo; do que lhe elle deu muy máo galardão, como adiante direy. E despedindose assy este nauio, deu a capitania de cinquo fustas a Manuel de Vascoconcellos, com que fosse ao estreito de Meca ao porto de Maçuhá, a saber nouas dos rumes, e de dom Christouão, que com gente era hido ao Preste. Das quaes fustas forão capitães Rafael Lobo, Manuel da Fonseca, Christouão de Crasto, Afonso Pereira, os quaes partirão de Goa a vinte de janeiro de 542; de que adiante contarey o que na dita viagem lh'aconteceo.

E despedio pera embaixador a ElRey de Cambaya a Luis de Braga, que lá foy muy custoso, [1] * por quem * o Gouernador mandou pedir a ElRey de Cambaya que lhe largasse toda a renda d'alfandega de Dio, dandolhe a isso algumas rezões de boa amizade per que o deuia de fazer: o qual foy bem recebido de ElRey, e lhe fez mercê, e tornou com reposta, e trouxe d'ElRey a mea alfandega sómente, com algumas escusas e boas rezões que ElRey daua sobre as muytas rendas que já dera em Baçaim. Sobre o que o Gouernador ouve acordo com os fidalgos, e assentou de nom tomar senão toda a renda, e pera isso defenderia aos capitães de Dio e Baçaim os cartazes per'as naos de seus portos, e as tomaria de preza, se nauegassem, com que tanto o apertaria até que lhe

[1] * em que * Autogr.

largasse toda a renda d'alfandega de Dio; porque com sómente lhe nom passarem as naos de Meca perdia ElRey mais que o dobro d'alfandega de Dio: e n'isto assentou. E porque de Cochym lhe veo recado que auia máo auiamento de carga, e que na costa do Malauar auia paraos de pimenta carregados, que querião sayr de alguns rios, o Gouernador com muyta pressa mandou fazer prestes sete fustas, por nom fazer gastos a ElRey, e por mais asinha se auiar, com que se partio pera Cochym a vinte e hum de nouembro, onde chegado deu muyto auiamento á carga das naos.

Dom Pedro de Castello Branco, que viera d'Ormuz como disse, era muyto grande amigo do veador da fazenda, e se chamauão parentes. Ouve muyto pesar de vêr tão mal auiado o védor da fazenda em suas desauenças, e foyse com o Gouernador a Cochym, com esperança de dar n'isso algum concerto, e desuiar o védor da fazenda do grande erro que fazia; e se meteo n'esse trabalho pera que em toda maneira se nom fosse pera o Reyno, porque a principal causa em que o veador da fazenda escoraua era que nas naos viria outro Gouernador, ou taes cousas d'ElRey que o Gouernador o tornasse a rogar. E porque vio que tudo isto lhe faltaua, por nom passarem naos, então muyto concordou com dom Pedro de Castello Branco que os tornasse a concordar; o qual se pôs n'esse trabalho muy fortemente, per sy e com outros seus amigos que n'isso meteo, trabalhando que indaque o Gouernador lhe tirasse todos seus cargos se nom fosse, quanto mais os pagamentos dos homens d'armas, em que o Gouernador tinha tanta rezão. O veador da fazenda, que conhecia seu grande erro, dessimulada e secretamente, per entercessão de dom Pedro e de seus amigos, trabalhaua pera tornar á concordia com o Gouernador, porque o nom mandasse pera o Reyno. E sobre o caso fallando muytos a*o* Gouernador, sobre todos dom Pedro, que n'isso muyto [1] *apretaua, o Gouernador*, como já estaua forte com os papeis que tinha na mão, e que bem entendeo que o veador da fazenda tudo fizera com esperança que viria nas naos outro Gouernador, e porque tudo lhe faltára agora queria tornar a reconciliar*se* com elle, porque via que o tinha muyto encrauado nos requerimentos e repostas que lhe dera, dessimulou com os rogadores. E tanto n'isto procederão em cousas, que o veador da fazenda tornou a fazer ao Gouernador outros requerimentos

[1] *apertaua, mas o Gouernador* Autogr.

sobre sua ficada e seruir seus cargos, e lho fallou algumas vezes. A que o Gouernador respondia que tão máo conselho auia em agora querer tornar a seus cargos, como ouvera em os engeitar; que hum homem doutor, e de tanto saber como elle, nom deuia de mostrar tanta quebra em suas cousas; e o que agora fazia era porque lhe faltarão os sonhos que sonhou que viessem nas naos do Reyno, e agora queria ficar com esperança que nas naos viria cousa com que restaurasse a quebra, que tinha no erro que tinha feyto; e mais que vindo do Reyno Gouernador roeria suas cousas quanto pudesse; que por tanto nom queria senão que fosse seu caminho pera o Reyno, que lhe tanto rogára que nom fosse, e ante elle sua palaura fôra tão pouqo ouvida. Mas porque lhe nom parecesse que tinha medo a elle ficar na India pera comonicar com o Gouernador que viesse, lhe aprazia que se nom fosse, e ficasse na India, se lhe aprouvesse o partido, que auia de ser elle ficar em Chalé por homem d'armas, sem nunqua sayr da forteleza até vir outro Gouernador, a que se apresentassem suas culpas, pera elle fazer em suas cousas o que fosse seruiço d'ElRey; e que nom podia ser d'outra maneira, porque elle per sy renunciára seus cargos, e já nom podia ser n'elles prouido senão por outra noua prouisão. Então o veador da fazenda lhe tornou a fazer grandes requerimentos e protestós, apresentando suas patentes, pedindo seus estormentos; ao que era ajudado de muytos fidalgos. Mas o Gouernador mansamente lhe acodia, e respondia com as repostas que o veador da fazenda em Goa lhe dera, quando o rogaua que se nom fosse, nem digistisse de seus cargos. E lhe mandou que todos os estormentos lhe dessem, e que em todo o caso s'embarcasse e fosse pera o Reyno, per onde cessarião os requerimentos. E sendo a nao já carregada, em que o veador da fazenda auia de hir, o Gouernador s'embarqou nas fustas pera Goa, porque auia de hir visitar Dio e Baçaim, e vindo já a Cranganor lhe affirmarão que o veador da fazenda tinha palaura d'ElRey de Cochym pera que estando a nao pera dar a vela, e o veador da fazenda pera s'embarquar, ElRey vir em pessoa, e o tomar como forçado, e o fazer fiquar, com dizer que o fazia assy polo auer por seruiço d'ElRey de Portugal. O que assy sendo dito ao Gouernador logo arribou a Cochym, e fez auiar a nao, que ao outro dia fez vella, e o védor da fazenda dentro; com a qual foy nas fustas até perder vista da terra, e o Gouernador se foy na volta de Goa, e fiqou em Cochym o doutor Pero Fernandes, ou-

vidor geral, até chegar de Malaca Manuel Sodré, que lh'entregou a capitania da forteleza, e tomou sua menagem.

CAPITULO XXXVII.

COMO O GOUERNADOR TORNOU A GOA, E SE PÔS EM PANGIM DESPACHANDO COUSAS NECESSARIAS, E ELLE EM PESSOA COM OITO FUSTAS FOY VISITAR DIO E AS FORTELEZAS DA COSTA.

O Gouernador chegando a Goa se pôs em Pangim, por se mais asinha despachar d'alguns negocios, e em quanto lhe fazião prestes fustas em que auia de hir a Cambaya, e nom quis leuar nauios grandes por hir mais prestes e escusar gastos a ElRey, porque era elle muy amigo do seu proueito e de lhe acrecentar sua fazenda. Onde assy estando em Pangim, despachou Lionel de Lima pera capitão de Maluco, e se vir dom Jorge de Crasto que lá estaua, e despachou pera capitão de Cananor Degaluares Telles, por ter acabado seu tempo dom Anrique d'Eça, que seruia. E partio de Goa em vinte fustas com muytos fidalgos, em vinte e quatro de janeiro de 542, e foy de rota abatida a Dio, onde esteue pouqos dias, em que proueo em todo o que compria, e logo foy a Baçaim, e Chaul, onde deu auiamento e despacho em tudo o que compria, porque era elle muy entendido em todolas cousas, e muy despachador por vontade. E se tornou a Goa. [1] E mandou Anrique Mendes de Vascocencellos ao Estreito com cinqo catures, saber nouas de dom Christouão, e * que * tornasse enuernar á India; e mandou por feytor a Ceylão a Simão Botelho, porque Antonio Pessoa, que lá fôra por feytor, ouvera deferenças com Duarte Teixeira, que lá estaua de primeiro por feytor; polo que o Gouernador os mandou vir ambos pera os ouvir com seu direito. E mandou pera capitão de Paleacate * a * Grauiel d'Atayde, por ter acabado seu tempo Gallaz Viegas. E mandou Bernaldim de Sousa que se fosse estar em Cochym com sessenta homens, a que mandou pagar a cada hum meo

[1] Parece pertencer aqui a passagem relativa a Henrique Mendes, a qual está no autographo escripta no baixo da pagina, sem chamada alguma.

anno de soldo, pera elle os agasalhar, e dar mesa, e estar Cochym assy com gente e hum homem fidalgo, pera algum caso, se sobreuiesse. E assy mandou pera Chalé, pela mesma maneira, a Manuel Rodrigues Coutinho, com trinta homens. E mandou outros homens com gente per Baçaim, e Dio, e Chaul; o que fez por encurtar as despezas em Goa, e ter as fortelezas [1] * gornecidas * de gente, com tenção e vontade de ajuntar dinheiro e fazer tisouro, pera escusar de pedir emprestimos pera ElRey, com que o pouo se muyto queixaua, e sentia muyta apressão dos Gouernadores passados, e mórmente do Visorey dom Gracia, que forão muy grandes, com que elle era muy emportunado por pagamentos, o que elle tudo determinaua de pagar, e desendiuidar ElRey, e vêr se podia ajuntar algum dinheiro pera ter, se lhe viesse alguma afronta de rumes. E nom quis que este anno se vendessem as drogas pera Ormuz por armação, nem por d'ElRey, mas mandou todas entregar em Goa, na mão de Ruy Gonçalues de Caminha, tisoureiro; as quaes pôs em alto preço. E defendeo as licenças pera Ormuz de todos os mercadores, assy christãos como mouros, que lá nom passassem com suas naos e mercadarias, senão comprando das drogas, cada hum segundo tinha o cabedal. Com o qual constrangimento as drogas todas forão compradas, em tanta maneira que nos annos passados se vendião estas drogas por vinte e cinco até trinta mil pardaos, e este anno passarão de oitenta mil, dos quaes despendeo vinte mil pardaos, com que pagou 'os remeiros o que lhe deuia das fustas que leuou ao Estreito, e * fez * outros pagamentos de diuidas dos emprestimos, em maneira que ficarão em tesouro os sessenta mil pardaos, que o Gouernador determinaua de mandar empregar em fazendas pera Ormuz, em Baticalá e outros lugares, e com ellas ajuntar as drogas d'este anno, com alguma pimenta, pera que se fizesse melhor venda, e tudo mandar a Ormuz, e tomar todo o trato de hum anno, com que ajuntasse huma boa soma de dinheiro. E dizia, e praticaua isto em pubrico, que tanto auia de trabalhar até que tiuesse cabedal com que tomasse todolos tratos da India pera ElRey, com que lhe ajuntasse hum grande tisouro, com que nunqua seus Gouernadores pedissem emprestimos; porque quando ElRey tiuesse possança de dinheiro, com que assy tiuesse todos os tratos da India, nom podião tantas ser as despesas que muyto

[1] * comsecidas * Autogr.

mór nom fosse seu tisouro. E isto seria assy se o Gouernador da India nom quigese tomar os proueitos pera sy. «E digo isto porque eu som» «homem mancebo e solteiro, e tenho muyto dinheiro e nenhuma cobi-» «ça, senão de ganhar honra. Espero em Deus que me ajudará a meter» «esta cousa em caminho, como faça o seu santo seruiço e d'ElRey nos-» «so senhor, como eu desejo.»

CAPITULO XXXVIII.

COMO O GOUERNADOR MANDOU A MOÇAMBIQUE LUIS MENDES DE VASCOGONCELLOS EM HUM NAUIO, A BUSCAR OS COFRES DAS NAOS QUE ENUERNARÃO, E PARTIDO CHEGARÃO A GOA TRES EMBAIXADORES, QUE O GOUERNADOR LOGO DESPACHOU, POR NOM FAZER COM ELLES GASTO.

E porque as naos assy nom passarão este anno, parecendo ao Gouernador que * pera * as naos que estauão em Moçambique, com as outras que viessem est'outro anno, era necessario ter muyta pimenta feyta no inuerno pera o tempo da carga, fez prestes hum nauio, em que mandou Luis Mendes de Vascogoncellos a Moçambique, com prouisões pera * que * ás naos que ahy achasse lhe tomasse os cofres que trazião, e cartas das carregações, e tudo trouxesse, pera se conformar com o que compria que fizesse; dandolhe regimento que em todo o caso lhe tornasse com recado antes d'inuerno çarrado. E em secreto lhe deu auiso que se em Moçambique achasse Gouernador que o nom deixasse tornar, que trabalhasse o possiuel como lhe mandasse recado: o qual nauio foy seu caminho. E ficando assy o Gouernador em Goa, lhe chegarão tres embaixadores, a saber hum de Xequesmael, outro d'ElRey de Cambaya, outro d'ElRey de Calecut, o qual vinha pedir ao Gouernador que lhe comprisse o assento da paz que com elle fizera o Visorey dom Gracia, acerqua da carregação dos cem quintaes de pimenta, que nom lha dando carregada pera o Reyno que lha auião de dar que a pudesse carregar pera Meca, que assy era contratado. Porque estando o Gouernador em Cochym carregando as naos, o Çamorym lhe mandou pedir sua carregação pera o Reyno; do que o Gouernador * se * escusou, dizendo que o nom podia fa-

zer porque nom passarão naos do Reyno, e * por * nom ter mais que duas naos que carregaua do seu dinheiro, porque ElRey nom o tinha. E porque o Gouernador lhe dera esta escusa, mandaualhe agora o Rey de Calecut pedir sua carregação pera Meca, pois lha nom dera pera o Reyno. De que o Gouernador tambem se escusou, dizendo que tal nom fazia, porque por isso lhe cortaria ElRey a cabeça, porque inda nom viera recado d'ElRey se auia o contrato por bom; mas que ficasse assy, que lhe parecia [1] * que viria * reposta d'ElRey nas naos que estauão em Moçambique, e que, se ElRey o ouvesse por bem, que então lhe carregarião todolas cargas que lhe fossem deuidas. Com que despedio o embaixador e ElRey foy contente com a reposta.

O embaixador d'ElRey de Cambaya veo a pedir os cartazes pera naos, porque os capitães das fortelezas de Dio e de Baçaim lhos nom dauão, dizendo que elle lho defendera; e * declarar * que quanto á renda toda, que lhe mandára [2] * pedir, que * lhe aprazia de toda lha dar, e que lha daria cad'anno em dinheiro de contado, e que elle Gouernador largasse a posse que n'alfandega tinha, pera que seus officiaes tornassem a fazer e arrecadar a dita alfandega como de primeiro fazião. Sobre a qual embaixada o Gouernador ouve conselho com os fidalgos, em que assentarão que tal se nom podia fazer, polo muyto trabalho e grande inconuiniente, e debates, que podião soceder no pedir d'este dinheiro, que ElRey dizia que auia de dar cad'anno; e * porque * muyto mais impossiuel seria poder saberse de seus officiaes a soma que rendia, pera ElRey o auer de pagar: e por escusar estes enconuinientes, e outros muytos que podião soceder, [3] * era * cousa escusada n'isso fallar, sómente se ElRey quigesse dar por cad'anno huma certa soma pera sempre, e que os seus officiaes na mesma alfandega fossem fazendo pagamento do rendimento da dita alfandega, e quę sobejando da contia do anno ficasse logo entregue pera o pagamento do outro anno, e que nom chegando a renda á contia do anno, que o que faltasse logo ElRey o mandasse dentro a Dio, e que os mesmos officiaes d'alfandega a isso fossem obrigados a satisfazer, sem tornarem a entrar n'ella, sem primeiro ser de todo satisfeyta a soma que fosse ordenada ElRey auer de dar cad'anno. O que tudo foy muy praticado e escrito apontadamente, e tudo foy dado ao embaixador

[1] * que nas naos viria * Autogr. [2] * pedir toda que * Id. [3] * he * Id.

em reposta, dizendo que isto assentaria assy por emtanto, até o fazer saber a ElRey de Portugal, que faria o que elle ouvesse por bem; que d'outra maneira o nom podia fazer.

O embaixador do Xequesmael veo [1] * pedir as rendas d'humas * duas cidades que são além de Baçora e [2] * Baharem *, das quaes antigamente o Rey d'Ormuz pagaua certa soma de dinheiro ao Xequesmael, do qual tributo se ora escusaua o Rey d'Ormuz, dizendo que era vassallo e sudito a ElRey de Portugal, que tudo lhe tinha tomado, e lhe pagaua cem mil xarafyns de tributo cad'anno, e que se os Reys passados pagauão depois da forteleza feita era porque nom pagauão mais que quinze mil xarafys de pareas cad'anno, e elle agora de tudo era desapossado, e nom tinha mais que aquillo que lhe dauão pera seu gasto, que nom era ametade do que auia mester; pedindo o dito embaixador ao Gouernador que n'isto prouesse como o Xequesmael fosse satisfeito d'esta perda que cada anno recebia. Ao que o Gouernador respondeo que lhe parecia muyta rezão o qũe pedia, e que ElRey de Portugal nom sabia que o Xequesmael tal perda recebia, o que sabendo logo n'isso proueria como em todo o Xequesmael fosse restituido de sua perda; o que elle, por ser Gouernador, nom podia fazer, sem primeiro lho poder fazer saber; porque se assy o nom fizesse por isso lhe mandaria cortar a cabeça, que nom seria rezão o escrauo em tal cousa entender, sem primeiro o fazer saber a seu senhor, o que logo lhe tudo escreueria, e logo d'ElRey seu senhor viria reposta como * de * tamanho amigo como elle era do Xequesmael. O Gouernador recebeo estes embaixadores com muytas honras, e os mandou aposentar muyto bem, e dar muy largamente suas despesas pera suas pessoas e seruidores, em todo o inuerno, que logo sobreueo, com que se os embaixadores nom puderão partir de Goa, e enuernarão.

[1] * pedir que humas * Autogr. [2] * Barem * Id.

CAPITULO XXXIX.

COMO LUIS MENDES CHEGOU A MOÇAMBIQUE, E O QUE COM ELLE PASSOU MARTIM AFONSO DE SOUSA, QUE O REPRESOU, QUE O NOM DEIXOU TORNAR Á INDIA, MAS ELLE S'EMBARQOU NO NAUIO E PASSOU Á INDIA.

Luis Mendes de Vascogoncellos, que foy no nauio a Moçambique buscar os cofres, chegando lá achou em Moçambique as cinquo naos que vierão com o Gouernador Martim Afonso de Sousa; o qual Martim Afonso * o * recebeo com honra e gazalhado. Onde já fôra ter dom Francisco de Lima, que de Goa partira no nauio das drogas, como já disse, que dom Esteuão mandou, e lhe fez pagamentos e muytas boas amizades quantas [1] * este * Gouernador pôde; em pago do qual, chegando a Moçambique, disse a Martim Afonso mil males de dom Esteuão, em tanta maneira que em pubrico de muytos lhe disse, que se estimaua o seruiço d'El-Rey, que se nom deixasse estar em Moçambique, e que por debaixo do mar se fosse á India, porque, se assy o nom fizesse, de todo 'acharia perdida quando fosse; dandolhe d'isso muytas rezões e causas, e * afirmandolhe * que sabendo a gente na India que elle era vindo pera gouernar a India, polo muyto credito que n'elle tinhão e o muyto que o desejauão, * terião * que sem duvida daua a India a ElRey, e a ganhaua de muyto perdida que estaua. E taes cousas disse a Martim Afonso per muytas vezes, que d'isso mandou fazer autos publicos, e estormentos que guardou e mandou a ElRey, a que escreueo miudamente do que achaua da India, com que despedio dom Francisco de Lima pera o Reyno em seu nauio.

E auendo quatro mezes que dom Francisco era partido, chegou Luis Mendes, como disse, o qual chegando a Martim Afonso lhe deu desculpas de lhe dom Esteuão nom escreuer, por nom saber que era vindo. E treçou e fallou muyto o que deuia por parte de dom Esteuão, contra o que dissera dom Francisco: no que muyto debaterão. Andaua na India

[1] * o * Autogr.

hum mancebo, que se chamaua Jeronymo de [1] * Figueiredo *, fidalgo, que por ser moucarrão auorrecia a dom Esteuão que o nom podia vêr; o qual, por anojar dom Esteuão, escreueo huma carta de grandes males contra elle e por se congraçar com o Gouernador que viesse; fallando na carta como que sabia de sua vinda, em que lhe dizia que em todo caso, quanto fosse possiuel, acodisse á India, que totalmente estaua perdida de males que tinha feytos dom Esteuão, e grandes roubos, de que temendose de sua vinda, que cuidou que chegasse em setembro, tinha muyto dinheiro junto, e mandados feytos em que destribuia e pagaua todo o dinheiro por seus amigos, e parentes, e criados, tanto que soubera que Gouernador era chegado na barra; que por tanto, se queria achar este dinheiro, que o mandasse tomar de supito, antes que se soubesse de sua vinda; e que tiuesse grande vigia como ninguem passasse á India primeiro que elle, que désse a noua; porque o nauio, e Luis Mendes, a principal cousa a que hia era que achando Gouernador mandasse auiso a grã pressa, muy secretamente, e que nom achando que era vindo Gouernador, que tomasse os cofres das naos e se tornasse com elles, e que todauia deixasse em Moçambique boa vigia, e espia que fosse diante a dar a noua á India, se nas naos que viessem pera o anno viesse Gouernador; o que tudo dom Esteuão fazia por apagar o dinheiro que tinha no tisouro, antes de chegar Gouernador: e com estas cousas outras muytas sustancias contra dom Esteuão, muy erradas da verdade. A qual carta o dito Jeronymo de Figueiredo deu a hum seu criado, em muyto segredo, que a leuasse, e que chegando a Moçambique a désse na mão de qualquer Gouernador que fosse vindo do Reyno; e que se nom fosse vindo Gouernador a queimasse. O qual seu criado foy por despenseiro do mesmo nauio em que foy Luis Mendes; o qual teue bom cuidado do que lhe seu amo encomendára, e deu a carta na mão de Martim Afonso, o qual acabando de lêr a carta a amostrou a todos, * e * fallando com Luis Mendes lhe defendeo que recado nenhum mandasse á India, que assy lho mandaua, por quanto elle em pessoa queria logo passar á India. O qual Luis Mendes, sobre isso e sobre os males da carta, muyto debateo com Martim Afonso; e como era muyto amigo de dom Esteuão nom deu nada pola defesa de Martim Afonso, e fallou com dom Aluaro d'Atayde,

[1] * Figueiro * Autogr.

irmão de dom Esteuão, que vinha por capitão de huma das naos, como já disse, que de anojado com Martim Afonso sobre estes debates de dom Esteuão estaua sempre em sua nao fengindo doença; o qual com Luis Mendes ordenarão hum homem seu criado, que sem cartas, porque lhas nom achassem se fosse [1] * tomado, mandarão * muy secretamente pola terra, e que em qualquer porto que achasse embarcação, que custasse quanto lhe pedisse tudo désse, (pera o que lhe derão quinhentos cruzados) e que em toda maneira passasse á India, e contasse a dom Esteuão tudo o que passaua, e que lhe nom dauão carta porque nom ousauão. Partio este homem, e nom póde ser tão secretamente, que com as muytas vigias que tinha Martim Afonso logo foy sentido, e mandou após elle, e o tomarão, e * o * mandou meter em ferros e lhe tomou os quinhentos cruzados; e prendeo dom Aluaro, e Luis Mendes em outra nao, e então Martim Afonso s'embarcou no nauio de Luis Mendes, com seus criados e priuados, e se partio pera Melinde, pera d'ahy atrauessar pera' India. E mandou ao mestre e piloto da sua nao, que era d'ElRey, que tanto que tiuessem tempo fizessem a nao prestes, e se partissem e fossem direitos a Goa; porque o risco da nao elle o tomaua sobre sy: do que lhe passou mandado. Os quaes logo fizerão a nao prestes, e partirão após Martim Afonso ao longo da costa; o que assy fizerão as outras naos que erão de mercadores, dizendo que pois se arriscaua a nao d'ElRey assy era bem que elles fizessem, que assaz de grande risco e certa perdição era ficarem tanto tempo em Moçambique. E se fizerão prestes todas, e se partirão pera' India em companhia da nao d'ElRey.

[1] * tomado e o mandarão * Autogr.

CAPITULO XL.

COMO MARTIM AFONSO NA COSTA DE MELINDE ACHOU DIOGO SOARES, QUE ANDAUA ALEUANTADO EM HUMA FUSTA, E O PERDOOU E LEUOU COMSIGO, E CHEGOU A GOA, E MANDOU ENTRAR A FUSTA DIANTE, E O QUE PASSOU VENDOSE COM DOM ESTEUÃO.

MARTIM Afonso foy ter em Melinde, onde esteue tomando refresco. Além de Melinde, em hum porto, estaua hum Diogo Soares, (homem fidalgo, que por ser matador d'homens em Portugal o mandarão á India) como omiziado, o qual foy na companhia e ajuda de hum fidalgo de Lacerda, que matou hum homem nas casas do Gouernador dom Esteuão, que por isso o mandou degolar. E este Diogo Soares, que dom Esteuão muyto trabalhou colher ás mãos por n'este caso ser ajudador, e trabalhou muyto polo tomar, dizendo que, por [1] * vingança * de quantos tinha mortos, como trédor e malfeytor o ouvera de mandar enforcar, com o que este Diogo Soares se aleuantou em huma boa fusta com alguns de sua quadrilha, * e * se foy pera' costa de Melinde onde andaua ao [2] * salto, sabendo * que em Melinde estaua Martim Afonso, que hia por Gouernador da India, lhe mandou huma carta em que lhe daua conta de seu omezio, e que dom Esteuão, por lhe assy querer mal, lhe nom quisera dar perdão nem seguro; que elle tinha huma fusta e hum catur com vinte homens pera o seruir; que por tanto lhe mandasse perdão e seguro, com que logo o virião à seruir. Do que muyto aprouve a Martim Afonso, e lhe deu quanto lhe pedio; com que logo se forão onde estaua Martim Afonso, que lhe fez honra e bom gazalhado, que tambem este disse de dom Esteuão muytos males. Com que logo * o Gouernador * se partio de Melinde * e * atrauessando pera' India foy tomar nos Ilheos Queimados, donde mandou diante Diogo Soares na fusta, que se fosse a barra de Goa, e anoitecendo lhe fizesse forol, por elle nom escorrer á barra. O que Diogo Soares assy fez, e chegou á barra a sete dias de mayo, onde o nauio

[1] * vinga * Autogr. [2] * salto o qual sabendo * Id.

tambem foy amanhecer, e sorgio, e mandou entrar na fusta Antonio Cardoso, sacretario, e que da sua parte fosse visitar dom Esteuão, e lhe fazer saber de sua chegada, e que logo com qualquer reposta que lhe désse se tornasse a fusta. E tambem mandou na fusta hum seu capellão francez, que lhe pedio que o deixasse hir pedir as aluiçaras a seus amigos de sua vinda, e «a» outras pessoas, de cargos que lhe Martim Afonso trazia por ElRey. E assy mandou hum Jeronymo Gomes, muyto de sua priuança, a que deu ordem do que auia de fazer. E assy com todos na fusta logo se fez á vela, muyto embandeirada, tirando muytos tiros polo rio acima. Chegou ao caes; ao que acodio muyta gente por saber que noua era; mas elles, nom dizendo nada, sayrão da fusta, e cada hum foy fazer o que lhe era mandado. O sacretario foy a dom Esteuão, que estaua em sua casa, e lhe disse: «Senhor, o senhor Gouernador man-» «da beijar as mãos a vossa senhoria, e faz saber que agora chegou a» «esta barra.» Dom Esteuão respondeo: «Beijo as mãos a sua senho-» «ria. Quem he o senhor Gouernador?» Dixe o sacretario: «He o se-» «nhor Martim Afonso de Sousa.» Dom Esteuão disse: «Boa seja sua» «vinda, e tão boa como elle deseja. E quando virá pera dentro?» Disse o sacretario: «Senhor, logo ha d'entrar. Vou fazer o que me elle man-» «da.» E se sayo e tornou pera o eatur ao caes.

O capellão correo a cidade a pedir as aluiçaras. O Jeronymo Gomes, sayndo da fusta, se foy a casa de Luis de Moura, feytor d'armada do Estreito, e lhe tomou a menagem, e o prendeo, que se fosse com elle, e lhe tomou hum cofre com os papés de sua conta e o leuou, e se foy com elle a casa de Ruy Gonçalues de Caminha, tisoureiro, o qual tambem assy prendeo, mostrandolhe aluará de Martim Afonso Gouernador, em que mandaua que estiuessem presos em suas casas. Então lhe tomou quantas arquas tinha, e lhas meteo todas em huma camara, que fechou, e leuou a chaue, auendolhas por entregues até que lhe déssem outro recado, e lhe tomou o liuro de sua conta, e mandou chamar o escriuão, que com o liuro o leuou á feitoria, onde meteo o liuro com os liuros do feytor, que todos fechou dentro em huma casa. E todos estes officiaes leuou comsigo Jeronymo Gomes, e os embarqou na fusta, e se foy polo rio abaixo, e acharão Martim Afonso no nauio, que vinha á vela no meo do rio, onde todos entrados, o Gouernador lhe fez gasalhado, e lhes disse: «Sois mexericados comigo. Todos vos tornay a vossas pousadas,»

«e d'ellas nom sayrês até volo mandar; e sob pena do caso maior que» «nada bullais na fazenda d'ElRey, que tendes, nem em vossos liuros e» «papés, sem meu mandado, sob pena de perdimento de vossas fazen-» «das.» E os despedio que se fossem, e elle no nauio foy sorgir ás casas d'Antonio Correa, antes de chegar á cidade, onde logo desembarqou nas casas. Ao que veo da cidade toda a gente e fidalgos ao visitar, onde tambem foy dom Esteuão, acompanhado de muytos fidalgos, e Martim Afonso deceo abaixo ao pé da escada, onde ambos se receberão com abraços, com muytas honras hum ao outro, e se assentarão em cadeiras, com muytos fidalgos. Onde assy fallando, chegarão os vereadores da cidade, que pedirão a Martim Afonso que nom entrasse na cidade senão ao domingo, pera em tanto se apreceberem pera lhe fazerem recebimento como deuião; porque isto era a huma quinta feira. Martim Afonso disse que lhe aprazia; ao que dom Esteuão lhe disse: «Senhor, por me a mim fazer» «muyta mercê, isso assy nom seja; mas que logo pola menhã vossa se-» «nhoria ha de hir á cidade, porque logo vos quero entregar vossa go-» «uernança. Pois vos Deos trouxe a tal tempo nom será rezão perder» «eu mais o tempo.» Ao que o Gouernador lhe respondeo: «Senhor,» «nom he pressa, que tempo ha pera tudo; porque o gouerno e mando» «todo he vosso em quanto vós quiserdes, porque assy o manda ElRey» «nosso senhor.» Disse dom Esteuão: «Senhor Gouernador, o cargo he» «vosso, que volo deu ElRey nosso senhor, assy como a mim fez; e» «pois assy he, eu nom tenho mais que fazer nem mandar, aindaque o» «eu pudesse fazer. E por tanto, senhor, no que lhe peço me fará muyta» «mercê em toda' maneira á menhã hir á cidade; porque quero de mim» «tirar esta carga, e poela sobre vossa senhoria. E se per meu rogo isto» «nom quiser fazer, sermeha forçado requererlho.» Então disse o Gouernador que assy o faria como mandaua. Com que ambos se despedirão, e dom Esteuão se tornou á cidade, acompanhado de toda a gente, com muytos fidalgos.

CAPITULO XLI.

COMO MARTIM AFONSO ENTROU NA CIDADE, ONDE DOM ESTEUÃO LHE FEZ SUA RESIDENCIA, E SE FOY APOSENTAR EM PANGIM COM OS SEUS, ONDE PASSOU O INUERNO, E VINDO AS NAOS SE FOY PERA O REYNO.

Ao outro dia, sexta feira pola menhã, o Gouernador se embarqou em muytas fustas e catures, enramados e embandeirados, com muyta gente, e com muytas trombetas, e atabales, e charamellas d'Antonio Corrêa, e chegando ao caes a forteleza lhe fez grande salua de muyta artelharia, e tambem os nauios no mar; onde no caes estaua muyta gente, e dom Esteuão sayo de sua casa a pé, com muyta gente, e foy pera o caes, e entrando o Gouernador pola porta da cidade, junto do almazem chegou dom Esteuão com muyta gente, onde se receberão com grandes honras. Onde logo dom Esteuão lhe fez sua entrega e residencia per apontamentos, e cirimonia de lhe entregar as chaues da forteleza, por sinal e entrega de toda a India, e per rol e apontamento todolas fortelezas, pacificas e desembargadas, com toda' armada, almazens, e cabedal, tudo per escrito em hum caderno, que entregou ao sacretario, de que lhe pedio seu estormento; o que tudo o sacretario recebeo, e depois lhe deu estormento segundo costume. O que acabado, todos juntos mouerão, e forão fazer oração á igreija, onde o bispo lhe fez recebimento com sua cruz e capellães, e deitou benção; e feyta oração se tornarão, e forão ás casas de dom Esteuão, onde na sala estauão mesas postas, em que toda a gente comeo em grande banquete; e elles ambos se recolherão acima e comerão ambos, e acabado o comer ficarão praticando grande espaço, e em tanto se leuou todo o fato de dom Esteuão ás casas d'Antonio Corrêa; o que acabado, dom Esteuão se despedio do Gouernador, que fiqou nas casas, onde dom Esteuão lhe deixou huma muy honrada cama, mas o Gouernador a nom quis, e lha mandou com muytos agardecimentos. E o Gouernador fiqou aposentado nas casas, e dom Esteuão se foy a casa d'Antonio Correa, onde esteue quatro dias. E despachando algumas cousas com o Gouernador, se foy pera Pangim, pera n'elle enuernar, porque já nom era tempo pera se hir pera Cochym, onde ElRey per noua

prouisão lhe mandaua que fosse Gouernador, separado de Martim Afonso, até carregar as naos e se embarquar n'ellas pera o Reyno: e isto per carta patente; o que nunqua até então outro Gouernador teue. E lhe escreueo ElRey cartas de muytos fauores, pedindolhe muytos perdões por mandar outro Gouernador, que nom pudera al fazer, porque chegando Martim Afonso ao Reyno logo lhe dera a gouernança da India na vagante do Visorey dom Gracia; e por assy estar feyto antes de vêr seu recado, por isso nom pudera al fazer; e que seu caso de assy ser feyto Gouernador per sua socessão pusera em direito na Rolação, e que assy sayra por sentença, mas que tudo lhe satisfaria com muytas mercês que lhe faria. Do que dom Esteuão fiqou satisfeito, e se aposentou em Pangim, onde recolheo todos seus criados; onde ally estando, nunqua consentio que ninguem ante elle fallasse cousa boa nem má da India, nem do Gouernador, nem d'ElRey. E se alguma pessoa n'isso rompia pratica, elle lhe pedia por mercê que n'isso nom fallasse nada. No que teue tão grande primor que lhe foy julgado por grande siso d'homem muyto auisado, segundo o que se passou, que adiante contarey.

Martim Afonso, vendose em seu estado que tanto desejaua, logo mandou catures polas fortelezas com suas cartas, a lhe noteficar sua chegada, prouendo em algumas cousas que comprião; e mandou pera capitão de Cochym Payo Rodrigues, porque trazia prouisão d'ElRey que fosse prouido de Cochym, ou Chalé, ou Coulão, de qualquer que estiuesse vago. O qual foy em huma fusta já casy no inuerno, que erão vinte de maio d'este anno, onde os moradores fizerão prazeres á vinda do Gouernador, e cada hum rezaua da feria como lhe hia n'ella.

E quando assy chegou a Cochym esta noua da vinda de Martim Afonso auia guerra antre o Rey de Cochym e o Rey da Pimenta, o qual com muyto poder de gente tinha muyto entrado polas terras do Rey de Cochym, porque, sendo elles amigos, o Rey da Pimenta teue deferenças com o Rey de Porquá, segundo já atrás contey no que sobre isso fizera dom Christouão o anno passado, quando em Cochym enuernou. E porque o Rey de Cochym se pôs de contrabanda, e fauorecia o Rey de Porquá, sem pera isso ter nenhuma obrigação, mais que peitas que antre elles se costumão [1] * dar ao pedir ajuda, por esta * causa o Rey da Pi-

[1] * dar e pedir ajuda e por esta * Autogr.

menta fazia guerra contra o Rey de Cochym, ao que os portugueses nom acodião, nem ajudauão nenhuma das partes, porque ao Rey da Pimenta he o que mais compre conseruarmos pera o auiamento da carregação das naos. E assy tambem o Rey de Cranganor era ordenado com muyta gente contra o Rey de Cochym, por caso de suas deferenças passadas, que já atrás ficão contadas. Os quaes Reys, sabendo da vinda de Gouernador nouo, cessarão por então de brigyjar *(sic)* em suas contendas, com tenção de cada hum se enuiar queixar ao Gouernador da sem rezão que lhe o outro fazia; com esperança que o Gouernador era homem que muyto já sabia de seus debates, que antre elles daria algum bom meo como fossem concordados, ficando cada hum com suas honras, como fosse rezão e justiça. Sobre o que logo escreuerão ao Gouernador cada hum o que lhe compria.

LENDA

DE

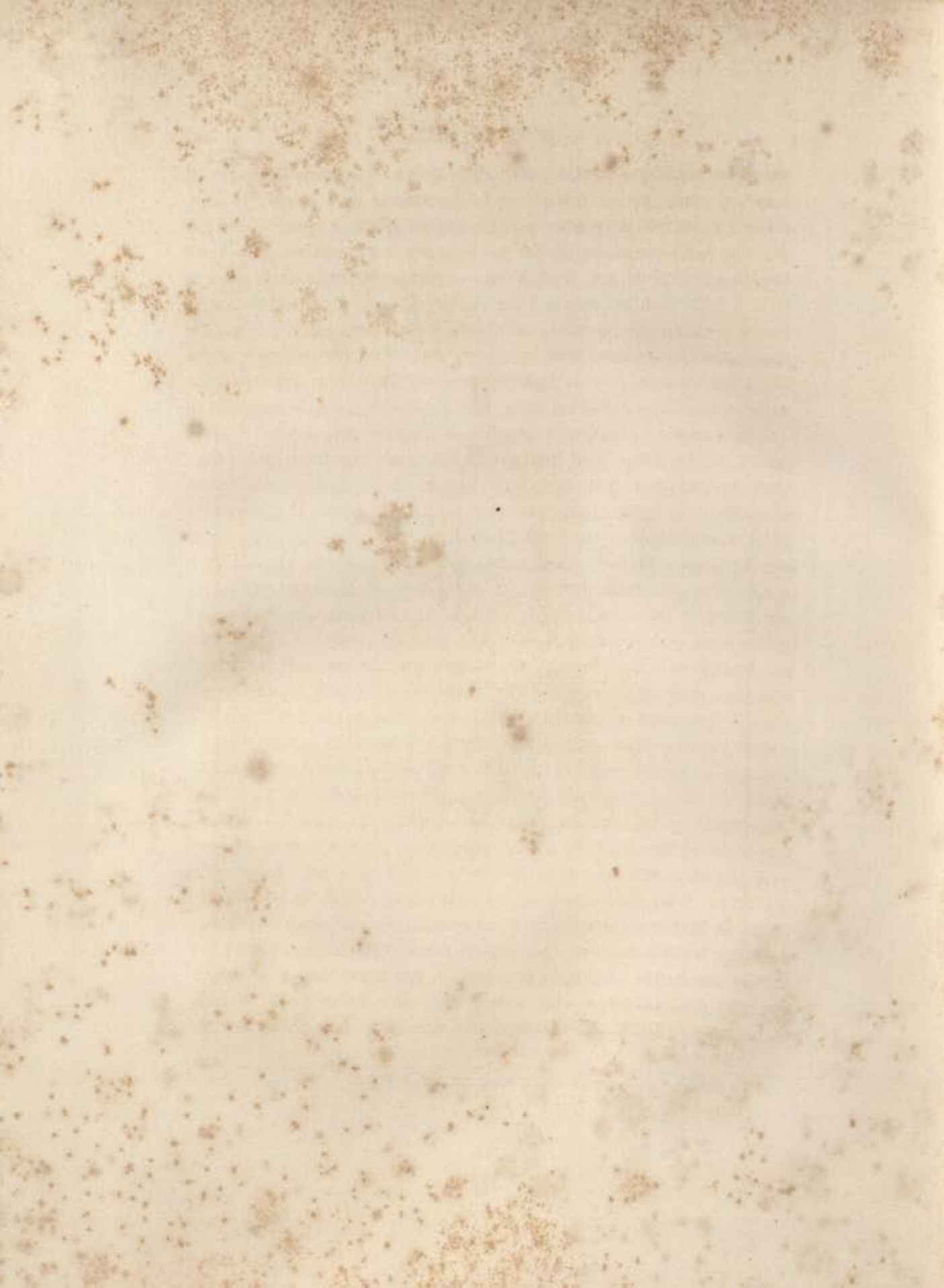
MARTIM AFONSO DE SOUSA

DOZENO GOUERNADOR.

CAPITULO I.

DE COMO A GOA TORNARÃO AS FUSTAS DE QUE FOY CAPITÃO MÓR AO ESTREITO MANUEL DE VASCOGONCELLOS, QUE DOM ESTEUÃO MANDÁRA, E AS NOUAS QUE DERÃO DO QUE PASSÁRÃO.

As fustas que forão ao Estreito tornarão a Goa a oito de mayo, as quaes forão tomar em Çacolorá, onde o xeque veo fallar com os nossos, e lhe dixe que d'ally nom passassem, e se tornassem pera' India, porque elle tinha sabido que no Estreito andauão muytas galés de rumes, e que em Adem estauão galés agardando, a saber se algumas fustas de portugueses entrauão o Estreito. Então lhe disse o capitão : « O Gouernador me » « manda que com estas fustas vá vêr as galés, e vá até o porto de Ma- » « çubá. O que de força hei de fazer, aindaque todolas galés do Turqo » « estêm ás portas do Estreito ; e se as acharmos com isso ganharemos » « muyta honra. » Com o que se partirão, e forão auer vista do porto d'Adem, do mar largos muyto; mas as galés ouverão vista das fustas, e logo tirarão tiros a recolher a gente que andaua em terra, e a isto nom derão muyta pressa, porque nom cuidarão que erão fustas nossas, mas

MARTIM
Aº · DE SOVSA

que erão vellas que corrião pera outras partes. E os nossos correrão de longo, e sendo á vista das portas se concertarão pera pelejar, se comprisse; e entrarão as portas, hindo o capitão diante, e nom acharão nada, e se forão pousar ao Bandel dos malemos, e puserão em terra huma bandeira branqa de paz. Ao que logo seguramente vierão os homens da terra a fallar com os nossos, e lhe vender algumas cousas de comer; e lhe certificarão que em Adem lhe ficauão vinte e duas galés, que estauão agardando que da India viria grande armada. Polo que os nossos se derão a boa amizade com os da terra, pera que lhe déssem auiso vindo as galés; e tirarão as vellas em terra, e as remendarão, e se concertarão do que lhe compria nos nauios, e de noyte se afastauão pera o mar a [1] * dormir, e de dia com * suas espingardas ás costas hião folgar pola terra. Onde assy estando dous dias, hum homem arabio da terra veo a elles correndo, que lhe bradou que vinhão as galés d'Adem. O que ouvido polos nossos, todos se recolherão, mas huns tres, que andauão espingardeando longe pola terra dentro, nom vinhão, e o capitão mandou tirar berços pera que se recolhessem; os quaes andauão tão longe que tardarão muyto, e todos bradauão ao capitão que se fossem e os deixassem, pera que se nom perdessem todos; mas o capitão, que era nobre fidalgo, lhes disse: «Nom digo eu tres homens que fallecem, mas per hum» «só, nom partirey d'aquy sem elle, aindaque sobre mim venhão cem» «galés; que assaz de grande fraqueza nossa seria deixar assy tres ho-» «mens perdidos antre mouros.» Vierão os homens d'ahy a hum espaço; com que recolhidos se fizerão á vella, e se forão descobrir as portas da banda de fóra, e espaço de tres legoas virão e contarão as galés, que todas vinhão á vella per as portas, huma trás outra, com bom vento e muyto por ordem. Então os nossos se puserão á popa polo canal do abexym. As galés, entrando as portas, ouverão vista das nossas fustas; polo que fizerão todas sinal com hum tiro cada huma. Trazião as vellas quarteadas de branco e vermelho, e huma grande bandeira posta no tendal. As fustas leuauão as velas redondas, e por o vento ser muyto as galés as hião alcançando. O que vendo o capitão, que ficaua mais atrás, amainou muy prestesmente, e tirou a vella redonda e meteo a vela de hum ló, o que assy fizerão todos; com a qual detença as galés chegarão a el-

[1] * dormir e de dia e de noite. E de dia com * Autogr.

les casy a tiro de berço. E cuidando os rumes que já os nossos lhe nom podião escapar lhe nom tirarão nenhuns tiros; mas as fustas, como lhe derão as velas de hum ló, tiuerão muyta auantagem no andar, e se alongarão muyto das galés, polo que as galés tambem amainarão, e muy prestesmente tirarão as bordas que trazião, e meterão os artimões: o que seria ás quatro horas depois de bespora. E com os artimões as galés tornarão a hir entrando as fustas, e tanto as alcançarão que lhe começarão a tirar tiros; mas os nossos, nom deixando seu direito caminho, forão assy sempre nas proas das galés, porque se hia çarrando a nóyte tão escura, e com tanto vento, que os nossos se ouverão de perder com o mar, que era grande, que os comia. E as galés erão já sobr'elles, sem os nossos lhe poderem escapar, e já com muyta trouação, cada hum encommendandose a Deos, e fazendo lós a huma parte e a outra, porque as galés lhe nom tomassem o vento, que quando assy se afastauão, que o mar tomaua as fustas hum pouqo atrauessadas, erão [1] *em* ponto de se perder. E hindo assy n'este trabalho, Nosso Senhor acodio com sua misericordia, que quebrou o masto a capitaina das galés, com que tirou hum tiro e fez hum fogo; ao que logo amainarão todas, porque lhe virão a vella no mar. Com que os nossos ficarão seguros vendo assy ficar as galés, mas nom sabendo o porquê, e correrão em popa, assy como hião, até amanhecer, que forão ter sobre huns ilheos, em que de todo se ouverão de perder, e passarão, e se forão a huma ilha que era quarenta e duas leguas das portas. Então pousarão na ilha, e tirarão em terra todo o fato e mantimento, porque tudo era molhado do mar que os entraua, onde enxugando estiuerão todo o dia.

Esta ilha era junto da terra do Preste, que vião a praya. Onde assy estando virão hir pola terra, na borda d'agoa, a recoua de gente com camellos. Ao que o capitão mandou hum catur a saber o que era, e chegando perto da terra a gente agardou que chegasse o catur; mas reconhecendo que erão portugueses deitarão a fogir a grã pressa, e se tornarão por onde vinhão, e forão dar a noua a Maçuhá dos portugueses que hião pera lá. E o catur se tornou pera' ilha, onde lhe veo vento contrairo do que era primeiro; com que os nossos ficarão seguros e descansados de as galés hirem onde elles estauão, e ally dormirão, e ao ou-

[1] *e* Autogr.

tro dia se forão caminho de Maçuhá, onde chegarão a vinte de feuereiro, onde nom acharão gente, que toda era fogida com a noua que lhe deu a gente dos camellos, e sómente ficarão no lugar alguns velhos e [1] * doentes, aos quaes * lhe perguntando por nouas lhe disserão das vinte e duas galés, e que por todolos portos do Estreito erão tomados calafates, e carpinteiros, e ferreiros, e leuados a Suez, onde se concertauão as galés; e que por ally por terra passarão muytos rumes que hião pera o Rey de Zeylá, que os mandára chamar por soldo, pera os trazer na guerra que trazia com dom Christouão, com que algumas vezes pelejára, e sempre fôra desbaratado, com muyta gente morta; polo que mandára buscar os rumes, por se vingar da morte de hum filho e de hum sobrinho que lhe dom Christouão na guerra tinha mortos, e muytas cidades tomadas. Na qual guerra sómente quatro portugueses erão mortos, e o Preste era já restaurado em todo seu Reyno, o qual andaua com seu exercito per hum cabo, e sua mãy com outro, e dom Christouão com outro de grande arrayal, que tudo vencia. E que ao presente se dizia que o Rey de Zeylá estaua prestes com muyta gente, pera dar batalha em campo a dom Christouão; de que se nom ficasse vencedor de todo ficaua destroido, com que de todo ficaria a guerra acabada, se Deos quigesse.

E sabendo os nossos que ahy perto estaua hum capitão do barnegaes, o capitão das fustas lhe mandou recado por hum homem da terra, o qual logo veo a Maçuhá, o qual contou todolas nouas que os outros já tinhão contadas, e que dom Christouão estaua d'ahy caminho de doze dias; pedindo o capitão muy afincadamente que lhe déssem cartas pera elle, porque por ellas prometia dom Christouão muytas mercês a quem lhas leuasse. No que ouverão conselho, e ordenarão mandar dous homens a dom Christouão com muytas cartas da India, de seu irmão, e d'outras muytas pessoas pera os homens que lá andauão com elle; e lhe escreuerão que mandasse quem lhe leuasse muytas cousas que ally trazião, que erão conseruas, e marmeladas, e roupa de vestir, e calçado; dizendo que ally agardarião por seu recado até vinte de março, e que quando tornassem, se no porto de Maçuhá estiuessem galés de rumes, que se fossem pola costa adiante, e que na serra fizessem de noyte tres fogos, e de dia tres fumos, o que do mar elles bem vigiarião, e logo se

[1] * doente com os quaes * Autogr.

lhes mostrarião no mar largo, pera que os conhecessem, e decerião da serra á praya e os tomarião nas fustas. Com o qual concerto se partirão em companhia do capitão do barnegaes.

Como despedirão os dous homens, os nossos se partirão de Maçuhá, e forão polo Estreito dentro caminho de Çuaquem, e achando o vento contrairo se meterão em huma enseada, onde estaua hum lugar despejado da gente, que fogio quando virão entrar as fustas, deixando quanto tinhão. Onde os nossos acharão muyto mantimento de toda' sorte, e camellos que matarão, e vararão as fustas, e as concertarão, e enseuarão com o seuo dos camellos, e tomarão quantos mantimentos quiserão. Onde assy estando, veo da serra hum capitão do Preste e deu aos nossos todolas nouas de dom Christouão, e nom se quis hir sem lhe darem cartas pera dom Christouão, as quaes lhe derão, com que se foy muyto contente, dizendo que dom Christouão a todos prometia muytas mercês a quem lhe leuasse cartas de portugueses. E então os nossos se partirão, e chegarão a Çuaquem a seis dias de março, e acharão a cidade muy aprecebida, com tranqueiras ao longo do rio, com muyta artelharia, com que esbombardearão as fustas, e os nossos a elles; mas vendo que lhe nom podião fazer mal, mas as fustas recebião dano, se tornarão pera fóra, e os mouros, com muytos rumes que com elles estauão, sayrão das tranqueiras com espingardas tirando aos nossos pola banda do rio. Os nossos saltarão em terra com elles, mas logo fogião; com que nom auia senão espingardadas, mas os tiros das fustas alcançarão alguns, com que todos fogirão, e os nossos se sayrão. E porque o vento lhe era contrairo pera hir áuante, ouverão seu acordo, e se forão atrauessando pera' costa do arabio, e forão tomar terra acima de Judá, pera' banda de Suez dez legoas, e chegando a terra ouverão vista de huma nao, na qual vinhão rumes e arabios, os quaes, conhecendo nossas fustas, se lançarão ao parao da nao pera fogirem pera terra, sobre o que vierão a grande peleja antre os rumes e arabios, de maneira que puderão mais os arabios e se forão na barqa, e ficarão os rumes na nao, os quaes, cuidando que por isso saluauão as vidas, deitarão ao mar espingardas e quantas armas auia na nao, por dizerem que nom erão homens de guerra. E os nossos chegarão e entrarão na nao sem os rumes bolirem comsigo; a qual nao vinha carregada de trigo e mantimentos que hia vender a Judá, onde acharão muytas molheres fremosas. Os nossos perguntarão 'os rumes por nouas,

e em todos acharão huma palaura, a saber: que alguns d'elles vinhão da Turquia e vierão pola Ryfa, e s'embarcarão n'aquella nao em Alcocer. E disserão que o Turquo mandára 'Alexandria a certos senhores que lhe fizessem galés em madeira laurada, e em camellos as mandassem a Suez; o que elles assy fizerão com muyta diligencia, que erão senhores muyto poderosos, em maneira que cada dia em Suez se aleuantaua huma galé, onde auia muytos officiaes; onde se auião de fazer de nouo cinqoenta galés, e doze galeões, e se auião de fazer nauios de remo pequenos, como calures, que corressem mais que os nossos. E * assy disserão * que das galés velhas se concertarão vinte e cinco, que o Turqo mandára que estiuessem em Adem; pera pelejarem com nossa armada se lá fosse, e andassem sempre nas portas, pera tomarem qualquer cousa nossa que entrasse; e que em Suez já todas estauão concertadas, e que per todas auião de ser cento e vinte galés e galeões, afóra fustas, e barqos pequenos, e naos grossas pera carregarem mantimentos e monições, que por todas auião de ser duzentas velas. E que o capado fazia e daua ordem n'esta armada, e fazia grande apercebimento de monições e artelharia pera passar á India, mas que se nom sabia a que parte; e que em Suez estauão corenta basaliscos, e muyta soma de peças grossas e miudas; e que se dizia que n'esta armada auia de passar hum grande senhor da corte do Emperador, homem mancebo, grande caualleiro; e que o capado auia de vir n'armada com outro grande homem, pera veadores da fazenda e conselheiros; que este mancebo, por ser muyto da priuança do Turquo, e ter muyta fantesia de caualleiro, pedira ao Turquo esta armada pera com ella hir tomar a India; e que se dizia que com aquella lua auião de partir de Suez vinte galés, pera estarem em Judá, que já ficauão prestes pera partir. O que tudo os rumes affirmarão, dizendo que se os achassem em mentira lhe cortassem as cabeças.

Estando os nossos n'estas perguntas ouverão vista de huma nao grande e outra pequena, as quaes erão de Coje Çafar, [1] * das * quaes nos paraos vierão ás fustas amostrar os cartazes, hum do capitão de Dio pera Suez, e outro do capitão de Baçaim pera Judá, os quaes os nossos lhe guardarão. E perguntandolhe por nouas das galés d'Adem, se as acharão, elles disserão que estauão no porto da cidade de Moca, desapare-

[1] * as * Autogr.

lhadas de todo e sem marinheiros, que todos lhe fugirão; e que a gente d'armas era hida pera o xarife [1] * d'Zebid *, que lhe daua soldo, que tinha guerra com os visinhos; mas isto era falsidade, como se depois soube. Outra gelua pequena vinha de Çuaquem, carregada de mantimentos pera vender em Judá, que tambem derão as propias nouas que os rumes tinhão dito. Os nossos matarão todolos rumes, e tomarão algumas moças fremosas, e vendião os mantimentos ás naos de Coje Çafar, os quaes lhe nom quiserão comprar. Então derão fogo á nao, e se forão ao longo da costa pera Judá, e deixarão hir a gelua que vinha de Çuaquem pera Judá, e lhe consentirão que tomasse as molheres da nao dos rumes, que as nom quiserão os nossos matar.

Hindo assy ao longo da terra, antes de chegar a Judá virão na terra estar varada, atrauessada na borda d'agoa, huma galé bastarda, velha, desconcertada, e deitada á banda, que era das que o capado leuára de Dio, e a deixou ally á costa por fazer muyta agoa. E junto d'ella estaua huma casa grande de palha, em que estaua a monição da galé. Os nossos se concertarão pera sayrem em terra, pera a queimarem; ao que apareceo tanta gente na terra que os nossos nom ousarão sayr, e forão de longo ter na barra de Judá, e virão a cidade, grande, e toda murada e torreada da banda do mar, que faz huma grande baya; o que ella de primeiro nom tinha, quando lá foy o Gouernador Lopo Soares, que então nom tinha ella muro nem torres pola banda do mar, sómente huma cerqua pola banda da terra, e da banda do mar era toda aberta, que polas ruas dentro estauão as galés varadas, com as popas n'agoa, que batia nas casas. Na entrada da baya faz a barra, de muytos penedos * em * que 'agoa nom arrebenta, e se vão encostando a elles, que tem grande fundo.

Estando os nossos na barra virão vir de fóra duas geluas que vinhão pera Judá, as quaes os nossos tomarão, e n'ellas acharão gente da terra com pouqo fato, e lhe perguntarão as nouas dos rumes, as quaes lhe derão assy como já lhas tinhão ditas. E porque nom virão fato que lhe tomar nom tocarão n'ellas, e as deixarão hir pera dentro, dizendo que elles nom fazião mal senão a rumes; e porque as molheres que tomarão da nao dos rumes começarão a gritar, e deitarse aos pés dos nossos, folgarão de as largar, e as meterão nas geluas, e que se fossem em-

[1] * Azebibe * Autogr.

bora: polo que os mouros das geluas lhe beijauão os pés, dizendolhe grandes louvores, dizendo que este tamanho bem que fazião contarião por toda a terra. Estas geluas vinhão de Moca, e derão nouas aos nossos que lhe perguntarão polas galés d'Adem, e elles disserão que as galés forão ter em Moca, e a capitaina sem masto, e contarão que correndo após as fustas dos portugueses com muyta tromenta lhe quebrára o masto, e se ouvera de perder, e que por isso amainarão todas até outro dia, que se forão a Moca e que todas se concertarão muyto bem, e se fora o capitão d'ellas com doze galés estar nas portas, e as [1] * dez as mandára * que fossem a Maçuhá em busca das fustas, e se nom as achassem andassem sempre polo mar, voltando pera todolas partes até vêr se topauão com ellas, e lhe nom escapassem ou as enseqasem.

Sobre estas nouas ouverão os nossos conselho do que farião, e assentarão que em todo caso tornassem a Maçuhá em busca dos homens que mandarão a dom Christouão, que já serião vindos, pera que leuassem as nouas de dom Christouão, que lhe dom Esteuão muyto encomendára. E logo se partirão, e hindo pera Maçuhá acharão huma gelua que vinha de Çuaquem, de que souberão nouas que seis galés estauão em Dalaqua, e quatro estauão em Maçuhá, que sempre andauão no mar, e corrião a todolas partes em busca das fustas. E os nossos lhe nom fizerão mal, e a deixarão hir, e os nossos se forão a huma ilha, onde tomarão agoa, e tomarão conselho como farião pera auerem os homens que erão hidos a dom Christouão, onde assentarão que hum só catur os fosse buscar, porque hum só, topando as galés, muyto melhor lhe podia fogir que todos cinqo. Mas o capitão foy contra isto, dizendo que se hum só catur fosse os homens da serra o desconhecerião, e nom virião abaixo; que por tanto compria que todos fossem juntos. E com isto assy parecer bem a todos logo se partirão, e chegando á vista da terra hião vigiando os sinaes dos fogos e dos fumos, e forão aportar duas legoas acima de Maçuhá, onde estiuerão de noyte, e em amanhecendo se tornarão pera o mar, porque se os homens estauão na serra os vissem. E sayão á vella pera o mar, e sendo craro dia virão vir da terra cinqo galés á vella, que auião já vista das fustas: o que os nossos vendo se puserão em fogida. E porque o vento era muyto, e as galés os alcançauão, os nossos, á vella

[1] * dez que as mandára * Autogr.

e remo, se forão tanto a barlauento que de todo as deixarão até as perder de vista; o que foy em espaço de doze legoas. E nom parecendo já as galés, os nossos pousarão em huma ilha rasa d'arêa, no mêo do mar, onde repousarão e comerão, que era já depois de bespora, que os marinheiros hião muy cansados. E sendo casy sol posto, [1] *que* as galés tornarão 'aparecer, porque caminharão o alcanço pola derrota que virão leuar aos nossos, os nossos, que tinhão boa vigia nos mastos dos caturres, logo se fizerão á vela e remo, sempre pera balrauento, até se çarrar a noyte, que os perderão de vista, e forão tomar em outra ilha junto de Dalaqua, onde dormirão. Onde per conselho tornarão 'assentar que hum só catur tornasse a buscar os homens de dom Christouão, que era mais seguro e milhor ordem, pera os outros catures se tornarem pera' India, a dar as nouas ao Gouernador que tanto releuauão. Então escolherão o milhor catur de vela e remo, que foy o de Manuel da Fonseca, o qual assy hindo só, auendo as galés vista d'elle cuidarião que era gelua, e nom atentarião tanto n'elle como farião vendoos todos juntos, que de muy longe os conhecião; e que ally n'aquella ilha se deixasse estar quatro dias, porque já então cuidarião as galés que já erão hidos per as portas. E lhe mandou o capitão que agardasse polos homens até oito d'abril, e que nom vindo se fosse pera' India. O que tudo assy assentado, as quatro fustas partirão caminho das portas; o que foy a vinte e oito de março, e se forão por meo do mar, porque da terra nom fossem vistos e fossem dar auiso ás galés que estauão ás portas, e correrão polo canal do abexy, e compassarão seu andar como anoitecerão cinquo legoas das portas, leuando muyto vento; e se acostarão á terra da banda do abexym quanto puderão. Pegados na terra, caladamente andarão com a noyte, que era muyto escura. Sayrão polas portas sem serem sentidos, que quando amanheceo erão fóra das portas tres legoas, e se forão a Zeylá, onde chegarão a oito d'abril, que foy dia de Pascoa, onde tiuerão a festa com muyto prazer, porque toda a gente da terra fogio, e acharão nas casas muytos mantimentos de que tomarão pera o caminho, mórmente de carneiros de rabadas, gordos, que acharão muytos. E alguns pobres e doentes que nom fogirão, que estauão nas casas, disserão que ally lhe dauão nouas, os que vinhão por terra, que os rumes tinhão

[1] *e* Autogr.

tomadas cinquo fustas de frangues que [1] * entrarão * nas portas: então os nossos lhe contarão o que passarão com as galés.

Os nossos se partirão nauegando ao longo da costa do * [2] monte de Feliz *, onde tomarão naos, em que nom tocauão, porque leuauão cartazes dos capitães de Dio, Baçaim, Chaul; e do [3] * monte de Feliz * atrauessarão caminho da India, que foy a vinte e quatro d'abril, e acharão tempos brandos á sua vontade.

Vindo assy na paragem de Çacotorá, toparão com a não capitaina de Martim Afonso, Gouernador, que hia atrauessando pera' India, com a qual fallarão, e contarão as nouas que trazião do Estreito, e lhe derão carneiros e manteiga; e porque a nao nom andaua tanto as fustas a deixarão, e forão seu caminho pera' India, onde chegarão em treze de maio d'este anno presente. O catur que fiqou no Estreito andou dentro tres meses, de hum cabo pera outro, fogindo sempre ás galés; porque perdia humas de vista e hia topar com outras, porque ellas se espalharão de duas em duas, por tomarem todo o mar. O catur muytas vezes tornou á vista de Maçuhá e de longo da costa, e nunqua vyo nada dos sinaes que esperaua dos homens da serra, e sendo o tempo que lhe fiqou lemitado se foy caminho das portas pera se sayr, e nom póde, porque as galés tinhão muyta vigia, por já saberem que quatro fustas erão fóra, e huma andaua em Maçuhá. E por isso, nom podendo sayr pera fóra, se tornarão pera dentro, onde andarão tres meses com muytos trabalhos e perigos da vida, e em agosto sayo huma noyte * o catur * per junto das galés, que o sentirão, mas porque o tempo era calma as galés o nom puderão alcançar, e se foy a Çacotorá, e d'ahy se foy a Goa.

[1] * entrão * Autogr. [2] * monte de Fellex * Id. [3] * monte de Fellex * Id.

CAPITULO II.

COMO ESTANDO DOM ESTEUÃO ENUERNANDO EM PANGIM, ALGUNS FIDALGOS LHE DIZIÃO QUE MANDASSE PEDIR AO GOUERNADOR QUE SOLTASSE SEU IRMÃO DOM ALUARO, QUE PRENDERA EM MOÇAMBIQUE, O QUE DOM ESTEUÃO NOM QUIS FAZER, E AS REZÕES QUE A ISSO DAUA.

Dom Esteuão, que estaua em Pangim, era homem de trinta e seis até trinta e oito annos, muy bem apessoado, hum pouqo sobre o pequeno; homem muy sesudo, e de boa falla. E como muyto auisado, por auitar enconuinientes e desgostos, que nom faltão, d'homens ouciosos, ou a que elle tiuesse desaprazido em cousas de seu cargo e gouernança, e tambem por nom vêr desfauores a seus amigos e criados, se foy assy aposentar e recolheo em Pangim com todos os seus. Onde assy estando, folgaua e tinha passatempos com seus amigos, que o lá hião visitar; onde teue tanto resguardo que nunqua a nenhuma pessoa consentia, que pouqo nem muyto, mal nem bem, fallassem em Martim Afonso, nem de seu bom nem máo gouernar. E se algum n'isso mouia pratica logo lhe hia á mão, e nom consentia hir a pratica áuante, e fallauão em outra cousa. Alguns seus amigos lhe reprendião nom mandar recado ao Gouernador pera que soltasse da menagem a seu irmão dom Aluaro, que inda estaua preso; ao que lhe dom Esteuão respondia: « Nom quero aleuantar este fogo, » « que me dê mais paixão da que me dá; porque o senhor Gouernador » « partio de Moçambique com muyto cuidado de me tomar de supito, e » « me achar nas mãos os males que lhe de mim disserão, (do que me » « Nosso Senhor saluou, porque sabe meu coração que tal he pera seu » « seruiço e d'ElRey nosso senhor) e veo assy per modos sollicitos, mos- » « trando que se viera descuberto e vagaroso que eu me pusera em sal- » « uo, o que em assy o fazer tão sabiamente atalhou a malles que lhe » « disserão que tinha pera fazer da fazenda d'ElRey. E com este prepo- » « sito e arte chegou a Goa, e sem me vêr, nem de mim querer saber » « nada, mandou prender officiaes, e tomar chaues e liuros, porque eu » « nom tiuesse por onde escapar. E fez estas e outras cousas segundo de »

« mim tinha a enformação, e o zello que trazia de seruir ElRey nosso »
« senhor, porque más lingoas pera danar, d'homens viciosos que ha na »
« India, nunqua faltarão. Pois as ouve pera os Gouernadores passados, »
« assy os ouve pera mim, e nom faltarão pera os que forem d'aquy até »
« que a India feneça; e d'estes nom faltarão pera Martim Afonso, inda- »
« que elle seja mais véro que Trajano. E com este impitu com que me »
« veo buscar prendeo meu irmão, e o tem preso, e se pera o soltar lhe »
« mandasse fallar pareceria que o tinha preso com alguma rezão, e nom »
« o soltando seria pera mim noua prisão de dobrada paixão. Tenhao »
« preso quanto lhe prouver, que elle o soltará quando o merecer; que »
« milhor he que elle o solte per sua vontade que per meu rogo. E se em »
« sua prisão lhe fez agrauo, eu nom tenho poder pera o desagrauar. »
« Lá está ElRey no outro mundo, a que se queixará, que o póde des- »
« agrauar, se quizer; e por tanto o milhor de tudo me parece o bom cal- »
« lar. E rogo a Nosso Senhor que nom aja causa pera fallar mais do que »
« eu desejo. »

CAPITULO III.

COMO O GOUERNADOR, COM AS NOUAS QUE TROUXERÃO AS FUSTAS DO ESTREITO MANDOU APERCEBER 'ARMADA, E ALGUNS FIDALGOS, MANHOSAMENTE, DIZIÃO A DOM ESTEUÃO QUE AJUDASSE AO GOUERNADOR PERA HIR CONTRA OS RUMES, E O QUE DOM ESTEUÃO RESPONDIA, VISITANDOSE AMBOS MUYTAS VEZES.

Com a chegada das fustas do Estreito e da tão certa noua que derão dos rumes, o Gouernador se pôs em grande pressa de concertar 'armada que auia em Goa, e mandou a Cochym dar pressa que se acabasse hum galeão e quatro carauellas que se lá fazião, que começára dom Esteuão, e mandára fazer muy fortes, como albetoças, que se podião remar, e cada huma podia tirar por proa hum basalisco, e seis peças grossas polas bandas. E mandou repairar toda a fustalha que ElRey tinha, e que tomou de partes; e como o nauio era concertado o punha no mar com sua agoada e artelharia dentro, com toda sua monição. No que passou todo o inuerno.

Martim Afonso, como se presaua de ser muyto sagaz, tinha modos como sabia o em que dom Esteuão passaua tempo, e soube como nom consentia que ante elle se fallasse, pouqo nem muyto, das cousas da India. E como nom faltão más tenções, hião muytos fidalgos visitar dom Esteuão, e segundo disserão hião ordenados de Martim Afonso; os quaes estando com dom Esteuão mouião muytas praticas das que dom Esteuão fogia; em que ouve alguns que o tocarão que faria muyto seruiço a El-Rey, e muyto comprimento a sua honra, que n'este feyto dos rumes ajudasse com sua fazenda e pessoa; por * que * sendo elle pessoa tão principal podia muyto ajudar a soster hum tamanho peso, como [1] * seria * d'estes rumes, se [2] * vinhão * tão poderosos como [3] * dizião *; que hiria elle com parte d'armada com sua bandeira, e o Gouernador com a sua, que ouvindo os rumes que contra elles hião dous Gouernadores da India isto só abastaua pera os vencer e desbaratar; no que estaua muy certa a vitoria. E que aquecendo algum desastre d'algum d'elles, ficaria a [4] * oste * ao outro, com que de todo se acabaria o feyto. E que a cousa de que auia mór necessidade era elle estar junto com o Gouernador, pera ambos fallarem e ordenarem com bom conselho o muyto prouimento que compria; no que muyto faria grande ajuda, por ter mais enformação das cousas presentes do que ora podia ter o Gouernador. * E hião * mouendo estas praticas com dom Esteuão como em modo d'amigos, e a bem de pratica. Dom Esteuão era muy entendido, e sospeitando que como lho fallauão assy o praticarião com o Gouernador, nom lhe queria responder, e mudaua a pratica em outras sostancias, até lhe elles dizerem que ao menos se deuia mandar offerecer ao Gouernador pera isso, com que tanto compria com sua obrigação. Então dom Esteuão lhe quis responder, e disse: « Eu conheço o senhor Martim Afonso por tão especial em fineza »
« d'honra, que indaque o mar estê cuberto de [5] * rumes fico que elle »
« jámais mostre * que tem necessidade de ninguem pera o ajudar; nem »
« menos tem necessidade de conselho meu, porque elle sabe mais da In- »
« dia que ninguem, polo muyto que a tratou na guerra do mar e da ter- »
« ra; e muyto menos meu conselho lhe fará falta onde ha tantos bons »
« fidalgos, e capitães tão usados nos feytos da India, no que meu con- »

[1] * será * Autogr. [2] * vem * Id. [3] * dizem * Id. [4] * ostee * Id. [5] * Rumes elle mostre * Id.

«selho seria o somenos de todos. Porque eu nunqua dei conselho nom»
«o saberia dar, porque sempre mo derão, e per conselhos alhêos fiz o»
«que fiz, porque nom tinha tanto saber nas cousas da India como ora»
«tem o senhor Gouernador, polo muyto que a tratou, [1] *o qual* he»
«tão entendido no que compre que tem bem escusado o conselho de nin-»
«guem; e isto assaz manifesto he. E quanto a hir 'armada feyta em»
«dous corpos, com duas bandeiras, e estrondo de dous Gouernadores,»
«com que seria mais [2] *certa* a vitoria dos rumes, eu confesso que»
«pola misericordia de Nosso Senhor elles serião desbaratados, e confio»
«que assy o serão com huma bandeira como com duas, como atéquy»
«sempre fez, por sua piedade, em tantos feytos n'esta India. E afóra»
«'ajuda de Nosso Senhor, que he sempre comnosco, o desbarato e ven-»
«cimento dos rumes está muy certo, como souberem que o senhor Go-»
«uernador os vay buscar, de que já tem tanta fama de seus tão hon-»
«rosos feytos: do que meu trabalho e despeza tudo ficaria em a elle»
«fazer o seruiço, pois a honra da guerra se dá ao capitão, postoque os»
«militantes leuem o trabalho e fação o feyto. O senhor Gouernador tem»
«a vitoria certa nas mãos, que Nosso Senhor lha dará como elle dese-»
«ja, e será toda sua, que Deos lhe ordenou que elle gouernasse a In-»
«dia em tempo de ganhar tanta honra. E quanto a hirem duas bandei-»
«ras pera resguardo de ficar 'armada prouida, se a hum de nós aque-»
«cesse desastre, a mim só caya essa grande mercê, que me Nosso Se-»
«nhor podia fazer, acabar meus dias em seruiço seu e d'ElRey nosso»
«senhor, sob o mando e bandeira alhêa; que postoque a eu leuasse,»
«eu nom auia de hir senão por onde me fosse mandado. Assy que mor-»
«rendo no feyto fiqaua com a honra que vedes. Pois se o desastre fosse»
«do senhor Gouernador, que eu viuo ficasse, que mór desastre e peri-»
«go maior podia ser que ficar por mandador homem engeitado por El-»
«Rey? Que nom seria mais minha honra que até chegar a terra e obe-»
«decer de nouo ao Gouernador que se achasse na socessão; com que»
«minha candêa ficaua mais apagada do que agora está, sem poder fa-»
«zer bem, nem pagar aos que comigo fossem no trabalho. Assy que me»
«parece que quem bem consirar n'estes contrastes que estas cousas em»
«sy tem, e outros muytos que lhe achára quem os bem espicolar com»

[1] *e* Autogr. [2] *certo* Id.

«as obrigações da honra, nem por sentido deuia de fallar n'estas cou-»
«sas; pois seria tão manifesto erro eu entender em nada, sendo homem»
«tão mal afamado de tantos males como de mim disserão, e escreue-»
«rão a Moçambique em tanta maneira, que conueo ao senhor Gouerna-»
«dor, por seruiço d'ElRey, virme tomar salteadamente, antes que me»
«eu pusesse em saluo. Pois se isto assy he, que seruiços nem trabalhos»
«podia eu fazer que me fossem louvados por bons? O melhor de tudo»
«he que os meus senhores e amigos escusem taes praticas tão escusa-»
«das, pois o senhor Gouernador he para muyto mais do que ninguem»
«nom sabe, e os Gouernadores tanto que são desapossados logo ficão»
«tão condenados como eu; do que me nom posso agrauar senão quan-»
«do vir gouernador desapossado de que nom digão mal. Os rumes se»
«vierem, e eu aquy for presente, Deos me dará entendimento que en-»
«tão faça o que deuo a Deos, e a ElRey, e mim.»

O Gouernador, enformado d'estas praticas e repostas, vio bem que dom Esteuão tinha o sentido muy desuiado do que elle cuidaua, e fauorecia e louvaua muyto suas cousas, e soltou seu irmão dom Aluaro, e lhe fez comprimentos de desculpas. E algumas vezes mandou visitar dom Esteuão, e d'ahy a huns dias se meteo em hum catur e o foy vêr a Pangim; ao que dom Esteuão sayo e o foy receber na borda d'agoa com muytos comprimentos d'honras e cortezias, fallando ambos em pubrico e [1] «apartado» cousas que lhe comprião. Com que com muyta amizade se despedirão, e se tornou o Gouernador á cidade, e depois dom Esteuão o foy visitar, e foy por terra muy acompanhado de muyta gente de cauallo, onde esteue com o Gouernador todo o dia, e se tornou a Pangim. E sempre ambos se muyto acatarão e tiuerão muytos comprimentos d'honra e boa amizade.

[1] «partado» Autogr.

CAPITULO IV.

COMO FALECEO O REY DE BISNEGÁ, E FICOU REY SEU FILHO MENINO, NO QUE OUVE ALEUANTAMENTOS, E DERÃO GRANDE PEITA AO IDALCÃO OS ALEUANTADOS, O QUAL COM MUYTA GENTE ENTROU EM BISNEGÁ, ONDE FOY MALTRATADO, E MUYTA GENTE MORTA, E FOGINDO SE TORNOU AO BALAGATE.

N'ESTE tempo aqueceo que morreo o Rey de Bisnegá, de que nom fiqou herdeiro, sómente hum filho menino, que o tinha em poder hum seu tio irmão do Rey morto, o qual Rey morto era Rey tyranamente e contra direito. Sendo o Rey assy morto, o regedor que o tinha em poder se aleuantou logo com o menino, fazendose titor, e regedor de todo o Reyno. Sobre o que ouve defferenças, porque os grandes do Reyno nom querião n'isso consentir, e dizião que o menino fosse posto em lugar liure, e que então per conselho de todo o Reyno fossem feytos dous regedores e titores, e que estes regessem o Reyno assy com aprazimento do pouo. O regedor que tinha o menino, porque sentia que a elle auião de deitar de fóra, nom consentia, e por ter o tisouro em poder, largou da mão com que aquirio pera sy alguns grandes, com muyta gente com que se sostinha; e tambem nom apertauão na cousa porque os grandes, com estas defferenças, cada hum se foy pera suas terras, e reinauão n'ellas, e as comião como Reys. A Raynha mãy do menino, vendo este mal, e que por assy nom consentir o regedor no que queria o pouo, e todos, por isso estauão aleuantados, e comião o Reyno que era de seu filho, e se destroía, carteouse com o Idalcão, que com todo seu poder fosse a Bisnegá, e fizesse como seu filho fosse feyto Rey, com seus titores, assy como os grandes o querião fazer, pera ficar seu reynado pacifiquo; e por elle tomar este trabalho lhe pagaria toda sua despeza, e lhe daria mais hum conto de pardaos d'ouro. Do que ao Idalcão muyto aprouve, e logo se aprecebeo com muyta gente, pera que a Raynha lhe mandou muyto dinheiro, e com grande poder abalou pera Bisnegá, e do caminho despedio hum messigeiro pera o regedor que tinha o menino, notificandolhe ao

que hia; que por tanto logo entregasse o menino, e o deixasse fazer Rey, com seus regedores, assy como o querião fazer os senhores do Reyno. O regedor mostrou que lhe prazia o recado do Idalcão, e deu boa reposta ao messigeiro em pubrico de muytos, e logo em secreto escreueo ao Idalcão que nom fosse contra elle, porque a Raynha era huma pobre molher pera lhe dar o que lhe elle daria, se fizesse o que lhe pedia, que era nom passar áuante; e por encobrir sua cousa, e leuar da Raynha o que lhe daua, fengisse alguma doença, com que se d'ally tornasse pera seu Reyno. Do que ao Idalcão aprouve, por muyto dinheiro que lhe o regedor mandou.

O proprio Rey de direito, a que era tomado o Reyno, estaua preso em huma forteleza, o qual logo foy solto, e com elle se ajuntarão muytos que o ajudauão; o qual tambem mandou cometer ao Idalcão que pois sabia que era Rey de direito que o ajudasse como ouvesse seu Reyno, e que fazendoo Rey assentado em seu Reyno, lhe ficaua n'esta tamanha obrigação, e como irmão lh'entregaria todos seus tisouros, pera d'elles e do Reyno fazer o que quigesse, porque tudo ficaua em sua mão. O Idalcão, vendose cerquado de tão grossas peitas, auendo conselho com os seus assentou todauia hir a Bisnegá, e que podia ser que as cousas socedessem como ficaria Rey do Reyno; e á Raynha mandou dizer que elle hia comprir o que lhe ella mandaua, e poer o menino em liberdade, e o fazer Rey assentado, com seus regedores, como ella queria que fosse; e mandou dizer ao regedor que elle hia pera o fazer assentar em paz com todolos grandes, como estiuesse seguro como estaua. Mas a tenção e conselho que o Idalcão leuaua era entrando em Bisnegá recolher a seu poder o menino, e em modos de concertar seu reinado auer a seu poder o tisouro, o qual parteria com grandes, a que faria grandes larguesas, e poeria detenças nas cousas, com que se hiria metendo em posse do regimento e gouerno do Reyno, e nom entregaria o menino a ninguem, dizendo que *era* por euitar ouniões e debates; e sendo assy apossado do Reyno se aleuantaria por Rey, e diria ao regedor que depois de ter o Reyno assy assentado lho entregaria, com o menino. E com estes enganos entrou em Bisnegá. Do qual os do Reyno tomarão muyto arreceo que se apoderasse do Reyno, e se aleuantasse com o Reyno; do que logo muytos se concordarão com o irmão do Rey morto, que era Rey de direito até o menino reynar, dizendo que todos o ajudarião a ser Rey,

pera que se nom perdesse o Reyno, ficando elles em poder do Rey mouro, sendo elles gentios. Sobre o que logo se fizerão grandes consultas antre elles, e se ajuntarão muytos no querer do Rey, com grandes gentes que logo ajuntarão.

O Idalcão estaua junto da cidade em seu arraial. Derão os canarás sobre elle e lhe matarão muyta gente e capitães, e o Idalcão foy ferido, e se acolheo meo desbaratado, e ficou o regedor assy apossado do Reyno, com muytos de sua valia; e outros grandes nom querião contender em nada, porque estauão possantes cada hum em suas terras, e as comião, e reynauão n'ellas sem obedecerem a nada, e polo Reyno se fazião roubos e males a que ninguem acodia. E assy esteue Bisnegá huns tempos, até que teue Rey, como adiante direy.

CAPITULO V.

COMO A GOA CHEGARÃO EM JUNHO AS NAOS QUE FICARÃO EM MOÇAMBIQUE D'ARMADA DO GOUERNADOR, E A NAO DO GOUERNADOR SE PERDEO, E DE CALECUT VEO AO GOUERNADOR AUISO QUE VINHÃO RUMES.

No mês de junho forão ter a Goa as quatro naos de mercadores que vinhão de Moçambique, e de Goa lhe leuarão logo amarras e ancoras, e muytos catures esquipados, que atoarão as naos e as meterão no rio de Goa a velha, onde passarão o inuerno; mas a nao do Gouernador tomou outro caminho, e foy tomar terra á vista de Baçaym, e querendo nauegar pera Goa, sendo defronte do pagode antre Baçaim e Chaul, lhe deu tempo com que foy á costa, de que se saluou pouqua cousa, indaque lhe acodio o feytor de Baçaim e se fez muyta diligencia; mas tudo foy da fazenda d'ElRey, que todo o mais dos passageiros se perdeo, em que ouve grande perda. Mas por direita verdade, se a ouvera, Martim Afonso deuera de pagar tudo, pois sem necessidade mandou passar esta nao á India, que pudera passar em setembro, que era o tempo pera' carregação, e sem necessidade se perdeo esta nao.

Em agosto foy ter em Calecut huma nao de Meca, carregada de cifa, que lá foy ter por errar a nauegação, e hum judeu que n'ella vinha

por passageiro se foy logo a Chalé, e disse ao capitão que o encaminhasse como fosse ao Gouernador, a darlhe as nouas dos rumes, que estauão prestes pera sayr do Estreito; e porque o tempo era forte pera nauegar, o encaminhou por terra com patamares, com hum filho seu. E sendo o judeu partido a nao começou a descarregar, e pareceo per baixo, que era huma grande fusta malauar que fôra de Calecut auia dous annos, e os rumes no Estreito a trouxerão sempre em seu seruiço, que fòra carregada de pimenta e tauoado, e agora a fretarão a mercadores passageiros pera Cambaya, antre os quaes erão dous [1] * rumes. Debaixo * da cifa, antre o lastro, trazia quatro tiros grossos, e outros miudos, e sessenta mil venezeanos em ouro, que hião a Coje Çafar dirigidos, pera com este dinheiro ter prestes prouimento de cousas necessarias pera 'armada dos rumes que auia de vir. E sayo do Estreito em companhia d'outras vellas, que erão trinta, que forão sorgir no porto d'Adem, em que vinhão tres mil rumes e trazião muytas monições que ahy auião de tomar os rumes, e sorgindo as outras velas esta passou de longo, por assy vir ordenada; mas o tendel, que era o piloto, fezse errado na nauegação, dizendo que nom sabia onde era, e foy tomar no porto de Calecut, dizendo que ally tomarião o que auião mester, e que com cartaz do capitão de Chalé, que aueria, logo partirião pera Cambaya. Mas o tendel como foy a terra descobrio a ElRey todo o segredo da nao, com que ElRey mandou que descarregassem a nao, e lhe tomou o dinheiro e artelharia, e deixou hir os mercadores por onde quiserão. E sabido isto tudo polo capitão de Chalé o escreueo ao Gouernador a grã pressa; o que já tudo assy lho tinha contado o judeu. Sobre o que logo o Gouernador mandou recado a ElRey de Calecut, pedindolhe que lhe entregasse tudo aquillo que trazia a nao, porque era de rumes nossos imigos, que com erro de nauegação forão ter a seu porto. ElRey se escusou, dizendo que por a nao assy perdida de nauegação hir ter a sua terra era sua de rezão; que por tanto nom era rezão pedirlhe d'ella nada.

[1] * Rumes que debaixo * Autogr.

CAPITULO VI.

COMO ELREY DE CAMBAYA MANDOU AUISO AO GOUERNADOR QUE PASSAUÃO RUMES Á INDIA, A QUAL PASSAGEM SE TORNOU A DESFAZER POR MANDADO DO TURQUO, E NOM SE SOUBE O PORQUE.

Tambem n'este inuerno mandou ElRey de Cambaya recado ao Gouernador certificandolhe a vinda dos rumes no verão que vinha, e que erão já prestes com muyta gente e grande armada; que lho fazia saber como amigo, pera que estiuesse prestes do que lhe compria; e que lhe certificaua, como Rey de Cambaya que era, que por muytos nem pouqos que elles fossem em seu reyno os nom consentiria. Ao que o Gouernador respondeo com muy grande comprimento d'agardecimentos, com muytas cortesias, dizendo que de hum tamanho Rey e senhor como elle era, nomeado polo mundo todo, se nom esperaua outra cousa de fazer tanta bondade, polo que ElRey de Portugal lhe ficaua em obrigação de propio irmão, e elle, com todo poder que tinha em toda a India, o seruiria em tudo o que pudesse, que lhe su'alteza mandasse. E postoque este recado assy pareceo bom, o Gouernador n'elle nom confiou nada, que bem entendeo que erão isto comprimentos dessimulados por em tanto, até que os rumes viessem, e vissem o que comnosco passauão. Depois vierão cartas ao Gouernador do capitão de Dio e do capitão de Baçaim, que tinhão sabido de muytos mercadores de Cambaya, que erão vindos do Estreito, que este anno nom passauão rumes, e que tornarão a desarmar a armada, e que isto fôra por recado que viera do Turquo, sem saberem a rezão porque. Com o que o Goueruador repousou hum pouquo do muyto trabalho que trazia, e mandou recado a Cochym que nom déssem pressa na obra da Ribeira, e mandou este recado ao Rey de Cochym e da Pimenta, e ao de Cranganor, porque a todos já mandára dizer a noua primeira.

CAPITULO VII.

COMO ANRIQUE DE SOUSA COM ARMADA FOY GUARDAR A COSTA DO MALAUAR, E O QUE N'ISSO FEZ.

Além de Baticalá, no rio de Bandor, se fez hum ajuntamento de ladrões em fustinhas, que andauão ao salto, que tinhão feyto muytos roubos; com que erão já muytos. E como o verão entrou mandou o Gouernador sobre elles Belchior de Sousa com doze fustinhas e catures, o qual tomou a boca do rio de Bracelor, e do rio de Bandor, porque nom fogissem, que estauão dentro dezoito paraos d'elles pera sayrem. E porque os roubos que fazião estes ladrões os hião vender a Baticalá, onde tambem armauão com elles, o Gouernador mandou requerer ao Rey de Baticalá que lh'entregasse estes ladrões, e lhe désse fiança que nunqua mais com elles armassem, nem os consentisse em seu rio; senão que lhe aleuantaria o porto. E andarão n'isto com delongas, e mentiras, e escusas, porque Baticalá nom tinha Rey, que era morto em Bisnegá, e andauão todos aleuantados. Então os nossos entrarão o rio, e forão por elle tres legoas per muytos esteiros que estauão atupidos com aruores cortadas e com entulhos, e todauia os nossos chegarão aos paraos, e os queimarão, e tomarão os milhores, e queimarão algumas pouoações; em que ouve muyta frechada e espingardada, e alguns mortos e feridos, mas a ladroeira fiqou desfeita.

CAPITULO VIII.

COMO DOM ESTEUÃO APRESENTOU NOUA PATENTE DE GOUERNADOR PERA FAZER A CARGA DAS NAOS EM QUE SE FOSSE PERA O REYNO; PEDINDO AO GOUERNADOR QUE A COCHYM NOM FOSSE, E O DEIXASSE FAZER A CARGA, O QUE LHE O GOUERNADOR CONCEDEO, E O NOM COMPRIO, E O QUE N'ISSO SE PASSOU.

Como entrou o verão dom Esteuão estaua prestes, e mandou amostrar ao Gouernador a patente que lhe ElRey mandára, em que o fazia nouamente Gouernador com toda' alçada e jordição em Cochym, em toda a negociação da carga, até se partir com as naos pera o Reyno; pedindolhe, que pois ElRey assy o auia por bem, que lhe pedia por mercê que confiasse d'elle aquelle trabalho, e escusasse de hir a Cochym, porque em Cochym nom podião estar bem dous Gouernadores. O Gouernador lhe respondeo por sua carta que auia por boa sua prouisão, e que se comprisse como su'alteza mandaua, que elle enteiramente tudo fizesse; e que a Cochym nom hiria, senão se muyto comprisse a seruiço d'ElRey. E dom Esteuão se fez prestes em huma sua fusta, e se foy primeiro despedir do Gouernador, e s'embarqou e partio; e partio tambem em sua companhia, que hia pera Ceylão a buscar a canella em hum galeão, Francisco Dayora, e Antonio Pessoa em outra nao, que de lá era vindo per mandado de dom Esteuão, por grandes defferenças que ouve, hindo lá por feytor e alcayde mór, com Duarte Teixeira que lá estaua; os quaes ambos dom Esteuão mandou vir de Ceylão, e ora o Gouernador Martim Afonso mandaua Antonio Pessoa que fosse seruir seu cargo. E assy mandou a Cochym seu priuado Jeronimo Gomes, com dinheiro pera' carga. E tambem o Gouernador no inuerno mandou este seu criado com presente a visitar o Acedecão, capitão do Idalcão, comarcão das terras de Goa; e lhe mandou de presente hum ginete atabiado, e peças de seda, e outras cousas com que muyto folgou. E esta visitação lhe fez o Gouernador porque tambem o Acedecão o mandou visitar como chegou, e lhe mandou presente de vaqas, arroz, manteiga, e cartas de grandes amiza-

des e offerecimentos; e o Gouernador em pago d'isto lhe fez esta visitação, e porque muyto compre pera o bem de Goa ter por amigo o Acedecão, como já largamente n'esta estoria he contado as muytas rezões que ha pera isso.

CAPITULO IX.

COMO DOM ESTEUÃO HINDO PERA COCHYM TOPOU EM BATICALÁ COM JERONYMO DE FIGUEIREDO, QUE D'ELLE ESCREVERA GRANDES MALES A MOÇAMBIQUE AO GOUERNADOR MARTIM AFONSO; E OUTRAS COUSAS QUE PASSOU EM COCHYM.

Dom Esteuão, que hia de Goa em huma sua fusta com os seus, chegou ao porto de Baticalá, onde achou quatro fustas que na costa andauão, d'armada de que era capitão mór o Jeronymo de Figueiredo, que já atrás disse que escreuera os males de dom Esteuão a Moçambique, o que disserão a dom Esteuão que ally na fusta estaua o Jeronymo de Figueiredo, o qual cuidarão que dom Esteuão mandasse ally afogar no mar; mas dom Esteuão, de grandioso, chegando a sorgir lhe mandou fazer salua com apito duas vezes, como a capitão mór; o qual Jeronymo de Figueiredo o veo ver em huma almadia, e dom Esteuão o recebeo com honra, e praticou com elle no feyto dos ladrões do Pumde, e em outras cousas, e nada lhe fallou do passado, e o despedio, e se tornou á sua fusta. Alguns homens que hião com dom Esteuão tocarão n'esta cousa. Respondeo dom Esteuão: «Eu faço o que deuo, e aquelle faz como» «quem he; e pois por mexeriqueiro medrou com o Gouernador, se» «muyto andar na India elle fará com que pagará o que fez e o que» «fará, porque achará quem lhe dê o pago de sua má lingoa.»

Dom Esteuão foy seu caminho a Cochym em sua fusta, que era piadosa cousa vêr hum Gouernador tirado de seu mando, porque a gente da India he de costolução tão auessa e errada, que já nunqua auerá n'ella Gouernador, por icillente que seja, que lhe nom dê má galardão, profaçando contra elle grandes malles. O que he de força que assy seja, porque os que castigou de seus erros, e os que nom contentou a seus petitorios, mostrando que tem rezão, praguejão por seu odio, acrecenta-

do com falsidades * de * grandes males, por mostrarem rezão que o Gouernador fez com elles o que nom deuia. Grande tromento he ao Gouernador da India que lhe pedem muyto os que merecem pouqo, porque nom lho dando logo por isso lhe ficão inimigos capitaes, pera o danarem per todolos modos que podem, e mórmente fidalgos que tem a valia no Reyno, que como o Gouernador lhe nom canta como elles querem nom tem paciencia; aos quaes os Gouernadores são muy sogeitos, e mórmente se são Gouernadores filhos da India, digo Gouernadores feytos por socessão, que cuidando que [1] * serão ajudados * polos fidalgos pera durar em seu gouerno, [2] * dãolhes * quanto elles pedem, que esta he a mór destroição do bem da India. Polo que digo que nunqua auerá Gouernador na India que nom vá condenado; porque nom sómente os agrauados que tem alguma rezão, mas aquelles a que fez mercê, per modo [3] * d'ingratidão * se mostrão agrauados, dizendo que o Gouernador lhe fez nada pera o que elles merecião: assy que todos lhe ficão por contrairos. Outros que ha na India, per cartas recomendados ao Gouernador de senhores do Reyno, porque lhe nom dão o que querem tambem ficão imigos, e escreuem males ao Reyno a seus valedores do pouquo que o Gouernador deu por suas cartas; ao que acrecentão quantos males podem: com que no Reyno se ajuntão males, que os procuradores d'ElRey tem guardados, que quando da India vão são citados, e demandados, e apertados, como lhe apanhão parte dos roubos que leuão, com que fiqão depois amigos; como já d'esta materia em outras partes tratey. Assy que o Gouernador da India per todolas vias nom se póde liurar de trabalhos senão com a morte.

[1] * será ajudado * Autogr. [2] * dalhe * Id. [3] * d'engritidão * Id.

CAPITULO X.

COMO O GOUERNADOR TIROU O MANTIMENTO Á GENTE, * E MANDOU * LHE DEITASSEM NO SOLDO AMETADE, E QUE CADA HOMEM TIUESSE NA MÃO CERTIDÃO DE SUA MATRIQOLA, E N'ELLA OS PAGAMENTOS QUE RECEBESSE; E ORDENOU PAGAMENTO DE QUARTEIS.

O Gouernador por eicider modo de seruiço pera aproueitar [1], indaque era contra o pouo e por isso se metesse no inferno, ennouou que tirou os pagamentos dos mantimentos da gente, dizendo que o vencimento do mantimento se ajuntasse ao soldo, pera que de todo juntamente fizessem pagamento á gente, (ao que ninguem lhe podia hir á mão) e desfez os officios dos apontadores dos mantimentos. Então deu em regimento ao escriuão da matriqola, em segredo, que com os soldos fizesse conta aos homens dos seus mantimentos, * mas * que sómente lhe auia de fazer conta dos seis meses que erão do inuerno, * em * que estauão em terra, e que [2] * dos * seis meses do verão lhe nom contasse o mantimento, porque os homens andauão fóra polo mar. E assy tirou á gente ametade do mantimento; que se bem ou mal fez lá o achará no outro mundo. E nom tão sómente tirou este suor aos pobres homens, mas ordenou que o escriuão da matriquola désse a cada homem na mão huma certidão de como estaua assentado em soldo, e em quanta contia, e toda a decraração de seu titolo; e que quando lhe pagassem qualquer contia na certidão lhe pusessem o pagamento; assy que quando ouvesse de ser pago vissem quanto tinha auido, e quanto lhe deuião. Então ordenou que os pagamentos geraes que se fizessem nom fossem mais que tres meses a cada pessoa, segundo tiuesse o vencimento: com o que a gente de todo foy em toda' pobreza, porque o quartel que lhe pagauão nom auondaua ao meo da despeza [3]. E porém isto era ao pouo commum, que aos outros homens, que

[1] Isto é: querendo bem merecer á força de serviços contra o povo, aindaque por isso se mettesse no inferno, fez a innovação de supprimir os pagamentos etc.
[2] * os * Autogr. [3] Isto é: não lhes chegava para metade dos seus gastos.

tinhão mais valia, lhes mandaua pagar segundo lhe tinha a graça e vontade. Então fez prematica que o homem que nom apresentasse [1] * certidão * ao pagamento que lhe nom pagassem; e que homem que perdesse a certidão que lhe nom déssem outra, senão fazendo certo per testimunhas de como a perdera. Com que mais acrecentou trabalhos e agonia ao pouo, e pera mais sua perdição: do que achará o galardão ante o verdadeiro Juiz; porque todolos izames e aproueitamentos que buscão a ElRey he contra o pouo em tiranias, e elles engrossão, e s'aproueitão, como homens que já após o gouerno da India nom esperão que lhe venha ás mãos outra cousa milhor.

CAPITULO XI.

COMO O GOUERNADOR DEU EM BATICALÁ E O DESTROIO, E O TORNOU 'ASSENTAR EM PAZES, E O QUE N'ESTE FEYTO SE PASSOU DA FRAQUEZA DA NOSSA GENTE.

Acabando o inuerno, o Gouernador tinha já toda' armada prestes, e nom quis fazer pagamento de quartel porque a gente se nom escandalizasse, e fez hum pagamento geral á gente, de oito pardaos, e outros a dez, e a quinze, e a vinte cada hum, segundo sua valia; e logo se embarqou em sete galés, e doze galeotas, e muytas fustas e catures, e se foy a Baticalá com armada de setenta velas, em que hião dous mil homens d'armas. No rio de Baticalá estauão acolhidos muytos ladrões, que na barra tinhão feyto tranqueiras, e estauão fortes com muyta artelharia e gente da terra. E chegando o Gouernador mandou dizer ao regedor que elle lhe nom queria queimar seu porto, nem lhe fazer guerra, se logo lh'entregasse os paraos dos ladrões que dentro estauão, e mais lhe désse fiança de nunqua mais ally nom consentir ladrões, nem com elles ter armações que tinhão muytos moradores de Baticalá; o que tudo lhe o regedor fez, dizendo que sempre assy o manteria até vir ElRey, mas que depois d'ElRey vindo que faria o que fosse sua vontade. Andando n'estes concertos

[1] * cerdão * Autogr.

se aleuantarão humas brigas no bazar com os da terra, onde logo ficarão mortos dous portugueses, e oito ou noue feridos, e outros forão fogindo. No que se aleuantou onião, com que muytos portugueses que andauão polo lugar todos fogirão pera' feytoria, onde ally se fizerão fortes, porque nom acharão onde s'embarcassem, e nom ousarão a hirem pola terra pera' barra, porque acodio logo muyta gente d'armas, que andauão polo lugar prestes com suas armas; porque tem elles por costume que tanto que 'armada nossa chega ao porto, porque sabem as soberbas e males que fazem, logo chamão gente d'armas, que ande polo lugar em quanto 'armada está na barra. E com esta reuolta os moradores, çarrando as portas, e com suas armas, andauão correndo o lugar após alguns portugueses, se os topauão. O que foy a hum sabado, do que logo foy o rebate ao Gouernador, que logo mandou fazer a gente prestes pera sayr em terra. E á tarde mandou o regedor dizer ao [1] * Gouernador que * nom saysse a fazer mal na terra, porque se lhe fallassem a verdade acharia que os portugueses fizerão todo o mal, primeiro que os da terra bolissem nada; o que fôra sobre huns portugueses tomarem por força huns pannos a hum mercador, sobre o que arrancarão as espadas, e começarão a briga ferindo e matando, ao que acodirão lascarys estrangeiros e se aleuantou a briga; e comtudo elle deitaua a culpa aos seus, e tinha presos alguns lascarys, e os enforcaria, se mandasse. O Gouernador dessimulou, mostrando que se contentaua com o recado, e lhe mandou boa reposta. E como foy noyte com a maré mandou entrar no rio toda a fustalha, e batés com toda a gente armada, e que sem ounião se fossem meter na feytoria, que era perto do mar; e em amanhecendo o Gouernador foy no lugar com toda a gente, com muyta espingardaria, com que entrou o lugar, e todo acharão despejado, sem auer ninguem que registisse, porque toda a noyte despejarão quanto fato acharão que poderão saluar. Na qual reuolta os propios lascarys andauão a roubar os mercadores e gente que fogia, e achando alguns portugueses desmandados os afrechauão, que muytos se desmandauão a roubar. Com que o lugar foy metido a saqo; onde se achou muyto arroz, e açuquere sem numero, e muyta roupa. E se acharão algumas casas com muytas drogas de portugueses, que ahy tinhão pera vender, e outros pera carregar pera Ormuz; o que nada fi-

[1] * Gouernador dizendo que * Autogr.

qou, que tudo foy roubado como se fôra de mouros, porque seus donos nom tiuerão espaço pera recolher nada quando souberão que o Gouernador auia de dar no lugar, nem o feytor nom pôde mais fazer que recolher sua molher e filhos, que hy tinha, com pouqo fato, que tambem lhe roubarão muyto do seu; mas depois se tornou a recobrar muyta parte das drogas que se acharão nas embarcações, per mandado do Gouernador, e * forão * tornadas a seus donos, de que muytas erão de Martim Afonso de Mello, que estaua por capitão em Ormuz.

O Gouernador leuou caminho direito ás casas d'ElRey, onde chegando achou já tudo roubado per homens que primeiro lá forão, que tomarão muytos pannos de seda e boas cousas de casa, que foy muyto cobre laurado, e se tomarão andores gornecidos d'ouro e de prata; e tinhão feytos montes d'estas cousas, que huns gardauão e outros acarretauão; mas chegando assy muyta gente com o Gouernador, começarão a lançar mão do fato, cada hum o que podia tomar, em que a cousa tanto se esquentou, com tanta cotilada e lançadas, que se cousa fôra que acodirão os imigos fizerão muyto mal. Ao que acodio o Gouernador com hum páo de pique espancando a todos, máos e bons, que nada resguardaua; e comtudo o fato foy todo roto, e estragado, e quebrado, sem ninguem leuar nada: que foy cousa muy vergonhosa de ver, nom estimando auiltamentos e más palauras que lhe o Gouernador dizia. Assentouse o Gouernador em hum paleo das casas, e mandou n'ellas meter fogo. Ao que acodirão os da terra, e de huma ribanceira que auia perto das casas, de que descobrião o terreiro onde estaua o [1] * Gouernador, começarão * 'afrechar e espingardear, que tinhão muytas * espingardas *; onde hum pilouro d'espingardão matou hum homem que estaua nas costas do Gouernador; ao que elle se leuantou, e mandou aos espingardeiros que fossem tirar aos negros da ribanceira. Os fidalgos e capitães muyto chamauão polos espingardeiros, que fossem onde mandaua o Gouernador; mas elles respondião: «Hide vós lá, que sois fidalgos, e o Gouernador» «vos faz muytas mercês, e tendes cauallos e vestidos de seda; que nós» «queremos hir buscar pannos pera camisas que nom temos.» E ninguem foy pelejar com os negros. Então o Gouernador mandou Gracia de Sá com gente de lanças que fosse á ribanceira, o qual foy, e logo os negros

[1] * Gouernador donde começarão * Autogr.

fogirão, mas como os nossos tornauão os negros tambem se tornauão á ribanceira, tirando fortemente muyta espingardaria e frechas, com que muyto ferião os nossos, que logo a elles tornauão; mas os negros fogião, e logo tornauão, de maneira que fazião sua obra muyto a seu saluo, em tanta maneira que os portugueses começarão a deixar Gracia de Sá, e hião fogindo; o que vendo os negros, cobrando coração, começarão a crecer sobre Gracia de Sá, o qual se vio em muyta pressa, por querer soster a gente e registir contra os negros. O que sendo dito ao Gouernador se foy pera lá chegando, porque de todo a gente de todo se nom pusesse em fugida, e mandou toquar trombetas a recolher. Ao que a gente, com muyto medo que já trazia, toda se recolheo e ajuntou á bandeira, e o Gouernador começou a caminhar pera' barra, que por terra he hum tiro de camello, per antre aruoredo e valados, per onde os negros d'ambas as partes corrião frechando e espingardeando, até de todo sayrem fóra dos vallados. Outros per dentro polo lugar matauão e ferião muytos portugueses que andauão 'acarretar açuquere e arroz; que n'este dia ouve doze ou quinze homens mortos, e muytos feridos portugueses, afóra escrauos e marinheiros, que forão muytos.

Como o Gouernador caminhou pera a barra tambem muyta gente s'embarcou nas fustas e catures, e se forão polo rio pera' barra; onde n'esta embarcação ouve tamanha pressa que se afogauão os homens: e isto nom era com os negros correrem após elles, sómente do medo que auião que os negros viessem aos que ficassem derradeiros. O Gouernador, passando, que [1] * vio * este mal de tal embarcação, estaua muy espantado, dizendo a todos palauras vergonhosas. Praticaua com outros dizendo que já nom auia na India os homens que soya auer quando se elle fôra ao Reyno, e alguns que elle ally via erão muy mudados, que nom [2] * erão * os que soyão ser; que certo nunqua cuidára ver com seus olhos tanta judaria em portugueses, como via; dizendo: « Agora tenho medo » « aos rumes se vierem, pois que na India ha tantos fidalgos e homens » « honrados com tanta judaria. » Era ahy presente hum bom caualleiro, de muyto seruiço na India, e bem conhecido, o qual disse ao Gouernador: « Senhor, os homens nom tem mais valentia que o fauor e mercês » « que lhe fazem por seus bons feytos; e porque as mercês e fauores »

[1] * veo * Autogr. [2] * são * Id.

« ElRey e os Gouernadores as fazem segundo lh'aprazem, e não como »
« deuem, e os homens que pelejão nom furtão, por isso morrem de fo- »
« me, e nom sómente este mal * padecem *, mas se vão feridos nos es- »
« pritaes os nom recolhem senão com aprazimento dos espritaleiros, que »
« nunqua pelejarão ; e se escapão de morte, e ficão aleijados, ElRey os »
« prouê no regimento como vossa senhoria sabe, que he riscallos de »
« soldo e mantimento ; e porque mais val quem tem, que quem merece, »
« os homens, que vêm estes desenganos, buscão remedio de vida, antes »
« que honras de cauallarias de que lhe nom vem proueito ; porque os »
« que ajudarão a ganhar a India já são mortos, e os viuos mal agalar- »
« doados. » Ao que o Gouernador nada lhe respondeo, sómente que aquillo era milhor callallo que fallallo ; e s'embarqou e recolheo ao galeão, onde com paixão do que vio, e trabalho, adoeceo de hum febre de que foy sangrado, e ao outro dia nom póde sayr fóra como quisera. Então mandou Gracia de Sá, e Tristão d'Atayde, que com gente fossem ao lugar, e que de todo o destroissem. Ao que se ajuntou toda a gente, que foy por terra, onde no lugar se fez grande destroição e roubo, e todauia com muytos e feridos, porque era vinda muyta gente ao lugar. E querendose tornar por terra, que começarão 'andar, a gente se pôs em feyção que casy hia fogindo. Então nom quiserão hir pola terra, e mandarão vir a fustalha polo rio, que chegou até o lugar, que na borda d'agoa tinhão muyto açuquere que carregarão nas fustas, e arroz. Os capitães com a gente se forão chegando pera as fustas, vindo sempre após elles negros tirando frechas e espingardas, onde chegando ás fustas com o medo de nom ficar derradeiro foy tanta a pressa que se afogauão, e metião as fustas no fundo ; o que vendo os capitães fizerão desembarqar toda a gente, e mandarão as fustas que se tornassem. Então com toda a gente tornarão a entrar polo lugar, e o forão atrauessando até sayrem ao pé da serra, e d'ahy tomarão o caminho, e se forão pera' barra, onde a gente chegou muyto cansada, porque o caminho foy grande e o sol ; e se recolherão n'armada, e os capitães contarão ao Gouernador o grande mal do medo da gente. Então mandou o Gouernador pelos nauios a buscar os feridos, e todos mandou a Goa em hum nauio, e mandou que lhe trouxessem muytos machados pera cortar o aruoredo do lugar, e agardou até que lhos leuarão. Então tornou a sayr outra vez fóra, e ordenou bem a gente com os capitães, e foy ao lugar, onde fez grande estrago de talha e fo-

go: no que o Gouernador se deteue oito dias. O que vendo o regedor que o Gouernador assy estaua deuagar destroindo cada dia o lugar, lhe mandou messagem pedindolhe concerto de paz. No que o Gouernador entendeo, porque já se auia por vingado, e lhe compria que sentasse a paz e nom ficasse o porto aleuantado, polos mantimentos de que auia necessidade. Com que logo se tratarão as pazes, e forão assentadas, * estipulandose * que [1] * pagassem * todolas pareas que deuião dos annos passados, e que as pareas d'este anno pagassem dobradas, e que entregassem os paraos dos ladrões, e dessem obrigação de mais com elles nom armarem, nem os consentirem no porto; e que como o Rey viesse logo tudo mandaria assentado por sua ola: o que tudo foy assentado com muyta firmeza dos regedores da terra. Os paraos forão logo entregues, que o Gouernador mandou queimar, que nom erão bons pera andarem n'armada; o que o Gouernador tudo deu por seu assinado, e tornou a mandar o feytor a terra, e ficou com feytoria assentada como estaua.

CAPITULO XII [2].

COMO O GOUERNADOR FOY A COCHYM, ONDE DOM ESTEUÃO ESTAUA GOUERNANDO AS COUSAS DA CARGA, O QUAL SE FOY ESTAR FÓRA DE COCHYM NA ILHA DE DIOGO PEREIRA, E D'AHY SE EMBARQOU, E O QUE N'ISSO SE PASSOU, E AUEXAÇÕES QUE LHE FEZ O GOUERNADOR.

Dom Esteuão chegando a Cochym entendeo logo na carga, e mandou dizer a Jeronymo Gomes que désse dinheiro ao tisoureiro pera' pimenta, ou lho entregasse a elle pera prouer as cousas da carga; o qual respondeo que nom tinha licença do Gouernador pera fazer nada do dinheiro, e que aguardaua por seu recado a vêr o que mandaua que fizesse, que sem seu recado nom faria nada. No que ouve detença, e os mestres pedião corregimento pera' as naos, e os feytores pedião a pimenta, porque nom vião pesar nenhuma e as naos auião mester muyta, afóra as naos que esperauão que auião de vir. Com o que muyto afrontauão a

[1] * paguem * Autogr. [2] Cap. XI no original, por engano.

dom Esteuão: elle se defendia polo dinheiro que lhe nom dauão. Polo que então os mestres e pilotos o escreuerão ao Gouernador que nom auia nenhum auiamento de carga, nem as naos nom se auiarião, se elle nom acodia. O que assy foy fulminado per Martim Afonso, e o ordenou com o seu criado Jeronymo Gomes, porque com estas cartas, que os mestres e feytores das naos escreuião ao Gouernador, elle mostrasse que com necessidade da carga hia a Cochym; e assy o fez, que de Baticalá se foy caminho de Cochym. O que sendo dito a dom Esteuão, e vendo que o Gouernador vinha, sem embargo do que lhe tinha pedido pola prouisão d'ElRey, logo dom Esteuão s'embarqou com sua casa, e se foy pera' ilha de Diogo Pereira com todos seus criados, sem a ninguem se aqueixar de nada.

Chegando o Gouernador a Cochym lhe fizerão festa de recebimento, com paleo e arenga, e outras honras costumadas; o qual ElRey ao outro dia visitou per hum seu regedor, por estar mal desposto; e ao outro dia o foy visitar o Gouernador, e lh'encomendou muyto a carga, e logo deu muyto auiamento ás naos, que estauão muy danificadas de tanto tempo no mar; no que trazia muyta acupação, por mostrar que por sua falta até então se nom fizera nada. O Gouernador ouve muyta paixão porque dom Esteuão se fôra pera' ilha, que quisera elle que estiuera em Cochym e o fôra receber em sua chegada, e com este despeito lhe fez alguns desgostos, que adiante direy. E assy estando chegarão a Cochym as naos do Reyno, que já hião de Goa, onde chegarão em outubro, polo que, fazendo muy pouqua detença, logo se partirão pera Cochym, onde chegarão em nouembro; as quaes forão estas.

ARMADA

DO

ANNO DE 542.

CAPITULO XIII.

DA ARMADA QUE VEO DO REYNO O ANNO DE 542, E O QUE SE PASSOU ANTRE DOM ESTEUÃO E O GOUERNADOR, E * COMO DOM ESTEUÃO * SE PARTIO PERA O REYNO.

Sendo já vinte d'outubro chegarão as naos do Reyno a Goa, e o primeiro que chegou foy Vicente Gil, que deu noua das outras com que partira de Portugal, elle n'esta nao, que era sua, chamada a Graça, e Baltesar Jorge no Gryfo, e Lopo Ferreira na Burgaleza [1], e Anrique de Macedo Saluago na nao Urquinha, e Fernand'aluares da Cunha no Zambuquo, que arribou a Portugal por nom gouernar a nao bem. E Anrique de Macedo chegou tarde a Moçambique, e nom passou á India; e Lopo Ferreira e Baltesar Jorge forão tomar em Cananor, e logo se forão a Co-

[1] Luiz de Figueiredo Falcão no *Livro de toda a fazenda*, etc., dá a Lopo Ferreira a nau Salvador, a Anrique Macedo a nao São Mattheus, e a Fernão Alvares da Cunha a nao Victoria.

chym, e sómente Vicente Gil foy tomar na barra de Goa, que tambem logo se foy a Cochym. E partirão do Reyno sem capitão mór, senão a quem mais pudesse andar. A qual nao de Vicente Gil chegando a Cochym derão d'ella tão boa fama que dom Esteuão a mandou vêr, e polo que lhe d'ella gabarão a tomou pera sua embarcação; porque na sua patente lhe dizia ElRey que das naos da carga escolhesse pera sua embarcação qualquer que lhe mais aprouvesse. E logo dom Esteuão ordenou seus gasalhados, e *os* repartio pera os que com elle auião de hir. O Vicente Gil quisera que primeiro lho rogára dom Esteuão, e tomou isto por agrauo, com que se foy muyto queixar ao Gouernador, que folgou achar com que anojar dom Esteuão, e lhe mandou dizer que as naos dos mercadores tinhão grandes liberdades; que por tanto das outras tomasse qualquer que quigesse, e deixasse a nao de Vicente Gil. Dom Esteuão sentio isto muyto, porque bem sabia o Gouernador que ElRey lhe daua a escolher de todas as que carregassem; sobre o que se passarão muytos recados, e todauia lhe tomou a nao, sobre dom Esteuão tomar a nao a seu risco. O que dom Esteuão soffreo com paciencia, e tomou outra nao que lhe o Gouernador deu, que elle nom quis escolher nenhuma; e polo auexar fiqou a carga da sua nao por derradeiro, que partio depois de todos. O que vendo dom Esteuão mandou dizer ao Gouernador, por o doutor Pero Fernandes ouvidor geral, que lhe pedia por mercê que o nom desauiasse em sua embarcação; que lhe pedia que se fosse embora e o deixasse auiar e embarquar, porque em quanto elle estiuesse em Cochym elle se nom podia embarquar. O Gouernador disse que lhe aprazia, e logo se partiria. Então ao outro dia o Gouernador foy á ilha vêr dom Esteuão, o qual veo á borda d'agoa ao receber com muytas cortesias e honras, e ambos assentados em cadeiras fallarão grande pedaço, e se despedirão, sem nunqua dom Esteuão fallar nada ao Gouernador em seus agrauos. E assy foy o Gouernador despedirse d'ElRey de Cochym, o qual achou muy desgostoso e agastado, porque soube que vindo o Gouernador pera Cochym sorgio na barra de Cranganor, onde a elle mandou o Rey hum seu regedor ao visitar, a que o Gouernador fez honra, e mandou reposta a ElRey de grandes offerecimentos, e depois estando em Cochym lhe escreueo muytas olas, e por seu rogo escreueo cartas a ElRey da Pimenta, que era grande amigo do Rey de Cranganor, e o Rey de Cochym estaua mal com o Rey da Pimenta. E porque

o Rey de Cochym isto tudo soube teue muyta paixão, e o disse ao Gouernador quando o foy vêr, o qual d'isso lhe deu suas desculpas como era rezão. E logo o Gouernador se fez prestes pera partir, e de Cochym mandou Diogo Soares em huma carauella com a sua fusta, que fosse correr a ilha de São Lourenço, a vêr se achaua nouas de Pero Lopes de Sousa, irmão do Gouernador, que auia presunção que lá se perderia. O qual [1] lá andou fazendo muytos roubos. E o Gouernador se partio pera Goa a vinte de janeiro do anno de 543, e logo dom Esteuão se foy a Cochym, e s'embarqou, e partio sua viagem pera o reyno a derradeiro de feuereiro.

CAPITULO XIV.

DE COMO 'ARMADA NO RIO DE GOA FOY CONCERTADA, DANDO QUERENA RECOSTADOS * OS NAUIOS * A OUTROS, QUE DESCOBRIÃO ATÉ' QUILHA, E NO MAR FOY PROUIDA D'ARTELHARIA E AGOADA TODO O INUERNO.

Tornado o Gouernador a Goa, proueo em cousas que compria, e fez capitão de Goa dom Gracia de Crasto, porque se fôra n'estas naos pera o Reyno dom João d'Eça, que seruia a dita capitania. E tambem se foy n'estas naos Diogo Lopes de Sousa, capitão de Dio, e entrou Manuel de Sousa de Sepulueda, e acabou Pero de Faria a capitania de Malaca e entrou Ruy Vaz Pereira, que tudo veo assy prouido por ElRey. O Gouernador, por poupar dinheiro a ElRey, como todos fazem, (mas por isso nunqua lhe crece, com muytos izames e albitres que elles buscão pera encobrir seus interesses, que secretamente empapellão e mandão escondidamente) ou porque ouverão isto por menos trabalho, per ardil e albitre de Natalym de Bacham [2], escriuão da feitoria, homem estrangeiro, no

[1] Isto é: Diogo Soares. [2] A Natalim de *Pacham* se passou carta de mercê, dada em Evora aos 2 de dezembro de 1524, de escrivão da feitoria da cidade de Goa, escrivão dos cavallos, apontador dos soldos e mantimentos, e juiz do peso da dita cidade, por ser estrangeiro, e trazer sua mulher e filhos de fóra do reino, e ir lá viver com elles. *Arch. Nac. da Torre do Tombo*, Liv. VIII *da Chanc. de D. João III*, fol. 11 v.

Por outra carta, tambem passada em Evora, de 12 de novembro de 1519,

mar deu querena ás galés, recostando huma sobre outra, que a descobrião até quilha. Então, muyto bem calafetada com estopa de cairo, e muyto sequa do sol, lhe dauão hum butume de galagala; e huma banda acabada a virauão e lhe fazião a outra. O que assy se fez ás galeotas; o que acabado logo lhe meterão dentro os [1] * tanques, e 'agoada, e 'artelharia grossa, e seus * mastos, vellas e aparelhos, * e * cubertas de palha estauão no mar. O que assy se fez ás carauellas e galeões, os quaes erão desemmasteados, e no lugar do masto * lhe metião * humas entenas, em que lhe deitauão os aparelhos que [2] * os * fazião vir á banda, e per dentro pipas cheas d'agoa que os fazião pender á banda, e assy como hião fazendo a obra assy lhe vazauão as pipas, com que o galeão se hia endereitando; e sendo assy os nauios do mar acabados, a todos lhe metião dentro os tanques, e sua agoada feyta, e 'artelharia grossa. E cuberto * tudo * como as galés, então se [3] * fez a mais obra * da Ribeira. Em todo este inuerno ouve muy grande vigia de noyte, no mar e na terra, que em todolos nauios estauão vigias de noyte.

(Liv. IV de *Misticos*, fol. 133 v.) fôra concedida a Natalim de *Lacham*, irmão de Silvestre de *Pacham*, pelos serviços de ambos, a tença de quatro moios de trigo, pagos na casa de Cepta, a contar do 1.º de janeiro de 1520.

O escrupulo com que procurámos rectificar este nome nos fez achar a etymologia de termos maritimos, ainda hoje em uso, de que nos foi dado conhecimento pelo sr. Vasconcellos, bibliothecario d'Academia Real das Sciencias, o qual trabalha n'um apurado vocabulario de marinha; a saber: *paixão da barcaça de querena; vãos de paixão*, que n'ella correspondem ao centro da bocca das suas escotilhas; e *apparelho de paixão*, nome dado ao todo, e derivado do dos ditos vãos.

[1] * tanques e feyta agoada e artelharia grossa e dentro seus * Autogr. [2] * as * Id. [3] * se fez na obra * Id.

CAPITULO XV.

COMO O GOUERNADOR MANDOU ESPIAR AS GALÉS POR DOUS JUDEUS, E * QUE * SE AS OUVESSE FOSSEM AO REYNO LEUAR A NOUA A ELREY; E AS NOUAS QUE DEU O CATUR QUE FOY AO ESTREITO.

O Gouernador, tanto que assy teue nouas dos rumes, por se certificar d'elles despedio dous judeus, que fossem ao Estreito espiar e vêr o que se passaua: hum d'elles chamado Ysaque do Cayro, que partio de Dabul em huma nao de Cambaya; e o outro judeu chamado Manassé, que partio d'Onor em outra nao com pimenta, que lhe o Gouernador mandou que leuasse por mais dessimulação. E mandou a estes judeus que se no Estreito nom achassem certeza de rumes que passassem á India, que se tornassem; e se achassem certa noua que querião passar á India, passassem áuante, e trabalhassem quanto pudessem por leuar as nouas a ElRey. Porque assy lho tinha ElRey mandado, que se estas espias achassem certeza de passarem os rumes, lhe fossem leuar as nouas ao Reyno; por quanto lhe dizião que o Turquo tinha defeso a passagem de Veneza, o que se assy fosse lhe nom podião de Veneza mandar as nouas. E tambem o Gouernador escreueo a Martim Afonso de Mello, capitão d'Ormuz, que mandasse espias ao Estreito com este regimento, que achando d'elles certeza se fossem ao Reyno dar nouas a ElRey. E o Gouernador mandou que as naos d'Ormuz que pera lá forão este anno que todas fossem juntas, e mandou com ellas o Pereirinha no catur, que fosse até Calayate, e lhe trouxesse algumas nouas, se as achasse; o qual foy com as ditas naos, e se tornou, e foy visitar Dio, que assy lho mandára o Gouernador, pera que lá désse qualquer noua que trouxesse; o que elle assy o fez, que foy a Dio, e sayndo pera fóra no caminho achou Pero Vaz de Sequeira, que vinha do Estreito, que hia pera Dio, e o Pereirinha se foy a Goa, onde chegou a oito de maio, e Pero Vaz chegou a treze do mez. O qual deu noua que hindo além de Çacotorá tomára tres zambuquos, de que soubera nouas que nas portas do Estreito esta-

uão galés e fustas de rumes, em ambos os canaes, guardando e [1] * vigiando tudo * o que entraua e saya; e que em Adem estauão tambem algumas galés no mar em fauor dos rumes que hy estauão, porque os da terra pelejauão com elles; e com as galés estauão algumas fustas de vela e remo, muyto ligeiras, que os rumes fizerão pera alcançarem os nossos calures, porque os que forão a Dio nom fallauão senão das enjurias que lhe os nossos calures fizerão, estando elles em guarda do rio, nom lhe podendo fazer nenhum mal ao entrar e sayr. Este propio recado do Estreito mandou o capitão d'Ormuz ao Gouernador, que o ouvera das espias que mandára ao Estreito, e que per todolos portos do Estreito se concertauão os rumes, mas que se nom sabia pera onde. E tambem Pero Vaz de Sequeira dixe que lhe derão nouas que dom Christouão andaua muyto veturioso contra o Rey de Zeilá, com que guerreaua, e lhe tinha morto hum filho e hum genro, e lhe tinha tomada casi toda sua terra; polo que os portugueses erão muyto estimados de toda a terra.

CAPITULO XVI.

COMO O REY DE CAMBAYA MANDOU AO GOUERNADOR NOUAS DOS RUMES, E POR RESPEITO DOS MOGORES QUERIA METER EM DIO SEU TISOURO E MOLHERES, E O QUE O GOUERNADOR A ISSO LHE RESPONDEO.

Em fim d'abril veo ao Gouernador hum messigeiro d'ElRey de Cambaya. E lhe mandaua dizer que tinha certa noua do Estreito que os rumes se fazião prestes, determinados a passar pera' India no setembro que vinha, o que lhe certificarão todolos mercadores que este anno vierão de Meca; certificandolhe, que se viessem, que em seus portos e em nenhuma sua terra os consentiria. E que assy tambem tinha noua que os mogores se ajuntauão, pera com muyto poder entrarem em Cambaya a lhe fazer guerra; polo que lhe compria mandar meter em Dio seu tisouro e molheres, e dous capitães com gente pera sua guarda, porque todo seu poder auia de trazer comsigo; que tudo lhe fazia a saber porque elle man-

[1] * vigiando pera tudo * Autogr.

dára dizer isto ao capitão da forteleza, e que lhe respondêra que em Dio nom auiá de consentir entrar gente de gorniçião, sem elle Gouernador lho nom mandar primeiro, e o capitão lhe dissera que lho mandasse assy dizer, porque nom auia de fazer n'isso nada, senão o que lhe elle Gouernador mandasse. O qual messigeiro o Gouernador mandou receber com muyta honra polo capitão da cidade com muyta gente de cauallo, e foy bem aposentado, dandolhe larga despeza. E porque o inuerno era perto, que entra em mayo, o Gouernador por escusar gasto entendeo logo em despachar o embaixador, e respondeo a ElRey com grandes agardecimentos, pola boa amisade que lhe fazia da noua dos rumes de que o auisaua, e muyto mais por lhe certificar que em suas terras os nom consentiria, se viessem; o que assy se esperaua de hum tão grande principe como elle era, polo que ElRey de Portugal lhe era muyto obrigado em outras boas cousas lhe pagar esta boa amisade. E que quanto á vinda dos rumes já lho tinhão dito, e que pera isto estaua muy prestes, pera' qualquer tempo que elles chegassem pera os hir buscar ao mar, antes que chegassem a terra; onde, se Deos quigesse que achasse o mar cheo d'elles, com sua ajuda faria d'elles como já na barra de Dio lhe fizerão os portugueses, que erão tão pouquos, e os rumes com tanta gente e armada, com 'ajuda e fauor de Dio. E se viessem, que lhe prometia que pouqos d'elles auião de tornar pera sua terra, ou elle auia de ficar no campo; que nom auia agora de ser assy como fôra em tempo do Visorey dom Gracia. E quanto ao tisouro e molheres que queria meter em Dio era muy bem o que assy fazia, mas que tal nom deuia de fazer senão depois que os mogores fossem entrados em Cambaya, porque sem elles virem ficaria em quebra de sua honra, e terião muyto prazer os mogores, sabendo que com só a fama de elles virem lhe tinha medo, e mandaua recolher a Dio suas molheres e tisouro. E mais que lhe prometia que como tiuesse seu recado que os mogores erão entrados em Cambaya, elle com todo o poder que tiuesse o hiria ajudar, e elle em pessoa seria guarda de suas molheres e tisouro, e andaria com elle no campo, se comprisse, como já fizera com o soltão Badur. E com isto outros grandes comprimentos com que despedio o embaixador; com que ElRey se ouve por satisfeito.

CAPITULO XVII.

COMO O REY D'ORMUZ, QUE MARTIM AFONSO DE MELLO MANDOU A GOA PRESO, SE QUEIXOU AO GOUERNADOR COM GRANDES CRAMORES DE GRANDES INJURIAS QUE LHE FIZERA MARTIM AFONSO, PEDINDOLHE D'ELLE JUSTIÇA.

TANTO que o Gouernador chegou a Goa, o Rey d'Ormuz que em Goa estaua, que Martim Afonso mandára preso, lhe mandou pedir per sua pitição que lhe guardasse justiça, e o ouvisse, ou lhe mandasse o ouvidor geral que ouvisse seus tantos males, e agrauos, como lhe erão feytos. O Gouernador lhe mandou dizer que pois suas cousas auião de ser determinadas per justiça, que elle folgaria muyto de lha guardar muy enteiramente; que por tanto abastaua o ouvidor geral, a que elle dissesse suas cousas, que pera isso lho mandaua que em todo lhe fizesse direito e rezão. E logo lá foy o doutor Pero Fernandes, ouvidor geral, ao qual ElRey, com muytas lagrimas e depenando as barbas, lhe fez grandes escramações bradando como doudo, e fallando como homem sesudo disse que elle sempre ouvira dizer, e por todolas terras as gentes o fallauão, que os portugueses guardauão muyto direita justiça, assy aos grandes como a pequenos, e a mouros e gentios; mas que elle tal nom podia dizer, antes com muyta verdade se podia queixar que a elle erão feytas grandes sem rezões, e auia dous annos que bradaua por justiça e que lha nom fazião, ao menos por piadade, pois era preso e auia dous annos que era tirado e desapossado de seu Reyno, tirado de sua casa, apartado de suas molheres e filhos, e auituperado e abatido com tantas deshonras de seu estado; e tudo isto lhe era feyto por Martim Afonso de Mello, capitão da forteleza d'Ormuz, que em sua cidade e Reyno era mais Rey e mais poderoso que elle, em tanta [1] * maneira * que nom comia nem despendia mais que o que lhe a elle aprazia, porque com o seu gozil, que he arrecadador das rendas de todo o Reyno, ambos erão concertados, e roubauão o que querião, e fazião como Reys e senhores que erão de tu-

[1] * maria * Autogr.

do; polo que, vendo tanto mal como se fázia em sua fazenda, mandára chamar o dito gozil pera lhe dar rezão de suas cousas, o qual, temendose polos males que tinha [1] * feytos, logo * chamou a secorro ao capitão, e lhe mandou dizer que lhe acodisse, que ElRey o queria matar. «Chegando o gozil a minha casa, que eu me estaua queixando com elle, » «chegou o capitão muy apressado, com muytos homens. O que sendo- » «me dito, sahy ao receber como sempre fazia, e me disserão que vi- » «nha menencorio porque eu bradaua com o gozil. O que assy era, que » « [2] * entrou * onde eu estaua, com muyta furia, dizendome: Vós nom » «cuideis que sois Rey onde eu estou, que o nom aueys de ser, porque » «sois hum grande doudo e sem siso nenhum. Isto muyto afrontado e » «agastado. O que eu vendo o tomey pola mão, dizendo que se assen- » «tasse, e se nom agastasse. Elle nom se querendo assentar onde eu es- » «taua, aprefiey pera o fazer assentar junto comigo, e lhe dar de mim » «rezão, e erguime rogandolhe que se assentasse. Ao que elle se arre- » «dou de mim, e deu d'olho a seus criados, que logo todos comigo re- » «meterão, e me liarão nos braços, e meus vestidos forão rotos e minha » «touqua no chão, de punhadas e bofetadas; e taes enjurias me fizerão » «que por minha honra nom digo. Mas espero que me será guardada » «minha justiça, e sabida a verdade, que n'esta prisão me roubarão e to- » «marão os que me prenderão algumas peças de minha pessoa. E por- » «que com direita justiça, se me he guardada, espero tornar a meu rey- » «nado, nom he bem que diga outras deshonras que me ally fizerão; e » «tambem, se me nom for feyta justiça, escusado he dizer mais que o » «que tenho dito, pois que até os escrauos dos portugueses em mim pu- » «serão as mãos, e o capitão me prendeo em minha casa poendo sobre » «mim grandes guardas, dizendo que me prendia porque me queria ale- » «uantar contra os portugueses, e que por o matar me aleuantára e * o * » «tomára pola mão, e arrancára de huma adaga pera o matar. O que » «se tal se achar com verdade doume por condenado, com tanto que me » «fação justiça; porque tal nunqua foy, e assy o crerá quem quiser jul- » «gar verdade, porque quem quigesse matar o capitão, e aleuantarse con- » «tra os portugueses, nom ha de ser tão catiuo como eu são. Do que ti- » «rou testimunhas e deuassa como elle quis, que eu ninguem tinha por »

[1] * feytos o qual logo * Autogr. [2] * entrando * Id.

« mim, e tudo está feyto como elle quis. E aindaque muytos virão o »
« mal que sem rezão me era feyto, ninguem ousou de fallar contra o »
« que o capitão fazia; indaque todos muyto bem sabem que eu nunqua »
« fiz nem ordeney trayção, e isto o bem sabem todolos portugueses que »
« estão em Ormuz. Polo que está craro ser tirado de meu Reyno con- »
« tra verdade e justiça, que este he o mór abatimento de meu estado »
« cuidarem per outros Reynos e terras, que cuidão que os portugueses »
« guardão justiça, que com alguma justa rezão som tirado do meu Rey- »
« no. O Idalcão, sabendo de minha prisão e que estaua aquy, me man- »
« dou visitar e perguntar por minhas cousas, e como assy era vindo e »
« deixára meu Reyno. Eu, encobrindo minhas vergonhas, lhe respondy »
« que por auer muyto desejo de ver a India e Goa por isso viera, e »
« tambem por fazer outras cousas que me comprião. Nom ha rezão nem »
« justiça pera que seja desterrado de meu Reyno senão por justa cau- »
« sa, e auendoa mereço por isso a morte, que será causa de trédor, o »
« que eu nom som, nem nunqua hey de ser em quanto viuer. E digo »
« que * se * ouvesse eu com Martim Afonso algumas paixões por onde »
« o quigesse matar, (o que nom foy) por cousa de paixão acidental, e »
«[1] * nom ouvesse isto effeyto *, porque nom será julgado meu caso com »
« direita[2] * justiça, attendendose a que os meus *, que me som trédores, e »
« agora da mão de Martim Afonso som Reys, e me comem[3] * o meu, »
« darão * muytas peytas aos mouros, e portugueses, pera que digão con- »
« tra mim taes cousas como nunqua torne a Ormuz, e os castigue de »
« seus erros, e os tire dos reynados que agora reinão? Assy que, se »
« minha justiça dereitamente me he guardada, enteiramente sou certo »
« que me tornarão a meu Reyno, indaque nom seja com toda minha »
« honra, polo muyto que já d'ella tenho perdido n'esta prisão, com tanto »
« auexamento e males em minha pessoa, e casas, e fazenda, e molhe- »
« res e filhos, que agora andão pedindo esmola, e lhe dão de comer »
« por amor de Deus. Assy que a vós, ouvidor geral, como justiça maior »
« de toda a India que sois, e ao Gouernador, que he a pessoa d'ElRey, »
« peço e requeiro que me façaes justiça, e determineys minhas cousas »
« como seja direita justiça, ou se vos nom atreuerdes, ou nom tiuerdes »

[1] * nom auer effeyto * Autogr. [2] * justiça porque os meus * Id. [3] * o meu como nom darão * Id.

«poder pera ma fazerdes, dayme papés verdadeiros que mande a El-»
«Rey ante elle requerer minha justiça.» O que tudo o Rey disse e deu por [1] «apontamentos» em escrito muy bem apontados, per elle assinado, que deu na mão do dito ouvidor, com outras muytas escramações.

CAPITULO XVIII.

COMO O GOUERNADOR EM CONSELHO DETERMINOU O CASO DO REY D'ORMUZ, QUE FOSSE TORNADO A SEU REYNO, E ESTANDO EMBARCADO O TORNARÃO A DESEMBARCAR, E O PORQUE.

O ouvidor geral fez auto, com escriuão, da recramação que ElRey assy fez de palaura, e mandou acostar o papel dos apontamentos, e leuou tudo ao Gouernador, o qual entendeo logo no caso, e mandou ajuntar as inquirições, e segundo achou as cousas erradas pôs o caso em conselho com os fidalgos, e foy assentado que ElRey fosse tornado a Ormuz a seu reinado, e com elle mandasse o sacretario pera lá tirar deuassas, tudo em mais verdade do que parecião as que se apresentauão. O que se disse que nom fôra sem boa peyta que deu, ou prometeria de dar lá. E logo se concertou huma nao pera elle e todo seu gasalhado, o que todo se fez á sua custa, e «estaua» feyto todo seu gasto, e de todo prestes pera se embarquar ElRey e com elle o secretario; mas em Goa andauão tantos sollicitadores e procuradores de Martim Afonso, que fizerão como se alongasse a hyda d'ElRey até que de Ormuz viesse alguma cousa, e fizerão com o Gouernador que mandou meter em pregão e arrendar 'alfandega d'Ormuz. E houve homens portugueses que lançarão n'ella, e chegou a cem mil xarafins por anno; ao que secretamente acodirão estes da valia de Martim Afonso, e ameaçarão estes lançadores que os matarião se tomassem esta renda, e que em quanto lá estiuesse Martim Afonso lá nom lhe compria hir. E isto era porque 'alfandega era arrecadada pera ElRey pelo gozil, que daua d'ella quanto queria o capitão, que com os officiaes n'isto erão todos praceiros, e cada hum auia seu quinhão, e sendo 'al-

[1] «apontamento» Autogr.

fandega arrendada perdião elles este bocado. Foy isto dito ao Gouernador, e nunqua pôde saber, ou o nom quis saber, quem erão estes que ameaçarão os lançadores. E estando ElRey embarcado pera partir chegou d'Ormuz hum Miguel d'Ayalla, da priuança do Gouernador, que elle lá mandára de Melinde a buscar dinheiro, e trouxe trinta mil xarafys, os sabidos, e com o que veo secreto a partida d'ElRey se tornou a desfazer, e nom foy, e lhe buscarão outras raiuas, dizendo que primeiro que fosse compria tiraremse humas testimunhas que comprião muyto a seruiço d'ElRey nosso senhor, as quaes se nom podião tirar estando ElRey lá. E todauia foy o sacretario a tirar a deuassa, que d'ElRey foy bem pago pera que trabalhasse por tirar as testimunhas com muyta verdade; mas em Ormuz nom faltou outras mores peytas pera que fizesse o contrairo, e se o fez mal ou bem a Deos dará a conta; mas elle tornou com a deuassa tirada e muyto rico, e trouxe muyto dinheiro ao Gouernador, como adiante direy [1].

Em maio chegou a Goa Diogo Soares, que Martim Afonso Gouernador mandára em huma carauella com huma fusta, que fosse correr e buscar a ilha de São Lourenço, a ver se achaua Pero Lopes de Sousa irmão do Gouernador, que nom auia d'elle noua no Reyno, que desapareceo n'aquella viagem que partio pera o Reyno de Cochym, quando deitou ao mar os escrauos viuos dos pobres homens, e as arqas da roupa que mandou pera terra, como já atrás contey. E o Gouernador mandou lá Diogo Soares em sua busca, cuidando que poderia lá ser perdido; o qual Diogo Soares andou pola ilha ao roubo fazendo prezas, d'onde trouxe muyto dinheiro e escrauos.

[1] A serie das violencias empregadas contra os reis d'Ormuz para lhes extorquir dinheiro, *sem os despir de todo*, consta da Dec. V de *Diogo do Couto*, Liv. IX, Cap. I e V, o qual toma todavia a defeza de Martim Affonso de Mello Jusarte, asseverando que era «fidalgo virtuoso, humano, e *pouco cubiçoso*, de quem todos dizião mil bens.»

CAPITULO XIX.

COMO ELREY MENINO DE BISNEGÁ O MATOU SEU TITOR, E SE ALEUANTOU POR REY; POLO QUE OUVE ALEUANTAMENTOS, E OS GRANDES DO REYNO CHAMARÃO O IDALCÃO QUE FOSSE SER REY, AO QUE ELLE FOY COM GRANDE PODER DE GENTE, E O QUE N'ISSO PASSOU.

JÁ atrás fica contado o que se passou no Reyno de Bisnegá sobre o Rey menino a que querião tomar o Reyno, ao que lá foy o Idalcão por grande dinheiro que lhe derão, e como de lá veo fogindo desbaratado, e o regedor titor do menino fiqou apossado n'elle, e por ser cunhado do Rey morto, casado com huma súa irmã, tia do menino; o qual, vendose como Rey poderoso, entrou n'elle tirania *e* cobiça, e determinou matar o menino e aleuantarse por Rey. E pera n'isto nom ter nenhum impedimento, e ficar seguro no Reyno, lhe compria matar primeiro hum sobrinho do Rey morto, filho de hum seu irmão, de que o morto socedera no reynado; e mais auia de matar dous tios d'este menino, que o Rey morto tinha presos com grandes guardas, porque erão seus irmãos e se temia d'elles, os quaes estauão em huma forteleza d'ahy trinta legoas. E como assentou em seu coração fazer esta traição, escreueo huma carta em nome do Rey menino ao capitão da forteleza onde estauão os presos, que logo os matasse, porque querião fogir; o que logo se fez. E chamando de noyte o sobrinho do Rey morto o matou, e meteo de só a terra, que o nom soube ninguem, e logo matou o Rey menino, e se aleuantou por Rey, porque elle tinha já todolos poderes de Rey com a titoria. Nem ouve quem lhe contradixesse, porque cada hum viuia e reinaua nas suas terras como queria. O qual tyrano, sendo assy feyto Rey com esta traição, temendose como máo de alguns grandes do Reyno, que sabia que erão parentes e amigos do morto pay do menino, assentou de os matar a todos, e os mandou chamar a conselho, dizendo que viessem todos pera ordenarem as cousas do Reyno, porque ElRey era fallecido de sua morte, e elle queria entregar o Reyno, pois já nom era titor. Ao que logo vierão aquelles a que mais tocaua a erança do Reyno, cuidan-

do que auerião o Reyno pera sy; e os primeiros que chegarão forão fallar ao Rey, o qual os deteue em boas praticas até noyte, que dentro na casa onde estaua os tomou, e lhe quebrou os olhos; o que logo foy sabido, e outros senhores que vinhão por caminho se tornarão pera suas terras; polo que nenhum outro quis vir a seu chamado, mas cada hum se afortalezou em suas terras com suas gentes, onde reinauão como Reys. Estes dous senhores a que o trédor quebrou os olhos os meteo em forte prisão, dizendo que se seus filhos contra elle se leuantassem que a [1] * elles * auia logo de mandar matar. Estes senhores tinhão filhos muy grandes senhores de terras e gentes, e sabendo das prisões de seus paes e que seus olhos tinhão quebrados, tiuerão todos conselho, e acordarão aleuantarse contra o tirano, aindaque lhe matasse os paes, pois sendo cegos e sem olhos erão bem mortos. E logo estes filhos dos cegos, fazendo grandes escramações a outros senhores, ajuntando muytos parentes que [2] * tinhão, todos * se fizerão em huma liga contra o tirano, dizendo que era bem que o ponissem, e sobre isso morressem, porque outro tanto lhe nom fizessem a elles. E sendo todos concordes pera ponição do tirano, logo antre elles ouve deferenças de quem teria o mando do Reyno tanto que o tirano fosse fóra; sobre o que tendo grandes deferenças vierão a concordir, que por tirar estas deferenças, chamassem e se concordassem com o Idalcão, que era poderoso de muyta gente de guerra, e que todos lhe déssem a obediencia, e o fizessem Rey de Bisnegá, que era homem que o Reyno teria muyto a direita justiça; e que todos fossem com elle contra o tirano, até o assentarem por Rey de Bisnegá. E sendo todos n'isto conformes assynarão suas cartas e as mandarão ao Idalcão, o qual com isso ouve muyto prazer, e com muyta presteza ajuntou grande exercito de muy boa gente, e ouve conselho com os seus, que todos assy lho aconselharão, e mórmente o Acedecão, senhor das terras comarcãs de Goa, que era o mór senhor e de mór poder de gente que auia no Balagate, que foy com o Idalcão por capitão do campo, e com muy grande poder moueo pera Bisnegá. E passando na estrema dos Reynos d'antre o Balagate e Bisnegá, passarão huma serra que tinha hum muy forte passo, onde o Acedecão fallou com o Idalcão, e lhe disse que se lhe parecesse bem elle ficaria ally n'aquelle passo com sua gente, por bom res-

[1] * elle * Autogr. [2] * tinhão e todos * Id.

guardo, que nom sabia como lhe a cousa socederia em Bisnegá, que se ouvesse algum desastre, porque hia tomar Reyno estranho de gente alhêa, que tornando seria seu bem achar aquelle passo aberto, e guardado da sua mão, e não ficar assy duvidoso, pois com tão pouqa gente [1] * lho * podião tomar, e defender que nom pudesse tornar pera seu Reyno. Mas este conselho do Acedecão nom era tão bom no coração como mostraua na palaura; porque este conselho que elle daua ao Idaldão era com fundamento que se o Idalcão ficasse por Rey de Bisnegá, elle ficaua feyto Idalcão Rey do Balagate: o que elle podia fazer sómente em defender este passo, porque o Acedecão era homem muy sesudo, e bem lhe pareceo que esta empreza que tomára o Idalcão nom lhe auia de sayr bem. O Idalcão, ouvido o conselho do Acedecão, lhe pareceo muy bem, e lho muyto agardeceo, e mandou que ficasse; o qual fiqou no passo com toda sua gente.

CAPITULO XX.

COMO O IDALCÃO FOY OBEDECIDO POR REY DE BISNEGÁ, E POR QUERER FAZER MOUROS AOS GENTIOS SE ALEUANTARÃO CONTRA ELLE; POLO QUE SE TORNOU PERA O BALAGATE COM MUYTO DINHEIRO.

Entrou o Idalcão polo Reyno de Bisnegá, o qual vierão receber muytos senhores com muyta gente de guerra, que lhe dauão a obediencia como a Rey, e os filhos dos cegos, que erão cinqo, tambem se vierão pera o Idalcão, e lhe derão a obediencia como Rey, e se tornarão mouros de gentios que erão, fazendolhe todolas cirimonias como a Rey de Bisnegá; e outros muytos senhores todos derão ao Idalcão a obediencia por Rey de Bisnegá, e todos com muyta gente; com que se ajuntou com o Idalcão grande exercito, concertandose pera logo hir a huma grande cidade, a principal do Reyno, onde estaua o Rey tyrano, que na cidade estaua feyto muyto forte, com muyta gente e capitães que comsigo tinha, a que daua grandes dadiuas do tisouro que tinha em poder. O Idalcão, vendose com tanto poder, e todolos senhores que o acatauão e obedecião como

[1] * lhe * Autogr.

Rey, entrou n'elle grande soberba, parecendolhe que já nom aueria quem o desfizesse de Rey. Por se mais segurar e mostrar poderoso quis fazer alguns grandes de Bisnegá que se tornassem mouros; o que elles recusando, e dando escusas, o Idalcão, mostrandose muyto endinado contra elles, lhe fazia despresos, e os fazia estar abaixo dos mouros, e em seus pagodes e casas de seus idolos mandaua meter os cauallos, e matar as vaqas que elles adorauão, e outras muytas offensas contra sua ley, em tanta maneira que todos erão muy escandalizados, e tomarão muyto odio contra o Idalcão.

O Rey tyrano, sabendo todas estas cousas, e vendo o grande poder que contra elle trazia o Idalcão e que lhe nom poderia registir, lhe mandou seus recados secretos, prometendolhe grande soma do tisouro, e * pedindolhe * que se tornasse e nom fizesse nada contra elle. O Idalcão, como era tambem máo e tyrano, tomou a peyta com muyto segredo, dizendo que faria o que lhe pedia, e que estaria alguns dias; então fengiria alguma doença com que se tornaria. E afóra isto tambem o tyranno mandou suas cartas secretas 'alguns senhores, os principaes, que elle soube que estauão anojados do Idalcão querellos fazer mouros, e sobre isso lhes fazia desprezos e deshonras, aos quaes mandou prometer grandes dadiuas e liberdades, que liuremente reinassem cada hum em suas terras, e * lembrarlhes * que olhassem bem quão grandes senhores erão, e filhos de tão altas gerações, e olhassem que hum mouro estrangeiro se vinha fazer Rey poderoso sobre elles, e os queria tirar de sua ley em que nacerão e morrerão suas gerações, e porque elles querião guardar suas honras, e nom querião ser mouros, olhassem as deshonras e males que lhe fazião, e de cada vez lhe faria pior; o que lhe tanto dohia como de propios filhos; que por tanto elle antes queria ser morto que tal ouvir, que hum mouro [1] * ouvesse * de danar e sujar o Reyno de Bisnegá. E com estas palauras, e outras muytas com que a todos conuoqou muyto contra o que tinhão [2] * feyto, se ajuntarão * huns com outros, * e * auendo seus conselhos, assentarão antre sy nom consentir que o Idalcão fosse Rey de Bisnegá, saluante se elle se tornasse gentio com todos os seus. Do que o Idalcão logo foy auisado, mas elle se callou e nom bulio n'isto nada até primeiro nom fazer mais suas cousas. O Rey tyrano tambem

[1] * aja * Autogr. [2] * feyto e se ajuntarão * Id.

mandou suas cartas ao Acedecão, e lhe mandou grossa peita, rogando-lhe que elle escreuesse ao Idalcão que se tornasse, e nom curasse da empreza que cometia; e que se tornasse que muytas causas acharia pera ter rezão de se tornar, sem nenhuma falta e quebra de sua honra. O que o Acedecão assy o fez, que muy afincadamente o escreueo ao Idalcão, o qual, porque já sentia que os grandes do Reyno se mouião contra elle, estaua muy temeroso que mandarião peyta ao Acedecão, que lhe tiuesse o passo, do que elle tinha muyto receo; e vendo agora a carta do Acedecão folgou muyto, e carteouse com o Rey tyrano que sómente por seu rogo se tornaua pera seu Reyno. Com que o tyrano lhe mandou grande soma de moeda d'ouro, e o Idalcão fengindo hum supito acidente se partio pera o Balagate, e mandou diante suas cartas ao Acedecão, dizendo que tomaua seu conselho e se tornaua; e lhe mandou quatro bufaras [1] * carregadas * de moeda d'ouro. Os senhores de Bisnegá, aquelles a que o Idalcão fizera offensas e deshonras, sabendo que o Idalcão se tornaua ajuntarão muyta gente pera darem n'elle. Do que auendo o Idalcão auiso deu a pressa a seu andar, com sua gente em tal ordem que o nom ousarão cometer; e trouxe cincoenta bufaras carregadas de pardaos d'ouro, afóra muyta riqueza de pedraria, com que chegando ao passo, onde achou o Acedecão, lhe fez grandes honras e deu riquas cousas.

CAPITULO XXI.

COMO EM BISNEGÁ SE ALEUANTOU NOUO HERDEIRO DO REYNO, QUE FOY OBEDECIDO POR REY, E DO QUE FEZ O TYRANO QUE REYNAUA, QUEIMANDO SUAS MOLHERES E TISOURO.

Em quanto se estas cousas passauão se aleuantou hum nouo Rey de Bisnegá, per esta maneira, a saber. Auia nas terras de Paleacate hum grande senhor, casado com huma irmã do Rey antecessor do morto, o qual sabendo d'estas deferenças e males de Bisnegá, e que o tyrano reynaua por nom auer quem o desfizesse de Rey, fallando com alguns seus tra-

[1] * carregas * Autogr.

balhou muyto por saber que era feyto de dous meninos, filhos do Rey antepassado do Rey morto, os quaes meninos ambos erão sobrinhos de sua molher d'este grande senhor de Paleacate, que era irmã do morto Rey antepassado, o qual quando morreo, por estes meninos já nom terem mãy, forão furtados, e nunqua mais se d'elles soube, e forão escondidos, com medo que os nom matassem por aleuantamentos que ouve no Reyno por morte do pay. E pois fallando este grande senhor com alguns seus pera buscarem estes meninos, lhe prometeo muyto dinheiro a quem os achasse, dandolhe logo auiso que onde quer que os achassem os vigiassem e olhassem muyto bem, e nom fallassem nada com ninguem até lhe mandarem recado, se os achassem dentro em suas terras; e se os achassem em outras terras, com muyto auiso e dessimulação os ouvessem á mão, e lhos trouxessem muy encobertamente. E praticando isto com os de que se elle confiou, hum d'elles lhe disse que conhecia os moços e sabia onde estauão, e que estauão em huma terra d'outro senhor, e que os tinha em poder huma velha sua auó, mãy de seu pay, e que quando com os moços fogio, ella em trajos de pedinte e os meninos pedindo, os saluára até onde os ally tinha assy pobremente e desconhecidos, que ninguem os conhecia por quem elles erão; e que estauão fóra das terras de Bisnegá pera' banda d'Orixa, que he Reyno sobre sy. Como este senhor assy teue esta enformação, mandou lá este seu criado que fosse ao lugar onde estauão, e que os visse e conhecesse muyto bem, que era em huma aldêa pequena. Mandou logo após elle hum seu capitão com dous mil de cauallo, que entrasse no lugar e lhe trouxesse os moços e a velha. O que assy se fez, que chegando diante o criado do senhor logo tomou os moços e a velha; ao que chegou o capitão com sua gente, que recolheo a velha e os netos com grandes honras, e * os * meteo em andores riqos, e vestidos como filhos de Rey. E se forão, leuando logo o filho mayor, que era já de dezesete annos de idade, com honras como Rey. O que sabido polo grande senhor os foy receber ao caminho com muytas gentes, e os recebeo com grandes honras, e os pobricou por quem erão, dizendo que o mayor era direito herdeiro do Reyno de Bisnegá, que Deos o descobrira pera que fosse tomar seu Reyno ao tyrano, que o ora tinha tomado tyranamente. O que ouvindo o pouo fizerão grandes aluoroços e festas, porque sabião que assy era verdade. Com que logo se forão pera elle muytas gentes e homens principaes, onde to-

dos bradarão que logo fosse aleuantado por Rey; o que assy foy feyto com grandes festas e todas suas cirimonias. E por conselho de todos, e por assy o requerer o irmão mais velho, que se escusou de ser Rey por ser enfermo de huma dôr, que o desatinaua fóra de seu natural [1] * siso, foy * feyto e aleuantado por Rey o irmão, que era mais moço hum anno, que era muy sesudo e valente caualleiro. E sendo feyto Rey logo lhe derão muyto dinheiro, e fez muyta gente de guerra, e tudo ordenaua este grande senhor, que o Rey logo fez regedor de todo o Reyno, porque era elle homem de muyto saber pera isso. Então com muyta gente se foy ao pagode de Tremelle, que he a casa principal e de mais riqueza de todo o Reyno de Bisnegá, que está n'aquelle porto de Paleacate, e o Rey nouo pedio ajuda á casa pera hir tomar posse de seu Reyno, e destroir o tyrano que o tinha tomado; o qual pagode lhe deu cem bois carregados de moeda d'ouro, com que logo ally fez hum pagamento á sua gente, e fez largas mercês, com que fez aquy emxercito de sessenta mil de cauallo e passante de hum conto e meo de gente de pé. E logo fez caminho pera Bisnegá, pera' cidade em que estaua o Rey tyrano, no qual caminho se forão pera elles muytos grandes e senhores, com muyta gente, e lhe obedecião por Rey de Bisnegá. Esta noua correo pola terra, em maneira que muytos senhores que estauão com o tyrano o deixarão, e se forão obedecer a seu Rey; com que no tyrano entrou desesperação, o qual recolheo a huma casa as móres riquezas que tinha e as mais fremosas molheres, e mandou aos seus que * o vão * debaixo da casa enchessem de azeites e manteigas e materiaes fortes, e mandou çarrar as portas da logia com pedra e cal, e quisera dar fogo no tisouro da pedraria, mas nom lho consentirão os seus. Então se recolheo á casa, e elle mesmo deu fogo nos materiaes da casa debaixo, com que arrebentou e toda ardeo em cinza, polos fortes materiaes que tinha, que nom puderão matar, e elle sayose fóra da casa a huma varanda que estaua sobre hum pateo, onde estaua toda sua gente, e se matou com huma adaga, dizendo: « Milhor he » « çarrar eu meus olhos com a morte reynando, antes que ante minha » « face veja quem me tire de minha honra. Eu moyro Rey de Bisnegá » « antes que veja outro ante meus olhos. » Onde n'esta casa se queimou riqueza sem conto. E logo d'ahy a pouqos dias chegou o Rey nouo, com

[1] * siso polo que então foy * Autogr.

que já vinhão todolos grandes senhores de todo o reyno, e com grandes festas e cirimonias todos lhe derão suas obediencias, e elle como grande sesudo assentou da sua mão todolas cousas do Reyno, e foy bom Rey.

CAPITULO XXII.

COMO DE SEUILHA PARTIO HUMA ARMADA * DE CASTELHANOS * NO ANNO DE 543 PERA HIR A MALUCO, ONDE CHEGOU; E O QUE COM ELLES PASSOU DOM JORGE DE CRASTO, CAPITÃO DE MALUCO.

E porque n'este anno presente de 543 se passou esta cousa me pareceo rezão aquy a escreuer, que he a seguinte, que em junho d'este anno partio de Seuilha huma armada de castelhanos, de cinqo naos e huma galé, e por capitão mór d'esta armada hum Ruy Lopes de Vilhalobos, com a qual nauegando polo mar d'Espanha Noua, e pola parte do sul, foy tomar em huma ilha chamada Mindanão, a que elles puzerão nome Antona [1], que he sete legoas de Maluco, onde a gente da terra com elles tiuerão guerra e matarão alguns; e porque estas gentes erão nossos amigos os nom querião consentir na terra e pelejarão com elles. Do que se forão aqueixar a Maluco a dom Jorge de Crasto, que lá era capitão, o qual auendo seu acordo mandou hum messigeiro aos castelhanos, que foy hum Antonio d'Almeida, e per elle mandou hum requerimento ao capitão d'armada, dizendo que a gente d'aquella ilha se lhe viera queixar de males que lhe fizerão; que lhe fazia a saber que aquella terra em que estauão era d'ElRey de Portugal, por estar dentro de seus lemites, e que por tanto na terra nom podião estar sem sua licença, porque estauão em sua jordição e sô sua capitania; e que lhe nom dizia mais que isto porque nom sabia a causa de sua vinda ally, se fôra por tempo fortoyto ou

[1] Partiu a armada de Ruy Lopes de Villa-Lobos, do porto de Natividad, e não de Sevilha, no primeiro de novembro de 1542, e em fevereiro ou março de 1543, não podendo os hespanhoes dobrar a ilha de Mindanao, correram ao sul, e foram surgir na de Saragão, á qual deram o nome de Antonia. V.ª *Couto*, Dec. V, Liv. VIII, Cap. X, e *Herrera*, *Hist. de las Indias Occid.* Dec. VII, Liv. V, Cap. V.

por erro de nauegação; e que se com fortuna ally aportarão, e hião pera outra parte, que repousassem embora, e nom fizessem mal na terra, e se lhe comprisse alguma cousa pera su'armada estaua prestes pera lhe fazer todo seruiço e ajuda que pudesse, por serem vassallos do Emperador, intimo amigo e irmão d'ElRey de Portugal; e que elle mandaria cartas ao Rey da terra que por seu dinheiro lhe déssem tudo o que ouvesse na terra; e do que tiuessem necessidade, se o nom ouvessem na terra, lho mandassem dizer, e que de boamente faria o que pudesse. E que se ally erão vindos a buscar aquella terra pera n'ella fazerem assento e trato, que tal nom podião fazer, nem elle lho auia de consintir, e lho auia de defender, porque todas aquellas ilhas estauão sô seu mando e obrigação; e que indaque dissessem que erão terras dos limites do Emperador que muyto menos por isso podião entrar n'ellas, porque hião contra a postura e a quebrauão, que era posta d'antre o Emperador e ElRey de Portugal, de trinta annos, que nada auia d'entender nas cousas de Maluco senão acabados os trinta annos, que inda nom era passado ametade do tempo; porque se antes d'elle acabado n'isso quigesse entender, primeiro auia de tornar a Portugal tresentos mil cruzados, que polo partido lhe forão dados. Que por tanto por todolas vias n'aquella terra nom podião fazer trato nem assento, saluo mostrandolhe prouisão d'ElRey nosso senhor pera isso; que se a trazião lha mandassem mostrar, que elle nom cria que ally viessem sem ella, porque sem ella erão trédores ao Emperador, fazendo cousa tanto contra sua verdade, o que elle muyto aueria por mal; polo que nom cria senão que elles erão cossairos, e vinhão aleuantados; que por tanto lhe pedia que de sy lhe mandassem rezão, pera elle saber o que auia de fazer.

Foy com esta messagem o dito Antonio d'Almeida, e primeiro de chegar pedio seguro, o qual lhe logo mandou o capitão mór d'armada, pera sempre em quanto andasse nas messages, e o recebeo com honra, e vendo a messagem que lhe daua, auendo seu acordo, respondeo tambem por escrito, dizendo que elle era vindo com aquella armada per mando de Antonio de Mendoça, Visorey da Noua Espanha, a quem o Emperador tinha dado o descobrimento das terras e mares do ponente, o qual o mandára com aquella armada 'o dito descobrimento, com grande defesa que em nada de Maluco tocasse nem nauegasse; o que elle assy tinha muy bem guardado, porque sempre nauegára polos limites do Emperador e

não d'ElRey de Portugal, e aquella terra em que estaua era da demarcação do Emperador, e separada e muy alhêa das ilhas do crauo, que era Maluco, onde elle nom tocaria, porque em todo guardaria seu regimento; que esta era a rezão que de sy lhe daua, a qual deuia d'auer por muy boa, pois que o era. E com isto outras muytas rezões e comprimentos de boas palauras, que tudo deu por assinado. O que visto por dom Jorge lhe tornou a mandar outra messagem, respondendo em todo miudamente como compria; a que o castelhano tornou a responder, concordindo que em nada tinha errado em vir ally e assentar trato, e por tantas rezões como lhe tinha dado nom deuia de n'isso mais debater, mas que lhe aprouvesse que estiuessem como irmãos em muyta paz, até que d'Espanha ou de Portugal viesse o que n'isso fizessem. E contendendo n'estes debates veo o tempo da monção que os nauios de Maluco partião pera' India, nos quaes dom Jorge mandou recado ao Gouernador do que passaua, [1] *para que* mandasse o que n'isso faria, que já com os castelhanos fòra pelejar se soubera o que n'isso acertaua ou erraua; o que nada faria sem seu mandado. Chegada esta noua a Malaca logo correo pola via de Choromandel, e veo ao Gouernador muyto tempo antes que chegassem os nauios de Malaca. No que o Gouernador proueo, e mandou a Maluco Fernão de Sousa de Tauora, como adiante contarey.

CAPITULO XXIII.

COMO O GOUERNADOR CONCERTOU TOD'ARMADA E *A* PÔS NO MAR, DANDO ENTENDIMENTO QUE AUIA RUMES, E APERCEBEO GENTE DE CAUALLO QUE AUIA DE TOLHER A DESEMBARCAÇÃO, E TUDO FENGIDO E DESSIMULADO; E A ORDEM QUE A TUDO DEU.

Tornando á minha estoria, digo que sendo inuerno çarrado, no mês de junho se tornou a esparçar a noua dos rumes muyto em reués do que era dita de primeiro; onde logo affirmarão que o Gouernador ordenára toda a noua, porque com a noua de rumes teue justa rezão de reter a

[1] *e* Autogr.

gente que se lhe nom fosse per outras partes. E a noua foy que dom Christouão era viuo, com muytas vitorias que tinha auido contra o Rey de Zeilá; e que no Estreito nom auia armada nem fustas de rumes, e que todauia Pero Vaz de Sequeira nom entrára as portas, por ter muyta certeza que fustas de rumes estauão em Adem, pera que como vissem nossos catures correrem após elles até os ensequarem e tomarem; e por lhe isto affirmarem, Pero Vaz de Sequeira nom ousou d'entrar as portas. E o mesmo Gouernador assy o dizia, e daua as nouas que se desfizera 'armada dos rumes, porque morrêra o Turquo e andauão em deferenças de fazer outro Turquo, porque elles tinhão em suas leys e profecias que morrendo este Turquo nom auia d'auer mais outro nenhum. E indaque o Gouernador isto dizia, estaua já a gente tão crente [1] * em auer as * primeiras nouas por certas, que affirmauão que o Gouernador nom tornaua agora ao desdizer senão porque a gente nom desacoroçoasse, * e * vendo a muyta pressa que daua em concertar a armada, e a poer no rio pera estar mais prestes, * dizião * que estes trabalhos tamanhos nom erão senão por ter por certos os rumes. E o Gouernador tambem n'esta cousa daua de sy hum geyto com que fazia crente o que os homens sospeitauão, e tinha este modo pera que a gente nom deixasse de se aprecеber, como todos fazião, cada hum quanto mais podia.

O Gouernador daua grande mesa, e mandou a muytos fidalgos que a dessem, ao que elle ajudaua com mercê de dinheiro que lhe daua pera ajuda de seus gastos, de maneira que auia doze ou quinze mesas dos milhores fidalgos. Mas nom erão ellas tão ordenadas e fartas como as que dauão em outro tempo os capitães per suas vontades, e de seu propio gasto; porque as dauão elles por nobrezas de suas honras, esperando por isso mercê d'ElRey, mas estas erão como d'estalajadeiros, que erão Gracia de Sá, Fernão de Sousa de Tauora, Alonso Anriques de Sepulueda, Luis Cayado, Francisco de Sá, Luis de Sá, dom João Mascarenhas, Pero de Faria, que então viera de Malaca, Luis Falcão, dom Fernando de Lima, dom Jorge Tello de Meneses, e outros. E acabados tres meses, que era quartel do anno, era posta bandeira nas casas do Gouernador, onde á entrada da salla era posta mesa, e ally vinha o feytor, e presente o vêdor da fazenda pagaua á gente, a cada hum o que tinha vencido nos

[1] * em as auer e as * Autogr.

tres meses. Encarregou muyto os capitães que fizessem com os lascarys que tiuessem espingardas, porque indaque nom ouvesse rumes tinha em outra parte muyto que fazer, em que esperaua que todos se muyto aproueitarião. Mandou aos fidalgos e homens que tinhão fazenda pera isso que tiuessem cauallos; no que muyto com elles apertou, mórmente casados, com que se fizerão perto de quatrocentos muy bem encaualgados, com muytos gastos de seus aprecebimentos, que o somenos d'elles nom se apercebeo com menos de quatrocentos pardaos; e muytos porque nom tinhão dinheiro comprauão fiado, que por lhe assy agardarem polo dinheiro comprauão o dobro mais caro do que valião as cousas. O Gouernador, por mais encitar os homens a gastar, mandou apregoar que todo homem que leuasse cauallo lho forraua dos direitos, e d'elles lhe fazia mercê em nome d'ElRey, e pera isso os fossem apontar na feytoria, pera a conta do feytor, que cada hum ouvera de pagar corenta e tres pardaos d'ouro; e mais no pregão dizia que se lho matassem, ou o perdesse na guerra por algum cajão, que o mandaria pagar á custa d'ElRey; polo que então os homens se empenharão como em Goa nom fiquou cauallo que fosse de geito, que todos forão comprados. E sendo assy tantos homens encaualgados, o Gouernador, porque sabia [1] * que os que os homens comprarão * fiado erão muyto caros, mandou que os cauallos que erão comprados fiados se nom pagasse por elles senão sua justa valia, que era mostrar seu dono o preço que lhe dauão por elle, e nom sendo nunqua apreçado então seu dono tomasse por elle o que lhe tinha custado, ou a contia em que fosse aualiado. E assy tambem * foy * apregoado, e passou d'isso prouisão aos moradores que venderão os cauallos fiados, que sendo caso que os compradores que comprarão fiado morressem na guerra, elle se obrigaua a lhos mandar pagar da fazenda que ficasse do comprador, primeiro que outra nenhuma diuida; e que nom lhe ficando fazenda lhe mandaria pagar da fazenda d'ElRey. E sendo assy aprecebida esta gente de cauallo, mandou fazer orçamento do que fazião de gasto huns per outros, e os puserão em quatrocentos pardaos cada hum, que he o somenos gasto que se póde orçar, em que acharão que com os direitos e todo em soma passauão de cento e cinqoenta mil cruzados. Os lascarys que auia per conto do rol dos mantimentos erão casy

[1] * que os homens que comprarão * Autogr.

tres mil; e porque auia muyta falta de gente do mar, per albitre de Cosmeannes, escriuão da matriqola que então seruia de sacretario, o Gouernador mandou per hum dos juizes que em rol escreuesse todolos moradores como vierão do Reyno assentados, e esto com juramento que lhes daria, e decrarassem as idades, e se erão sãos ou aleijados. O que assy [1] * feyto, se acharão * no rol passante de mil e seiscentos moradores.

CAPITULO XXIV.

DA MUYTA GENTE QUE EM GOA MORREO DE HUMA NOUA DOENÇA CHAMADA MORDEXY, E POR A SÉ NOM PODER ENTERRAR TANTA GENTE E DAR OS SACRAMENTOS, O BISPO FEZ DE NOUO FREGUEZIAS A IGREIJA DE NOSSA SENHORA DO ROSAYRO, E DA LUZ; SOBRE O QUE OUVE CONTENDAS.

N'ESTE inuerno ouve em Goa huma dôr mortal, que os da terra chamão moryxy [2], muy geral a toda calidade de pessoa, de minino muy pequeno de mama até velho de oitenta annos, e nas alimarias e aues de criação da casa, que a toda cousa viuente era muy geral, machos e femeas; a qual dôr daua na criatura sem nenhuma causa a que se pudesse repular, porque assy vinha aos sãos como aos doentes, aos gordos como aos magros, que em nenhuma cousa d'este mundo tinha resguardo. A qual dôr daua no estamago, causado de frialdade segundo affirmauão alguns mestres; mas depois se affirmou que lhe nom achauão de que tal dôr se causasse. Era a dôr tão forte, e de tanto mal, que logo se conuertia nas sustancias de forte peçonha, a saber: d'arrauesar, e beber muyta

[1] * feyto E se acharão * Autogr. [2] O quadro symptomatico que Gaspar Correa nos legou, sem ser medico, do *morxi* ou cholera morbus que no inverno de 1543 devastou a cidade de Goa, vem completar a descripção que Garcia da Orta fez d'esta molestia no 17.º dos *Coloquios dos simples, e drogas, e cousas medicinaes da India*, e pela qual mereceu ser louvado como o primeiro que escreveu sobre este assumpto. Note-se que o historiador, cujas noticias a este respeito desprezou Francisco d'Andrade, seguindo-o em quasi tudo, foi ainda mais adiante que o fisico môr; porque, no seu estylo rude, refere experiencias anatomicas que já n'aquelle tempo se fizeram, e nos dá tambem conta d'uma epizootia, e da avareza clerical aggravando a calamidade.

agoa, com deseqamento do estamago, e cambra que lh'encolhia os neruos das curuas, e nas palmas dos pés, com taes dôres que de todo o enfermo ficaua passado de morte, e os olhos quebrados, e as unhas das mãos e pés pretas e encolheitas. Á qual doença nossos fisiquos nunqua acharão cura; e duraua o enfermo hum só dia, e quando muyto huma noyte, de tal sorte que de cem doentes nom escapauão dez, e estes que escapauão erão alguns por lhe acodirem muy em breue com meizinhas de pouqua sustancia, que sabião os da terra. Foy tanta a mortindade n'este inuerno que todo o dia dobrauão sinos, e enterrauão mortos de doze e quinze e vinte cada dia; em tanta maneira que mandou o Gouernador que se nom tangessem sinos nas igreijas, por nom fazer pasmo á gente. E por esta ser huma doença tão espantosa, morrendo hum homem no esprital d'esta doença de morexy o Gouernador mandou ajuntar todolos mestres, e o mandou abrir, e em todo o corpo de dentro lhe nom acharão mal nenhum, sómente o bucho encolheito, e tamanino como huma muella de galinha, e assy enuerrugado como coiro metido no fogo. Ao que disserão os mestres que o mal d'esta doença daua no bucho, e o encolhia, e fazia logo mortal. E porque auia grande apressão no enterramento dos mortos, que os crelgos da sé nom podião tanto soprir, então o bispo dom Afonso d'Alboquerque repartio freguesias pola cidade, e fez freguesias Santa Maria do Rosairo, e Santa Maria da Luz; sobre que tiuerão muytos debates, porque os crelgos da sé nom quiserão consentir que as freguesias leuassem os dizimos de seus fregueses.

CAPITULO XXV.

COMO EM DIA DA CONUERSÃO DE SÃO PAULO, DO ANNO DE 543, FOY FEYTO NOUO COLLEGIO DA ORDEM DE JESU A IGREIJA DE SÃO PAULO, E[1] *N'ELLE* CANTARÃO A PRIMEIRA MISSA.

E tambem n'este anno, em dia da conuersão de São Paulo, se consagrou e disse a primeira missa na igreija de São Paulo feyta em collegio nouo. A qual casa foy principiada por mestre Diogo, clerigo e mestre na

[1] *elles* Autogr.

santa teologia, prégador, que ordenou a ordem do dito mosteiro, ao que [1] * foy ajudador * Miguel Vaz, licenceado e vigairo geral da India, homem leigo de boas virtudes e costumes, e tambem a isto ajudou o doutor Pero Fernandes, ouvidor geral da India, homem de bom siso e saber, encrinado a bem, que bem julgou justiça, o derradeiro ouvidor geral que mandou e ministrou toda a justiça e jordição geral da India; porque os outros que após elle forão nom tiuerão total alçada como elle teue, porque espedindo seu tempo, que se foy pera o Reyno, fiqou na India Rolação, que elle fez que ElRey a mandasse por as desosoluções *(sic)* que os Gouernadores fazião na sentenças que daua o ouvidor geral, que era só seu mando. E tambem foy ajudador n'esta obra Cosmeannes, escriuão da matriquola geral: os quaes todos tres, com o dito mestre Diogo, por suas deuações ou descargos, ou como a Deos aprouve, com o mestre Diogo, ministrador mór d'esta cousa, ouverão do Gouernador Nuno da Cunha, pera o fazimento e renda d'esta casa, as rendas das terras que dentro na ilha de Goa rendião pera casas de pagodes de gentios, as quaes casas de pagodes e ministros d'ellas o mestre Diogo e seus ajudadores tanto os perseguirão, e mouerão antre elles taes debates, e demandas, e males, que os mesmos gentios per sy vierão a derribar e desfazer as casas dos pagodes, per onde as rendas ficarão assy vãs, e se recolhião pera ElRey, as quaes sendo pedidas ao Gouernador pera esta obra elle as outorgou todas á dita casa, com tanto que ouvessem a prouisão d'ElRey assy o auer por bem. O que per todos foy fallado e pedido a ElRey, em tal maneira que tudo lh'outorgou, que então n'este principio era renda de mil e quinhentos pardaos d'ouro, mas depois se forão descobrindo tantas cousas d'estes pagodes que foy a renda em crecimento, que depois sobio tanto que n'este anno já passaua de oito mil pardaos d'ouro de renda. E sendo a casa feyta, em tanto que se fazia o mestre Diogo per sua endustria apanhou moços pagãos e mouros, de todolas nações que pôde auer, que todos fez christãos, e outros que já erão christãos, todos moços de dez annos até doze annos, e tambem de menos idades, que nom auião conhecimento de molheres, e os recolheo pera' casa, huns per vontade outros constrangidos, e na casa os meteo em dormitorio e refertoyro, com bom vestir e comer muy ordenado, onde * o * mestre os ensinaua a lêr e es-

[1] * forão ajudadores * Autogr.

creuer, e depois a latim, e a toda ciencia; os quaes, como assy forão apartados e fechados, que lhe esqueceo o folgar de meninos, tanto Deos os encrinou a bem que em pouqos dias erão ensinados nos officios do coro como deuotos religiosos. Em tanta maneira Deos n'elles enfloyo a sua graça que em pouqos annos alguns d'elles forão bons latinos, e tão dotos na ciencia que per sua lingoa prégauão aos domingos á tarde, onde se ajuntauão muytos dos naturaes, a que elles, prégando e fallando por sua lingoa, lhe soltauão os enganos de suas idolatrias, com que muytos se conuerterão ao santo bautismo. Onde sendo juntos collegio de setenta ou oitenta, se chegarão á casa alguns seçardotes de santa vida, ao modo d'apostolos, que tinhão a ensinança e regimento da casa, porque o mestre Diogo era acupado no estudo, que sempre prégaua na sé; homem muy catholico e de santa doutrina, que depois de fabricado o mosteiro d'ahy a oito annos falleceo, e n'elle jaz sepultado, como adiante inda de sua morte contarey. O qual tanto n'esta deuota obra se trabalhou, e no ensino de seus discipulos, que quando se na casa disse a primeira missa, a que esteue presente o Gouernador e bispo com todolos fidalgos, com muytas festas e tangeres, a missa foy officiada polos moços, cantando baixo e repousado a modo de freiras; onde o mestre prégou em louvor da santa obra, e disse a missa, onde dous de seus discipulos cantarão o auangelho e 'pistola. Quando o bispo assy fez as freguesias quisera que tambem esta casa tiuera freguesia, mas elles nom consentirão, dizendo que sua ordem auia de ser de santo loy [1], e seu trabalho auia de ser ensinar, prégar, confessar, bautisar, e visitar os atribulados, e correr todolas terras per estas partes da India prégando o santo auangelho, e na casa auião de entrar moços pequenos, e não homens que sentissem os trabalhos e vicios do mundo.

[1] De Santo Eloi, ou conegos seculares de S. João Evangelista.

CAPITULO XXVI.

COMO HUM BACHAREL DE MEDICINA FOY APROUADO POR JUDEU [1], E FOY QUEIMADO, E A ORDEM QUE SE N'ISSO TEUE.

N'ESTE mesmo anno se aqueceo que hum bacharel em medicina, morador em Goa, chamado Jeronimo Dias, de casta de christãos [2] * nouos, em * algumas praticas com seus amigos tocaua algumas cousas contra nossa santa fé. O que foy dito ao bispo, o qual por n'isso duvidar, e se certificar na verdade, lhe deitou alguns echadiços que com elle fallassem, e tomassem bem as sustancias do que dizia, mórmente hum crelgo, bom latino, que fallando com o bacharel com elle mouia prefias e praticas, com que de todo lhe entendeo sua erronia; do que de todo vinha dar conta ao bispo, o qual o mandou prender, e mandou fazer processo contra elle, e tirar testimunhas. E sendo assy preso, com algumas pessoas que com elle praticauão inda sostentaua muytas cousas da ley velha contra nossa santa fé, com que de todo fiqou prouado que era direito judeu; com que de todo o feyto foy concruso. Então o bispo se foy ás casas do Gouernador, e se assentou em huma mesa que estaua dentro em humas [3] * grades * onde se pagauão os soldos, que era no topo das escadas da casa, onde ally com o bispo se ajuntou mestre Diogo, e frey Antonio comissairo de são Francisco e prégador, e outro prégador dominico, e o vigairo geral, com outros padres relegiosos todos assentados á mesa. Per todos visto o feyto puserão n'elle sentença, polo bispo assinada, e mandou ally trazer o bacharel, do tronqo donde estaua, e o puserão no meo da escada, onde estaua muyto pouo junto, onde assy em pubrico lhe forão feytas certas perguntas sobre os casos que elle ententaua e sostinha com seu pouqo saber, e a tudo respondeo como o tinha dito. Então lhe fizerão pergunta se aquillo que dizia e affirmaua se era por mais nom entender que aquillo que dizia. Respondeo que o dizia porque assy o entendia, nem auia hy mais que n'isso entender. Então o vigairo

[1] Isto é: se provou que era judeu. [2] * nouos, o qual em * Autogr. [3] * grandes * Id.

geral tomou o feyto na mão, e se pôs no primeiro degrao das escadas, onde em sua presença lhe leo a sentença, que dizia assy:

«Visto o merecimento d'estes autos feytos e prouados por vosso confesso o bacharel Jeronimo Dias, em que per elles se mostra, confessado per palaura de vossa boca, que vós ententastes e quisestes soster e aprouar cousas muy erradas contra nossa santa fé catoliqua de Christo Jesu Nosso Senhor; o que erradamente entendestes, em tal cousa e em tal; e porque nom he tal, mas he tal; (em que lhe tudo desfizerão muy destintamente) per merecimento do qual á nossa santa madre igreija vos ha por yreje, e errado judeu, contra a fé do saluador do mundo, que he Jesu Christo, Deos e homem, filho da virgem Maria Nossa Senhora, e assy por yreje vos entrega e dá nas mãos das justiças seculares, que vos [1] * dem * a ponição segundo vossos merecimentos.» Então disse aos meirinhos que lho trouxerão que lho entregaua por yrege, e entregou o feyto, ally presente elle, a hum escriuão do ouvidor geral que presente estaua. Então os meirinhos o decerão mais abaixo, e o escriuão entrou com o feyto pera dentro pera a salla, onde já pera isso estaua outra mesa posta, a que estaua assentado o Gouernador, com o ouvidor geral, com outros leterados, e muytos fidalgos, onde logo na mesa presente todos foy o feyto visto, * e * o ouvidor geral leo a sentença apostolica do bispo, onde abaixo d'ella logo per sua mão escreueo outra, que assinou o Gouernador com elle, a qual o escriuão leuou fóra, e do topo da escada, assy como fizera o vigairo geral, lha pobricou em sua presença, que dizia assy: «Vista a sentença da santa madre igreija, em que ha por condenado no caso d'irisya a vós o bacharel Jeronymo Dias, vos condena a justiça d'ElRey nosso senhor que polo dito caso com baraço e pregão seja vosso corpo queimado viuo, feyto em pó, por erege contra nossa santa fé catolica. E pedindo perdão, e tornandose 'arrepender, e confessando vosso erro e querendo morrer christão, sereis primeiro afogado, porque nom sintaes o tromento do fogo.»

Em quanto assy o feyto se trataua na mesa do Gouernador, mestre Diogo fallou com o bacharel, e o reprendeo fortemente, allegandolhe muytos teistos, com que o fez arrepender e conhecer de seu erro, de maneira que quando lhe assy pobricarão a sentença secular a ouvio com

[1] * dê * Autogr.

paciencia, acusandose de seu pecado assy em pubrico. E logo foy tornado ao tronquo, onde pedio confissão e o confessou mestre Diogo, e foy leuado a pilourinho, acompanhado da misericordia com mestre Diogo, que o acompanhou até ser afogado, e foy queimado, feyto em pó.

CAPITULO XXVII.

COMO O BISPO POBRICOU A BULLA DA SANTA INQUISIÇÃO, POBRICANDO POR ESCOMUNGADOS OS QUE NOM DESCOBRISSEM OS CASOS DA SANTA INQUISIÇÃO.

ENTÃO logo no domingo seguinte o bispo prégou na sé, e no pulpeto leu a bulla da santa inquisição, e notefiqou a escomunhão, que todos descobrissem de quem quer que soubessem alguns erros, d'homens ou molheres christãos, que viuessem e usassem algumas irisias contra nossa santa fé sómente; porque nas outras sustancias da santa inquisição ao presente se nom auia d'ellas de usar, até nom vir espressa prouisão d'El-Rey nosso senhor.

CAPITULO XXVIII.

DA GUERRA QUE SE ALEUANTOU ANTRE O REY DE COCHYM E DA PIMENTA, E ESTIUERÃO EM TREGOA ATÉ LÁ HIR O GOUERNADOR.

N'ESTE inuerno, *estando* o Rey de Cochym muy agastado porque o Gouernador quando foy a Cochym fauoreceo muyto o Rey de Cranganor, que era contra elle em fauor do Rey da Pimenta, com que elle tinha contendas por caso do Rey de Porquá, como já atrás fica contado do que n'isso fez dom Christouão da Gama, irmão do Gouernador dom Esteuão, sobre as [1] *taes* contendas ajuntarão, cada hum suas gentes, e se ajuntarão ambos, o Rey de Cochym e da Pimenta, em humas terras que cha-

[1] *quaes* Autogr.

mão Amgrulla, onde ouverão algumas batalhas em que sempre o Rey da Pimenta fiqou vencedor; de que o Rey de Cochym se ouve por tão enjuriado, que jurou de se nom aleuantar do campo até nom morrer, ou ficar feyto Rey de Cochym e da Pimenta. O Rey da Pimenta jurou outro tanto, que se nom hiria até nom ter ganhado n'aquelle campo o Reyno de Cochym. No que se causarão tantos debates que nom vinha nenhuma pimenta ao peso, nem decia da serra. E porque em Cochym ficára muyto dinheiro pera ella, que deixára o ouvidor geral, que tomaua dos defuntos, (que tambem elle era prouedor mór, que dera no tisouro, de que tomaua a letra d'ElRey pera no Reyno se pagar aos herdeiros) sendo o Gouernador d'isto auisado per cartas que lhe mandarão por terra, e que o Rey de Cochym pedia ajuda dos portugueses contra o Rey da Pimenta, e o Rey da Pimenta a pedia tambem contra o Rey de Cochym, sobre o que o Gouernador auendo seu acordo mandou que a nenhum dos Reys se désse ajuda, nem fosse lá nenhum portuguès. Então escreueo a ambos os Reys, com grandes rogos, que cessassem da guerra, e se apartassem, que nom ouvesse nenhum mal antre elles, porque como o verão entrasse logo lá hiria por amor d'elles, e que elle os concertaria como nenhum nom perdesse nada de sua honra. E tanto em suas cartas os rogou que elles assy o fizerão, e cada hum prometeo que se nom boleria d'onde estaua, senão se o Gouernador por sua pessoa o fosse tomar pola mão e o leuar d'ally d'onde estaua; e assy o mantiuerão, como adiante contarey.

CAPITULO XXIX.

COMO EM FIM DE JULHO CHEGOU Á BARRA DE GOA HUMA NAO DE MOUROS, E DERÃO REBATE NA CIDADE QUE ERA GALÉ, E FEZ GRANDE ALUOROÇO; E N'ESTE INUERNO MANUEL DE SOUSA, CAPITÃO DE DIO, DESFEZ HUM BALUARTE QUE OS MOUROS FIZERÃO NA CIDADE.

Sendo vinte dias de julho, que era inda muyto inuerno, o Gouernador mandou descobrir 'armada do mar, que estaua cuberta de palha por caso da chuva; e mandou nas galés meter remos, e artelharia miuda, e monições, e emmastear e aparelhar de todo, sem embargo de grande enuer-

nada que fazia. E sendo doze dias d'agosto derão rebate que na barra estaua huma nao com os mastos quebrados, e lhe derão esta noua de noyte. Ao que o Gouernador, com grande aluoroço, sayo logo a cauallo. Ao que acodio muyta gente, porque na noua mesturarão galés de rumes, com que o aluoroço e estrondo foy muy grande, a que muytos homens acodirão armados, e logo se deitarão catures ao mar, e esquipados, e gente n'elles; nos quaes foy Aleyxos de Sousa á barra, e toda a noyte a cidade foy em muyta reuolta até pola menhã, que veo noua da barra que era huma nao de mouros, que vinha de Caxem carregada de cifa e pexe salgado, e atrauessando pera esta costa lhe dera temporal, com que lhe quebrára o masto, e desaparelhada veo ter á barra. E porque a nao nom trazia cartaz os negros ouverão medo, e fogirão a nado pera' terra firme, e nom quiserão tornar, indaque o Gouernador lhe mandaua seguro. A nao mandou recolher o Gouernador, com a cyfa e pexe, que foy bom pera' armada.

Sendo vinte d'agosto chegou catur de Dio com cartas ao Gouernador, em que lhe dizião que erão vindas naos de Cambaya de dentro do Estreito, e dauão noua certa que nom auia rumes, e dom Christouão andaua muy vitorioso contra os mouros; e que Dio estiuera de guerra este inuerno, nom que ouvesse batalha, sómente os portugueses estarem ençarrados, e nom ousauão de sayr longe da forteleza, nem os mouros da cidade nom ousauão aparecer á vista d'ella, e que fizerão os mouros hum baluarte que tiraua ao longo do rio, que defendia toda a barra; ao que logo o capitão fez outro baluarte contra elle, muyto mais forte, e nom quis contender com os mouros em lhe tolher que nom fizessem o baluarte, porque tambem a elle lhe nom estoruassem fazer o que fazia; no qual deu tanta pressa que acabou o seu baluarte primeiro que os mouros acabassem o seu, e como o seu teue acabado se fez prestes com a gente bem concertada, e mandou dizer ao capitão da cidade que o Gouernador auia por mal aquelle baluarte que fazia; que por tanto o nom fizesse, que lho nom auia de consentir. Ao que lhe o capitão respondeo que elle o fizera pera ally estar feyto, que o nom auia de mandar desfazer; que se o Gouernador o nom auia por bem, e lho mandaua, que o fosse elle desfazer, que elle nunqua desfizera o que fazia. O capitão Manuel de Sousa de Sepulueda, ouvida a reposta do mouro assy soberba, como já pera isso estaua prestes, sayo da forteleza com a gente muy concertada, e foy ao ba-

luarte dos mouros, e o mandou desfazer com muytos pedreiros que leuaua, e muytos escrauos valentes homens que leuaua com muytas alauanqas de ferro, com que muy prestesmente desborrondarão o cubello até o chão, deitando no mar muyta da pedra. O que vendo os mouros da cidade, fizerão grande aluoroço d'armas e ajuntamentos, cuidando que os nossos largarião a obra; mas o capitão não fez de sy nenhum mudamento até de todo o cubello ser desfeito, e se tornou pera' forteleza repousadamente, com sua gente bem ordenada, e se recolheo, sem os mouros chegarem a trauar escaramuça; nem o capitão quis tornar a elles.

CAPITULO XXX.

COMO EM AGOSTO O GOUERNADOR PÔS TOD'ARMADA NA BARRA DE GOA, E MANDOU PARTIR QUATRO CARAUELLAS COM REGIMENTO ÇARRADO, E DEFESA AOS CAPITÃES QUE O NOM ABRISSEM SENÃO SENDO VINTE LEGOAS DA BARRA, E DOM JOÃO MASCARENHAS, HUM DOS CAPITÃES, TORNOU 'ARRIBAR Á BARRA, E O QUE PASSOU COM O GOUERNADOR.

O Gouernador era tão estocioso em suas cousas que se prezaua muyto de ninguem lhas entender, aindaque ante todos as fizesse e praticasse, e com quanto lhe já era desfeyta a noua dos rumes, elle daua n'isso tal modo que inda as gentes estauão crentes que auião de vir, e que a gente de cauallo que era feyta era pera que chegando os rumes á barra de Goa, [1] *se* quigessem desembarcar em alguma terra, a gente de cauallo lhe defender a desembarcação. No que a gente estaua muy crente, polos modos e praticas que o Gouernador ordenaua como o elles cressem. E sendo vinte e sete d'agosto, o Gouernador mandou partir Vasco da Cunha em huma carauella latina, e Fernão Furtado em outra, e dom João Mascarenhas em outra, e Bernaldym de Sousa em huma galé, e partirão todos juntos; aos quaes o Gouernador deu hum regimento e apontamentos do que auião de fazer, o qual lhe deu çarrado e assellado, que o nom abrissem senão depois de serem afastados da terra, que nom ouvessem

[1] *e* Autogr.

de tornar a ella e se descobrisse o que lhes no apontamento mandaua que fizessem. O que sabido da gente o segredo com que estes partião, então entrou em todos muyto desejo de o saber pera onde o Gouernador queria nauegar com tanta armada, pois nom hia a buscar os rumes, pois os nom auia, nem se sabia outra nenhuma cousa pera que comprisse assy em tal tempo mandar sayr nauios com tanto secreto. Polo que alguns fidalgos o fallarão ao Gouernador, e lhe muyto pedirão que lhe dixesse pera onde hião. Então o Gouernador, muyto mais dobrado, e encubrindo o que fazia, disse que hia a Pegú, a pelejar com os bramás que tinhão tomado o Reyno; que por isso o Rey de Pegú daua hum grande tisouro pera ElRey nosso senhor. E por fazer crente esta mentira que dizia, mandou apregoar que todos se fizessem prestes pera partir até vinte e cinco de setembro, e que todolos omiziados que andauão ausentes lhe daua seguro de seus casos, com tanto que fossem n'armada e tornassem n'ella a Goa, onde em tres dias depois de sua chegada se tornassem a poer em sua liberdade, como estauão; mas Gonçalo Vaz Coutinho, que estaua na terra firme, e outros muytos que andauão com elle e per outras partes, nom quiserão vir com este pregão. E partindo assy as ditas carauellas e galé, que sendo no mar abrirão o regimento que lhe derão çarrado, que cada capitão leuaua o seu, em que o Gouernador lhe mandaua o caminho que auião de fazer, dom João Mascarenhas tornou 'arribar á barra de Goa, e achou o Gouernador estar já em Pangim pera partir. E o Gouernador ouve muyta paixão com elle porque arribára, mas elle lhe disse: «Senhor, nom sey quem vos aconselhou, ou que tenção he a» «vossa; porque o caminho que nos mandaes que façamos nom he ser-» «uiço de Deus nem d'ElRey nosso senhor, nem podeis hir lá como» «cuidaes.» Do que o Gouernador com elle se muyto aguastou com muy fortes palauras, e lhe disse que da parte d'ElRey, e sô pena do caso maior, nada mais fallasse, nem descobrisse nada do segredo que lhe dera çarrado e assellado; porque se tal descobrisse o mandaria ao Reyno preso em ferros a ElRey nosso senhor, que por isso lhe daria grande castigo. E o mandou logo tornar a embarcar, e partir logo sem nenhuma cousa tomar na terra.

CAPITULO XXXI.

COMO SE DISSE QUE O GOUERNADOR AUIA DE HIR DAR NA FETRA DE TREMELLE, E TAMBEM QUE AUIA DE HIR SECORRER O REY DE CEYLÃO, QUE LHE MANDOU PEDIR SOCORRO, QUE ANDAUA EM GUERRA COM SEU IRMÃO.

N'ESTE anno, quando vierão de Ceylão as naos da canella, veo n'ellas hum embaixador d'ElRey de Ceylão, o qual vinha pedir ao Gouernador secorro de gente pera o ajudarem contra seu irmão Madunepandar, que lhe fazia muyta guerra, como lhe outras vezes fizera, como n'esta lenda fica recontado. E mandou o Rey cometer ao Gouernador que por quanto elle tinha mandado seu embaixador a Portugal, a pedir a ElRey que ouvesse por bem que elle fizesse Rey, por sua morte, a hum neto que tinha, filho de hum seu filho a que elle queria grande bem, e que elle mandára pedir a ElRey esta licença pera que, depois de sua morte, nom consentisse ao principe que fizesse guerra polo reinado contra este seu neto, e que, se lha fizesse, lhe désse ajuda contra elle, pois o fazia Rey com sua licença, e per sua patente, que d'isso lhe mandaria, trespassaua o Reyno no dito seu neto, e pera contentar o principe, por este deserdamento que lhe fazia, ordenou fazello Rey de outras terras na mesma ilha de Ceylão, que huma se chamaua Candia outra Jafanapatão; (que erão ambas juntas, que era mór senhorio que o do Reyno de Ceylão, sómente que n'aquellas terras nom auia canella, mas tinha muytos portos de trato que são da parte d'oriente, e o reynado de Ceylão he da parte do ponente, mas nas terras que daua ao principe auia outras muytas que podia conquistar e meter em seu senhorio) e porque o principe d'esta cousa estaua agrauado e apartado d'elle, *e* por isso seu irmão Madunepandar lhe tornaua a fazer guerra, como sempre tinha em costume, [1] *pedia* ao Gouernador que o ajudasse com gente e armada, *e* lhe mandasse meter o principe de posse d'estas terras que lhe daua, porque Candia e Jafanapatão tinhão Reys que as senhoreauão com muyta gente, com

[1] *pedindo* Autogr.

que se elle nom atreuia a pelejar, e mais pola guerra que lhe assy fazia seu irmão; e * promettendo * que elle pagaria a gente, e gasto d'armada que lhe mandasse, e mais que quitaua a ElRey nosso senhor cinqoenta mil cruzados que lhe tinha emprestados nos tempos passados. Da qual embaixada lhe mandou suas cartas, e o embaixador com seus poderes pera tudo assentar. O Gouernador nom despachou o embaixador em Cochym, e o mandou hir a Goa que lá o despacharia, dandolhe esperança que se nom tiuesse acupação de rumes, de que tinha duvida, que faria tudo o que lhe ElRey pedia; fazendo conta o Gouernador que do que tiuesse prestes pera os rumes, e gastado, se elles nom viessem então hiria a Ceylão com todo seu poder, e diria a ElRey de Ceylão que pera elle fizera aquella armada e gasto, e trabalharia polo auer d'ElRey, e muyto forraria o gasto d'armada, e desendiuidaria ElRey dos cincoenta mil cruzados, e polo gasto d'armada lhe pediria o dobro.

E porque isto o Gouernador tinha em sy muyto encuberto, como sempre fazia em todolas cousas, alguns presumião que com est'armada quigesse hir a Ceylão, e auia outras muytas sentenças na hida que o Gouernador queria fazer; com que se veo a descobrir que o Gouernador detriminaua de hir dar salto no pagode de Tremelle, onde sabia que no dia de sua festa, que he na lua chea d'agosto, se ajuntaua a mór riqueza da India, como adiante contarey, a saber, que os Reys de Bisnegá d'antigamente, por honra d'este pagode, em huma feyra que se faz diante de sua casa, [1] * liberdarão * e franquearão todolas pessoas, e fazendas, e mercadarias que fossem pera esta feyra, e tornando d'ella até suas casas, de todolos direitos sómente, tudo realmente franqueado, e os mercadores e toda criatura assy fosse franqueada e lybertada como se fosse morta, que por cousa nenhuma do mundo ninguem podia ser preso nem reteúdo á hida e vinda d'esta festa. O que elles assy ordenarão porque ajuntandose ally muyta gente fazião ao pagode grandes esmolas, com que em cada feyra lhe deixauão grande riqueza.

[1] * allyberdarão * Id.

CAPITULO XXXII.

DA RIQUEZA DO PAGODE DE TREMELLE, E DAS GRANDEZAS COM QUE VEM A ELLE O REY DE BISNEGÁ.

Eu vy esta festa d'este pagode e a feyra que se faz no seu dia, a qual casa do pagode está em hum grande campo, onde se começa 'ajuntar a gente com suas fardagens primeiro quinze dias, onde se ajuntão tres e quatro contos de gente, em que auerão tresentos e quatrocentos mil de cauallo, onde se acharão todolas nações de gentes do mundo, e mercadarias quantas se puderem nomear per boca de gentes, em que affirmo que se acharão todolas cousas do mundo todo onyuerso aquy se acharão, e de cada cousa tanta copia quanta se buscar. Huma só cousa escreuerey aquy por a mór façanha que posso contar, que he esta. Quando estas gentes vão fazer sua adoração ao pagode vão lauados e ensandolados, vestidos em pannos louçãos, e arrayados com suas joyas d'ouro, e os homens rapão as cabeças á naualha, sem deixar mais que huma guedelha de cabellos delgados sobre a moleyra, a qual trocem e atão por gentileza; e tambem dizem que he por sua honra, porque se pelejarem, e os matarem, e lhe leuarem a [1] * cabeça, tem aquella * guedelha pera a leuarem por ella pendurada, e a nom [2] * leuarem * pendurada polas orelhas, ou polos narizes, ou polas barbas, que será grande deshonra sua; e por esta rezão deixão assy aquella guedelha no cocuruto da cabeça. E porque a gente he tanta como digo, ha tantos barbeiros que abastão, os quaes estão apartados debaixo de humas grandes aruores, e rapão huma cabeça per huma só moeda de cobre a que chamão caixa; e he tanto o numero do cabello que ally ajuntão que enchem * o espaço * debaixo das aruores e por cima d'ellas. Cousa d'espanto! Ha homem que compra este cabello aos [3] * barbeiros *, e lho comprão como começão de rapar, e dão por elle mil pardaos e ás vezes mais; o qual comprador manda trocer e fazer cordas d'estes cabellos, grossas e delgadas, e cabelleiras

[1] * cabeça que tinhão aquella * Autogr. [2] * leuem * Id. [3] * bargeiros * Id.

pera molheres, e outras cousas, em que ganha muyto dinheiro, e tudo vendem ally na feyra. Junto do pagode ha quatro poços grandes de muyta agoa, mas assy como a gente se vay ajuntando cada mercador, ou dous e tres de praçaria, abrem hum poço para seu mester. Outros poços fazem homens pobres pera venderem agoa; outros poços mandão fazer homens riqos, pera darem agoa á gente por amor do pagode, que hão que n'isso ganhão, assy como nós com nossas esmolas. Assy que 'agoa e o comer he em tanta maneira que auondára pera outra tanta gente, e os comeres de todolas sortes do mundo, e as alimarias, e aues viuas e mortas, e cosinhado de toda maneira que o buscarem. Serão oito legoas de campo cheas de gente, em que estão grão numero de tendilhões, onde sem pena cada hum póde matar o ladrão que achar furtando. Á bespora e ao dia do pagode que estas gentes se offerecem, e em toda a noyte, nenhuma pessoa grande nem pequena se offerece sem deitar moeda de offerta, e cada hum dá segundo tem a possiuilidade, e tal ha hy que deita mil pardaos, e dous mil, e cinqo mil, porque vem ally muy grandes senhores: onde diante do pagode se faz hum monte de moeda d'ouro, tão alto como podem fazer dez moios de trigo. Degollão ante a casa do pagode cabras, carneiros, e cordeiros, e cabritos, mais de hum conto de rezes, e derramado e offerecido aquelle sangue ao pagode dão os corpos aos pobres por amor de Deos, os quaes os vendem aos carniceiros: polo que na feyra ha muy grande abastança de carnes de toda' sorte. N'esta feyra correm todolas moedas do mundo.

O Rey de Bisnegá tambem vem a esta festa, e vem o mais aforrado que póde, que trará até dez mil de cauallo, e duzentos mil de pé, e cento, e duzentas molheres de sua pessoa, as quaes vem em palanquyns e andores, fechadas de chaue, que as nom póde ver ninguem, e ellas podem ver tudo per huma rede de prata muyto miuda per que tem a vista, tudo dourado e riquo per dentro, onde podem fazer seus feytos e dormir, e estar assentadas. ElRey anda muy pequenas jornadas, em maneira que nom tem necessidade de abrir os andores d'estas molheres d'-ElRey. E de seus costumes, e riquezas de suas joyas, e comedías, e aposentos, se se contasse faria grande leitura, e de cousas muy increyues. De Bisnegá a este pagode faz ElRey muytas jornadas, sempre por suas terras e de seus vassallos, os quaes * como * sabem que ElRey ha de vir ter a suas terras, e ahy dormir ou estar hum só dia, lhe fazem casas

nouas pera seu aposento, em que se bem possa agasalhar segundo seu estado e com toda sua familia; as quaes casas lhe fazem de paredes de barro, cubertas de telha, as quaes são feytas e acabadas em tanta perfeyção, com tantas pinturas, e forradas, e lauradas, e n'ellas tanques, e jardins d'aruores cheirosas, e tantas policias, que bem se contentaria hum grande Rey d'Espanha n'ellas pousar muyto tempo. E tem prestes pera ElRey seu comer, e pera todolos seus, e pera os grandes senhores que vão na companhia d'ElRey, cousa innumeravel d'auondanças e fartura, que ha senhor d'estes que gasta n'este gasalhado, que faz n'esta só noyte a ElRey, mais de cincoenta mil pardaos d'ouro. E fazem elles estas casas deuagar, pera as terem acabadas e assy perfeytas pera este dia d'este aposento d'ElRey; e passando ElRey, este senhor que o agasalhou se vay em sua companhia, e as casas são logo desfeytas, porque ninguem póde pousar onde ElRey pousou. E pera o outro anno lhe fazem outras de nouo, se ElRey ally vem pousar o outro anno, e cad'anno que ally vier lhe fazem casas nouas, e isto fazem todos estes senhores onde ElRey vay pousar; no que elles tem grandes enuejas e competimentos a quem as milhor fará, e leuará auantagem nas perfeições e auondanças; e fiqua muyto engrandecido em honra aquelle que ElRey gabar que o milhor agasalhou. E cad'anno o fazem milhor e mais auantejado do anno passado, e se ElRey nom acha seus aposentos segundo compre a seu estado, com estas muytas grandezas, e segundo a grandeza do senhor da terra, nom lhe dá mais pena que mandarlhe dar dous mil açoutes nú, com a barriga no chão, amarrado a quatro estacas; o que acabado torna a ficar em seu estado como d'antes era.

CAPITULO XXXIII.

DAS OPINIÕES QUE OUVE NO POUO CONTRA A VIAGEM QUE O GOUERNADOR QUERIA FAZER, PORQUE ELLE A NINGUEM O QUERIA DIZER.

E tornando á nossa estoria, digo que se fallou polo pouo que o Gouernador queria hir dar n'este pagode, e apanhar d'elle tanta riqueza como acharia, e pera isso auia de leuar quatrocentos de cauallo e dous mil es-

pingardeiros, e recolher o dinheiro do pagode carregado em dous mil escrauos de portuguezes, que cada hum leuaria hum saquo quanto pudesse trazer. E auia de hir com 'armada ao porto de Paleacate, que tem hum pequeno rio em que podião entrar as galés e fustalha a desembarquar a gente, porque a desembarcação na costa he muy impossiuel, se nom fosse polos propios pescadores da costa, e em seus barquos; cousa muy impossiuel poder ser. E que em quanto assy o Gouernador fosse ao pagode, mandaua que os moradores de São Thomé se recolhessem com suas fazendas aos nauios grandes, que hy ficarião pera isso, e que desfizessem a casa do apostolo e toda a pouoação quanto pudessem, e saluassem a bom recado as santas reliquias; porque em toda a costa de Paleacate nom auia de ficar nenhuma cousa de portugues, porque sendo feyto o roubo nom ficaria cousa que escapasse aos da terra. Isto se rompeo na voz do pouo muy retificado, sem saber d'onde sayo; e deuse a isto muyto credito porque o Gouernador, andando por capitão mór do mar, sempre dizia que elle em pessoa auia de hir desfazer a pouoação de São Thomé, e aleuantar a costa com guerra de fogo e sangue, porque aquella costa era colheita de gente vadia, e homiziados, e aleuantados, e em toda a costa se fazião grandes males, e o capitão que n'ella estaua nom podia apremar nem castigar os homens, porque a terra era alhêa e solta pera todos.

Tambem se disse que o Rey Grande do cabo de Comorym era morto, e ficára hum filho seu que auia de reinar, o qual prendera o Rey de Trauancor com sua mãy, e os tinha ambos metidos em prisão, e os nom queria soltar, senão que lhe déssem primeiro humas terras que erão comarcãs a seu Reyno, com as quaes ficaua muy poderoso pera lhe fazer quanto mal quigesse. O qual moço e sua mãy, da prisão em que estauão, secretamente escreuerão suas cartas a hum mestre Francisco, que em modo d'apostolo fazia sua vida, e andaua lá com os christãos além do cabo de Comorym; os quaes cometião ao Gouernador que fizesse o moço Rey de toda aquella gente christã d'além de Comorym, e que o fosse liurar da prisão, a elle e sua mãy, e os pusesse em seu reinado, pacifiqo e assentado todo seu Reyno; e que elle, por o gasto e trabalho que n'isso o Gouernador faria, lhe queria dar hum conto de pardaos d'ouro; e que seria tributario e vassallo pera sempre d'ElRey de Portugal, com lhe pagar de pareas cad'anno cinqoenta mil pardaos d'ouro.

Mestre Francisco, auendo estas cartas, fiqou duvidoso que isto podião *ser* promessas vãs que ficarião mentiras, e ficaria o trabalho em vão; e d'esta duvida que assy tinhão tornou reposta ao moço e á mãy, que lhe derão dentro na prisão em que estauão. O que vendo os presos, muy secretamente lhe mandárão hum seu regedor, que dizião que trouxera logo duzentos mil pardaos d'ouro e os entregára ao padre, os quaes elle tomára e secretamente os soterrára elle só, fazendo juras ao regedor que nom fazendo o Gouernador o que elles querião lhe tornaria elle a entregar o dinheiro em sua mão. E *assy se disse* que tanto que este concerto fôra feyto d'esta maneira o padre o escreuêra ao Gouernador, e ao bispo, que tudo communicou com o Gouernador, e n'isso se concertarão assy como era assentado polo mestre Francisco; e que o Gouernador hia fazer esta cousa, e por isso leuaua a gente de cauallo que tinha feyta. E porque estas nouas andauão na boca do pouo, e nenhuma se affirmaua, esperauão até vêr a embarcação e caminho que o Gouernador fazia.

CAPITULO XXXIV.

COMO A GOA CHEGOU ANRIQUE DE MACEDO SALUAGO, NA NAO URQUINHA, QUE DEU NOUA QUE VINHA ARMADA DO REYNO.

E sendo trinta d'agosto chegou á barra de Goa a nao chamada Urquinha, de que era capitão Anrique de Macedo Saluago, que d'armada do anno passado ficára em Moçambique onde enuernou, e deu noua que em sayndo de Moçambique ao mar vira huma vella, e arribára a ella, de que ouvera falla, que era huma nao do Reyno que então chegaua, e lhe dera noua que do Reyno vinhão cinqo naos pera carga, e Diogo da Silueira capitão mór d'ellas, das quaes se apartára em Guiné, e que nom sabia das outras.

CAPITULO XXXV.

COMO O GOUERNADOR MANDOU ANRIQUE DE SOUSA COM ARMADA Á COSTA, E MANDOU JERONYMO DE FIGUEIREDO DESCOBRIR A ILHA DO OURO.

E logo o Gouernador mandou que fosse andar na costa do Malauar, em guarda das naos de Meca, Belchior de Sousa, irmão d'Aleyxos de Sousa veador da fazenda, com tres fustas. E assy mandou Jeronymo de Figueiredo com hum galeão e duas fustas, que fosse descobrir a ilha do ouro, que dizem estar atraués da ilha de Çamatra, ao mar d'ella pera o ponente; da qual viagem vinha prouido por ElRey Diogo Cabral, fidalgo honrado e de bom seruiço, e por o mexericarem que praguejaua do Gouernador o mandou prender no tronqo carregado de ferros, e deu a viagem a este Jeronymo de Figueiredo, porque foy o mexeriqueiro da carta que lhe mandou a Moçambique, dos males de dom Esteuão, como já atrás contey. E partio este Jeronymo de Figueiredo de Goa depois de o Gouernador ser partido, e estando pera partir fez o nauio tanta agoa que de noyte se foy ao fundo dentro no rio; ao que acodio Aleyxos de Sousa, veador da fazenda, e mandou dar repique no sino, a que acodio toda a gente á Ribeira cuidando que era fogo; mas o nauio estaua já no fundo. E porque era baixa mar o mandou vazar d'agoa, e ao outro dia lhe puserão dous nauios das bandas que o suspenderão do fundo, e com muyta gente, e baldes e bombas, esgotauão o nauio d'agoa que fazia, e lhe tomarão huma agoa grande que fazia, e foy o nauio corregido; com que foy seu caminho. E o védor da fazenda mandou prender o Diogo Cabral, dizendo que mandára secretamente fazer furos ao nauio, com que se fôra ao fundo.

E tambem foy pera Ceylão Francisco d'Ayora, em hum galeão a buscar a canella e huma nao, e leuou o embaixador d'ElRey de Ceylão que viera do Reyno com Diogo da Silueira, o qual trouxe patente assy como a mandára pedir o Rey de Ceylão pera fazer seu neto Rey, e tambem que em Ceylão nom ouvesse feytor, nem alcayde mór; porque elle mandára dizer a ElRey nosso senhor que elle queria dar milhor carga, e com

milhor despacho do que os officiaes fazião, e esto por se nom ver tão agoniado d'apressões que lhe fazião os officiaes com esta carga. E com isto *trouxe* outras liberdades e mercês, que tudo lhe ElRey outorgou quanto lhe pedio, pela quita que lhe fez dos cinqoenta mil cruzados que lhe deuia, e por riqas cousas que lhe mandou de presente.

E tambem foy despachado Manuel da Cunha em huma nao pera a viagem de Bandá. E assy foy despachado pera hir á China Jeronymo Gomes, priuado do Gouernador, em huma boa nao carregada de pimenta, com grandes poderes de capitão mór, que lá nom fosse ninguem senão quem elle quigesse; o qual lá foy, e fez tanto dinheiro que nom fallaua senão por cento ou cento e cincoenta mil cruzados: com que n'elle entrou tanta soberba e vaydade, que dizia que já nom tinha poder a fortuna pera lhe tirar seus cem mil cruzados; mas Deos, por lh'amansar a soberba, permitio darlhe tal reués que veo de Malaca pera a India sem ter huma camisa.

CAPITULO XXXVI.

COMO O GOUERNADOR EMBARQUOU TODA A GENTE E CAUALLOS, E SE FAZENDO Á VELLA DA BARRA CHEGOU DIOGO DA SILUEIRA COM 'ARMADA DO REYNO.

O Gouernador ao primeiro de setembro se foy pera Pangim, estando já toda 'armada na barra, e aos dous dias do mês partio, leuando corenta e cinqo velas, a saber, doze galés, e noue galeotas, e duas albetoças, e tres carauellas latinas, e dous nauios pequenos, e dezaseis fustas, e hum bargantim, contando com estas as que já erão partidas, como já contey. Na qual armada hião por capitães das galés, em huma o Gouernador, e Bernaldim de Sousa, Martim Correa de Sousa, Pero Lopes de Sousa, Fernão de Sousa de Tauora, Francisco Lopes de Sousa, Alonso Anriques, Luiz Falcão, dom João Pereira, dom João d'Almeida, Francisco de Sá; e os das galeotas Diogo de Mendoça, dom Martinho de Sousa, Fernão Gomes de Sousa, dom João Anriques, Luiz Cayado, Diogo de Reynoso, João de Mendoça, Aluaro de Mendoça, dom Fernando de Loronha; os capitães das albetoças Miguel d'Ayalla priuado do Gouernador, e Antonio de Sá, o Rume d'alcunha; os capitães das carauellas dom João Mascarenhas,

e Afonso Furtado, Vasco da Cunha; e os capitães das fustas Manuel de Vascoconcellos, e Jorge de Lima, Francisco de Bairros, Afonso Peres, Diogo Gentil, Gaspar Preto, Simão Galego, Pero de Faria, Antonio d'Azeuedo, Francisco Mendes de Vascogoncellos, Baltezar da Costa, Belchior Gonçalues, Diogo Fernandes, Fernão Gonçalues, Mateus Pinheiro, Francisco Pereira. E n'esta armada passante de tres mil homens portugueses, lascarys e mareantes, em que auia muyta espingardaria, e passante de tresentos cauallos muy bem concertados, embarcados os mais d'elles nas fustas. Partio o Gouernador com toda est'armada a dous de setembro, e sendo no mar se arrombou huma fusta de cauallos d'Alonso Anriques; polo * que * a fusta tornou a Goa a buscar outra em que embarcarão os cauallos, e partio no propio dia á noyte. E o Gouernador com toda' armada andou pairando aguardando pola fusta; o que foy em domingo, e á segunda feyra, que o Gouernador fazia seu caminho com toda sua armada, parecerão ao mar velas grandes. Ao que o Gouernador se pôs ao pairo, e mandou hum catur a saber que velas erão, e o catur tornou ao meo dia, dizendo que erão naos do Reyno; polo que o Gouernador agardou até chegarem á barra, que forão estas.

ARMADA

DO

ANNO DE 543.

CAPITULO XXXVII [1].

DA ARMADA QUE ESTE ANNO DE 543 PARTIO PERA A INDIA, LEUANDO POR CAPITÃO MÓR DIOGO DA SILUEIRA; E DE COMO O GOUERNADOR ORDENANDO AS NAOS DA CARGA SE FOY NA VOLTA DE COCHYM, E O QUE PASSOU.

Neste anno partirão do Reyno cinquo naos, de que veo por capitão mór Diogo da Silueira, de que erão os capitães Simão Sodré, Fernandaluares da Cunha, e dom Roque Tello, e Jacome Tristão, armador; e partirão de Lisboa todas juntas [2], e forão até os baixos d'abrolho, que são na para-

[1] Nem no original se encontra marcado este capitulo, nem na respectiva *tavoada* se acha apontado summario que lhe corresponda. Preenchemos as lacunas designando o capitulo, e addicionando-lhe o seu resumo; d'onde procedem as alterações que d'aqui em diante se notam. [2] Em 25 de março de 1543, segundo *Falcão*, Livro de toda a fazenda, etc. Vinha Diogo da Silveira na nau S. Thomé, Simão Sodré na Conceição Gallega, Fernandes Alvares da Cunha na Victoria, D. Roque Tello na Santa Cruz Zambuco, e Jacome Tristão na S. Philippe.

gem do Brasil, e d'ahy se apartarão, e a nao de Jacome Tristão arribou a Portugal por huma grande tromenta que passou, em que se lhe abrio huma agoa, que forçadamente tornou 'arribar a Lisboa, e as outras espalhadas chegarão a Moçambique, onde se ajuntarão as tres, e huma d'estas foy a com que fallou a Urquinha sayndo de Moçambique, como já disse; e todas vierão ter na barra de Goa em segunda feira tres dias de setembro, a saber, Diogo da Silueira, Simão Sodré, Fernandaluares da Cunha, e derão nouas das outras que ficauão atrás. O Gouernador era á vista da barra com tod'armada, e vendo as naos sorgio e toda armada longe no mar, porque a gente se nom desembarcasse; e mandou calures á nao capitaina, em que logo se meteo Diogo da Silueira e os outros capitães, e o Gouernador em huma fusta se foy a elles, e todos juntos se forão a Nossa Senhora do Cabo, onde lhe derão as cartas d'ElRey, e esteue dous dias prouendo as cousas que nas cartas vinhão, e ordenou o que fizessem os capitães, e as naos pera hirem tomar sua carga, e despachando tudo se tornou a embarqar n'armada, que foy a cinqo do mês, e se foy na volta de Cochym. E hindo seu caminho, ao cabo da Rama lhe deu contraste do sul em tanta maneira que espalhou toda' armada, e ao outro dia abrandou o tempo, e foy seu caminho, e se tornou 'ajuntar 'armada, ventandolhe o vento contrairo. E aos seis do mês chegou a Goa a nao Zambuquo com os mastos quebrados que se fizerão em Baçaim [1], em que veo dom Roque Tello. E porque no Reyno auia noua que Martim Afonso nom passára á India, trazia Diogo da Silueira huma prouisão d'ElRey que gouernasse a India até chegar Martim Afonso, ou viesse prouisão do Reyno a quem gouernasse; e esto porque já então dom Esteuão acabaua tres annos do gouerno. N'estas naos veo do Reyno o embaixador d'ElRey de Ceylão, que lá era, que trouxe as prouisões que já atrás dixe, pera o Rey fazer o neto Rey, e as outras cousas, com muytas cartas de grandes fauores, que lhe muy mal gardarão. E aos noue dias do mês chegou a Goa o sacretario Antonio Cardoso, que fôra a Ormuz tirar a deuassa d'ElRey, como já disse, e se disse geralmente que trouxera muyto dinheiro e riqas cousas pera o Gouernador, pera que nom consentisse ElRey d'Ormuz tornar a seu Reyno. N'este dia tambem chegou a Goa Luiz Falcão na sua galé, com o masto quebrado com tro-

[1] No original se lê: «que se fizerão em Baçaym com os mastos quebrados»

menta que achára, e a galé do Gouernador tambem quebrou o masto e se colheo 'Angediua, onde tomarão o masto d'esta galé e emmastearão a do Gouernador e esta tornarão a mandar pera Goa. Fazendose o Gouernador prestes pera esta partida, dom Aleixo, sobrinho do capitão de [1] * Baçaim *, partio em hum catur com vinte e dous homens, que vinha pera hir com o Gouernador, e sendo defronte de Chaul sayo de dentro outra fusta de casados, que vinhão pera Goa, e forão ambos em companhia, e sendo á vista dos Ilheos Queimados lhe deu o tempo que deu ao Gouernador, e arribarão a buscar colheita onde se metessem; e foy o tempo tanto que lhe nom deu lugar, e a fusta sorgio no mar, porque tinha boas amarras, porque o tempo era trauessão. O catur abrio muyta agoa, e * porque * nom tinha amarras boas foy varar em huma praya d'arêa defronte de Ceytapor, onde todos sayrão em camisa; ao que acodio a gente da terra e os matarão a todos polos roubar; do que leuarão a noua a Goa alguns marinheiros do catur, que escaparão no mato embrenhados. E com este temporal huma fusta d'armada do Gouernador deu no cabo da Rama, e se perdeo, e a gente sayo a nado, e se tornarão a Goa por terra. O Gouernador, depois d'emmastear sua galé, se foy caminho de Cochym sem aguardar por ninguem, que toda 'armada hia em desbarato; e chegou lá com sós oito vellas, onde esteue agardando por toda 'armada * até * que chegou, e em tanto se foy vêr com o Rey de Cochym, que por seus rogos se aleuantou da guerra, e assy com o Rey da Pimenta, prometendolhe o Gouernador que tornando donde hia elle faria antre elles tal concerto como ambos ficassem com suas honras, e muyto contentes. E tendo o Gouernador toda 'armada junta se partio com sós treze vellas, porque as outras chegarão tão desbaratadas que tinhão muyto que correger; e o Gouernador porque elles se apressassem se partio assy, deixando os outros que nom estauão prestes, que todos fazião muyta agoa, porque com a tromenta espedirão a galagala. E partido o Gouernador cada hum como era prestes partia após elle, até que todos partirão. O que deixarey agora, por contar o que n'este tempo sobreueo no Balagate.

[1] * Baym * Autogr.

CAPITULO XXXVIII [1].

DE COMO SE ALEUANTARÃO OS CAPITÃES DO IDALCÃO CONTRA ELLE, PORQUE NÃO PARTÍRA COM ELLES O TISOURO QUE LHE DERÃO EM BISNEGÁ; PELO QUE O IDALCÃO SE FOY AO IZAM MALUCO PEDIR SOCORRO, QUE LHE DEU MUYTA GENTE COM QUE SE TORNOU AO BALAGATE.

Digo que quando o Idalcão foy a Bisnegá, que fiqou o Acedecão no passo da serra, como já disse, maginando o Acedecão que podião as cousas soceder como elle ficaria por Rey do Balagate, este pensamento que o Acedecão teue assy o tiuerão alguns capitães e grandes senhores, que secretamente o comunicarão com o Acedecão, a que elle respondeo tão sabiamente que n'elle nom entenderão nada de seu coração, e ficarão com elle muyto conformes, porque todos tinhão odio ao Idalcão, por ser muy tirano e crú de condição. E digo que tornando assy o Idalcão desbaratado porque os de Bisnegá se aleuantarão contra elle, nem por isso deixou de trazer grande riqueza, como já disse, de muyta pedraria, e cinqoenta bufaras carregadas de moeda d'ouro; a qual riqueza toda meteo em huma forteleza que se chama Brasady, onde tem todo seu tisouro, que he a mais forte cousa que póde ser, porque a forteleza está em hum piquo de huma serra de penedia, onde sobem a ella per huma escada de degráos cortados ao pição pola penedia, e tão estreita que nom vão por ella senão hum homem ante outro; na qual forteleza está hum capitão com cem homens, onde em cima ha campo em que semeão e colhem arroz e outros legumes, quanto lhes abasta e sobeja, e * tem * agoas de fontes nadiuês, e muytos gados; com que nenhuma falta tem de cousas de fóra. Este capitão e homens tem grandes ordenados, que lhe pagão em dinheiro do tisouro, d'antemão quando ally entrão; porque cad'anno, ou cada vez que lhe vem á vontade, o Idalcão os tira e põe outros. Recolheo o Idalcão seu tisouro que trouxe, e por ser tirano e cobiçoso nom quis partir nada, nem fez nenhuma mercê aos seus capitães

[1] O XXXVII no original.

que com elle forão, que fizerão grandes gastos, nem lhe quis fazer nenhum pagamento aos lascarys que leuarão : do que todos forão muy agrauados e escandalizados. O Acedecão, como muyto sabedor, repartio bem com os seus, e fez pagamentos ás suas gentes, e algumas vezes fallaua ao Idalcão o agrauo que os seus tinhão ; mas o Idalcão nom daua por nada. O Acedecão, mostrando que o fazia por seruiço de seu senhor, fallaua aos capitães como se nom agrauassem, e daualhe do seu boas dadiuas, desculpando o Idalcão, e debaixo d'isto secretamente os azedaua e enduzia contra o Idalcão, em tal maneira que de todos era muyto amado, e a gente do campo se hião pera suas terras. E tal modo teue n'esta cousa que alguns capitães se aleuantarão contra o Idalcão ; nom que lhe fizessem guerra, sómente se aleuantauão com suas terras, e comião suas rendas, e nom obedecião os mandados do Idalcão, o qual, sabendo esto, mandou alguns capitães que se fizessem prestes com suas gentes pera hirem sobre os que estauão aleuantados ; mas todos se amotinarão, dizendo que nom hirião sem *que* primeiro lhe nom fizesse pagamento do muyto que lhes deuia ; e todos se recolherão cada hum pera suas terras. Polo que, vendose o Idalcão assy apertado, com pouqos seus se foy a huma forteleza que tinha ao pé da serra de Brasady, onde tinha o tisouro, pera mandar tirar de cima algum dinheiro pera fazer pagamentos, e ajuntar gente pera hir contra os aleuantados. Quando o Idalcão chegou ao pé da serra, já o capitão que tinha o tisouro tinha auiso que o Idalcão era já desobedecido de todolos grandes do Reyno, que por tanto elle tambem lhe nom podia obedecer ; porque o juramento que fazem quando lhe dão a capitania da serra he que com ella nom obedecerá, nem dará nada do tisouro, senão estando o Idalcão em todo obedecido e senhoreado em todo o Reyno : de modo que dandolhe recado do Idalcão que estaua ao pé da serra, e que mandaua que lhe leuassem tanto dinheiro abaixo, o capitão nom quis ouvir o recado, e lhe mandou dizer que bem sabia o juramento que lhe tomára quando ally o metera ; que por tanto nom ouvia seu recado. Ouvindo o Idalcão esta resposta foy em grande temor de todos se leuantarem contra elle e de o matarem ; e dessimulando o mais que pôde, como foy noyte fallou com alguns de que confiou, que erão muy pouqos, e escondidamente fogio, deixando sua casa e suas molheres, e se foy fóra do Reyno ás terras do Izam Maluco, seu visinho e amigo, e lhe deu conta do trabalho com que hia, pedindolhe

ajuda de gente e dinheiro pera tornar a seu Reyno, e dar castigo a seus vassallos que lhe tinhão desobedecido; onde com o Izam Maluco fez ligas de casamento com huma sua filha, sobre que forão concertados; onde tambem vierão a estes concertos o Madremaluco, e Cotamaluco, e o Verido, que são outros grandes senhores comarcãos ao Izam Maluco, e seus genros e cunhados; os quaes todos fizerão ajuda ao Idalcão de muyto dinheiro e gente, com que tornou ao Balagate muy possante. E quando assy fogio ninguem ouzou de lhe bulir em sua casa, nem fizerão nenhuns aluoroços nem aleuantamentos; porque logo souberão que elle era hido ao Izam Maluco, e buscar secorro, que lho auia de dar porque lhe casasse com a filha, que auia muyto tempo que lho rogaua.

CAPITULO XXXIX [1].

DO QUE FEZ O IDALCÃO CONTRA OS SEUS CAPITÃES ALEUANTADOS, E MÓRMENTE CONTRA O ACEDECÃO, QUE COM TEMOR SE CARTEOU COM O CAPITÃO E CIDADÃOS DE GOA, QUE MANDARÃO CHAMAR O MEALE, QUE ESTAUA EM CAMBAYA; DO QUE O IDALCÃO FOY AUISADO.

Tornou o Idalcão assy possante ao Balagate, e muy indinado contra os seus, e mórmente contra o Acedecão, porque soube que fôra o incitador de todo este mal, e por sua causa todos se aleuantarão; e mais porque soube o que o Acedecão fizera depois que se elle fôra. Porque vendo o Acedecão que o Idalcão assy fogira, e era hido a buscar secorro, e que o auia de trazer, e que auia de fazer contra elle quanto mal pudesse, recolheo pera sy muyta gente, porque lhe pagaua muy largamente, e se fez ∗ forte ∗ em amisades com os principaes do Reyno. E logo escreueo cartas a todos, dizendo que elle os ajudaria contra o Idalcão se lhes quigesse fazer mal; e com elles comunicou sua determinação [2] ∗ do ∗ que queria fazer, e pôs em obra, como direy; porque como o Acedecão era muyto sabedor sempre tinha boas amisades com os Gouernadores, pera n'elles ter costas e fauor pera o que lhe comprisse, como já muyto tenho contado d'este

[1] No original é o XXXVIII. [2] ∗ de ∗ Autogr.

caso em algumas partes n'este liuro: o que lhe muyto valia, e em tanta maneira isto grangeaua, tendo em Goa por seu valedor e negoceador de suas cousas a hum casado, que se chamaua Ruy Gonçalues de Caminha, homem principal na cidade, que, como quer que as cousas que requeria aos Gouernadores as ceuaua e untaua com dadiuas, tudo acabaua; polo que era em muyta priuança com os Gouernadores, e tal era de suas condições e obras que lhe chamauão conde de Galalão, como o outro da estoria dos doze pares. De modo que quando o Gouernador d'esta vez partio de Goa deixou recado que tudo que ouvesse mester o Acedecão, e mandasse pedirlhe, déssem dos almazens; porque elle lhe escreuera que tinha necessidade d'algumas cousas do almazem. Polo que lhe leuarão muytas monições d'artelharia, e lanças, e capacetes; com que o Acedecão muyto afortelezou sua forteleza de Bilgão, onde tinha quatro mil de cauallo, muy boa gente, que então fizera [1] * escolhida *, afóra seus continus que erão dez mil, e muyta gente de pé quanta queria. E vendo que o Idalcão estaua com o Izam Maluco, e lhe dauão grande ajuda, que elle tudo sabia por suas espias, e que tornando assy possante que contra elle auia de trazer mayor ira que contra os outros, logo escreueo cartas a Ruy Gonçalues de Caminha seu procurador, e a dom Gracia de Crasto capitão de Goa, com as quaes vierão boas peças e soma de dinheiro, dizendo ao capitão que polos males que o Idalcão fazia a seus capitães, e nom querer pagar ás gentes, todos se aleuantarão contra elle, e na cidade de Brasady o quiserão matar, d'onde elle escondidamente fogira e era hido, e após elle muytos dos seus, que nom podia escapar que o nom matassem, e se escapasse já nunqua tornaria a reinar no Balagate, porque todolos senhores e capitães erão contra elle aleuantados, e o tisouro de Brasady lhe desobedecêra, e o capitão da forteleza tambem se aleuantára com os outros capitães, que todos já tinhão jurado de nunqua obedecer ao Idalcão; que por tanto, pois elle era e sempre fôra como vassallo d'ElRey de Portugal, e per obras tinha bem mostrado a verdadeira amisade que sempre tiuera com os Gouernadores e portugueses, lhe muyto pedia, e requeria da parte d'ElRey de Portugal e do Gouernador, que logo mandasse huma boa fusta, bem concertada como compria, que fosse a Cambaya pera n'ella vir Meale que lá estaua, que viera na companhia do ca-

[1] * escolhido * Autogr.

pado; porque era direito Rey no Balagate, a que todolos senhores e capitães obedecerião tanto que • o • vissem, porque todos lhe escreuião suas cartas que logo viesse tomar seu Reyno, e assy o escreuião a ElRey de Cambaya, ao que lh'enuiauão seus embaixadores que auião de hir na fusta, que os hiria tomar no rio de Bandá; o qual logo com elles se viria, e o trouxessem a Goa, onde chegando lhe fizessem honra e recebimento, como era rezão pois era Rey; a que mandasse fazer festas, e o apregoar por Rey, e com fauor seu e dos moradores o fossem meter no Balagate, o qual elles todos os grandes senhores com todas as gentes o virião receber ao passo da serra, onde todos lhe darião a obediencia, como Rey que era de direito e todo o pouo o pedia. E que por isto assy fazerem as terras comarcãs a Goa pera sempre ficarião a ElRey de Portugal, per carta que d'ellas faria o propio Rey; e que elle de sua casa logo daria hum conto de pardaos d'ouro pera leuarem a Portugal a ElRey, e mais daria quatrocentos mil pardaos pera pagamento das gentes que passassem além com Meale. Sendo chegado este recado logo após este chegarão outros muytos, e de cada vez mais apressados, e com grossas peitas que o Ruy Gonçalues de Caminha prometia, e daua a algumas pessoas que no caso podião ajudar, em tanta maneira que nom arrecearão o erro que n'isso se podia causar; o que lhe tudo Ruy Gonçalues a todos tanto encaixou, e mórmente ao capitão, que logo entendeo na cousa, e ajuntou a conselho algumas pessoas que auia pera isso, que foy o bispo dom João Afonso d'Alboquerque, e dom Jorge Tello, que estaua fazendose prestes em Goa pera hir por capitão de Çofala, e dom Aluaro de Lima, que auia de hir pera capitão de Baçaim, e Pero de Faria, que ficára mal desposto, e o vigairo geral, e ouvidor geral, e todos praticando sobre o caso todos se affirmauão que se nom deuia fazer nada sem o mandar primeiro dizer ao Gouernador, pois que a sustancia da cousa tanto importaua. Mas Ruy Gonçalues tanto aprefiaua, e pedia estormentos pera ElRey contra o capitão, e contra todos, (no que ouve muytos debates em que se passarão alguns dias, que sempre corrião os piães do Acedecão com recados) com que a cousa creceo em tão grossa peita que o capitão se auenturou ao erro e tudo o que por isso lhe viesse, e sem embargo do que todos contradizião, fez prestes huma fusta e mandou n'ella hum Bastião Lopes Lobato, casado de Goa, e o concertou muy bem, e mandou que fosse ao rio de Bandá, onde na fusta entrarão dous embaixado-

res com cartas pera Meale e pera ElRey de Cambaya, e lhe leuarão dinheiro e riqas cousas. A qual fusta foy direito a Çurrate, onde os messigeiros se forão a Goga, onde estaua o Meale, e lhe derão as cartas, com as quaes ouve muyto prazer, e com ellas na mão se partio e foy a Champanel, onde estaua ElRey de Cambaya, a que mostrou as cartas e deu conta do que passaua; com que ElRey folgou, e lhe deu licença que fosse muyto embora onde o chamauão, offerecendolhe ajuda de todo o que lhe comprisse pera seu reinado; mas ElRey duvidou n'esta cousa, e lhe disse que nom deuia de hir senão sendo chamado per carta do Gouernador. Então lhe disse Meale que já erão a chamalo, e que esperaua de o achar em Goa quando chegasse, e ElRey disse que fosse embora.

CAPITULO XL [1].

COMO O IDALCÃO, SENTINDO MOUIMENTOS EM ALGUNS DOS SEUS, COM ELLES DESSIMULOU, E PÔS GUARDAS EM TODOLOS PASSOS, SOSPEITANDO QUE LHE QUERIA FOGIR O ACEDECÃO.

SENDO a fusta partida de Bandá, d'ahy a pouqos dias veo certa noua ao Acedecão que o Idalcão tornaua a entrar em suas terras com muyto grande poder, e soube que alguns dos que estauão aleuantados se hião pera o Idalcão, porque lhe elle mandára suas cartas de boas palauras, em que os desculpaua de seus erros, dizendo que tudo lhe perdoaua porque sua fòra a culpa de tudo, e que elles com muyta rezão se aleuantarão, mas que seus trabalhos elle lhos pagaria com muytas mercês que lhe faria, porque bem sabia que hum só imigo tinha que os mal aconselhára, que lhe tinha toda a culpa; polo que logo [2] * muytos * se tornarão á obediencia do Idalcão, a que elle fazia mercês, por lhe assentar os corações. Polo que, sem nenhum trabalho, tornou a meter todos sob seu mando, e o capitão do tisouro de Brasady lhe mandou logo a obediencia, dizendo que o desobedecêra polo assy ter jurado, como sabia, e que in-

[1] E' o XXXIX no autographo. [2] * muyto * Autogr.

daque o nom tiuera jurado nom lhe ouvera de dar nada do tisouro, porque como lhe virão o dinheiro por isso o matárão mais asinha, ou * seria * destroido de todo, porque confiando em dar dinheiro nom fôra buscar o grande poder que agora tinha; que por isso lhe tinha múyto seruiço feyto em nom lhe dar o dinheiro; que seu tisouro estaua bem guardado, e ally estaua com elle prestes pera fazer seu seruiço: da qual rezão o Idalcão foy muyto contente, e lhe fez mercê. E como o Idalcão nom trazia outro sentido senão contra o Acedecão, caminhaua direito a Bilgão onde elle estaua; mas o Acedecão era muyto auisado em suas cousas, e sabia tudo isto. Teue modos secretos, per endustria d'outras pessoas, como foy dito ao Idalcão, em grande segredo, que se nom fiasse dos seus que lhe hião dar a obediencia, porque se tornauão pera elle com dessimulação, pera depois o matarem; porque todos tinhão entendido que depois que elle fosse apossado no Reyno de todo que de todos se auia de vingar, e os matar a todos, e que polos colher agora lhe escreuia assy boas palauras, e fazia mercês que depois lhe custarião as vidas; e que porque elles isto tinhão por muy certo, por elle ser forte de condição e justiça, por isso todos andauão amotinados contra elle. O que assy sendo dito ao Idalcão, como quer que no coração d'isto tinha alguma cousa, tomou d'elles todos muyta sospeita e grande arreceo, e nom ousou hir contra o Acedecão, porque sabia que se lhe auia de defender por guerra, e andando n'ella o podião muy leuemente matar; e por isso dessimulou, e andou pairando, e com paz assentou primeiro todo seu Reyno, mas comtudo secretamente mandou pôr grandes guardas e vigias por todolas terras cerquanas ao Acedecão, e mórmente nos seus portos do mar, temendo que lhe fugisse polo mar; porque o Acedecão auia já alguns annos que pedia licença ao Idalcão pera hir morrer a Meca no çanqarrão, por*que* era muyto velho, mas o Idalcão nom lhe queria dar licença, porque sabia que tinha grande tisouro que leuaria se lhe daua licença, e que era já muyto velho, e nom tinha filho nem filha, e morrendo em sua terra lhe ficaua todo o seu; e por esta causa lhe nom daua licença, e se escusaua, dizendo que por elle ser homem tão principal, e de tanto conselho, o nom podia escusar, e mórmente pera a hida de Bisnegá, que então * ahy * o chamauão; mas polo contentar lhe disse que tornando de Bisnegá então lhe daria licença, e que em tanto mandasse fazer prestes sua embarcação onde quigesse. E d'isto lhe deu hum cartaz;

com que então o Acedecão, per hum [1] *seu criado e tisoureiro de que muyto confiaua, chamado Cojexemeçady, mandou* a Cananor dinheiro pera que lhe fizessem huma grande nao pera sua embarcação, pera o que pedio carta ao Idalcão pera ElRey de Cananor lhe dar ajuda e fauor; a qual lhe deu o Idalcão polo contentar, mas no seu coração estaua assentado nom o deixar partir senão se lhe deixasse todo seu tisouro. O qual tisoureiro, *que* se chamaua [2] *Cojexemeçady, foy* a Cananor muytas vezes por terra, com achaque d'este negocio da nao; e o Acedecão, que muyto tresentendia a tenção do Idalcão, dessimuladamente e com muyto segredo passou muyto auer e riqua pedraria a Cananor; e porque tanta moeda d'ouro como queria mandar nom se podia passar que nom fosse sabido, mandou a Cambaya comprar muyta pedraria que cabia em pouqo lugar, que o seu tisoureiro com muyto poder de moeda d'ouro pôs em Cananor, onde comprou hum grande chão junto das casas d'ElRey, o qual cerqou, e dentro fez humas grandes casas muy fortes, onde trazia muytos officiaes e outros mouros que mandauão a obra, e se tornaua ao Balagate, ficando a ElRey encomendada a obra e a casa, porque sempre o Acedecão mandaua nobres dadiuas a ElRey, com que o Rey lhe fazia muyto fauor e honra. Tantas vezes foy e veo o Cojexemeçady a Cananor que passou lá muy grande tisouro, o qual meteo em minas e lugares secretos que pera isso soube bem fazer, que ninguem sabia; e porque assy era criado do Acedecão leuaua quanto queria, sem o buscarem per alguns passos das terras do Idalcão per que passaua. E este Cojexemeçady foy o principal messigeiro que foy a Goa nas cousas que se passarão. E porque o Idalcão isto sabia que o Acedecão tinha muyta amisade com o Rey de Cananor, se temeo que lhe fogiria pera lá, ao que elle nom poderia estoruar, se de Goa lhe quigessem dar ajuda e passagem; e como assy mandou pôr guardas por todolos passos e portos, parecendolhe que pois o tinha dentro em Bilgão nom lhe poderia escapar, abalou com seu exercito per Bilgão. O que sabido polo Acedecão, fallando com os seus de que confiou, fengio hum supito acidente de que se fez morto, per tal modo e maneira que

[1] *seu criado que muyto confiaua chamado Cojexemecady e tesoureiro mandou* Autogr. *Couto* escreve Cemeçadim, e *Faria e Sousa* Cemazadim. Pareceu melhor escrever Xemeçady, á imitação d'elles, e não Xemecady como trazem *G. Correa*, e *Francisco d'Andrade*. [2] *Cojexemecadym que foy* Autogr.

foy muy crente a todos sua morte, e enterrado outro corpo que pera isso matarão, e elle se escondeo, e com grande segredo se sayo de Bilgão, e andou sem ser conhecido em trajos demudados, e correo alguns passos onde nom pôde passar, que auia grandes izames nos homens que passauão, e então escreueo huma carta a Goa de como andaua, dizendo que se queria colher pera Goa. Ao que em grande secreto foy respondido polo capitão que estaua pera isso muy prestes, e com todo o poder que tiuesse o hiria buscar onde elle mandasse. E n'isso esteue o Acedecão determinado, mas temeose que se lá s'acolhesse como quer que nom leuaua o seu tisouro que o Idalcão o daria todo por elle porque lho entregassem, no que nom tomando errado conselho se tornou a meter em Bilgão, detriminando ahy morrer, ou que faria com o Idalcão alguns concertos dessimulados, como bem pudesse acabar o que tinha começado, esperando que nom tardaria muyto o Idalcão que estaua em Cambaya, que mandára chamar.

CAPITULO XLI [1].

DA MESSAGEM QUE O IDALCÃO MANDOU AO CAPITÃO, E OFFICIAES DA CAMARA DE GOA, SOBRE O ACEDECÃO QUE ERA FOGIDO, QUE MANDASSEM FUSTAS POLO MAR AO BUSCAR, E O QUE N'ISSO SE FEZ.

O Idalcão quando lhe derão nouas da morte do Acedecão logo sospeitou que era falsidade, e ouve muyta paixão, cuidando que era acolhido a Goa pera ahy agardar pola fusta que era em Cambaya a buscar o Idalcão que lá estaua [2], que se tal fosse teria muyta agonia, porque este era seu irmão mais velho, a que de direito pertencia o reinado do Balagate [3], como já n'esta historia he assaz contado; e com este arreceo determinou saber o que tinha em Goa por sy ou contra sy, e nom quis isto apalpar per outros modos que pudera. Sabendo que ahy nom estaua o Gouernador, mandou seu messigeiro com cartas ao capitão, e á camara, e após hum mandou outros e muy apressados recados, dizendo em suas cartas

[1] No autographo é o XL. [2] Isto é: o Meale, que tinha ou se dizia ter direito a ser Idalcão. [3] *Couto* nega-lhe a primogenitura. Dec. V, Liv. IX, Cap. IX.

que se lembrassem que depois que assentára nossa amisade que nunqua a quebrára, mas antes sempre a conseruára com obras de bom amigo, e como irmão d'ElRey de Portugal; e que quando o capado, capitão dos rumes que forão a Dio, lhe mandára seus messigeiros pera que elle se aleuantasse em guerra contra nós, elle tal nom aceitára, e os tornára a mandar com reposta muyto em contrairo do que elles pedião; do que mandára rezão ao Visorey dom Gracia per Antonio Sobrinho, morador na cidade, que lá era presente a tudo; e lhe mandára ajuda de mantimentos pera su'armada, e lhe offerecera dinheiro e gente, e o que ouvesse mester, com muy boa vontade; da qual boa amisade que sempre usára tinha muytas cartas com boas palauras d'ElRey de Portugal, em que lhe prometia pera sempre boa amisade, as quaes elle mostraria quando comprisse; que por tanto a todos requeria que lhe guardassem esta boa amisade, e fossem amigos de seus amigos e imigos de seus imigos, assy como nós mesmos lhe sempre pediamos; e que folgassem mais ter a elle por amigo que a hum seu escrauo, que era o Acedecão, que com mentiras e enganos lhe prometia o que nom tinha nem podia fazer, o qual ora como trédor lhe fogira e * se * escondera que o nom podião achar, e segundo elle tinha os passos e portos guardados nom lhe poderia escapar senão se os seus propios lho furtassem, e lhe nom escaparia senão polo mar: polo que lhe a todos muyto rogaua e pedia como bons amigos, pois o Gouernador nom era presente, que logo mandassem muytas fustas, em que fossem homens fiés e bons que com muyta diligencia corressem os portos de toda sua terra pera a banda de Baticalá, e pera a banda de Dabul, e per todo o mar tiuessem tal vigia como o Acedecão per lá lhe nom fogisse; porque sendo tomado no mar, e lho entregassem, por isso daria pera ElRey de Portugal quanto dinheiro tiuesse o Acedecão dentro em Bilgão, onde tinha seu tisouro; e que assy o prometia per sua palaura real; e que olhassem bem, e n'isto nom errassem contra ElRey de Portugal, assy como tinhão feyto em mandar fusta a Cambaya buscar seu imigo, que viera em companhia dos rumes pera lhe tomar seu Reyno, o que [1] * elles * tal nom deuerão entender em nada sem autoridade do Gouernador, que sobre o fazer ouvera de tomar milhores conselhos do que elles tomarão dentro no mosteiro dos frades de São Fran-

[1] * elle * Autogr.

cisco; (o que assy era verdade que no mosteiro se fazião os conselhos por mais secretos, mas ao Idalcão tudo lhe escreuião quanto se passaua dentro em Goa, per boas espias que n'isso trazia) mas que elle tinha sabido que o seu escrauo Acedecão tinha em Goa amigos e ajudadores, e com peytas lhes fizera fazer hum tamanho erro, de que o Gouernador lhe tomaria muyta conta de tamanho mal se atreuerem a fazer sem aguardarem seu mandado, como tinha sabido que alguns nos conselhos que sobre o caso tomarão muyto requererão que nada se fizesse, sem primeiro o fazer saber ao Gouernador; mas que elle viria embora, e faria o que fosse bem, mas que ao presente lhe muyto rogaua que ouvissem sua palaura, e fizessem seu rogo em mandar fustas a vigiar o mar, porque o Acedecão lhe nom podia per outra parte fogir, nom lho consintindo os portugueses; porque se tal lhe fizessem pera sempre ficaua comnosco mortal imigo: do que pedia reposta de todos pera elle a mandar a El-Rey de Portugal. E da promessa da fazenda do Acedecão, que prometia, mandou logo carta assinada sobre sy, requerendo tambem que logo mandassem hum catur ao Gouernador dar rezão do que se passaua, onde elle queria tambem mandar suas cartas, se elles quigessem; e com isto outras muytas cousas, como homem bem arrezoado e que pedia rezão e justiça.

CAPITULO XLII [1].

DA REPOSTA QUE O CAPITÃO E OS VEREADORES MANDARÃO AO IDALCÃO, E DELIGENCIA QUE FIZERÃO EM BUSCAR O ACEDECÃO, E COMO A GOA CHEGOU A FUSTA COM MEALE, QUE FÔRA BUSCAR A CAMBAYA, AO QUE LOGO APARECEO O ACEDECÃO EM BILGÃO, QUE LOGO FOY CERQUADO.

Da qual embaixada mandou o Idalcão muytos e muy apressados recados huns após outros, com grandes protestos e amoestações, assy ao capitão como á camara da cidade, com muytos apontamentos muy chegados á rezão, com que temorizados da guerra e males que podião soceder sobre este negocio a Goa, ou com fengimentos dessimulados, o capitão e

[1] E' o XLI do original.

cidade responderão ao Idalcão com muytos comprimentos de falsas desculpas e juradas mentiras, com grandes comprimentos de fazerem quanto mandaua. E logo perante os messigeiros forão prestes doze fustas, que logo sayrão ao mar, seis pera o sul, e seis pera o norte; e despedirão logo hum catur pera o Gouernador, em que tambem forão cartas do Idalcão. O que todo assy sendo despachado, d'ahy á pouquos dias chegou a Goa a fusta de Cambaya, em que veo o Meale, que forão buscar, o qual o capitão com os fidalgos forão ao caes ao desembarquar com muytas honras, e nom lhe fizerão festas porque d'isso se nom anojasse o Idalcão, e o capitão o leuou comsigo á forteleza onde era seu aposento, e foy agasalhado sobre sy em boas casas e bem concertadas como compria, onde abastadamente lhe derão seu gasto e pera seus seruidores, que trazia pouquos. Do que logo o capitão escreueo carta ao Idalcão de como era ally chegado o Meale e o tinha em poder até vir o Gouernador, que faria o que bem fosse, e que tudo seria pera milhor e mais descanso de seu coração. Do que o Idalcão fiqou muyto satisfeito, mas ouve muyta paixão porque como o Meale assy chegou a Goa logo o Acedecão tornou 'aparecer dentro em Bilgão; de que o [1] * Idalcão * fiqou muy arrependido por nom ter derribado Bilgão tanto que o Acedecão desapareceo, onde o Acedecão muito mais se forteficou, com grande apercebimento pera se defender do Idalcão, que logo abalou contra elle com muyta gente com que o cerqou todo em roda, e o nom combateo porque assentando o cerquo lhe forão cartas do capitão de Goa, e da cidade, de muytos rogos que o nom combatesse, nem lhe fizesse guerra, e o deixasse assy estar até vinda do Gouernador, que era grande seu amigo e antre elles poeria tal concerto com que ficasse muyto contente, o que era milhor que assy o fizesse que poerse em guerra e combates com hum seu criado tão velho, que se erro tinha feyto lho deuia de leuar em conta pola fraqueza e falta de memoria que lhe causaua sua muyta idade; e que quando o Gouernador nom fizesse concerto de que elle fosse contente, que então ahy o tinha dentro em sua terra, e em seu poder, pera fazer n'isso o que quigesse. O Idalcão folgou com estes rogos, e foy d'isso muyto contente, porque tinha elle muyto arreceo do que lhe tinhão dito dos seus que contra elle se auião d'aleuantar; determinando fazer todo concerto que o Go-

[1] * Acedecam * Autogr.

uernador quigesse, como depois pudesse colher ás mãos o Acedecão e lhe fazer grandes justiças; e respondeo ao capitão e á cidade que fazia seus rogos porque era muyto verdadeiro nosso amigo, e agardaria até vinda do Gouernador. Então pôs sobre o Acedecão tanta guarda, e tal cerquo, que cousa nenhuma, nem huma só carta, lhe podia entrar nem sayr. O que assy agora deixo ficar, por contar o que o Gouernador passou em seu caminho em quanto estas cousas se passarão em Goa.

CAPITULO XLIII [1].

DA VIAGEM QUE O GOUERNADOR FEZ COM SU'ARMADA ATÉ A ILHA DAS VAQAS ALÉM DOS BAIXOS DE CHILAO, ONDE VEO CATUR COM RECADO DO CAPITÃO E MORADORES DE SÃO THOMÉ ÁCERQA DE HIR AO TREMELLE; COM QUE O GOUERNADOR SE TORNOU DE SEU PROPOSITO, E FOY A COULÃO.

O Gouernador partindo de Cochym foy ao longo da costa ao cabo de Comorym, e dobrou o cabo e correo a costa até Beadalá, que * he * hum lugar junto dos baixos de Chilao, onde no lugar tomou pilotos da terra, e passou os baixos, e chegou á ilha das Vaqas, onde com elle já erão juntas mais de vinte vellas. E na ilha das Vaquas esteue alguns dias agardando por hum catur que tinha mandado a Paleacate a saber algumas cousas, o qual veo, e lhe trouxerão recado que no rio de Paleacate nom auia agoa pera entrar hum catur senão com agoas viuas, e tambem lhe trouxe cartas do capitão e d'outros homens d'ella, que lhe disserão que em nenhum modo lá fosse pera auer de hir por terra ao pagode de Tremelle, como dizião que leuaua determinado, e que já na terra se dizia que o hia a roubar, e estaua toda a terra amotinada, que a noua fôra a Bisnegá, polo que no pagode estaua muyta gente prestes pera lho defender; e que se lá fosse com dous, nem tres mil homens, nom escaparia pé d'elles, indaque fossem acubertados e com dez mil espingardeiros, segundo era a moltidão da gente que auia pola terra, que era tanta que com mãos cheas de terra a todos enterrarião; e que pois isto assy era

[1] E' o XLII do autographo.

escusasse sua hida lá, porque hindo lá e tornandose sem fazer feyto, como estaua certo que seria, fiquaua em grande quebra sua. O que lhe todo mandarão por estormentos; polo que então o Gouernador cessou d'este caminho; e esteue deuagar na ilha das Vaquas, e d'ahy mandou Antonio Mendes de Vasconcellos com dous calures que fosse ao Rey de Jafanapatão, que he na ilha de Ceylão pera a parte do sul, e lhe mandou dizer que désse a obediencia a ElRey de Portugal e lhe pagasse tributo, senão que o mandaria destroir, e elle em pessoa hiria lá com sua armada. O Rey, como era muy fraquo e pouqa cousa, ouve muyto medo, e logo obedeceo e deu carta de vassallagem, com pagar cad'anno cinco mil pardaos e dous alifantes, e logo mandou dous annos d'antemão do dinheiro, e com isto lhe assentarão a paz. E deu muyta artelharia que tinha de nauios que se perdião pola costa em sua terra, e daua por ella ao Gouernador muyto dinheiro, dizendo que 'auia mester pera se defender de seus vizinhos que com elle pelejauão, e todauia lhe fiqou muyta, porque na terra lha fondião. Então o Gouernador com 'armada se tornou a passar os baixos, e se tornou a Comorym, e se foy a Coulão. E estando ao cabo de Comorym, o Rey Grande, que he senhor d'aquella terra, ouve medo que o Gouernador fizesse mal em alguma sua terra, e lhe mandou á borda do mar huma grande soma de gado, e cousas de comer de refresco, tanto que auia pera toda 'armada; mas porque o Gouernador trazia bom vento se nom quis deter, e nom tomou nada, e mandou ao Rey seus agardecimentos, e com toda a armada sorgio em Coulão, onde desembarqou toda a gente. E foy ally o Gouernador por noticia que tinha de hum pagode que estaua d'ahy perto pola terra dentro, em que lhe dizião que estaua muyto tesouro, e homens da [1] * terra d'isto * o enformarão.

[1] * terra que disto * Autogr.

CAPITULO XLIV [1].

COMO O GOUERNADOR EM COULÃO FOY POLA TERRA DENTRO DUAS LEGOAS COM TODA A GENTE, A BUSCAR HUM PAGODE RICO, E O QUE N'ISSO FEZ, E SE TORNOU A COCHYM, ONDE VEO CATUR DE GOA, QUE O CHAMAUA PERA AS COUSAS DO IDALCÃO.

E logo ao outro dia o Gouernador com toda a gente prestes partio por terra pera o pagode, que era d'ahy a huma legoa. E lhe affirmauão que o tisouro do pagode era pedraria; e se disse que já de Portugal o Gouernador trazia este albitre, que o derão a ElRey os capitães que forão em Coulão, e ElRey mandára ao Gouernador que lhe fosse tomar este tisouro, e porque assy o Gouernador * o * trazia por mandado d'ElRey nunqua d'esta cousa deu nenhuma conta a ninguem, nem tomou conselho sobre isso. Foy o Gouernador com sua gente, e passou hum rio que auia no caminho, e sendo a gente passada, porque o caminho era estreito per antre matos e palmares foy a gente em fio e muy deuagar. O que sendo visto polos da terra que o Gouernador hia ao pagode, o mandarão cometer com cincoenta mil pardaos, e que lá nom fosse. O que o Gouernador nom quis aceitar, nem concertar com elles em muyto dinheiro que lhe derão, se o pedira por se tornar, que fôra milhor que auenturarse polo duvidoso; e tambem o Gouernador n'isto nom entendeo arreceando que lhe andarião em delongas até que se aperceberão com gente pera se defenderem. E foy o Gouernador seu caminho áuante, nom consintindo á gente fazer mal polo caminho; mas os guias errarão o caminho, ou por fazerem detença, e leuarão o Gouernador per caminho que andou mais de tres legoas, e chegarão ao pagode já tarde. E junto do pagode auia uma pouoação grande de casas de palha, onde auia muyta fazenda de todas sortes, mórmente roupa branqua que se faz no cabo de Comorym, onde logo o Gouernador mandou lançar pregões, com grandes penas, que ninguem tomasse nada, nem hum só figo, que por isso o man-

[1] No original é o XLIII.

daria enforcar. Hum homem canarym tomou dous pannos; mandoulhe o Gouernador cortar as orelhas presente a gente do lugar, polo que ninguem ousou bolir em nada. E isto fez o Gouernador porque a gente roubando carregados de fato se tornarião, e os matarião no caminho. A casa do pagode tinha huma cerqa de pedra, alta, onde o Gouernador recolheo toda a gente, onde já acodia gente da terra com arqos e frechas, e algumas espingardas, com grandes gritas, e cocuyadas com que chamão huns per outros pera a guerra, que se ajuntão em magotes de vinte e trinta, e dão grita e apupos ao modo propio como grous quando se querem aleuantar. O Gouernador pôs boa vigia na gente, que ninguem saisse fóra da cerqua; e ninguem ousou a sayr, com medo da gente que sentião que já acodia. Mas com grande medo toda a noyte ninguem dormio, nem se desarmarão, mas todos estauão prestes com as espingardas, e murrões acesos; e estauão tão medrosos que de qualquer falla ou brado se arremetião ás armas, com muyto aluoroço e desacordo, até tornar a sasegar sabendo que nom era nada. Assy estando acertou de cayr huma rodella, que estaua pendurada, sobre hum homem que jazia deitado. Cuidou que era outra cousa; bradou grandes brados; ao que foy o aluoroço tamanho, trauandose huns com outros como homens desatinados, que durou a cousa huma grande hora antes que tornassem em sy: e n'este trabalho estiuerão toda a noyte. O Gouernador se meteo dentro no pagode com alguns homens de sua vontade, e fechada a porta, que ninguem entrou [1] * dentro, derão * tratos a negros que estauão na casa. O que d'elles souberão lá o callarão, sómente meterão dentro alguns cafres do meyrinho que guardaua a porta, e cauarão, e debaixo da terra aleuantarão humas lageas grandes, e tornarão a deitar os cafres fóra, e da coua tirarão o que acharão, que ninguem o soube; mas logo no pouo se aleuantou que acharão muyto. Outros dizião que pouqo, de modo que nom ouve certeza do que se achára, mas os mais affirmauão que se achára muyta cousa; e isto se affirmou porque despejarão dous barris que hião cheos de poluora de espingarda, e o Gouernador a mandou repartir e dar aos homens das espingardas, e meterão os barris dentro, e n'elles meterão o que quer que foy, e emburilharão os barris em muytos pannos, e pendurados em páos * os leuarão *, que a cada hum se reuezauão

[1] * dentro onde derão * Autogr.

oito negros, e hião no meo da gente vigiados de Gracia de Sá e do sacretario, e dizião que hião cheos d'agoa que d'elles hia pingando. Mas nem por isso deixaua a gente de crer senão que dentro n'elles hia cousa que 'agoa nom podia danar, e por enxamata os encherão d'agoa, que vissem que corria d'elles.

Sendo manhã crara auia já muyta gente da terra derrador do pagode. Mandou o Gouernador pôr fogo no lugar, que ardeo com quanto tinha, que nom consentio que ninguem roubasse, por se nom carregarem os homens e terem pejo a caminhar. E dizia o Gouernador aos homens que no caminho tinhão muyto que fazer, e auião d'achar onde se bem carregar. O pagode era cuberto de telhas de cobre, que alguns homens tirauão pera leuar; mas o Gouernador lho nom consentio que leuassem nada, por leuar a gente despejada pera andar o caminho. E como o Gouernador ordenou a [1] * gente logo * aballou polo proprio caminho * por * que fòra, e fez tres fios da gente, a saber, no meo meteo a gente das lanças, e a gente d'espingardas pôs nos fios de fóra de hum cabo e de outro, que com as espingardas hião varejando o campo, em que auião passante de mil espingardas, porque os mais dos homens leuauão seus escrauos que lhas leuauão ou a lança e adarga. E sayndo a gente, que começaua 'andar, sayo diante hum nayre riqo, de manilhas e orelheiras d'ouro e sua espada e adarga, e com elle doze ou quinze nayres louçãos, todos d'espadas e adargas, que todos vierão cometer os nossos tão valentemente como se os nossos forão menos do que elles, e muy foutamente, este diante dos outros, denodadamente foy ferir nos nossos, com tanto animo como se tiuera certo elle só vencer; onde logo foy morto de cem lançadas, o que assy aqueceo aos outros nayres, que assy muy valentemente, sem tornar pé atrás, todos ally morrerão. E este homem, que assy veo a morrer tão denodadamente, era hum dos jangadas do pagode. E chamãolhe jangades porque os Reys e senhores das terras, per seu costume, mandão guardar estas casas dos pagodes, que estão per suas terras, per dous homens capitães, homens honrados e bons caualleiros. A estes guardadores assy chamão jangadas, e tem gente de sua guarda, e são como conselheiros e ministradores nas cousas dos pagodes, e das casas e rendas lhe dão sua comedía, e quando o Rey quer os tresmuda e

[1] * gente e logo * Autogr.

põy outros. E este jangade só veo assy a morrer porque o outro seu praceiro era hido ao cabo de Comorym com dez mil homens da terra, porque o Rey de Comorym, sabendo da hida do Gouernador, ouve medo que hia contra elle, e mandou pedir secorro a este pagode, e lhe mandou o seu jangade com todo o poder que tinha. E affirmarão os da terra que se isto nom fôra que em nenhuma maneira o Gouernador fôra ao pagode, e que se o consentirão que lá chegasse fôra pera os matarem, que nom tornára [1] * de lá * nenhum português.

O Gouernador foy seu caminho assy em ordem, como disse, e mandou na dianteira da gente Jorge de Lima, e lhe mandou que andasse seu passo cheo, e nom consentisse que homem nenhum fosse diante d'elle. Encarregou muytos capitães que corressem os fios da gente, e nom consentissem que ninguem se saysse do fio, nem ouvesse desmando, nem deixassem o fio por nenhuma cousa que fosse. Os da terra vinhão seguindo após os nossos, muyto afastados per ambas as bandas, porque auião elles muyto medo ás espingardas, e metiãose nos matos escondidos per onde podião, e tirauão aos nossos com frechas e espingardas, e onde o caminho era apertado, que os nossos se ajuntauão, logo os malauares tambem se chegauão sobre elles, e matauão e ferião muytos, porque com as frechas que tirão resteiras polo chão encrauauão os homens; com que muyto mal fazião. O Gouernador se deixou fiquar na saga de toda a gente, em hum cauallo que lhe leuarão, e porque fiquaua mais alto sobre a gente lhe tirarão tantas frechas e espingardas que lhe conueo decerse a pé, e mandou o cauallo hir diante. Na traseira dos nossos acodirão tantos malauares, e tão denodados em cometer que meterão os nossos algumas vezes em muyto apreto, que o Gouernador ficaua só e nom podia deter os homens, e tantas vezes fiqou o Gouernador só, sem ninguem, que lhe começou a bradar e dizer palauras muy vergonhosas, chamandolhe * o nome * de judeos, e a cada hum os chamaua por seus nomes; polo que elles nom dauão nada, senão cada hum * andando * a quem mais podia, sem olhar a nada; em que o Gouernador algumas vezes foy muy afrontado, mas sempre muy enteiro, e * de * rostro muy seguro, sem nenhum mudamento, antes bem assombrado, sem mostrar nenhum temor, sem nunqua apressar o passo mais em hum lugar que em outro. Na qual ordem an-

[1] * della * Autogr.

dou até hora de bespora, que sayrão d'antre matos e palmares a humas varzeas grandes sem mato, senão campo chão, onde os malauares se deixarão ficar e nom sayrão ao campo; onde no meo d'este campo o Gouernador mandou estar quêda a bandeira que leuaua, que era de damasco amarello com huma cruz de São Jorge de citim crimisim, atrocellada e franjada d'ouro e preto. Onde no campo o Gouernador deu repouso á gente, e comerão, porque auia ally huma fonte de muyto boa agoa.

E sendo casy as tres horas o Gouernador mandou andar a gente na ordem que trazia, e tomou outro caminho, e foy ter em outro pagode grande, que tambem estaua telhado de folhas de cobre, e dentro n'elle se achou hum cepo que disserão que tinha muyto dinheiro, o qual foy arrancado e leuado assy como estaua ás costas de muytos negros, que o leuauão no meo da gente sem o abrirem, nem verem o que hia dentro; e assy forão até chegarem á borda do rio, que passarão em tones á outra banda, que era huma ilha, onde o Gouernador mandou presente a gente abrir o cepo, e dentro n'elle se achou huma soma de moeda de prata de pouquo valor; o que o Gouernador deitou ás rebatinhas em cima da gente, onde se desenfadarão hum pouqo do cançaço do caminho que trazião. Então o Gouernador em pubriquo de todos disse que ElRey nosso senhor era muy enganado d'homens da India, que em Portugal lhe fizerão crer que n'aquelle pagode auia hum grande tisouro, e lhe dera em regimento que o fosse tomar; pera o que fizera tanto gasto, e dera tanto trabalho á gente, e que nom achára n'elle nada, sómente huma panella de folha d'ouro que podia pesar dous mil pardaos, a qual ally mandou amostrar. Mas comtudo isto a gente toda murmurou e praguejou, dizendo que era mentira o que o Gouernador dizia, porque era certo que achára muyto dinheiro, e na panella estaua a pedraria, que tudo hia dessimulado, metido nos barris que hião pingando d'elles agoa, e que tudo esconderão por nom pagarem á gente suas partes porque o trabalhauão. E estando o Gouernador aquy, que era já na praya, lhe deu hum acidente de febres, com que foy sangrado tres vezes, e jouve dous dias em cama, e achandose bem se foy a Coulão, e se embarcou n'armada e se foy a Cochym, onde proueo em algumas cousas. E aquy chegou a elle o catur de Goa que o foy chamar, com que logo se foy a Goa, deixando em Cochym Aleixos de Sousa, védor da fazenda, fazendo algumas cousas que comprião.

CAPITULO XLV[1].

COMO O GOUERNADOR CHEGOU A GOA EM HUMA FUSTA A GRÃ PRESSA, ONDE LOGO LHE VIERÃO MESSIGEIROS DO ACEDECÃO, E DO IDALCÃO, COM REQUERIMENTOS E GROSSAS PEITAS DE MUYTO DINHEIRO, E PER CONSELHO FOY ASSENTADO QUE SE GUARDASSE 'AMIZADE DO IDALCÃO, O QUE FOY APREGOADO COM TROMBETAS; PELO QUE O IDALCÃO FEZ LARGAS MERCÊS, POLO QUE O ACEDECÃO MORREO DE NOJO, E O IDALCÃO DEU PERA ELREY DE PORTUGAL QUANTA FAZENDA TINHA O ACEDECÃO EM CANANOR, QUE ERA MUYTO DINHEIRO.

Em poucos dias chegou o Gouernador a Goa, que foy em huma fusta esquipada, e 'armada fiqou atrás deuagar. Como o Gouernador assy chegou a Goa, que achou já ahy o Meale, que viera de Cambaya, o mandou visitar polo capitão, e dizerlhe que o hiria vêr como se achasse bem, porque vinha mal desposto do mar: e teue o Gouernador este comprimento por cortesia, e entanto saber como as cousas estauão. E como assy o Gouernador foy chegado, que a noua correo pola terra, logo lhe vierão embaixadores do Idalcão e do Acedecão; o Idalcão requerendolhe comprimento de pazes, mostrando as cartas patentes que tinhã d'ElRey de Portugal, e por muytos apontamentos as boas amizades que sempre usára e comprira com verdadeiras obras d'amigo, e tudo muyto apontado, dizendo que elle estaua em posse de nossa paz e amisade, affirmada e retificada per todolos Gouernadores passados, por bem das prouisões d'ElRey, que apresentaua; a qual posse nem lha podia tirar, [2] * nem quebrar * a paz, sem muyta quebra e falta de verdade de ElRey de Portugal, e da muyta e direita justiça em que os portugueses estauão obrigados; e que pois o Acedecão era seu escrauo e estaua aleuantado como trédor que era, e pobricado por seu imigo armado contra elle, que olhassem os portugueses que erão obrigados a lhe darem ajuda contra elle como seu imigo que era, * e contra * o que estaua dentro em Goa, chamado Meale, a que o Acedecão punha nome de Idalcão; que rogaua muyto

[1] E' o XLIV do original. [2] * nem a quebrar * Autogr.

e pedia ao Gouernador que olhasse bem e fizesse como se guardasse a verdade d'ElRey de Portugal, e senão que Deos a guardaria a quem a tiuesse. O Acedecão com sua messagem mandou logo ao Gouernador corenta mil pardaos d'ouro assy pubricos, mas em secreto se disse que lhe mandára huma soma, dizendo per seu messigeiro que Meale, que estaua em Goa, era Idalcão e direito Rey do Reyno do Balagate, e que dandolhe fauor e ajuda como ouvesse seu reynado faria direita justiça, e nom fazia erro nem falta alguma ao Idalcão tyrano, pois tyranicamente tinha e possuia o reyno que nom era seu; e que se isto fizesse, e ajudasse e metesse de posse ao Meale em seu reyno, elle lhe faria dar o que tinha dito, e elle de sua fazenda daria hum conto d'ouro pera mandar ao Reyno, e daria outro conto d'ouro pera despesas que se n'isso fizessem e pagamentos das gentes, e com as terras de Goa que lhe daria mais outras, que fizessem cem mil pardaos de renda que pera sempre rendessem pera ElRey de Portugal, e o Meale, como bom Rey, e os que d'elle descendessem, lhe ficarião n'esta grande obrigação. O procurador do Idalcão dizia que de hum escrauo nom deuião d'aceitar nada, pois prometia o que nom tinha, e estaua em poder alhêo, e daua o que nom era seu; que o Idalcão pera as despesas daua as terras de Bardês e Salsete que pera sempre fossem d'ElRey de Portugal, que rendião cad'anno sessenta mil pardaos: sobre o que os messigeiros d'ambas as partes muyto contendião e debatião, e do que se passaua sempre corrião piães com recados. O Acedecão, sabendo que o Idalcão assy daua as terras de Salsete e Bardês, teue modo como fez aleuantar os tanadares e gentes das terras, e nom obedecião aos mandados do Idalcão, nem a ninguem, e cada hum comia suas terras. O Idalcão nom podia acodir a isso polo cerquo que tinha sobre o Acedecão. O Acedecão mandaua dizer ao Gouernador que o Idalcão lhe daua as terras de Bardês e Salsete e manhosamente mandára aos moradores que nom obedecessem seus mandados, e que tudo erão enganos em que andaua. E tantas erão as cousas que se tecião antre o Idalcão e o Acedecão, que requerião seus messigeiros e procuradores, que o Gouernador se nom sabia dar a conselho qual escolheria; porque o dinheiro que o Acedecão prometia fazia grande aballo, e cometer tamanho feyto como era meter o Meale em seu reyno seria hum grande trabalho, e muy máo d'acabar; e tambem * por * que o Idalcão pedia muyto direito e justiça no que demandaua, com tantas cartas d'amizade

que mostraua d'ElRey e dos Gouernadores passados. Sobre o que auia muytos debates, * e * cada hum fallaua por quem lhe mais peitaua, porque os messigeiros largauão da mão grandes peitas, e dadiuas, a todos aquelles que lhe parecia que podião ajudar seus requerimentos. O Gouernador mandou poer grande guarda em Meale, e fez d'elle guarda Pero Vaz de Sequeira, com homens que vigiauão de dia e de noyte as casas em que estaua Meale, que lhe nom fallaua ninguem, nem os de sua casa sayão ao fallar com ninguem; o que o Gouernador fez porque lhe disserão que o Acedecão tinha homens seus polos passos, que nada passaua que nom tomassem, e o Idalcão fazia outro tanto. E teue o Acedecão modo que mandou fazer cartas falsas do Verido, e do Izam Maluco, e Cotamaluco, e Madremaluco, e de outros grandes senhores do Balagate, em que vinhão pedindo ao Gouernador que lhe désse Meale, que era seu direito Rey, e tirasse do Balagate o Idalcão, que tinha o reyno tyranicamente e forçado a seu dono, que era Meale, e que pera isto elles em pessoa e com todos seus poderes o virião receber, e meter de posse do Reyno; o que elle fazendo por isso serião pera sempre amigos com ElRey de Portugal. Ouvindo o Gouernador lêr as cartas logo conheceo que erão falsas, e dessimulou, e disse ao messigeiro do Acedecão: « Muyto folgo » « com estas cartas, e muyto mais folgaria que estes senhores vierão com » « suas gentes fazer a guerra ao Idalcão, pera crer suas cartas; mas eu » « tenho sabido que elles todos derão ajuda ao Idalcão pera tornar muyto » « poderoso ao Balagate, como tornou. » E n'isto apretou tanto n'esta cousa que veo a saber a falsidade das cartas. E postoque o Gouernador bem tinha entendido o que compria fazer no caso, andaua pairando com dessimulações e vagares, porque as peitas mais durassem; em que se affirmou que o Acedecão deu tanto que o Gouernador de todo esteue mouido a fazer o que elle pedia, porque os peitados tambem muyto persiguião o Gouernador. No que ouve grande demouimento; do que foy auiso ao Idalcão, que logo mandou fortes requerimentos e protestos ao Gouernador e á camara, pedindo tudo per muy justas rezões e muyta justiça que tinha, com muytos apontamentos, requerendo que esta cousa puzesse em conselho dos fidalgos e pessoas pera isso, e do que detriminassem lhe désse reposta pera mandar a Portugal. E porque assy pareceo rezão a todos, então o Gouernador mandou chamar os messigeiros, e lhe disse que se ajuntassem pera hum dia certo, que lhe apontou, e que leuassem to-

dos seus papés, pera em pubriquo de todos darem suas rezões, porque n'isso queria tomar conselho e dar concrusão n'esta cousa.

Então pera o dia que o Gouernador mandou forão todos juntos nas casas do Gouernador, onde tambem se ajuntarão todolos fidalgos e pessoas pera isso, e os officiaes da camara, e em mesa com todolos officiaes de justiça e fazenda, e sendo assy todos em conselho geral, cada huma das partes apontou e disse do que pedia, o que foy ajudado pelos procuradores, e muyto disputado e debatido d'ambas as partes quanto pôde ser, e sendo todos ouvidos, e feytos autos, os requerentes se sayrão pera fóra, onde o Gouernador com todos os do conselho * tendo * muyto praticado e debatida a cousa, foy assentado que a paz e amizade se guardasse ao Idalcão como d'antigamente estauão, e que pera sempre se lhe guardassem; e que o Meale, como principe que era, estiuesse como estaua em sua liberdade, pera de sy fazer o que lhe aprouvesse. Do que de tudo se fez grande auto e pauta, em que o Gouernador assinou com os officiaes da camara, e com os principaes fidalgos; e * foy * ordenado que pola cidade fosse assy apregoado.

Logo ao outro dia com trombetas e solenidade foy deitado pregão, em que dizia que [1] * Abrahem * Alle, Rey Idalcão, * era * senhor do Reyno do Balagate pera sempre, grande Rey, e verdadeiro amigo com ElRey de Portugal e com os Gouernadores; o que pera sempre assy era confirmado polo senhor Gouernador e camara da cidade, e por todolos fidalgos e caualleiros. Do qual pregão se fez assento, e de tudo tirados estormentos, que leuarão ao Idalcão. E como do conselho sayo este assento logo homens portugueses, correndo a cauallo, forão ao Idalcão a pedirlhe aluiçaras; e ao que primeiro chegou o Idalcão lhe fez mercê de quatrocentos pardaos d'ouro, e o liberdou, que o forraua dos seus direitos de mil cruzados de mercadarias, que cada hum anno em quanto viuesse podia tratar com elles francamente por todas suas terras, * e * comprar e vender sem pagar cousa alguma de direitos em todo seu Reyno; e lhe deu hum fremoso cauallo. O embaixador do Idalcão em Goa deu grandes dadiuas; e quando derão ao Idalcão as cartas do Gouernador, e da cidade, da confirmação d'esta noua amizade, mandou sessenta mil pardaos d'ouro pera pagamento dos lascaris, e vinte mil pardaos d'ouro ao Go-

[1] * Abrem * Autogr. V.ª *Couto*, Dec. V, Liv. IX, Cap. VIII.

uernador pera humas manilhas pera sua molher, e dez mil pardaos pera hum banquete pera os fidalgos e officiaes da camara, e outras muytas dadiuas e riqas peças pera os fidalgos e pessoas que forão seus requerentes. O que sabido isto polo Acedecão foy seu nojo tamanho que morreo, com que o Idalcão ouve mór prazer, e fez logo mercê do dinheiro e fazenda que o Acedecão tinha em Cananor pera ElRey de Portugal; porque estaua já fóra de seu Reyno, onde o elle nom podia auer. Polo que o Gouernador, fallando com o messigeiro do Acedecão, que ainda estaua em Goa, e prometendolhe por isso mercê, soube d'elle que em Cananor estaua muyto tisouro. Ao que logo o Gouernador mandou o secretario com cartas e presentes pera o Rey de Cananor, e pera os regedores, e aprouve a Deos que pacificamente se ouve muyto dinheiro, porque o messigeiro do Acedecão, e que requeria por elle, que estaua em Goa, sabendo que o Acedecão era morto nom ousou de tornar ao Balagate, que ouve medo que o Idalcão o mataria com tromentos por auer o tisouro do Acedecão, e por isso se meteo nas mãos do Gouernador, que o nom entregasse indaque o Idalcão o pedisse; e por lhe o Gouernador isto prometer tambem largou da mão assaz dinheiro, não tão sómente a elle, mas a fidalgos e priuados do Gouernador, a que elle daua, e outros que lhe pedião; em que o mouro se vio tão perseguido de petitorios que com portas fechadas se nom podia valer, e andaua escondido, e foy a Cananor com o sacretario, onde polos bons modos que se n'isso teue tirou muyto dinheiro do tisouro que elle lá tinha escondido, e entregou ao sacretario huma grande soma de pardaos d'ouro, lá em seu segredo que ninguem o soube, sómente tresentos mil pardaos d'ouro, que o sacretario logo d'ahy leuou a Cochym, e per mandado do Gouernador entregou cem mil a Diogo da Silueira, capitão mór das naos da carga, e outros cem mil pardaos a Fernandaluares da Cunha, capitão de huma das naos, e outros cem mil a Jorge de Lima, que hia por capitão d'outra nao, que inda nom erão partidos, que isto era já em tres de janeiro do anno de 544, sendo já algumas das outras partidas. E ao entregar este dinheiro nom foy contado, sómente pesado per hum peso de mil pardaos, e o dinheiro metido em caixão de páo forte, pregado, e cuberto, e assellado, e muyto a recado. E se tornou o sacretario a Cananor, e disse ao mouro que na conta dos saqos do dinheiro que lhe dera faltarão polo peso cinqo mil pardaos; «a saber» dos tresentos mil que lhe dera ao entregar

lhe faltarão cinqo mil pardaos. O mouro disse que os saqos que lhe dera cada hum era de mil pardaos, contados e pesados; que tal erro nom podia ser. No que o sacretario aprefiou como o mouro lhe deu os cinqo mil pardaos: o que foy roubo que fez o sacretario, que depois no Reyno os pagou. Então o mouro, recolhendo grande soma do tisouro, em que se affirmou trazer hum cofre de cobre com joas de pedraria de muyto preço, e com muyto dinheiro, se tornou com o sacretario pera Goa.

CAPITULO XLVI [1].

COMO O JUDEU QUE O GOUERNADOR MANDOU ESPIAR AS GALÉS MANDOU CARTA AO GOUERNADOR, EM QUE LHE CERTIFICOU SEREM PRESTES CENTO E CINCOENTA GALÉS, E O PROUIMENTO QUE FEZ O GOUERNADOR, E O MANDOU DIZER AOS FIDALGOS QUE SE HIÃO PERA O REYNO, QUE NOM QUISERÃO FICAR.

Estando assy o Gouernador em Goa n'estas cousas lhe chegarão cartas d'Ormuz, em que vinha huma do filho do judeu Manassé, que o Gouernador o anno passado mandára por espia ao Estreito, na qual carta lhe mandou dizer que os rumes erão prestes pera passar á India no setembro que auia de vir, com cento e cinqoenta velas, e que alguns dizião que * hião * pera Ormuz; que isto tinha bem sabido, que o vira com seus olhos; e que partia pera Portugal a leuar estas nouas a ElRey assy como lhe mandára: o que tudo isto assy o affirmaua Martim Afonso de Mello, capitão d'Ormuz, em suas cartas, que o soubera per mercadores que lá mandára a espiar ao Estreito. Com a qual noua o Gouernador deu pressa ao corregimento d'armada, e 'acabar cinqo carauellas que se fazião em Cochym, que começára dom Esteuão; e tornou a tomar todolas licenças que tinha dadas pera fóra, e passou huma prouisão, que mandou a Diogo da Silueira que a noteficasse a todolos homens que hião pera o Reyno, como elle assy tinha certa noua dos rumes; que lho noteficaua porque se quigessem ficar na India farião o que deuião ao seruiço de Deos e d'ElRey, e senão que elles se fossem embora, porque elle nom lhe fazia força que ficassem, nem lhe quebraua as licenças que lhe tinha da-

[1] E' o XLV no autographo.

das. A qual prouisão assy lhe foy noteficada, mas nem por isso deixarão de hir seu caminho, porque estauão já de todo embarcados e suas fazendas empregadas com muytos gastos feytos. Mas sendo as naos partidas logo [1] *tornou 'arrefecer isto das nouas* dos rumes.

Vendose o Gouernador com auondança de dinheiro, mandou apregoar por Goa, e em Cochym, e por todolas fortelezas, que todolas pessoas a que ElRey deuesse diuidas as fossem arrecadar, que a todos pagaria, assy dinheiro d'orfãos como d'emprestimos, e outras quaes*quer* diuidas. No que pagou grande soma, e fez o Gouernador a boca boa ás gentes, dizendo que queria pagar todolos soldos que se deuião na matriqola, velhos, dos tempos passados: o que fôra hum grande seruiço a Deos, e descargo a ElRey, pagar tantos suores alhêos como ElRey ally deuia; mas porque achou que a diuida da matriqola passaua de duzentos mil pardaos nom teue coração pera apartar de sy tanto dinheiro, e dessimulou com este pagamento. Mandou o Gouernador que em Cochym se fizessem bazaruqos como em Goa, e mandou correr a cinqoenta bazaruqos por tanga. E se partirão as naos pera o Reyno em no mês de janeiro d'este anno de 544.

CAPITULO XLVII [2].

COMO O GOUERNADOR MANDOU TORNAR OS CAUALLOS A SEUS DONOS, QUE OS VENDERÃO, E MANDOU DIOGO DE REYNOSO AO ESTREITO EM HUMA FUSTA, E LUIS FALCÃO PERA CAPITÃO D'ORMUZ, QUE LEUOU O REY E O METEO DE POSSE DO REYNO; E MANDOU FAZER ALFANDEGA EM MALACA.

Mandou o Gouernador que todolos homens que comprarão cauallos fiados que forão d'armada que os tornassem, sem lhe pagar por isso nada, sómente se os cauallos fossem danificados de alguma cousa que lhe socedesse depois da compra; e mandou que n'isto nom ouvesse demandas, sómente que todolas cousas sobre estes cauallos fossem julgadas e acabadas verbalmente. E mandou ao Estreito em huma fusta Diogo de Reyno-

[1] *tornou arefecer as nouas* Autogr. [2] E' o XLVI no original.

so, e mandou pera Ormuz o Rey que estaua em Goa, e o entregou a Luiz Falcão, que hia pera capitão d'Ormuz, e lhe mandou que o metesse em posse de seu Reyno com todas suas honras e poderes, e mandou que se viesse á India Martim Afonso de Mello, que lá seruia de capitão, por ter acabado seu tempo. E mandou pera Malaca Simão Botelho, e lhe mandou que lá fizesse alfandega, onde todolos mercadores que fossem a Malaca nom pagassem mais direitos que a seis por cento: o que foy grande bem, em que se muyto atalharão os grandes roubos e tiranias que se fazião aos mercadores; com que todos ouverão muyto prazer. E lhe deu regimento que chegando os mercadores a Malaca ninguem lhe fizesse forças, como costumauão lhe fazer os capitães de Malaca, que tomauão todolas mercadarias aos mercadores, e lhas pagauão ao somenos preço do que [1] * valião * na terra, e lhas pagauão com troquo d'outras mercadarias em mais alto preço do que valião na terra, e outros roubos e modos de tiranias que os capitães fazião, que tomauão assy as mercadarias que hião da India a menos preço, e as pagauão com as mercadarias de Malaca em mais alto preço do que na terra valião. E assy per este modo de roubar fazia hum capitão de Malaca em seus tres annos da capitania tanto dinheiro quanto queria; ao que se muyto atalhou com auer alfandega d'ElRey, onde os mercadores desembarqauão suas mercadarias, e pagauão seus direitos d'estes seis por cento, e ficauão liures pera poderem vender suas fazendas á sua vontade; que foy grande bem pera os mercadores, porque no regimento que o Gouernador deu a Simão Botelho deu aos mercadores grandes larguezas, como tiuessem pagos os dereitos nas alfandegas; que assy o mandou a Ormuz e a Dio, e a todolas fortelezas onde auia alfandegas. Com que atalhou e tirou aos capitães os roubos que assy fazião, e postoque nom fosse de todo, foy muyta parte d'elles; porque são os capitães das fortelezas tão dessolutos, e sem temor de ninguem em quanto são capitães, que com tudo são máos e tyranos a todo o pouo, assy mouros como christãos, e contra o seruiço d'ElRey, a que nom tem nenhum medo, que elles são os propios rumes da India contra o Rey e o pouo, como já em muytas partes d'esta lenda recontey; o que já nunqua auerá emenda senão quando Portugal tiuer Rey que corte cabeças aos capitães, e Gouernadores da India, polos graues

[1] * valia * Autogr.

males que fazem contra Deos e contra seu real seruiço. E ha de ser tão justo Rey que polos males sómente lhe corte as cabeças, e suas fazendas se tornem aos roubados e agrauados, e a que ficar fique pera suas molheres e filhos; porque em quanto lhe ElRey tomar as fazendas sempre auerá duvida que fez ElRey d'elles justiça por lhe auer a fazenda; e sendo isto assy, que elles ouvessem temor á morte, elles nom roubarião, sabendo que auião de pagar os males que fizessem com as vidas, e n'elles se auia d'enxecutar verdadeira justiça, e lhe nom auião de valer as peitas de riquas peças que leuão logo ordenadas pera peitar, e com ellas se liurar de tantos males que *cada qual* fez em sua capitania. E que me alguem responda que ElRey lhes dá as capitanias em pagamento de seruiços, pera se n'ellas aproueitarem. A isto nom tenho que responder, nem ElRey nom me dará rezão por sy como nom fiqua obrigado ante Deos polos males que estes fizerão, e elle nom castigou. E [1] *deixo* esta materia a Nosso Senhor, que isto emendará como lhe aprouver, e apraza a sua santa misericordia que nom seja com grande açoute que dê na India, ou em Portugal, pois de lá nos vem o mal que qua temos, que nos estes tyranos fazem sem temor de castigo.

CAPITULO XLVIII [2].

COMO O GOUERNADOR FOY A CANANOR COM O MOURO TISOUREIRO DO ACEDECÃO CHAMADO COJEXEMEÇADY, E POLO MUYTO DINHEIRO QUE LHE O MOURO DEU O GOUERNADOR O DEIXOU FICAR EM CANANOR.

O Gouernador, auendo enformação do muyto dinheiro que estaua em Cananor, concertandose com o mouro tisoureiro Cojexemeçady se fez prestes. Leuando comsigo o mouro, em seis galés e doze fustas se foy a Cananor, que foy a seis de março, e com elle fidalgos e capitães; onde chegando, polo capitão da forteleza mandou visitar ElRey, e lhe dizer que folgaua que se vissem, pera com elle fallar algumas cousas que comprião. Do que ElRey ouve prazer, e se ordenou o dia que se vissem, que foy junto da forteleza, segundo costume; onde no recebimento o Gouernador

[1] *deixando* Autogr. [2] E' o XLVII no autographo.

lhe fez muytas honras, e ambos sós o Gouernador lhe fez grande arrezoamento sobre as cousas do Acedecão, presente o mouro, e lhe disse como o Idalcão dera pera ElRey de Portugal a fazenda do Acedecão, que ally estaua; mas que tudo ElRey nom auia d'agardecer senão a elle, porque elle daua tudo da sua mão, pois [1] * estaua * em seu Reyno e em seu poder, e que elle assy o auia d'escreuer a ElRey que a elle o agardecesse, porque nunqua nada pudera auer d'esta fazenda se nom estiuesse em seu Reyno, e que n'isto fizera como seu propio irmão; e outras abastanças e tantos comprimentos com que ElRey ouve muyto prazer, e se offereceo a fazer tudo o que comprisse como ElRey nom perdesse nada do que estiuesse em suas terras. Ao que o Gouernador lhe fez grandes comprimentos de cortesias e offerecimentos; com que se despedirão, e o mouro se foy com ElRey, que passando per junto de suas casas lhe fez presente de riquas peças. Então mandou ao Gouernador muytos saqos de pardaos d'ouro, em que se disse que lhe mandára quatrocentos mil pardaos d'ouro: estes forão os pubricos, mas affirmouse que em secreto lhe perfizera hum conto de pardaos, * e * em pedraria lhe dera muyto mais, em que fôra hum diamão de grão preço. A causa d'este mouro dar tanto dinheiro, segundo se disse, foy esta, a saber: que estando em Goa, o Gouernador, por d'elle auer o dinheiro e grande tisouro que lhe dizião que tinha em Cananor, lhe mostrára huma carta falsa que pera isso fizera, dizendo que lha mandára o Idalcão, em que dizia que se espantaua muyto como nom auia de Cojexemeçady tanto tisouro como tinha em Cananor, que se lho quigesse entregar em seu poder que por isso lhe daria dous contos d'ouro, porque d'elle aueria mais de dez que tinha em Cananor; e que por tanto, se queria tirarlhe o dinheiro das mãos, o mandasse meter a tromento e metesse debaixo do chão, e logo lhe fallaria a verdade. A qual carta o Gouernador mostrára ao mouro, dizendo que indaque a carta lhe fallasse verdade, como já muytos lhe tinhão dito em segredo, que elle era tanto seu amigo que d'elle nom queria mais que aquillo que lhe elle désse; e o nom auia de prender nem atromentar, senão fazerlhe muyta honra; e se por isso fosse acusado a ElRey nosso senhor antes queria passar todolos trabalhos que com elle fazer senão o que tinha determinado, que era fazer toda honra e bom trato. [2] * Ouvindo *

[1] * esta * Autogr. [2] * ouvido * Id.

o mouro este arrezoamento do Gouernador entendeo bem a manha do Gouernador, que era falsidade a carta; e com muyta dessimulação lhe respondeo que era verdade que se o Idalcão o tiuera em poder já o tiuera morto com tromentos, que assy he costume dos mouros, aindaque lhe fallem toda' verdade; que elle em seu poder estaua, e lhe podia fazer o que quigesse, mas que elle tinha muyta vontade * de lhe dar *, e sem duvida lhe daria, quanto tinha em Cananor, mas que lho nom poderia dar sem vontade e aprazimento d'ElRey de Cananor, por assy estar em sua terra, que tambem lhe poderia tomar tudo, e o atromentar se lá fosse bulir o que tinha, se nom fosse com muyto fauor seu; que por tanto elle ordenasse como elle pudesse hir a Cananor e trazer o que tinha, e que ElRey nom lançasse mão d'elle. Sobre o que o Gouernador praticou com o mouro como se milhor poderia fazer, e assentou elle hir em pessoa, e o leuar comsigo, e se vêr com ElRey de Cananor, e o grangear até d'elle auer aprazimento e sua vontade como pudesse auer o dinheiro. O que assy fez, e foy a Cananor, e passou o que já contey; e por tão bom concerto como n'isso acertou fiqou muy contente com a muyta riqueza que arrecadou. Então foy visitar o Meale, que lá estaua, dandolhe de sy muytas rezões e desculpas falsas de suas cousas.

O mouro Cojexemeçady, auendo comsigo seu conselho, e lançando suas contas que se em poder do Gouernador estiuesse sempre teria apressões e agonias por dinheiro, como tinha não tão sómente do Gouernador, mas dos fidalgos, e do sacretario, * e * dos criados e priuados do Gouernador, (que todos lhe pedião dadiuas e emprestimos), e frades, e homens pobres, que com as portas fechadas e escondendose se nom podia valer; e que tambem quando viesse outro Gouernador feria outros nouos trabalhos e tyranias, teue taes praticas com o Gouernador, e lhe fez tantos prazeres, e contentamentos, que alcançou d'elle que o deixou em Cananor, pera dar auiamento em humas naos que auia de mandar carregadas com suas mercadarias pera algumas partes; pera o que lhe deu quantas prouisões lhe pedio, e grandes liberdades pera que ninguem lhe toquasse em suas naos, com grandes franquezas e liberdades, e muyto encomendado ao capitão, e a ElRey, que lhe fizesse muytas honras e mercês, no que muyto faria grande amizade a ElRey nosso senhor. O que tudo assy fez o Gouernador porque o mouro lhe meteo em cabeça que, fiqando assy fauorecido e honrado, no inuerno pouquo e pouqo tiraria

todo o tisouro, e o meteria dessimuladamente na forteleza, de modo que nom tiuessem depois impedimento pera o leuar quando quigesse; o que o Gouernador assy crendo o deixou como lhe compria. Com que o Gouernador se tornou a Goa com seu muyto dinheiro.

CAPITULO XLIX [1].

COMO O REY D'ORMUZ, QUE FÔRA DE GOA, O MATARÃO OS SEUS COM [2] * PEÇONHA *, E VEO NOUA CERTA DE TRINTA GALÉS QUE ERÃO SAYDAS DO ESTREITO NOM SABIÃO PERA ONDE, E O QUE O GOUERNADOR N'ISSO PROUEO.

Estando assy em Goa lhe veo huma carta d'Ormuz com nouas que o Rey que lá fôra, tanto que chegára, quisera entender nas cousas de seu Reyno. Logo os seus, temendose que os castigaria polos males e roubos que no Reyno tinhão feyto, e as traições e falsidades que lhe aleuantarão, com que foy tirado de seu Reyno, lhe derão peçonha, e fiquaua pera [3] * morrer, como * de feyto morreo, segundo depois veo noua; e aindaque a morte do Rey foy notorio ser de peçonha, sobre isso nom ouve inquirições nem diligencias de justiça, porque a nom ha como entrão peitas, que estes são os bocados com que engordão os capitães que vem pobres do Reyno.

Tambem este catur deu nouas que dous frades de São Francisco, que forão a Çacotorá prégar, tinhão feyto e bautizado muytos christãos, que casy toda a gente da ilha era conuertida, que estas nouas trouxera a Ormuz hum catur que fôra ao Estreito, onde soubera que de Suez erão saydas trinta galés, com gente e mantimentos que tomarão em Alcocer; e [4] * nom sabião * pera onde nauegarião, que se dizia que vinhão pera estarem em Adem, e andarem em guarda da costa e das portas do Estreito, mas que nada d'isto se affirmaua em verdade.

[1] E' o XLVIII no autographo. [2] * penha * Autogr. [3] * morrer e como * Id. [4] * nom se sabião * Id.

CAPITULO L [1].

COMO A GOA CHEGOU DIOGO DE REYNOSO, QUE FÔRA AO ESTREITO, E TROUXE MIGUEL DE CASTANHOSO, QUE [2] * FÔRA * AO PRESTE COM DOM CHRISTOUÃO, E O GOUERNADOR MANDOU PRENDER EM FERROS DIOGO DE REYNOSO, PORQUE ENTRÁRA O ESTREITO CONTRA SUA DEFESA, E * POLOS * MALES QUE LÁ FIZERA.

Sendo vinte dias d'abril d'este anno de 544 chegou do Estreito Diogo de Reynoso, que lá era em hum catur; e por o Gouernador já ter enformação que elle entrára as portas do Estreito, que lhe elle muyto defendera, e dera em regimento que dentro nom entrasse, sò pena do caso maior, entrando polo rio ao caminho o mandou prender polo doutor Pero Fernandes, ouvidor geral da India, o qual o leuou á cadêa, onde foy metido em grossos ferros com grandes guardas; contra o qual o procurador d'ElRey per mandado do Gouernador veo com grande libello, pedindo que morresse morte natural por cayr na pena do caso maior, porque contra defesa do Gouernador entrára as portas do Estreito, sendolhe noteficado e amostrado polo Gouernador prouisão d'ElRey nosso senhor que lho muyto defendia, por ter enuiado embaixador á Turquia sobre assento de cousas da India; do que o Gouernador lhe tomára juramento e menagem assinada. E procedeo o libello, e finalmente foy condenado á morte; ao que se chamou ás ordens, de que foy lançado por as nom prouar; então se chamou por de menor idade, que lhe valeo, e tudo se acabou, porque ninguem quis que elle morresse, porque tudo o que se fez forão comprimentos e modos pera com o pouo, como são todolas justiças da India pera os grandes.

O qual Diogo de Reynoso entrou o Estreito, e foy ao porto de Maçuhá, que achou despejado da gente, que fogio; onde estaua hum rume feytor do Turquo com vinte e cinco rumes, que em Maçuhá estaua tratando, vendendo roupas e comprando mantimentos. Os quaes rumes se puserão na terra dentro, e porque os rumes sabião que ally perto den-

[1] E' o XLIX no original. [2] * forão * Autogr.

tro na terra estauão muytos portugueses que vinhão do Preste, que agardauão por embarcação, que vindo buscar a fusta os hirião buscar e farião muyto mal, porque tinhão muytas roupas que nom poderião [1] * saluar, logo * os rumes vierão á borda d'agoa com bandeirinha branqa, e ouverão falla com os nossos sobre seguro de pazes, o que lhe o Diogo de Reynoso deu por mil venezianos d'ouro, como todos ficarão em paz. E sendo assy assentado, ao outro dia vierão a Maçuhá cincoenta portugueses que esperauão embarcação pera' India, que vinhão do Preste, que forão na companhia de dom Christouão; a que os da terra forão correndo a dar noua da fusta que era chegada: polo que logo vierão ao porto a grã pressa, que com os da fusta todos ouverão muyto prazer, mas sabendo que nom [2] * era * mais que ella só ficarão muy tristes, vendo que nom tinhão embarcação pera todos. E sabendo que ally tão perto estauão os rumes requererão a Diogo de Reynoso que os capitaniasse e fossem dar nos rumes. Ao que lhe elle respondeo que o nom podia fazer, por lhe já ter dado seguro e paz; mas secretamente mandou dizer aos rumes que nom queria estar polo concerto do outro dia, porque aquelles portugueses que ally chegarão estauão ordenados hir pelejar com elles. Ao que forão com recados, e vierão a concerto que lhe derão mais dous mil ducados, que por todos forão tres mil, com que a paz e seguro fiqou firme. O que se assy nom fôra, e fôra dar nos rumes todos matarão, que nom tinhão por onde fugir, e lhe tomárão mais de dez mil cruzados de roupas que tinhão, que a mór parte erão colonias de Cambaya, que os rumes comprauão ás naos que vinhão, pera vellas de suas galés; e antes quiserão tomar o dinheiro que fazer este bom seruiço a Deos e a El-Rey, porque tomando as roupas nom auia quem lhas comprasse, e de força as ouverão de queimar, polo que antes quiserão fazer seu proueito, como fizerão.

E porque nom auia embarcação pera todos lhe disse Diogo de Reynoso que já vião que os nom podia leuar, que antre todos ordenassem hum só homem que leuaria, e mandassem per elle suas cartas ao Gouernador, pera lhe pedir que os mandasse buscar com embarcação em que coubessem todos. O que elles assy fizerão, que todos ouverão por bem mandar na fusta hum Miguel de Castanhoso, aleijado de hum braço, que

[1] * saluar polo que logo * Autogr. [2] * erão * Id.

vinha com licença do Preste com cartas pera o Gouernador e pera El-Rey, de seus seruiços. Então todos escreuerão suas cartas pera seus amigos, com que Diogo de Reynoso *se* despedio d'elles e se partio pera' India, e os portugueses se tornarão pera dentro pera a terra, todos encaualgados em mulas e seus seruidores, e se recolherão ás terras do Barnegaes, onde andauão todos juntos, muy amigos e conformes com muyta paz, onde lhes era dado mantimento em auondança por mandado do Preste, que sempre os mandaua rogar que se tornassem pera elle.

CAPITULO LI [1].

DAS NOUAS QUE CONTOU MIGUEL DE CASTANHOSO DAS COUSAS DO PRESTE, E *O* QUE OS NOSSOS E DOM CHRISTOUÃO [2] *FIZERÃO* ATÉ MORRER *DOM CHRISTOUÃO*.

ESTE Miguel de Castanhoso, que veo na fusta, recontou miudamente todo o feyto de dom Christouão, que era passado por esta maneira seguinte, a saber:

Que dom Christouão com sua companhia partindo de Maçuhá, que foy a seis dias de julho do anno de 1541 [3], andarão seis dias per antre grandes serranias, com muyto trabalho, por os caminhos serem muy fragosos, per que os camellos e mullas em muytos lugares nom podião hir carregados, polo que forçadamente os nossos carregauão o fato ás costas, e o leuauão até achar caminho em que as bestas o pudessem leuar; no qual trabalho o capitão mór dom Christouão era o primeiro que se carregaua, porque os outros o fizessem. E afóra este grande trabalho outro maior os nossos padecião da grande quentura do sol, que era em tanta maneira que os nossos nom podião caminhar senão de noyte; em que auia muy grande padecimento de sede, com que tiuerão muyto trabalho

[1] No original é o L. [2] *fez* Autogr. [3] Um sabbado á tarde, 9 de junho de 1541. V.e *Castanhoso, Hist. das cousas que o muy esforçado capitão Dom Christouão da Gama fez nos Reynos do Preste João*. Cap. II. Referimo-nos á 2.ª ediç. d'este opusculo, mandada fazer pela Academia Real das Sciencias em 1843.

até passarem as serras, que sayrão a huns grandes campos. E chegarão a huma grande cidade mal ordenada, de casas de pedra cubertas de palha, onde os nossos chegando os sayrão a receber grande procissão de frades com suas cruzes altas, que os nossos adorarão, e se forão ao mosteiro fazer oração, onde os frades fizerão grandes cramores a dom Christouão dos males que lhe tinhão feito os mouros, mostrandolhe o mosteiro derrubado, e queimado por algumas partes. Dom Christouão os consolou com boas palauras, dizendo que rogassem a Nosso Senhor que o ajudasse contra os infieis de sua santa fé, porque elle com aquelles companheiros offerecidos vinhão ao seruiço de Deos, e guerrear até gastar as vidas contra os mouros que lhe aquelles males fazião. Com que se forão aposentar em grandes tendas que o Barnegaes mandára armar, onde os nossos repousarão de seu grande trabalho, onde logo dom Christouão mandou apregoar com trombetas que toda' pessoa que se apartasse da bandeira real * seria castigado * com pena de trédores, e se fosse escrauo seria viuo queimado; o que o Barnegaes per mandado de dom Christouão mandou apregoar na lingoa da terra, mandando aos seus que onde achassem português fogido do arraial, preso atado como alimaria do mato o trouxessem ao arrayal, e se fosse escrauo fogido do arrayal o matassem, e trouxessem a cabeça ao arrayal. Mas indaque isto assy foy apregoado nom deixarão de fogir huns tres escrauos, [1] * dos quaes * d'ahy a tres dias lhe trouxerão as cabeças ao arrayal; o que fez tamanho espanto que nunqua mais ouzarão de fogir outros nenhuns, o que foy hum grande bem. Hum português fogio, querendo hir a onde estaua o Preste, pera auer as aluiçaras das nouas de ser vindo o secorro. Foy tomado, e preso o tornarão ao arrayal, e dom Christouão lhe mandou cortar as mãos ambas, que ouve isto por mór pena que morte, e o mandou que se fosse por onde quigesse, que se no arrayal fosse achado o mandaria enforquar; com que nunqua mais outro nenhum ousou de s'apartar do arrayal.

Estando aquy dom Christouão fez conselho com o Barnegaes, e alguns capitães abexys que se pera elle vierão, e com o patriarca dom João Bermudes, que era o embaixador que viera do Reyno, e com alguns homens fidalgos e caualleiros honrados que hião na companhia, com os quaes fez conselho do que deuia fazer, ou o caminho que auia de leuar

[1] * que * Autogr.

pera hir onde estaua o Preste. Os quaes * abexys * lhe disserão do Preste que auia pouqos dias que fôra desbaratado em huma batalha que ouvera com o Rey de Zeylá, e que com muy pouqua gente se recolhera pola terra dentro, e estaua muy longe metido em humas serras fortes, de que nom auia de sayr senão quando soubesse que elle com os portugueses ally estauão; e que já lá hião muytos que lhe leuauão a noua, e que nom tardaria muyto que nom viesse seu recado, e então se determinarião no que milhor fosse; e que quanto a caminhar o nom podia fazer, porque o tempo era já entrada d'inuerno, com que auia grandes ribeiras que se nom podião passar, e mais que todolas terras estauão aleuantadas polos mouros, e que caminhando de força auião de pelejar com muytos mouros que estauão polas terras, e com o propio Rey mouro, que sabendo que elles se hião ajuntar com o Preste os auia de vir buscar ao caminho; mas que d'ahy a huma jornada estaua recolhida em huma serra forte a mãy do Preste, que depois do começo da guerra ally se colhera com sua familia; que a elles parecia que compria muyto que elle lhe mandasse seu recado, e a recolhesse pera andar em sua companhia, porque por onde fosse * e * as gentes da terra a vissem se virião pera o arrayal, e lhe trarião mantimentos e as cousas necessarias: o que pareceo bem a dom Christouão e a todos. Então logo foy enuiado recado á Raynha per hum capitão abexym, que tudo lhe contasse assy como se praticára no conselho.

Então dom Christouão ordenou de fazer alardo e vêr que gente tinha, porque lhe pareceo que teria muyta mais da que lhe o Gouernador seu irmão limitára, segundo o muyto que era emportunado d'homens que com elle querião hir; e mandou armar a todos, e contados achou quatrocentos menos tres homens, onde auia cento e trinta escrauos, valentes homens pera bem ajudarem seus senhores, e com trombetas e atabales e charamellas, escrauos que o capitão mór leuaua: toda a gente muy bem armada com sobejas armas de muytas lanças e muyta espingardaria; a qual gente repartio em capitanias, de que fez cinqo capitães, cada hum com cincoenta homens, que erão duzentos e cincoenta, e a demasia fiquarão em sua bandeira, os homens mais honrados e fidalgos que folgarão de o acompanhar n'esta viagem, que muytos erão seus parentes. Os quaes capitães forão estes, a saber: Manuel da Cunha, Francisco Velho, Francisco d'Abreu, e Inofre d'Abreu seu irmão, João da Fonseca; a que

a cada hum deu por rol sua gente, com que se apartarão com seus guiões e a bandeira real grande, de damasqo com a cruz de Christos d'ambas as bandas, de citim crimisim. O que assy feyto, cada capitão se apartou e agasalhou com sua [1] • gente, cada hum em sua • tenda, em que todos cabião, que lhe deu o Barnegaes; e cada capitão ordenou comer com sua gente o milhor que ser pôde, pera que o Barnegaes cada dia daua ao capitão mór dez vaqas muy gordas e maiores que as de Portugal, e muytos bolos de milho, e de [2] • nachenym •, que outra cousa ally nom auia, com que se remediauão, e com algum arroz que leuauão. O que tudo o capitão repartia e prouia como compria, o qual fez capitão de sua gente a Luiz Fernandes de Carualho [3], hum bom caualleiro. E tudo assy posto em muyto concerto, então dom Christouão ordenou mandar trazer a Raynha, se ella quigesse vir, e mandou lá Francisco Velho e Manuel da Cunha com sua gente, os quaes chegando á serra assentarão com suas tendas, e mandarão recado á Raynha que erão ally vindos por mandado do capitão mór, pera fazerem o que sua alteza mandasse. A serra em que a Raynha estaua era de pedra mociça, tão talhada a pique como se fôra cortada ao picão. Tinha d'altura • obra • de oitenta braças, em que auia hum caminho em muytas voltas, per que nom podião sobir mais que hum homem ante outro, que sobião com muyto trabalho até os dous terços da serra, onde fazia hum tauoleiro pequeno, e d'aquy acima sobião metidos em hum cesto, que de cima lançauão per hum buraco que estaua feyto na pedra, porque em cima a serra fazia huma borda pera fóra, como gauea de nao; e o cesto pendurado per cordas de coyro cru.

Sabido pola Raynha que ally estauão os capitães, estando ella já muyto alegre com o recado do conselho que era tomado, mandou aos capitães que sobissem acima, os quaes muy bem vestidos sobirão metidos no cesto, que com hum engenho andaua. A qual serra em cima era de terra chã muyto boa, com muytos aruoredos, que teria em roda hum quarto de legoa, em que auia campo de sementeira de trigo e ceuada, com que se colheria auondança pera mil almas que ally estiuessem, e • tinha • grandes cisternas cortadas na pedra, que no inuerno recolhião agoa em grande abastança; onde auia hum mosteiro de frades, • e • ti-

[1] • gente em cada hum sua • Autogr. [2] • dacheni • *Castanhoso*, Cap. IV.
[3] Luiz Rodrigues de Carvalho. *Castanh.*, ibid.

nhão ovelhas, carneiros, gallinhas, e patos, e adens, em muyta auondança. Sendo chegados os capitães ante a Raynha os recebeo com muyta honra, e lhes perguntou por muytas cousas de dom Christouão e da gente que trazia, e os mandou tornar abaixo, que agardassem, que ella logo deceria. Então a Raynha mandou logo decer a familia que comsigo auia de leuar; então ella deceo por derradeiro, e deixou na serra outro filho que tinha iffante, que era após o Preste que reinaua, e com elle duas filhas fremosas, e com ellas fiqou sua mãy da Raynha, auó das iffantes. E nom leuou comsigo o iffante, que já era em idade pera pelejar, porque o que ha de ser herdeiro do Reyno nom póde sayr fóra até que o Rey tem já filho herdeiro, e este iffante que póde herdar, ou o principe em quanto nom he Rey, nunqua casa, nem faz filhos, até que o Rey tem filho herdeiro; e todos assy estão ençarrados toda sua vida até que morrem, sem sayr fóra, por nom auer aleuantamentos, nem deferenças; e na serra onde estão são auondados do necessario como quem elles são. E sendo assy a Raynha decida abaixo todos a receberão com muyto prazer, porque já ahy estaua o Barnegaes com todos os seus capitães e muyta gente da terra, que em a vendo aleuantarão as mãos ao ceo com grandes louvores a Deos, o que ella tambem assy o fez, que deu muytos louvores a Nosso Senhor com muytas lagrimas, porque auia quatro annos que na serra estaua metida; * a * qual * Raynha * se chamaua Sabelle Oemgel [1]. O Rey de Zeylá esteue em cerquo sobre esta serra hum anno, e se foy porque foy desenganado que a nom podia tomar por fome, que por guerra elle bem o vio que era impossiuel.

A Raynha deceo da serra com trinta molheres e cincoenta homens do seruiço de sua pessoa, com seus seruidores, e sobirão em mullas que lhe tinhão prestes. A Raynha sobio em huma mulla parda cuberta com pannos de seda até o chão, ella vestida de pannos branqos muyto finos, e em cima hum bedem vestido, de seda roxa [2], todo laurado de froles

[1] Variam muito os nossos escriptores na orthographia do nome d'esta rainha. *Castanhoso*, no Cap. V, pag. 14, diz « que seu proprio nome em lingoa *caldea* era Sabele o Engel, que quer dizer Isabel do Evangelho. » *Couto*, Dec. V, Liv. VII, Cap. X, dá-lhe o nome de Sabani ou Elisabel; e *Telles* na *Histor. da Ethiop.* Liv. II, Cap. VIII, o de Cabelo Oánguel. Este parece ser o verdadeiro, porque *Job Ludolfo*, na Tabula genealogica regum Habessinæ, incorporada na sua *Historia Æthiopica*, lhe chama Kabelo Wanghel. [2] De cetim pardo. *Castanh.* Cap. VI.

de fio d'ouro, com grandes cadilhos de fio d'ouro; e ella toucada de pannos branqos, casy ao modo de portuguesa, e rebuçada com touqa de panno branqo, que lhe nom parecião mais que os olhos, e assentada na mula em huma sella sem arção dianteiro, com hum estribo em que põy o pé esquerdo, e a perna direita leua dobrada sobre o arção dianteiro, que vay tão bem assentada que se nom enxerga da maneira que vay assentada com muytos pannos que leua. E assentada em sua mula a cobrirão com hum esparauel de panno branco, que a cobria toda e a mula até o chão, o qual esparauel leuauão homens com humas varas altas, aberto por diante pera ella vêr quando queria. O Barnegaes, que he o mór senhor da terra, trazia a mula pola redia, despido da cinta pera cima, com huma pelle de lião em cabello deitada a tiracollo com o braço direito fóra; que este he seu costume por grandeza d'estado, que nos recebimentos da pessoa do Rey, ou da Raynha, o senhor da terra lhe ha de leuar a mula de redia assy n'este trajo, e depois vinte dias sempre ha de aparecer ante ElRey assy nu, e com sua pelle a tiracollo. Vinhão mais outros dous senhores principaes, que erão como marquezes, a que chamão [1] * azages *, que seu vestido outrem o nom póde trazer, por elles serem por elle conhecidos, que são deferentes de todos; o qual vestido he sobre as camisas humas cabayas de seda quarteadas de suas cores, compridos até o chão, e por detrás dous palmos de rabo como molheres, e sobre as cabayas bedens de seda vestidos. Estes dous senhores vinhão cada hum de sua parte, chegados ás estribeiras da Raynha e postas as mãos sobre as anqas da mula; as suas damas fóra do esparauel, assy assentadas, e rebuçadas, e cubertas em suas mulas. E caminharão pera o arraial assy n'esta ordem com os nossos diante.

O capitão mór concertou a gente pera' chegada da Raynha, os capitães cada hum em seu esquadrão com seu guião, e todos vestidos muyto louçãos, com a espingardaria, que chegando a Raynha lhe fizerão grande salua com os berços e mosquetes e com toda a [2] * espingardaria *. En-

[1] * azajees * Autogr. *Castanhoso*, Cap. IV, pag. 17 escreveu *azaies*; porém o padre *Balthasar Telles*, que muito indagou as cousas da Abessinia, explica, no Liv. I, Cap. XX e XXI da *Histor. da Ethiopia*, que os *azages* eram magistrados, como os nossos antigos desembargadores, e iam juncto ao imperador. [2] * espingaria * Autogr.

tão se apartou a gente em dous fios, e a Raynha com seus regentes entrou por meo da gente, tangendo nossas trombetas, atabales, e charamellas, e atambores, e pifaros, de que a Raynha fiqou espantada vêr tanto [1] * fogo, e do zonido * dos pilouros, e os tangeres e gritas, que parecião mil homens. Então o capitão mór sayo áuante com sómente os capitães a fallar á Raynha, vestido muy riquo e loução, que era gentil homem, de idade até vinte e cinco annos; a que a Raynha, por lhe fazer grande honra, abaixou o rebuço hum pouquo, mostrandolhe muyto gasalhado, encrinando o corpo hum pouqo. E o capitão mór e capitães fazendolhe suas grandes cortesias, o capitão mór lhe fallou * d'esta maneira *, e o que lhe dizia o fallaua hum homem que bem sabia a falla da terra, que estaua com o joelho no chão.

« Muyto alta christianissima senhora Raynha d'este grande Reyno. »
« Sendo o Gouernador da India entrado no Estreito do mar Roxo com »
« armada e seu grande poder, a conquistar e buscar 'armada do grão »
« Turqo, que achou no porto de Suez sem gente com que pelejar, e mór- »
« mente veo tambem por trazer o patriarqua que aqui está, que ElRey »
« meu senhor lhe mandou que a estas terras o trouxesse; polo que, che- »
« gando ao porto de Maçuhá, lhe forão dadas cartas do muyto poderoso »
« e christianissimo grão Rey d'este Reyno, vosso filho, irmão em armas »
« do muy alto Rey meu senhor, em as quaes cartas lhe pedio secorro e »
« ajuda pera contra os mouros que seu Reyno lhe tinhão tomado. Polo »
« que logo o Gouernador meu irmão, com toda vontade e alegre cora- »
« ção, me enuia com estes meus companheiros, * que * aquy somos vin- »
« dos a seruir a Deos e vossas altezas, com muyta confiança na mise- »
« ricordia de Deos, que nos dará vencimento contra os mouros sujos, »
« infieis de nossa santa fé. No que as vidas offerecemos até morrer, por »
« dar alegria a vossa tristeza. » O que a Raynha acabando de ouvir aleuantou as mãos e olhos ao ceo, dando louvores a Nosso Senhor, e ao capitão mór, e a todos, dizendo: « A ElRey meu irmão nom temos com que »
« lhe pagar tamanho bem, porque na terra nom ha com que; mas Deos »
« dos ceos o pagará. » Então a leuarão 'aposentar em suas tendas, que já estauão armadas, que estauão armadas afastadas do arrayal hum pedaço; onde com ella s'aposentou o Barnegaes, e o patriarca, com que a

[1] * fogo e o zonido * Autogr.

Raynha muyto folgaua de fallar e ouvir as cousas que lhe contaua de Portugal. E sendo este dia passado, e outro, ao outro o capitão mór mandou armar toda a gente, e muyto louçãos, com seus fays e rodellas douradas, e sua espingardaria, e guiões, e tambores, e pifaros, todos postos em ordem de çoiça, forão diante da tenda da Raynha, onde fizerão o caracol e çarrado, tirando sua espingardaria, e o tornarão 'abrir com muyta ordem; o que muyto folgou a Raynha de vêr per buraqos da tenda, que ninguem via a ella. Com que todos, fazendo cortesia diante da tenda da Raynha, se tornarão pera o arrayal.

Então o capitão mór, e o patriarqua, e Barnegaes, e seus capitães, se ajuntarão na tenda da Raynha, onde praticarão acerqua do que era sua vontade que se fizesse; em que praticarão em todolas cousas, e mórmente que se nom fossem d'ally a enuernar em outra parte, porque ally enuernarião milhor que em outra nenhuma parte. Polo que então fizerão ally muytas casas de madeira e palha, que auia muyta auondança, em que toda a gente se agasalhou, e o capitão mór, por nom passar o tempo ocioso, se acupou a fazer carros e banqos em que assentou os berços, e mosquetes, e monições, e fez carretas pera o fato e fardagem do arrayal, em que fez vinte e quatro carretas muyto bem feytas e ferradas, de que elle era o mestre que tudo ensinaua e ordenaua, e os portugueses cortauão a madeira, e serrauão e carpentejauão, porque os homens da terra pera isso nom tinhão engenho; em que todos leuarão muyto trabalho. E auendo hum mês que os nossos assy estauão, chegou messagem do Preste com cartas pera o capitão mór, porque já lá tinha a noua de como era [1] * chegado, em que lhe * dizia do grande prazer que seu coração sentia sabendo de sua vinda, e * que * seu prazer era muy grande, porque via comprida huma profecia que muytos tempos auia que os seus tinhão, que dizia que Tiopia seria tomada de imigos, e seria restaurada e tornada a seu estado por gentes branquas, verdadeiros christãos, que de longes terras virião, e tirarião a Tiopia de catiueiro; e que lhe rogaua que tanto que o inuerno lhe désse lugar andasse caminhando, e se chegasse pera elle, que elle outro tanto faria, que tambem se viria chegando pera elle; dandolhe grandes agardicimentos ao trabalho de seu caminho, e vontade com que o vinha secorrer em tanto trabalho

[1] * chegado e lhe * Autogr.

como estaua; mas, pois que o Reyno era d'ElRey de Portugal seu irmão, que elle o defendesse como seu que era. Ao que o capitão mór lhe respondeo com grandes comprimentos e abastanças; polo que então dom Christouão deu grande pressa a tudo, e porque ahy perto estauão humas terras aleuantadas mandou lá dous capitães com a gente da terra, onde tomarão muyto gado, vaqas, e boys, e mulas, com que muyto folgou dom Christouão, que engenhou logo cangas que pôs aos boys, e os amansou que andauão com as carretas, que foy grande ajuda pera a muyta fardagem que auia. Em todo o inuerno os nossos tiuerão vigia todolas noytes em quartos repartidos, e armados, querendo dom Christouão ter a gente acostumada ao trabalho e usada ás armas; e tambem porque lhe derão auiso que ally andauão espias do Rey de Zeylá, como de feyto tomarão duas, que andauão vestidos em trajos d'abexis, à que dom Christouão mandou dar tromento, e soube onde estaua o Rey mouro, e quanta gente tinha, e tudo quanto quis. Então os mandou espedaçar com os carros; de que os abexis ficarão muy espantados, e nunqua tal virão.

Sendo passado a força do inuerno, que entraua o verão, que erão já quinze dias de dezembro de 541, todos se ordenarão pera caminhar. Então dom Christouão ordenou o campo como auia de andar o arrayal, e mandou diante dous capitães com sua gente diante a pé, com os carros d'artelharia, que erão dous berços e seis meos berços, e cem mosquetes, que erão huns espingardões compridos que o patriarqua trouxera do Reyno. E no meo da gente * hia * a Raynha com sua familia, e com ella cincoenta homens armados, com hum capitão, com espingardas e murrões acesos, e a recouagem após ella, e então a bandeira real, e com ella [1] * Luis Rodrigues de Carualho, a quem, dom Christouão * encarregára a sua gente. Dom Christouão tinha quatro cauallos, em que quatro homens com elle sempre [2] * corrião * o fio, des dos dianteiros até os trazeiros; e os dous capitães que hião diante com os carros, que era mea legoa, se remudauão outros cada dia, que leuauão muyto trabalho, porque a lugares achauão taes caminhos que os bois nom podião passar os carros, e os nossos os passauão ás costas. Diante dos capitães dos carros hião dous homens portugueses a cauallo, com quatro abexis tambem a

[1] * Luis Fernandes de Carualho que dom Christouão * Autogr. V.ª *Castanhoso*, Cap. IV, pag. 12. [2] * corria * Autogr.

cauallo, descobrindo o campo mea legoa; e mais adiante hião outros homens da terra, espiando, pera se achassem mouros tornarem com recado. Andauão pequenas jornadas de tres até quatro legoas, e n'esta ordem caminharão oito dias, passando por muytos lugares, d'onde as gentes se vinhão á Raynha, trazendolhe o que tinhão de mantimentos, que erão lauradores; onde antre elles andauão mouros que arrecadauão as rendas, que todos fogirão ouvindo que vinha [1] * o arraial. E caminharão até * chegar a huma serra do senhorio do Barnegaes, que estaua aleuantada polos mouros, que fogirão alguns que n'ella estauão, e toda a gente da serra veo logo obedecer á Raynha. A qual serra se chamaua Caboa [2], onde os nossos tiuerão a festa do natal; onde dom Christouão mandou armar altar em huma tenda, com retauolo do nacimento de Christo, que elle leuaua; onde se fez o officio de natal polo patriarqua, com crelgos da terra, e dous nossos que hião na companhia, onde os nossos estiuerão armados toda a noyte, e a missa d'alua foy officiada com frautas, e charamellas, e trombetas, e atabales; pera o que todos os nossos se confessarão, e á missa tomarão a communhão: o que todauia a Raynha e os [3] * seus estauão * espantados de vêr a obra que os nossos fazião. E seus frades e crelgos assy fizerão a festa, que vinhão muytos com a Raynha, que cada dia lhe dizião missa antes de caminhar.

E antes de caminhar tiuerão festa de oito dias d'oytauas; e sendo passados tornarão a caminhar em sua ordem, e andarão seis dias, e chegarão a huma serra alta, que atrauessaua todolos campos por onde os nossos auião de passar esta serra, em que passarão muyto trabalho, porque foy necessario desfazer as carretas, e desarmadas passarem a serra, e a fardagem, que tudo leuarão ás costas, e passada a serra as tornarão armar e carregar; em que n'este trabalho dom Christouão era o primeiro. Sobida esta serra, em cima erão grandes campinas, e ahy perto

[1] * o arraial acaminharão até * Autogr. [2] Ha n'isto grande descuido. O que diz *Castanhoso*, Cap. VIII, pag. 23, é o seguinte: « ao cabo dos oito dias chegamos a hũa serra do senhorio do Barnagaes, a qual logo se nos entregou, & aqui estiuemos o Natal a que elles chamã cabeda. » Não dessimularemos que, na Dec. V, Liv. IX, Cap. IV, menciona *Couto* a serra de Caloa ou do Judeu, e que este nome muito se assimelha a Caboa; porém apesar d'isto, como o que se diz d'uma não convém á outra, é possivel que G. Correa tomasse o nome da cerimonia religiosa pelo da serra. [3] * seus que estauão * Autogr.

estaua hum lugar grande, de muytas casas branqas cubertas de palha, redondas e mal ordenadas, que nom fazião rua. E em hum alto pico que a terra fazia estaua huma hermida branqa, a que nom podião sobir senão hum homem ante outro, que o caminho era muyto estreito, cortado em pedra em muytas voltas. Junto d'esta hermida estaua huma casa, e dentro n'ella estauão passante de tresentos corpos d'homens mirrados, metidos em coiros coseytos, já muyto gastados; mas os corpos estauão sãos e inteiros. Disserão os da terra que auia muytos tempos que aquelles corpos ally estauão, que erão de huns homens que vierão de fóra a conquistar esta terra em tempo dos romãos, e que estes erão santos; e dom João Bermudes, o patriarqua, dizia que estes homens forão martyrizados dos mouros. D'isto nom tinhão lenda, sómente assy lembranças dos antigos. Era esta serra muy fria, onde os nossos concertando as carretas repousarão alguns dias, e tornarão a caminhar, e andando dous dias chegarão a huma terra chamada Agane [1], d'onde o capitão fogio, porque estaua aleuantado com os mouros, e a gente da terra toda veo receber a Raynha, e lhe trouxerão muytos mantimentos. Então veo hum irmão do capitão fogido, e veo com seguro a dom Christouão, e se deitou aos pés da Raynha, e ella o fez capitão da terra, que nunqua mais n'ella entrasse o irmão. Aquy estiuerão os nossos oyto dias, onde fizerão a festa do dia dos Reys, que os abexis muyto festejarão, que ao dia dos Reys, antes que saysse o sol, a Raynha com suas molheres e gente se forão a huma ribeira, onde já estauão muytas tendas armadas, e em huma d'ellas disse missa o patriarqa com seus frades, e acabada, com procissão, e muytas candeas acesas, e encenso, e agoa benta, forão benzer a ribeira; e isto feyto se recolherão todos, e a Raynha com suas molheres se foy á ribeira, aonde a Raynha se banhou com suas molheres, cuberta com esparauel, que ninguem a vio; e recolhida a Raynha se banhou toda a gente. Então disserão a missa do dia com suas cirimonias e tangeres de festa, em que se gastou todo o dia; e ao outro dia se aleuantou o arrayal, e tornou a caminhar em sua costumada ordem.

E caminharão até chegar a huma serra redonda, que estaua no meo de hum campo, que era muy alta e forte, onde estaua hum capitão mouro

[1] Agame, segundo *Castanhoso*, Cap. IX.

com mil e quinhentos frecheiros e lanceiros. Na qual serra auia tres passos per que a ella sobião; ao que os de cima muyto podião resistir, que de hum passo a outro era tiro d'espingarda, e no primeiro passo auia huma grossa parede com huma porta fechada, e passando esta porta hia hum caminho muyto estreito, e ingrime, até a outra porta que estaua feyta na mesma pedra, a qual guardaua hum capitão com quinhentos homens, e d'esta porta pera a outra era muyto pior caminho; onde auia guarda d'outro capitão com gente, e tudo tão forte que parecia impossiuel os nossos lá poderem subir, por os passos serem tão fortes e a pedra escorregadia; e de cima do alto da serra se vem todos os caminhos, que com pedras que deixassem cayr da mão farião toda defensão. E per cima, pola borda da serra, estauão huns buraqos e quebraduras da rocha, por onde entrauão; e a serra em cima era chã, muyto viçosa, e *com* algumas pouoações. E no meo da serra, no campo, *ha* hum alto piquo da serra, do pé do qual nace huma grande fonte de muyto boa agoa, que rega toda a serra; e no campo *ha* muyta samenteira e muyto gado, que he huma legoa em roda toda a serra em cima. Em cima tinhão os mouros noue cauallos, com que decião ao campo correr a terra e fazer saltos, com que senhoreauão toda terra ao redor da serra, que toda lhe obedecia. Hauia em cima huma grande igreija, de que os mouros fizerão mesquita: n'esta igreija e n'esta serra se coroauão todos os Reys da Tiopia, porque em outra nenhuma parte dq Reyno o nom podião fazer. E quando os mouros quiserão tomar esta serra a nom poderão entrar por combate, nem tomar por fome; então se aleuantarão de sobre ella, que auia muyto tempo que a tinhão cerquada. Então depois se ajuntarão muytos, como mercadores, que trouxerão muytas mercadarias e fizerão grande feyra ao pé da serra, em que estiuerão muytos dias, onde muyta gente de toda a terra vinha comprar e vender; ao que tambem deceo a gente da serra, com os quaes tratando dessimularão alguns dias, e hião acima á serra e se tornauão. Com a qual dessimulação hum dia sobirão tantos, que se atreuerão e aleuantarão contra os moradores, que logo desbaratarão; e ficarão senhores da serra, que auia oito annos que estaua em poder dos mouros, quando agora aquy chegarão os nossos e assentarão o arrayal ao pé da serra, que foy ao primeiro de feuereiro do anno de 1542, bespora da purificação de Nossa Senhora. Da qual serra auida enformação polos da terra, e dos capitães abexis que tudo

bem sabião, praticando com os capitães e homens pera isso que auia no arrayal, assentou * dom Christouão * de nom passar sem tomar a serra.

E sobre esta vontade, que assentou no seu coração, fallou esta cousa com o patriarqa, e com [1] * o barnegaes * e seus capitães, dizendo que lhe parecia bem nom passarem áuante deixando os mouros atrás, passandolhe pola porta; que pareceria judaria e que com medo nom pelejauão com elles; com que os mouros tomarião grande coração, e aos portugueses ficaua grande abatimento, pois vinhão a secorrer o Preste e pera lhe deitar os mouros fóra do [2] * Reyno, passarem * por ally sem pelejar e lhe tomar aquella serra. A todos pareceo bem o que dom Christouão dizia, mas todauia forão contra isso; e tambem porque a Raynha lho tinha dito muytas vezes que folgaria muyto, e era o milhor conselho que dom Christouão podia ter, nom se acupar em nada com os mouros senão se elles o viessem buscar, até primeiro se nom ajuntar e vêr com o Preste, e que então sendo ambos juntos farião o que milhor fosse; e mais que cometendo agora esta serra, e aquecendo algum desastre que dom Christouão morresse, todos ficauão perdidos, e ella tornaria a fugir e se meter na serra onde estaua. A dom Christouão bem lhe parecião todas estas rezões, e lhe respondeo que em nenhuma maneira do mundo podia escusar que nom pelejasse com a serra, pois achaua os mouros no caminho per onde hia; que tinha muyta esperança na paixão de Nosso Senhor que lhe daria vitoria contra os infiés de sua santa fé, como sempre fazia, que em todolas partes que portugueses pelejauão com mouros, indaque fossem pouquos vencião muytos mouros; o que assy esperaua na sua santa misericordia que agora faria. E n'isto assentando os despedio.

Sendo esto assy assentado, logo dom Christouão mandou Francisco Velho, e Manuel da Cunha, que apercebessem sua gente, e lhe deu tres tiros que leuassem, e lh'encarregou o passo onde estaua a parede com a porta, e lhe deu hum certo sinal a que auião de cometer. E ao segundo passo encarregou a João da Fonseca, e Francisco d'Abreu, com outros tres tiros; a que tambem deu o sinal. E o outro derradeiro passo tomou pera sy, com toda a gente, sómente sessenta homens que ficarão pera guarda da Raynha, fórçados e muyto agrauados por assy ficarem. E sendo todos prestes n'este dia á tarde se fallou com os capitães que queria

[1] * o bar e barnegaes * Autogr. [2] * Reyno e passarem * Id.

fazer hum cometimento á serra, por vêr a que parte os mouros acodião, pela milhor poder cometer. O que assy pareceo bem a todos, e se ordenarão, e toqando as trombetas arremeterão rijamente como que querião entrar os passos; ao que os mouros acodirão com muytas frechas, e pedras que cobrião a serra, em que deitarão tão grandes pedras que fizerão espanto; o que todo bem vendo dom Christouão, e os capitães, bem virão per que lugares sobirião com menos perigo. Então dom Christouão mandou fazer sinal com huma trombeta; ao que todos se tornarão 'afastar. Os mouros fizerão a isto grandes prazeres, cuidando que os nossos com medo nom ousarão sobir, e toda a noyte derão gritas com muytos tangeres. A Raynha, [1] *com* os seus, que cuidarão de verdade que os nossos nom ousarão cometer, fiqou muy triste, e todos os seus muy desconfiados dos nossos, dizendo que milhor fôra nom cometer que fiqar em tamanha falta; e que por tanto era milhor hirem seu caminho. Dom Christouão foy vêr a Raynha, a qual lhe logo isto fallou; mas dom Christouão lhe disse que nom sobira que o deixára pera outro dia, que era grande dia santo.

Ao outro dia, que era da porificação de Nossa Senhora, [2] *em* amanhecendo, dom Christouão mandou ao patriarqa que a todos fizesse assoluição, acabando a confissão geral que fizera hum padre com hum deuoto crucificio nas mãos, a que todos s'encomendarão com muyta deuação. Então, almoçando todos, dom Christouão mandou aos capitães que cada hum se fosse onde tinha ordenado; e postos como compria, sendo feyto o sinal que lhe dom Christouão tinha dito, tocando as trombetas e enuocando o apostolo Santiago, todos cometerão, cada hum por onde lhe era mandado, com muyto esforço. Ao que os mouros acodirão com muita resistencia, deitando tantas frechas e pedras que cobrião a serra; ao que os nossos *responderão* com os tiros e espingardas, com que 'os pilouros que lhe zonião polas cabeças os mouros ouverão muyto medo, e nom ousauão aparecer, sómente de dentro deitauão as pedras a montão, que erão tantas que todauia fazião muyto mal aos nossos, que logo dous homens portugueses morrerão, e *ficarão* alguns feridos; mas dom Christouão, com muyta valentia diante de todos, lhe fez tal esforço que logo os dous capitães chegarão ao passo que tinha a parede e portas, onde os

[1] *e* Autogr. [2] *E* Id.

nossos ficarão mais emparados das pedras de cima; com que logo as portas forão quebradas e entradas; onde ouve grande peleja, mas as espingardas fazião grande lauor. E assy foy no outro passo, que João da Fonseca e Francisco d'Abreu, com sua gente, com muyto trabalho e muyta gente [1] * ferida o ganharão aos mouros, e lhe entrarão o passo *. E dom Christouão a este tempo entrou o derradeiro passo, com tres homens mortos. Tomou elle a dianteira porque os seus fizessem como elle fazia; sobre o qual acodirão todolos mouros, mas como já os nossos tinhão a entrada, e começarão a lauorar com os fays, nom auia mouro que agardasse. Mas o capitão dos mouros como valente caualleiro muyto esforçaua os seus, que andaua em hum bom cauallo com outros seis mouros que fazião finezas; mas dom Christouão cometia os mouros de maneira, que os portugueses, querendo ante elle ganhar honra, derão tal apertão aos mouros que o capitão, como homem que determinaua morrer, despedio da mão hum zaguncho de remesso que trazia, com que passou hum homem com o cossolete, que cayo morto; e arranqou de hum traçado com que deu a outro por cima do capacete, que lho abolhou na cabeça, e o derribou sem acordo, mas o mouro foy tocado de tantos fays que o derribarão morto. N'este tempo se ajuntarão todos os nossos, que erão entrados por muytas partes, com que, e com a morte do capitão, os mouros forão logo em desbarato fogindo pera o logar, que os nossos seguirão, e muytos abexys, que vendo os nossos entrar os passos sobirão muytos após os nossos; os quaes, vendo assy fogir os mouros, mortalmente os perseguião, buscando por antre as casas, fazendo n'elles cruezas, que a nenhum dauão vida; com que os mouros com temor querião fogir pola rocha abaixo, e cayão e se espedaçauão, que vinhão ter abaixo: o que sendo sabido no arrayal era grande prazer em todos. Mas em cima nom escapou nenhum mouro, que todos forão mortos, e alguns que homens quiserão tomar por catiuos pera seu seruiço. E nas casas se acharão muytas molheres christãs, que os mouros tinhão tomadas; onde os abexis achauão irmãs, e molheres, e filhas; com que o prazer era grande. E tambem se tomarão muytas mouras, mas dom Christouão mandou matar todos * os mouros *, que nom ficarão senão alguns que erão muyto

[1] * ferida ganhou o campo aos mouros e lhe entrou o passo * Autogr. V.e *Castanh.*, Cap. XII, pag. 53.

despostos pera o seruiço, e as mouras todas mandou á Raynha; mas ella as nom quis vêr, e mandou que a todas matassem. E se tomarão noue cauallos muyto bons, e dez mullas de preço e outras muytas de carga, e muyto gado, e algum pouqo fato. Custou esta serra oito portugueses, e alguns abexis, e muytos feridos, a que dom Christouão a todos visitou, e lhe apretou as feridas, que erão mais de corenta.

Então dom Christouão mandou dizer á Raynha que a serra era sua, se a queria hir vêr su'alteza, e veria o que os mouros n'ella tinhão feyto. A Raynha lhe mandou grandes agardicimentos, e chorava com alegria das cousas que os seus lhe contauão de como os nossos pelejarão. Dizia a Raynha que os nossos erão homens mandados per Deos, que por isso pelejauão com os mouros sem nenhum temor. E mandou dizer a dom Christouão que auia nojo de vêr os corpos mortos. Então dom Christouão mandou ao patriarqa, que foy acima, que benzesse a mesquita; o que assy fez, e lhe pôs nome Nossa Senhora da Vitoria, e logo n'ella mandou dizer missa, que todos ouvirão com muy deuoto prazer. E n'ella mandou dom Christouão enterrar os portugueses mortos, e nas casas mandou estar os feridos que nom podião decer pola serra. E dom Christouão deceo da serra e foy vêr a Raynha, que o recebeo com muytos prazeres. Então a Raynha fez capitão da serra a hum seu capitão que com ella vinha, porque fôra de seus antepassados.

Aquy n'esta serra estiuerão os nossos todo o mês de feuereiro folgando em quanto os feridos auião saude, onde estiuerão muy abastados de quanto querião, porque a gente da terra trazião á Raynha quanto tinhão. E sendo já na entrada de março chegarão aquy dous portugueses, que vinhão do Estreito com homens da terra que os guiauão, os quaes mandára Manuel de Vascogoncellos, que no Estreito entrára com cinqo fustas, e o mandára o Gouernador dom Esteuão muyto encarregado a saber nouas de dom Christouão. Com os quaes homens ouve muyto prazer, que leuarão muytas cartas da India pera todos, e mórmente dom Christouão, que mostrou á Raynha as cartas, em que seu irmão lhe dizia que se lhe comprisse mais gente lha mandaria logo quanta ouvesse mester, como visse seu recado. Com que a Raynha e todo o arrayal ouverão muyto prazer. E porque Manuel de Vascogoncellos lhe dizia que agardaria hum mês polos homens que leuauão as cartas, por vêr sua reposta, e que muytas cousas que lhe trazia, de vestir e roupas de Cam-

baya, as nom desembarqaria até lhe mandar recado per [1] * carta sua, então * dom Christouão mandou Francisco Velho, com seus cinqoenta homens, que fosse a Maçubá pera lhe trazer as cousas todas, assy suas como encomendas pera muytos homens que vinhão nas fustas, e mais que lhe trouxesse quatro berços, e poluora, e pilouros quantos pudesse, e que nom fizesse detença, e que logo se tornasse; o qual Francisco Velho logo partio com homens da terra pera o guiarem.

Partido Francisco Velho, a Raynha, com os seus e com dom Christouão, assentarão de andarem áuante d'ahy a oyto legoas, a huns campos de muyta abastança de mantimentos, onde estaua hum senhor de muytas terras sogeyto ao Rey mouro forçadamente, o qual mandára carta á Raynha que se fosse pera lá, pera a seruir com quanto ouvesse mester. O que sendo assy assentado logo abalou o arrayal pera lá, com tenção que d'ahy nom partirião até que nom tornassem os homens que forão ao mar, que todos forão em mullas de andadura, que podião hir e tornar em quinze dias ao mais tardar. E logo partio o arrayal caminhando com sua costumada ordem. E andando huma jornada lhe chegou recado do Preste, em que lhe dizia que elle se vinha chegando quanto podia andar; que rogaua a dom Christouão que outro tanto fizesse, porque compria muyto que se ajuntassem antes que o Rey mouro viesse ter com elles; porque trazia muyta gente, e compria que ambos juntos lhe dessem a batalha. Polo que dom Christouão mandou andar quanto podia até chegarem aos campos que hião buscar, onde o capitão da terra logo se veo pera' Raynha, dando suas desculpas que mais nom pudera fazer; a que a Raynha perdoou. O qual capitão deu a dom Christouão quatro fremosos cauallos, com que elle muyto folgou; e lhe disse que tinha noua certa que o Rey de Zeylá vinha por aquelle caminho com muyta gente ao buscar, que logo partira d'onde estaua como lhe derão a noua que elle tomára a serra dos mouros; que nom tardaria muytos dias que se nom topasse com elle; que por tanto estiuesse como compria, que elle tinha mandadas espias a saber o caminho que o Rey mouro trazia. Então dom Christouão mandou andar deuagar pera chegar ao lugar onde auião de pousar, detriminando que agardaria até que tornasse a gente que mandára ao mar; e foy caminhando muy deuagar, e a Raynha mandou seus

[1] * carta sua polo que então * Autogr.

homens, que sabião bem a terra, que fossem espiar o Rey mouro, e andassem até auer vista d'elle, os quaes forão, e d'ahy a dous dias tornarão com a noua que o Rey mouro era já perto, e trazia muyta gente; que até outro dia toparião com elle. Do que muyto pesou a dom Christouão, que arreceou o muyto poder que lhe dizião que trazia o mouro, porque trazendo tanta gente, como lhe dizião, erão tantos que indaque os nossos os matassem á sua vontade nom terião tantas forças que de cansados nom ficassem [1] * vencidos; e estando * já ally no caminho que o mouro trazia já se d'elle nom podia desuiar, porque indaque o pudera fazer, e se pôr em saluo com todo o arrayal, tal lhe nom compria fazer, por nom perder o credito e confiança que já n'elle tinha a Raynha e suas gentes.

Dom Christouão, em muytos pensamentos, lançando suas contas com a obrigação que tinha ao estado real que seruia, e * por ser * filho do bom pay que era, polo que lhe conuinha arriscar a vida e seus feytos nas mãos de Deos, assentou em seu coração em nada faltar ponto no que a sua honra comprisse, e pelejar c'os mouros se os topasse; e foy seu caminho áuante, e chegando a huns grandes campos tornarão dous portugueses de cauallo que hião diante descobrindo o campo, e disserão a dom Christouão que o Rey mouro estaua d'ahy a huma legoa, e trazia gente que cobria o campo. O que sabido tal noua ouve muyta trouação na gente, mas dom Christouão, com animo muy esforçado que lhe Deos daua, sem mudamento de rostro, antes * com mostras * de prazer, mandou assentar o arrayal, porque vio a terra bem desposta: o que foy em hum sabado de Ramos. E dom Christouão tornou atrás onde vinha a Raynha com sua gente, * e * com folia e mostrando muyto prazer deu a noua á Raynha, que ella já a sabia; a qual vinha muy triste e com grande medo; a que dom Christouão meteo muyto esforço, e a meteo no meo do arrayal, o qual se logo fortificou quanto pôde com as carretas e com os tiros e mosquetes assentados e carregados, e repartio os capitães com a gente per estancias derrador do arrayal, e a todos dizendo o que auião de fazer, e ordenou vigia grande, que tiuerão toda a noyte, que toda trabalharão em se concertar.

Ao outro dia, domingo de Ramos, amanhecendo aparecerão tres mouros de cauallo per cima de hum oiteiro, que vinhão a descobrir o cam-

[1] * vencidos e que estando * Autogr.

po, os quaes, auendo vista dos nossos, voltarão a leuar a noua a seu Rey mouro. Então dom Christouão mandou dous portugueses a cauallo a ver, que descobrissem o outeiro; os quaes sobindo ao outeiro tornarão correndo, e disserão que o campo era cuberto de mouros, e assentauão arrayal junto do outeiro. Em quanto se o arrayal assentaua o Rey mouro sobio ao outeiro com gente de cauallo, que serião até tresentos, e com elle tres bandeiras grandes de suas cores, duas branqas e lũas [1] * azuis *, e huma vermelha e lũas branqas; as quaes tres bandeiras sempre andão juntas á pessoa do Rey, por que he conhecido por onde quer que anda. O mouro, vendo assentado os nossos em arrayal, mandou vir sua gente, que logo parecerão por cima do outeiro e vierão decendo pera os nossos; que erão tantos que fizerão muyto espanto aos nossos, que vinhão com grandes gritas e tangeres de suas trombetas e muytos atabaques, e os de cauallo com guiões, escaramuçando e folgando huns com outros, e se forão espalhando e fazendo cerqo aos nossos todo o arrayal em roda, afastados hum pedaço. E dom Christouão, cuidando que os mouros cometessem, em hum cauallo corria o arrayal, apreeebendo e fallando a todos; mas os mouros assentarão, assy cerqando os nossos, e se deixarão estar quêdos todo o dia, e sendo noyte fizerão os mouros muytos fogos per todo o cerquo, fazendo vigia com suas gritas e tangeres; e os nossos toda a noyte estiuerão com muyto temor que os mouros déssem n'elles, polo que sempre estiuerão armados e os murrões acesos, e com panellas de poluora e artelharia, e tudo muy concertado, e de quando em quando tirauão alguns tiros com os berços, porque os nossos temião muyto os mouros de cauallo. Os mouros se determinarão a dar nos nossos, e nom ousauão com medo dos tiros, ouvindo os pilouros que zonião, e * vendo * os murrões acesos, que luzião tantos no arrayal que dizia o rei mouro que os nossos erão muyto mais gente do que lhe tinhão dito. E isto se soube depois de homens abexis que andauão com os mouros.

Passada assy a noyte com este trabalho, ao outro dia pola menhã o Rey mouro mandou messagem a dom Christouão, per hum mouro que veo a cauallo com seu moço, que diante trazia huma lança com huma bandeirinha branqa, que chegando perto esteue quêdo até que do arrayal

[1] * vermelhas * V.ª *Castanh.* Cap. XII.

lhe foy recado que viesse; o qual deceo de seu cauallo, e entrou a pé, perguntando pelo capitão frangue, e sendo diante de dom Christouão lhe deu huma carta [1] *escrita* na letra e lingoa da terra, que logo lerão os abexis, em que dizia: Que nom se espantaua ousar de vir por aquella terra com tão pouqa gente, sabendo que elle 'assenhoreaua e tinha ganhada com tanto poder como ally via, porque os abexis o trazião enganado, como homem mancebo que era, segundo o tinha sabido; e que pois agora via, com seus olhos, o engano que os da terra lhe tinhão feyto como trédores que erão, que a seu propio Rey nom tinhão lealdade, que assy o auião de fazer com elle, que o auião de meter na guerra *e* então todos lhe auião de fogir, e que a molher que com elle vinha era a que o auia de vender; e pois que via manifesto seu erro, e o engano em que vinha, que elle, como bom Rey, por d'elle auer piadade, lhe perdoaua o atreuimento que tomára de o agardar no campo; (ao que ninguem tiuera atreuimento n'aquella terra auia treze annos) e lhe perdoaua com tanto que logo lhe fosse obedecer, leuando todolos portugueses comsigo, que a todos faria mercês e daria soldo, e lhe daria terras em que viuessem sem nenhum constrangimento nem obrigação, e se com elle nom quigessem estar, nem viuer na terra, lhe daua seguro, e lhe aprazia que em paz se tornassem a embarqar pera' India, sem lhe ser feyto nenhum mal; que logo a isto lhe respondesse. E com este recado lhe mandou hum capello de frade e humas contas, dizendo que se nom fazião sua vontade que a todos auia de fazer frades.

Dom Christouão fez honra ao mouro, e lhe deu hum roupão de citim roxo, e huma gorra de grã com huma medalha d'ouro, e o mandou que se tornasse, que elle mandaria sua reposta; e foy acompanhado até seu cauallo em que sobio e se foy. E dom Christouão fiqou praticando na reposta, e assentou de lha nom mandar por homem portugues, porque nom era pera fiar de mouro. Então buscarão hum moço forro, branqo e bem desposto, o qual foy muyto bem vestido em huma mulla, o qual leuou a reposta, escrita assy na mesma falla e letra como a que lhe trouxerão, em que dom Christouão dizia que o muyto alto e poderoso Rey de Portugal, senhor dos mares e terras da India, sendolhe dito que elle, como mouro descrido, fazia mal e guerra ao christianissimo Rey da Tyo-

[1] *sprita* Autogr.

pia, com que tinha verdadeira amizade d'irmão, mandára recado ao seu Gouernador da India que mandasse ver e saber da guerra que era feyta; ao que o dito Gouernador mandára a elle, com aquella pouqa gente por entanto, e era ally chegado; e se lhe parecia pouqa gente, elle esperaua no verdadeiro Rey dos [1] * ceos com ella * o destroir e catiuar, por tantos males como n'aquella terra elle tinha feyto, e que o tomaria pera ser escrauo da mulla em que vinha aquella molher que elle dizia que o trazia enganado; que por tanto estiuesse prestes, porque ao outro dia lhe mostraria como pelejauão os portugueses, que tinhão ganhado tantos Reynos e senhorios pola India, e contra os mouros d'Africa, e per todolas terras do mundo. E com esta reposta lhe mandou hum espelho, e hum atanaz de fazer as sobrancelhas, dizendo que se enfeitasse bem, fazendo d'elle molher. Foy o messigeiro e deu a carta, que o mouro leu, e fiqou espantado, e disse aos seus que a reposta era como de forte homem, e tornou a mandar o messigeiro.

Então o Rey mouro, praticando com os seus, assentou de ter assy os nossos cerquados sem os cometer, até que a fome os fizesse aleuantar e então daria n'elles. E mandou chegar sua gente mais hum pouquo, assy no cerquo como estauão, que erão quinze mil homens de pé, frecheiros e lanceiros, e mil e quinhentos de cauallo, e duzentos rumes espingardeiros que sempre trazia por soldo, em que tinha o mór esforço, com que tinha feyta muyta guerra. E chegandose assy pera os nossos, os rumes mostrando mais valentia se chegarão mais que todos, e fizerão huns vallados de terra, de couas em que se metião, d'onde muyto espingardeauão os nossos e ferião muytos no arrayal; em tanta maneira que foy forçado a dom Christouão, e mandou Manuel da Cunha, e Inofre d'Abreu, que com sua gente fossem dar nos rumes. O que elles assy fizerão, e dando n'elles lhe acodirão muytos mouros de cauallo, onde se trauou grande peleja em que os nossos tiros derribarão muytos de cauallo, com que os mouros mais acodião; ao que dom Christouão mandou toquar a trombeta a recolher; na qual escaramuça se passou o dia. E porque já as mullas nom tinhão herua no arrayal que pacer, e tambem mingoauão os mantimentos, dom Christouão assentou com todos que mudassem d'ally o arrayal, e se os mouros cometessem lhe dar batalha. No que se pas-

[1] * ceos que com ella * Autogr.

sou a noyte com muyto trabalho de vigia, e no quarto d'alua se concertarão pera caminhar, concertando os tiros nas carretas, e as tendas e fardagem nas mullas, que com a Raynha fiquaua no meo do corpo da gente, e a bandeira real atrás com a gente do capitão mór, e os capitães em seus esquadrões com seus guiões. O que tudo se concertou antes de amanhecer.

E sendo terça feira, quatro dias d'abril do anno de 542, que começarão a toquar os piforos e a caminhar, sendo visto dos mouros que os nossos se aleuantauão e caminhauão pera lhe dar batalha, e dom Christouão a cauallo com oito portugueses e dez ou doze abexys correndo e rodeando a gente e mandando o que compria, os mouros se aleuantarão com grandes tangeres e gritas, mostrando prazer, cuidando que os nossos querião fogir; mas os nossos sendo a tiro d'espingarda começarão sua obra, e a tirar artelharia por todas partes, que fazia o campo franquo por onde os nossos hião. Ao que os rumes se puserão na dianteira com muyto esforço contra os nossos, com que se acendeo grande batalha. O Rey mouro, vendo o esforço dos rumes, se chegou a esforçar os seus com muytos de cauallo, que erão mais de quatrocentos, e com elle suas tres bandeiras. Com muyto esforço cometeo a romper os nossos, em que os nossos forão muy apretados; mas os tiros dos berços fazião grande defensão, porque os bombardeiros e homens que os ajudauão trabalhauão muy grandemente, tirando muytas vezes; do que os cauallos dos mouros muyto fogião, e nom os podião fazer chegar, mas comtudo os nossos recebião muyto dano das frechas e das espingardas dos rumes. O que vendo dom Christouão mandou estar o arrayal quêdo e a gênte que nom pelejasse, sómente que tirasse a espingardaria, e os tiros, que muyto dano [1] * fazião * nos mouros; e porque os rumes se muyto chegauão, mandou dom Christouão sayr a elles Manuel da Cunha com sua gente, o que elle assy o fez, mas acodirão tantos mouros sobre elle que lhe matarão o alferez e tomarão o guião, e matarãolhe tres homens, e se tornou a recolher ferido de huma espingardada por huma perna. Dom Christouão corria a gente, fallando e chamando a todos com muyto esforço, onde tambem o ferirão per huma perna com espingarda; mas comtudo nom deixou seu officio, como bom capitão. Mas os nossos estauão

[1] * fazia * Autogr.

em muita agonia, que por todolas partes os mouros ferião, e no arrayal auia grande grita, com que todos cuidauão que já acabauão seus dias. Chamando pola misericordia de Deos, lhe aprouve lhe acodir, que n'este comenos o Rey mouro foy ferido d'espingarda por huma coxa, que lha passou, e ao cauallo, que com elle cayo morto; ao que lhe os seus acodirão, e o tomarão ás costas e forão fogindo com elle; ao que logo se abaterão as tres bandeiras, que era o sinal do recolher, com que os mouros logo largarão o campo. O que vendo dom Christouão mandou toquar as trombetas, dando Santiago nos mouros, correndo após os mouros, em que os abexis mostrauão muyta valentia matando após os mouros, * e * os seguirão hum pedaço; ao que dom Christouão fez recolher, por vêr a gente ferida e cansada, e * que * nom tinha cauallos pera os seguir; que se cincoenta de cauallo tiuera de todo os mouros ficarão desbaratados. E se recolherão dando todos muytas graças a Deos, por lhe assy acodir tão milagrosamente.

A Raynha, vendo hir os mouros em fogida, e ficando tantos mortos, vendose liure do grande perigo em que estaua ella e todas suas molheres, daua muytos louvores a Nosso Senhor, com lagrimas de muyta alegria. E mandou armar sua tenda, e recolheo todolos feridos com suas molheres [1]: o que assy fez dom Christouão, que mandou assentar as tendas, e se curou de sua ferida. Então mandou buscar os mortos do campo, que forão onze, e os mandou enterrar, antre os [2] * quaes * foy hum valente caualleiro chamado Luiz de Carualho, e Lopo da Cunha, e Fernão Cardoso, collaço de dom Christouão. E os feridos erão mais de cincoenta, mas dos mouros forão mais de tresentos mortos, onde forão quatro capitães mouros que os abexis conhecerão, e mais de trinta rumes. Então o capitão da terra disse a dom Christouão que nom assentasse ally o arrayal, porque ally auia pouqua agoa e herua pera as mullas e boys; que mais adiante dous tiros de berço, na fralda da serra, tinha bom assento pera o arrayal, com muyta agoa e herua, onde ficaria senhor da terra pera lhe trazerem os mantimentos, sem lhos estrouarem os mouros, como ally podião fazer se quigessem. No que assentarão per conselho de todos, e dom Christouão acabando de curar todolos feridos por sua mão, que o sabia bem fazer, que hum mestre que leuaua estaua ferido na mão

[1] Isto é: ajudada de suas molheres recolheu todos os feridos. [2] * que * Autogr.

direita, então tornou 'aballar o arrayal, e se forão assentar onde o capitão dissera que era muy boa terra; e assentou o arrayal com muyto concerto, e repartio as estancias e vigias, e pôs em tudo bom recado. Então secretamente escreueo huma carta per sua mão, e com muyto segredo despedio hum homem portugues com boa guia da terra, e o mandou que a grã pressa andasse de dia e de noite até achar Francisco Velho, que mandára a Maçuhá; e na carta lhe mandaua que sem agardar nada, á mór pressa que [1] * pudesse * andasse, porque d'elle tinha muyta necessidade; dandolhe conta do recontro que ouvera com os mouros, e como forão desbaratados.

N'esta batalha o patriarqa, e outros homens deuotos, virão polo querer de Deos que o apostolo Santiago pelejaua antre os nossos, e tambem depois o disserão alguns abexis que andauão com os mouros, os quaes estauão com o arrayal assentado á vista dos nossos, onde a Raynha e o patriarqua mandarão homens da terra, que dessimuladamente andauão espiando o que os mouros fazião, do que vinhão dar auiso a dom Christouão, estando sempre com grande vigia. Polas espias que dom Christouão trazia com os mouros foy auisado que o Rey mouro se aprecebia, e mandaua chamar gente pera lhe vir dar batalha, e que a gente de Maçuhá nom vinha. Sendo já domingo de Pascoella, auendo seu conselho, assentou hir dar nos mouros, antes que se reformassem de mais gente; o que assy pareceo bem a todos, porque já os feridos casy todos estauão sãos. Então, sendo domingo de Pascoella ante menhã, dom Christouão apercebeo toda a gente, e a pôs em sua ordem como compria, e 'artelharia nas carretas, e mandou ao patriarqa que a todos fizesse a confissão geral, e assoluição plenaria, per huma bulla que do Papa trazia. E * estando * a fardagem e tendas já [2] * carregadas mandou * andar pera onde estauão os mouros; o que elles vendo se aleuantarão e vierão receber os nossos, onde o Rey mouro vinha assentado em hum catele como andor, que o trazião homens, vindo fallando aos seus e os esforçando com muyto prazer, porque então lhe chegára hum seu capitão com tresentos de cauallo e tres mil de pé, e nom erão ainda chegados outros muytos que vinhão por caminho, que elle mandára chamar como se vira ferido. E este capitão que lhe chegára era estimado por grande caualleiro, que se

[1] * pude * Autogr. [2] * carregadas e mandou * Id.

chamaua Gradamar [1], e com sua fantesia de valente caualleiro vinha diante dos seus, dizendo que nom déssem vida a ninguem, [2] * e * que olhassem que nom erão mais que humas pouquas de gallinhas; e com muyta furia veo cometer os nossos com sua gente de cauallo. Ao que dom Christouão mandou toquar as trombetas, e dar fogo aos tiros, que fizerão muy máo lauor nos mouros; mas o mouro capitão com sete de cauallo chegou a ferir com hum zaguncho que trazia; o qual logo fiqou no campo com os companheiros, mas os mouros com a valentia d'esto acodirão todos sobre os nossos, ferindo por todolas partes, que derão muy grande apressão aos nossos. Ao que dom Christouão, como valente caualleiro, corria a todas partes, fallando palauras de muyto esforço; e onde via a mór peleja acodia pelejando fortemente. Do que os nossos tomauão muyto esforço, com que logo fazião retraer os mouros, fazendo grande defensão porque os mouros os nom rompessem e entrassem o arrayal, com que todos logo serião desbaratados e mortos. Mas estando os mouros todos, os de cauallo, já com os nossos ás zagunchadas, e os nossos com elles ás lançadas, per huma parte que era mais fraqa do arrayal já os mouros começauão a entrar, que nom auia quem os registisse; ao que acodio Deos com sua misericordia, e se acendeo fogo em huma pouqa de poluora que ally estaua, que logo matou dous homens, e queimou seys outros, que estiuerão pera morrer; o qual fogo foy tamanho que fez tal espanto aos cauallos que forão fogindo polo campo, sem os mouros os poderem ter, o que certamente foy saluação do arrayal, em que já os mouros começauão a entrar, e sobre isto os tiros e espingardaria, de que os cauallos auião tanto medo que nem os rumes ousauão atirar antre elles. Onde dom Christouão com os oito portugueses de cauallo que o acompanhauão fazião façanhas, e mórmente nos rumes que se mais chegauão, de que já erão muytos mortos, e feridos, e os fizerão afastar então os dos cauallos, que nom podião chegar e se hião afastando. O que vendo dom Christouão mandou toquar as trombetas, * e * arremeteo diante de todos com os praceiros de cauallo, bradando Santiago; com que os nossos cobrando nouo coração e forças, e os abexis com os nossos de

[1] Gordamar, segundo *Castanhoso*, Cap. XVI, pag. 47, e Garac Amar, conforme a narrativa do padre Pero Pays, em *Telles*, *Histor. da Ethiop.* Liv. II, Cap. XI. [2] * o * Autogr.

mestura, derão rijamente nos mouros, com que os arrancarão do campo e os fizerão fogir, e os nossos seguindo alcanço, que se tiuerão cauallos n'este dia os mouros forão de todo desbaratados, porque o Rey, que vio os seus fogir, se pôs na dianteira com os de cauallo fogindo quanto podia. Os nossos lhe seguirão o alcanço mea legoa, ficando os nossos senhores do arrayal dos mouros, em que auia pouquo fato. Dom Christouão, vendo a gente tão cansada, mandou recolher, e assentou o arrayal; e dom Christouão mandou enterrar quatorze portugueses que morrerão n'este dia. E porque a herua do campo estaua estragada dos pés dos cauallos, e as mullas a nom querião comer, ouverão acordo de se aleuantarem, e hirem mais áuante á borda de huma ribeira que ahy estaua perto; e mais porque ally, com os mouros mortos, com fedor nom poderião estar, e era bom * o outro * lugar por amor dos feridos, que n'este dia forão mais de cincoenta [1], e mortos alguns abexis e * hum * valente capitão abexim. E logo partirão caminho da ribeira, e sendo á vista d'ella tambem ouverão vista dos mouros, que estauão assentados na ribeira, nom cuidando que os nossos lá fossem, e vendo que os nossos pera lá hião se tornarão a leuantar, e caminharão toda a noyte e outro dia, em que lhe morreo muyta gente que hia ferida, e se forão assentar junto de huma serra; e como os nossos assy hião cansados, que nom podião seguir os mouros, assentarão junto da ribeira, onde logo dom Christouão fez assentar as tendas, e por sua mão curou os feridos; e todos repousarão, porque souberão que os mouros nom assentauão, e hião seu caminho. Descansando assy dous dias, [2] * aqui * chegou Francisco Velho com a gente com que fôra a Maçuhá, e com elle o Barnegaes com quinhentos de pé e trinta de cauallo, com que os do arrayal ouverão muyto prazer; mas os que vierão ficarão muy tristes por se nom acharem nas pelejas que erão feytas, e tambem porque nom acharão as fustas de Manuel de Vascogoncellos, que já erão partidas, e no porto de Maçuhá estauão galés de rumes.

Com a vitoria passada, e com a chegada d'esta gente, se aluoroçou tanto dom Christouão que assentou de hir buscar os mouros e darlhe batalha, e esto assy assentado mandou quatorze homens que estauão muyto

[1] Os feridos passauã de sessenta, de que morrerã quatro ou cinco. *Castanh.* Cap XVI. [2] * a que * Autogr.

feridos á serra do capitão abexym que andaua no arrayal, chamado Tigremahom [1], que * he * como grão de Visorey; os quaes feridos forão leuados em cateles, com muyto trabalho, por o caminho ser fragoso; com os quaes foy o capitão, que chegados acima a sua casa, d'elle e de sua molher forão curados e seruidos como o forão em casa de seus propios paes. E dom Christouão logo ordenou a gente, e se pôs em caminho em busca dos mouros, que os achou em huma serra forte que era contra as portas do Estreito, e o Rey mouro se acolheo a esta serra porque já nom achaua terra em que estar, porque a gente da terra já se aleuantaua com elle, e lhe nom dauão mantimentos vendo que hião assy em desbarato; e por isso se recolheo a esta serra, onde os nossos chegarão já com muytas chuvas d'entrada d'inuerno, que era em abril, que então começa e acaba em setembro, assy como o inuerno da India. Então, per conselho da Raynha e de todos, se forão assentar junto de outra serra á vista dos mouros, que era boa terra pera ally enuernar, porque toda a gente lhe obedecia, que trazião muytos mantimentos, e era aquy o caminho per que o Preste auia de vir. E sendo o arrayal assentado, dom Christouão e a Raynha mandarão cartas ao Preste, em que lhe dauão conta de todo o que era passado, com as quaes cartas dom Christouão mandou hum Ayres Dias, mulato casado em Cananor, pera que com estas nouas o Preste caminhasse mais de pressa; o qual mulato bem sabia a lingoa da terra, porque andára lá com dom Rodrigo de Lima, que lá mandára por embaixador o Gouernador Diogo Lopes de Sequeira o anno de 1522, como já n'esta lenda he escrito. Com o qual o Preste ouve muyto prazer.

E porque as chuvas erão grandes, a Raynha mandou á gente da terra que lhe fizessem ally casas pera se a gente recolher; o que foy feyto com muyta diligencia, e lhe fizerão muytas casas de madeira e palha, que auia muyta na terra, e lhe trouxerão mantimentos em abastança: onde estiuerão muyto á sua vontade.

O Rey mouro, vendose desbaratado, e que a gente da terra já era contra elle e lhe nom dauão mantimentos, e os que auia erão tomados por força, com que os da terra lhe fazião muyto mal, e os matauão como

[1] Tigre mahõ, em *Castanhoso*, Cap. XVII, pag. 50, *Ludolfo* no Liv. I, Cap. IV da *Historia Æthiopica*, affirma ser Tigremahon corrupção de Tigre-Macuonen, que significa juiz ou presidente do reino de Tigré.

os achauão desmandados, * e * com muyto trabalho e gasto auia os mantimentos, e lhos trazião da fralda do mar, o que lhe os da terra nom podião defender; o Rey mouro, vendose assy danificado, e que os nossos estauão á vista d'elle, que o vierão buscar pera lhe dar batalha, o que estaua muy certo os nossos o hirem buscar como entrasse o verão; auendo comsigo seu acordo mandou secretamente pedir secorro ao capitão [1] * de Zebid *, que he rume e tinha tres mil homens, ao qual mandou dinheiro pera pagamento da gente que lhe mandasse; o qual lhe mandou oitocentos rumes espingardeiros, gente muy luzida e armados, e lhe mandou dez bombardas roqueiras de campo, e bombardeiros, e monição quanta compria; e o rume lhe fez este secorro porque este Rey mouro daua obidiencia ao Turqo com pareas. E afóra estes rumes tambem lhe vierão seiscentos homens de peleja, arabios e parsios, frecheiros, que tambem mandára buscar a soldo. Nos rumes lhe vierão trinta de cauallo, homens honrados: a qual gente veo n'este inuerno onde estaua o Rey mouro, pouqos e pouquos, que nunqua os nossos d'isto souberão nada.

Estando assy os nossos enuernando, derão a dom Christouão enformação que ahy perto estaua huma serra onde auia de vir ter o Preste de força, porque era por ahy seu direito caminho; a qual serra era pouoada de judeus, e estaua tomada polos mouros, e * o * capitão d'ella, que era judeu, fogio quando a tomarão os mouros, e andaua fogido pola terra; o qual, sabendo que os nossos ally estauão com a Raynha, se veo ao arrayal deitar aos pés da Raynha, que o recebeo com gasalhado, porque nunqua quisera obedecer aos rogos que lhe fazia o Rey mouro, que lhe daua a capitania da serra, que a tiuesse por elle. O qual judeu deu conta a dom Christouão do modo da serra e os mouros que n'ella estauão, que tinhão muytos e bons cauallos que elle tinha na serra, e n'ella nacião; obrigandose de o leuar acima á serra, per parte que nunqua fosse sentido senão quando désse nos mouros, que com pouqo trabalho os desbarataria, que isto seria grande bem pera o Preste achar esta serra desembargada, porque elle trazia tão pouqua gente que teria muyto que fazer em tomar a serra; porque quando o Preste se recolhêra desbaratado passára por esta serra, que inda estaua por elle, que se já estiuera tomada dos mouros, que nom pudera passar, em todo caso fôra tomado

[1] * d'Azebyby * Autogr.

preso, ou morto: o que todo assy lhe contauão os capitães abexys. Auendo dom Christouão toda esta enformação do judeu fiqou muyto triste em seu coração, não o dando a entender, sabendo que o Preste tinha tão fraqo poder; e auendo seu acordo, determinou despejar a serra dos mouros, porque o Preste nom deixasse de vir por este embaraço; e tambem cobiçando dom Christouão auer os cauallos pera encaualgar alguns homens, porque o judeu lhos muyto gabaua. Então, assentado de hir á serra com sómente dous capitães, Manuel da Cunha e João da Fonseca, com sua gente que erão cem homens, que o judeu dizia que abastauão, porque por manha auia d'entrar a serra, e a tomaria em pouqos dias e se tornaria ao arrayal antes que fosse sabido dos mouros, e que tendo os bons cauallos que auia na serra lhe seria grande bem pera a guerra, o que assy muyto desejando dom Christouão ordenou a gente, e encomendou a guarda do arrayal aos capitães, que em tudo pôs bom recado; e de noyte partio do arrayal caladamente, (do que os mouros nunqua forão sabedores) leuando o judeu e alguns abexys, e capitães, [1] * leuando * suas vigias, e muytos odres com que auião de passar huma ribeira que auia no caminho, e a passarão com muyto trabalho os abexys com os odres, e os passarão em jangadas de madeira e rama [2], que o judeu foy diante fazer prestes, muyto boas, em que tambem passarão as mulas que muytos dos nossos leuauão por nom hirem cansados com as armas. E o judeu com muyta estucia e bons ardays [3] os encaminhou, que todos sobirão na serra sem serem sentidos; mas sendo já em cima, que os mouros ouverão sentimento, acodirão todos com grande grita, que [4] * erão * tresentos de cauallo e quatro mil de pé. Dom Christouão como foy em cima se pôs a cauallo com doze portugueses que leuauão cauallos, e ordenados em tres batalhas com sua bandeira real diante, tocando as trombetas os nossos derão Santiago nos mouros, de que seu capitão vinha diante, que se chamaua [5] * Cide Hamed *, a que dom Christouão remeteo, e o varou do encontro da lança, que logo o derribou morto, e outros que mais esforçados vinhão diante; o que vendo os outros seu ca-

[1] * leuan * Autogr. [2] « cortaram muyta madeyra & rama, de que fizeram hũas almadias com os couros cheos de vento, muy bem atados: & desta maneyra passaram poucos & poucos. » *Castanh.* Cap. XVIII, pag. 55. [3] ardis ou adays? [4] * era * Autogr. [5] * Cydeame * Id. Seguimos a *Castanhoso*, Cap. XVIII, pag. 55.

pitão morto logo se puserão em desbarato, porque tambem sentirão em suas costas gritas dos judeus que se aleuantauão contra elles; de modo que os nossos de huma parte, e os judeus pela outra, fizerão grande matança nos mouros, e fogindo os mouros se querião saluar pola serra abaixo, per que cayão e morrião espedaçados, em maneira que todos morrerão, e alguns que decerão abaixo ao campo forão mortos polos lauradores do campo. E os nossos acharão bom fato dos mouros, de que tomarão pouqo, porque os abexys andauão n'isso muyto acupados; e todauia tomarão alguns mouros mancebos bem despostos pera seruiço. E tomou dom Christouão oitenta cauallos, que escolheo muyto bons, e se tomarão muytas mulas e bois, e muyto gado. Então mandou recado á Raynha que mandasse entregar a serra a quem lh'aprouesse, e ella mandou que a entregasse ao judeu que era capitão; o que assy fez, o qual logo quis ser christão e que dom Christouão fosse padrinho d'elle e de doze seus irmãos que tinha, todos capitães de lugares e terras junto da serra, que era de doze legoas, muy fertil de mantimentos, e em que auia mais de vinte mil judeus. Auia na serra grandes aruoredos, e muytas fruitas, e fremosas ribeiras d'agoa; e polo pé da serra corria hum grande rio que casy cerqua toda a serra.

D'aquy mandou logo dom Christouão recado ao Preste de como a serra tomára aos mouros. Então dom Christouão se tornou ao arrayal; e porque os cauallos andauão pouquo, por o caminho ser fragoso, deixou com elles trinta homens portugueses que os trouxessem, e elle com a mais gente caminhou pera o arrayal, onde entrou de noyte. E n'este mesmo dia que dom Christouão chegou tambem era chegado o secorro ao Rey mouro; que ao outro dia da chegada de dom Christouão logo os rumes com toda a outra gente que era vinda, todos armados e concertados, vierão dar mostra aos nossos, que trazião * os rumes * mais de mil espingardas; e o Rey com toda sua gente deceo da serra abaixo ao campo, e assentou seu arrayal perto dos nossos, e assentarão suas bombardas com que muyto tirauão aos nossos. O que vendo dom Christouão fez conselho, vendo o grande secorro que era vindo ao mouro, e assentou de nom pelejar até nom virem os cauallos, que podião tardar dous dias, e se os mouros o cometessem se defenderião, porque o arrayal estaua forte, até que os cauallos chegassem. E isto que assentou dom Christouão foy forçadamente, porque vio elle grande medo nos abexys, e que

se d'ally se mudasse, o que nom poderia fazer senão de[1] * noyte, ouve * muyto medo que lhe fogisse a gente, que pera elle seria todo o desbarato, e se os quigesse ter se aleuantarião contra elle, e nom acharia mantimentos; e mandou recado aos que trazião os cauallos que andassem á pressa, e elle toda a noyte gastou trabalhando em fortelecer o arrayal e concertar tudo, e com toda a gente armada teue grande vigia toda a noyte, que foy bom descanso pera quem vinha tão cansado do trabalho da serra e do caminho.

Ao outro dia, que era quarta feyra vinte e oito[2] dias d'agosto, dia de São João degolado, se aleuantarão os mouros com grandes tangeres e gritas, e o Rey em pessoa[3] * ordenando * sua gente e com mil rumes e arabios espingardeiros, e o Rey na dianteira com suas tres bandeiras, e se vierão chegando aos nossos; o que vendo dom Christouão se ordenou pera' batalha. Ao que, saindo o sol, os tiros d'artelharia d'ambas as partes[4] * começarão * a obra, e * pelejando * os rumes com os nossos com muyta espingardaria foy muyta gente ferida d'ambas as partes; mas os rumes, muy soberbos, mostrando muyta valentia se chegarão muy denodadamente, ferindo muyto os nossos dentro nas tranqueiras. O que vendo dom Christouão chamou hum dos capitães com seus cincoenta homens, e elle em companhia sayo a dar nos rumes tão fortemente que os fez largar o campo e afastar muyto, ficando muytos mortos e feridos polo campo; ao que acodirão tantos mouros sobre dom Christouão que lhe conueo recolherse com toda a gente ferida, e * deixando * quatro homens mortos que ficarão no campo, e * saindo * dom Christouão ferido em huma perna de huma espingardada. O que tambem assy fez Manuel da Cunha, que per outra parte sayo a dar nos rumes, que erão os que mais cometião, e tambem ás lançadas os leuou polo campo quanto quis, fazendolhe muyto dano; mas tambem sobre elle acodirão tantos mouros que o fizerão recolher com toda a gente ferida, e * afóra * seis homens que no campo ficarão mortos. E como se Manuel da Cunha recolheo sayo outro capitão, que assy estauão ordenados, das outras estancias; mas sempre ao recolher ficauão dos nossos mortos e muytos feridos, em que os mouros, que erão muytos, com o fauor dos rumes apretauão muyto os nossos, que

[1] * noyte e ouve * Autogr. [2] Aliás vinte e nove. [3] * ordenan * Autogr. [4] * começou * Id.

dentro no arrayal matauão e ferião muyta gente, e os nossos tiros, que sempre tirauão, muytos mouros matauão; mas elles erão tantos que nom mingoauão nada; com que os que cansauão se arredauão, * e * vinhão outros de refresco: com que se passou muyta parte do dia. E dom Christouão, assy ferido, com a perna atada, corria todo o arrayal, fallando a todos com tão alegre rostro e palauras como se fôra muy usado capitão em taes afrontas. A Raynha em sua tenda, com as molheres, com lagrimas [1] * pedião * a Deos [2] * misericordia, atando * as feridas aos feridos com suas mãos; e erão tantos os pilouros que rompião as casas e ferião já as molheres. Então, vendose dom Christouão tão apertado, mandou Inofre d'Abreu que com sua gente saysse a dar nos mouros, e mandou a Francisco d'Abreu, seu irmão, que lhe désse costas ao recolher, porque lhe nom matassem a gente. O que assy fizerão, e sayo Inofre d'Abreu, e deu nos rumes com muyto esforço, com que os leuou do campo; mas ao recolher o matarão com huma espingardada, e acodirão sobre elle muytos mouros por lhe leuarem a cabeça; o que vendo Francisco d'Abreu, seu irmão, acodio polo trazer cuidando que estaua viuo, ao qual derão com outra espingarda, que tambem o matarão, e ally ficarão ambos os irmãos. E sobre os nossos carregarão tantos mouros que com muyto trabalho se puderão recolher, ficando muytos mortos e todolos outros feridos. Ao que dom Christouão ouve muyto pesar, e vendo tanto mal tomou huma pouqua de gente que achou com a bandeira real, (porque já nom auia quem pudesse pelejar, que passaua de meo dia), e disse a Manuel da Cunha que elle sayria a pelejar, e que ao recolher saysse ao defender, porque os mouros lhe nom matassem a gente; então sayo dom Christouão com corenta homens. Com muyto animo deu Santiago nos mouros, com que os leuou polo campo em tal maneira, que os nossos tiuerão os cauallos sem duvida ouverão a vitoria; mas os nossos de muyto cansados se tornarão a recolher, nem podião já ferir, nem bolir os braços. Com que os mouros muy foutamente chegauão a ferir os nossos, que ao recolher matarão muytos, e a dom Christouão quebrarão o braço direito de huma espingardada, que mais nom pôde tomar nada com a mão * direita *, sómente com a esquerda, em que tomou a espada. Ao que lhe acodio Manuel da Cunha, e o recolheo com muyto perigo, que lhe ma-

[1] * pedindo * Autogr. [2] * misericordia e atando * Id.

tarãç muyta gente, e tambem tinhão mortos muytos homens a João da Fonseca, que da sua estancia sayra muytas vezes, onde já era tambem [1] * morto Francisco Velho *. Vendo dom Christouão estes quatro capitães mortos, e tanta gente morta e toda' outra ferida, e * que * alguns que auia de cansados nom podião pelejar, nom quis mais sayr, e assy andaua esforçando e trabalhando o que podia, fazendo chegar a gente ás estancias; que isto era já casy que se punha o sol, e com a fraqueza dos nossos e a moltidão dos mouros os rumes entrauão as estancias, que lhe os nossos defendião ás lançadas com muyto trabalho, que já nom auia quem acodisse. O patriarca, vendo já tanto desbarato, caualgou em huma mulla e se foy fogindo pera' serra, que era d'ahy hum tiro d'espingarda nas costas do arrayal dos nossos; o que assy fez a gente da terra, que começarão a desamparar o arrayal fogindo pera' serra; o que assy quisera fazer a Raynha, mas dom Christouão lho nom consentio, dizendolhe que se ella se fosse nom ficaria homem no arrayal, e a deteue. Sendo já os rumes entrados polas estancias, matando os nossos, que já se nom podião defender, e já muytos fogião pera' serra, ficando o arrayal desemparado, então a Raynha, na mulla em que chegou a dom Christouão, chorando lhe rogou que se fosse com ella, e 'ajudasse a saluar: e alguns homens que se ahy acharão o fizerão caualgar em huma mula, e elle, tomando a Raynha diante de sy, com outros que se forão após elle se forão á serra os que puderão andar, cada hum tomando o caminho por onde lhe parecia que teria saluação, porque a serra era grande e muyto aspera. Ao que os mouros de cauallo seguirão, matando alguns que alcançauão de cansados, mas nom puderão entrar pola serra com os cauallos; mas alguns mouros de pé forão seguindo e matando, por auerem as armas e fato dos que matauão, e nom forão muytos, porque logo se çarrou a noyte, com que os nossos se forão andando quanto podião. A mulla em que hia a Raynha andou mais que dom Christouão, porque muytos abexys que hião com a Raynha a fazião andar; per maneira que dom Christouão se perdeo d'ella, e foy per outro caminho, com catorze portugueses que com elle se acertarão.

Os mouros e rumes se acuparão ao roubo do arrayal, e forão logo ás casas da Raynha, cuidando que ahy acharião muyto fato, onde acha-

[1] * mortos e Francisco Velho * Autogr.

rão deitados muytos dos nossos feridos que se nom podião bolir, nos quaes os mouros começarão a fazer gazuha. O que vendo hum portuguès as cruezas que os mouros fazião, se foy arrojando o milhor que pôde, e se chegou onde estauão huns odres cheos de poluora, e lhe pôs fogo com hum murrão que achou com fogo; pedindo a Deos misericordia de seus pecados, querendo antes assy acabar a vida com fazer alguma vingança dos males que via fazer nos feridos. O fogo, dando na poluora, se aleuantou tamanho e tão supito que ally matou mais de cem mouros e rumes, que foy tanto bem como gastarse a poluora, que era muyta, que os nossos fizerão muyta n'este inuerno, e se ficára aos mouros com ella fizerão ainda muyto mais mal. Assy que a tenção d'este homem Deos a julgará se foy por seu seruiço, e lhe dará saluação pera' alma, postoque tomasse a morte por suas mãos; que este secreto só a Deos pertence julgalo. Os mouros roubarão o que acharão no arrayal, que nom foy muyto fato, sómente dom Christouão tinha duas arquas com bons vestidos que o Rey leuou, e tomarão muytas armas e espingardas, e os tiros, e cortarão as cabeças a todolos portugueses mortos, e as leuarão diante da tenda do Rey, que se aposentou na tenda de dom Christouão por honra de sua vitoria, fazendo muytas festas e mercês aos seus.

Dom Christouão, com os catorze homens que com elle se acharão, caminharão toda a noyte por onde lhe a ventura dizia, e vendo que amanhecia e andauão já muyto cansados, se meterão per hum mato muy çarrado, e andarão por elle embrenhandose quanto podião, até darem em huma fonte de muyto boa agoa, onde descansarão, por lhe parecer que já estauão saluos. E decerão da mula dom Christouão, que hia com muy grandes dores da ferida do braço, que ainda a nom leuaua atada, e elle mandou matar a mulla, e lhe tirar o unto, com que lhe apretarão a ferida e tambem se curarão alguns que tinhão feridas. Onde assy estando, dom Christouão fazia grande pranto, e dizia muytas lastimas á sua desdita de assy tão mal lhe traçar sua ventura que milhor seria sua morte que a vida, pois seu peccado fôra tamanho que perdera a bandeira real, que todos os de sua geração tanto aleuantarão, e por elle fôra tão mingoada e perdida, com tantos honrados caualleiros que com ella no campo ficarão, onde elle era mais obrigado fiqar que todos, pera que com sua morte ficasse satisfeyta sua honra; porque viuendo já nom auia cousa no mundo com que pudesse restaurar esta quebra de sua honra;

polo que já nunqua em dias de sua vida lhe [1] *conuinha nunqua* tornar a Portugal, nem parcer ante as gentes. Todos lhe dizião palauras de consolação, mas elle nom cessaua de fazer suas lamentações.

Os mouros que seguirão os nossos pola serra assy andauão por toda a serra até amanhecer, que passarão além d'onde ficaua dom Christouão. E porque nom achauão já nenhum, se tornauão; e vindo seu caminho os vio huma velha que saya de hum mato, a qual com medo dos mouros fogindo se tornou a meter no mato. Os mouros que a virão assy meter no mato, cuidando que era outra cousa, correrão após ella polo mato dentro, andando per todas partes em busqa d'ella; e permitio a fortuna que forão ter onde estaua dom Christouão, que os mouros o conhecendo ouverão grande prazer, e logo começarão a matar os portugueses que com elle estauão, de que hum só escapou, que se meteo per hum tão forte mato que se escondeo e saluou. Então os mouros leuarão o triste de dom Christouão com muyto prazer, dizendo que a velha fôra seu Mafamede que lhe mostrára aquelle mato, e polo caminho lhe forão arrancando as barbas e dando bofetadas e pancadas, e cospindo nos olhos, até chegarem ao Rey mouro, que foy seu prazer muy grande vendo [2] *ante sy* dom Christouão. E mandou logo trazer ante elle duzentas cabeças dos portugueses mortos, (porque o Rey daua certa cousa a quem lhe trazia cabeça de português) e disse a dom Christouão que olhasse quanto mal fizera em trazer tantos homens a morrer, e com elles lhe queria tomar seu reyno que elle tinha ganhado; e que pois tomára tal atreuimento lhe faria por isso muyta honra. Então o mandou despir com suas vergonhas descobertas, e as mãos atadas a huma corda no pescoço, e o mandou andàr polo arrayal, dandolhe açoutes e bofetadas com as alparcas dos pés dos seus negros, e o leuauão diante das tendas dos capitães, dizendo que lhe fizesse çalema, e tirando pola corda o derribauão no chão, dandolhe muytas pancadas, que se tornasse a leuantar; e o tornarão a ElRey, que lhe mandou fazer matúlas nas barbas com cera e lhe acender o fogo, e com a tanaz que lhe dom Christouão mandára lhe mandou pellar as pestanas e sobrancelhas, e a carne a lugares, de que lhe corria o sangue. Ao que todo dom Christouão, com os olhos no ceo, pedia a Deos perdão de seus pecados, encomendandolhe sua alma.

[1] *conuinha a nunqua* Autogr. [2] *ant y* Id.

Então o Rey, por escarnecer d'elle, o mandou desatar e cobrir com hum panno sujo, e lhe disse: «Por' isto que te mandey fazer me dou por» «vingado do mal que me tens feyto; mas d'agora te digo em verdade» «que serey muyto contente, se tu quiseres conhecer teu erro e me pe-» «dires perdão ante os meus [1] *pés, de* te perdoar. E te dou a vida e» «farey muyto honrado, com tanto que mandes chamar todos os portu-» «gueses que ficarão, e [2] *serás* capitão d'elles, e lhe pagarey soldo, e» «quero que viuaes em vossa ley como quiserdes, e se nom fordes con-» «tentes da companhia que vos eu fizer são contente de vos deixar em-» «barquar, e *vos* mandarey pera' India.» Dom Christouão lhe respondeo per hum lingoa parsio, que sabia nossa falla, e lhe disse: «Mou-» «ro, se tu conhecesses quem são portugueses nom falarias cousas de» «vento. De mim podes fazer tua vontade, porque estou em teu poder,» «mas sabe certo que indaque me désses ametade de teu Reyno hum só» «português nom faria vir pera ti; porque os portugueses nom costu-» «mão viuer com os mouros, que são sujos, e imigos da santa fé de» «Christo meu senhor.» Da qual resposta o mouro irado se aleuantou, e arranqou seu treçado e lhe cortou a cabeça. E por misterio de Deos, onde o corpo cayo e seu sangue, se abrio huma fonte d'agoa que fazia milagres, sarando enfermos e aleijados depois, aos christãos que ally forão com deuação. E n'esta hora da morte de dom Christouão, segundo se depois soube polos dias contados, em hum mosteiro de frades se arranqou huma grande aruore que estaua no meo de huma crasta, e pôs as raizes pera cima e rama pera baixo; do que os frades, auendo isto por grande mysterio, escreuerão este dia per lembrança, per que se soube depois que fôra no dia da morte de dom Christouão. A qual aruore sequou, e a cortauão pera o fogo, e d'ahy a seis meses, que os nossos matarão o Rey de Zeilá, como adiante direy, no propio dia, 'aruore que estaua já sequa e mea gastada se tornou a reuirar, e assentou em seu propio lugar, e indaque as raizes ficarão sobre a terra tornou a reuerdecer com sua folha, como de primeiro: o que todo os frades escreuerão, e depois amostrarão aos nossos, que muytos forão *ver* esta aruore, que era espanto estar em pé tendo as raizes sobre a terra.

Quando o mouro assy cortou a cabeça a dom Christouão, os rumes

[1] *pés sou contente de* Autogr. [2] *seres* Id.

muyto se aqueixarão com elle, porque nom deuera matar hum homem tão principal, irmão do Gouernador da India, que o deuera mandar ao Turqo, que por isso lhe fizera mercê, e sabendo que assy o matára o auia d'auer por mal. Então, ficando muy desauindos com elle, tomarão quinze portugueses que ahy estauão catiuos, pera os leuar, e os prenderão dentro em huma tenda, d'onde n'essa noyte fogio hum d'elles, que escapou e veo ter com a Raynha, que lhe contou a morte de dom Christouão; e os rumes leuarão os catiuos e a cabeça de dom Christouão, e se forão pera [1] * Zêbid *, onde estaua seu capitão, que era regedor polo Turquo de todolas terras do Estreito; e ficarão com o Rey de Zeylá duzentos rumes de soldo, que lhe o Turquo mandaua dar polas pareas que lhe pagaua. O mouro esteue no campo tres dias com suas festas, por amor da vitoria fazendo suas festas, cuidando que todolos portugueses erão mortos e os que fogirão serião mortos das feridas, hindo assy perdidos pola serra. E acabando suas festas se foy pera sua molher, que estaua em huma cidade junto do rio Nilo, e mandou seus capitães com a gente repartidos que tornassem a tomar as terras que estauão aleuantadas polo Preste.

A Raynha hindo assy fogindo com suas molheres, e muytos dos seus que a seguião, tambem com ella se ajuntarão muytos portugueses que hião feridos e cansados. E fiquarão atrás doze ou quinze portugueses feridos, e com elles vinhão dous sãos, que nom tinhão nenhuma ferida e trazião suas lanças e espadas, que acompanhauão os feridos, e os ajudauão 'andar, e os * vinhão * esforçando que andassem; os quaes hum se chamaua Fernão Cardoso, e o outro Lopo d'Almança. E caminhando toda a noyte, que amanheceo, ouverão vista de muytos mouros que hião em seu alcanço, e dous de cauallo que já os hião alcançando; com que os nossos forão em muyto medo. Então estes dous homens sãos disserão aos feridos qne andassem quanto pudessem, porque elles ficarião tendo o caminho aos mouros ás lançadas até morrer, e que entanto elles trabalhassem por se saluar; os quaes se puserão no caminho, que era estreito, até chegarem os dous mouros de cauallo, que vendo como os nossos os estauão agardando nom ousarão de chegar a elles, esperando que os outros chegassem pera os tomarem ás mãos, e lhe bradauão que

[1] * Azebiby * Autogr.

se entregassem e lhe déssem as armas, e que os nom matarião. Os nossos, vendo os muytos mouros que vinhão, que ás pedradas os matarião sem lhe poderem chegar com os fays, determinarão de ally agardar e deter os mouros, e n'isso arriscar as vidas porque os feridos se saluassem. O Lopo d'Almança, que sabia a falla, disse que lhe jurassem que os nom matarião, e se entregarião; os mouros assy o crendo lhe fizerão suas juras; então elles fazendo que lhe querião entregar as armas, os mouros se chegarão a elles pera as tomar. Então disse Fernão Cardoso ao outro: «Moyramos com nossas armas, porque estes perros mouros» «nom guardão verdade.» E [1] * abaixando * os fayns encontrarão os mouros de cauallo, que ambos derrubarão, hum morto e outro passado da lança; ao que os cauallos estiuerão quêdos sem fogirem, os quaes os dous companheiros prestesmente caualgarão, e forão dar nos mouros que vinhão a pé, os quaes, vendo os nossos assy hir nos cauallos, polo querer de Deos todos tornarão fogindo polo caminho que vinhão; após os quaes os caualleiros forão hum pouqo até que virão hir longe, e os deixarão, e se tornarão seu caminho após os feridos que já hião longe, e os alcançarão; com que ouverão muyto prazer. Então se decerão dos cauallos, e sobirão n'elles alguns dos que hião mais feridos, nas sellas e anqas, e andarão que todos se puserão em saluo, que forão ter onde estaua a Raynha com muyta tristeza, que todos em companhia com ella caminharão até chegar a outra serra muy forte, onde descansarão porque já nom podião mais andar, hindo já com ella muytos portugueses. E aquy estando, ao outro dia chegarão os trinta portugueses que vinhão da serra dos Judeus com os cauallos, que no caminho souberão do desbarato, e todos assy juntos com a Raynha fazião grande pranto por dom Christouão, que nom sabião que era feyto d'elle, e cuidauão que sómente da ferida seria já morto. Então a Raynha mandou muytos dos seus que fossem por todolas partes buscar se achauão portugueses, e lhos trouxessem, e trabalhassem por saber nouas de dom Christouão.

Assy esteue a Raynha alguns dias, com que se ajuntarão com ella passante de cento e vinte portugueses, casy todos feridos e aleijados; e aquy veo ter o português que fogio quando tomarão dom Christouão, e contou como o leuarão, e matarão os portugueses que estauão feridos, e

[1] * abaixam * Autogr.

os outros leuarão com elle; polo que todos fizerão grande pranto, porque dom Christouão de todos era muy amado; e muyto mayor pranto fizerão quando ally veo ter o outro português que fogio da tenda dos rumes, que contou de sua martyrizada morte. Tambem aquy veo huma espia das que a Raynha mandára a saber, e deu noua que soubera certo que Manuel da Cunha, com sessenta portugueses, hia já em saluo per outros caminhos, e se hia per as terras do Barnegaes. O que assy foy, que lá forão ter, e estiuerão bem agasalhados e abastados do necessario; onde lá estando, per espias que mandou o Barnegaes souberão todas as nouas da morte e prisão de dom Christouão, e da gente que era salua em companhia da Raynha. Assy que se acharão serem mortos ametade dos portugueses que forão com dom Christouão.

A Raynha, feyto seu pranto por dom Christouão, e todas as molheres, que o chorauão como filho, a Raynha fallou a todolos portugueses, * e * com muy vertuosas palauras os consolaua pola morte de dom Christouão, e de suas feridas e trabalhos, com muy firmes promessas que todos serião bem pagos e satisfeytos por o Preste seu filho; os quaes por isso lhe fizerão suas grandes cortezias, rogando ao patriarqua que por elles á Raynha respondesse dizendo que elles a seruirião, e a ElRey seu filho, até todos morrerem; que ella os mandasse, porque a seruirião como propia senhora; que todos erão seus. Então a Raynha com todos fez conselho, e assentou de se hir á serra dos Judeus e ahy estar até vir seu filho, e com todos juntos se foy lá, onde os receberão e lhe fazião todolos seruiços como senhora da terra que era; onde assy estando d'ahy a vinte dias chegou o Preste com tão pouqa, e tão triste gente, que nom tiuera poder pera tomar esta serra aos mouros, e foy grande bem já assy estar [1] * tomada, porque d'outra maneira nunqua * se pudera ajuntar com os nossos, e assy tudo se perdêra.

Chegando assy o Preste ao pé da serra os nossos logo decerão abaixo, e o forão receber, leuando huma bandeira da Misericordia hum padre que hia diante como alferes. O Preste os recebeo com muytas honras e vertuosas palauras de principe christão, o qual fiqou muy triste vendo tão pouqos portugueses; e sabendo da morte de dom Christouão, e do mal que era feyto, foy sua tristeza muy grande. E com todos so-

[1] * tomada polo que nunqua * Autogr.

bio á serra, e com o patriarqua e muyta de sua gente que o veo a receber, e chegando a sua mãy, que se receberão e ella lhe contou os feytos passados e de como fôra morto dom Christouão, fez com ella e com todos muy grande pranto, e mandou ante sy vir todolos portugueses, e lhe fallou palauras de grandes auondanças, dizendo que se nom ouvessem por estrangeiros nem desemparados em seu Reyno, porque o Reyno elle o tinha por d'ElRey de Portugal seu irmão, pois já era comprado com o sangue dos portugueses, verdadeiros christãos e fiés na fé de Jesu Christo. Então a todos os portugueses mandou dar prouimento do necessario em muyta abastança, pera elles e suas mullas e seruidores, que a todos mandou dar, e cabayas e calções de seda, que he o trajo da terra, e pera cada dous homens hũma tenda, e seruidores pera lha armarem e leuarem polos caminhos, e colchão, e alcatifas pera se assentarem; porque na terra nom usão de banqos, nem tripeças, nem cousa d'assento alto, sómente a pessoa do Preste.

Aquy n'esta serra dos Judeus estiuerão até a festa do natal, porque entanto se ajuntaua com elle muyta de sua gente, que ajuntou quinhentos de cauallo e oito mil de pé. E d'aquy mandou o Preste sua carta a Manuel da Cunha, que estaua nas terras do Barnegaes, rogandolhe muyto que logo se visse com a gente pera elle, que o agardaua ally; e mandou ao Barnegaes que com elle lhe mandasse quanta gente pudesse. Mas porque Manuel da Cunha tardaua muyto, vendo os nossos que o Preste já tinha ally gente pera dar batalha aos mouros, todos fallarão ao Preste muyto lhe rogando que lhe désse aquella gente, pera hirem buscar os mouros e vingarem a morte de dom Christouão; o que o Preste muyto duvidou, vendo que erão tão pouquos; mas os nossos o apressarão tanto que o ouve d'outorgar. Então se ordenarão e apreceberão, fazendo muyta poluora hum portuguès que a sabia fazer; porque n'esta serra dos Judeus auia leynha de que fazião bom caruão, e auia muyto salitre e enxofre. E assy estiuerão agardando até janeiro, que veo ao Preste recado do Barnegaes, que lhe mandou muyta gente e lhe mandou muytas lanças, e espingardas, e outras armas, e muyto fato que dom Christouão deixára guardado na serra em que estaua a Raynha, porque estas lhe erão sobejas, com as quaes os nossos se tornarão a fornecer muyto bem: e lhe mandou dizer que Manuel da Cunha com os portugueses estiuerão ahy huns dias, e que nom tendo nenhuma noua, cuidando que todos os

portugueses erão mortos, se forão caminho de Maçuhá a buscar embarquação pera' India, mas que logo lhe mandára a carta, e lhe mandára recado de como agardarião por elles pera hir buscar os mouros, e que lá era o recado, que nom tardaria muyto a reposta. Com o que o Preste se determinou a hir buscar os mouros, porque tinha sabido que já os rumes e gente de secorro que viera ao Rey mouro erão tornados pera [1] *Zebid*, e que com elle nom ficarão mais que os duzentos rumes de soldo que sempre trazia, e muy pouqua de sua gente: com o qual auiso veo o Barnegaes ao Preste.

Sendo os nossos prestes e toda a gente com o Preste, partirão da serra dos Judeus a seis de feuereiro, que era dia d'entrudo, que erão os portugueses cento e trinta [2], em que auia alguns aleijados das feridas, que o Preste dizia que ficassem, mas elles disserão que se nom auião d'apartar de seus companheiros, ate morrer ou vingar a morte de seus irmãos. Hião os nossos diante com a bandeira da Misericordia; o Preste leuaua seiscentos de roys cauallos, e dez mil de pé, adargueiros e frecheiros, tudo muy fraqua cousa. O Preste dizia aos nossos que fizessem antre sy hum capitão; o que elles nom quiserão fazer, dizendo que pois perderão o seu bom capitão que nom auião de ter outro, senão a su'alteza, ou aquella bandeira da santa Misericordia de Deos, que os ajudaria. E a Raynha fiqou n'esta serra com sua familia, e com boa guarda dos judeus, que todos se fazião christãos. E o Preste com sua gente foy caminhando pera huma terra que era no caminho, onde estaua hum capitão mouro que a senhoreaua, que tinha tresentos de cauallo e dous mil homens de pé, e chegando o Preste perto de hum grande lugar em que o capitão mouro estaua foy ordenando a gente, e caminhou de noyte, que sendo ante menhã deu nos mouros, hindo na dianteira cincoenta portugueses nos milhores cauallos que auia, e os outros atrás em batalha; e derão no lugar tão de supito que logo os mouros se puserão em fogida, o que o capitão os querendo soster foy morto com muytos d'elles, e tomados muytos catiuos, e tomarão algum despojo. Aquy souberão d'estes mouros que o Rey mouro estaua com sua molher e filhos junto da lagoa do rio Nilo, que era d'ahy cinqo dias de jornada; pera onde logo

[1] *Azebiby* Autogr. [2] «e ate cem Portugueses» *Castanh.* Cap. XXIII, pag. 73.

caminharão, porque os abexys ficarão muy valentes de matarem aquy muytos mouros.

Correo esta noua e a forão dar ao Rey mouro, que [1] * fiqou * muy espantado quando lhe disserão que auia ainda tantos portugueses, tendolhe dito que todos erão mortos, e logo mandou seus recados a chamar alguns seus capitães que tinha mais perto; mas o Preste andou tanto que chegou á vista dos mouros antes que lhe o secorro chegasse, e sendo perto assentou arrayal; de que o Rey mouro fiqou muy espantado, vendo que o Preste se atreuia ao vir buscar pera pelejar com elle, o qual logo ordenou a sua gente. E o dia que aquy chegou o Preste lhe chegou recado do Barnegaes que os portugueses que forão a Maçuhá nom acharão embarcação, e se tornarão como lhe derão seu recado, e que a muy grande pressa caminhauão pera elle. Sobre o que o Preste teue conselho de nom dar nos mouros até que estes homens nom chegassem, que era grande ajuda sessenta homens, e n'isto assentarão, e assy estando esperando sempre auia escaramuças no campo, porque dos nossos auia setenta em bons cauallos, que o Preste os mandaua buscar bons, pera todos os pôr em cauallos. N'estas escaramuças sempre saya aos nossos hum capitão mouro bom caualleiro, com duzentos de cauallo, e muytas vezes elle vinha acometer a peleja; mas hum dia lhe correo a mofina que fiqou morto no campo com muytos dos seus, porque os abexys n'este dia fizerão boas sortas vendo o que os nossos fazião.

O capitão do campo do Preste se chamaua [2] * Cafilom *, que era muy valente caualleiro. Fazia muyto mal nos mouros, que trabalhaua muyto por fazer auantagem aos nossos, e de noyte lhe hia dar rebates, e tomaua os mouros tão mal ordenados que lhe fazia sempre muyto mal e lhe tomaua muyto gado; do que o Rey mouro e todolos seus estauão muy magoados. Então o Rey mouro lhe armou traição, que em segredo fallou com hum seu capitão, e o mandou que fosse a cauallo em amanhecendo, e só se pusesse no campo junto de humas moutas pequenas que ahy estauão, e nom leuasse armas, sómente huma lança com hum

[1] * fiqaua * Autogr. [2] * Cafellão * Id. *Castanhoso*, Cap. XXIII, pag. 73 diz: « que se chamaua Azmache Cafilom. » Isto é o coronel ou general Cafilom; porque segundo *Ludolfo*, *Historia Æthiopica*, Liv. II, Cap. XVII, n.º 9, azmache *(azmatje)* propriè *ducem militiæ provincialis*, *seu tribunum militum* denotat.

panno branqo, e chamasse com sinal de paz, que leuaua recado; ao que lhe logo hirião fallar, e que então dissesse que o recado o nom auia de dar senão ao capitão [1] «Cafilom», o qual viesse só pera com elle fallar; e vindo lhe fallasse hum recado fengido de concerto, e estando assy fallando o matassem dez rumes espingardeiros que estauão metidos em couas antre as moutas, que lhe nom parecião senão as cabeças, que tinhão cubertas com ramos e as espingardas. O que tudo o mouro concertou per maneira que com esta traição matarão o bom capitão, que estando á falla com o mouro os rumes despararão n'elle as espingardas com que o matarão; o que visto do arrayal correrão lá os nossos, mas os rumes forão fogindo. Do que ouve grande pesar em todo o arrayal, e o Preste mais que todos, que o tinha casado com huma sua prima.

Com a morte d'este capitão os abexis fiquarão muy medrosos, que muytos se concertarão pera se hirem e deixarem o Preste, parecendolhe que nom tendo a este capitão já nom podião vencer os mouros. O que foy descoberto ao Preste, o qual logo fallou com os nossos pedindo conselho o que faria no que lhe era descuberto, e todos lhe aconselharão que fizesse que tal nom sabia, e que logo ordenasse a gente, e ao outro dia désse a batalha aos mouros, e nom agardasse por mais nada; porque se o nom fazia que corria grande ventura de se lhe hir a gente, pois já pera isso se concertauão. Assy pareceo bem ao Preste; mas elle tinha muyto temor, e duvidaua muyto dar a batalha aos mouros, porque os nossos e seus lhe parecião pouquos; mas nom pôde al fazer senão o que os nossos lhe dizião, e n'este dia e noyte mandou apreceber toda a gente.

Quando amanheceo, que já toda a gente estaua prestes e postos em ordem, os nossos fizerão oração de joelhos ante a bandeira da Misericordia, pedindo a Nosso Senhor que a ouvesse d'elles, e por sua piadade lhe désse vingança com vitoria dos mouros infiés de sua santa fé; e fazendo a confissão geral lhe fez o patriarqa assoluição. Então os nossos forão na dianteira, com a bandeira diante, todos os de cauallo, com duzentos e cincoenta abexis a cauallo, e trás elles tres mil de pé [2]. Atrás hia o Preste com toda a mais gente, que era outra tanta; os nossos que

[1] «Cafelao» Autogr. V.ª a nota antecedente. [2] «e tres mil e quinhentos de pé» *Castanh.* Cap. XXIV, pag. 77.

hião a pé [1] * erão * todos espingardeiros. O Rey mouro se ordenou em duas batalhas, elle na dianteira com setecentos de cauallo e seis mil de pé, e na outra * batalha outra * tanta gente com o seu capitão de campo. O Rey trazia diante de sy os duzentos rumes espingardeiros, e outros muytos dos mouros, que trazião as espingardas que tomarão aos nossos. Os nossos, vendo os rumes diante, de que tinhão mais magoa, todos os de cauallo se fallarão que nom entendessem no primeiro encontro senão com os rumes e com o Rey, e este auiso derão aos espingardeiros que nom tirassem senão ao Rey; e hindo assy ordenados, como forão perto huns dos outros, com suas gritas e tangeres os nossos arremeterão com os cauallos, enuocando misericordia de Deos, senhor Santiago! E derão com tanta força nos mouros e rumes que logo ficarão mortos mais de cincoenta, e ás lançadas se meterão antre os mouros, com tanta vontade de vingança que fazião façanhas; no que os abexis tambem pelejauão muy fortemente. Como os nossos forão assy enuoltos com os mouros, que os nossos espingardeiros virão o Rey mouro, que andaua esforçando e bradando aos seus, e com elle hum seu filho mancebo de pouqa idade, tantos tiros lhe os nossos fizerão que com hum pilouro o acertarão polos peitos, que cayo logo de bruços sobre o arção dianteiro. O que alguns seus vendo lhe acodirão, e com elle forão fogindo; ao que logo se abaterão as bandeiras, com que os mouros logo forão perdendo o campo, e retraendo; ao que os nossos, e os abexis, cobrando mór coração, cometerão os mouros tão fortemente que logo forão em desbarato. O que vendo o capitão dos rumes, determinado a morrer, com os braços arregaçados e com hum cofo e grande traçado fazia espanto aos que o vião, que fazia muy grande terreiro, que pelejaua muy denodadamente, e andauão derrador d'elle muytos abexis que lhe nom ousauão chegar, e hum que se afoutou ao encontrar com hum zaguncho o rume lho tomou das mãos, e com elle o matou. O que vendo hum João Fernandes, valente caualleiro, se concertou com sua lança d'encontro, e correo a encontrar o rume, mas o rume se guardou d'elle que o nom encontrou, e arremeteo com o João Fernandes, que o embaraçou, que passando por elle com o treçado o ferio per hum joelho; mas João Fernandes largou a lança, e arranqou a espada e tornou sobre o rume e o passou de huma estoca-

[1] * hião * Autogr.

da, com que o desatinou, e os abexis acabarão de o matar. Com que o campo fiqou de todo desembargado, e os abexis e os nossos * forão * seguindo o alcanço, matando e derribando feridos muytos mouros, e os rumes casy todos ficarão no campo. Os abexis não dauão vida a mouro, indaque se deitasse no chão; os nossos nom se podião fartar de vingança dos rumes. Alguns escaparão fogindo, que se forão pera onde estaua a Raynha moura, que sabendo que o marido hia assy ferido ella se pôs em fogida com quatrocentos [1] de cauallo que a gardauão, leuando muyto tisouro que o mouro tinha auido n'esta guerra; e ella se saluou porque os nossos se detinhão em matar os mouros dentro no arrayal, onde catiuarão muytas molheres e mininos, e tambem * libertarão * muytas molheres abexis christãs que os mouros trazião catiuas, onde ally cada hum achaua suas molheres, e filhas e irmãs, que todos chorando se beijauão e abraçauão com muyto prazer, e todos os catiuos vinhão beijar os pés aos nossos; e recolherão o despojo, que foy bom. Onde o Preste assentou sua tenda, e todos se aposentarão ao longo da ribeira, que era muy boa a serra, e abastada de muytos mantimentos.

Esteue assy o Preste com seu muyto prazer alguns dias. Chegou hum seu capitão, homem mancebo, a grande pressa, trazendo pendurada nos dentes polos cabellos a cabeça do mouro Rey de Zeylá. Vinha a cauallo e todo enramado, com muyto prazer; porque este capitão e o Barnegaes sempre seguirão após o Rey mouro, até o alcançarem e acabarem de o matar, que nom puderão tanto os seus fogir com elle; e tomarão elles este trabalho porque o Preste tinha prometido de casar com sua irmã o homem que lhe trouxesse a cabeça do Rey mouro, sendo abexim, e se fosse portuguès lhe faria outra qualquer mercê igual d'esta. Foy feyto muyto prazer em todo o arrayal. E porque o capitão mancebo, que era abexim, pedio ao Preste que com elle comprisse sua palaura do casamento de sua irmã, que prometera, o Preste o pôs em conselho dos seus, os quaes assentarão que o Preste nom era obrigado ao casamento, porque indaque trouxera a cabeça nom se entendia senão por quem o matasse; mas que o mouro hia já morto de ferida d'espingarda que era certo os nossos lha fazerem; o que sendo sabido qual fôra compria com elle * realisar * a mercê prometida. Polo que tudo cessou. Então mandou poêr a

[1] «tresentos de cauallo» *Castanh.*, Cap. XXIV, pag. 78.

cabeça na ponta de hum páo, e a mandou leuar á Raynha sua mãy, e que então a leuassem por todolos lugares de seu Reyno, que a vissem, que seu imigo era morto. E estando assy n'estes prazeres, chegou Manuel da Cunha com todolos portugueses que vinhão do mar, e com elles a Raynha, porque elles forão ter com ella á serra dos Judeus quando lá chegára a cabeça do mouro; com que todos fizerão muytos prazeres, e a Raynha a todos recebeo com muyta honra, e lhe mandou dar abastadamente o necessario, e logo se partio com toda sua familia em companhia dos nossos, que todos juntos chegarão aquy ao Preste; com que o prazer em todos foy muy grande. N'esta batalha que o Preste ouve com o Rey mouro morrerão sómente quatro portugueses, a saber, João Correa, Francisco Vieira, Francisco Fialho, e hum João Galego, que se affirmou que se metera per antre todolos mouros e foy desparar a espingarda nos peitos ao Rey mouro, onde foy morto [1].

Antre os capitães abexis que erão lançados com o Rey mouro era hum o pay d'este Barnegaes, o qual se foy pera o mouro, parecendolhe que já nunqua o Preste tornasse a restaurar seu Reyno; o qual era muy estimado do Rey mouro, e lhe deu muytas terras e rendas e o fez ayo de hum seu filho que tinha, mancebo de pouqua idade. E postoque assy era aleuantado, o Preste, por mostrar mais sua grandeza, nunqua desfez do filho nada, antes lhe fez muytas mercês, vendo que era muy fiel e muyto trabalhaua polo seruir em todo o que podia n'estes trabalhos; e lhe deu poder pera que sayndo de suas terras, a cousas de seu seruiço, deixasse na terra hum seu filho por Barnegaes, como deixou quando se veo com a Raynha. Mas quando o dito seu pay vio morto e desbaratado todo o poder do Rey mouro, recolheo seu criado, o principe filho do Rey mouro, e se recolheo a hum lugar forte, d'onde secretamente mandou recado ao Preste que o perdoasse, e lhe entregaria o principe que tinha em poder. Com que o Preste muyto folgou, e lhe mandou logo

[1] Não vem na *Hist. de Castanhoso* os nomes dos quatro portugueses mortos. A circumstancia de ser um d'elles João Gallego, que se affirmava ter morto o rei mouro, não é despida de interesse; porque destróe a fabula que o pseudo patriarcha de Alexandria inventou ácerca da amputação d'uma orelha do mesmo rei, apresentada ao Preste por um Pero de Lião, para receber o premio promettido. V.ª *Bermudes. Breve relação da embaixada*, etc. Cap. XXXIV.

o perdão, e por amor do filho que o fallou ao Preste, que lhe tinha muyto amor polo muyto seruiço que lhe tinha feyto com dom Christouão e com a Raynha, que por isso lhe tinha dado hum grande senhorio. E tanto que lhe leuarão o perdão logo o abexym se veo ao Preste, e se lhe deitou aos pés, e lhe entregou o principe, que o Preste mandou entregar a hum seu grande senhor, que sempre o gardasse dentro em suas propias tendas muy bem tratado. Tambem com o abexym se vierão muytos que com elle andauão aleuantados, parecendolhe que o Preste com o prazer que tinha e lhe trazerem o principe os perdoaria a todos; mas o Preste mandou d'elles fazer grandes justiças, dizendo que os perdoára se nom fizerão mais que aleuantarse, mas que fazia d'elles justiça porque ajudauão os mouros nas pelejas. E comtudo perdoou muytos, porque nom podia matar tanta gente; antre os quaes foy hum seu capitão que lá andaua sempre com o Rey mouro, por lho muyto rogar o Barnegaes; o qual sendo vindo, que andaua no arrayal já perdoado, foy conhecido que elle fôra com os mouros que tomarão dom Christouão, que o conheceo o portuguès que d'ahy fogira; o que sabido polos nossos o disserão ao Preste, pedindolhe que d'elle mandasse fazer justiça; o qual lhe respondeo que tal nom podia sem muy grande falta de sua honra, polo assy ter perdoado, indaque elle estimaua a morte de dom Christouão como de propio irmão ou filho seu que fôra; mas que elle folgaria velo morto das mãos de hum lião que o espedaçasse. Com que despedio os nossos do que lhe pedião; mas elles tiuerão bom cuidado, que huma noyte secretamente entrarão na tenda do capitão e o matarão ás punhaladas: de que o Preste muyto folgou.

D'esta alagoa onde assy estaua o Preste com seu arrayal say o rio Nilo, a que elles chamão [1] * Abaui *. Este rio atrauessa toda a Tiopia, que he o reyno do Preste, e corre polo Egyto, (que he comarcão á Tiopia) e vay á cidade do Cayro, e por Alexandria entra no mar. Esta alagoa tem em roda passante de cem legoas, que parece mar, porque a terra se nom parece da outra banda. Dentro n'ella ha muytas ilhas em que estão mosteiros de frades, que tem cestos de canas, encoirados com coiros

[1] * Bauy * Autogr. Pelo nome de Abawi é conhecido o Nilo, na lingua vulgar da Ethiopia, como pai de todos os rios, aindaque impropriamente assim chamado. V.^r *Ludolfo*, *Histor. Æthiopica*, Liv. I, Cap. VIII, n.° 8.

crus, com que se seruem em lugar de barquos. Ha n'esta alagoa huns cauallos marinhos, da feyção e coiro d'alifante, que tem as cabeças da compridão de huma braça, e as bocas tão rasgadas que abertas tem largura de huma grande braça. Tem os dentes a modo de serpes, e no cabo dos queixaes tem dous, hum de baixo e outro de cima, que botão de fóra assy como alifantes, e muyto agudos e delgados, e a garganta tão larga que caberão por ella dous homens juntos. Saem estes cauallos e vão pacer na terra, e vendo gente fogem e se metem debaixo d'agoa; e com sanha ou cançaço, resolhão hum borrifo d'agoa mais alto que huma balea. N'esta alagoa ha as sereas que se pintão, que são meas molheres da cinta pera cima, e da cinta pera baixo são pexes [1]. E isto segundo o contauão os da terra, e contauão d'outras cousas muy espantosas e duvidosas de crer, e por isso se nom escreuem.

Aquy teue o Preste a pascoa, e lhe fizerão o officio das endoenças, com tanta austinencia nos frades e crelgos e seculares, e com tanta deuação, que depois d'ençarrado o santo sacramento até que o desencerrão nunqua mais comem, nem bebem, nem fallão huns com outros, e o Preste e sua mãy e todos os fidalgos se vestem de dó, e estão sempre ante o santo sacramento até ser desençarrado. Seu jejum he muy grande, que nom comem cousa que padeça morte, nem ouos, nem leite, nem [2] * manteiga, nem mel *, nem bebem vinho, sómente comem bolos de trigo e milho, e grãos, bredos, heruas cosidas, azeyte de huma semente como pampilhos, que he muy amarello. Todo o dia nom comem, e em se querendo pôr o sol vão á igreija a ouvir missa, onde todos comungão; então se tornão a comer a suas casas; e isto he nos dias de jejum, que nos outros dizem a missa a suas horas deuidas, e sempre dita per tres cesardotes, e a ostia he hum bolo de farinha de trigo muyto escolhido e limpo, que faz o mesmo çacerdote que ha de dizer a missa, e o coze em huma certam de barro ou cobre, que tem huma cruz que no bolo fiqua assinalada, e derrador as letras da sacra em caldeu. A festa do domingo de Ramos fazem na igreija, como nós fazemos, e vão fóra, e trazem os ramos com procissão; e ao dia de pascoa fazem a procissão da resurreição antemenhã, em que vão grã numero de frades e crelgos, e toda

[1] O que se diz aqui das sereias não se acha em *Castanhoso*. [2] * manteiga nem leite nem mel * Autogr.

a gente da corte e o Preste, e sua mãy, e nom vay nenhuma pessoa sem leuar cirio acezo, com muytos tangeres. Onde hião os nossos todos muyto armados, porque todas as armas tornarão 'auer no arrayal dos mouros que lhas tinhão tomadas; e os nossos tirando muytas espingardas, e os tiros d'artelharia, que tambem se tornarão a tomar no arrayal dos mouros; e no dia de Pascoa, todos vestidos muyto louçãos cada hum como mais [1] * pôde, derão grandes banquetes e jantarão huns * com outros. No que me nom detenho, nem quero contar, porque já atrás muyto escreuy das cousas da terra no tempo de Lopo Vaz de Sampayo, Gouernador, que veo dom Rodrigo de Lima, que era hido ao Preste por embaixador; do que largamente atrás fiqua escrito.

N'este tempo se passarão dous meses do vencimento da batalha até a pascoa, que em abril e em maio entraua o inuerno. Vendo o Preste que já nom tinha tempo pera hir vêr e correr suas terras, e por*que* ally onde estaua * nom * era boa terra pera enuernar, se passou a outra mais áuante tres legoas junto d'esta alagoa, onde estaua huma grande cidade, onde assentou seu arrayal; onde no campo lhe fizerão casas pera elle e pera a Raynha, e mandou muyta gente que se fosse aposentar per outros lugares d'ahy perto, a gente de cauallo apartada sobre sy; e aos nossos mandou aposentar apartados em hum bairro dous tiros d'espingarda d'onde elle estaua, onde lhe derão auondosamente todo o necessario em grande abastança; e cada dia os nossos huma vez hião ao paço e vião o Preste, o que se nom fazia aos seus [2] * capitães *, que sómente cada oito dias huma vez hião vêr o Preste com suas gentes. Em que assy passarão o inuerno, fazendo o Preste muytas honras aos nossos, e fallando com elles sempre descuberto, e aprendendo a caualgar nos cauallos á nossa maneira, e tomando muytos costumes da nossa usança, e muytos * homens * dos seus, mórmente no modo de pelejar, ensinandose a tirar com espingardas e com artelharia, e a fazer poluora. E como entrou agosto, que he já entrada de verão, sendo chegado o dia em que dom Christouão foy morto o Preste lhe mandou fazer hum grande saimento, e por todolos mortos, com grandes officios segundo seu costume; onde ouve passante de seiscentos frades e crelgos, que estauão aposentados em tendas. E o Preste mandou por todolos lugares ao derrador chamar quantos pobres

[1] * pode e grandes banquetes e jantarem huns * Autogr. [2] * capicatães * Id.

se achassem, em que vierão mais de seis mil, pera que se armarão tendas em que todos se recolhião, porque ainda auia chuvas. Aos quaes pobres a todos mandou dar de vestir, e comer quatro dias que durou o saymento, e então os despedirão. E se passou o tempo até quatorze dias de setembro, em que se fez a festa do exalçamento á vera cruz. N'este dia o Preste sayo descuberto a todos, e muyto vestido, com grande cruz de ouro nas mãos, e assy todolos fidalgos com cruzes nas mãos, d'ouro e de prata, cada hum como tinha, e toda a gente como sempre trazem, e com todolos frades e crelgos e toda a gente em procissão, com muytos tangeres e festas e huma grande bandeira que leuaua hum principal senhor; com a qual procissão derão volta á tenda da igreija, e tornarão a casa do Preste, e todo o dia se fizerão muytas festas, e sendo noyte muytas fogueiras como em dia de São João, e derrador dos paço d'ElRey em grande maneira. Onde assy de noyte vierão todolos grandes senhores a dar vista ao Preste, todos muyto vestidos e com as mais honras e estados que podem leuar, com gente de cauallo e de pé com grande numero de tochas e cirios acezos, de cera branqa que assy nace, que * ha * muyta em estremo, e o mel d'ella * he * o melhor de todo o mundo. E passados os senhores cada hum sobre sy, então vem todo o pouo assy em magotes e esquadrões, e todos com candêas nas mãos; e sendo passados todos os homens então vem as molheres assy pola mesma maneira, assy [1] * louçãs *, e cantando suas cantigas não bem concordadas, nem gostosas pera ouvir. No que se gastou toda a noyte.

E porque era já verão, a gente se veo toda pera o campo onde estaua o Preste, que se apercebeo e partio a dez d'outubro, e começou a caminhar com toda a gente, que serião dous mil de cauallo [2] e vinte mil de pé, homens do campo, e no arrayal mais de cem mil almas de familia, que se assy ajuntarão no arrayal, e caminhão com o Preste, porque por onde elle vay achão franqos os mantimentos; e foy pera humas terras perto do mar, [3] * chamadas de Jatifa *, pera deitar fóra d'ellas muytos mouros que as comião. E por todolas terras que passauão lh'obedecião, onde o Preste em todas punha seus capitães; e assy caminhando chegarão a huma serra de pedra viua, sobre a qual, que era muy alta, auia doze

[1] * loucas * Autogr. [2] « seis mil de cauallo » *Castanh.*, Cap. XXVIII, pag. 87. [3] * chada Jatifa * Autogr. Não se encontra tal nome na *Hist. de Castanh.*

mosteiros de frades, cada hum do tamanho de São Francisco d'Euora, e cada casa de sua enuocação [1] * deferente *, e n'elles pouqos frades. Cada igreija d'estes mosteiros era feyta de huma só pedra, e n'ella a casa cortada e laurada ao picão, e de tres naues e seus esteos, e toda com muytos lauores, cousa muy espantosa de vêr tamanha obra; e per cima toda de grandes lauores. Auia n'estes mosteiros hum maioral sobre todos. E dizem os antigos da terra que estes mosteiros forão feytos per hum Rey christão, que veo áquella terra com muytas gentes branqas, e ha tanto tempo que nom tem memoria; e que este Rey estaua em cima na serra com muytos officiaes fazendo a obra, e sua gente estaua em baixo no campo em seu arrayal, onde * estando * assy o Rey n'este trabalho quando lhe amanhecia achauão mais obra feyta da que deixauão quando anoitecia, por*que* este Rey era homem santo, e que acabada esta obra morreo, e ally estaua sepultado. O que muytos dos nossos forão vêr, que os frades tudo lhe mostrarão, e da sepultura do Rey santo tomauão todos terra por reliquias. Os frades tinhão liuros da lenda d'este Rey; mas era já tudo tão gastado que se nom podia lêr, e contarão que o Rey mouro de Zeylá fôra ally ter, e sobira acima a vêr estes mosteiros, e querendo dous mouros entrar dentro a cauallo supitamente elles morrerão e os cauallos arrebentados; (o que os frades mostrarão escrito) o que vendo o Rey mouro ouve muyto temor, e logo se tornou pera baixo e mandou que nenhum lá sobisse.

D'aquy partirão e forão a Jartafa, onde o Preste assentou seu arrayal em hum campo, onde muytos mouros vierão obedecer ao Preste; porque erão moradores naturaes * e * de [2] * muyto tempo viuião * na terra, que pagauão ao Preste muytos dereitos de grandes fazendas que tratauão, que erão mercadores por todolas terras do Preste; porque os abexis nenhum modo tem de tratar nem acquirir fazendas, sómente os grandes comem suas rendas, e os [3] * pobres trabalhão pera comer *, que são muy tiranizados dos grandes. Aquy n'esta terra tiuerão o natal do anno de 543, onde este homem Miguel de Castanhoso, por ser aleijado da guerra, pedio licença ao Preste pera se hir estar em Arquyquo e esperar embarcação pera' India, pera hir dar conta ao Gouernador do que era pas-

[1] * deferentes * Autogr. [2] * tempo que viuião * Id. [3] * pobres trabalhar e comer * Id.

sado, e hir pedir mercê a ElRey por sua aleijão. Com que o Preste se muyto agastou, muyto lhe rogando que se nom quigesse hir, porque era grande vergonha sua ser aleijado em seu seruiço e hir pedir o galardão a ElRey de Portugal. O qual lhe respondeo que era doente de tal doença que se á India se nom fosse curar estaua certo que logo morreria; e que esta era a causa porque lhe pedia a licença; e mais que elle e todolos portugueses que lá forão o seruiço e trabalho que tinhão feyto era a seu Rey e senhor, que os lá mandára, e que por tanto d'elle nom auião de tomar nenhuma mercê pera satisfação de nada; que por tanto outra mór mercê nom queria senão esta mercê que lhe pedia, por remedio de sua saude que hia buscar; porque se no Reyno inda tiuera guerra nom lhe pedira tal licença, e sempre o seruira até acabar de morrer. O que vendo o Preste que al nom podia fazer, contra sua vontade lhe deu a licença, e lhe deu cartas pera o Gouernador e pera ElRey, como de crença, e desculpas d'assy lhe dar licença sem primeiro lhe fazer pagamento de seus trabalhos. Então lhe fez mercê de cauallo, e mullas pera seu fato, e com elle hum homem com seu recado que até Maçuhá o acompanhasse, e que tudo lhe dessem de graça, como de feyto per todolos lugares que passou lhe fazião muyto gasalhado; e lhe deu vinte onças d'ouro, pedindolhe que perdoasse porque lhe mais nom daua, porque andaua assy pobre até assentar seu Reyno.

Vendo os nossos a licença d'este, lhe fez saudade e desejo pera tambem se quererem hir pera' India, e se puserão em hum rol mais de cinqoenta, e pedirão licença ao Preste; com que se elle muyto mais agastou, misquinhandose porque os nom podia mandar riqos como quem elle era, e como o merecião seus seruiços. Mas todos muyto aperfiarão, dizendo que d'elle nom querião mercês, porque seus seruiços tinhão * feitos * a ElRey seu senhor que os lá mandára, e que nenhumas mercês lhe podia fazer com que nom viuessem descontentes se lhes negaua licença, que cuidarião que andauão presos, e nunqua viuerião contentes, e pois que já os nom auia mester. No que os nossos assy muyto apretarão porque estauão ally muyto perto do mar, e que se o Preste se recolhesse pera dentro polas terras terião depois muyto trabalho em ally tornarem. E o Preste nom tinha outra tristeza senão porque os nom mandaua riqos, como elle desejaua; no que muyto com todos aprefiou com muytos rogos, que lhe nom fizessem aquella vergonha; que elle mais

nom podia fazer que rogallos, porque os nom podia ter contra sua vontade. Então ajuntando as joyas da mãy, e d'alguns dos seus, lhe daua tudo, com lhe pedir muytos perdões. Os nossos lhe nom quiserão tomar nada, dandolhe muytos agardecimentos e comprimentos de cortesias, e se despedirão d'elle; com os quaes o Preste mandou dez homens que os acompanhassem pera Maçuhá, e lhe fizessem dar todo o necessario pera seu caminho, rogando a todos que se nom achassem embarcação se tornassem pera elle, que tinha assentado de lhe dar a todos huma terra em que viuessem, que tinha grande trato d'ouro, de cafres que o ahy trazião e dauão muyto por baixos pannos. Então se partirão, ficando inda com o Preste Manuel da Cunha com cento e vinte portugueses; nom que elle os capitaneasse, sómente como companheiro. E os que se partirão leuarão dous padres de missa, portugueses, que erão alferes, que leuauão a bandeira da Misericordia diante; todos muyto amigos e conformes, e encaualgados em mulas, e * os seus * seruidores, e com alguma cousa, porque todos tinhão de seu, que lhes a Raynha deu, e elles ouverão na serra dos mouros e na serra dos Judeus. E chegando a Maçuhá, como já disse, que nom acharão embarcação mais que a fusta de Diogo de Reynoso, então todos ouverão por bem que n'ella viesse o Miguel de Castanhoso, que me deu hum caderno que trazia de toda esta lenda; e os outros se tornarão pera dentro pola terra, porque em Maçuhá nom podião estar, por caso dos mouros que ahy sempre estauão; e todos juntos andauão em arrayal, muyto amigos e conformes, sem fazerem na terra nenhum mal, como já atrás tudo fiqa escrito.

E digo que eu são alembrado que vy huma carta que hum mouro principal d'Ormuz, chamado Mirabercuz, escreueo a dom Esteuão, quando veo do Estreito, que lá deixaua seu irmão com esta gente pera o Preste, e antre outras cousas lhe dizia que elles em suas lendas tinhão de muyto tempo huma profecia que dizia que o Rey da Tiopia seria apertado, e seu Reyno tomado de mouros, e que os christãos de muy longes terras o virião secorrer, e lhe tornarião seu Reyno, assentado em sua cadeira pacifiquamente; e que o tempo d'esta profecia era acabado, e que prazeria a Deos que dom Christouão seu irmão isto assy acabaria, porque elles tinhão noua certa que o Preste era de todo destroido, e elle fogido e escondido em altas serras. Escreuy aquy isto porque me veo á lembrança, escreuendo esta lenda, que este mouro isto escreuera a dom

Esteuão. E os abexis assy tinhão esta profecia, que foy comprida com o sangue dos portugueses, que forão a tão longes terras por seruir a Deos, e seu Rey.

CAPITULO LII [1].

COMO DOM JOÃO MASCARENHAS SE APARTOU D'ARMADA, E FOY TER NA COSTA DE BENGALA, E O QUE LÁ FEZ.

TORNANDO ao fio da estoria da lenda do Gouernador Martim Afonso, digo que dom João Mascarenhas, que hia na carauella que com a tromenta se apartou dos outros, correo por fóra de Ceylão, e foy ter na costa de Bengala, e foy ao porto pequeno, onde ouve enformação que lá andauão muytos portugueses aleuantados em fustas, fazendo grandes roubos no mar e na terra, os quaes sabendo da chegada da carauella todos se puserão em saluo. Dom João, com desejo de fazer este seruiço a Deos e a ElRey, que era tirar aquelles homens dos males que andauão fazendo, pera o que elle nom tinha nenhum poder pera os auer por força, lhe mandou seus recados de muytos rogos que se fossem com elle pera' India, e nom andassem fazendo os males que fazião ; e que elle lhe daria per seu assinado a fé e menagem, com juramento dos santos auangelhos, que lhe aueria a todos do Gouernador os seguros e perdões que lhe elles pedissem, e nom lhos dando se obrigaua de os pôr seguros na terra firme, em suas liberdades como ally estauão : do que de tudo isto lhe mandou assinado com testimunhas. O que elles folgarão d'aceitar, que auia muytos que estauão riquos, em que antre elles auia dous que erão capitães de fustas, a saber hum Afonso Bernaldes casado em Goa, e outro hum Lançarote Guerreiro, que se aleuantára em huma fusta d'El-Rey muy armada, hindo pera o Estreito em companhia de Vasco da Cunha em tempo do Visorey dom Gracia de Noronha, que já atrás contey ; os quaes todos s'embarcarão na carauella com seus fatos. Com que na moução se tornou á India, e chegando a Goa pôs * dom João Mascarenhas * estes homens todos na terra firme, onde estiuessem seguros até elle concertar com o Gouernador o que com elles ficára ; o que assy com-

[1] E' o LI do original. E assim por diante até o fim d'esta lenda.

prio, e tratando isto com o Gouernador ouve d'elle seguro real pera todos, que enuernassem em Goa e andassem sempre com elle, sô pena de lhe nom valer o seguro, e que lhes perdoaua todo o caso de que se acusassem e pedissem perdão, (esto quanto á parte da justiça) do que farião petição, e per ella lhe seria [1] * passada * sua carta de perdão em fórma. O que assy se fez, e comtudo alguns enforqou depois, porque lhe acharão culpas que nom [2] * decrararão * na petição. E todos forão prouidos, sómente ao Lançarote Guerreiro que nom quis perdoar, e se foy pera o Balagate, onde andou muyto tempo, e depois foy perdoado, como adiante direy.

CAPITULO LIII.

COMO EM ORMUZ FOY ALEUANTADO POR REY HUM FILHO DO REY MORTO, COM OBRIGAÇÃO QUE ENTREGARIA O REYNO CADAUEZ QUE LHO PEDISSE O GOUERNADOR DA INDIA, E ISTO POR CARTA ASSINADA.

N'este tempo veo noua d'Ormuz que o Rey era morto de peçonha que lhe derão; de que ficou hum filho principe herdeiro de pouqua idade, polo que todos os principaes regedores, e officiaes do Reyno que na cidade estauão presentes, se forão ao capitão, e lhe requererão que ouvesse por bem aleuantar por Rey, pois o era de direito, ao principe filho d'ElRey, porque assy o pedião elles, e todo o pouo, como vassallos que erão d'ElRey nosso senhor. O capitão tinha já auido n'isto seu conselho do que auia de fazer, e lhes respondeo que era contente de satisfazer sua petição; por quanto ElRey nosso senhor era contente em todo os comprazer n'aquellas cousas que fossem tão justas como aquella, em todo satisfaria o que lhe pedião, mas que seria com estas condições: que antes de ser assy feyto Rey, elle, e todos elles, como regedores e pessoas principaes que erão, auião de jurar dentro na mesquita grande, em seus moçafos, que elle compriria como Rey, e elles seus regedores e pessoas principaes do Reyno lhe farião comprir muy enteiramente todolos contratos, e pautas, e obrigações, assy como o fizerão os seus antecessores; o que

[1] * passado * Autogr. [2] * decrarou * Id.

assy o dito principe jurando, e elles todos, do que darião carta assinada per todos e firmada com a chapa do Reyno, que então fosse aleuantado por Rey; com tanto que d'isto aueria confirmação do Gouernador da India, porque com essa condição lho concedia, e com a dita confirmação do Gouernador lhe entregaua o Reyno, e o fazia Rey sudito e vassallo d'ElRey de Portugal, pera que cada vez que o elle nom ouvesse por bem, e lhe pedisse o dito Reyno, ou o Gouernador da India, elle Rey lho logo entregaria. E a mesma obrigação terião todolos Reys que o socedessem; e que elles regedores que presentes estauão, e ao diante fossem, todo muy [1] * enteiramente lhe * farião comprir e guardar como dito he, só pena de trédores. O que assy todos outorgarão; de que se fez grande carta com muytos capitulos, resguardos, e cautellas, em que todos com o Rey assinarão. O que todo assy assentado em presença de todo o pouo, ao outro dia forão á mesquita fazer o juramento, e foy aleuantado o Rey, e jurado segundo seus costumes, onde o capitão com toda a gente era presente, que acompanhou o Rey até suas casas, onde então lhe foy lido todo este concerto outra vez, que ElRey e todos os regedores tornarão 'assinar. Com que o capitão se recolheo pera a forteleza, e ElRey fez suas festas: em que ao capitão nom faltarão boas pitanças. E assy foy feyto Rey per carta, como official de qualquer officio.

CAPITULO LIV.

COMO O GOUERNADOR MANDOU GALUÃO VIEGAS PER EMBAIXADOR AO IDALCÃO SOBRE CONCERTOS DO MEALE, QUE NOM COMPRIO, PELO QUE O EMBAIXADOR ESTEUE EM PRISÃO MUYTOS ANNOS.

O Idalcão sempre escreuia ao Gouernador que lhe comprisse o concerto que com elle ficára sobre o Meale, queixandose que tyranamente lhe armára a lhe auer suas terras de Bardês e Salsete; e sobre isto se pôs em modo de querer tornar a recolher as terras. O que sentindo o Gouernador, lhe mandou dizer que se hum só ponto lhe faltasse do que estaua

[1] * enteiramente todo lhe * Autogr.

assentado lhe prometia de lhe quebrar a paz, e nunqua com elle a ter em quanto fosse Gouernador da India; e que o Meale nom era morto, mas que logo o mandaua vir pera Goa, onde o teria prestes como direito Rey que era do Balagate. Como assy o fez; que logo a isso mandou huma fusta a Cananor, e trouxerão a Goa o Meale, e o aposentarão nas casas da feytoria. De que se mostrou muy agrauado do Gouernador, dizendo que o trazia pera ganhar com elle como puta. E postoque esta cousa assy * era * notada e entendida no pouo, a verdade estaua muy secreta; porque tudo isto erão manhas d'antre o Gouernador e o Idalcão, porque antre elles auia secreto concerto que por cincoenta mil pardaos d'ouro o Gouernador lh'entregaria o Meale e seus filhos, pera elle Idalcão os ter guardados em huma forteleza, onde estarião soltos de prisões, e abastados do necessario como compria a seu merecimento: o que todo o Idalcão primeiro juraria em sua mesquita e moçafos. Do que adiante mais largamente contarey. O que tudo isto se passou n'este inuerno. Mas porque o Idalcão muyto apretaua com recados, requerendo que lá mandasse pessoa com que se isto pusesse em ordem, o Gouernador mandou lá Crysná, tanadar mór de Goa, que era o medianeiro e sacretario de todos estes negocios; mas o Idalcão nom ouve por sua honra com elle assentar as cousas, e escreueo ao Gouernador que nom era contente do messigeiro que lá lhe mandára, que nada se podia bem fazer senão com homem portuguès, e dos honrados da cidade. Polo que então o Gouernador lhe mandou por embaixador Galuão Viegas, casado e homem principal cidadão, e alcayde mór, que foy muyto autorizado e atabiado de sua pessoa e seruidores, o qual lá chegando o Idalcão nom era presente, que era hido com gente a huma terra que se lhe aleuantára, d'onde tornando d'ahy a quatro mezes, que fallou com o embaixador, fiqou descontente, porque o Gouernador dizia que primeiro lhe leuassem o dinheiro a Goa, e que então elle entregaria o Meale, sendo primeiro feyto o juramento que era concertado. O Idalcão dizia que não, mas que lhe mandasse entregar o Meale da banda d'além, e que ally onde lho entregassem ally daria os cincoenta mil pardaos. E queria o Idalcão que isto assy fosse com seu seguro, porque nom podia crer que o Gouernador [1] * lhe * entregasse tal homem, que viera a Goa seguro sobre a verdade d'ElRey de Por-

[1] * lho * Autogr.

tugal, (que era hum muy grande erro) e com esta duvida, que era muy vidente, queria que esta cousa se fizesse muyto a seu seguro, que nom queria perder seu dinheiro. Sobre o que forão e vierão muytos recados, que em nada concordirão, e o Gouernador mandou a Galuão Viegas que se tornasse; mas o Idalcão o reteue, dizendo que em ferros o auia de ter até lhe o Gouernador comprir o que com elle ficára, e que com elle nom teria outra nenhuma guerra até vir outro Gouernador, a que se aqueixasse de lhe nom comprir o que com elle concertára; e que mais sobre isto lhe nom mandaria recado. Polo que logo mandou meter em prisão o dito Galuão Viegas, e hum seu sobrinho que com elle fôra, chamado Antonio Viegas, e dous criados seus portugueses, e lhe tomou cauallos e todo seu fato, e os meterão em huma forteleza, onde passarão trabalhoso catiueiro. O qual tendo muytas guardas, per licença do Idalcão escreuia a Goa ao Gouernador dandolhe conta do mal que padecia, mas o Gouernador nom daua por nada. E porque o Gouernador soube que já fallaua o pouo, e era descuberta esta cousa, ajuntou a conselho os fidalgos e officiaes da camara, dizendo que elle estaua muy magoado do Idalcão por lhe [1] *falecer* da palaura, que lhe tinha prometido de lhe entregar hum rume que estaua por tanadar no rio de Cyrdão, o qual matára dom Aleyxo com vinte portugueses, em huma fusta em que vinha de Chaul e lhe trazia vinte mil pardaos d'ouro o anno passado, como já atrás contey; e porque o Idalcão lhe fizera esta bulra elle lhe armára outro engano, por lhe colher á mão cincoenta mil pardaos d'ouro, dizendo que por elles lhe daria o Meale; e porque n'isto nom concordira sem primeiro lhe mandar o dinheiro, estauão deferentes, e por isso prendera o embaixador Galuão Viegas, que lá mandára; que elle teria maneira como lhe [2] *aueria* o dinheiro e embaixador tudo em saluo, sem lhe entregar o Meale, porque n'isso trazia já outro concerto; e que n'isto tiuessem muyto segredo, porque se nom ouvera quem dera auiso ao Idalcão já tiuera o dinheiro dentro em Goa. Ao que nom ouve que lhe responder, senão que elle fizesse o que fosse seruiço de Deos e d'ElRey. No que se passou o que adiante direy.

[1] *falcer* Autogr. [2] *auer* Id.

CAPITULO LV.

COMO O GOUERNADOR COM DESSIMULAÇÃO MANDAUA PRENDER O MOURO QUE DEIXÁRA EM CANANOR, E O QUE N'ISSO PASSOU.

O Gouernador gastou o inuerno em corregimento d'armada, e tanto que entrou agosto a mandou descobrir e deitar ao mar. Aos sete do mês partio hum catur em que foy o sacretario Antonio Cardoso, e Miguel Vaz vigario geral, e logo se fallou que hião a Cananor, como de feyto forão, e tornarão em noue dias, e se disse que o Gouernador os mandára que o mais encubertamente que ser pudesse entrassem no mosteiro dos frades, que hy já tinhão feyto os frades de São Francisco, e fingindo que hião visitar o mosteiro, se pudessem dentro na forteleza colher o mouro Cojexemeçady o prendessem a bom recado; mas isto era falso, que a verdade era que de Cananor escreuerão ao Gouernador que *o* mouro secretamente tinha metido muyto tisouro em poder do capitão, concertados que nada o Gouernador soubesse, e que o capitão por mais encobrir o dinheiro o metera dentro no mosteiro, ao que o Gouernador mandaua o vigario geral e o sacretario pera de tudo auerem enformação, e o que achassem o poerem a bom recado, do que logo lhe tornasse o catur com recado se alguma cousa achassem, e comtudo que muyto trabalhassem por auer o mouro a seu poder e o arrecadar. Os quaes chegarão á vista de Cananor de noyte, e nom chegarão á forteleza, e sayrão ambos sós longe da forteleza, e se meterão no mosteiro sem serem vistos; mas logo os negros da terra derão noua do catur, que estaua metido detrás de humas pedras; o que fez aluoroço na gente. Os quaes fallando com dom Anrique de Meneses, capitão, sómente lhe dizendo que vinhão por colher o mouro ás mãos e o prender, sobre o que todos fizerão [1] *consulta, assentarão* que o capitão se faria muyto doente, que o faria saber ao mouro, que logo o viria visitar como muytas vezes vinha, e que como entrasse na forteleza o tomarião preso; o que assy fizerão. Ao mouro foy

[1] *consulta em que assentarão* Autogr.

dito do catur que era chegado, e dos dous homens que virão entrar no mosteiro; porque o mouro tinha muytas espias sempre por toda a terra. O qual sendolhe dada a noua dessimulou, e se deixou estar em sua casa a bom recado. Ao que nom tardou nada que lhe chegou recado do capitão, dizendo que estaua muyto doente, que lhe rogaua que fosse lá pera com elle fallar huma cousa que muyto lhe compria; ao que lhe o mouro respondeo que primeiro hiria vêr e fallar com os homens que estauão escondidos no mosteiro, e saberia a que vinhão; então hiria vêr sua doença; que pera elle erão escusadas manhas. Com que então o vigairo e o sacretario se forão á forteleza, e mandarão dizer ao mouro que erão ally chegados, que passauão pera Cochym, e folgarião de lhe hir fallar, se elle quigesse. O mouro lhe respondeo que pois hião de caminho quando tornassem lhe fallaria. Então elles se embarquarão fazendo vella pera Cochym, e como foy noyte voltarão, e se tornarão a Goa com este bom recado.

CAPITULO LVI.

COMO O GOUERNADOR MANDOU BELCHIOR DE SOUSA COM ARMADA Á COSTA DO MALAUAR, E QUE TRABALHASSE POR TOMAR O MOURO DE CANANOR.

O Gouernador, achando que fizera grande erro em largar o mouro Cojexemeçady da mão, vendo que já o nom poderia tornar 'auer, fez prestes tres fustas, em que mandou Belchior de Sousa, e o mandou andar na costa do Malauar, e que sempre o mais do tempo fosse estar em Cananor, e sempre visitasse o mouro Cojexemeçady, e se désse muyto á sua amizade. E sendo partido, o Gouernador com pregão fez ajuntar na camara todolos moradores e fidalgos pera conselho, onde o Gouernador prepoz muytas rezões de que tinha muyta sospeita que virião rumes, e d'elles tinha certa noua que elles tinhão armada no mar; e que Diogo de Mesquita, que andaua na Turquia por embaixador, leuára em regimento d'ElRey que de qualquer concerto ou desconcerto que assentasse com o Turco tiuesse modo como tudo fizesse saber ao Gouernador da India; o que tudo lhe ElRey escreuera, e que atégora esperára por recado de Dio-

go de Mesquita, polo que tinha muyta sospeita que porque o anno [1] * passado fòra * ao Estreito Manuel de Vascogoncellos, que lá mandára dom Esteuão com cinqo [2] * fustas, o disserão * ao Turqo, do que elle se anojou, pois que estauão com elle em concerto, como [3] * mandaua * o Gouernador da India fustas a roubar o Estreito, e por isto estiuera pera lhe mandar cortar a cabeça *ao embaixador* : pola qual causa ElRey lhe escreuéra, e mandára muy afincadamente que cousa nenhuma mandasse ao Estreito que entrasse dentro, até nom vêr seu recado; e esto porque Diogo de Mesquita, embaixador que andaua com o Turquo, nom ouvesse algum perigo, como correo, de o mandar matar o Turqo polas fustas que dom Esteuão lá mandára, nom sabendo que embaixador nosso estaua com o Turqo. Pola qual rezão quando elle mandára Diogo de Reynoso lhe tanto defendera que nom entrasse as portas do Estreito, o que elle nom quisera guardar, e fòra a Maçuhá, onde tomára muyto dinheiro a hum feytor do Turquo que ahy achára; o que o Turqo logo auia de saber, e com rezão mandaria matar Diogo de Mesquita, e por assy ser morto nom tinha seu recado, ou tambem que, indaque Diogo de Mesquita nom [4] * fosse * morto, com delongas de pazes simuladas mandaria guardar as passages e portos como nom pudesse passar nenhum recado, e mandaria passar os rumes. E que pois isto erão rezões muyto pera cuidar que podião ser, e era cousa que tanto importaua ao seruiço de Deos e d'ElRey nosso senhor, e ao estado e saluação da India, pera bem de todos e dos filhos e molheres, e fazendas, elle tinha toda' armada prestes, como compria, pera logo mandar estar na barra, pera que vindo alguma noua que rumes erão passados nom auer nenhuma detença, senão logo lhe hir dar a batalha ao caminho, antes de elles tomarem terra, que estaua certo que se os topassem no mar antes que na terra se apercebessem nom [5] * aueria * muyta detença em os desbaratar; que portanto elles moradores ao presente compria que estiuessem n'armada embarcados, e lhe muyto pedia que tomassem este trabalho, comendo do que mandassem leuar de suas casas; e esto porque auendo rebates de rumes elles auião de ficar em suas casas em guarda da cidade, e elle com os lascarys hiria em busca dos rumes, pera o que compria que em quanto assy estiuessem nom gastassem

[1] * passado que fora * Autogr. [2] * fustas que o diserão * Id. [3] * manda * Id. [4] * seja * Id. [5] * auer * Id.

os mantimentos d'armada, porque lhe nom fizessem falta hindo 'armada pera fóra; e que assy tanto compria que estiuessem fóra na barra porque se rumes viessem, e tomassem a barra, seria grande perigo nossa armada sayr por antre elles; e que tanto que viesse noua segura que todos se tornarião pera suas casas. Ao que muytos se offerecerão a hir estar na barra, muyto louvando ao Gouernador sua determinação; mas comtudo o Gouernador mandou deitar pregões de grandes penas que todos se embarcassem.

CAPITULO LVII.

COMO O GOUERNADOR MANDOU METER EM FERROS HUM FRADE DE SÃO DOMINGOS, PELO QUE ELLE, E OUTRO FRADE DE SÃO FRANCISCO, FIZERA CAPITULOS PERA ELREY, DE QUE O GOUERNADOR FOY SABEDOR, E O QUE N'ISSO FEZ.

N'ESTE inuerno o Gouernador mandou prender em ferros, dentro no tronqo, hum frade prégador da ordem de São Domingos, porque affirmára huma questão erradamente, que era huma sostancia muy escura; mas porque o frade largou que lhe buscauão aquelle achaque porque elle prégaua a verdade dos roubos tiranias e contrajustiças que se fazião, (porque n'isso se queimaua o Gouernador) por isso foy mettido antre os ladrões, carregado de ferros, d'onde d'ahy a dias foy tirado e metido no carcere dos frades no mosteiro de São Francisco. Contra o que foy muyto frey Pedro d'Atouguia, custodio de São Francisco, que muyto estranhou ao Bispo tal consentir ao Gouernador, e teue grandes debates com o Gouernador, com que com elle fiqou muyto mal, e lhe disse que ElRey saberia toda a verdade, e proueria com castigo. Do que o Gouernador fiqou muyto mal com o frade, e teue taes modos, e tantas espias, que soube que ambos os frades fazião grandes capitulos d'elle pera ElRey; e tantas espias n'isso trouxe, (segundo se presumio que outros frades lho descobrirão) em maneira que soube que o frade dera as cartas que leuassem a ElRey, que tambem o Gouernador *o* mandou prender, e muyto mal tratou, como adiante direy.

E sendo entrado setembro chegou a Goa o nauio do trato de Mo-

çambique, em que veo João de Sepulueda, capitão que vinha de Çofala, que deu noua que partira de Moçambique a treze d'agosto, e que inda nom erão ahy chegadas naos do Reyno. E aos vinte do mês tambem chegou a Goa Martim Afonso de Mello, capitão que vinha d'Ormuz, que trouxe certa noua que nom auia rumes e lhe trouxe huma carta de Diogo de Mesquita, que estaua na Turquia, em que lhe fallaua por semelhas, porque se a carta fosse [1] * tomada a nom * entendessem, e lhe dizia que tinha as pazes feytas por cinquo annos, e que estauão bem feytas, e que se tambem elle assy fizesse nas cousas bem feytas nom estaria nada por fazer, quando tudo está já feyto como compre pera o coração estar descansado. Nas quaes fallas, e em outras, o Gouernador entendia que lhe daua auiso que estiuesse prestes, e suas cousas feytas, com que estiuesse descansado. A qual carta era feyta no anno passado, e a nom puderão trazer senão agora. E disse hum judeu, que trouxera a carta, que quando lha dera Diogo de Mesquita então se partira pera Portugal, porque mandára ElRey outro embaixador com trinta de cauallo e grande casa, que tambem logo despachára com o Turqo, e se tornára pera o Reyno.

E sendo já em outubro veo huma fusta d'Ormuz, em que veo hum judeu chamado [2] * Manassé *, que o Gouernador tinha mandado por espia ao Estreito, o qual trouxe comsigo tres homens christãos que furtára em Suez, que erão remeiros nas galés. Hum d'estes fôra catiuo quando matarão Manuel Machado em Xaer. E derão noua que n'este setembro os rumes ouverão de passar á India, se nom fôra grande mortindade de peste que antre elles ouve; e que agora se deitauão algumas galés ao mar, e que dizião que pera passar a Ormuz.

[1] * tomada que a nom * Autogr. [2] * Manase * Id.

CAPITULO LVIII.

COMO PARTIO DE GOA MARTIM CORREA DA SILUA PERA O REYNO, EM HUM NAUIO COM CARTAS, E O QUE NA VIAGEM FEZ.

Vendo o Gouernador que erão já vinte dias d'outubro e que nom passauão naos, fez logo prestes hum nauio, que carregou de drogas aqui em Goa, em que mandou Martim Correa da Silua, que partio em dez de nouembro. E assy fez prestes huma nao noua, que tinha feyta Gracia de Sá. Martim Afonso de Mello e João de Sepulueda mouerão partido ao Gouernador que lhe désse dous galeos, os milhores que tiuesse, e lhe dauão dinheiro pera fazer outros taes, com tanto que ElRey lhos tomasse no Reyno segundo então valessem, e os leuarião carregados ao partido dos mercadores, e que o Gouernador lhe auia de dar pera elles toda 'artelharia e monição, pera que achando cossairos na costa, que os catiuos dizião que auia muytos francezes, pudessem pelejar com elles. O que o Gouernador deixou de fazer por lhe nom dar a artelharia, nem os marinheiros, que os nom auia; e fez partido com Gracia de Sá que na sua nao carregasse cinco mil quintaes de gengiure do seu propio dinheiro, sem ElRey fazer nenhuma despeza, e no Reyno lhe désse tres mil quintaes sem ElRey por isso lhe dar nada, e pera elle ficassem os dous mil isentos, sem a ElRey pagar d'elles nada, sómente que no Reyno os nom pudesse vender senão polo preço da Casa da India. Mas isto nom ouve effeito, porque passarão naos, como adiante direy.

N'este tempo o Rey do cabo de Comorym, que se chama o Rey grande, teue guerra com outro seu visinho que he Rey das terras d'além do cabo da christindade de Manapá e Totucury, que lá fez Miguel Vaz, vigairo geral da India que então era; os quaes durante suas guerras este Rey grande desbaratou o outro, e o meteo em forte prisão per trayção dos seus, o qual vendose em prisão mandou recado a sua mãy, que estaua em huma terra forte que nom póde ser tomada, a qual mandou sua messagem a mestre Francisco, o apostolo, que andaua na terra dos christãos ally em Manapá, dizendo que mandasse recado ao Gouernador que

o viesse secorrer e tirar da prisão em que estaua, e que lhe daria hum tisouro que tinha em hum certo lugar, em que estauão tres contos d'ouro, e que pera o gasto da gente logo daria duzentos mil pardaos d'ouro, e os daria como ouvesse recado do Gouernador. O qual recado ouvido polo apostolo o escreueo ao Gouernador n'este inuerno; ao que o Gouernador lhe respondeo que elle ouvesse boa enformação se o que o Rey preso prometia podia dar, ou sua mãy, e que sendo assy entenderia n'isso. E agora, sendo já verão, tornou o apostolo a escreuer ao Gouernador que se n'isso quigesse entender que dizia a mãy que logo a elle lhe mandaria lá entregar os duzentos mil pardaos d'ouro. O Gouernador, porque estaua na acupação das naos, escreueo 'Aleixos de Sousa, védor da fazenda, que estaua em Cochym auiando a carga da pimenta, que mandasse hum homem de confiança lá onde estaua o apostolo, e se certificasse no que era, e se dessem o dinheiro, que estiuesse seguro, que logo tornasse com reposta, pera elle entender na cousa como era necessario. O védor da fazenda mandou lá o homem, e andarão em recados sem nunqua virem a nenhuma concrusão; com que se nom fez nada. O Rey preso se concertou com o Rey grande, e o soltou, e lhe deu suas terras por muyto dinheiro que lhe deu, e ficarão concordes e amigos por casamentos que antre sy fizerão.

CAPITULO LIX.

COMO A GOA CHEGOU HUM RUME, QUE SE FIZERA CHRISTÃO EM DIO, QUE FOY ESPIAR AS GALÉS; E AS NOUAS QUE DEU.

Tambem em outubro chegou a Goa hum rume que em Dio se fizera christão quando lá foy o Visorey dom Gracia de Noronha, que o fez christão com muytas honras, e foy seu padrinho, e lhe poz o seu nome, que se chamaua dom Gracia de Noronha; o qual pedio ao Visorey que sómente lhe désse hum seu assinado de crença, em que dissesse que elle era christão, poendo no escrito os sinaes de sua parecença, porque elle queria arriscar sua vida, e hir ás galés, e vêr o que se fazia, e andar na corte do Turquo, e d'ahy passar a Portugal e leuar a ElRey as nouas que achasse, que por seu trabalho lhe faria alguma mercê. Do que aprouve

ao Visorey, e lhe deu seu assinado como lho pedio, e o rume se meteo em naos de Cambaya que forão pera Meca, e elle em seus trajos como turquo que era correo e vio tudo, e passou a Portugal, e deu muyta conta a ElRey de tudo, polo que lhe fez muyta mercê, e o mestre lhe deitou o habito de Santiago. E sendo as naos prestes pera partir pera a India pedio licença a ElRey pera se vir n'ellas; mas ElRey ouve por bem que tornasse por terra assy como fôra, e visse o Estreito e as galés, e que de tudo trouxesse recado á India. O que elle assy fez, que despedido d'ElRey se foy a Roma, onde então estaua por embaixador Christouão de Sousa, de que tomou carta de crença, e d'ahy passou ao Cairo e a Costantinopla, e foy ao Estreito e vio tudo, e atrauessou a Baçorá, e d'ahy a Ormuz d'onde veo a Goa, e chegou a vinte e cinco d'este mês de outubro. O qual mostrando suas crenças ao Gouernador, e carta d'ElRey, lhe fez muyta honra; e elle deu nouas que n'este anno erão partidas do Reyno cinqo naos, de que vinha por capitão mór Fernão Peres d'Andrade; e que era morto hum filho bastardo d'ElRey, porque fôra muy anojado; e que dom Pedro de Castello Branco, que fôra da India, o tomarão e roubarão francezes cossairos, que lhe fizerão inda muyta cortesia que nom toquarão em sua pessoa, que estaua carregado de riqas joyas; e que era hido a França com cartas de rogos pera auer sua fazenda; e que auia guerra antre França e Castella, e que embaixadores de França era vindos a Lisboa requerer a ElRey que se decrarasse por [1] *quem* auia de ser, e ElRey pairou com a reposta até o fazer saber ao Emperador e com elle se determinar na reposta que daria a ElRey de França, de modo que ElRey respondeo aos embaixadores que elle se decraraua pela parte que direita justiça e rezão o obrigaua, postoque seu irmão era em armas; que elle mesmo fosse d'isso o juiz: o que assy affirmaua. A qual reposta pareceo muy bem ao Rey de França, e fiqou satisfeyto, dizendo que pois em seu juizo o deixaua era muyta rezão que fosse por parte do Emperador, que era seu cunhado e casado com sua irmã, que era direita obrigação; polo que nem por isso deixauão de ficar amigos e irmãos, como sempre forão os Reys de Portugal com os de França. Sobre o que d'antre ambos ouve grandes comprimentos de cortesias, ficando em sua costumada paz; mas comtudo na costa de Portu-

[1] *que* Autogr.

gal auia grandes armadas de cossairos, que fazião muy grandes roubos e males, e matauão muyta gente. Com estas nouas que deu o rume ouve muyto aluoroço e esperança das naos que passarião, e o Gouernador lhe fez muyta mercê. Este rume foy depois preso polo máo pecado, porque hum moço seu se foy queixar á justiça. Tirouse deuassa, e mandado pera o Reyno com os autos, por ser da jordição do mestre, em caminho lhe derão fundo [1].

O Gouernador, que tinha muyto sentimento do mouro de Cananor, porque sabia que estaua já d'aleuanto, que já o nom poderia auer, dessimulou com isto em muyta maneira. E porque Ruy Gonsalues de Caminha era seu grande amigo, o Gouernador tratou com elle algum nouo negocio com que fosse a Cananor, e [2] * trouxesse * o mouro a Goa. Ao que Ruy Gonsalues se atreueo pola muy estreita amisade que auia antr'ambos, o qual chegando a Cananor o mouro o recebeo em sua casa com muytos gasalhados e honras, pedindolhe muytos perdões porque o nom fôra receber na praia, que se temia sem deuer nada a ninguem. Sobre o que Ruy Gonsalues com o mouro tanto tratou que lhe desfez todas suas sospeitas e medos, acabando com elle que ambos se fossem a Goa. Polo que o mouro se fez prestes e mandou meter na fusta muyto comer e algum pouqo fatinho, e vindo já na praia pera se embarqar o mouro fez volta a sua casa, e mandou pedir perdão a Ruy Gonsalues, que com elle nom auia de hir; ao que Ruy Gonsalues muyto apretiou com elle, mas nada com elle pôde acabar, e Ruy Gonçalues se tornou sem elle: de que o Gouernador era muy magoado.

[1] Na lenda de Garcia de Noronha, Cap. XLI se lê que este rume, grande piloto e espia manhosa, foi mandado por elle ao estreito de Meca com Fernão Farto, para que «no caminho lhe désse fundo, *como deu*, que elle nom tornou mais»; e na de D. Estevam da Gama, Cap. VI, se repete que lhe deram lá fundo. Aqui, pelo contrario, se affirma que o mesmo homem voltou a Goa, depois de longa peregrinação em serviço d'elrei de Portugal. Tudo se concilia, e se desvanece a contradicção, apparente e não verdadeira, admittindo-se que na lenda de Garcia de Noronha escrevêra G. Correa o boato popular que então corria, auctorisado pela larga ausencia do rume ou propagado de proposito para lhe occultar a causa, e n'esta de Martim Affonso rectificou a noticia, como escriptor veridico. [2] * trouxe * Autogr.

ARMADA

DO

ANNO DE 544.

CAPITULO LX.

COMO A GOA CHEGOU FERNÃO PERES D'ANDRADE COM ARMADA DO REYNO, NO ANNO DE 544.

Sendo quinze dias de nouembro chegou recado de Cochym, que mandou o védor da fazenda, dando nouas ao Gouernador que a oito de nouembro chegára a nao Sant'isprito, de que vinha capitão Luis de Calataud, que auia hum mês que andaua na paragem de Calecut vinte legoas ao mar, sem ter vento com que chegar a terra. E aos onze do mês chegou Fernão Peres, capitão mór, que foy tomar em Porquá, além de Cochym treze legoas, e trazia tanta gente morta e doente que já nom tinha quem lhe mareasse as vellas. Forão á nao tones que andauão a pescar, a que Fernão Peres a hum deu dinheiro e faqas e barretes, porque lhe leuassem hum homem a Cochym com huma carta; o que elles fizerão. Na qual carta escreueo ao védor da fazenda o ponto em que a nao vinha;

ao que o védor da fazenda com muyta diligencia logo em huma hora despedio duas fustas, com cincoenta marinheiros da terra e trinta portugueses, homens do mar; as fustas carregadas de mantimentos pera a gente sã. E mandou que logo as fustas se tornassem com os doentes, que vierão carregadas d'elles, que nom couberão no esprital, e fizerão dous espritaes em outras casas, onde todos forão muy bem curados e repairados de todo o necessario, e sendo sãos a cada hum mandou pagar dez pardaos de seu soldo pera se vestirem. Este foy o mór bem que vy fazer na India a homens doentes. A*o* outro dia a nao chegou ao porto; e estas derão nouas que huma arribára ao Reyno porque gouernaua mal, na qual vinha por capitão Simão Peres, filho de Fernão Peres, e que em outra nao vinha Jacome Tristão, e na outra Simão de Mello pera capitão de Malaca; e que partirão muyto tarde do Reyno, que foy em mayo [1], e fizerão esta tardança porque se nom podia ajuntar o dinheiro pera os cofres; e por assy partirem tarde ElRey mandára que cada hum andasse quanto pudesse, e fossem por fóra de São Lourenço; pelo que em Guiné se apartarão todos, e nunqua se mais virão. E estas naos contarão as nouas que já contey atrás, que dera o rume que veo por terra.

CAPITULO LXI.

COMO O GOUERNADOR FOY A DIO, E PROUEO AS FORTELEZAS DA COSTA.

O védor da fazenda a grande pressa deu auiamento ao corregimento das naos, porque de Goa mandou o Gouernador calafates, e pregadura, e ferreiros, e tanoeiros pera corregimento da louça; e começarão a carregar a gram pressa, e em quanto se isto fazia Fernão Peres em hum catur se foy a Goa vêr com o Gouernador, e tornando pera Cochym, em

[1] Segundo o *Livro da fazenda* etc., por Luiz Falcão, partiu para a India a 19 d'abril de 1544 a armada de que era capitão mór Fernão Peres d'Andrade. Compunha-se da náu *Sphera*, em que vinha o mesmo Fernão Peres, e de mais cinco náus d'armadores, a saber: Nossa Senhora da Graça, S. Pedro, Salvador, S. Philipe, capitão Jacome Tristão; e Espirito Sancto, capitão Lucas Giraldes.

Cananor fallou com o mouro Cojexemeçady, que lhe deu cartas pera ElRey do dinheiro que tinha dado a Martim Afonso. Do que elle foy sabedor, e determinou em todo caso auer o mouro ás mãos: no que muyto trabalhou, como adiante direy.

Aqueceo que estando assy as naos carregando cayo hum raio de noyte com huma treuoada, que fendeo o masto da capitaina d'alto abaixo até a cuberta, e tornou a sayr fóra, quebrando grande pedaço do bordo da nao e huma entena que estaua no bordo de fóra. Ao que se deu muyto auiamento com outro masto, e ambas as naos juntas partirão, e fiqou carregando a nao de Gracia de Sá, que partio per derradeiro. O Gouernador tanto que despachou Fernão Peres que se tornou a Cochym, elle se partio pera Cambaya com oito galeões e quatro carauellas, e foy visitar Dio, e o proueo do que compria, e tornou visitando Baçaim e Chaul, e deixando tudo prouido se tornou a Goa. Quando o Gouernador chegou a Baçaim estaua o capitão dom Manuel de Lima d'elle muyto agrauado, porque pusera lá o juiz dos feytos d'ElRey com poderes de viador da fazenda, de modo que o capitão nom podia meter a mão em nada da fazenda d'ElRey; polo que, assy estando d'elle anojado, quando o Gouernador chegou o dom Manuel o nom foy receber ao mar, como todos costumão. O Gouernador dormio no mar, e ao outro dia sayo a terra, e chegando á praya veo dom Manuel a cauallo, e se deceo e lhe foy fallar com sua cortesia, e o acompanhou até a pousada, que o Gouernador pousou fóra da forteleza. E chegando á porta se despedio o capitão, e tornou a caualgar, e se tornou a passear. Ao outro dia o Gouernador o mandou chamar, e elle se escusou, dizendo que lhe perdoasse, porque tinha noua da morte de hum seu parente; que por tanto nom auia de sayr fóra de casa sem dó, que já lho estauão fazendo, e que como fosse acabado hiria vér o que mandaua. Da qual reposta o Gouernador muy agastado lhe mandou tomar a menagem que da forteleza nom saysse sem seu mandado; a qual menagem nom quis dar, dizendo que nom queria estar n'ella, nem ser capitão. E logo se sayo d'ella, e se foy meter nas carauellas que estauão no mar, dizendo que ally daria quantas menagens quigesse, que em quanto elle gouernasse a India nom queria ter nada, sómente ser hum pobre lascarym. O Gouernador o tornaua a mandar meter na forteleza. Ouve muytos terceiros que apacifiqarão o Gouernador, que o mandou chamar pera se concordar com elle, mas dom Manuel nom quis,

sómente lhe mandou pedir licença pera o Reyno, e n'isto ensistio em modo que o Gouernador lha deu, e fez capitão de Baçaim dom Francisco de Meneses, (que o primeiro fôra) porque a gente o muyto queria. E dom Manuel se meteo em hum catur e se foy a Cochym, que inda alcançou as naos e se foy com Fernão Peres.

CAPITULO LXII.

COMO ESTANDO EM MALACA SIMÃO BOTELHO, VÉDOR DA FAZENDA, FAZENDO 'ALFANDEGA, MORREO RUY VAZ PEREIRA, CAPITÃO, E ALONSO ANRIQUES QUIS TOMAR A CAPITANIA POR FORÇA, E SIMÃO BOTELHO O PRENDEO.

Já atrás contey como o Gouernador prouera Malaca, e mandára n'ella assentar alfandega, em que os mercadores desembarcauão suas fazendas e pacificamente pagauão seus direitos, e as leuauão e vendião á sua vontade a quem querião. O que foy grande perda pera o capitão, que lhe tirou os grandes roubos que fazia a estes mercadores, em lhes tomar suas fazendas todas polos preços que queria, que era muyto menos do que [1] * valião *, e então elle as vendia a como queria; assy que tudo era do capitão, ao comprar e vender quantas fazendas entrauão em Malaca. Ao que o Gouernador lá mandou Simão Botelho pera assentar esta alfandega, e meter isto na ordem de grande regimento que d'isto leuou. Com que os mercadores e todo o pouo muyto folgou; mas Ruy Vaz Pereira, que estaua por capitão, foy d'isto muy agrauado, e se pôs em o nom consentir, dizendo que ElRey lhe dera aquella capitania pera se n'ella aproueitar e pagar de muyto seruiço que lhe tinha feyto, e lha dera liure e isenta, como sempre atély estiuera; que agora tal nom auia de consentir em seu tempo. Sobre o que com elle muyto aprefiou Simão Botelho com requerimentos e protestos; o que logo Simão Botelho fez saber ao Gouernador, porque Ruy Vaz Pereira em todo se pôs a nada obedecer; ao que o Gouernador proueo, e lhe mandou muy fortes poderes, e grande patente em que mandaua ao pouo, e officiaes de Malaca, que se Ruy

[1] * valia * Autogr.

Vaz, capitão, em todo nom obedecesse e consentisse no que Simão Botelho ordenasse n'alfandega que lhe mandaua assentar, que da parte d'ElRey, sò pena de trédores e suas fazendas perdidas pera ElRey, nom obedecessem nem conhecessem a Ruy Vaz Pereira por capitão, porque por aquella o desfazia de capitão, e fazia capitão a Simão Botelho, a que mandaua que obedecessem em todo e per todo. E mandou que o Ruy Vaz mandassem preso pera a India, com sua fazenda socrestada; e o Gouernador tudo isto escreueo per sua carta ao capitão. O que tudo lhe sendo mostrado e requerido por Simão Botelho, em tudo logo o capitão obedeceo, sem nada contradizer. Com que Simão Botelho fez sua obra; do que o capitão tomou tanta paixão que adoeceo pera morte. O que vendo Simão Botelho, fez ajuntar em casa do capitão o ouvidor e officiaes da justiça e fazenda, e pessoas honradas, onde tambem foy presente Alonso Anriques de Sepulueda, fidalgo muyto honrado que estaua em Malaca esperando monção pera' China, pera onde hia com huma nao carregada de pimenta; a qual viagem lhe o Gouernador dera por ter muyto gastado na India em seruiço d'ElRey. E sendo assy todos juntos, Simão Botelho apresentou ao capitão huma prouisão do Gouernador, em que o fazia capitão de Malaca, sendo caso que o capitão fallecesse, ou por ventura de sua vontade quigesse deixar a forteleza, e per qualquer maneira que fosse que o [1] * capitão nom * fosse capitão que fazia capitão de Malaca a Simão Botelho, sem embargo do regimento d'ElRey ser que por morte do capitão soceda na capitania o alcaide mór; o que se entendia onde já nom estiuesse prouido: o que todo assy auia por seruiço d'ElRey e mandaua que em todo se comprisse. A qual prouisão apresentou Simão Botelho, dizendo ao capitão que elle estaua em artigo de morte, que Nosso Senhor faria d'elle o que fosse mais seu seruiço, de morte ou vida; que por tanto decrarasse se obedecia aquella prouisão, e a auia por boa, leuandoo Deos pera sy. Ao que o capitão respondeo que tudo auia por bom e valioso, e mandaua que se comprisse quanto fosse seruiço de Deos e bem do pouo, e todo aquello que fosse descargo de su'alma: do que se fez auto, em que assinou com muytos dos que presentes estauão, e Alonso Anriques. O que assy acabado todos se forão pera suas casas, onde ouve alguns da companhia d'Alonso Anriques que lhe

[1] * capitão o nom * Autogr.

aconselharão que se o capitão fallecesse nom consentisse que outrem fosse capitão senão elle, que era hum fidalgo tão principal e de tanto merecimento; pois estaua manifesto que se ao Gouernador lhe parecera que ally seria presente que a outrem nom dera a capitania senão a elle. E tanto isto lhe praticarão que Alonso Anriques assentou assy o fazer, cegandolhe o entendimento o pecado da cobiça, que nom lhe lembrando quem era e a grande obrigação que tinha a fazer o que deuia, assentou com seus [1] * conselheiros morrendo * o capitão apossarse da fortaleza, e se fazer capitão; (o que auia que ninguem lho contradiria) e pera isso amotinou todos os de sua valia, e estauão prestes pera isso, do que, segundo se disse, foy dado auiso a Simão Botelho, o que elle nom creo. Mas sendo morto o capitão, que foy d'ahy a dous dias, Simão Botelho com toda a gente foy leuar a enterrar o capitão, e fallou em segredo com o ouvidor, e lhe mandou que nom saysse da torre da menagem, que era o aposento do capitão, e que se pusesse em negocio de fazer enuentairo do fato do defunto, e que tiuesse comsigo dentro vinte homens, e as portas fechadas, e que a ninguem as abrisse até elle tornar, e que se pessoa alguma forçosamente o quisesse entrar o matasse; porque elle tinha sospeita d'aleuantamento. André Lopes, ouvidor, que era valente caualleiro, lhe disse que fosse bem seguro, porque enteiramente compriria seu mandado até morrer. Simão Botelho com toda a gente se foy enterrar o defunto. 'O que Alonso Anriques já tinha espia, e logo com sessenta homens se foy á forteleza, e entrando no pateo quis entrar na torre da menagem. Batendo á porta lhe disse o ouvidor que lá nom podia entrar, porque elle estaua fazendo enuentairo com muytas arqas abertas; que por tanto lhe perdoasse, que lhe nom auia d'abrir. Ao que Alonso Anriques lhe disse que a elle só abrisse, ou á porta lhe viesse fallar; o que o ouvidor nom querendo fazer, os de fóra quiserão dar força 'abrir hum postigo. Com que os homens de dentro vierão ás lançadas com os de fóra; em que se aleuantou grande ounião, e o ouvidor mandou dar arrepique no sino, o que ouvido na gente da igreija, que estauão enterrando o defunto, logo a grã pressa forão tomar suas armas, e acodirão á forteleza. Bradando trayção, trayção, mata os trédores! entrarão a forteleza, e Simão Botelho com grandes brados, dizendo 'Alonso Anriques que

[1] * conselheiros que morrendo * Autogr.

se désse e entregasse preso; mas os seus, querendo defender seu máo cometimento, se puserão em defensa; com que a cousa veo a tanto apreto que conueo 'Alonso Anriques darse por preso, e renderão todos as armas. E chegando a elle lhe tomou a menagem, e o mandou preso pera' sua nao com todos os seus, que d'ella nom sayssem a terra sem seu mandado, só pena de perdimento de sua valia e perdimento de sua fazenda pera a coroa real; com que d'ally se foy no batel a embarquar com todos os seus, e sempre esteue embarquado até o tempo da moução, que Simão Botelho lhe deu auiamento, e se partio; o qual hindo á vella, lançando suas contas do grande erro que cometera, ouve medo que tornando da China, que de força auia de tornar a Malaca, onde então poderia já estar alguma prouisão do [1] * Gouernador, lhe tomassem * sua fazenda e o prendessem, porque Simão Botelho de força auia d'escreuer ao Gouernador o que elle [2] * fizera, e o Gouernador * n'isso quereria fazerlhe algum mal; e lançando estas contas, e outras, nom quis hir este caminho pera a China, por nom tornar a Malaca; mas fez volta pera' India, e se foy á costa de Bengala, onde tambem tinha muyta valia a pimenta, como de feyto se foy a Tanaçarim, e vendeo a pimenta, em que fez muyto dinheiro, e d'ahy na moução partio pera' India, e mandou diante hum catur a pedir seguro ao Gouernador. E vindo seu caminho lhe deu grande temporal, que tornou 'arribar pera' costa, e se perdeo em huma ilha, e d'ahy no batel se forão á terra de Siam, onde todos forão mortos.

[1] * Gouernador com que lhe tomassem * Autogr. [2] * fizera e que o Gouernador * Id.

CAPITULO LXIII.

DE HUMA ARMADA DE CASTELHANOS QUE FOY TER A MALUCO, E O QUE COM ELLES PASSOU DOM JORGE DE CRASTO, QUE LÁ ESTAUA POR CAPITÃO.

Tambem n'este presente anno veo a Maluco huma armada de castelhanos, mandada polo Visorey das Antilhas da Espanha a Noua, que erão cinqo naos e huma galeota, que as outras com o tempo se apartarão e nom passarão, sómente estas duas e a galeota, que muy gastados e com fome chegarão a Maluco, e ouverão medo de vir onde estaua nossa forteleza, e forão aportar em outra ilha chamada Tidore que he muyto perto da nossa forteleza, onde desembarqarão pacifiquamente, porque a gente da terra nom era poderosa pera lhe tolher a terra; onde ao Rey da terra fizerão grande presente, e assentarão muytas amisades. O que o Rey fez cobiçando seu proueito; todauia dizendo que em sua terra nom auião d'estar, porque elle era vassallo e amigo d'ElRey de Portugal, e que elles com os portugueses tinhão deferença sobre o trato do crauo; que portanto de sua terra nom podião leuar nada. E isto fazia o Rey por comprimentos comnosco; mas porque os castelhanos lhe derão muy grossas peitas, e aos da terra, lhe derão crauo com que carregarão huma nao, que logo partio pera Castella. Sabida esta chegada dos castelhanos, dom Jorge de Crasto, que era capitão em Maluco, tomou conselho com todos os homens que auia pera isso o que deuia de fazer d'estes castelhanos, praticando que se com elles pelejassem, e os matassem, e tomassem o que tinhão, era cousa tão forte que nom podia deixar de causar algum escandolo antre ElRey e o Emperador, o que podia vir em rompimento de muyto mal; polo que per todos foy assentado que com elles nom ouvesse rompimento de guerra, mas que se tiuesse modos secretos com que o Rey e gente da terra os deitassem fóra, e com os castelhanos tiuessem alguns comprimentos com que se passasse o tempo, e se fizesse saber ao Gouernador; que nom era bem que nada fizessem senão o que elle mandasse. O que assy sendo assentado, então o capitão mandou messagem aos castelhanos, e lhe mandou dizer que soubera que elles ally erão chega-

dos áquella terra, que era d'ElRey nosso senhor, onde elles nom podião estar, nem tratar, por ser contra o assento que era feyto antre o Emperador e ElRey de Portugal. Polo que folgaria de saber como ally erão vindos; porque se ally vierão ter por errada nauegação, ou com alguma necessidade, que todo o que ouvessem mester, que elle pudesse fazer, o faria com muyta vontade, por serem do Emperador. Ao que lhe os castelhanos responderão, * por * hum capitão mór que elles antre sy tinhão feyto, que elles erão ally vindos per mandado do Visorey da Noua Espanha, que tinha poder do Emperador pera mandar nauegar e descobrir os mares e terras do limite e demarcação do Emperador, e que elles chegarão áquella terra muy perdidos e gastados do mar, e sayrão a descansar na terra muy pacificamente, onde estauão com aprazimento do Rey e gente da terra, onde se repairauão do que auião mester, e vendião e comprauão o que lhe querião vender, sem fazerem nenhum mal; e sempre assy estarião, e nunqua farião mal senão a quem lho quigesse fazer, que com todos querião muyta paz, mórmente com os nossos, porque todos erão vassallos de tão grandes principes, tão amigos e irmãos. Á qual reposta os nossos tiuerão outras repostas, e recados que forão e vierão, com que entanto o Rey da terra, * e os seus *, com os recados e ameaças que lhe dom Jorge fazia, aleuantarão os mantimentos, e os nom dauão aos castelhanos; em que antre elles ouve guerra em tanta maneira que resgatauão os castelhanos o que lhe dauão por tanto preço, até que lhe tirarão e ouverão quantas mercadarias tinhão; porque tambem lhe dauão crauo que metião em celleiros, dizendo o Rey que per derradeiro lho tornaria a tomar, e sobre isso os mataria a todos; em maneira que nom tendo já os castelhanos que dar forão em muyto aperto de fome, e morrerão muytos. O que todo o capitão escreueo logo a Malaca, e de Malaca veo recado á India, que n'isso proueo * o Gouernador * como ao diante direy.

CAPITULO LXIV.

COMO O GOUERNADOR FOY COM ARMADA PERA CANANOR TOMAR O MOURO COJEXEMEÇADY, E O QUE N'ISSO FEZ.

O Gouernador nom perdia o sentimento que tinha por auer ás mãos o mouro Cojexemeçady, que estaua em Cananor, e sobre isso mandou cartas a Belchior de Sousa, que lá andaua na costa, muyto lh'encarregando que por todolos modos do mundo *visse* se lhe poderia auer o mouro ás mãos. O qual n'isso muyto trabalhando, fallou com Pocaralle, regedor, que sempre estaua em Cananor no despacho das naos, que sempre estaua n'alfandega, onde muytas vezes tambem vinha estar o mouro despachando suas cousas, e disse ao regedor em grande segredo, e com grandes juramentos que lhe primeiro tomou, e lhe disse que o Gouernador lhe escreuera que como grande amigo lhe rogaua que lhe désse ajuda como ouvesse o mouro a seu poder, que por isso lhe daria o senhorio das ilhas de Maldiua, como as tiuera seu irmão Mamalle, e lhe faria quanto quigesse. O mouro, como era muy auisado, concedeo e concordou com tudo o que lhe disse Belchior de Sousa, e não com verdade, porque vio que mais certo era o proueito que aueria com 'amisade do mouro, que não com o que lhe prometia o Gouernador, em que muy pouqo confiaua, que bem sabia que nom tinha poder pera lhe dar as ilhas de Maldiua que lhe prometia; mas, por nom fiquar na desgraça do Gouernador, se lhe nom concedesse o que lhe pedia, tudo outorgou, que faria n'isso quanto pudesse: no que fiqou muyto concertado, e ordenado antre elle e Belchior de Sousa o como se auia de fazer. O que logo tudo Belchior de Sousa fez saber ao Gouernador; de que fiqou muy contente, auendo que já tinha tudo acabado. O que tudo o Gouernador muyto dessimulou, e fengio que de Dio lhe viera apressado recado, com que logo mandou fazer prestes galeões e carauellas, e algumas fustas e catures, e com pregões fez recolher toda a gente, e se partio fazendo o caminho pera Dio, e se foy afastando da terra até se perder vista d'ella, que cuidou a gente que hia pera Ormuz, porque se dizia que erão rumes

passados pera lá. E sendo no mar fez volta pera Cochym, com mostrar muyta paixão porque nos nauios todos se nom acharão quinhentos homens d'armas, jurando de nunqua pagar em quanto gouernasse mais que á gente que ally achaua, pois por falta da gente nom podia hir pera onde hia; com que a gente muyto mais creo que hia pera Ormuz, e deixaua de hir por falta de gente que nom tinha. E foy assy na volta do sul até auer vista do monte Dely. Muy longe ao mar amaynou, e mandou Vasco da Cunha e o Pereirinha em catures e fustas, e elle com elles, e foy demandar o monte Dely, onde já estaua esperando por elle Belchior de Sousa auia dous dias, pera como o Gouernador chegasse o Belchior de Sousa hir entrar na baya, e se hir com dez ou doze homens, como sempre hia, e entrar n'alfandega, onde o regedor auia de ter comsigo o mouro Cojexemeçady negociando cousas de sua fazenda; ao que entrando o Belchior de Sousa o auia de tomar e leuar a meter nas fustas; ao que o regedor nom auia de registir nem defender, antes auia de fugir, e fazer recolher toda' sua gente, mostrando que o fazia de medo; que este foy o concerto em que concertou com Belchior de Sousa, e o mandou que fosse aguardar ao monte Dely até que fosse o Gouernador, que compria ser ally em pessoa pera se tudo melhor poder fazer. Assy que chegando o Gouernador, o Belchior de Sousa, fallando com elle o que estaua ordenado, logo se foy diante em suas tres fustas, que chegando á [1] * praya o Gouernador entraua * na baya com as outras fustas, e 'armada com a viração vinha entrar no porto; que assy o deixára o Gouernador ordenado.

CAPITULO LXV.

COMO O GOUERNADOR MANDOU CATURES AO ESTREITO, E GRACIA DE SÁ PERA CAPITÃO DE MALACA, E JORDÃO DE FREITAS PERA CAPITÃO DE MALUCO, E FERNÃO DE SOUSA DE TAUORA COM ARMADA CONTRA OS CASTELHANOS.

Mas chegando Belchior de Sousa a terra, que desembarqou, nom achou homem nem molher, que tudo era despouoado, e as portas fechadas. O

[1] * praya e o gouernador que entraua * Autogr.

que vendo Belchior de Sousa dessimulou, e se tornou remando pera onde vinha o Gouernador, e lhe disse o que achára; e o Gouernador dessimulando se foy á forteleza, e mandou o capitão a visitar ElRey, que então era feyto Rey, porque o outro era morto, e este era muy amigo do mouro por dadiuas que lhe daua; e o mandou visitar com offerecimentos de boa amisade, que estaua ainda com seu dó e auia d'estar muytos dias, e por isso lhe nom fallou o Gouernador, e estando huns dias assy dessimulando se tornou a partir pera Goa, donde logo mandou o Pereirinha ao Estreito a saber nouas, porque viera hum catur d'Ormuz que deu noua que oito galeotas e fustas de rumes andauão ás ilhas da Maceyra, que he junto do cabo de Roçalgate, agardando as naos, e as salteauão. Então veo nauio de Malaca, que deu noua do que lá era passado, e como Simão Botelho ficaua por capitão. Então o Gouernador deu a capitania a Gracia de Sá, que logo despachou pera lá; *e* porque tambem lhe veo a noua de Maluco dos castelhanos que lá estauão, tambem mandou lá Fernão de Sousa de Tauora, em tres nauios, e duzentos homens, a que mandou que com a gente prestes e concertada fosse dar nos castelhanos, sem sorgir em Maluco, e todos os matasse, e lhe queimasse quanto tiuessem, sem fiqar d'elles nenhum que a Castella fosse dar a noua. O que elle nom fez, porque chegando lá os castelhanos erão já casy todos mortos, e alguns que erão viuos se entregauão aos nossos, porque na ilha em que estauão morrião todos á fome; polo que Fernão de Sousa se tornou logo a Malaca no seu nauio, que tinha moução, e os outros ficarão para virem com dom Jorge, capitão, carregados de crauo, porque na companhia de Fernão de Sousa fôra Jordão de Freitas pera capitão de Maluco, que do Reyno viera prouido por ElRey; o qual Fernão de Sousa meteo de posse da capitania, e se partio pera Malaca, e dom Jorge fiqou agardando pola moução do crauo.

CAPITULO LXVI.

COMO O GOUERNADOR MANDOU PERA CAPITÃO DE DIO DOM JOÃO MASCARENHAS, E PROUIMENTO QUE MANDOU Á FORTELEZA.

Tambem o Gouernador mandou Bernaldim de Sousa, e seu irmão João de Sousa, cada hum com cincoenta homens, que fossem enuernar em Ormuz, (e lhe deu despeza com que déssem mesa a esta gente) e no verão se tornassem pera' India, se na forteleza nom ouvesse necessidade de estarem lá; e mandou muyta poluora, e chumbo, e pilouros, e madeira pera repairos d'artelharia. E assy mandou pera capitão de Dio dom João Mascarenhas, que lhe viera prouisão d'ElRey, porque já tinha acabado seu tempo Manuel de Sousa de Sepulueda, que muyto fortifiquou e concertou a forteleza, e lhe tapou a porta que tinha pera' cidade com ponte de madeira sobre a caua; e lha tapou, e em seu lugar fez huma torre forte, com que muyto emparou a forteleza, que por ally estaua muy fraqa; a qual torre depois muyto valeo, e emparou a forteleza em hum cerqo que teue, como adiante contarey. Então, tapando assy a porta, lhe abrio outra pera o rio, derrador da qual fez hum forte cubello dentro n'agoa, com hum caes, e do cubello ao longo do mar cerqou com huma parede fundada dentro n'agoa, com sua porta fechada, onde as fustas podião entrar e estar seguras de todo perigo. Então d'este cubello da porta fez hum muro de longo d'agoa, largo de duas braças, com peitoris d'ambas as bandas, que ficaua como ponte, e chegou até a caua; o qual ficaua ao sopé do muro da forteleza, com que esta entrada pera' forteleza fiqaua muy segura. E n'este cubello da porta assentou artelharia, que tudo defendia. Assy que em muyta maneira fortifiquou a forteleza de tudo o que lhe compria.

CAPITULO LXVII.

COMO BELCHIOR DE SOUSA MATOU O GOZIL DE CANANOR, PELO QUE SE ALEUANTOU GUERRA.

Quando o Gouernador se tornou de Cananor, com grande magoa do escarneo que lhe fizera o regedor Pocaralle, deixou muy encarregado a Belchior de Sousa que andasse na costa como andaua, e que sempre viesse a Cananor, e trabalhasse e buscasse maneira como em todo caso matasse ao regedor pola bulra que lhe fizera; e isto quando visse que já nom tinha maneira pera auer o mouro. Do que Belchior de Sousa ficando muy encarregado, com muyta dessimulação andaua sempre no mar, e vinha a terra muytas vezes, visitando o regedor como sempre fizera, e praticando sobre o mouro, dizendo que tinha sabido que portugueses derão auiso ao mouro que nom viesse 'alfandega. O regedor, por encobrir sua bulra, dizia que ElRey fizera tudo, porque o mouro lhe dissera que o Gouernador o vinha tomar dentro a suas casas. Com as quaes praticas, que Belchior de Sousa mostraua que muyto cria, era sempre em muyta amisade com o regedor, como d'antes, e por mais o segurar em suas naos carregaua fazenda e * a * mandaua em suas armações, e lhe nom buscaua suas naos, e lhe deixaua passar alguma pimenta; com que o regedor era com elle em muyta amisade, e o maïs do tempo sempre o Belchior de Sousa estaua n'alfandega com o regedor, e os lascarys andauão com suas armas e espingardas folgando polo lugar, e na praia, onde as fustas estauão com a proa em terra. E hum dia vendo o Belchior de Sousa boa desposição pera isso, que os lascarys vierão pera se hirem a jantar, aleuantandose pera se despedir leuou de huma lança que tinha a geito, e varou o mouro, com que logo o matou com outras lançadas que lhe os lascarys derão. Ao que se leuantou grande aluoroço, que acodirão muytos mouros; ao que acodirão os nossos que andauão per fóra, que se ajuntarão mais de trinta, que ás lançadas e espingardadas se vierão recolhendo pera' praia, e de longo d'agoa se forão recolhendo pera a forteleza, e as fustas com 'artelharia fazião o campo franquo. Ao que se deu repique na forteleza, e sayo a gente armada, com

que se todos forão recolhendo pera' forteleza, sempre pelejando, porque acodirão muytos mouros. Com que dos nossos morreo hum, e doze ou quinze feridos, e dos mouros ficarão noue mortos das espingardas. E logo acodirão tantos mouros e naires, que erão lascarys do regedor, que chegarão a deitar fogo nas casas da pouoação; o que os nossos nom podendo defender, o capitão recolheo o pouo pera dentro pera' forteleza. E nom se fez grande guerra porque o Rey estaua com seu dó, que ninguem o podia ver nem * lhe * fallar; com que a terra assy esteue aleuantada. Nem os mouros ousauão de pelejar, porque tinhão suas naos no mar e auião medo que lhas queimassem; nem o capitão lhas mandaua queimar, porque com elles esperaua assentar a paz. No que assy estando se acabarão os dias do dó em que ElRey esteue segundo seus costumes, o que acabado lhe auião de fazer a festa de suas honras e coroação; no qual dia, per sua ley, pera que sua honra fique de todo perfeita, ha de hir com todos seus estados e honras pola praia, tocando 'agoa do mar nos pés dos que leuão o andor em que elle vay.

E sendo o dia chegado pera ElRey passar pola praia, porque a forteleza estaua assy aleuantada, * e * ouve medo que vendo hir muyta gente lhe tirarião com artelharia cuidando que hia a pelejar, ElRey mandou dizer ao capitão que a elle compria passar pola praia com sua gente, a fazer sua festa de sua coroação; que lho fazia a saber porque nom cuidasse que hia de guerra e lhe mandasse tirar com artelharia. Manuel de Vascogoncellos, que era o capitão que entrára então, que acabára Diegaluares Telles, respondeo a ElRey que Deos lhe acrecentasse seu reinado com muyta saude, e que elle e a forteleza estaua a seu seruiço, e nom pera o anojar; mas que a forteleza faria sua festa por seruiço de sua honra, como veria. Então mandou pôr muytas bandeiras e ramos per toda a fortaleza, e aparecendo ElRey tirou toda 'artelharia, e as fustas, correndo a remo junto da praia muyto embandeiradas, tirando muytos tiros, assy como o fazião as naos dos mouros que estauão no porto. Do que ElRey fiqou muy contente, dizendo aos que com elle hião: « Os »
« portugueses são homens que nunqua farião mal, se lhe nom fizessem »
« sem rezão pera o elles fazerem; e nom auião de matar Pocaralle senão »
« com alguma justa rezão. » Ao que alguns parentes do morto se muyto queixarão com ElRey polo que dizia, dizendo que com tal fallar cada dia os portugueses terião coração pera os matar assy com traição, como ma-

tarão a Pocaralle. Ao que se ElRey mostrou iroso, dizendo que elles todos erão trédores e máos, pois nom comprirão com sua obrigação, que era dentro em tres dias todos morrer por vingança de sua morte do regedor, pois erão criados de sua mantença, e que erão já passados tantos dias e nom tinhão nada feyto. Polo que lhe daua tres dias d'espaço pera fazerem sua vingança como pudessem, os quaes tres dias passados lhe mandaua que nunqua mais bolissem contra nenhum portuguès, senão que por isso todos mandaria matar com todas suas gerações. E mandou dizer tudo isto ao capitão, porque estiuesse d'auiso até se passarem alguns dias; e que lhe muyto rogaua que lhe mandasse dizer a causa da morte de Pocaralle. O capitão lhe mandou seus agardicimentos do auiso que lhe mandaua, e lhe mandou dizer que Pocaralle fôra morto [1] ∗ porque faltára á verdade ∗; porque Belchior de Sousa tirára huma nao sua d'aquelle porto com muyta pimenta, que hia pera Meca, e 'acompanhára até hir segura; polo que Pocaralle lhe prometera hum pagamento de certo dinheiro pera os lascarys, e lhe mentira, que lho nom quisera dar, que por isso o matára. O que a ElRey pareceo que assy era verdade, e o disse aos parentes do morto; com que então nom bolirão nada. E estaua assy a terra aleuantada porque ElRey logo partira em romaria a hum seu pagode, a que auia de hir fazer offerendas por seu nouo reinado.

CAPITULO LXVIII.

DE COMO A GOA VEO HUMA NAO DE CAXEM, E DAS NOUAS QUE DEU.

Sabendo o Gouernador da morte do regedor ouve muyto prazer, e mandou pera lá gente, e dinheiro de mercê a Belchior de Sousa, e pera pagar á gente, e lhe mandou que enuernasse em Cananor; e tambem mandou enuernar em Chalé Diogo de Reynoso, com cincoenta homens a que désse mesa. N'este tempo, que era já em fim d'abril, chegou a Goa hum João Fernandes, em huma sua nao que vinha de Caxem, que deu noua que estando lá fazendo sua fazenda entrarão no porto duas galeotas e

[1] ∗ por faltara com verdade ∗ Autogr.

tres fustas de rumes, estando elle em sua nao e com elle outros dous portugueses, que conhecendo que erão rumes cortarão as amarras á nao, pera que fosse varar na terra; o que vendo os rumes que a nao hia desamarrada a forão tomar com as fustas. O que os portugueses vendo fogirão pera terra no parao da nao. Após elles remarão os rumes, e os alcançarão, e elles se deitarão a nado, e todauia hum foy tomado, e os outros se saluarão na terra, e este que tomarão logo o meterão em huma galueta e o mandarão ao capitão d'Adem, que era rume. O que sabido polo Rey de Caxem mandou secretamente duas galuetas que tomarão o portugués que mandauão a Adem. Então, porque os rumes lhe nom queimassem o porto, em que estauão muytas naos, fez concerto com elles. Dandolhe muyto dinheiro assentou pazes com grandes seguridades, com que os rumes em nada nom fizerão nenhum mal, mas ficarão todos seguros e muy pacificos, com que todos andauão na terra folgando, e elles conuidarão os portugueses a comer e folgar, e os nossos assy a elles, e hião dentro ás galeotas vêr e fallar com alguns christãos que andauão por remeiros, que erão leuantiscos e biscainhos, dos quaes souberão que estauão prestes oitenta galés, que se affirmaua que auião de passar pera Ormuz. O que todo o Rey de Caxem escreueo ao Gouernador; mas elle nom ouve isto por certo, porque era vindo o Pereirinha do Estreito, que dera a noua mais certa em contrairo d'esta, que as galés se concertarão e que se tornarão a desarmar, e que estauão de repouso.

Sendo já em mayo chegou a Goa Bastião Riscado, que veo de Melinde, e deu noua que partira de Melinde em companhia de Jacome Tristão, que lá ficára, e sendo trinta legoas de terra se apartarão, e que a nao Graça, de Simão de Mello, se perdera junto de Melinde, e se saluára a gente e alguma fazenda; e que Martim Correa, que hia no nauio pera o Reyno, fôra andar ás prezas na costa, e se perdêra tambem na costa, e que a gente se saluára, e que Simão de Mello e Martim Correa, com a mais da gente, vinhão em São Felipe com Jacome Tristão; e que contarão que vindo na viagem do Reyno, sendo tres gráos aquy além da linha lhe derão calmarias, com que tornarão 'arribar á costa de Melinde onde se perdera. E d'ahy a sete dias chegou a Goa o batel da nao de Simão de Mello carregado de vinhos e azeites, que os marinheiros carregarão, e lhe aleuantarão os bordos, e * com * mastos e velas e mantimento bem concertados nauegarão, e forão tomar Çacotorá, onde acha-

rão a nao de Jacome Tristão, e ambos em companhia partirão pera' India, e porque o batel andaua mais deixou a nao, e chegou primeiro a Goa seis dias que a nao, que logo foy metida em Goa velha pera hy enuernar.

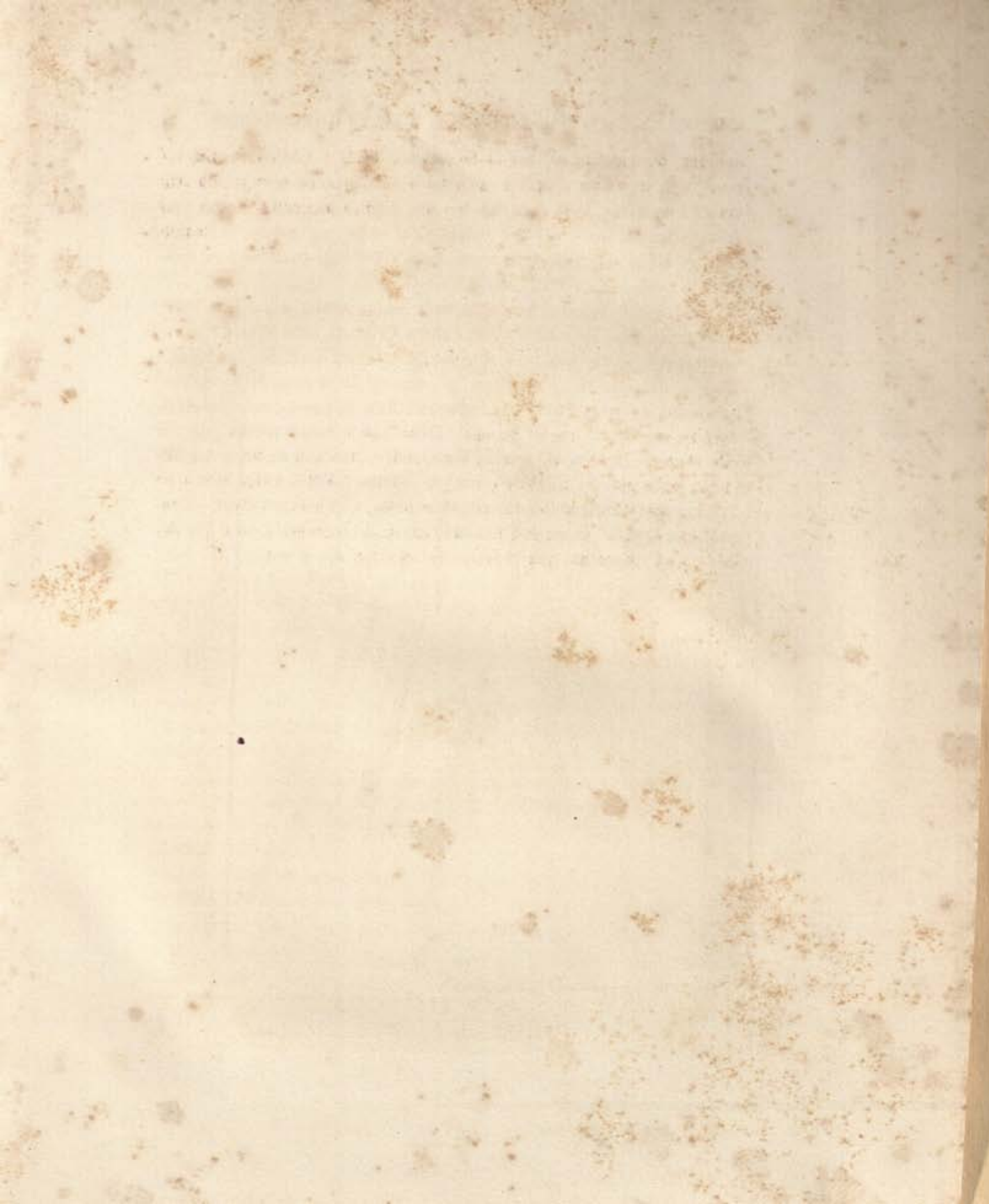
CAPITULO LXIX.

COMO GOA FOY POSTA EM FOME PELOS BAZARUQOS PEQUENOS, QUE FEZ O GOUERNADOR E O VÉDOR DA FAZENDA ALEIXOS DE SOUSA.

N'ESTE inuerno, porque auia muyta falta de bazaruqos, que auia d'elles grande saqua pera a terra firme, per albitre d'Aleixos de Sousa, veador da fazenda, mandou o Gouernador fazer outros bazaruqos mais pequenos, em tanta maneira que saya o quintal do cobre feyto em bazaruqos em preço de trinta e seis pardaos, que são dez mil e oitocentos reis. E logo mandou deitar pregões, com grandes penas, que mais nom corressem os outros bazaruqos grandes, e que quem os tiuesse os fosse entregar á feytoria, e lhe darião outros tantos [1] *dos* pequenos; que inda querião fazer este roubo ao pouo, porque cincoenta d'estes grandes pesauão setenta d'estes pequenos, e nom lhe auião de dar peso por peso, sómente tantos dos pequenos como entregassem dos grandes. Polo que o pouo fazia grande cramor por este roubo, e mórmente porque todolas cousas que se vendião na praça crecerão em dobro do preço por caso d'esta moeda pequena; porque na terra firme, onde hião comprar com ella, lhe tomauão dous por hum, com que a cidade veo a estar em grande falta de todolas cousas do mester da praça, que as nom querião vender, porque o Gouernador com pena posta mandaua que vendessem pola taxa dos bazaruqos grandes. Sobre que a cidade fez grandes requerimentos, e protestos, e estormentos pera ElRey; mas o Gouernador zombaua de tudo. Com que todo o inuerno ouve grande careza de todolas cousas, com que auia grande cramor no pouo, per que o Gouernador daua muy pouqo, com seu muyto dinheiro que tinha bem guardado, sem querer fazer nenhum pagamento á gente, sómente os quartés; com que os homens soffrião muyta

[1] *de* Autogr.

pobreza, porque elle * quando * os ordenou tirou o mantimento aos homens, que erão doze cruzados cad'anno, e lhos mandou carregar no vencimento do soldo, e de doze lhe fez oito, e tirou os quatro dizendo que erão do tempo do verão, que andauão d'armada, que comião do mantimento d'ElRey. O seruiço que n'isto fez a ElRey ante Deos lhe será apresentado.

Passado o inuerno, que erão treze dias d'agosto, veo a Goa Diogo de Reynoso, em dous catures, que vinha de Chalé onde enuernára, e o Gouernador se queixou com elle porque se viera sem seu mandado, e elle lhe dixe que vinha cuidando que achasse já as naos do Reyno, em que vinha por Gouernador da India dom João de Crasto, que lho escreuera na nao São Felipe de Jacome Tristão que já estaua prestes pera vir este anno. E mostrou a carta ao Gouernador, com que mostrou que folgaua; polo que, ou por esta carta, ou por lho tambem terem escrito do Reyno e elle o callaua, logo despejou as casas, e as mandou cayar e alimpar, e se foy per' as casas d'Antonio Correa, e aleuantou a mesa que daua, e assy esteue até que chegarão as naos que forão estas.

DÕ JOÃ DE CRASTO

LENDA

DE

DOM JOÃO DE CASTRO,

TREZENO GOUERNADOR [1].

ARMADA DO ANNO DE 545.

CAPITULO I.

DE QUANDO O GOUERNADOR DOM JOÃO DE CRASTO CHEGOU A GOA, E COM ELLE VEO RESXARAFO PERA GOZIL D'ORMUZ, QUE AO REYNO FÔRA PRESO; E OUTRAS COUSAS QUE TROUXE.

SENDO vinte d'agosto veo noua a Goa que parecia huma nao ao mar. Ao que o Gouernador mandou hum catur, que a errou, e a nao ao outro dia chegou a Goa, que era a nao Burgaleza, de que vinha capitão Simão Peres d'Andrade, filho de Fernão Peres d'Andrade, que o anno passado arribára ao Reyno. O qual deu noua que atrás ficaua dom João de Cras-

[1] Accrescentou-se este titulo, e adverte-se que a D. Estevam da Gama pertenceria o 12.º logar na serie dos governadores, a Martim Affonso de Sousa o 13.º, a D. João de Castro o 14.º, e assim por diante, se o auctor não tivesse, contra o seu costume, apartado o vicerei D. Garcia de Noronha.

to, que vinha por Gouernador da India na nao São Thomé, que ElRey mandaua que n'ella se fosse Martim Afonso, que acabaua o tempo de sua gouernança; e que vinha Gracia de Sousa na nao Urqua, onde vinha Jorge Cabral, com sua molher, pera capitão de Baçaim, e dom Manuel da Silueira, capitão pera Ormuz, que vinha na nao Zambuqo; e na nao São Pedro vinha dom Jeronymo de Noronha pera capitão de Baçaim, em cuja auagante auia d'entrar Jorge Cabral; e Diogo Rabello * era o * capitão da nao Santisprito, armador [1]. E sendo o primeiro dia de setembro chegou a Goa o Gouernador dom João de Crasto, e Gracia de Sousa, e dom Jeronymo; e aos dez do mês chegou dom Manuel da Silueira. Chegado assy o Gouernador, Martim Afonso lhe mandou sua visitação em huma fusta muyto bem concertada, pera desembarquar, se quigesse, offerecendolhe a pousada, a qual o Gouernador aceitou, e ao outro dia desembarqou na fusta, e em outras, e catures, e batés, com muytos fidalgos que o forão visitar e os que vinhão nas naos, com trombetas e charamellas que lhe Martim Afonso mandára. E veo assy, e foy desembarquar na pousada de Martim Afonso, nas casas d'Antonio Correa, e Martim Afonso o veo receber ao sayr do batel, onde ambos se abraçarão com grandes cortesias, e ally esteue este dia e dormio a noyte, e ao outro dia Martim Afonso lhe fez sua residencia e entrega da India, segundo costume. E ao outro dia, que foy sabado, ambos se embarcarão em manchúas e catures e fustas, com prazeres e bandeiras e tangeres, e se forão ao caes da cidade, onde os officiaes da cidade, com muyto pouo, lhe fizerão seu recebimento d'arenga e paleo, e Martim Afonso lhe fez entrega das chaues da forteleza, e entrarão a cidade com suas folias, e pellas e danças, e ruas enramadas até a igreija, onde o bispo lhe deitou agoa benta, e feyta sua oração se tornarão, e a pé forão até o pé da escada das casas, onde se despedirão, e o Gouernador sobio pera cima, e Martim Afonso caualgou e se tornou ao caes e meteo nas manchúas com suas charamellas, * e * se tornou pera suas casas. E d'ahy a dous dias foy vêr o Gouernador com muyta gente de caualIo, e se foy á Igreija, onde estaua ouvindo a missa, a qual acabada se forão a casa, onde o Gouer-

[1] *Falcão* em logar da nao Zambuco, capitão D. Manuel da Silveira, traz a nau Sancta Cruz, capitão D. Manuel de Noronha; e dá Simão Peres de Andrade por capitão da nau Salvador, e Garcia de Sousa da S. Matheus.

nador lhe fez grande banquete; e sempre d'ahy em diante se visitarão com grandes comprimentos d'amisades. Então Martim Afonso despachou quanto quis com o Gouernador, e muytas confirmações de cousas que elle tinha dadas a seus amigos, e o Gouernador lhe fez quanto elle quis. E sendo de todo despachado se despedio do Gouernador, e se embarqou em hum galeão, e se foy a Cochym. E como Martim Afonso era muy resabido fez huma petição ao Gouernador, em que lhe pedia e requeria que elle mandasse deuassar e tirar testimunhas, quaesquer pessoas que lhe bem parecesse, e soubesse quanto dinheiro tinha recebido do mouro Cojexemeçady, que estaua em Cananor; porque elle nom tinha d'elle recebido mais que oitocentos mil pardaos d'ouro, e que auia voz no pouo que lhe dera dous contos de pardaos; que os que tinha recebidos daria d'elles conta a ElRey; que por tanto pera sua limpeza compria que esta deuassa mandasse tirar, e dar por estormento o que se achasse. O Gouernador lhe respondeo que indaque já lhe tinhão dito o dito do pouo que nom lhe daua nada d'isso, que elle nom vinha á India a buscar dinheiro, sómente a seruir ElRey; que se pouqo ou muyto recebêra do mouro lá fosse dar conta a ElRey; e que se queria a diligencia da petição, com que vinha tapar os olhos á gente, que se fosse ao ouvidor geral, que lhe faria o que fosse justiça. Mas Martim Afonso com isto dessimulòu, e nom curou de hir ao ouvidor, e despachou suas cousas e se foy pera Cochym, como dixe.

Veo n'estas naos [1] * Resxarafo *, o mouro d'Ormuz que ElRey mandára leuar preso per Manuel de Macedo, que a isso sómente veo em hum nauio em tempo do Gouernador Nuno da Cunha; o qual mouro ElRey mandára leuar pera d'elle auer enformação das peitas que dera ao capitão d'Ormuz e ao Gouernador dom Duarte, com que escapára da prisão em que estaua, como já recontey n'esta lenda. Com o qual mouro ElRey usou de misericordia, e nom lhe quis dar a morte por quantos portuguezes fizera matar no aleuantamento d'Ormuz, antes ElRey lhe fez mercê, e o tornou a mandar por gozil d'Ormuz; e por segurança que nom fizesse outro tal erro auia de mandar estar no Reyno hum filho só que tinha, ou senão que désse cinqoenta mil xarafys em fiança, depositados na mão do tisoureiro de Goa. Mas como o mouro quá se vio, deitou bem

[1] * Reyxarafo * Autogr.

suas contas e quis antes mandar e arriscar o filho que o dinheiro, e mandou vir o filho d'Ormuz, e o mandou pera o Reyno nas naos do anno que veo de 546, e então elle se foy pera Ormuz, e o filho foy ao Reyno, o qual ElRey logo tornou a mandar pera seu pay; que nom quis usar de tanta crueza.

Tambem veo n'estas naos prouisão d'ElRey que de sua fazenda nom dessem nada aos fidalgos que dessem mesa; por quanto auião mercês dos Gouernadores, de dinheiro, com que dauão as mesas, e depois no Reyno lhe pedião satisfação do gasto que fizerão em dar mesas; que por tanto quem as quigesse dar fossem de seu dinheiro e propia custa, e que então sem auer esta duvida lhes faria as mercês que lhe merecessem. Tambem n'estas naos veo huma moeda noua, que ElRey mandára laurar dos pardaos d'ouro que mandára Martim Afonso; a qual moeda erão os propios pardaos batidos como cruzado, de valia de mil reis, com as quinas de hum cabo, e da outra *banda* a fegura de São Thomé com letras derrador, que dizião — *India tibi cessit.*

Tambem n'estas naos veo noua que o Emperador era tornado em muyta defferença com o Rey de França, e tinhão muytas guerras; ao que o Rey de França mandára pedir secorro ao Turquo, o qual lhe mandára grande armada com muyta gente, que entrou no porto de Marselha, e porque lhe nom acodira logo com pagamento lhe saquearão a cidade, de que leuarão grande roubo e muytos catiuos, e leuarão os milhores nauios do porto, com que se tornarão á Turquia. E que, em quanto isto se passára, sabendo o Emperador que o Rey de França tinha chamados os turqos, se apercebeo com ajuda do Rey d'Ingraterra e d'ElRey nosso senhor, e dos principes da christindade, e com grande exercito entrára por França fazendo muy grandes males, até o Rey de França se meter em París, onde hum cardeal tratou pazes e os concordou, sómente o Rey d'Ingraterra, que fiqou contra o Rey de França. E que pera firmeza d'estas pazes se trataua casamento [1] *do* dalfim de França com huma filha d'ElRey d'Ungria, sobrinha do Emperador, e *ficaua* o Emperador pera casar com a ifante dona Maria, filha d'ElRey dom Manuel e de madama Lianor [2], que estaua em Portugal, que tinha d'arras oito-

[1] *o* Autogr. [2] Francisco I queimava christãos heterodoxos, em machinas inventadas para lhes prolongar os tormentos, e ligava-se com Solimão II contra

centos mil cruzados, * e se ajustára * que casasse hum filho do Emperador, que já era coroado Rey de Castella, com huma ifante de Portugal, filha d'ElRey nosso senhor: o que se fez per grandes contratos, e foy leuada a Castella pelo arcebispo de Lisboa, que foy acompanhado de muytos senhores com quatro mil de cauallo, com grandes gastos até, a raya onde o ifante dom Luis, e o ifante dom Fernando, seus tios, forão polas postas, que a entregarão na raya, com grandes cirimonias e recebimentos dos senhores de Castella a que a entregarão.

CAPITULO II.

COMO O GOUERNADOR ACRECENTOU OS BAZARUCOS PEQUENOS, PORQUE NOM CORRIÃO, POLO QUE A CIDADE DE GOA ESTAUA EM GRANDE FALTA DE COUSAS DA PRAÇA; E A ORDEM QUE N'ISSO TEUE; SOBRE O QUE SE QUEYXOU MARTIM AFONSO, QUE ESTAUA EM COCHYM PERA HIR PERA O REYNO, SOBRE QUE LHE ESCREUEO HUMA CARTA, E O QUE MAIS PASSOU.

O Gouernador entendendo nas cousas da India, lhe foy logo a cidade com grandes cramores do mal que padecia o pouo por caso dos bazaruqos pequenos que fizera Martim Afonso; mostrando os requerimentos e protestos que sobre isso lhe fizerão, e lhe pedirão muy afincadamente que n'isso prouesse, fazendo os bazaruqos maiores; porque se n'isso nom prouesse a cidade se perderia, polas rezões que já atrás disse. O Gouernador, vendo bem todo, indaque era muyta rezão e justiça o que lhe pedião, como quer que era perda d'ElRey tornar a fazer bazaruqos maio-

principes catholicos. Quanto a qualquer circumstancia inexacta da guerra de 1542 a 1544, lembre-nos que o auctor repete o que na India se contava. A infante D. Maria nunca esteve para casar com o imperador Carlos V, seu thio; mas por este tempo se fallou em a desposar com o duque de Orleans, filho mais moço do rei de França, como depois se lhe proporcionava contrahir matrimonio com Filippe II, viuvo da filha de D. João III; o que lhe transtornou o industrioso amor fraterno d'este seu meio irmão. V.ª *Sousa*, Hist. Genealog. da Casa Real, Tom. III, pag. 468, e *Miguel Pacheco*, Vida de la serenissima infanta Doña Maria, Cap. V, e IX.

res, arreceou muyto de o fazer, temendo que depois em Portugal por isso os procuradores d'ElRey lhe farião demandas e trabalhos; mas vendo que era cousa justa, e por se liurar das accusações, entendeo na cousa com muyto conselho, pera que fez ajuntar os fidalgos, e desembargadores, e ouvidor geral, e chancerel, a que mandou que sobre o caso assentassem determinado acordo, e lho dessem por todos assinado, e que assentando que a moeda se melhorasse fizessem estiba de como seria. E mandou ao veador da fazenda que com todolos contadores tomassem a dita determinação e estiba de quanto se emendaria a moeda, se assentassem que se melhorasse. E outro tanto mandou ao bispo, que se ajuntasse em cabido com o collegio, e com todolos prégadores e leterados da igreija tomassem a dita concrusão, e lha dessem per todos assinada. O que n'estes tres concilios todo foy muy praticado e engiminado, que era muyta justiça pera o seruiço de Deos e d'ElRey, porque se nom perdesse a cidade a moeda se emendasse em tal melhoria, que corresse polos portos d'onde vinhão os mantimentos á cidade. Então o Gouernador, com conselho dos officiaes, mandou fazer outros bazaruqos melhorados, com que o quintal do cobre, que estaua em trinta e seis pardaos da moeda pequena, o puserão em vinte e cinco pardaos, que cinqoenta bazaruqos valião sessenta réis. Nos quaes bazaruqos se poz de hum cabo huma cruz como de meo tostão, e da outra * banda * hum Y grego; a qual moeda logo correo, e a cidade foy auondada de todolas cousas da praça. D'esta cousa mandou o Gouernador o trelado a ElRey, que visse o que era feito. O que sabido de Martim Afonso, que estaua em Cochym, sabendo isto que era feyto na moeda, e que o Gouernador a desfizera, e que d'isso mandaua estormentos a ElRey, cuidando que o Gouernador escreuia a ElRey esta cousa mais agra do que ella era, quis soster que o que tinha feyto era bom e o que o Gouernador fizera errára, e em praticas fallou n'isto quão largo quis. Então fez com Aleyxos de Sousa que o escreuesse ao Gouernador, como de feyto lho escreueo; na qual carta vierão taes palauras que manifestamente foy conhecida ser ajudada de Martim Afonso, em que Aleyxo de Sousa lhe muyto reprendia desfazer elle huma cousa de tanto proueito d'ElRey como os seus bons officiaes tinhão feyto, e vir elle ao desfazer, estando tão bem feyto que se nom podia melhorar, senão entendendo n'isso o peiorar, como elle fizera, que quando ElRey o soubesse logo entenderia quem tinha mandado á India pera lhe fazer proueito de sua fazenda;

mas que por outra parte nom era pera lhe poêr culpa, porque [1] * os recebimentos * de rendeiros e sacadores erão tão arteiros que chegando hum Gouernador lhe vem com taes afagos, e presentes, que lhe fazem entender o que querem, e mórmente Locu comprido, rendeiro mór de todos, que dizem que tangendo bacias e trombetinhas nos recebimentos dos Gouernadores lhe faz feytiços, com que logo lhe os Gouernadores obedecem a tudo que elle quer: e com isto outras palauras que manifestamente decrarauão que desfizera os bazaruqos com peitas. Dom João de Crasto, como trazia o entento a fazer toda verdade, e isto tinha feyto com tão pura limpeza, ouve mortal paixão das palauras da carta, e lhe respondeo muyto mais aspero porque entendeo que Martim Afonso fòra o ajudador; polo que na reposta fallou muy largo e muy agastado. E mandou huma prouisão que logo o Aleyxos de Sousa fosse preso em ferros, e sua fazenda socrestada e entregue a quem a entregasse com elle a ElRey; do que o Aleixos de Sousa ouve auiso, e saluou sua fazenda, e escondido se foy pera o Reyno.

E porque na reposta que o Gouernador mandou 'Aleyxos de Sousa muy descubertamente toqaua o Martim Afonso, elle tambem fallou largo á sua vontade quanto quis; polo que ficarão muy desauindos, desfazendo o Gouernador muytas cousas que lhe tinha confirmadas a homens seus amigos, e por seus rogos. O que sabido por Martim Afonso deu auiamento a carregar as naos, e por se vingar do Gouernador lhe fez bulra, que quando partio de Goa fiqou ao Gouernador que lhe deixaria no tisouro de Cochym cem mil pardaos d'ouro, pera se baterem e fazerem em portugueses, pera se comprar e encelleirar pimenta pera as naos que viessem pera o anno; com que o Gouernador fiquaua muy contente e descansado, porque lhe ficaua aquelle dinheiro com que faria a carga de dous annos, porque sabia que as naos nom auião de trazer cofres pera carregar. E tanto que Martim Afonso teue as naos prestes se partio, sem deixar ceytil no tisouro, e escreueo huma carta ao Gouernador, em que lhe dizia que lhe nom deixaua os cem mil pardaos que lhe ficára de deixar, porque os estando contando pera os mandar ao tisouro lhe lembrára que quando partira de Portugal ElRey lhe mostrára huma carta, que lhe elle mandára da India, em que lhe dizia que a India rendia tanto que

[1] * o recebimento * Autogr.

era escusado de mandar cofres nas naos pera' pimenta; dizendolhe ElRey que assy o tinha sabido d'outras pessoas por muyta verdade; que por tanto lhe escusasse este trabalho e gasto, pois que o podia bem fazer; e com esta amoestação o mandára ElRey, e o pôs tanto em obra que nunqua em seu tempo lhe mandou dinheiro pera' carga, e que se Deos lho nom deparára tiuera muyto trabalho em carregar as naos sem dinheiro, e que pois elle dera este albitre a ElRey em lho escreuer da India, ouvera seu acordo de lho nom deixar, porque ElRey o nom ouuesse por mal; e que por tanto leuaua o dinheiro. E se embarqou e foy, sem deixar hum só vintem, nem sómente pagar diuidas d'ElRey que se fizerão no corregimento das * naos *. O que quando foy dito ao Gouernador que Martim Afonso lhe nom deixára o dinheiro, foy muy magoado, e ouve d'isso muyta paixão.

CAPITULO III.

COMO O REGEDOR TYTOR DO MENINO REY DE BISNEGÁ FEZ EXERCITO CONTRA O IDALCÃO, E OUVE SENTIDO QUE SEUS CAPITÃES SE QUERIÃO ALEUANTAR CONTRA ELLE, POLO QUE OS MATOU; E O MODO QUE N'ISSO TEUE, E O DESBARATO QUE FEZ O IDALCÃO NO ARRAYAL DOS CANARÁS.

JÁ atrás contey como Martim Afonso mandára Galuão Viegas por embaixador ao Idalcão, sobre os concertos de lhe dar o Meale por cincoenta mil pardaos d'ouro; onde chegando ao Idalcão nosso embaixador nom fallou em despacho, porque o Idalcão partio com gente a certo negocio, que foy este, a saber:

Já n'esta lenda contey como este Idalcão fora a Bisnegá por grande soma de dinheiro que lhe derão, auendo em Bisnegá as deferenças do Rey menino, e como se tornára com tanto dinheiro; polo que, ficando o regedor assentado poderoso no Reyno fez ajuntar muyta gente pera vir dar no Idalcão; porque este regedor era muy valente caualleiro, e todos os grandes do Reyno lhe tinhão muyto medo, mas lhe querião grande mal, e muyto desejauão de o matar ou desapossar do Reyno, que nom fosse titor do menino. O qual regedor com grande exercito partio de Bisnegá

pera entrar no Balagate, e andando a primeira jornada, que chegarão a hum grande campo em que assentou arrayal, os capitães, que erão grandes senhores, que pera isso já todos hião concordados, todos juntos fallarão ao regedor fazendolhe grandes requerimentos que elle guardasse as leys e costumes antigos do Reyno; porque se o nom fizesse nom lhe obedecerião. A qual ley e costume era que quando o Rey era menino que ouvesse de ter regedor que auia de ser bramine, e que porque elle o nom era nom podia ter o menino, nem ser regedor do Reyno. O regedor, vendo esta nouidade e aleuantamento em todos, com muyta dessimulação, como homem muy auisado que era, mostrando muyto leda vontade logo ally respondeo que era muy contente de tudo fazer, porque tinha bem sentido o grande trabalho que era reger reyno alheo; mas porque tanto compria se fazer o caminho que tinhão começado contra o Idalcão, lhe parecia bem, se elles fossem contentes, que nom se bolisse a gente e arrayal que ally estaua, e que elles sómente se tornassem á cidade, onde escolhessem, e fizessem todo o que se auia de fazer; e que sendo acabado, quem quer que fosse feyto regedor viesse ally tomar o arrayal, e fosse fazer esta guerra. E sobre isto fallou outras muytas cousas, com que todos assentarão que era bem o que dizia, segundo virão o contentamento que mostraua em o fazer; e o regedor, como homem muy prudente soube isto segurar com elles, porque ouve medo que achasse a cidade aleuantada e amotinada contra elle; o que se assy fosse fiquaua sem remedio sua determinação, que no coração tinha assentado. De modo que sendo todos conformes a tornar á cidade pera fazer regedor nouo, deixarão o campo assentado como estaua, e os capitães e grandes senhores se tornarão com o regedor á cidade. O qual teue tal endustria, que sendo todos dentro nos paços, que erão muy grandes, tinha elle dentro escondidamente mil homens, todos seus parentes e de sua valia, e outros que tinha na cidade, que todos estauão por elle, que logo fecharão as portas da cidade e os paços, e os tomou todos ás mãos, em que matou muytos com justiças, e outros cegou, e * a * outros cortou os pés. E fez outros * capitães * de nouo, a que deu as terras e honras d'estes; de maneira que todos ficarão feytos da sua mão e da sua valia, que todos o obedecerão por Rey. E assentando tudo á sua vontade se tornou ao campo, e ordenou as capitanias, e foy seu caminho em busca do Idalcão, que tambem vinha com grande poder. E antes que se ajuntassem os arrayaes

ouve recontro de gente que vinhão diante dos arrayaes, em que ouve muy grande batalha, mas com a gente do Idalcão na dianteira vinhão taes capitães que derão tão fortemente nos canarás, que matando muytos d'elles os puserão em desbarato, e os forão seguindo e matando até chegarem ao corpo da gente, que tambem foy em desbarato, que os desbaratarão os propios seus que vinhão fogindo; com que de todo os canarás forão vencidos, ficando aos mouros grande despojo. Polo que então conueo ao regedor fazer concerto de tregoa por hum anno, e esto por grã soma de dinheiro que lhe deu o regedor, que foy hum conto de pardaos d'ouro. Com que o Idalcão se tornou a suas terras com grandes honras, fazendo grandes pagamentos a suas gentes, e mercês a seus capitães, com que a todos trazia muy contentes; que isto fez sempre depois que lhe aconteceo o aleuantamento dos seus, da outra vez que fôra a Bisnegá pera ser Rey, como já atrás fica contado.

CAPITULO IV.

DA MESSAGEM QUE O IDALCÃO MANDOU AO GOUERNADOR SOBRE O CONCERTO QUE MARTIM AFONSO LHE FALTÁRA SOBRE O MEALE, PEDINDO QUE LHO COMPRISSE, E A REPOSTA QUE LHE O GOUERNADOR DEU, E DAS HONRAS QUE FAZIA AO MEALE COM MOSTRAS DA GENTE NO CAMPO.

Tornado o Idalcão com sua grande vitoria nom quis vêr o nosso embaixador que lá estaua, nem o despachar, fazendo fundamento de nom fazer nada com Martim Afonso; sómente o faria com outro Gouernador, se viesse, como veo, que d'ahy a pouqos dias chegou dom João de Crasto, ao qual logo mandou messigeiro de visitação, e cartas d'offerecimentos e comprimentos d'amisades. Ao que lhe o Gouernador respondeo com os mesmos comprimentos, dizendo que como despachasse as naos da carga que então lhe mandaria seu recado sobre o que mais comprisse. Da qual reposta o Idalcão fiqou contente, e fallou com Galuão Viegas, e lhe disse que escreuesse ao Gouernador que era chegado como Martim Afonso o mandára por embaixador sobre concertos feytos de lhe dar o Meale polos cincoenta mil pardaos, e sendo tudo assentado mandára a elle pera vêr o juramento que auia de fazer, e que depois de o ter feyto Martim

Afonso nom quisera comprir o concerto, e que por assy faltar elle o retinha; que por tanto elle comprisse o concerto posto, e logo mandaria os cincoenta mil pardaos d'ouro. O que Galuão Viegas assy fez como lhe mandaua o Idalcão, e tambem o Idalcão o escreueo a•o• Gouernador, e mandou as cartas a hum seu feytor que tinha em Goa, que as deu ao Gouernador, que fiqou muy espantado sendo certificado que Martim Afonso com verdade entendia em tal concerto, e respondeo ao Idalcão, dizendo que pois auia tanto tempo que com Martim Afonso fizera este concerto como nunqua ouvera com elle concrusão? Mas que se d'isto tinha assinada obrigação de Martim Afonso, que al não poderia fazer senão comprilo, em que lhe pês; mas que pois elle nom ouvera n'isto concrusão com Martim Afonso, que elle nas cousas do Meale nom poderia fazer nada, sem primeiro o fazer saber a ElRey seu senhor. E esto por quanto Meale era principe, e com suas cousas nom podia bolir sem ElRey o mandar. Da qual reposta o Idalcão fiqou muy agastado; e mandou logo seu messigeiro com o nosso embaixador com os cincoenta mil pardaos d'ouro, e com dous capitães seus com quatrocentos de cauallo e dous mil de pé. E o messigeiro passou, ficando a gente da banda d'além á vista de Banestarim. O qual messigeiro per sua carta de crença disse ao Gouernador que ally estaua nosso embaixador com o dinheiro, que tudo logo entregaria; que pois elle compria com sua obrigação que agora comprissem com elle, senão que elle faria o que lhe compria. Isto era a hum sabbado. O Gouernador fez honra ao messigeiro, dizendo que ao outro dia o despacharia.

CAPITULO V.

D'OUTRA REPOSTA QUE O GOUERNADOR DEU AO MESSIGEIRO DO IDALCÃO, ESTANDO NO CAMPO COM TODA A GENTE, SENDO PRESENTE O MEALE E SEUS FILHOS, A QUE O GOUERNADOR FAZIA MUYTAS HONRAS.

Ao outro dia, que foy domingo, o Gouernador depois de jantar caualgou com muyta gente de cauallo, e toda a gente com muyta espingardaria, e os bombardeiros com oito tiros encarretados, e tambores, e pifaros, e bandeiras, e trombetas, e atabales, e diante a destro hum seu cauallo

acubertado de armas branqas aceiras, e elle armado em huma coyra de laminas de cetim crimisim, e calças de grã, e espada riqa, e gorra com muytos penachos, e o Meale e seus filhos junto com elle em ginetes muyto riqos, e com muytos criados, e sombreiros e auanos, com todos seus estados. Fazendolhe o Gouernador muytas honras, sayo ao campo com escaramuças e batalhas, e com çoyça, fazendo o caraquol, tirando muyta espingardaria e os tiros das carretas, com muytos prazeres escaramuçando, e correndo com o Meale. Ahy mandou chamar o messigeiro do Idalcão, e lhe disse que se tornasse embora, e dissesse ao Idalcão que nom era elle o homem que tinha duas palauras; que o que lhe já tinha respondido ácerqua d'aquelle principe que ally estaua presente, aquillo auia de ser, e mais não; que por tanto fizesse como quigesse, que ally estaua prestes pera o seruir quando mandasse. E o despedio, e logo passou além, e o Gouernador se tornou á cidade com seus prazeres. O messigeiro com os capitães e gente, e com o embaixador, se tornarão ao Idalcão, o qual, sabendo a reposta que lhe o Gouernador dera assy no campo fazendo ao Meale tantas honras, fiqou muy ayrado, dizendo que elle em pessoa hiria dentro a Goa, e traria o Meale polas orelhas, em que pês ao Gouernador e a quantos com elle estauão, e se entregaria de dous contos d'ouro que Martim Afonso ouvera d'elle com tiranias, e do seu escrauo Acedecão, e logo mandaria recolher suas terras. E mandou aos nossos embaixadores meter em muy estreita prisão, em que forão muy agoniados.

CAPITULO VI.

DE OUTRA EMBAIXADA QUE O IDALCÃO MANDOU AO GOUERNADOR, A QUE LHE O GOUERNADOR NOM RESPONDEO, DIZENDO QUE NOM RESPONDIA, POIS PRENDIA O EMBAIXADOR QUE LHE MANDARÃO; COM QUE OS NOSSOS NOM PASSAUÃO, E OS PORTOS ESTAUÃO ALEUANTADOS.

Dahy a pouqos dias o Idalcão mandou outro messigeiro ao Gouernador, dizendo que logo lhe entregasse o Meale e todo o dinheiro que lhe leuára Martim Afonso, e largasse as terras que dera forçadamente; porque se logo tudo lhe nom satisfazia lhe mandaria fazer a guerra. D'esta

messagem teue o Gouernador auiso antes que chegasse o messigeiro, o qual o Gouernador mandou receber com mais honra que todos os outros, e o recebeo na salla com muytas honras, em estrado, onde lhe mandou dar cadeira gornecida, com alcatifa aos pés. Onde na salla estauão muytos fidalgos, e antes de o messigeiro fallar o Gouernador lhe disse que estaua muy espantado do Idalcão, que era tão grande senhor, fazer cousa tão mal feyta como era ter preso o embaixador; que tal cousa nom fazião os bons principes e Reys. E que quando o fazião era bem que lhe nom ouvissem seus recados, nem recebessem seus embaixadores; mas que por quanto os portugueses era a milhor gente que auia no mundo, elle queria ouvir seu recado; o qual lhe o messigeiro assy deu, e o Gouernador o escutou, e acabado de o ouvir lhe respondeo que bem ouvira seu recado; que logo se tornasse embora, porque se nom auia de responder a homem que tinha preso o embaixador. E o despedio sem mais reposta. Com que se o messigeiro tornou; com que os passos e portos ficarão duvidosos, que ninguem ousaua de passar á terra firme; mas comtudo corrião polos passos as cousas de comer.

CAPITULO VII.

COMO SE ALEUANTOU O PORTO DE DABUL, ONDE O GOUERNADOR MANDOU SECORRO D'ARMADA POLO FEITOR QUE LÁ ESTAUA, DE QUE FOY CAPITÃO NUNO PEREIRA, CASADO DE GOA, E O QUE FEZ.

NESTE tempo que tudo estaua meo aleuantado, o digar de Dabul se aleuantou em tantas soberbas contra o nosso feytor e homens que com elle estauão, e lhe fazião tantas perrarias e [1] • forças, que chegando hy huma fusta com quatro portugueses lhes conueo auer com elles • conselho, e se concertarão • de modo • que o feytor se recolheo na fusta. O que vendo o digar lhe veo tolher a embarcação; com que vierão a briga, e matarão hum portuguès, e ferirão de frechadas outro, com que recolhidos se sayrão do rio, e se puserão na barra, determinando tolher a

[1] • forças que lhes conueo que chegando hy huma fusta com quatro portugueses ouve com elles • Autogr.

sayda a huma nao riqa que estaua pera partir pera Meca; e mandarão d'isto recado ao capitão de Chaul: com que a terra fiqou aleuantada. Os mercadores da nao, vendo que o feytor lhe tinha a barra tomada, vierão á fusta com rogos e peytas, que lhe nom tolhesse a sayda á sua nao, e tambem do digar muytos rogos que se tornasse pera' feytoria, e lh'entregaria os mouros que aleuantarão a briga. O que o feytor nom quis fazer, mas mandou a Goa recado ao Gouernador do que lhe era feyto. Ao que o Gouernador logo mandou armar doze fustas, em que meteo por capitães homens casados abastados, e n'ellas mandou por capitão mór Nuno Pereira, homem fidalgo, tambem casado. E bem concertados, os mandou que corressem os portos até Dabul, porque já todos estauão aleuantados, e os passos pera Goa já nom corrião; e que andassem na costa, e nom fizessem nenhum mal na terra até nom vêr seu recado, por quanto elle nom auia de romper guerra com o Idalcão senão que elle primeiro a rompesse. Foy Nuno Pereira com este regimento correndo a costa até Dabul, onde na barra achou o feytor já com duas fustas, que se fôra a Chaul concertar e estaua em guarda das naos que estauão carregadas, que querião partir pera Meca; mas Nuno Pereira entrou no rio sem fazer mal, e mandou comprar de comer a terra, por vêr se aos compradores fazião algum mal. O que vendo os mercadores das naos se concordarão com o digar, que logo mandou seruiço e seu recado ao capitão mór Nuno Pereira, e outros mercadores, que lhe forão fallar com muytas desculpas do passado, e rogos que o feytor tornasse 'assentar em terra. Ao que lhe Nuno Pereira respondeo que elle nom tinha poder pera mandar estar o feytor na terra, nem vinha a lhe fazer mal; mas que logo mandaria recado ao Gouernador do que elles dizião, e então faria o que lhe elle mandasse. Da qual reposta os mouros ficarão desconfiados, e mostrando que assy era bem ficarão assy n'esta paz, hindo a terra folgar os lascarys, sem ninguem os anojar.

Os mouros, arreceosos que as fustas assy armadas nom erão aliy vindas senão a lhe fazer mal, como era noyte descarregauão das naos o que podião, e em barqos leuauão as fazendas polo rio dentro; o que sendo sabido dos nossos ouverão seu conselho, e assentarão tomar as naos, e as ter reprezadas até o fazer saber ao Gouernador. Os mouros, como determinarão descarregar as naos e saluar as fazendas, se aperceberão pera as defenderem se os nossos lhas quigessem tomar, e tinhão encu-

bertamente assentados muytos tiros sobre as fustas, e estauão d'auiso, que como virão os nossos recolhidos, e que remauão polo rio acima, derão n'ellas tantos tiros da terra, e das naos, que tambem estauão bem armadas, que as fizerão sayr do rio muy depressa, e se puserão na barra: do que se deu a culpa a serem casados riqos, e nom quererem arriscar suas vidas. Com que os mouros ficarão muy valentes, e fizerão muy forte hum baluarte que estaua no rio, em que assentarão muyta artelharia pera sua defensão. Do que logo * os nossos * mandarão recado ao Gouernador, que lhe mandou dizer que pois na briga nom forão homens pera se vingar, nom se arriscassem a nada, e estiuessem como estauão até vêr seu recado.

CAPITULO VIII.

COMO A PAZ COM O IDALCÃO FOY ASSENTADA, E O FEYTOR FIQOU ASSENTADO NA FEYTORIA DE DABUL, COMO ESTAUA.

O Gouernador nom queria fazer o rompimento, e aguardaua que os mouros o fizessem em Goa ou nas terras derrador, e passaua o tempo cada domingo sayndo ao campo com muyta gente de cauallo, e com çoyças com muyta espingardaria, e com isgrimas e corridas; com que se tornauão á cidade, elle em pessoa antre todos correndo polas ruas, com a bandeira real diante com seu alferes armado, e huns com outros arrancando as espadas, e esgrimindo huns com outros como tornéo, e o Gouernador antre todos. No que o Gouernador assy passaua o tempo pairando, * por * nom romper a guerra; porque se em Goa a ouvesse teria muyto trabalho, que sómente abastaria a falta da leynha, se nom viesse da terra firme, pera na cidade auer muyta fadiga; e tambem porque o Idalcão inda mandaua suas cartas ao Gouernador requerindolhe o Meale, e cometendo que daria por elle mais dinheiro. Ao que lhe o Gouernador mandou hum seu assinado, em que lhe dizia que nunqua mais lhe mandasse nenhum recado sobre o Meale, senão se fosse pera o receber por Rey e senhor, como era de direito. Então vendo o Idalcão o proposito do Gouernador, auendo seu conselho da muyta perda que recebe-

ria das rendas de seus portos se estiuessem çarrados, e que auendo comnosqo guerra nom podia entender em outra, se lha fizessem per outra parte, dessimulou, e tornou a mandar messagem ao Gouernador de muytas rezões e respeitos porque era rezão que lhe guardasse boa paz. E mandou largar os passos e segurar tudo, dizendo ao Gouernador que usasse com elle como amigo, e nom fizesse tantas honras a seu inimigo nos estados e honras que fazia ao Meale. Ao que lhe o Gouernador respondeo que nom era costume antre os Reys e senhores tratarem mal os principes, aindaque fossem seus catiuos tomados na guerra; que Meale era principe, e que auia de ser tratado como quem era, que indaque assy andasse nem por isso teria poder pera lhe fazer nenhum mal, sómente quando elle nom quigesse guardar muy enteiramente a paz que era assentada de tantos tempos; e que se a bem guardasse nom lhe lembrasse o Meale, porque em quanto estiuesse como estaua em poder dos portugueses nunqua d'elle receberia nenhum mal; e que aueria muyto prazer que largasse e mandasse o nosso embaixador. Ao que lhe o Idalcão mandou brandas palauras e repostas a tudo, e que o embaixador nom tinha já preso, mas o auia de ter bem guardado até auer reposta d'ElRey de Portugal, a que se auia de mandar queixar de Martim Afonso. Ao que o Gouernador respondeo que assy o fizesse, porque ElRey em tudo faria muyta justiça e verdade, como elle veria. E assy fiqou tudo em paz, e o Gouernador mandou tornar pera Goa Nuno Pereira com suas fustas, e que o feytor ficasse na terra. O que assy foy feyto; porque já lá sabia o digar dos portos do Idalcão que erão abertos.

CAPITULO IX.

COMO O GOUERNADOR PROUEO AS CAPITANIAS DAS FORTELEZAS QUE POR ELREY VIERÃO PROUIDAS, E EM GOA MORRERÃO DE BEXIGAS DOUS FILHOS D'ELREY DE CEYLÃO, QUE ERÃO TORNADOS CHRISTÃOS.

ENTÃO o Gouernador despachou pera capitão de Malaca Simão de Mello, que n'ella vinha prouido, e se veo Garcia de Sá, que lá seruia de capitão. E assy fez capitão de Goa dom Diogo d'Almeida, que quá anda-

ua, que viera tambem assy prouido por ElRey, e sayo da capitania dom Gracia de Crasto, que tinha seu tempo acabado; e despachou pera capitão de Chaul 'Antonio de Sousa, que em Dio fôra capitão do baluarte do mar no cerquo dos rumes, e sayo de capitão Francisco da Cunha, que tinha' cabado seu tempo; e proueo em outras cousas, e mórmente em despachar dous ifantes filhos do Rey de Ceylão, que se tornarão christãos per conselho de frades que lá estauão em huma casinha que fizerão; os quaes erão vindos a Goa a pedir ao Gouernador que lhe désse gente, e armada, que os ajudasse a tomar o Reyno de [1] *Candia* e o Reyno de Jafanapatão dentro na ilha de Ceylão, por quanto elles erão desherdados do reynado de Ceylão sendo direitos herdeiros, e erão deitados do herdamento por ElRey de Portugal auer por bem que seu pay os desherdasse, e fosse principe herdeiro hum seu neto; polo que seu pay lhes daua dinheiro pera quanto comprisse pera pagamento das gentes e armada que lhe désse pera assy tomarem os ditos Reynos, e que ficando feytos Reys dos ditos Reynos ficarião [2] *tributarios* no que fosse rezão e honesto que cad'anno pagassem a ElRey de Portugal. O que o Gouernador pôs em conselho, em que assentou de lhe dar 'ajuda que lhe pedião, pois que era tanta rezão, polo encargo em que lhe ElRey nosso senhor era de assy os desherdar de seu reynado; e mais que isto nom fazia despeza a ElRey, pois elles auião de pagar tudo; e que seria bom seruiço a ElRey se os Reynos se tomassem, que ficauão tributarios a ElRey nosso senhor. No que tendo assy assentado sobreueo em Goa doença de bexigas em tanta maneira que em tres meses morrerão mais de oito mil crianças, porque a doença era muyto caroauel ás crianças; das quaes bexigas morrerão estes dous ifantes, hum mês hum apôs outro, os quaes morrerão bons christãos e com testamentos, e se deitarão no habito de São Francisco, onde forão sepultados com muytas honras, e acompanhados do Gouernador e com todolos fidalgos.

[1] *Cande* Autogr. [2] *trabutarios* Id.

CAPITULO X.

COMO O REY DE TANOR MANDOU PEDIR AO GOUERNADOR QUE O MANDASSE FAZER CHRISTÃO, E O QUE O GOUERNADOR N'ISSO ASSENTOU PER CONSELHO DOS FIDALGOS, E O QUE N'ISSO FEZ.

NESTE tempo ouve contenda antre o Rey de Calecut e o Rey de Tanor, que era seu capitão do campo, sobre as terras do rio de Panane, que lhe tomaua o Çamorym Rey de Calecut. E este Rey de Tanor era casado com huma irmã do Çamorym, de que tinha hum filho que era principe herdeiro de Calecut; por quanto na ley d'estes malauares nom herda o filho, porque nom tem primor de casamento, nem molher certa, sómente herda o sobrinho filho da irmã. Pelo que, auendo desauença antre elles, quis o Rey de Tanor auer nosso fauor e ajuda contra o Çamorym; e auendo que esto nom podia alcançar do Gouernador senão fazendose christão, mandou messagem ao Gouernador, nom lhe dando conta de nada, sómente lhe dizendo que a seu coração viera vontade de ser christão, e o queria ser com todo seu Reyno, que elle o faria; que por tanto muyto lhe rogaua que logo lá fosse pera o fazer christão, porque o muyto desejaua; e compria elle hir em pessoa porque se alguns dos seus lho quigessem estoruar os poder deitar fóra de seu Reyno. Ao que o Gouernador lhe respondeo com grandes louvores de sua boa encrinação que tinha em querer ser christão; fazendolhe por isso grandes offerecimentos, e que por nom estar assentado com o Idalcão nom podia hir em pessoa, mas que lhe mandaria seu filho dom Aluaro, e com elle o Bispo, que abastaua se tinha boa vontade; e que se pera mais alguma cousa outra tiuesse necessidade, quando comprisse elle em pessoa hiria. Com que despedio o messigeiro; e mandou com elle o doutor mestre Diogo, prégador e fabricador de São Paulo, homem de boa vida, pera que fosse fallar e doutrinar o dito Rey, se no caso o achasse firme, e tomasse muyta enformação da tenção d'este Rey se querer fazer christão. Com que despedido o messigeiro, auendo o Gouernador a cousa por muy certa, mandou em tanto fazer prestes galeões e galés pera mandar o filho e o bis-

po, tanto que lhe tornasse certo recado de mestre Diogo, o qual d'ahy a pouqos dias mandou carta ao Gouernador, em que lhe mandou dizer que a causa principal a se ElRey fazer christão era a deferença que tinha com ElRey Çamorym lhe querer tomar as terras de Panane, e que indaque se tratauão concertos que todauia achaua vontade no Rey de querer ser christão, mas que os principaes de seu Reyno erão contra isso; polo que o Rey lhe pedia que secretamente o fizesse christão, e a dous seus irmãos que o querião ser, mas que queria que elle fosse presente em pessoa, por mais sua honra e fauor, porque estaria seguro que ninguem lhe faria offensa; e lhe certificaua que em elle chegando logo se faria christão. Sobre o que o Gouernador ajuntou todos a conselho, e com o bispo, *pera* o que deuia de fazer, e per todos foy assentado que em nenhuma maneira do mundo o Gouernador n'isso se mais encarregasse; que sómente, fazendose ElRey christão, [1] *mandasse* quem o doutrinasse e *lhe* ensinasse nossa santa fé, e o desenganando primeiro que se tiuesse debates com os seus, ou com o Çamorym, que elle Gouernador o nom podia ajudar contra elle sem primeiro auer recado d'ElRey de Portugal, por caso das pazes que erão assentadas com ElRey de Calecut e com os Reys de Malauar; e isto compria que assy fosse, porque d'outra maneira, querendo soster este Rey e lhe dar fauor, como compria tornandose christão, se tiuesse contenda com o Çamorym e nós o ajudassemos, logo seria aleuantada a guerra do Malauar, com que se causaria tantos males de morte de gentes, e tão grandes despezas a ElRey nosso senhor. E tambem que nom auia nenhuma necessidade de o Rey ser christão, nem que o deixasse de ser, pera cousa que comprisse ao seruiço d'ElRey nosso senhor; e mais que estaua manifesto que sendo feyto christão, com esperança de nossa ajuda tomaria soberbas e debates, com que, se lhe fosse mal, o que estaua certo pois que seu pouo nom era contente de elle se tornar [2] *christão, pedindo* nossa ajuda pera seus negocios, se lha nom déssem, fiqaua em muyta falta e descredito nosso. O que todo bem praticado e engiminado per todos, foy assinado que se nom fizesse outra cousa senão como o Rey nom esperasse por nossa ajuda, e que todauia lá nom fosse o Gouernador em nenhuma maneira, pois tinha justa escusa á duvida em que estaua com o Idalcão.

[1] *mandarlhe* Autogr. [2] *christão ao que pedindo* Id.

CAPITULO XI.

COMO JORDÃO DE FREYTAS, CAPITÃO DE MALUCO, MANDOU PRESO AO GOUERNADOR O REY DE MALUCO, COM DEUASSAS DE CULPAS, QUE FOY DESPACHADO EM ROLAÇÃO QUE O REY FOSSE TORNADO A SEU REYNO, E O CAPITÃO FOSSE TRAZIDO PRESO EM FERROS.

Neste tempo chegou a Goa dom Jorge de Crasto, que vinha de Maluco onde fôra capitão, e trazia comsigo o Rey de Maluco, chamado Aeyro, o qual Jordão de Freitas, que lá ficaua por capitão, o prendeo e mandou ao Gouernador com autos e deuassas, dizendo que tinha concertos com os castelhanos que estauão na ilha de Tidore, que he muyto perto d'esta de Ternate em que está nossa forteleza. E segundo a opinião do pouo se dizia ser grande falsidade; sómente o capitão isto fizera por grossa peita que lhe dera hum regedor que ficára regendo o Reyno, ou tambem que lhe pareceo que faria mais seu proueito nom auendo Rey na terra; e per qualquer causa que foy, o Gouernador ouve tal enformação do caso que recebeo o Rey com muytas honras, e o mandou muy bem aposentar. E ouve por muy mal feyto o que fizera Jordão de Freitas, e mandou aos desembargadores da Rolação que logo determinassem o caso como vissem que era justiça. E sayrão com sentença que Jordão de Freitas fizera offensa e muyta sem rezão na prisão do Rey; porque as culpas que lhe pusera nom erão prouadas, e que o forão nom erão de sostancia pera desapossar hum Rey de seu Reyno, nem tal deuera de bulir sem primeiro o fazer saber ao Gouernador da India, pois elle nom tinha tal jordição. O que o Gouernador logo despachou com os da Rolação, e mandou o Rey que fosse tornado a toda sua posse e honras, e Jordão de Freitas fosse logo preso em ferros e trazido á India, e que antes que partisse pagasse a ElRey as custas de sua prisão e vinda á India, que logo forão contadas e passada a prouisão pera isso; e assy lhe pagasse toda perda de sua fazenda, que fôra feyta ao Rey em sua prisão, porque lhe tomára quanto lhe achou em sua casa. E mandou por capitão Bernaldim de Sousa, que já viera de Ormuz, pera que fizesse estas enxecuções, com grandes penas que assy o com-

prisse, e socrestasse e mandasse á India toda a fazenda de Jordão de Freitas; porque vierão cartas ao Gouernador, e o soube que era verdade, que Jordão de Freitas assentára tregoa de paz com os castelhanos, e lhe largára os mantimentos, e * os * prouera d'outras cousas de que estauão já tão desbaratados que estauão pera se entregar. O que Jordão de Freitas assy fez cobiçando huma soma de crauo que os castelhanos tinhão, com o qual lhe bulrarão, e nom lho derão tanto que tiuerão na mão o que auião mester; polo que o Jordão de Freitas lhe tornára a leuantar a paz. E o Rey [1] * Aeyro * foy com Bernaldim de Sousa, aposentado em huma boa nao, e muy prouido do que ouve mester, e o despedio o Gouernador com muytas honras. E o Jordão de Freitas depois veo preso á India, e passou o que adiante direy.

CAPITULO XII.

COMO O GOUERNADOR MANDOU ANTONIO DE SOUTOMAIOR AO ESTREITO EM TRES FUSTAS, E DOM BERNALDO CAPITÃO PERA BENGALA, COM ARMADA; E O QUE LÁ FEZ.

O Gouernador despachou pera capitão mór dos nauios que fossem a Bengala dom Bernaldo de Noronha, filho de dom Gracia de Noronha Visorey que foy, o qual leuou armada de nauios e fustas armadas, com voz que hia em busca de nauios de rumes que lá andauão; mas a verdade era hir fazer seu proueito. Com que foy muyta gente, e per outras partes, cada hum a ganhar sua vida. E mandou pera capitão de Choromandel a Grauiel d'Atayde, pera onde se foy muyta gente, porque a terra he mais barata que a India; e tambem mandou ao Estreito Antonio de Soutomaior em tres fustas, a que defendeo que nom entrasse o Estreito. O qual hindo além de Çacotorá tomou huma fusta d'esporão, que mandou a Goa, como adiante direy.

[1] * Aheyro * Autogr.

CAPITULO XIII.

COMO DOM JOÃO MASCARENHAS, CAPITÃO DA FORTELEZA DE DIO, MANDOU CARTAS AO GOUERNADOR, DE CERTEZA DE GUERRA CONTRA A FORTELEZA, E A REZÃO PORQUE.

Assy estando o Gouernador em Goa chegou hum catur com cartas de dom João Mascarenhas, capitão de Dio, que foy aos quinze dias d'abril d'este presente anno de 1546; nas quaes cartas lhe fazia a saber que tinha certeza de guerra. O que foy por esta maneira, e he forçado tornar hum pouqo atraz por dar rezão d'esta guerra que sobreueo, que foy por esta maneira, a saber: Depois da morte do soltão Badur, que em Dio matou o Gouernador Nuno da Cunha, como já atrás fiqa [1] * recontado, todo o pouo * de Cambaya fiqou muy crente que o dito Rey fôra morto com trayção e maldade dos nossos, sendo elle nosso grande amigo. Polo que lhe fiqou mortal odio contra os portugueses, porque tinhão elles visto os grandes bens que o Badur fizera aos nossos, e tão largas mercês, dandolhe forteleza em Dio, com tanto dinheiro pera a fazer, com tantos fauores a todolos portugueses, e nom sabendo elles o segredo da traição que o Badur ordenaua, que fôra a causa de sua morte: polo que assy tinhão este grande odio aos nossos, porque o Badur era muy amado de seu pouo, porque era muy cruel em matar os grandes por muy leues causas, com que se fez muy temido, em tal maneira que nenhum, por grande nem priuado que fosse, ousaua de fazer mal nem tiranisar o pouo, polo muyto que temião ElRey Badur; pola qual rezão o pouo o muyto amaua. E sendo assy morto, socedeo o Reyno o soltão Mamude, seu sobrinho, filho de [2] * Latifacão *, que o Badur matára em batalha como já contey; o qual era moço de doze até quinze annos, [3] * ao * qual os grandes do Reyno, por n'elle fazerem alicerces de suas priuanças por terem mór valia, o muyto acatauão e aguardauão, e o comprazião muyto em

[1] * recontado em todo o pouo * Autogr. [2] * Catifocam * Id. V.ª a nota 3.ª no Tomo III d'estas Lendas, pag. 504. [3] * com o * Autogr.

todolas cousas de seu prazer e vontade, e sobre tudo lhe muytas vezes fallauão na morte do Badur seu tio, que elle era muy obrigado 'acodir por isso, porque fôra morto por trayção e falsidade que o Gouernador Nuno da Cunha lhe armára, sobre o enganar promettendolhe grande ajuda de gente de pé e de cauallo contra os mogores; polo que o Badur soltára muytos portugueses que tinha presos, fazendolhe muytas mercês, e dera a Nuno da Cunha forteleza em Dio, e pera a fazer lhe dera muyto dinheiro, e fizera muytas mercês aos capitães e a todolos portugueses, a que fazia como filhos, cuidando que por estes bens que lhe fazia acharia n'elles ajuda pera contra os mogores, que lhe tinhão tomado o Reyno. E quando a forteleza foy acabada, que o Badur lhe pedio ajuda da gente que lhe tinha prometida, o Gouernador lhe andou com bulras e mentiras, sem fazer nada. Do que o Badur, achandose assy enganado, por elle só se confiar nos portugueses, contra vontade de todolos seus, (que muyto erão contra isso, que todos lhe dizião que se nom fiasse n'elles; mas o Badur, seguindo sua vontade, porque seu coração era bom, todauia lhe fez estes tantos bens) e achandose assy enganado, e que toda a culpa fôra sua, tinha d'isto grande paixão em seu coração, com muyta vontade de tomar d'isto muyta vingança. O que os portugueses n'elle conhecendo a má vontade que contra elles tinha, e o Gouernador, por lhe auer grande medo, lhe ordenou de o prender, e lhe darem tal prisão que por seu liuramento désse todo o tisouro de Cambaya, e sobre isso lhe tomarem taes arrefens que nunqua jámais lhe pudesse fazer mal. E ordenada sua trayção o Gouernador veo a Dio, fazendose doente; o qual chegando, que o Badur soube que assy vinha doente, como bom amigo se meteo em huma fustinha e o foy ver dentro ao galeão, em que estaua muyta gente que se nom atreuerão ao prender; e tornandose pera terra o cerquarão no rio com muytas fustas com muyta gente armada, e com elle pelejarão com oito homens que com elle vinhão sem armas, e o matarão com esta traição, e a todos os que hião com elle, sem escapar mais que sómente Coje Çafar, por ser grande amigo dos portugueses, e d'ahy em diante o foy muyto maior, em tanta maneira que no feyto dos rumes fengidamente fez tudo, porque se elle quisera a forteleza fôra tomada.
« E com os portugueses tem tantas amizades e consultas oje em dia, que »
« quantos portugueses nauegão por Cambaya nom vão senão a seus por- »
« tos, e tem com elles tão estreita amisade que tem muyta confiança que »

« elles o saluarão, se algum mal lhe acontecer em tuas terras. » ElRey, como era moço de fraquo juizo, muyto se indinou contra os nossos, com detriminada vontade de fazer gente e monições, e quebrar as pazes, e matar Coje Çafar, e lhe tomar muyta fazenda que tinha; ao que o muyto encitauão os de sua priuança, porque erão muy enuejosos á riqueza de Coje Çafar, que tinha muytas rendas e estaua descansado em suas terras ganhando muyto dinheiro. Coje Çafar, que era muy auisado e tinha bem entendido as vontades que lhe estes tinhão, sempre na corte trazia espias secretas, com que sempre tinha auisos de quanto lhe compria.

CAPITULO XIV.

COMO AS ALFANDEGAS DOS PORTOS DA ENSEADA DO REY DE CAMBAYA SE PERDIÃO POLAS REPRESARIAS QUE FAZIÃO RENDEIROS PORTUGUESES NO MAR; POLO QUE ELREY DE CAMBAYA MANDOU FAZER GUERRA Á FORTELEZA, COM TENÇÃO DE A TOMAR A FORTELEZA.

PASSANDO assy estas cousas n'este presente anno foy arrendada a alfandega de Dio, que rendia pera ElRey nosso senhor, e foy arrendada a rendeiros portugueses, os quaes meterão em seus contratos que trouxessem fustas no mar, e que fizessem hir a Dio pagar direitos quantas cousas passassem pera Cambaya; aindaque algumas pessoas dizião que o fazião por licença do capitão de Dio pera elle comprar as mercadarias que lhe bem viesse. Assy que de qualquer maneira que foy as fustas andauão ao longo da costa, na ilha das Vaqas junto de Baçaim, e nom consentião passar nada pera Cambaya, e fazião hir a Dio quantas naos e zambuqos passauão pera Cambaya; mas com fustas de portugueses nom entendião. No que dauão muy grande apressão aos mercadores, e muyta perda, porque lhe tomauão as mercadarias os feytores do capitão e dos officiaes, e lhas pagauão a como querião, e nom valia aos [1] » mercadores, a quem erão tomadas suas naos das fustas, quererem ally no mar pa-

[1] « mercadores que sendo tomadas suas naos das fustas que ally no mar querião pagar » Autogr.

gar * os direitos, antes que hir a Dio, pola grande perda que lhe vinha em hirem a Dio; e nom lhe valia nada, que por força os fazião lá hir. Do que os mercadores fazião grandes cramores, sem auer justiça que lhe valesse; porque os capitães das fortelezas nom enriquecem senão com tiranias, sem temor de Deos nem d'ElRey, que dizem que ElRey lhe deu a capitania pera se pagar * cada qual * de seus seruiços.

E pois como assy as fustas de Dio nom deixarão passar nada pera Cambaya, todolas rendas de seus portos se perderão, porque nom tiuerão nenhuma nauegação, sómente Çurrate, que era porto de Coje Çafar, onde hião ter todolas fustas de portuguezes, que elle agasalhaua, e muyto bem pagaua o que compraua, e lhe daua quantas mercadarias querião comprar: no que auia muyto proueito, e mórmente em muyta pimenta que lhe leuauão, que elle carregaua pera Meca; com que tinha muyta riqueza. E porque todas as [1] * fazendas as * fustas fazião hir a Dio, e as fustas que passauão hião a Coje Çafar, ficarão as alfandegas e portos d'ElRey sem renderem nada, polo que os rendeiros todos cramarão aos senhores a que acodião com as rendas, os quaes senhores os apresentarão a ElRey, que todos fizerão grande escramação, e com elles outros muytos mercadores a que em Dio tomarão suas fazendas forçadamente, [2] * contra * as tiranias que lhe fazião, como já disse; ao que ajudarão todos os grandes senhores, dizendo que pois era tão poderoso, nomeado por todo o mundo, o Rey de Cambaya, que era grande quebra de seu estado consentir taes cousas, e tantas soberbas que lhe os portugueses fazião, sobre a morte do Soltão Badur, que era tão obrigado vingar; pera o que tinha tanto poder de capitães, gentes, e tisouro, que se quigesse com sómente a terra cobriria a forteleza com quantos portugueses dentro estauão. Pera o que elles todos estauão prestes pera o seruir com suas fazendas e pessoas até morrer; porque todos muyto sentião esta tamanha deshonra de os portugueses terem forteleza em Dio, com que fazião tantos males e soberbas, que per todolos outros Reynos se fallaua este grande mal; que antes todos querião ser mortos que tal soffrer. Com as quaes palauras fizerão a ElRey tão indinado contra os nossos que logo com elles assentou cerquar e tomar a forteleza, auendo logo conselho sobre o caso a quem encarregaria o feyto; e foy assentado que Coje Çafar. Porque todos lhe que-

[1] * fazendas que as * Autogr. [2] * e * Id.

rião mal fizerão com ElRey que lh'entregasse o feyto, que era tão grande, em que auia de gastar a vida e fazenda; e a ElRey aprouvelhe d'isto porque estaua d'elle mal enformado, com tenção que n'este feyto faria algum erro com que o mandasse matar, e lhe tomaria sua grande fazenda. E os do conselho dizião a ElRey que Coje Çafar era muy usado e sabido n'esta guerra de cerqos e combater fortelezas, e era bem que gastasse o muyto que tinha ganhado em seu Reyno, sendo hum estrangeiro que a elle viera tão pobre; e que encarregandolhe o feyto, se a isso buscasse alguma escusa que logo lhe mandasse cortar a cabeça: o que assy concedeo ElRey, e o mandou logo chamar.

CAPITULO XV.

COMO O REY DE CAMBAYA FEZ CAPITÃO DA GUERRA CONTRA A FORTELEZA A COJE ÇAFAR, MOURO GRANADY, E O FEZ CAPITÃO DA CIDADE DE DIO, E LHE ORDENOU GENTE PERA' GUERRA.

Coje Çafar teue logo auiso de tudo per seus amigos e espias que trazia com ElRey e veo muy d'auiso ante ElRey, que lhe disse que elle era causa perderemse seus portos e rendas, porque era tamanho amigo com os portugueses que todos hião a seus portos, e fazia que andassem no mar fustas que tolhessem a nauegação toda, por ficar maior seu proueito. Coje Çafar, como muy sagaz e auisado, se deitou aos pés d'ElRey, dizendo: «Senhor, se este teu escrauo tal fez nom viua mais, e d'elle» «faze justiça, e de sua molher e filhos; porque em verdade nom tenho» «mais amisade com os portugueses que guardar a paz que com elles tens» «feyta; que bem sabido está quanto foy meu trabalho por te seruir no» «cerquo dos rumes, que nenhum de teu Reyno folgou tanto de o fazer» «como eu. E assy o sempre farey quando me mandares, até morrer,» «como, senhor, verás quando me mandares.» ElRey se mostrou contente da reposta, e lhe perguntou se elle se atreuia a tomar nossa forteleza, porque se o fizesse por isso o faria hum dos principaes de seu Reyno. Coje Çafar lhe beijou os pés, dizendo que as cousas da guerra estauão no querer de Deos; que elle bem tinha sabido o muyto poder que

os rumes trouxerão, e o muyto que fizerão, e nom faltára de se tomar a forteleza senão por o capitão Lurcão nom ajudar com sua gente, mas que auendo gente em abastança, e monições, a forteleza seria tomada, se lhe durassem o cerco com guerra aturada. Disse ElRey : « He minha von- » « tade a ty mandar esse encargo. Doute a capitania da cidade, com suas » « rendas ; doute quanta gente quiseres, e todo o que ouveres mester, e » « faze per maneira que me entregues na mão a forteleza, porque se o » « bem fizeres muyta mercê te farey, e senão com tua molher e filhos vi- » « uos morrerês esfolados. » O Coje Çafar lhe tornou a beijar os pés, dizendo : « Senhor, minhas obras merecerão o que me fizeres. » ElRey mandou que logo se aprecebesse de quanto ouvesse mester, que tudo mandaua que lhe dessem.

CAPITULO XVI.

DOS MODOS QUE TEUE COJE ÇAFAR POR DAR A ENTENDER AOS NOSSOS A GUERRA QUE ELREY QUERIA FAZER Á FORTELEZA, QUERENDO TER OS NOSSOS POR AMIGOS, NOM SABENDO COMO LHE O CASO SOCEDERIA.

Coje Çafar, vendose em tal empreza, sabendo que ElRey lha encarregaua porque d'elle estaua mal enformado, vendo que a vida lhe auia de custar se n'esta cousa fizesse falta, e como era muy auisado e de sotil entendimento, lançando bem suas contas, assentou de fazer suas cousas, e dar tal modo, que os nossos soubessem que elle nom fazia o que fizesse senão por ser mandado por ElRey, com temor de morte ; e primeiro de cometer faria modos de que os nossos tomassem auiso e aprecebessem a forteleza, em tal maneira que visse ElRey que se nom poderia tomar, e cessasse da guerra ; porque se durasse bem via que lhe auia de custar a vida, e porque nom sabia o que socederia queria ter os nossos com alguma boa obrigação, pera que lhe fizessem alguma boa amisade, se lhe comprisse. Então, andando em seu aprecebimento, daua más repostas aos portugueses, e consentia que lhe fizessem offensas e aluoroços em que os espancauão, e elle os nom queria ouvir ; polo que muytos se acolherão em seus nauios pera' India e pera Dio, onde contauão o aleuantamento que vião em Cambaya, e se dizia que auia d'auer guerra. E postoque

isto muyto fallarão ao capitão de Dio, nom lhe pareceo senão que os aluoroços, e máo gasalhado que lhe mostraua Coje Çafar, seria por desmandos que os nossos farião. Vendo Coje Çafar que já erão recolhidos muytos dos nossos, e que por ventura o mexiricarião com ElRey porque os nom represára, o que parecia erro manifesto, o fez saber a ElRey, dizendo que os portugueses se hião pouqos e pouqos pera' India e pera Dio, e que elle os nom represaua porque nom se causasse por isso que o capitão da forteleza, temendose de guerra, se apercebesse. Mas ElRey nom quis isto, e mandou que logo a todos tomasse e prendesse a bom recado; o que Coje Çafar assy fez, mostrando n'isso muyta diligencia. Com que muyto folgou Coje Çafar, porque inda era tempo pera d'isto tomar auiso a forteleza, e se aperceber, e mandar recado ao Gouernador. E isto parece rezão que Coje Çafar per esta causa o faria; porque notorio he que se Coje Çafar com muyta vontade tomára esta empreza, elle se encobrira muyto, e fizera taes amisades e partidos aos portugueses que lá andauão que os fizera que todos lá enuernarão; e mandára atrauessar em Dio todolos mantimentos, que he a mór mercadaria em que os nossos tratão; e com muyta dessimulação aguardára até ser inuerno entrado. Então de supito entrára em Dio, em que achára a forteleza sem nenhum prouimento, nem gente, em que lhe ficauão tres meses d'inuerno, que lhe a forteleza nom poderia tanto defenderse; mas polo querer de Deos foy de maneira que os nossos tiuerão algum entendimento da guerra que auia de ser, com que algum pouqo se concertarão, mas nom que cuidassem que seria o que foy, sómente aueria aleuantamento da cidade, que duraria até o verão, e tornarião á paz. E com este pensamento e descuido estauão de repouso, [1] «sem» tão sómente o capitão o screuer ao Gouernador a Goa, onde estaua; o qual sabendo per algumas pessoas, que lho dizião em praticas, que em Dio auia pouqa gente e mal repairada, o Gouernador mandou que se fosse pera lá Gregorio de Vascogoncellos enuernar, e leuasse alguma gente a que désse mesa; o que elle assy o fez.

[1] «nem» Autogr.

CAPITULO XVII.

COMO O REY DE CAMBAYA FEZ SABER AOS REYS DA COSTA DA INDIA, ONDE ESTAUÃO NOSSAS FORTELEZAS, QUE ELLE QUERIA TOMAR A FORTELEZA DE DIO; O QUE COJE ÇAFAR LHE DEU POR ALBITRE, E A REZÃO PORQUE.

Coje Çafar, por nom ser acusado a ElRey de negrigente n'isto que lh'encarregára, e por se mostrar muyto seruidor, deu arbitre a ElRey que fizesse saber aos Reys e senhores onde estiuessem nossas fortelezas, em como elle mandaua tomar e desfazer a forteleza de Dio, polas offensas e males que os nossos fazião na terra; e lho notifiqaua pera elles fazerem outro tanto, se lhe comprisse; porque elles todos guerreando as fortelezas, os portugueses nom erão tantos que a todas pudessem defender; o que assy sendo, então nom poderião os nossos secorrer a forteleza de Dio, com que mais asinha seria tomada. A ElRey e a todos pareceo este bom conselho, e assy o fez, que a todos o Rey de Cambaya mandou seu recado d'esta cousa. Mas Coje Çafar nom lhe daua este ardil ao fim que lhe elle dizia, mas cuidando que alguns d'elles lhe aconselharião que nom emprendesse tal cousa, pois tantas vezes já erão guerreadas fortelezas, e que nunqua se puderão tomar; polo que ElRey então cessaria de querer tomar a forteleza, e com isto ficaria elle Coje Çafar escapado do trabalho e perigo em que era metido. Mas ElRey, muy contente, parecendolhe que per esta maneira tinha a forteleza na mão, e que estando todolas outras de guerra nom aueria quem lhe defendesse o mar, sobio seus pensamentos mais altos, fantesiando a grande honra que alcançaria, tomando a forteleza de Dio, *em* mandar sua grande armada a senhorear o mar. O que todo praticando com os de seu conselho, que lhe muyto fallauão á vontade, assentou *n'isto*, e logo mandou hum sobrinho de Coje Çafar a Meca, com cartas ao Rey de Misey e pera o Turquo, com muyto dinheiro, pera que lhe mandasse gente e armada, com que de todo acabaria de acabar todolos portugueses e quanto poder ElRey de Portugal tinha na India: do que o Turquo aueria muyto prazer. O qual messigeiro logo partio de Çurrate em hum galeão bem armado, leuando muyto tisouro; o qual fez o que se ao diante dirá.

CAPITULO XVIII.

DE COMO COJE ÇAFAR FEZ SABER AO CAPITÃO DA FORTELEZA, COMO AMIGO, QUE ELLE ERA CAPITÃO DA CIDADE DE DIO, COM QUE MANDOU LOGO GENTE DE GORNIÇÃO; COM * QUE * LOGO OUVE NA CIDADE ALUOROÇOS; O QUE O CAPITÃO FEZ SABER AO GOUERNADOR PER HUM CATUR, QUE CHEGOU A GOA EM QUINZE D'ABRIL.

Coje Çafar, sendo prestes do que lhe compria, com grandes poderes d'ElRey, e * feyto * capitão de Dio, ordenou mandar diante alguma gente, que simuladamente entrasse na cidade. E por vêr o que acharia no capitão lhe escreueo sua carta de boas palauras, como sempre fazia, noteficandolhe como ElRey de Cambaya o fizera capitão de Dio com todas suas rendas, onde auia de viuer com sua casa e molher e filhos, e vinha com muyto prazer, por ser seu grande amigo, pera lhe fazer todo seruiço, porque esperaua que em boas amisades lho pagaria, e como bons amigos se tratarião como irmãos; o que todo lhe fazia saber porque nom estranhasse vêr entrar na cidade sua gente com seus aparatos d'armas, como era costume, e compria assy entrar pera ser acatado e temido, pera o milhor poder seruir como desejaua: do que folgaria muyto vêr sua reposta. Como despedio esta carta mandou nas costas d'ella hum capitão, com mil homens de guerra muy concertados, que se metessem na cidade; e lhe mandou que mansamente entrassem, sem nenhum aluoroço, porque se nom tomasse alguma sospeita.

E sendo a carta chegada ao capitão, logo a outro dia entrou a gente. O capitão detardou a reposta da carta a vêr o que se fazia, porque com a entrada d'esta gente ouve muyto aluoroço na cidade, competindo com alguns portugueses que na cidade andauão negoceando, em que ouve brigas. Polo que o capitão mandou recado ao capitão da gente, dizendo que Coje Çafar lhe escreuia huma carta, e n'ella dizia cousas que erão muy deferentes do que sua gente fazia; e que se isto nom castigaua * pera * que se nom fizesse, que elle nom guardaria nenhuma amisade a Coje Çafar, e faria n'isso o que compria. Ao que lhe o capitão mandou reposta

de muytas desculpas e comprimentos. Mas o capitão, por saber o que era, como lhe derão a carta mandou hum bom homem christão da terra, em que confiou, que fosse á corte saber d'isto a verdade, o qual foy nos trajos da terra, que sabia muy bem a lingoa; e elle respondeo á carta de Coje Çafar muy conformes palauras e offerecimentos de grandes amisades. E o homem que o capitão mandára, hindo no caminho achou certeza da guerra que Coje Çafar auia de fazer; com que logo se tornou, certificando ao capitão que Coje Çafar lhe vinha a fazer guerra. Polo que logo n'esta noite o capitão mandou ao Gouernador o catur com sua carta, que chegou a Goa a quinze d'abril, como já atrás fiqa escrito, em que lhe dom João Mascarenhas daua muy certa noua da guerra que auia de ter, e a desposição em que estaua a forteleza, que era sem gente, e sem mantimentos, e sem poluora, e em todo muyto falto de todolas cousas pera defender a forteleza. E tambem tudo isto escreueo a dom Jeronymo, capitão de Baçaim, e a Antonio de Sousa, capitão de Chaul, pedindolhe secorro d'estas cousas com muyta breuidade, porque nom entrasse o inuerno, que lho estoruasse; e porque o catur no mar podia achar tempo com que nom podesse hir a Goa, tudo isto escreuessem a Goa ao Gouernador, por terra.

CAPITULO XIX.

COMO O GOUERNADOR COM A NOUA DA GUERRA MANDOU DOM FERNANDO DE CRASTO, SEU FILHO, EM FUSTAS COM GENTE, QUE FOSSE ENUERNAR NA FORTELEZA DE DIO; E LOGO MANDOU APREGOAR A GUERRA CONTRA CAMBAYA.

Mas sendo assy chegado o catur, o Gouernador nom se aluoroçou muyto, porque lhe pareceo que a guerra nom seria mais que estar a forteleza sem affronta, mais que sómente estar a cidade aleuantada; mas vendo que a forteleza estaua tão falta de todolas cousas como lhe o capitão dizia, logo com muyta presteza mandou aperceber seys fustas bem esquipadas, e em cada fusta duas pipas de poluora, e seis caixões de poluora d'espingarda, e chumbo, e panellas, e murrões, com muyto bons manti-

mentos; e n'ellas mandou dom Fernando de Crasto, seu filho mais moço, mancebo de dezoito ou vinte annos, valente caualleiro, e por seu praceiro Diogo de Reynoso, e outros fidalgos mancebos, e valentes lascarys todos espingardeiros. E forão auiados em dous dias, e partirão; onde no caminho achou que hia de Baçaim Gregorio de Vascogoncellos com duas fustas grandes, com oitenta homens espingardeiros e bem concertados, que forão todos juntos.

Esta noua de Dio fez muyto aluoroço. O Gouernador antes que dom Fernando partisse mandou apregoar a guerra a Cambaya, com o ouvidor geral *a* cauallo, com juizes, meirinhos, e vereadores, e o alferes com a bandeira real tendida, *e o* seu capitão da guarda, todos estes a cauallo, e o porteiro que deitaua o pregão a cauallo, com todos os alabardeiros e trombetas a cauallo. E o pregão dizia: «Ouvide o manda-» «do d'ElRey nosso senhor. Que toda' pessoa se faça prestes pera hir» «d'armada em agosto a fazer guerra a Cambaya de fogo e sangue, por» «mar e por terra, noyte e dia; a qual ElRey nosso senhor lhe manda» «fazer por dom João de Crasto seu capitão geral n'estas partes, por lhe» «quebrar a paz, que lhe tinha dada, em lhe vir fazer guerra e pôr cer-» «qo á sua forteleza de Dio. Pera o que dá geralmente escalla franqua» «a toda' pessoa liuremente, no mar e na terra.» Mas este tão real pregão foy muy mal comprido ácerqa da escalla franqua, porque aos homens nom fiqou mais que o trabalho, como adiante direy.

CAPITULO XX.

COMO O GOUERNADOR MANDOU DOM FRANCISCO DE MENEZES QUE FOSSE ENUERNAR A BAÇAIM COM SEU TIO DOM JERONYMO, QUE ESTAUA POR CAPITÃO, E QUE SE ACHASSE CERTEZA DA GUERRA QUE SE FOSSE ENUERNAR EM DIO; E N'ISTO ERA JÁ INUERNO ÇARRADO.

PARTIDO assy dom Fernando, logo o Gouernador mandou partir após elle dom Francisco de Meneses, que fôra capitão de Baçaim, onde lhe mandou que fosse enuernar, porque seu irmão dom Jeronimo, que lá estaua por capitão, escreuera que tinha noua de guerra, e que ahy perto estaua

já um ajuntamento de gente de gornição. E o Gouernador mandou a dom Francisco que chegando a Baçaim, e lá nom achando muyta certeza de guerra, que d'ahy tomasse alguma gente e se fosse enuernar a Dio. E logo dom Francisco partio, mas achou tão fortes tempos que com muyto trabalho chegou a Baçaim já tarde, e nom achando certeza de guerra pedio a seu irmão cem homens e embarcação pera se hir a Dio enuernar, como lhe mandára o Gouernador, porque em Baçaim estaua muyta gente. O que lhe o capitão nom quis dar, e por isso todo o inuerno estiuerão de quebra.

Partido dom Francisco, o Gouernador se pôs em trabalho de varar 'armada, que estaua muy danificada, que auia tres annos que nom fôra varada, sómente no mar lhe fazia Martim Afonso algum adubío de galagala, com que sostinha no mar; mas do mais toda estaua podre. A qual armada o Gouernador toda varou, e repairou o melhor que ser pôde, e sendo o nauio corregido logo o tornauão ao mar, e dentro sua artelharia, e agoa. No qual corregimento fez muyta despeza, e no prouimento dos almazens, com muytos e bons mantimentos que mandou fazer, e sobre tudo poluora de toda' sorte, e muytas monições de toda' sorte: o que fez com muyto trabalho, pola grande falta de dinheiro, que o nom auia; de que se bem arrependia de o nom tomar a Martim Afonso.

CAPITULO XXI.

COMO A GOA CHEGOU ANTONIO DE SOUTOMAIOR, QUE FÔRA AO ESTREITO DE MECA, E O QUE LÁ PASSOU, E NOUAS QUE DEU.

N'ESTE tempo em vinte de maio chegou a Goa Antonio de Soutomaior, que veo do Estreito, onde era hido a saber nouas com tres fustas; o qual hindo de Çacotorá toparão com huma fusta de mouros armada com esporão, que hia de Tanaçarim carregada pera Meca, com que tiuerão grande peleja, matando mouros e rumes que n'ella hião, que primeiro matarão dous portugueses e * deixarão * outros feridos e escaldados de panellas de poluora, que os mouros trazião muytas. A fusta era carregada d'allaqere, beyjoym, de seda, e outras riqas cousas; e por * que * nom

podião leuar a fusta, que hyam...[1] dentro, meterão n'ella alguns[2] * marinheiros *, e hum mestre português, e dez homens feridos e queimados, e em sua companhia huma das fustas * com que Antonio de Soutomaior * a mandou a Goa; onde logo os veadores da fazenda a recolherão, e os homens feridos mandarão ao esprital, onde alguns morrerão. E as outras duas fustas forão seu caminho, e chegarão até as portas, e nom entrarão polo leuarem em regimento; e tornando, na paragem d'Adem toparão duas naos de Cambaya, que hião pera Meca, com as quaes pelejando huma meterão no fundo, de que a gente se saluou muyta d'ella a nado pera a outra nao, que estauão juntas. E porque era grande, e com muyta gente armada, os nossos com artelharia a esbombardearão, até que virão tempo pera abalroar, e chegando as fustas cada huma por sua parte da nao lhe deitarão tanta pedra, e panellas de poluora, e zagunchos de remesso, e frechadas, que os nossos se tornarão 'afastar muy depressa, com muytos feridos e queimados; com que a nao se foy seu caminho, e os nossos o seu pera Goa, onde assy feridos forão morrer no esprital alguns d'elles, e a fusta de preza, que valia vinte mil cruzados, logrão d'ella os officiaes o que quiserão, e o outro derão a ElRey.

Tambem n'este mayo chegou a Goa a nao de Diogo Rabello, que ficára em Moçambique d'armada do Gouernador, e assy veo de Caxem huma nao da terra, do mocadão dos marinheiros, que deu noua que os rumes tinhão em Caxem feyto huma forteleza, e ahy tinhão galeotas e fustas, com que corrião e roubauão a costa, sómente nom tocauão nos que hião pera Caxem ou sayão do porto.

[1] Roto no original. [2] * mariros * Autogr.

CAPITULO XXII.

DO QUE FEZ DOM JOÃO MASCARENHAS, CAPITÃO DE DIO, DEPOIS QUE MANDOU O CATUR AO GOUERNADOR, E COMO PROUEO A FORTELEZA DO QUE PÔDE.

Como dom João Mascarenhas despedio o catur que mandou a Goa, se andou concertando o milhor que pôde; mas entrando a outra gente de Coje Çafar logo muyta d'ella foy dar mostra á forteleza. Polo que o capitão defendeo que nenhum homem fosse á cidade, nem mandassem escrauos senão os de que se muyto fiassem, e auendo algum dinheiro d'emprestimo, com algum que elle tinha, per homens da terra mandou recolher quanto mantimento pôde, e assy o encomendou aos homens que tinhão pera isso dinheiro, mórmente alguns casados: o que todo assy fizerão, e comtudo ouverão muy [1] *pouqos* pera os que auião mester; mas auia auondo pera quão pouqa gente tinha a forteleza, e mais pera quatro meses d'inuerno, que lhe hiria secorro se primeiro os nom tomassem, porque na forteleza aueria até duzentos homens, antre máos e bons, e mal armados, e esfarrapados, sem nenhum prouimento de monições de que se pudessem aproueitar. O que d'isto he causa os capitães das fortelezas, que tem seu intento em apanhar e se enriquicer, e o que acolhem á mão trazem em seus tratos, e nom [2] *curão* de ter gente, por nom terem gasto; que dizia hum capitão em Dio que nom auia mester na forteleza mais que os seus rapazes, pera fecharem as portas e baterem o sino da vigia, que os lascarys fossem buscar sua vida, porque [3] *elle nom auia* de gastar o seu; que a forteleza tinha pera se aproueitar em pago de seus seruiços, que pera isso lha dera ElRey. E já este mal nom seria tanto se nom usassem de roubos, e tiranias e forças, e contrajustiças, que em suas fortelezas fazem muy desosolutamente, sem temor de Deos, nem de quem os póde castigar, fundados com esperança que indaque os acusem serão liures com o que leuão. E atégora vejo que se nom enganão, e que todo passão como querem.

[1] *qos* Autogr. [2] *curar* Id. [3] *elles nom auião* Id.

Estando assy o capitão apercebendose, que erão dezoito d'abril d'este presente anno de 546, em domingo de Ramos entrou Coje Çafar na cidade, que estaua concertada com recebimento de ramos, bandeiras, e pannos armados, e com muytas festas de todo o pouo. Coje Çafar entrou com muyta pompa d'estado, e grande estrondo de tangeres e gritas, segundo seus costumes, com toda a gente muyto em ordem com suas armas, que serião cinco mil homens de guerra, rumes, arabios, nobys, toda gente estrangeira, gente limpa, em que aueria quatrocentos espingardeiros. Vinha com elle seu filho [1] * Rumecão *, condestabre do campo d'ElRey de Cambaya, que era temido por valente caualleiro. Trouxe mais, que vierão depois cada dia, vinte mil homens de trabalho pera o seruiço do arrayal; porque a gente de guerra nom auia de seruir, sómente no trabalho de pelejar. E com esta pompa se foy aposentar em grandes casas armadas, que lhe estauão prestes. O qual logo mandou ao capitão sua visitação, fazendolhe a saber que era chegado a tomar posse da cidade que lhe seu senhor dera, com muyto desejo de lhe fazer todo o seruiço, como seu grande amigo que era. O capitão, dessimulando a mentira do recado de sua visitação, lhe respondeo com muytos agardecimentos, e lhe mandou sua visitação per Simão Feo, moço da camara da Raynha, que era juiz d'alfandega de Dio, 'o qual Coje Çafar fez honra e gasalhado. E per elle mandou logo dizer ao capitão que elle trazia muy encarregado d'ElRey seu senhor que muy enteiramente guardasse a paz, e toda a pauta, como fôra assentada polo Visorey dom Gracia, e que logo fizesse a parede que era assentado que se fizesse antre a forteleza e a cidade; que lhe pedia que d'isto lhe mandasse a reposta pera saber sua vontade. O capitão teue conselho sobre a reposta, e auido acordo tornou a mandar Simão Feo, dizendo que elle folgaua muyto com a boa vontade que dizia que trazia pera fazer boas cousas; que isso esperaua d'elle; e auia muyto prazer que a parede se fizesse assy como dizia a pauta, de que lhe mandaua o trelado, que a [2] * visse; a qual parede elle * ajudaria fazer assy como ally estaua, mas que se a fizesse fóra d'aquella ordem lho nom consentiria, e lha mandaria derrubar, como fizera Manuel de Sousa. Coje Çafar ouve muyta paixão do recado, e rompeo a pauta, e mandou meter em ferros Simão Feo e dous homens portugueses que o acom-

[1] * Rumequam * Autogr. [2] * visse aquell elle * Id.

panhauão, e o lingoa, que era hum bramene, e n'este dia á tarde, que foy quarta feyra de treuas, mandou hum seu capitão com muyta gente dar vista á forteleza, que chegando perto tirou muyta espingardaria, com que os pilouros acertarão alguns homens no muro, que ferirão e passarão, com suas gritas; e da forteleza lhe nom tirarão com nada.

CAPITULO XXIII.

DO SITIO E ASSENTO DA FORTELEZA DE DIO; E O QUE O CAPITÃO EM TUDO ORDENOU, SENDO JÁ INUERNO ÇARRADO.

A forteleza de Dio he feyta em huma ponta que faz a cidade na entrada da barra, que fiqua sobre o rio, o qual faz volta redonda com que torna ao mar, e a cidade fiqua em ilha toda rodeada d'agoa. O assento da forteleza a mór parte he sobre pedra hum pouquo molle, e do rio vay com grosso muro e larga caua atrauessando a terra até 'o mar da outra banda da costa, que he roqa de alta penedia, e da banda do rio muy forte muro até a ponta que entra na barra, em que faz huma forte torre; e defronte da forteleza, no rio, situado dentro n'agoa, tem hum baluarte com muyta artelharia, que muyto faz forte a forteleza com a guarda do rio; em tal maneira que a forteleza nom tem combate senão da banda da cidade, pera contra a qual no muro da caua auia tres cubellos, hum á parte do rio, e junto d'elle a torre que fez Manuel de Sousa, onde primeiro sohia estar a porta, e no meo do muro hum grosso baluarte chamado São Thomé, e no cabo da caua, na parte do mar, huma torre que se chamaua de Santiago, porque ao sopé d'ella estaua huma igreija de Santiago: e em todolos lugares que compria muy fremosa artelharia. E o baluarte que estaua á parte do rio se chamaua São João.

O capitão, vendo já o rompimento dos mouros, mandou çarrar a porta com parede, sómente o postigo, que fiqou aberto; e concertou o muro em outras partes que compria; e repartio a gente em capitanias em homens de mais confiança, que tinha; e deu a torre de Santiago 'Alonso de Bonifacio, escriuão d'alfandega; e [1] *do* baluarte do meo do muro,

[1] *o* Autogr.

chamado São Thomé deu a capitania a Luis de Sousa; e o baluarte São João a Gil Coutinho, e a torre do lugar da porta deu 'Antonio Freyre, alcaide mór; e outro baluarte Santiago, que estaua no rio, deu a dom João d'Almeida, filho de dom Lopo d'Almeida; e o baluarte da porta da banda do rio deu 'Antonio Paçanha, filho d'Ambrosio Paçanha; e a coiraça pequena deu a João de Venezeano, escriuão d'alfandega; e a coiraça grande deu 'Antonio Rodrigues, feytor. E no baluarte do rio estaua por capitão Fernão Carualho, com trinta homens, e o baluarte bem concertado com boa artelharia. Per todas estas capitanias e estancias auia cento e cincoenta homens que pudessem pelejar. Os quaes capitães cada hum em seu lugar se concertou o milhor que pôde. E com o capitão ficauão trinta homens, que o acompanhauão. E todos trabalhauão com muyta vontade, vendo que o inuerno era entrado, nom esperando já secorro da India. O capitão corria e prouia tudo o que compria.

CAPITULO XXIV.

DE COMO OS MOUROS ASSENTARÃO ARRAYAL SOBRE A FORTELEZA, FAZENDO DIANTE D'ELLA HUM BALUARTE, DE QUE TIRAUÃO MUYTA ARTELHARIA CONTRA A FORTELEZA.

E sendo quinta feira d'endoenças, vinte e hum d'abril, amanheceo ante a forteleza feyto hum baluarte grande e largo, de pedra grossa ensossa, entulhado de terra amassada, com bombardeiras feytas, e n'ellas grossos tiros, e por cima do muro d'elle postas ballas d'algodão [1] * forradas * de coiros crús, que fazião amêas; e n'elle puserão taes bombardeiros que dauão no que apontauão. E esta obra fizerão n'esta só noite pola moltidão de seruiçaes que tinhão, e * por ser * a noyte escura, que os nossos ouvião o rumor da gente nom sabendo o que fazião. N'este dia tirarão tantos tiros d'este baluarte que cegarão muytos tiros da forteleza, e tambem tirauão muyta espingardaria. E senhoreaua muyto a forteleza, porque o fizerão sobre a parte do rio, em hum comoro que a terra fazia.

[1] * forrados * Autogr.

Muytos tiros lhe derão tambem da forteleza, mas nom lhe empencião nada, por assy ser muyto grosso e mocisso. E logo na noyte seguinte fizerão outro baluarte, que assy amanheceo feyto, áuante d'este, assy largo e mocisso até as bombardeiras, que seria de hum ao outro hum jogo de bolla, e de hum ao outro feyta huma grossa parede da mesma feyção, d'altura de dous homens, e da banda de dentro entulhado de terra amassada, que o fazia tão forte que nossos tiros lhe nom empencião. E ao outro dia seguinte, assy áuante n'este compasso, amanheceo feyto outro baluarte da mesma grossura, e parede feyta de hum a outro muy grossa e forte com o grande entulho que lhe fazião de dentro, e nos cubellos logo assentados muytos tiros, com que muyto tirauão á forteleza, a que hião fazendo muyto dano, ficando os cubellos com as paredes que fazião [1] *formando* cerquo em roda á nossa forteleza. E adiante d'estes fizerão outro cubello grande e forte, que fiqou já defronte da torre de Santiago, e çarrado com sua grossa parede como os outros. E toda esta obra era feyta de noyte, e de dia repousauão os trabalhadores, e de dia trabalhauão os bombardeiros, e espingardeiros, e frecheiros, que todo o dia nom cessauão de tirar.

O nosso baluarte do rio tomaua esta obra em descuberto, de longo, e com duas peças grossas lhe fazia tanto medo que nom ousauão aparecer, e lhe fazia muyto mal, que lhe mataua muytos trabalhadores, porque de dia [2] *apontauão* os tiros e de noyte sentindo os trabalhadores tirauão, com que matauão muytos; com que conueo aos mouros fazer emparos contra o baluarte do mar. E pera milhor ordenarão de o tomar, e puserão no mar huma grande nao da terra, que tinhão, e com muyta madeira armarão sobr'ella hum alto castello, muyto mais que o baluarte, em que fizerão andaimos fortes em que muyta gente podia pelejar, que n'elle meterão com muytos arteficios de fogo e materiaes, cheo per dentro com muyta leynha, pera que quando nom pudessem tomar o cubello se sayrem, e darem fogo á nao, que o queimasse. O que assy era feyto de tal modo que queimára sete cubellos; ordenandose de o trazerem com a vazante da maré, e o abalroar com o baluarte, e em todo o caso o tomarem, porque, sendo tomado, d'elle com bataria era logo desbaratada a forteleza, que era muy descuberta ao baluarte. Da qual cousa

[1] *hindo* Autogr. [2] *apontaua* Id.

o capitão ouve auiso, e fez prestes dous catures, em cada hum dez homens espingardeiros, e roquas, e panellas de poluora, e mandou n'elles Jacome Leite, capitão do mar de Dio, e o mandou que fosse queimar a nao; o qual foy de noyte, bespora de Pascoa, remando calladamente com a enchente da maré, e muy concertados pera o feyto. Os mouros tinhão na nao grande vigia, em maneira que forão sentidos os catures; e derão grandes brados, tirando muytas espingardadas e frechadas; ao que na terra os mouros derão repique em hum sino que tinhão, que com grande aluoroço acodirão muytos, tirando aos catures muytas frechas e espingardas; mas os nossos, que hião já determinados no feyto, remarão rijamente, tirando com dous berços que leuaua cada catur e com suas espingardas, que tudo empregauão dando em moltidão de mouros que auia na borda d'agoa; e chegarão á nao, e lhe deitarão dentro roquas de fogo e bombas, que os mouros logo apagauão, que estauão muytos na nao: no que se passou muyta peleja espaço de duas horas. E porque a maré já vazaua, os nossos cortarão os cabos á nao com que estaua amarrada, e atarão n'ella hum cabo, com que a trouxerão polo rio abaixo até chegar a nao antre o baluarte e a forteleza, que vendo os mouros que nom podião ter a nao se deitarão todos a nado. Então lhe largarão os nossos huma ancora que trazia pendurada, que os marinheiros dos catures forão dentro, e a nao teue; então o capitão mandou recolher d'ella muyta madeira e tauoado, e todolos materiaes, (que depois muyto aproueitarão) até desfazer muyto da nao; e o que nom quiserão lhe puserão o fogo. O que tudo passou sem perigar nenhum homem, sómente alguns feridos dos tiros.

Comtudo, n'este tempo os mouros fazião grande bataria á forteleza dos seus baluartes; e da forteleza nom lhe tirauão senão pouqos tiros, porque o capitão achou per toda a poluora que tinha que nom erão oitenta pipas, que o condestabre lhe disse que era muy pouqua pera' que auia mester em quatro mezes de combate em que auião d'estar até lhe hir secorro, que ao mais cedo podia ser em agosto; e o capitão tinha muyto temor, porque já sabia do messigeiro que era hido a Meca a buscar os rumes, e se temia muyto que podião vir n'este maio, e se nom viessem em maio podião vir em agosto, o que se assy fosse então seria a mór necessidade da poluora; e por isto pôs grande resguardo na poluora, e mandou aos capitães das estancias que nom consentissem aos

bombardeiros tirar nenhum tiro, senão com muyta necessidade e muyto bem empregado, porque quando [1] * ouvessem de abalroar * os mouros a forteleza a mór defensão que os nossos tinhão era o fogo de poluora e panellas. E por esta causa a forteleza nom tiraua senão alguns certos tiros, com que lhe derrubauão alguma parte da obra, que elles logo tornauão a refazer com a moltidão de trabalhadores que tinhão.

CAPITULO XXV.

COMO DOM FERNANDO CHEGOU A DIO COM OITO FUSTAS E DUZENTOS HOMENS, COM QUE NA FORTELEZA OUVE MUYTO PRAZER, E O CAPITÃO FEZ ESTANCIAS EM QUE REPARTIO CAPITANIAS * POLOS * HOMENS DE QUE MAIS CONFIOU, E A ORDEM QUE N'ISSO TEUE.

Nos quaes trabalhos forão passando o tempo [2] * até * dezoito dias de mayo, que chegou a Dio dom Fernando com as oito fustas, seis suas e duas de Gregorio de Vascogoncellos, que chegarão com muyto trabalho de tempo contrairo. O que os mouros vendo tirarão muytos tiros ao desembarqar, mas tudo Deos gardou, que nada empenceo; com que na forteleza ouve muy grande prazer. E todos entrarão per huma escada pendurada em huma bombardeira na coiraça do mar, (porque já a porta toda e postigo estaua çarrado com pedra) e todos com muytos prazeres receberão dom Fernando e Diogo de Reynoso, que hia em modo de ayo de dom Fernando, por lho encommendar o Gouernador seu pay, por assy ser mancebo que nunqua pelejára, e tambem com elle foy dom Francisco d'Almeida, e Pero Lopes de Sousa, e Diogo da Silua, e Antonio da Cunha, e Gregorio de Vascogoncellos, que todos estes leuauão as fustas. Onde então o capitão fez conto da gente e achou quinhentos e tantos, em que sómente aueria quatrocentos bem armados e homens pera pelejar, homens d'obrigação, que era assaz pouqua gente pera tamanha forteleza e tanta guerra como se esperaua. Ficando os da forteleza já muy valentes com esta companhia que mais auia, então o capitão tornou a re-

[1] * ouvesse abalroarem * Autogr. [2] * a * Id.

formar as estancias, com que repartio toda a gente, e deu a dom Fernando * a * capitania do mais fraquo lugar, porque com elle auia d'estar Diogo de Reynoso, e Diogo da Silua, e dom Brás, e Bastião de Sá, com muyto bons lascarys, a que encarregou a capitania do baluarte São João, em que estaua Gil Coutinho, que com elles fiqou; e no baluarte São Thomé pôs Pero Lopes de Sousa; e dom Francisco d'Almeida, e Antonio da Cunha, e Luiz de Sousa, fez sobre roldas com cincoenta homens, que fazião vigia a quartos n'estes dous baluartes e na torre de Santiago, porque n'estes lugares era a mór força da bataria. E sempre nos quartos os nossos tirauão muyta espingardaria a montão, onde sentião os trabalhadores do arrayal, com que lhe fazião muyto estrouo ao trabalhar; o que sómente os nossos fazião por lhe alongar a obra, porque sendo acabada nom viessem a concrusão d'abalroar; em que nom auia homem que no seu quarto nom tirasse passante de cincoenta tiros, com que cada noyte lhe matauão e ferião muytos trabalhadores, com que auião tamanho medo que ás pancadas os fazião trabalhar, segundo se depois soube.

As fustas forão descarregadas, e derão ao baluarte do mar seis pipas de poluora, e chumbo, e panellas, e as fustas desemmasteadas se meterão na terecena, que pera ellas estaua feyta no mar ao longo do muro. Os mouros, vendo assy entrar nossas fustas, cuidando que vinhão outras atrás, armarão suas fustas e sayrão ao mar polo outro braço do rio, e andarão no mar em quanto o tempo lhe deu lugar, onde tomarão tres fustas carregadas de mantimentos que hião de Baçaim, em que catiuarão treze homens portugueses, e escrauos, e marinheiros. Os mouros continuarão sua obra, dobrando e fortificando suas paredes quanto quiserão, até chegarem da parte da barroqa da torre de Santiago; o que acabado, tornarão fazendo outras paredes assy grossas e fortes per diante das que tinhão feytas e mais perto da caua, [1] * feytas * em voltas e reueses, com que os nom podião pescar os nossos do muro com as espingardas; e n'estas paredes deixauão buraqos e seteiras d'onde tirauão aos nossos, que nom ousauão parecer no muro. E tanto se chegarão á caua com estas paredes, que ficauão debaixo dos nossos tiros da forteleza, que os nom podião pescar, saluante de alguns reueses dos baluartes e torres.

[1] * fe̋yta * Autogr.